

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

EDILENE ALEXANDRA LEAL SOARES

**O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NAS FACULDADES INTEGRADAS
SANTO TOMÁS DE AQUINO - FISTA (UBERABA, MINAS GERAIS, 1951-1980)**

**UBERLÂNDIA
2022**

EDILENE ALEXANDRA LEAL SOARES

**O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NAS FACULDADES INTEGRADAS
SANTO TOMÁS DE AQUINO - FISTA (UBERABA, MINAS GERAIS, 1951-1980)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, como requisito parcial ao cumprimento de créditos para o doutoramento em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Décio Gatti Jr.

**UBERLÂNDIA
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S676e Soares, Edilene Alexandra Leal, 1974-
2022 O Ensino de história da educação nas Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino - Fista (Uberaba, Minas Gerais, 1951-1980) [recurso eletrônico] / Edilene Alexandra Leal Soares. - 2022.
Orientador: Décio Gatti Junior.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Educação.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2022.5301>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.
1. Educação. I. Gatti Junior, Décio, 1968-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU: 37

Glória Aparecida
Bibliotecária - CRB-6/2047



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Educação			
Defesa de:	Tese de Doutorado Acadêmico, 03/2022/307, PPGED			
Data:	Vinte e um de fevereiro de dois mil e vinte e dois	Hora de início:	14:30	Hora de encerramento:
Matrícula do Discente:	11813EDU015			
Nome do Discente:	Edilene Alexandra Leal Soares			
Título do Trabalho:	"O Ensino de História da Educação nas Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino - Fista (Uberaba, Minas Gerais, 1951-1980)"			
Área de concentração:	Educação			
Linha de pesquisa:	História e Historiografia da Educação			
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"O Ensino de História da Educação em Perspectiva Comparada: formação de professores, programas de ensino e manuais disciplinares no Brasil e em Portugal (séculos XIX e XX)"			

Reuniu-se, através do serviço de Conferência Web da Rede Nacional de Pesquisa - RNP, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Ana Laura Godinho Lima - USP; Vivian Batista da Silva - USP; Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro - UFU; José Carlos Souza Araujo - UFU e Décio Gatti Júnior - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Décio Gatti Júnior, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Decio Gatti Junior, Professor(a) do Magistério Superior**, em 22/02/2022, às 09:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vivian Batista da Silva, Usuário Externo**, em 22/02/2022, às 15:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Betania de Oliveira Laterza Ribeiro, Professor(a) do Magistério Superior**, em 22/02/2022, às 21:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **José Carlos Souza Araujo, Usuário Externo**, em 28/02/2022, às 11:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Laura Godinho Lima, Usuário Externo**, em 28/02/2022, às 15:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3389303** e o código CRC **3B90FOC5**.

AGRADECIMENTOS

São vários os agradecimentos a pessoas e instituições que colaboraram de forma direta e indireta para a realização desta pesquisa, assim como a familiares e amigos que ofereceram apoio emocional e incentivo para esta trajetória de quatro anos. Pode ocorrer de alguns nomes não serem mencionados em virtude do esquecimento que, nesta etapa final é possível de acontecer.

Mas, gostaria de agradecer, meu orientador, professor Dr. Décio Gatti Jr, pelas inúmeras orientações que foram enriquecedoras e contribuíram significativamente, para a concretização desta tese. O desafio de pesquisar sobre o ensino de História da Educação só foi possível pelas valorosas indicações de leituras e conhecimentos que o Professor Décio compartilhou durante esse período do doutorado. Minha gratidão e admiração.

Ao professor Dr. José Carlos Souza Araújo, membro da banca de qualificação e defesa, agradeço pela leitura cuidadosa e pelas valorosas sugestões apresentadas.

À professora Dr^a. Viviam Batista da Silva, membro da banca de qualificação e defesa, agradeço pela leitura minuciosa e as sugestões, especialmente as referências bibliográficas.

À professora Dr^a Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro, agradeço pela disponibilidade em compor a banca.

À professora Dr^a Ana Laura Godinho Lima, agradeço pela disposição em participar da banca.

Ao professor Dr. Carlos Henrique de Carvalho, cujas aulas de “Pesquisa em História da Educação” foram essenciais em minha trajetória acadêmica como pesquisadora. Minha gratidão e admiração.

À professora Dr^a Raquel Discini de Campos pelo carinho, compreensão e palavras de incentivo. As aulas foram enriquecedoras para o desenvolvimento desta pesquisa.

Às professoras Teresa Maria Machado Borges e Vânia Maria Resende que colaboraram com valiosas informações e documentos importantes para esta pesquisa.

À professora Maria Soledade Borges que conversou por telefone e concedeu informações que foram de suma importância para o direcionamento da minha tese. Foi justamente no momento de mais incerteza que, a professora Soledade me direcionou para os possíveis lugares que teriam os resquícios históricos da Fista.

Às professoras Antonia Teresinha da Silva, Maria de Lourdes Melo Prais, Marta Beatriz Fabri Queiroz, Maria das Graças Chaves Aveiro, Paulita Vasconcelos que me receberam com carinho, acolhimento, respeito e confiança. O agradecimento é imenso, não só por contribuírem com os relatos e documentos que foram essenciais na escrita desta tese, mas também por serem educadoras que contribuem e enriquecem a educação brasileira, deixando um legado ímpar para a história da educação.

À professora Maria Antonieta Borges Lopes pelo carinho, incentivo e inúmeros trabalhos desenvolvidos para a educação, dentre o qual ressalto sobre a Congregação Dominicanas no Brasil Central.

À amiga Marilsa Alberto, pelo acolhimento, incentivo e apoio nestes quatro anos. Sempre estava com palavras sábias e colaborou sobremaneira para que eu pudesse prosseguir com o doutorado. Muito obrigada.

À amiga Luciana Vaz, que nos momentos incertos fez com que eu acreditasse que o impossível pode ser realizado. Muito obrigada.

À amiga Christineide Ferreira Nakagawa pelo exemplo de força, perseverança e esperança de que são diante dos maiores obstáculos que podemos superar nossos medos e aflições.

À minha família, em especial ao meu filho Italo, esposo Teógino e Luíza por compreenderem minhas ausências e momentos em que não dispensei a atenção, em virtude do recolhimento que uma pesquisa e escrita de tese exige do pesquisador. Muito obrigada.

Aos meus irmãos, principalmente à Renata que me ensinou os valores da vida e a importância de cada dia. Minha gratidão.

Aos meus pais, Rosa e Antonio, que em tempos outrora não puderam dispor de tempo para estudar, mas com uma sabedoria inata ensinaram-me o que nenhum banco universitário será capaz de fornecer. Eterna gratidão.

RESUMO

A presente tese é resultante de uma pesquisa na área de Educação, subárea História da Educação, especificamente na temática da História Disciplinar. O objeto de pesquisa é o ensino de História da Educação no Curso de Pedagogia das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (Fista), em Uberaba, Minas Gerais, entre 1951 e 1980, com o objetivo geral de analisar os processos de configuração e de reconfiguração da disciplina História da Educação ocorridos no período em referência. A problemática que animou a investigação esteve relacionada a compreensão de como teria sido o ensino de História de Educação no Curso de Pedagogia da Fista, considerando que se tratava de uma instituição confessional católica. A partir das ideias de Nóbrega (1994), Nunes (1996), Chervel (1990), Monarcha (2007), Viñao Frago (2008), Araújo (2009), Gatti Jr. (2010), Carvalho (2011) etc. buscou-se apreender como se deu o ensino de História da Educação no Curso de Pedagogia da Fista. Para isso, foi realizado extenso levantamento bibliográfico e documental, bem como utilizada a técnica de pesquisa História Oral com egressas e docente da disciplina. Também foram utilizados registros iconográficos e houve análise do regimento integrado, dos programas de ensino de História da Educação, das atas, da descrição das atividades pedagógicas, da relação de professores e dos históricos escolares das discentes. A princípio, foi possível perceber que o ensino de História da Educação apresentou contornos de um pensamento tradicional e conservador entre os anos de 1951 e 1960, nos quais tiveram expressividade estudos sobre matrimônio, divórcio, papel da mulher e outras temáticas enfocadas sob perspectiva católica. Entre 1967 e 1970, houve uma tentativa de envolvimento com os movimentos sociais da época, por meio da entrada de uma discussão estimulada pela pedagogia católica progressista, que sobrepujou o conteúdo da Escola Nova e História do Brasil. A partir de 1971, novas metodologias no ensino de História da Educação foram integradas, dentre as quais a disposição das carteiras em forma de círculo, a redução das aulas expositivas e ênfase em aulas dialogais e a avaliação de alunos a partir dos trabalhos em grupos. Ademais, considera-se também que o perfil dos docentes do ensino de História da Educação alterou-se nos anos de 1956. Assim, de 1951 a 1956, foram os religiosos - membros eclesiásticos da Igreja Católica - que ministraram o ensino de História da Educação. Entre 1956 e 1980, egressas do curso de Pedagogia da Fista compuseram o quadro de docentes da referida disciplina. As egressas selecionadas para ministrar a disciplina possuíam afinidades com ideias e valores católicos. Em relação às metodologias, atividades como seminários, pesquisas, aulas expositivas e leitura de obras clássicas compuseram o rol de recursos pedagógicos para o ensino de História da Educação. Evidencia-se que manuais como *Noções de História da Educação*, de Theobaldo Miranda dos Santos, e *Pequena História da Educação*, de Ruy de Ayres Bello, foram referendados.

Palavras-chave: História da Educação. História Disciplinar. Formação de Professores.

ABSTRACT

The present paper is the result of a research in the Education area, subarea History of Education, specifically in the theme of Disciplinary History. The object of the research is the teaching of History of Education in the Pedagogy Course of the Santo Tomás de Aquino Integrated Schools (Fista), in Uberaba, Minas Gerais, between 1951 and 1980, with the general objective of analyzing the processes of configuration and reconfiguration of the History of Education discipline which occurred in the period in reference. The issued which led to the investigation was related to the comprehension of how the History of Education would have been taught in the Fista Pedagogy Course, considering that it was a Catholic confessional institution. Based on the ideas of Nôvoa (1994), Nunes (1996), Chervel (1990), Monarcha (2007), Viñao Frago (2008), Araújo (2009), Gatti Jr. (2010), Carvalho (2011) etc. we sought to apprehend how the History of Education was taught in the Fista Pedagogy Course. For that, an extensive bibliographical and documental survey was carried out, as well as the use of the research technique Oral History with egresses and teachers of the discipline. Iconographic records were also used as well as the following analyses were performed: the integrated regiment, the History of Education teaching programs, the minutes, the pedagogical activities description, the list of professor and the students' academic transcripts. At first, it was possible to notice that the presented features of a traditional and conservative thought between 1951 and 1960, in which studies regarding marriage, divorce, women's role and other themes focused on the Catholic perspective were expressive. Between 1967 and 1970, there was an attempt to get involved with the social movements of the time, through the entry of a discussion stimulated by progressive Catholic pedagogy, which overlapped content from the New School and Brazilian History. From 1971 on, new methodologies in the teaching of History of Education were integrated, among which the arrangement of desks in a circle, the reduction of lecture classes and emphasis on dialogical classes and the evaluation of students based on group work. Moreover, it is also considered that the profile of History of Education teachers changed in 1956. Thus, from 1951 to 1956, it was religious - ecclesiastical members of the Catholic Church – were the ones who taught the History of Education. Between 1956 and 1980, egresses from Fista's Pedagogy course were part of the teaching staff of that subject. The egresses selected to teach the subject had affinities with Catholic ideas and values. Regarding the methodologies, activities such as seminars, researches, lecture classes and reading of classical works composed the list of pedagogical resources for the teaching of History of Education. It is evident that textbooks such as *Noções de História da Educação*, by Theobaldo Miranda dos Santos, and *Pequena História da Educação*, by Ruy de Ayres Bello, were referenced.

Keywords: History of Education. Disciplinary History. Teachers' Formation.

RÉSUMÉ

La présente thèse est le résultat d'une recherche dans le domaine de l'éducation, sous-domaine Histoire de l'éducation, spécifiquement dans la thématique de l'histoire disciplinaire. L'objet de la recherche est l'enseignement de l'Histoire de l'Education dans le Cours de Pédagogie des Collèges Intégrés Santo Tomás de Aquino (Fista), à Uberaba, Minas Gerais, entre 1951 et 1980, avec l'objectif général d'analyser les processus de configuration et de reconfiguration de la discipline Histoire de l'Education survenus dans la période de référence. La problématique qui a animé l'enquête était liée à la compréhension de comment l'enseignement de l'histoire de l'éducation aurait été dans le cours de pédagogie de Fista, étant donné qu'il s'agissait d'une institution confessionnelle catholique. Sur la base des idées de Nóvoa (1994), Nunes (1996), Chervel (1990), Monarcha (2007), Viñao Frago (2008), Araújo (2009), Gatti Jr. (2010), Carvalho (2011) etc., on a cherché à apprécier comment l'enseignement de l'histoire de l'éducation a eu lieu dans le cours de pédagogie de Fista. Pour cela, il a été réalisé une vaste enquête bibliographique et documentaire, ainsi que l'utilisation de la technique de recherche de l'histoire orale avec des exégètes et des enseignants de la discipline. On a également utilisé des registres iconographiques et on a analysé le régime intégré, les programmes d'enseignement de l'histoire de l'éducation, les procès-verbaux, la description des activités pédagogiques, la liste des professeurs et les histoires scolaires des étudiants. Dans un premier temps, il a été possible de constater que l'enseignement de l'histoire de l'éducation présentait les grandes lignes d'une pensée traditionnelle et conservatrice entre les années 1951 et 1960, dans laquelle il y avait des études expressives sur le mariage, le divorce, le rôle des femmes et d'autres thèmes axés sur une perspective catholique. Entre 1967 et 1970, il y a eu une tentative d'implication dans les mouvements sociaux de l'époque, par l'entrée d'une discussion stimulée par la pédagogie catholique progressiste, qui superposait des contenus de la Nouvelle École et de l'Histoire du Brésil. À partir de 1971, de nouvelles méthodologies ont été intégrées dans l'enseignement de l'histoire de l'éducation, parmi lesquelles la disposition des pupitres en cercle, la réduction des classes expositives et l'accent mis sur les classes dialogiques, ainsi que l'évaluation des étudiants basée sur le travail en groupe. De plus, on considère également que le profil des enseignants d'histoire de l'éducation a changé dans les années 1956. Ainsi, de 1951 à 1956, ce sont les religieux - membres ecclésiastiques de l'Église catholique - qui enseignent l'histoire de l'éducation. Entre 1956 et 1980, les diplômés du cours de pédagogie de Fista ont fait partie du corps enseignant de la matière susmentionnée. Les diplômés sélectionnés pour enseigner cette matière avaient des affinités avec les idées et les valeurs catholiques. En ce qui concerne les méthodologies, les activités telles que les séminaires, les recherches, les classes expositives et la lecture d'œuvres classiques ont composé la liste des ressources pédagogiques pour l'enseignement de l'histoire de l'éducation. Il est évident que des manuels tels que Nocões de História da Educação, de Theobaldo Miranda dos Santos, et Pequena História da Educação, de Ruy de Ayres Bello, ont été référencés.

Mots-clés: Histoire de l'éducation. Histoire disciplinaire. Formation des enseignants.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
PARTE I O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E A CRIAÇÃO DA FISTA EM PERSPECTIVA HISTÓRICA	29
1. A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	29
1.1 Reflexões sobre a História Disciplinar da História da Educação	31
1.2 A formação de professores e a institucionalização da disciplina História da Educação	34
1.3 Consolidação dos Estados Nação: formação de professores	39
1.3.1 A História da Educação na Espanha.....	40
1.3.2 A História da Educação nos Estados Unidos.....	42
1.3.3 História da Educação em Portugal.....	46
1.4. A formação de professores e a História da Educação no Brasil e Minas Gerais.....	52
1.5 A institucionalização da História da Educação em Minas Gerais	57
1.6 Considerações Parciais	62
2. DIMENSÕES HISTÓRICAS E EDUCACIONAIS DA CRIAÇÃO DA FISTA E DE SEU CURSO DE PEDAGOGIA	63
2.1. Contexto histórico educacional brasileiro	68
2.2. Ensino Superior em Minas Gerais	76
2.3 O Ensino Superior em Uberaba	82
2.4 Motivações para criação da Fista.....	89
2.5 Considerações parciais	100
PARTE II O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO CURSO DE PEDAGOGIA DA FISTA.....	102
3. A DISCIPLINA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA FISTA: IDENTIDADE, PERFIL PROGRAMÁTICO, METODOLOGIA, FONTES DE INFORMAÇÃO.	102
3.1. Identidade e perfil programático da disciplina História da Educação	103
3.2 Metodologias e fontes de informação.....	128
3.3 Considerações Parciais	142
4 - O ENSINO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA MEMÓRIA DE DOCENTE E DISCENTE.....	144
4.1. Perfil (seleção, proveniência, trajetória) dos docentes e discentes.....	144
4.2. Memórias da frequência à disciplina de História da Educação por parte de docente e discentes do Curso de Pedagogia da Fista.....	158

4.3 Memória do Ensino de História da Educação: Paulita Vasconcelos	163
4.4 Memória do Ensino de História da Educação: Maria de Lourdes Prais	167
4.5 Memória do ensino de História da Educação: Marta de Queiroz Fabri	172
4.6 Memória do ensino História da Educação: Antonia Teresinha da Silva	174
4.7 Considerações Parciais	180
5. OS MATERIAIS DE ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO CURSO DE PEDAGOGIA DA FISTA	182
5.1 Os pensadores elencados nos programas do ensino de História da Educação	183
5.2 Os dispositivos pedagógicos referendados no ensino História da Educação	187
5.3 Outros recursos pedagógicos para o Ensino de História da Educação.....	194
5.4 Alguns autores da Escola Nova e da Pedagogia Católica nas grandes temáticas dos Programas de História da Educação: uma análise sob a perspectiva do manual de Theobaldo Miranda.....	207
5.5 As temáticas dos Programas de História da Educação da Fista: uma análise sob a perspectiva do manual “Pequena História da Educação”, de Ruy de Ayres Bello.....	219
5.6 Considerações parciais	227
CONSIDERAÇÕES FINAIS	229
REFERÊNCIAS	233
FONTES CONSULTADAS	241
6- RELAÇÃO NOMINAL DOS ENTREVISTADOS	244
ANEXO A - Roteiro para entrevista com ex professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino – 1952 a 1980.....	246
ANEXO B - Roteiro para entrevista com ex alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino – 1952 a 1980.....	247
ANEXO C - Entrevista realizada em 14/10/2019, na residência da Profa Maria de Lourdes Prais – Uberaba-MG. A entrevista concedida foi autorizada e gravada em áudio.....	248
ANEXO D - Entrevista realizada em 17/12/2019, na Sala da Diretoria do Colégio Nossa Senhora das Dores, Marta Beatriz Queiroz Fabri – Uberaba (Minas Gerais). A entrevista concedida foi autorizada e gravada em áudio.....	252
ANEXO E - Entrevista realizada em 06/12/2019, na residência da senhora Maria das Graças Chaves Aveiro - cidade de Uberaba (Minas Gerais). A entrevista concedida foi autorizada e gravada em áudio.....	259
ANEXO F - Entrevista realizada no dia 25/02/2020 na residência da senhora Paulita Vasconcelos - Uberaba (Minas Gerais). A entrevista concedida foi autorizada e gravada em áudio	262

ANEXO G - Entrevista realizada em 02 7 2019 na residência da Professora Antonia Teresinha da Silva – em Uberaba (Minas Gerais). A entrevista concedida foi autorizada e gravada em áudio	272
ANEXO H - Diploma de Formatura do Curso de Pedagogia – 1952.....	283
ANEXO I - Paulita Vasconcelos (estatura alta - à direita com blusa branca de mangas curtas) e [sic] Irmã Virginita do Rosário (a direita) s/d.....	284
ANEXO J - Maria de Lourdes Prais na Biblioteca da Fista (do lado direito – em pé com rosto na posição lateral da foto) s/d.....	285
ANEXO K - Capa do Relatório de Gestão de Maria de Lourdes Prais.....	286
ANEXO L - Jubileu de Ouro Escola Normal Cel. João Cursino	287
ANEXO M - Capa do Certificado do Curso de Pedagogia Antonia Teresinha da Silva	288
ANEXO N - Certificado do Curso de Pedagogia Antonia Teresinha da Silva	289
ANEXO O - Discurso de Formatura Paulita Vasconcelos – 1952 – p.1	290
ANEXO P - Discurso de Formatura Paulita Vasconcelos – 1952 – p.2.....	291
ANEXO Q - Discurso de Formatura Paulita Vasconcelos – 1952 p. 3	292
ANEXO R - Discurso de Formatura Paulita Vasconcelos – 1952 – p.4	293
ANEXO S - Discurso de Formatura Paulita Vasconcelos – 1952 – p.5.....	294
ANEXO T - Programa História da Educação – 1956.....	295
ANEXO U - História da Educação, 1958.....	296
ANEXO V - Capa livro Pedagogia do Oprimido autografado (Prais)	297
ANEXO W - Carta Dom Alexandre Gonçalves	298
ANEXO X - Ata da 1 ^a Reunião da Congregação, 1949	300
ANEXO Y - Ata da 4 ^a Reunião da Congregação – 1950	305
ANEXO Z - Ata da 9 ^a Reunião da Congregação.....	308

INTRODUÇÃO

O ensino da disciplina História da Educação no Curso de Pedagogia da Fista foi ofertado de 1951 até 1980, quando a instituição foi cedida para as Faculdades Integradas de Uberaba (Fiube), atual Universidade de Uberaba (Uniube).

Em 1944, foi instalado o Instituto Superior de Cultura (ISC) de Uberaba¹, idealizado por Monsenhor Juvenal Arduini e Padre Armênio Cruz. O referido estabelecimento ofertou o curso de Filosofia no período de 1944 até 1948. Posteriormente, em 1949, o ISC encerrou suas atividades. Contudo, pode-se inferir que ele foi a gênese da faculdade católica no município de Uberaba, pois inicia-se, em 1949, a Faculdade de Filosofia Santo Tomás de Aquino (Fafi), que sob a administração das Irmãs Dominicanas e com a participação efetiva de Monsenhor Juvenal Arduini², Dom Alexandre Gonçalves do Amaral (Arcebispo de Uberaba) e Alceu de Amoroso Lima³, impulsionaram essa proposta educacional. Cabe salientar que, Monsenhor Juvenal Arduini foi convidado para ministrar aulas em outras instituições da cidade de Uberaba⁴. De

¹ Uberaba é uma cidade do interior do estado de Minas Gerais (Região Sudeste do Brasil) e está localizada no Triângulo Mineiro, a 481 Km a oeste da capital Belo Horizonte. Sua população, em 2021, foi estimada em 340.277 habitantes, sendo o oitavo município mais populoso do estado. Em março de 2022, a cidade completou 202 anos. De acordo com Soares (2015, p. 72) o município “É um polo na criação, desenvolvimento genético e comercialização do gado Zebu. Cabe destacar que, em 23 de abril de 1889, a Companhia Mogiana de Estrada de Ferro foi inaugurada na cidade de Uberaba, o que a tornou uma referência comercial. Contudo, conforme destaca Pontes (1978) “A Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, em 1911, penetrando o Estado de Mato Grosso, canalizou de São Paulo, para lá, inteiramente, o comércio que, antes, fazia com Uberaba, e esta cidade, dentro em pouco, limitou as suas transações a si própria, pois a parte d’oeste do Triângulo passou a se relacionar com as praças de Barretos e Bebedouro, então ponto terminal da Estrada de Ferro Paulista, pelo porto “João Gonçalves”, modernamente “Antônio Prado”; a parte norte, Uberabinha (hoje Uberlândia), ligou-se, por estradas de rodagem, ao sudoeste goiano, e de Araguari, ponto inicial da Estrada de Ferro de Goiás, e canalizou tudo para o sul do Estado daquele nome” (PONTES, 1978, p. 97). Para Rezende (1991), em 1911 Uberaba perdeu definitivamente a ligação comercial com o Mato Grosso, uma vez que, nesse mesmo ano, houve a inauguração da Estrada de Ferro Noroeste, interligando Bauru e Corumbá (REZENDE, 1991, p. 89).

² Monsenhor Juvenal Arduini (1918-2012) era natural da cidade de Conquista – Minas Gerais. Em 1932, mudou-se para Uberaba para estudar e por cinco anos foi aluno no Seminário São José e no Colégio Marista Diocesano. Em 1937, foi para Belo Horizonte e fez o curso de Filosofia e Teologia no Seminário do Coração Eucarístico de Jesus, local em que realizou sua primeira pregação. Foi ordenado padre por Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, na Catedral de Uberaba, em 8 de dezembro de 1942. Religioso, professor, escritor e intelectual, fundou, em 1944, o Instituto Superior de Cultura. Na Academia de Letras do Triângulo Mineiro, ocupou a Cadeira nº 5 e foi membro efetivo das seguintes associações: Societá Internazionale Tommaso d’ Aquino, de Roma; International Society for Metaphysics, de Washington; World Phenomenology Institute, USA; Associação Católica Interamericana de Filosofia; Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos e Associação Profissional dos Escritores do Estado de Minas Gerais.

³ Alceu Amoroso Lima, também conhecido como Tristão de Athayde, participou efetivamente da Restauração Católica no Brasil e impulsionou diversas ações não só no âmbito religioso, mas também educacional, político e cultural. Poderíamos dizer que foi uma movimentação cultural de relevância no âmbito da pesquisa em educação.

⁴ Conforme consta em documento datilografado na Superintendência do Arquivo Público de Uberaba, Monsenhor Juvenal Arduini explicou sua trajetória educacional “A primeira convocação, que recebi para ser professor, foi em 1949, quando se iniciou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras São Tomás de Aquino. Fui professor fundador. A partir daí a medida que escolas se fundavam e cursos se abriram eu ia sendo solicitado.

acordo com o religioso “Sempre fui professor a convite, nunca coloquei o magistério como objetivo programado. Eu me preparei para ser sacerdote e para estudar, para estar trabalhando em cultura” (ARDUINI, 1988). A instituição foi denominada também como Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino. Somente em 1971, com a implantação do novo Regimento Integrado, recebeu a denominação de Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino. Salienta-se que no desenvolvimento desta pesquisa preferiu-se usar apenas a sigla Fista. Neste sentido, surgiram indagações de como teria sido o ensino da História da Educação na Fista, o que instigaria o desenvolvimento de uma investigação a respeito do percurso desta disciplina no âmbito da formação dos professores efetivada na Fista ao longo de tempo.

Desta maneira, a presente pesquisa tem como objeto o ensino da disciplina História da Educação no curso de Pedagogia da Fista. Salienta-se que a disciplina História da Educação foi ministrada no Curso de Pedagogia da Fista entre 1951 a 1980. O período compreende o primeiro ano de oferta do ensino da disciplina de História da Educação (1951) e o último ano que o referido ensino foi ministrado (1980).

Assim, o que anima nossa pesquisa é a problemática de como teria sido o percurso do ensino de História de Educação no Curso de Pedagogia da Fista, uma vez que se tratava de uma instituição confessional católica. Com o intuito de nortear o trabalho, outras questões para apreensão da disciplina de História da Educação foram elencadas, a saber: Qual o histórico básico do ensino de História da Educação em termos internacionais e nacionais? Qual o contexto histórico-educacional da criação da Fista e da implantação de seu Curso de Pedagogia? Quais os currículos do Curso de Pedagogia e o lugar neles ocupados pela disciplina História da Educação? Qual o perfil programático da disciplina História da Educação? Quais os recursos materiais empregados no ensino de História da Educação? Qual o perfil e a memória dos docentes que ministraram a disciplina de História da Educação? Qual o perfil e a memória dos discentes que frequentaram as aulas de História da Educação?

Após as indagações que permearam o interesse pela pesquisa e diante do que foi possível revisar em termos da literatura sobre o ensino de História da Educação, conheceu-se as fontes de pesquisa que colaboraram para elaboração da tese de que o ensino de História da Educação no Curso de Pedagogia da Fista teve um percurso no qual se apresentaram

Assim, foi na Faculdade de Medicina, na Faculdade de Ciências Econômicas, na Fiube e na Zootecnia. Sempre fui solicitado com muita intensidade, e quando eu deixava a faculdade era uma luta, porque a Direção não queria. Durante 24 anos lecionei Filosofia Pura na FAFI, onde também introduz o estudo dos Filósofos Modernos”.

tensões entre os contornos católicos que animavam a instituição e o registro científico, laico e evolucionista dos conteúdos disseminados no ensino de História da Educação.

A pesquisa apresenta como objetivo geral analisar o percurso do ensino de História de Educação no Curso de Pedagogia da Fista no período compreendido entre 1951 e 1980. Para prosseguir com o trabalho e atingir esse objetivo geral, há necessidade de conhecer os objetivos específicos, a saber: a) conhecer o histórico básico do ensino de História da Educação em termos internacionais e nacionais; b) apreender o contexto histórico-educacional de criação da Fista e de implantação de seu Curso de Pedagogia; c) conhecer o currículo inicial e as modificações sofridas ao longo do tempo do Curso de Pedagogia da Fista; d) apreender o lugar da disciplina História da Educação nos currículos do Curso de Pedagogia; e) compreender a identidade (denominação, estado e regime) da disciplina História da Educação; f) identificar o perfil programático (tipo, estrutura, conteúdos, metodologias e fontes de informação) da disciplina História da Educação; g) conhecer o perfil (formação, recrutamento, proveniência) e a memória dos docentes que ministraram a disciplina de História da Educação; h) conhecer o perfil (seleção, proveniência e trajetória) e a memória dos discentes que frequentaram as aulas de História da Educação; i) aprender os recursos materiais empregados no ensino de História da Educação, com destaque para os manuais disciplinares utilizados.

Carvalho (2016, p. 87), no que se refere à Fista, indica que somente em 1952 o Curso de Pedagogia iniciou suas atividades. Contudo, em nossa pesquisa encontramos fontes que diferem desta informação, mostrando que o Curso de Pedagogia obteve a primeira turma em 1950 e ofertou a disciplina História da Educação entre 1951 a 1980.

No arquivo particular do Monsenhor Juvenal Arduini, que lecionou na Fista as disciplinas de Filosofia e de Filosofia da Educação no período de 1949 a 1971, há textos datilografados que mencionam como iniciou-se a proposta educacional, que foi influenciada por membros pertencentes à Igreja Católica. Conforme Arduini (1988, p. 26), existia a intenção de difundir um curso que pudesse colaborar para “uma reflexão mais ampla”. No momento de idealização da instituição esteve presente Alceu de Amoroso Lima, personagem emblemático da História e Historiografia da Educação brasileira, que participou desse processo de criação de um curso superior na cidade de Uberaba.

Nós não tínhamos Cursos Superiores na época [...] o 1º curso nesta época, parece que no passado houve uma Farmácia (sic), a tempos, mas não existia mais na época. Então o 1º curso foi em 48, que foi, o 1ºs cursos foram Odontologia e a Escola de Enfermagem Frei Eugênio Curso Superior. Em 49 a Faculdade de Filosofia. E nós não tínhamos o Curso Superior, e aí nós tínhamos também vontade de lançar curso que pudesse promover assim, curso de

Filosofia, Curso de Literatura mais apurado, e foi o que aconteceu, nós organizamos então entre intelectuais, alguns professores de cursos secundários, e escritores e, jornalistas. Nós reunimos esse pessoal e fundamos o Instituto Superior de Cultura, que o próprio nome indica, assim, uma pretensão de se fazer uma reflexão mais ampla, de se trazer uma pessoa de fora, para trazer assim, uma contribuição maior, etc. E foi o que nós fizemos, lançamos então no começo de 44 o I. S. Cultura. Ele cresceu, ele se desenvolveu, houve curso de Filosofia, eu mesmo trabalhei muito nessa área, o Professor Santino Gomes de Matos apresentou aulas de Português, de Literatura, também nesse curso, houve pessoas, Dom Alexandre, também ofereceu algumas aulas também, e houve conferencistas que vinham de fora, que eram convidados para fazer trabalhos aqui. Inclusive nós tivemos aqui pessoas que vieram até do estrangeiro e que passaram por lá (ARDUINI, 1988, p. 26).

Compreender o movimento da história e a ambiência em que se processam os acontecimentos nos proporciona análises para apreender a complexidade, as interlocuções e as forças que impulsionam o âmbito educacional, sem considerá-lo como algo isolado, mas que influencia e é influenciado pelos contextos social, político, econômico e cultural. Desta maneira, permite entender possíveis resistências e estratégias para a formação de homem numa sociedade.

Ainda sobre o documento datilografado e encontrado no arquivo particular do Monsenhor Juvenal Arduini, há uma complementação do relato sobre quem participou da idealização do projeto educacional na cidade de Uberaba. Abaixo, trecho do referido depoimento:

Tivemos também intelectuais do país que fizeram conferências. E ele [o Instituto Superior de Cultura] durou bastante tempo, praticamente até 49 – 48/49, ele foi o germe da Faculdade de Filosofia, porque, eu tenho e até depois posso mostrar, nós temos aqui o Dr. Alceu de Amoroso Lima, que era do Conselho Federal de Educação, ele veio a Uberaba, em 44, e nós estivemos junto com ele, exemplo – falamos sobre o Instituto Superior de Cultura, então ele falou assim: - Porque vocês não caminham para fundar a Faculdade de Filosofia? E foi quando então, a partir disto e já havia certa idéia no ar, as Irmãs Dominicanas e os Irmãos Maristas, mas sobretudo as Irmãs Dominicanas, começaram a trabalhar nesta área. E quando foi, já começaram a trabalhar e em 49 se concretizou a idéia (ARDUINI, 1988, p. 27).

Percebe-se que havia uma proposta educacional, ainda que considerada pelos idealizadores como incipiente, que já possuía um arcabouço circunscrito no pensamento das pessoas envolvidas nesse processo. Tal proposta educacional concebia a disseminação de um ideal, com nomes importantes do âmbito da educação nacional.

Os apontamentos até o momento fazem refletir o que Nunes (1996, p. 67) em seus estudos denominou “visões da história da educação”, em que o ensino de história da educação pode revelar a ambiência em que foi produzido e as relações entre sociedade e educação. Para

conhecer alguns percursos do ensino da disciplina de História da Educação reportamos a Nunes (1996), Nóvoa (1996) e Guimarães (2016).

Nunes (1996) ressalta a importância de apreender como se constitui a disciplina de História da Educação na sociedade brasileira e aponta fontes que podem ser utilizadas para realizar esse itinerário. A autora destaca planos de estudos, relatórios de inspeção, programas escolares, discursos ministeriais, manuais destinados aos docentes etc.

Em consonância com Nunes (1996), Galvão; Lopes (2010, p.45) salienta a relevância de compreender o estudo das disciplinas e saberes escolares em determinado tempo e espaço e ressaltam algumas possibilidades para esse procedimento.

O estudo das disciplinas e dos saberes escolares tem sido fundamental para compreender o papel dos contextos culturais na definição daquilo que deve ser ensinado na escola e, em contrapartida, o papel da escola ao produzir e reelaborar o conhecimento, principalmente pelos processos de didatização. A história das disciplinas e dos saberes escolares, ao abordar os conteúdos do ensino, os programas, as provas, os manuais e os exercícios escolares, contribui para conhecer melhor o que ocorria dentro da escola, relativizando as abordagens macrossociológicas. Por sua vez, os estudos sobre manuais escolares começam a tentar compreender os procedimentos de seleção e transmissão dos saberes – diferentemente do que ocorria há alguns anos, quando tinham como foco a propagação de ideologias (GALVÃO; LOPES, 2010, p. 45).

O excerto permite apreender o ensino de História da Educação descrito nos programas e planos de estudos, ou seja, dispostos de maneira formal. Ele também instiga o pesquisador a buscar pelo conteúdo ensinado em sala de aula – a realidade pedagógica. Chervel (1990) salienta o papel do pesquisador em atentar para essas situações encontradas quando estuda as disciplinas escolares. O referido autor salienta que “Não podemos, pois, nos basear unicamente nos textos oficiais para descobrir as finalidades do ensino” (CHERVEL, 1990, 190). Desta forma, enfatiza que “A definição das finalidades reais da escola passa pela resposta à questão por que a escola ensina o que ensina?, e não pela questão a qual muito frequentemente nos apegamos: o que é que a escola deveria ensinar para satisfazer os poderes públicos?” (CHERVEL, 1990, p.190).

Outro autor que colabora para depreender o ensino de História da Educação é Nóvoa (1996) o qual apresenta um estudo sobre os percursos do referido ensino e ressalta o papel que este desenvolve para a formação do indivíduo. Desta maneira, implicaria novos conhecimentos, tanto no trabalho histórico como também na ação educativa.

Desta maneira, o estudo do ensino da disciplina de História da Educação apreende também à formação dos professores, uma vez que essa disciplina incide com a

profissionalização desses futuros educadores, os quais serão inseridos não só no interior da sala de aula, mas envolvidos em um contexto social, cultural e político.

Guimarães (2016) pesquisou sobre o ensino de História da Educação em uma Escola Normal da cidade de Uberaba e, de acordo com a autora, existem diversas possibilidades para o estudo desta temática. Além de salientar que uma pesquisa com essa proposta extrapola os âmbitos externos e internos da instituição educativa, Guimarães (2016) também destaca que outros aspectos importantes podem ampliar o estudo do ensino de História da Educação. Para a autora, conhecer o perfil dos professores que ministram a disciplina, assim como pesquisar os conteúdos estudados, os métodos utilizados e demais aspectos inerentes ao ensino são possibilidades que contribuem para ampliar o conhecimento da História da Educação.

Neste sentido, nossa pesquisa foi instigada a analisar essa peculiaridade que a disciplina de História da Educação possa, porventura, ter apresentado na Fista, uma vez que se tratava de uma instituição católica. Assim, apreender se o processo do ensino da disciplina de História da Educação e respectivos conteúdos culminavam para o afinamento religioso e ou se existiu uma programação que abarcava conhecimentos gerais sem atentar-se para essa finalidade colaborará para a História da Educação⁵. Essa proposição nos permite reportar a Chervel (1991, p.89), quando explica a composição de uma disciplina escolar e a detalha para apreendermos a complexidade que a integra enquanto disciplina:

Todas ou praticamente todas as disciplinas se apresentam neste sentido como corpos de conhecimento, providos de uma lógica interna, articulados em torno de alguns temas específicos, organizados em planos sucessivos claramente diferenciados e que conduzem algumas ideias simples e precisas ou, em qualquer caso, encarregados de ajudar na busca da solução dos problemas de maior complexidade.

Esta explicação de Chervel (1991) colabora para determinos o currículo escolar não como algo estático e isento de subjetividades que o permeiam num dado tempo e espaço. Essa ação pedagógica também apresenta, de maneira implícita ou até mesmo explícita, suas intencionalidades. Goodson (1995) esclarece como se processa a construção de um currículo.

O processo de fabricação do currículo não é um processo lógico, mas um processo social, no qual convivem lado a lado com fatores lógicos, epistemológicos,

⁵ De acordo com Viñao Frago (2008, p.175), “No año de 1991, a *Revista de Educacación* publicou dois números monográficos, o 295 e o 296, sobre a história do currículo. O primeiro número incluía dois trabalhos, o de Ivor F. Goodson (1991) e André Chervel (1991), que constituíam a carta de apresentação na Espanha, da história das disciplinas escolares como campo de investigação”. Para maiores informações recomenda-se a leitura de Viñao Frago (2008).

intelectuais, determinantes sociais menos ‘nobres’ e menos ‘formais’, tais como interesses, rituais, conflitos simbólicos e culturais, necessidades de legitimação e de controle, propósitos de dominação dirigidos por fatores ligados à classe, à raça, ao gênero [...]. O currículo não é constituído de conhecimentos válidos, mas de conhecimentos *considerados socialmente válidos* (GOODSON, 1995, p. 8).

Desta forma, Viñao Frago (2008) colabora para entendermos como as histórias das disciplinas estão inter-relacionadas com a história do currículo e a história cultural de determinada instituição. A isto, deve-se considerar “as disciplinas escolares como algo não dado, senão construído, como um produto social e histórico” (VIÑAO FRAGO, 2008, p. 180).

Nesta direção reportamos a Julia (2001, p. 10), que explica que a cultura escolar seria “um conjunto de normas que definem os saberes a ensinar e os comportamentos a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão e assimilação de tais saberes e a incorporação destes conhecimentos”.

Viñao Frago (2008, p. 189) estende esse conceito de cultura escolar quando salienta que “A instituição escolar não se limita, pois, a reproduzir o que está fora dela, mas sim, o adapta, o transforma e cria um saber e uma cultura própria. Uma dessas produções ou criações próprias, resultado da mediação pedagógica em um campo de conhecimento, são as disciplinas escolares”.

A partir destes apontamentos foi importante conhecer as pesquisas realizadas sobre a Fista, conforme apresentado no Quadro 1, que descreve as realizadas sobre a história da instituição, sendo que nenhuma abordou especificamente o ensino de História da Educação.

QUADRO 1 - Produções acadêmicas sobre a Faculdade de Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino – Fista, em Uberaba – Minas Gerais, no período de 2003 a 2020

Ano	Título	Autor(a) (Orientador)	Tipo de produção e instituição
2003	A criação e a consolidação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino em Uberaba, MG: uma experiência singular da Congregação Dominicana no Brasil (1948 – 1961).	OLIVEIRA, Sebastião José de (Décio Gatti Júnior)	Dissertação/Centro Universitário do Triângulo.
2006	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras São Tomás de Aquino: um marco humanista na história da educação brasileira (1960-1980).	SANTOS, Maria de Lourdes Leal dos (Geraldo Inácio Filho)	Dissertação/Universidade Federal de Uberlândia.
2007	Regime Militar, resistência e formação de professores na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino em Uberaba/MG (1964 a 1980).	PAULA, Eustáquio Donizeti de (Alaíde Rita Donatoni)	Dissertação/Universidade de Uberaba.
2016	A Fista e o curso de pedagogia em Uberaba, MG (1949 a 1955): história, educação e contextualização.	CARVALHO, Gleicemar Barcelos de (José Carlos Souza Araújo)	Dissertação/Universidade de Uberaba.
2020	Docência e memória: elos da formação humanista das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (1960 – 1980)	SANTOS, Maria de Lourdes Leal dos (Denise Barbara Catani)	Tese/Universidade de São Paulo.

Fonte: PPGED/UFU; PPGED/UNIUBE; UNIT; PPG/FE/USP

A pesquisa de Oliveira (2003) intitulada “A criação e a consolidação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino em Uberaba, MG: uma experiência

singular da Congregação Dominicana no Brasil (1948 -1961)” abordou o processo de criação e funcionamento da Fista e compreendeu o período de 1948 a 1961. Enfatizou a gênese da instituição de ensino superior de cunho confessional católico e que pertencia à Congregação das Irmãs Dominicanas⁶. Sob esse aspecto da denominação congregação, cabe destacar as análises de Bittencourt (2017).

Compreender como foi possível a ocorrência de um tempo marcado pela forte presença de congregações católicas na sociedade brasileira, justamente quando da organização do Estado republicano e da expansão do pensamento liberal, implica em relacionar os três fatores que constituem o cenário nacional e internacional da época: a expulsão de religiosos das atividades sociais então assumidas pelos Estados em processo de laicização na Europa, especialmente na França e na Itália; o projeto católico para a América Latina, implementado a partir de Leão XIII (1878-1903); e as demandas do episcopado para realizar a reforma do catolicismo local. Após a Revolução, o Estado francês estabeleceu leis que estendiam a cidadania, baseada na liberdade, na igualdade e na fraternidade, a todos os indivíduos que estivessem vivendo em seu território. Essas leis impediam a manutenção das leis canônicas referentes aos mosteiros, às ordens e às congregações, baseadas nos votos solenes de entrega total à Igreja, permanecendo os indivíduos incapazes perante as leis civis. Os votos solenes atingiam os direitos de prosperidade e herança, entre outros estabelecidos pela Revolução. Os votos de pobreza dos religiosos enriqueciam as ordens e a própria Igreja. Dessa forma, com o compromisso de garantir a todos os seus direitos e deveres, o Estado francês obrigou a Igreja a se reformar. No coração dessa reforma está a transformação das ordens e dos mosteiros para o formato de congregações, com superior geral e casa-mãe; atribuição de uma Regra de Vida; e direitos civis, pela adoção dos votos simples, de caráter privado. Disputas e resistências operaram lentamente o alinhamento dos religiosos com o novo projeto vindo de Roma. Assim como a Igreja necessitava de uma comunidade regrada, o Estado exigia uma comunidade útil, ou seja, com funções sociais como qualquer outro cidadão

⁶ Santos (2020, p. 55) explica que “na década de 80, os seguintes colégios e faculdade dominicana encerraram suas atividades educacionais: Fista (1949-1980); Escola de Enfermagem Frei Eugênio (1948-1980); Externato São José (1948-1980)”. Enfatizamos que essas instituições eram localizadas na cidade de Uberaba. Cabe destacar que a autora em referência cita outras instituições vinculadas às Irmãs Dominicanas. “Em Volta Grande (MG), o Instituto Nossa Senhora do Rosário, fundado em 1955 e desativado em 1981. Em Cambará do Sul (RS), Ginásio Imaculada Conceição, funcionou de 15 de março de 1954 a 24 de outubro de 1980. Em Belém, no Pará, Colégio Santa Maria de Belém, criado em 1952 e cedido para o Estado em 1983. Colégio Santa Terezinha de Marabá (PA) iniciou suas atividades escolares em 1952 com as irmãs na direção até 1984. Centro Educacional São Domingos, Torre (RS), iniciou-se em 1955 e mantiveram-se à frente da instituição até dezembro de 2005”. Santos (2020) ainda explica que “Dentre as onze (11) instituições confessionais criadas desde 1885, seis (06) permanecem em pleno funcionamento, pautadas nos princípios dominicanos anastasianos: 1. Colégio Nossa Senhora das Dores, Uberaba, Minas Gerais: 1885 [até o momento] 2. Colégio Sant’Ana – cidade de Goiás-(GO) 1889-2014 (126 anos). 3. Colégio Santa Rosa de Lima – Conceição do Araguaia: 1903-1979. 4. Colégio Sagrado Coração de Jesus – Porto Nacional – 194-.... 5. Colégio São José – Formosa – Goiás – 1908-1938. 6 Colégio Santa Rosa de Lima – Rio de Janeiro – 1936-2016. 7. Colégio São Domingos, Araxá, Minas Gerais, 1928 8 Colégio Nossa Senhora do Rosário: São Paulo, SP – 1943 -.: 1..9 Externato São José: Goiânia – GO: 1948 -...Colégio Nossa Senhora do Rosário: Curitiba, (PR) – 1957-...11. Centro Educacional Nossa Senhora do Rosário-DF-1959-2016” (SANTOS, 2020, p. 55).

da república. Isso porque as próprias instituições públicas não podiam abrir mão do trabalho das irmãs de caridade e dos religiosos, especialmente nos hospitais e nas escolas. Como se pode observar, na França o clero religioso foi inicialmente acomodado como funcionário público, com salário e direitos civis e, no Brasil, com a ajuda das elites católicas, os religiosos assumiram trabalhos de interesse social, ocupando espaços próprios de um Estado republicano. Tal movimento migratório, muito bem acolhido na América Latina e na sociedade brasileira em particular, nos permite afirmar que a Igreja injetou, no Brasil, um relevante volume de seus quadros, não apenas pela migração de congregações novas, mas também pela chegada de religiosos ligados às ordens antigas, já estabelecidas no País desde os tempos da Colônia. E vindos não somente da França e da Itália, mas de distintos países europeus. Os interesses da Igreja, fragilizada na Europa e em processo de legitimação de uma política centralizada em Roma, fizeram-na considerar a América Latina como um espaço de forte investimento. A imigração não se fez ao sabor apenas da política dos Estados liberais, pois a Igreja projetara sua expansão na região colonizada por países católicos – Portugal e Espanha. Estratégias começaram a ser postas em prática desde 1858, com a fundação do Pontifício Colégio Pio Latino-Americanano de Roma, instituição criada com o objetivo de formar sacerdotes para os países de línguas latinas, dentro dos cânones romanos. No entanto, o ponto alto da investida constituiu-se na convocação, por Leão XIII, de todos os bispos e arcebispos para o I Concílio Plenário da América Latina, celebrado na sede do papado, no apagar das luzes do século XIX – 1899 – 1904. Desse conclave emanaram as diretrizes para a ação da Igreja (BITTENCOURT, 2017, p. 29-39).

As explicações de Bittencourt (2017) justificam a utilização, no decorrer desta tese, do termo congregação, fazendo referência às Dominicanas. Neste sentido, apenas nos momentos em que for reportado a outros estudos, nos quais manteve-se o termo Ordem, é que será transscrito da forma como foi empregado nestas pesquisas.

O trabalho de Santos (2006) – “Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras São Tomás de Aquino: um marco humanista na história da educação brasileira (1960 - 1980)”, analisou a trajetória da faculdade no período de 1960 a 1980. Apontou a importância da instituição não só para o município de Uberaba, mas também para as demais regiões do Brasil. Enfatizou a filosofia educacional da instituição, ou seja, de cultura fundamentada na ética cristã, e destacou a qualidade do corpo docente para a formação humanista defendida pela instituição.

Em “Regime Militar, resistência e formação de professores na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino em Uberaba/MG (1964 a 1980)”, Paula (2007) investigou como o regime militar brasileiro interferiu na formação de professores da Fista, no período de 1964 a 1980, e salientou a importância da instituição como referência regional para formação de docentes. Abordou como as políticas educacionais daquele contexto incidiram na Fista. Buscou ainda apreender como ocorreram essas ações e os reflexos no processo de formação de professores.

Carvalho (2016), em “A Fista e o curso de pedagogia em Uberaba, MG (1949 a 1955): história, educação e contextualização”, investigou a gênese do curso de Pedagogia da instituição, compreendido entre 1949 a 1955. Buscou articular a implantação do curso de Pedagogia em Uberaba e seu movimento de institucionalização em âmbito nacional. A pesquisa analisou se a Fista fazia parte de um projeto nacional católico e indagou se houve congruência desta instituição com o que era proposto pelas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras disseminadas pelo Brasil.

Santos (2020) versou sobre “Docência e memória: elos da formação humanista das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (1960 - 1980)”, buscando analisar e depreender quais eram as concepções e as práticas pedagógicas enfatizadas para a formação docente. A pesquisadora destacou a formação humanista da instituição e ressaltou a importância do papel educacional desenvolvido na preparação de professores. Salientou a relevância da instituição como sendo a primeira de cunho confessional de ensino superior no Brasil e que possuía como administradoras as Irmãs Dominicanas, oriundas da Congregação Nossa Senhora do Rosário de Monteils, em França.

Constata-se, nas produções acadêmicas sobre a Fista, que a instituição desempenhou um papel relevante quanto à formação de professores. Contudo, percebe-se que não foi tratada a questão das disciplinas e, especialmente a que inclui o ensino de História da Educação, o qual incide sobremaneira na formação de professores. Sendo assim, verifica-se a importância de pesquisar sobre essa temática. O estudo do ensino da disciplina de História da Educação na Fista é pertinente uma vez que, até o presente momento, não foram encontradas pesquisas sobre a instituição que discutiram essa temática.

Trata-se de uma pesquisa em história que incluiu pesquisa bibliográfica e documental, bem como a técnica da História Oral, na qual contou-se com a participação de cinco ex-alunas da Fista. Destas, uma foi docente da disciplina de História da Educação na instituição. Os relatos colaboraram para o acesso a material icnográfico que foi utilizado no desenvolvimento da pesquisa. Os programas do ensino de História da Educação foram encontrados em documentos intitulados “Relatório F.F.C.L.S.T.A”, produzidos entre 1951 e 1980, e compuseram o *corpus* documental deste estudo.

Foram analisados os programas da disciplina História da Educação, assim como atas e relação de professores que interpostos com as entrevistas realizadas permitiram uma reconstrução histórica da disciplina no curso de Pedagogia entre 1951 a 1980. Os “Relatórios F.F.C.L.S.T.A” encontram-se no Setor de Controle Curricular da Universidade de Uberaba (Uniube). Alguns históricos escolares foram consultados no Setor de Documentação da Uniube,

o que possibilitou o acesso a informações que podem caracterizar o perfil dos alunos da instituição. O Regimento Integrado da instituição (1971) foi obtido em arquivo particular de uma ex-aluna do Curso de Pedagogia da Fista e, portanto, utilizado para depreender o lugar da disciplina História da Educação entre os anos de 1971 a 1980. As análises dos documentos e as entrevistas realizadas evidenciam o percurso desse ensino no curso de Pedagogia, no período compreendido entre 1951 a 1980. Esse arcabouço documental que aventamos permite-nos situar a apreensão do ensino de História da Educação sob duas formas: o que poderiam ser as finalidades ideais (assim compunha a formalidade da instituição na apresentação da disciplina) e as reais (as disponibilizadas no cotidiano da sala de aula). Para colaborar com a relevância dessa interlocução de informações reportamos a Gatti Jr. (2017, p. 70):

Nessa direção, parece importante demarcar uma diferença significativa entre as finalidades ideais (objetos fixados) e as finalidades reais no âmbito da compreensão do mundo histórico-educacional. As primeiras, finalidades ideais, podem ser mais bem compreendidas na relação entre a escola e sociedade, em sua variedade de projetos políticos e culturais, cujas fontes de investigação incluem as ideias educacionais veiculadas, as legislações de ensino aprovadas e substituídas, as notícias veiculadas pela imprensa de modo geral e a pedagógica de modo particular, os programas de ensino, os manuais e livros escolares, os diários de classe etc. As segundas, por seu turno, nomeadamente finalidades reais, compõe-se do universo da escola e mesmo da sala de aula que são os lugares a serem investigados. Todavia, as fontes para examinar esse ensino real nem sempre são fáceis de serem encontradas, pois incluem: cadernos de alunos, provas escolares, iconografia, imprensa escolar e, quando possível, a construção de documentos escritos a partir de depoimentos orais. É interessante observar que as investigações mais recentes no âmbito de uma História Disciplinar da História da Educação têm mantido animados os trabalhos sobre as finalidades ideais, sobretudo, pelo exame das concepções educacionais e sociais de intelectuais afetos à educação e a História da Educação, partícipes da elaboração de reformas de ensino e de programas de ensino, mas, também, da publicação de manuais da disciplina.

Essas reflexões permitiram a busca pelo corpus documental que colaboraria para a pesquisa. O levantamento desse acervo documental iniciou com as dificuldades inerentes ao trabalho dos pesquisadores para reconstruir a história por meio de “sinais” (GINZBURG, 1939) deixados no tempo. Fizemos uma busca por resquícios históricos que ajudassem a depreender o passado e apresentá-los com os limites do tempo presente. Desta maneira, conforme explica Ginzburg (1939, p. 152) “O que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente”.

Primeiramente, foi necessário procurar informações sobre a possibilidade de localizar arquivos que pudessem conter documentos sobre a instituição, uma vez que a Fista encerrou suas atividades em 1980. A partir da informação de que a documentação estaria com algumas

Irmãs Dominicanas que residem em Uberaba, iniciei os primeiros contatos, contudo, não obtive bons resultados. Várias portas foram fechadas e o acesso muito difícil, talvez por se tratar de uma instituição confessional católica e, também, por ter sido cedida a outra de natureza privada que mantém sigilo quanto aos documentos arquivados sob sua responsabilidade. Foi com a colaboração de duas ex-alunas do Curso de Pedagogia da Fista, as senhoras Teresa Maria Machado Borges e Maria Soledade Borges, que consegui o regimento integrado da Fista (1971), alguns dados sobre o ensino de História da Educação e, possíveis locais em que outros documentos poderiam estar guardados. Contudo, somente após seis meses de muita insistência, localizei os documentos sobre a Fista.

Após identificar alguns vestígios a respeito da Fista em arquivos do Setor de Controle Curricular e Setor de Documentação da Uniube, iniciei as leituras de documentos e registrei dados que colaborariam com a pesquisa. A partir disso, comecei a consultar o material com fontes para a pesquisa. Em seguida, com a análise dos documentos comecei a fotografar o acervo disponível, pois nenhum material consultado poderia ser retirado do local onde estavam guardados. Com a catalogação das fontes, aos poucos fui registrando possíveis nomes de egressas que poderiam ser entrevistadas. Aquelas com que fiz contato inicialmente não foram receptivas e se recusaram a participar, alegando problemas de saúde e adoecimento de cônjuges.

Mesmo diante desses impedimentos, cinco ex-alunas do Curso de Pedagogia colaboraram, sendo que o contato inicial ocorreu de forma informal, por meio de conversas telefônicas. Somente após meses de diálogo foi possível estabelecer encontros para iniciar as entrevistas, que aconteceram mediante a elaboração de um roteiro. Todas as entrevistadas foram esclarecidas sobre a pesquisa e ficaram cientes de que haveria gravação em áudio, devendo autorizar a transcrição e publicação das informações fornecidas. Desta maneira, foi importante a assinatura do Termo de Consentimento para a divulgação das informações declaradas. Entendemos o quanto relevante foi o levantado de documentos para a escrita da tese.

A esse respeito, cabe salientar que o uso de diversas fontes permite refletir sobre suas potencialidades e limites, pois trata-se de escritos que pertencem a determinado tempo e espaço, formados a partir das relações humanas. Estas não são neutras e, portanto, requerem critério crítico/analítico baseado em parâmetros científicos. Nesta direção, podemos citar que tanto as atas, relatórios, manuais disciplinares, programas dos conteúdos do ensino de História da Educação, assim como o Regimento Integrado da instituição Fista foram submetidos ao crivo de reflexão crítica.

Desta maneira, os referidos documentos podem apresentar informações perdidas no tempo, mas também possuem dados que podem ter sido ocultados, não explícitos, ou seja,

suprimidos por vontade dos que os produziram e ou a pedido de quem os analisavam antes do registro formal. Outro ponto a destacar é com relação aos relatos orais. Estes também, apresentam suas possibilidades de análises, mas, assim como os demais documentos, são passíveis de serem suprimidos fatos, acontecimentos e ou enfatizado o que poderia ser oportuno para o momento.

Ademais, a memória é um recurso para buscar o que não foi registrado, porém apresenta uma linha divisória para tornar algo objetivo ou não na construção histórica⁷. Contudo, não podemos deixar de ressaltar que a história oral, resultante das entrevistas realizadas, possui status de destaque para o entendimento do objeto desta pesquisa. A interlocução entre as fontes resultantes de documentos escritos e as obtidas através da técnica de História Oral são importantes, pois uma pode complementar ou refutar a outra. Os limites por ambas circunscrevem na maneira como é feita a análise crítica e na acuidade do material analisado. Desta maneira, Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 13) explicam como depreender a metodologia da pesquisa documental:

A pesquisa documental é um procedimento metodológico decisivo em ciências humanas e sociais porque a maior parte das fontes escritas – ou não – são quase sempre a base do trabalho de investigação. Dependendo do objeto de estudo e dos objetivos da pesquisa, pode se caracterizar como principal caminho de concretização da investigação ou de escolha e de verificação de dados; visa o acesso às fontes pertinentes, e, a esse título, faz parte integrante da heurística de investigação.

Entendendo que todas essas fontes são de um tempo histórico, cultural, político e social, compreendemos que foram resultantes da ação humana. Portanto, são passíveis de interesses, ou seja, do desejo de ocultar o que não se quis explicitar e do desejo de tornar evidente aquilo

⁷ Em consonância com os apontamos elencados, reportamos as seguintes considerações de Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009): “É primordial em todas as etapas de uma análise documental que se avalie o contexto histórico no qual foi produzido o documento, o universo sócio-político do autor e daqueles a quem foi destinado, seja qual tenha sido a época em que o texto foi escrito. Indispensável quando se trata de um passado distante, esse exercício o é de igual modo, quando a análise se refere a um passado recente. No último caso, no entanto, cabe admitir que a falta de distância tenha algumas implicações na tarefa do pesquisador, mas vale como desafio. O pesquisador não pode prescindir de conhecer satisfatoriamente a conjuntura socioeconômico-cultural e política que propiciou a produção de um determinado documento. Tal conhecimento possibilita apreender os esquemas conceituais dos autores, seus argumentos, refutações, reações e, ainda, identificar as pessoas, grupos sociais, locais, fatos aos quais se faz alusão, etc. Pela análise do contexto, o pesquisador se coloca em excelentes condições até para compreender as particularidades da forma de organização, e, sobretudo, para evitar interpretar o conteúdo do documento em função de valores modernos. Tal etapa é tão mais importante, que não se poderia prescindir dela, durante a análise que se seguirá” (SÁ-SILVA, ALMEIDA E GUINDANI, 2009, p. 8-9).

que julga importante. Neste sentido, os relatos dos sujeitos que participaram daquele tempo e espaço colaboram para o entendimento do passado, mas é necessário que a condução da pesquisa esteja pautada em critérios científicos e metodológicos.

Ademais, para depreender os relatos das entrevistadas reportamos a Bosi (1987), que explica que determinado acontecimento pode mudar com o tempo, mas as experiências adquiridas podem revelar aquilo que ainda não temos para o momento presente. Sendo assim, o que não se contesta é que a lembrança contribui para a compreensão do passado.

Em consonância com a acepção de Bosi (1987), buscamos correlacionar a memória dos entrevistados com documentos históricos de acervo particular e institucional que colaboram para a apreensão do perfil dos docentes e discentes que compuseram o percurso histórico do ensino de História da Educação na Fista.

Nesta perspectiva, concordamos que o meio social e os sujeitos colaboram para depreender o contexto cultural da sociedade. Sendo assim, Bosi (1987) explica a relevância da função social para a compreensão das múltiplas diversidades que podem ser expressas através da memória, a qual contribui para o entendimento da sociedade e os nexos existentes entre pessoas, passado e conhecimento.

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos, pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os vive e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparição de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem-criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual. (BOSI,1987, p.40-41).

Em consonância com as explicações de Bosi (1987), entendemos que a dimensão social de um determinado contexto pode revelar informações que nos fazem refletir sobre uma sociedade.

No que se refere a apresentação dos resultados, temos, no primeiro capítulo, intitulado, “A formação de professores e História da Educação”, uma breve contextualização do processo de institucionalização da História da Educação e a relação desta disciplina com a formação de professores em países da Europa, Estados Unidos e Brasil, com apontamentos dos possíveis acontecimentos no contexto político e social que propiciaram a inserção desse conhecimento na preparação de docentes.

O segundo capítulo, “Dimensões Históricas e Educacionais da Criação da Fista e de seu Curso de Pedagogia”, versou sobre o Ensino Superior no Brasil, em Minas Gerais e em Uberaba. Apresentou os motivos para a criação da Fista e a oferta da disciplina História da Educação no Curso de Pedagogia.

O terceiro capítulo, “A disciplina História da Educação na Fista: identidade, perfil programático, metodologia, fontes de informação”, versou sobre a identidade e o perfil programático do ensino de História da Educação no curso de Pedagogia e como esse ensino foi apresentado aos alunos, ou seja, a disposição dos conteúdos, metodologias e ou saberes intercalados na programação da disciplina. Desta maneira, analisou as possíveis continuidades no período compreendido entre as décadas de 1951 e 1980.

O quarto capítulo, denominado “O ensino da História da Educação na memória de docente e discente”, discorre sobre o perfil de docentes e discentes, bem como a memória desses sujeitos à frequência do ensino da disciplina História da Educação no Curso de Pedagogia da Fista, entre 1951 e 1980. Com a descrição de relatos de cinco egressas do Curso de Pedagogia, buscamos reportar à memória desses sujeitos para apreender o ensino de História da Educação. A partir dos relatos de uma docente da referida disciplina, foi possível conhecer os recursos pedagógicos utilizados. Ademais, alguns documentos disponibilizados pelas entrevistas colaboraram para o desenvolvimento deste capítulo.

O quinto capítulo, que tem como título “Os materiais de Ensino de História da educação no Curso de Pedagogia da Fista” apresenta os materiais referendados no ensino da História da Educação do Curso de Pedagogia da Fista, no período de 1951 a 1980. Documentos encontrados nos “Relatórios F.F.C.L.S.T.A” colaboraram para o entendimento dos métodos pedagógicos, assim como os manuais utilizados para o ensino e aprendizagem da disciplina História da Educação. Desta forma, informações constantes nos “Relatórios F.F.C.L.S.T.A” foram mencionadas neste capítulo, uma vez que existem menções sobre textos, livros e nomes de educadores.

PARTE I O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E A CRIAÇÃO DA FISTA EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

1. A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

O mínimo que se exige de um historiador é que seja capaz de reflectir sobre a história da sua disciplina, de interrogar os sentidos vários do trabalho histórico, de compreender as razões que conduziram à profissionalização do seu campo acadêmico (NÓVOA, 1996, p.417).

Neste capítulo será realizada uma breve contextualização do processo de institucionalização da História da Educação e a relação desta disciplina com a formação de professores em países da Europa, Estados Unidos e Brasil, com apontamentos dos possíveis acontecimentos no contexto político e social que propiciaram a inserção desse conhecimento na preparação de docentes.

A institucionalização da disciplina História da Educação, desde meados do século XIX, confluí com a necessidade de formação para o trabalho docente. Desta maneira, diferentes disciplinas, dentre elas, a História da Educação, foram utilizadas para a fundamentação das práticas desses profissionais. Os manuais tornaram-se meios de veiculação de ideias de diversos autores, dentre os quais podem ser citados Dilthey e Durkheim, que eram intelectuais afetos aos assuntos inerentes à educação⁸. Estes autores tornaram-se referências em universidades da Europa e também em diferentes partes do mundo (GATTI JR, 2013, p.152). Durkheim analisa

⁸ Segundo Ghiraldelli Jr (1994, p.69-70), “Dilthey e Durkheim vão além de um trabalho geral de delimitação e fundamentação das Ciências da sociedade e da cultura. Convencidos da importância da razão histórica, partilham da ideia de que a formação pedagógica correta do professor primário e/ou secundário deve pautar-se por um sólido conhecimento das formas educacionais e pedagógicas do passado. Trabalhando com essa ideia eles se tornam, durante algum tempo, historiadores da educação. Rediscutindo esse assunto, colaboraram para a fixação de disciplinas com o nome de “história da educação” e similares, e praticamente deixam uma marca que se transfere decisivamente à historiografia da educação produzida posteriormente, principalmente aquela historiografia típica dos manuais ligados à formação dos professores e educadores. Mais conhecidos como “teórico das ciências do espírito” e “pai da sociologia moderna”, respectivamente, Dilthey e Durkheim são, também, historiadores da educação, responsáveis por determinados tipos de pensamento de gerações subsequentes de professores e pesquisadores desta área do saber. E talvez seja possível dizer que eles, enquanto historiadores da educação, se vincularam ao historicismo e ao positivismo de maneira bastante peculiar, distinta daquelas descritas pela maioria dos comentadores e historiadores da filosofia e das ciências sociais; isto é, talvez o historicismo e o positivismo tenham encontrado suas formas mais típicas em Dilthey e em Durkheim justamente enquanto historiadores da educação” (GHIRALDELLI, JR., 1994, p. 69-70).

a educação na França na qual a Terceira República⁹ consolidava-se. Para apreender a teoria durkheimiana, dois conceitos do autor devem ser considerados: a educação como fato social e a moralidade laica¹⁰. Durkheim entende que a educação é um construto social e, portanto, conforme Weiss (2009, p. 173) explica, “é obra da sociedade e seu objetivo é a manutenção, a permanência da própria sociedade”. A autora enfatiza o quanto a educação e a sociedade estão imbricadas e exercem uma função para as gerações em determinado tempo e espaço. Neste sentido, Durkheim (1978) aborda o quanto a educação exerce uma finalidade na sociedade.

A educação é a ação exercida pela geração adulta, sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objetivo suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destine (DURKHEIM, 1978, p. 32). A educação seria assim objeto das Ciências da Educação - que pode ser conhecida a partir da descrição de como foi nas sociedades passadas assim como está nas contemporâneas. Em relação à função das Ciências da Educação, Weiss (2009, p.173) ressalta que para Durkheim “deveria ser capaz de definir o que é e o que tem sido a educação ao longo da história, sem qualquer preocupação em dizer coisas agradáveis, que tranquilizem os espíritos ou que despertem o ânimo, pois seu primeiro compromisso é com a realidade dos fatos”.

Segundo Weiss (2009, p.175) existe uma diferenciação entre as Ciências da Educação e a Pedagogia. A primeira “tem por objeto determinar o que é e o que tem sido a educação”. A Pedagogia tende a “refletir sobre a educação existente e propor as reformas que consideram necessárias”. Para Weiss (2009, p. 176), Durkheim entende que a ciência contribui para saber “o que a educação foi” e “o que a educação é”.

A ciência não apenas descreve o estado atual da educação, mas também é capaz de apresentar em que medida a educação de uma determinada época já não se encontra em sintonia com os novos ideais sociais. Sem mencionar o fato de que a própria ciência, se não está autorizada a impor um determinado ideal social, é, ela própria, um elemento de vital importância para incitar à reflexão, na medida em que torna explícita qual é a verdadeira origem de todos os valores, a sociedade, e esclarece também sobre as consequências dos

⁹ Weiss (2009) explica que é necessário considerar o contexto da sociedade francesa, pois Durkheim a analisa a partir do momento em que verifica os acontecimentos social, político e educacional. Assim a autora explica: “Portanto, é preciso levar em consideração o ambiente político e intelectual da Terceira República para que seja possível uma avaliação mais correta da pedagogia durkheimiana” (WEISS, 2009, p. 177).

¹⁰ Weiss (2009, p.77) menciona que para Durkheim a moralidade laica estaria condicionada a uma “nova moral a ser ensinada, uma moral consoante com os novos ideais, com a nova organização social que se pretende construir: trata-se, pois de descobrir qual é e como pode ser forjado o caráter moral do cidadão moderno”.

valores adotados. Portanto, embora o ponto de vista da ciência seja aquele de determinar em que consiste a realidade, ela acaba por desempenhar um papel vital na dimensão reflexiva (WEISS, 2009, p.176).

Assim, em consonância com Weiss (2009), as autoras Silva e Gatti (2019, p. 5) salientam que a educação deve ser considerada em duas acepções, ou seja, “o que a educação foi” e “o que a educação é” estaria sob incumbência das Ciências da Educação, enquanto que a Pedagogia “seria uma reflexão metódica e documentada sobre a prática do ensino, possuindo uma dimensão propositiva, que poderia ser resumida na expressão: O que deveria ser a Educação” (SILVA; GATTI, 2019, p. 5).

Outro intelectual que deve ser reportado em relação a essas proposições é Dilthey. Conforme, explica Gatti Jr. (2013, p. 154), diferentemente a teoria durkheimiana não concorda com uma “ciência pedagógica de validade geral, com a consciência da historicidade de todo ideal de educação, para o que é levada em consideração a diversidade da história dos povos e das necessidades dos Estados” (GATTI JR., 2013, p. 154).

Ghiraldelli Jr. (1994, p. 36), explica que Dilthey foi não só filósofo, mas também historiador e, de acordo com o autor em referência, “alguém preocupado em relacionar psicologia e história na busca de uma epistemologia para aquilo que chamou ciências do espírito, isto é, as disciplinas que, na terminologia alemã, cuidam do saber histórico-social-cultural” (GHIRALDELLI JR., 1994, p. 36).

Os breves apontamentos de Durkheim e Dilthey e de como cada um desses autores conceberam as Ciências da Educação e a Pedagogia tornam-se pertinentes, uma vez que foram intelectuais fundadores que possuíram expressividade em produção de textos e cursos sobre a educação na metade do século XIX e, portanto, fizeram parte da formação de professores¹¹.

1.1 Reflexões sobre a História Disciplinar da História da Educação

Saber circunscrito nas Ciências da Educação, a História da Educação traz uma historicidade para entender como esse ensino obteve status, identidade e, por conseguinte, autonomia no currículo das escolas de formação de professores dos países da Europa e Estados

¹¹ Para maiores informações ler Gatti Jr. (2013).

Unidos. Desta maneira, a proposição de Cambi (1999) contribui para depreender o que significou a história da pedagogia como precursora para o ensino de História da Educação.

A história da pedagogia nascia como uma história ideologicamente orientada, que valorizava a continuidade dos princípios e dos ideais, convergia sobre a contemporaneidade e construía o próprio passado de modo orgânico e linear, pondo particular acento sobre os ideais e a teoria, representada sobretudo pela filosofia. Tratava-se de uma história persuasiva, por um lado, e teoreticista, por outro, sempre muito distante dos processos educativos reais, referentes às diversas sociedades, diferenciados por classes sociais, sexo e idade; distante das instituições em que se desenvolviam (a família, a escola, a oficina artesanal e, em seguida, a fábrica, mas também o seminário ou o exército etc); distante das práticas de educação ou de instrução, das contribuições das ciências, sobretudo humanas, para o conhecimento dos processos formativos (em primeiro lugar, psicologia e sociologia). De tal modo que havia histórias da pedagogia com forte influência filosófica, marcadas segundo as diversas orientações da filosofia (ou positivista ou idealista ou espiritualista) e capazes de veicular para os docentes um princípio ideal, que se apresentava ainda como convalidado pela própria história universal (ou epocal: antiga, medieval ou moderna) da pedagogia (CAMBI, 1999, p. 21-22).

A História da Educação sempre esteve vinculada a outras disciplinas tais como a História da Pedagogia ou mesmo da Filosofia. Essa característica é compreendida quando Nóvoa (1994, p. 417) faz alusão sobre as ciências da natureza (Física e ou Química) e as Ciências da Educação. Assim, NÓVOA (1994) reporta a Gabriel Compayrè que explica: “Na ciência da educação, pelo contrário, como em todas as ciências filosóficas, a história é a introdução necessária, a preparação para a própria ciência” (COMPAYRÈ, 1911, p. 1546 citado por NÓVOA, 1994, p. 417).

Entende-se que para o surgimento das Ciências da Educação foi imprescindível passar inicialmente pela história de um saber e, especificamente, a História da Educação apresenta-se como fundadora das Ciências da Educação (NÓVOA, 1996, p. 418). O autor elucida essa concepção quando menciona Nanine Charbonnel (1988, p. 127): “a invenção da Pedagogia como Ciências da Educação teve como elemento estruturante a descoberta de uma história prévia, susceptível de legitimar os novos grupos e ambições de científicidade” (NANINE CHARBONNEL, 1988, p. 127 citado por NÓVOA, 1996, p. 418).

É por este transcurso de apresentação de uma história que possibilita as tentativas incipientes de científicidade que a Pedagogia surge como saber no século XIX.

Ao dar-se um passado, a primeira geração da *pedagogia científica* procurou consolidar a disciplina no seio da comunidade acadêmica e universitária. O jogo de poderes consagrava não só um novo tipo de conhecimento, mas também os homens que eram supostos produzi-los e difundi-lo. Até então, a pedagogia era vista, sobretudo, pelo prisma da prática, das técnicas e dos métodos de ensino. A partir de meados do século XIX, no entanto, as

perspectivas teóricas adquirem novas dimensões: primeiro, por via de um pensamento histórico e, também, de um esforço de reflexão comparada; mais tarde, através do recurso às ciências psicológicas e sociológicas (NÓVOA, 1996, p. 418).

Cabe ressaltar que o percurso pelo qual a Pedagogia esteve foi de garantir seu espaço enquanto saber científico. A História da Educação insere-se também nessa situação, pois na medida que surge como conhecimento que compõe os cursos de formação de professores, houve necessidade de se autoafirmar ou, parafraseando Santos (2007, p. 85), “teste de capacidade para vivificação”, uma vez que esse ensino estaria sempre articulado a diversos campos do saber.

Neste sentido, encontrar-se-iam nomes como História da Pedagogia, História da Filosofia, Introdução à História das Ideias Pedagógicas e outros afins. Nóvoa (1996), em seus estudos sobre o percurso da História da Educação, aponta que os empecilhos para que esta não alcançasse o seu lugar enquanto ciência foi decorrente do próprio conflito entre poderes que cada campo do conhecimento disputava e buscava consolidar quem teria os discursos validados.

Os estudos de Nóvoa (1996, p. 418) apontam para a reflexão de que os condicionantes que proporcionaram a construção da disciplina História da Educação podem ser circunscritos a três “processos simultâneos: a estatização do ensino, a institucionalização de professores e a cientificação da pedagogia”. A estatização do ensino perpassa pela formação dos Estados-Nação. Estes buscam o modelo educacional de países como a França e a Prússia para serem implantados em outros Estados Nacionais (NÓVOA, 1996, p. 418). Os governos subsidiam ações para institucionalização do ensino e, assim, reportam às outras nações o modelo a ser consolidado em cada território. A educação era entendida como recurso para o progresso. O poder do país estava consubstanciado com o nível de desenvolvimento escolar (NÓVOA, 1996, p. 418).

Desde o século XVIII até metade do século XIX, a História da Educação foi envolvida por outras ciências que já haviam se afirmado no campo do conhecimento científico. A presença da História da Educação na formação de professores, conforme ressalta Nóvoa (1996), apresenta-se de início como uma reflexão filosófica, embasada em concepções de educadores renomados que reportam desde a Antiguidade ao Contemporâneo no século XIX. Surge, assim, um princípio de educação evolutiva que incorpora as Humanidades como marca de progresso. Ademais, no final do século XIX e principalmente no século XX, a permanência dessa característica da História da Educação é estendida por outra de marcação mais institucional.

A gênese de um pensamento histórico-educativo é indissociável da necessidade que os reformadores do século XIX sentem de dotar os seus esforços educativos de uma história gloriosa, isto é, narrada como uma

evolução constante das trevas para as luzes, como um progresso inexorável do passado para o presente e, portanto, para o futuro (NÓVOA, 1996, p. 422).

Em meados do século XX, estas duas tradições da História da Educação foram contrapostas por críticas oriundas de sociólogos com perspectivas marxista ou neo-marxista. Estas etapas favoreceram para que a História da Educação passasse por uma renovação tanto conceitual quanto metodológica (NÓVOA, 1996, p. 420). Ressalta-se que, antes de receber essa denominação, adquiriu durante seu percurso diversos nomes e esteve “camouflada” em outras áreas do conhecimento¹² (SANTOS, 2007, p. 82). O status para a disciplina História da Educação não foi obtido de maneira linear e simultânea, pois em diversos países da Europa e Estados Unidos, percebe-se particularidades de como foi inserido esse saber como instrumento para profissionalização de professores. Cabe ressaltar que, a esses fatos citados anteriormente, existia uma ambiência a ser analisada seja em aspecto político, econômico, social ou cultural.

1.2 A formação de professores e a institucionalização da disciplina História da Educação

A necessidade de formar professores foi preconizada por Comenius; entretanto, foi instituída por São João Batista de La Salle no ano de 1684, em Reims, na França. O nome da instituição que ficou responsável por essa ação foi o Seminário dos Mestres (SAVIANI, 2009, p. 143). Contudo, a institucionalização da formação de professores aconteceu somente no século XIX. A esse respeito, no caso específico do Brasil, Riccioppo Filho (2007) salienta que já existiam aulas avulsas, na então colônia de Portugal.

Ao iniciar-se o século XIX, já existia, na colônia, uma rede de aulas avulsas de primeiras letras, gramática latina, grego, retórica e poética, filosofia, matemática superior e geometria. Apesar de disperso e rebaixado de nível, o novo ensino na Colônia deu alguma continuidade aos princípios educacionais jesuíticos, mantendo os mesmos métodos pedagógicos, com ênfase na autoridade e na disciplina estreita, e com os mesmos objetivos religiosos e literários (RICCIOPPO FILHO, 2007, p.41)¹³.

¹² Santos (2007), em seus estudos sobre os percursos da História da Educação em Portugal, explica que essa disciplina surgiu autônoma após 1902. Anteriormente, a História da Educação esteve articulada com outras denominações e, portanto, segundo a autora, “[...] todos os percursos têm um enquadramento que lhe explicam a gênese e lhe esclarecem os vários momentos da sua progressiva afirmação” (SANTOS, 2007, p. 77).

¹³ Riccioppo Filho (2007, p. 37) salienta que “No início do século XIX, a sociedade colonial brasileira atravessava um período que Fernando de Azevedo (1963) qualifica como um grande vazio, meio século de decadência e de transição, que se iniciara no ano de 1759, com a expulsão dos jesuítas das colônias portuguesas e a implantação das Reformas Pombalinas da Instrução Pública. Com o desmantelamento da estrutura de ensino organizada pelos jesuítas, o confisco dos bens dos padres e a destruição de importantes livros e manuscritos, o governo colonial não ofereceu, de pronto, outra alternativa de ensino para a população, o que provocou um grave retrocesso no sistema educacional brasileiro. No período situado entre 1549, quando os jesuítas, chefiados pelo padre Manuel da Nóbrega, fundaram em Salvador uma escola de ler e escrever, até a crise ocorrida no século

Cabe ressaltar que, no século XVI, reformadores como Lutero propunham a criação de escolas que seriam implantadas por autoridades públicas, considerando que a viabilização teria o intuito de atender à necessidade social. Todavia, conforme explica Guimarães (2016, p. 39), o ensino com base na proposta de Lutero teria um viés sob formação religiosa, que possuía princípios da doutrina cristã reformada. Ademais, no século XVII, as ideias educacionais da Reforma Protestante romperiam as fronteiras do Velho Continente, uma vez que as guerras e as perseguições religiosas que aconteceram na Europa fizeram com que muitos migrassem para a América do Norte, o que propiciou a disseminação das concepções calvinistas e puritanas.

Entretanto, países com vertente católica, como França, Itália, Espanha e Portugal, assim como suas colônias, opuseram-se à Reforma e, nesse sentido, ações contrarreformistas se fortaleceriam com vista à preservação do catolicismo e o predomínio das ações educativas (como as ordens religiosas, com ênfase nos jesuítas) nos estabelecimentos como os colégios e outros correlatos sob poder da Igreja Católica (GUIMARÃES, 2016, p. 39).

Cabe salientar as ações desenvolvidas por congregações católicas francesas que foram precursoras na formação de professores. O Seminário de São Carlos Lyon (1666) preparava professores e sacerdotes que estariam à frente das paróquias rurais tendo como representante dessa ação o abade Carlos Démia (1636-1689). Guimarães (2016) salienta que a Congregação Irmãos das Escolas Cristãs de São João Batista de La Salle (1651-1719) dedicou-se, a princípio, ao ensino elementar. Posteriormente, ofertou atividades que, de acordo com Guimarães (2016, p. 39) estendeu “ao ensino colegial e profissional ao fundar escolas normais para os Irmãos e para eventuais candidatos leigos a fim de formar os mestres para o ensino nas escolas da cidade e nas escolas do campo”.

Verifica-se que muitas das ações direcionadas para preparação de professores foram iniciadas desde o Renascimento e, portanto, vinculadas a ações de religiosos e ou instituições imbuídas de poder político e religioso. Somente no século XVIII haveria mudanças que permitiriam alterações significativas, uma vez que partiriam de governantes instituídos pelos Estados Nacionais num processo que se consolidaria no século XIX.

XVIII nas relações entre o governo português e a Companhia de Jesus, a educação jesuítica reinou soberana na colônia. Na verdade, o ensino no Brasil esteve, desde o início da colonização, voltado para os interesses imediatos da Coroa portuguesa e os jesuítas ocupavam um lugar de destaque nesse contexto histórico, operando a catequese dos povos indígenas”. Em relação ao ensino superior, o autor explique “Os ensinos médio e superior, ministrados pelos jesuítas, eram completamente alheios à realidade da vida na Colônia e às novas descobertas científicas e baseados no *Ratio Studiorum* (Ratio atque institutio Studiorum significa Organização e plano de estudos. Publicado em 1599 pelo padre Aquaviva, o documento contém um conjunto de regras práticas sobre a ação pedagógica, a organização administrativa e outros assuntos considerados importantes para a ação pedagógica da Companhia de Jesus” (RICCIOPPO FILHO (2007, p. 39).

Na França, as resultantes dos acontecimentos relacionados à Revolução Francesa impulsionariam mudanças significativas não só no que tange aos princípios norteadores da linha de pensamento liberal, mas também consubstanciado à necessidade de instruir as pessoas. Considerando a importância da educação para os novos rumos do meio social, essa resultante permitiu uma nova concepção de homem e preparo para a vivência no contexto social. Contudo, conforme ressalta Guimarães (2016), os acontecimentos foram gradativamente disseminados na sociedade.

A Revolução Francesa constituiu um divisor de águas, pois em cada fase revolucionária (Constituinte, Assembleia Legislativa e Convenção), projetos foram apresentados, visando a construir no país uma educação estatal de abrangência nacional. No entanto, são do terceiro período, o da Convenção (1792-1795), os primeiros trabalhos para a organização da educação pública e a institucionalização das escolas normais (GUIMARÃES, 2016, p. 42).

Guimarães (2016, p. 42) também ressalta que no início do século XIX, após o período revolucionário, a proposta de implantação do ensino público não se efetiva em decorrência das guerras napoleônicas. Mesmo após a queda do governo napoleônico nos anos 1815 e 1830, fase da Restauração, não se registra avanço na educação pública. Somente com Guizot (1787-1874) e o apoio de Victor Cousin (1792-1867) ocorreram avanços significativos. Cousin visita a Alemanha com o intuito de conhecer as ações educativas e apresenta à Guizot o molde educativo daquele estado. Guizot implantou a Lei de 1833, que permitiu a organização de escolas normais.

Guimarães (2016, p. 43) explica que em 1848 houve um retrocesso quanto ao que havia sido instituído por Guizot e, a partir de 1870, com a Terceira República, ocorreram outras reformas educacionais, as quais foram executadas por Jules Ferry que, nomeado, em 1879, iniciou, em 1880, ações expressivas para a escolarização pública da França. Desta maneira, a França constituiu um modelo de escolarização pública que foi implantada por outros países como Itália, Rússia, Suíça, Finlândia, Suécia, Espanha, Portugal, assim como as repúblicas latino-americanas que nesse contexto dos fins do século XIX criaram as escolas normais (GUIMARÃES, 2016, p. 44).

Neste aspecto, a educação passaria a ser um ponto central para se pensar a moldura desse homem que estaria imbuído de conhecimentos que contribuissem para os preceitos do Estado que visava à Modernidade. De acordo com Guimarães (2016), entende-se que a modernidade não aconteceu de maneira abrupta em um determinado seguimento da sociedade, em que se considere apenas a relação instrução e trabalho. Assim, reportar a Touraine (1994) essa proposição de Guimarães (2016) torna-se oportuna:

A Modernidade não é pura mudança, sucessão de acontecimentos; ela é difusão dos produtos da atividade racional, científica, tecnológica, administrativa. Por isso, ela implica a crescente diferenciação dos diversos setores da vida social: política, economia, vida familiar, religião, arte em particular porque a racionalidade instrumental se exerce no interior de um tipo de atividade e exclui que qualquer um deles seja organizado do exterior, isto é, em função da sua integração em uma visão geral, da sua contribuição para a realização de um projeto societal (TOURAINE, 1994, p. 17).

Para que se efetivasse essa concepção de Modernidade, eram imprescindíveis meios que alcançassem os homens, pois a partir deles seria possível consolidar as mudanças. A educação seria, então, um dos direcionamentos a ser dado para moldar os homens a partir de um sistema de instrução que passaria pelo crivo do Estado, o qual normatizaria o ato de ensinar com vistas a uma nova forma de participação na sociedade.

Ademais, o papel do Estado na educação torna-se fundamental para instrumentalizar não só os professores, mas também os aspectos estruturais, metodológicos e didáticos que fariam parte do processo de formação dos professores. Quando se pensa na parte metodológica e didática, torna-se fundamental refletir que a institucionalização do ensino foi baseada em modelos educacionais de outros países, ou seja, a formação de professores foi vinculada a parâmetros de locais que possuíam um sistema de ensino.

Na Europa, a França foi um país que impulsionou o modelo de escola para formação de professores, assim como de onde partiriam saberes que seriam difundidos para Espanha, Itália, Portugal, Brasil e demais nações da América. Nóvoa (1996, p. 418) salienta que a implantação do sistema de ensino, assim como a discussão da pedagogia e sua cientificização, perpassam pela consolidação dos Estados-Nação que colaboraram para a institucionalização da História da Educação na formação de professores.

Nóvoa (1996, p. 417) e Bastos (2009, p.165-171) detalham que Compayrè foi um dos mais citados em manuais utilizados na formação de professores em diversas partes do mundo. Neste sentido, a explicação de Növoa (1996) sobre a História da Educação como disciplina constituinte para formação de professores permite uma análise da finalidade desse ensino e ressalta uma configuração tradicional presente tanto na Europa quanto nos Estados Unidos.

Nóvoa (1996, p. 420) realizou um estudo detalhado sobre o percurso da História da Educação e verificou que “a evolução do ensino da História da Educação em Portugal segue percursos idênticos ao plano internacional, como em relação às diversas fases do seu desenvolvimento”.

O autor em questão ressalva que, no caso específico de Portugal, o ensino de História da Educação fez parte dos programas de formação de professores e também das Ciências da Educação. Contudo, a referida disciplina surge de maneira esporádica nas universidades.

Como resultado dos estudos realizados, NÓVOA (1996) explica que haveria cinco configurações elencadas nas análises da evolução da História da Educação. A primeira seria a presença de disciplina vinculada à Pedagogia e ou às Ciências da Educação que aborda algumas informações históricas. Verificou-se que esta perspectiva não possuía como finalidade uma compreensão histórica, mas estava voltada apenas para a introdução de uma reflexão “pedagógica e educacional” (NÓVOA, 1996, p. 421).

Com relação à segunda configuração, que inicia pela Antiguidade e finaliza no movimento do escolanovismo, destacaram-se as ideias de grandes educadores universais. A terceira configuração, como menciona NÓVOA (1996), torna-se de difícil definição, pois “[...] a atenção desloca-se das ideias dos grandes educadores do passado para os discursos produzidos nos diversos contextos educativos” (NÓVOA, 1996, p. 422).

Salienta o autor que, “[...] não se trata de descrever (e de interpretar) as ideias enquanto ideias, mas de compreender a construção histórica dos discursos e o modo como influenciaram certas realidades educativas” (NÓVOA, 1996, p. 422).

Para NÓVOA (1996, p. 422) a quarta configuração contrapõe às ideias pedagógicas até então presentes na História da Educação. Destaca que há duas tendências nessa configuração: uma com demarcação mais institucional, em que os fatos e as reformas educativas são recorrentes nos programas da História da Educação, e outra com enfoque sócio-histórico, em que determinados temas foram elencados para discutir a massificação do ensino e o que concerne à educação e desigualdades sociais.

A quinta configuração assemelha-se à anterior, contudo, o que a especifica seria o discurso histórico que a nortearia, enquanto a quarta configuração apresentar-se-ia de forma explícita numa perspectiva sociológica. Conforme ressalta NÓVOA (1996), essas diferentes análises refletem na maneira como o passado e o presente foi depreendido, ou seja, enquanto uma naturaliza os acontecimentos de maneira cronológica, a outra vislumbra um problema do momento presente e tenta a “reconstrução da sua genealogia histórica” (NÓVOA, 1996, p. 422).

Neste sentido, os apontamentos realizados até o momento contribuíram apenas para apreender as tentativas incipientes para implantação de um modelo de escola para formação de professores.

1.3 Consolidação dos Estados Nação: formação de professores

No início do século XVIII, a Prússia era liderada por Frederico Guilherme I, que concebia a educação como meio importante para a formação de bons súditos e soldados. Neste sentido, em 1717, Frederico Guilherme I instala um decreto que tinha como princípio a obrigatoriedade escolar no ensino elementar (GUIMARÃES, 2016, p. 40).

A ideia de um representante do pietismo Francke (1663-1727) traz à tona a inter-relação da educação com princípios de religiões. Nesse período ainda estava em processo o surgimento efetivo da consolidação dos Estados-Nação e percebe-se que, mais uma vez, a formação de mestres estaria intrínseca com a questão religiosa. Entre 1732 e 1748, foram criados os Seminários de Professores nas regiões de Stettin, Magdeburgo e Berlim, que possuíam como finalidade a preparação de professores. Neste aspecto, constata-se uma eminência do sistema público estatal prussiano em relação aos demais (GUIMARÃES, 2016, p. 40).

Na metade do século XIX, no ano de 1871, verifica-se a unificação do Império alemão, ainda no governo de Guilherme I, e que teve a figura importante de Otto Von Bismarck como liderança que elevou o referido império como potência mundial. Essa imponência que o Império alemão adquire nesse momento resulta da relevância dada à eficiência de seu sistema escolar, o qual seria modelo para outros Estados da Europa (GUIMARÃES, 2016, p. 40).

A força política, bem como a atuação de pensadores e educadores foram fundamentais para a organização do Estado, assim como a criação de exército popular e nacional fidedigno e instruído com o intuito de fortalecer o Estado. Fichte (1762-1814) foi um exemplo que demonstraria essa força educacional que permearia o Estado alemão. Esse político enfatizou a importância de uma nova educação para todos os alemães e ressaltou sua obrigatoriedade, sendo que ela deveria ser promovida pelo Estado (GUIMARÃES, 2016, p. 40).

Von Humboldt (1767-1835) foi pensador, filósofo, historiador, estadista e diplomata e efetivou uma reforma que envolveu desde a educação primária até a universitária. Criou a Universidade de Berlim, inaugurada em 1810 (GUIMARÃES, 2016, p. 41).

Mesmo com as iniciativas citadas anteriormente, no período de 1815 a 1840 houve uma morosidade quanto ao processo de desenvolvimento tanto do Estado alemão quanto com relação à educação. Isto ocorreu em virtude de entraves quanto às ideias dos pedagogos e educadores liberais, assim como de humanistas que discordavam das iniciativas das autoridades clericais, militares e do governo monárquico. Entretanto, cabe enfatizar que ao final do século XIX, ocorreu a organização do sistema educacional, instituído pelo Estado e amparado por aspectos

técnicos e administrativos, sendo que essas escolas e colégios foram modelos para a Europa (GUIMARÃES, 2016, p. 41).

1.3.1 A História da Educação na Espanha

Na Espanha, percebe-se que as primeiras escolas normais para formação de professores foram criadas em 1834 e 1857, tendo como período profícuo os anos de 1842 e 1849, em que mais se criou escolas para esse fim (COSTA RICO, 2009, p. 38). Segundo Costa Rico (2009), constava no currículo para formação de professores matérias pedagógicas como Princípios Gerais de Educação, Métodos de Ensino, Noções de Organização Escolar e, somente com a reforma curricular de Gamazo, em 1898, seria incluída a História da Pedagogia para alunos que fossem “obter grau de mestre normal”¹⁴ (COSTA RICO, 2009, p. 38). Assim, segundo o autor, seria o início da institucionalização da História da Pedagogia e ou História da Educação. Entretanto, conforme ressalta Costa Rico (2007, p. 38), em 1882 ocorreu a criação do “Museo Pedagógico Nacional” e em 1901 estabeleceu-se um curso de Pedagogia Geral que tinha como diretor Manuel B. Cossío (COSTA RICO, 2009, p. 38).

Ressalta-se que nesse curso existiam conteúdos de “carácter histórico educativo”, o que permaneceu até 1904 e que estava inserida na cátedra de “Pedagogia Superior” coordenada por Cossío no programa de doutorado da Seção de Estudos Filosóficos da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Madrid (COSTA RICO, 2009, p. 38).

De acordo com o autor, nos anos de 1932 e 1933 foram criadas, respectivamente, as seções de Pedagogia nas Universidades de Madrid e de Barcelona, nas quais permaneceram conteúdos de caráter histórico educativo (COSTA RICO, 2009, p. 38). Conforme explica Costa Rico (2009, p. 38), durante o regime político franquista as atividades acadêmicas foram “clausuradas”¹⁵. Quando da retomada das atividades acadêmicas nas escolas de magistério, constata-se que o desaparecimento da disciplina específica de História da Pedagogia e alguns de seus conteúdos passou a fazer parte dos programas gerais de Pedagogia. Somente no ano de 1944 e 1955 foram criadas seções universitárias de Pedagogia tanto nas universidades de

¹⁴ Costa Rico (2007, p. 38) explica que posteriormente este nível de ensino recebeu a denominação “grão superior”.

¹⁵ Termo utilizado pelo autor para explicar a interrupção do funcionamento das seções de Pedagogia das Universidades de Madrid e Barcelona durante o regime político franquista. Mais informações em Costa Rico, 2009, p. 38.

Madrid e de Barcelona. A partir disso, a disciplina de História da Pedagogia foi novamente inserida no programa daquelas universidades assim como também novas “Seccións de Pedagoxía creadas” na Universidade Pontifícia de Salamanca e na de Valencia em que “manténdose nestes termos a institucionalización dos estudos de HP/HE ata mediados dos pasados anos setenta” (COSTA RICO, 2009, p. 39).

De acordo com o autor, depois houve um aumento no número das seções universitárias de Pedagogia em toda Espanha, o que atingiu mais de quinze e, consequentemente, aumentou o número de docentes que ministravam a disciplina e de alunos que cursavam História da Pedagogia/História da Educação.

Costa Rico (2009) ressalta que a institucionalização da História da Pedagogia iniciou na Espanha nos fins do século XIX e apresentava-se com o objetivo de formação de professores¹⁶. Enfatiza o autor que houve atividades investigativas e destaca os textos de Cossío (1897), Lafuente (1973), Luzuriaga (1916-1917), Blanco y Sánchez (1922) e Blanco Suárez (1923). Explica também a tradução de textos e demais obras com perspectivas “psico-pedagógico” em que inclui tanto autores clássicos quanto os contemporâneos (COSTA RICO, 2009, p. 39). Costa Rico (2009, p. 41), menciona como foi o percurso da História da Educação do fim dos anos 1930 até 1970¹⁷: “a fins dos anos trinta e ata os pasados anos setenta o estudo e a difusión do coñecemento da HP/HE viuse moi minguado con respecto ao período previo, de non ser o trabalho de investigación realizado nas Seccións Universitarias de Pedagoxía”. Após, os anos setenta do século XX, período que a Espanha retoma a vida democrática, em virtude da Constituição de 1978, verifica-se, segundo Costa Rico (2009), alteração quanto ao espaço dedicado à História da Pedagogia/História da Educação. Para o autor isso permitiu também “debate epistemológico arredor das ciencias históricas, o método histórico e as ciencias sociais” (COSTA RICO, 2009, p. 42).

Neste contexto, alguns dos novos catedráticos e professores universitários de HP, conorientación reformadora e sensibilizados con debate das ciências da educación/ciência sociais (Ruiz Berrio, Escolano Benito) impulsaríanen 1979

¹⁶ Manuais foram escritos por muitos professores espanhóis, os quais também editaram livros de texto em sua maioria tituladas “Histórias de la Pedagogía” e que ocorreu sobretudo durante o “Tercio do século XX” (COSTA RICO, 2009, p. 39). Ressalta-se que de acordo com os estudos de Costa Rico (2009), na Espanha aconteceram tradução e edição de textos de História da Pedagogia/História da Educação que eram originários da Alemanha, França e dos Estados Unidos. Conforme destaca Costa Rico (2009, p. 39) mesmo que pouco expressiva, houve uma preocupação quanto à investigação histórica, “erudita e arqueoloxizante, unida a concepcións ideológicas historicistas”.

¹⁷ Neste sentido, houve um período de recuo da presença da História da Pedagogia/História da Educação e de não ser realizado um trabalho de investigação nas seções universitárias, entretanto exceta-se o papel realizado pela professora María Ángeles Galino (COSTA RICO, 2009, p. 41).

a criación da sección de “*História de la Educación*” da “Sociedad Española de Pedagogía” (COSTA RICO, 2009, p. 42).

O autor ainda enfatiza que em 1983 foi criada a Sociedade Espanhola de História da Educação, a qual colaborou para o desenvolvimento acadêmico visando o impulso científico e com isto, novas perspectivas de pesquisas.

Incorporaba ao debate historiográfico, sobre todo, baixo o influxo difuso das teses da *Escola dos Annales*, promovendo a renovación da historiografía educativa na perspectiva da história social e cultural da educación e tomando distancia, deste modo, da “tradicional” HP, côa súa vinculación á historia do pensamento filosófico e ao positivismo decimonónico (COSTA RICO, 2009, p. 42).

Este excerto de Costa Rico (2009) corrobora com Nóvoa (1996), que explica a mudança ocorrida no século XX, quando outras temáticas foram pesquisadas com nova perspectiva histórica¹⁸.

1.3.2 A História da Educação nos Estados Unidos

Nos Estados Unidos, a preocupação com a formação de professores foi impulsionada pela expansão do ensino fundamental público já na primeira metade do século XIX. Conforme ressalta Lorenz (2009, p.132), os modelos a serem instituídos em determinados estados foram embasados em experiências de outros lugares e, assim, a Prússia foi o modelo para a política de escolarização universal com a profissionalização dos professores das séries iniciais. Tornava-se imprescindível preparar os professores e, neste sentido, fazia-se necessário a criação de escolas públicas.

Lorenz (2009, p. 132) explica que “o interesse crescente na preparação dos professores resultou na criação de escolas públicas com esse objetivo”. A formação de professores e o ensino de História da Educação nos Estados Unidos podem ser analisados a partir da contribuição das pesquisas realizadas por Lorenz (2009), no período compreendido entre 1840, data do início da institucionalização da História da Educação, e 1910, que de acordo com o

¹⁸ Para elucidar essa observação de Costa Rico (2009), a preposição de NÓVOA (1996) torna-se oportuna: “Anunciava-se, assim, o fim de um conjunto de perspectivas consensuais, agrupadas em torno de uma história serial e quantitativa por oposição a uma abordagem factual, de uma história social por oposição a uma abordagem idealista” (NÓVOA, 1996, p. 425).

autor, “data aproximada em que a interpretação dos conteúdos da disciplina assumiu uma orientação mais objetiva” (LORENZ, 2009, p. 131).

Lorenz (2009) em seus estudos aponta duas proposições a considerar: “situar a história da disciplina nos cursos de formação docente em instituições de ensino superior ou relatar a natureza e a transformação dos seus conteúdos através do tempo” (LORENZ, 2009, p.131). Neste sentido, a pesquisa do autor iniciou-se em 1840, data da institucionalização da História da Educação como disciplina profissionalizante do magistério. Seguindo o movimento que ocorria na Europa, a disciplina História da Educação nos Estados Unidos também tem sua origem quando da institucionalização da formação de professores no século XIX¹⁹. Para atender à demanda de alunos, os Estados Americanos mantiveram algumas Academias. De acordo com Lorenz, (2009, p. 132) a História da Educação esteve presente nos currículos de algumas escolas de ensino médio e esteve permeada por outros ensinos como História da Civilização, sem, contudo, apresentar nenhum objetivo didático, mas apenas contribuir “para desenvolvimento sócio cultural do aluno” (BRICKMAN, 1979, p. 57 citado por LORENZ, 2009, p.132).

Em 1839, a História da Educação aparece no ensino normal da rede pública dos Estados Unidos destinada à formação de professores das séries iniciais. A preparação de professores nos Estados Unidos foi proposição realizada no ano de 1839 por Calvin Ellis Stowe (1802-1886), que apresentou à legislatura do Estado de Massachusetts um plano para criação de uma escola normal pública.

Desta maneira, no caso específico dos Estados Unidos, verifica-se que Stowe também realizou visitas com esse propósito, pois conforme documentação elaborada por ele e denominada *Normal Schools and Teachers Seminaries*, constava um programa destinado ao ensino para as escolas normais e no currículo constava o ensino da História da Educação. A ênfase dada à História da Educação foi elencada por Stowe com “o estudo dos sistemas educacionais de civilizações antigas” (LORENZ, 2009, p. 133).

Na concepção de Stowe, apresentar esse conteúdo aos alunos “poderia revelar os melhores métodos de ensino a serem adotados” e, “ao mesmo tempo, aqueles a serem evitados” (LORENZ, 2009, p. 133). O autor salienta que a proposta de Stowe foi bem sucedida em Massachusetts e, sendo que o trabalho desenvolvido pelos reformadores Horace Mann (1795-

¹⁹ Segundo Lorenz (2009, p. 132) a primeira escola para formação de professores foi a *The Columbian School*, que teria sido fundada em 1823 pelo Reverendo Samuel Hall (1795-1877), em Concord – Estado de Vermont. Salienta o autor que “não foram criadas nas primeiras décadas do século XIX instituições públicas semelhantes” (LORENZ, 2009, p.132). Verifica-se que nas décadas de 1820 e 1830, a formação de professores ficou vinculada às Academias, o que seria semelhante “às escolas de ensino médio” (LORENZ, 2009, p. 132).

1859) e James G. Carter (1795-1849) possibilitou, em julho de 1839, a implantação da primeira escola normal pública na cidade de Lexington. Em setembro de 1839, a Escola Normal de Framingham (Westfield) foi estabelecida e, no ano seguinte, ou seja, em 1840, instituiu-se a Escola Normal de Bridgewater. Cabe ressaltar que o curso da escola de Lexington correspondia a dois anos e constava em seu currículo as disciplinas:

(1) Ortografia, Leitura, Gramática, Composições e Retórica; (2) Escrita e Desenho; (3) Aritmética, Álgebra, Geometria, Contabilidade, Navegação e Agrimensura; (4) Geografia e Cronologia, Estatística e História Geral; (5) Fisiologia; (6) Filosofia Mental; (7) Música; (8) a Constituição dos Estados Unidos, a História do Estado de Massachusetts e dos Estados Unidos; (9) Astronomia; (10) História Natural; (11) Princípios Morais; e (12) a Ciência e Arte de Conhecimento (DEXTER, 1906, p. 376 citado por LORENZ, 2009, p. 133).

O exemplo dos itens supracitado (8) *Constituição dos Estados Unidos, a História do Estado de Massachusetts e dos Estados Unidos* podem ser inferidos quando NÓVOA (1996, p. 422) cita Hameline (1984): “Trata-se de uma história militante e, por isso, não espanta que seja escrita, essencialmente, pelos próprios reformadores, pelos ideólogos da instrução pública” (HAMELINE, 1984 citado por NÓVOA, 1996, p. 422).

Com relação às demais escolas normais públicas dos Estados Unidos (inclui-se as de Lexington, Framingham e Bridgewater), verifica-se que não inseriram a História da Educação em seus currículos, portanto não atenderam à proposição de Stowe quanto à relevância desse ensino (LORENZ, 2009, p. 134). Lorenz (2009 p. 134) salienta que apenas em 1876, no *Bridgewater Normal School*, “foi prevista a extensão do curso de Educação”, que incluíram diversos “assuntos, a História da Educação e ensaios sobre tópicos de Educação”. Lorenz (2009, p. 135) ressalta que apesar da proposta de Stowe não ter sido aceita naquelas escolas normais, a ideia repercutiu após décadas “em importantes instituições educacionais na segunda metade do século XIX”.

Neste sentido, Lorenz (2009) destaca que o início da História da Educação como área de estudo nas escolas normais pode ter ocorrido em 1859, no *Illinois State Normal University*²⁰.

²⁰ Em 1859, em Trenton (New Jersey), a primeira conferência da Associação Americana de Escolas Normais composta por especialistas da área, apoiaram a inserção da História da Educação e do “estudo de biografias de educadores eminentes” (LORENZ, 2009, p. 135). O autor explica que “a disciplina História da Ciência e Métodos de Educação figurou no programa do ano acadêmico de 1859 – 1860”. Lorenz (2009, p.134) explica que as demais assembleias estaduais seguiram o modelo de Massachusetts e, por conseguinte em 1860, diversas escolas normais foram fundadas. Cabe destacar a de New York (1844), Connecticut (1849), Michigan (1850), Rhode Island (1852), Nova Jersey (1855), Missouri e Illinois (1857), Pennsylvania e Minnesota (1859), California (1862) e Texas (1879). Desta maneira, em 1875 existiam 70 escolas públicas e em 1885 já comportavam 103, número este que foi ultrapassado em 1902 – quando constavam 143 escolas normais.

Em relação à História da Educação, Lorenz (2009, p. 135) destaca que em 1860 outras escolas normais públicas incluíram a referida disciplina em seus currículos e, portanto, ela estava inserida nos programas de instituições nos “Estados de Minnesota, Michigan, New York, Kansas e Maryland”, obtendo cada vez mais espaço nos anos seguintes (LORENZ, 2009, p. 135).

Lorenz (2009) explica que em 1866, na reunião anual da *National Teacher's Association*, ocorreu a sessão para inclusão da História da Educação nos programas de formação de professores do ensino fundamental. Ademais, em 1884, assuntos correlatos à História da Educação ampliaram sua presença em grupo de pesquisadores interessados em estudos da Alemanha e, com isto, organizaram a Associação Americana de História (*American Historical Association*). O autor enfatiza que o interesse desse grupo de pesquisadores estava relacionado ao “direcionamento do racionalismo germânico à história da Educação nos Estados Unidos” (LORENZ, 2009, p. 135). Ressalta, ainda, que a disciplina História da Educação obteve espaço significativo em virtude também do surgimento “de organizações profissionais nas décadas de 1960 e 1970”.

Em 1889, o pedagogo Samuel G. Willians (1827-1900) estava presente em reunião da *National Educational Association* e destacou a relevância do estudo de História da Educação para formação de professores do ensino fundamental e médio, indicando que “o seu estudo poderia resultar num entendimento das práticas docentes do ponto de vista histórico e cultural” (WILLIAMS, 1889 citado por LORENZ, 2009 p. 135).

Lorenz (2009, p. 134) menciona que levantamento realizado por R. H. Stoutmeyer, em 1918, apontou que “102 escolas normais subvencionadas pelas prefeituras e pelos estados” ofereciam cursos de formação de professores primários com dois anos de duração e que constava nos currículos vinte disciplinas, dentre essas a História da Educação era referendada em 91% dos currículos.

Lorenz (2009) explica que em relatórios elaborados por Ruediger (1907) e Robbins (1915), num total de 179 escolas normais existentes entre 1895 e 1913, “a História da Educação foi a mais presente no rol das disciplinas” (LORENZ, 2009, p. 136).

Diante do exposto até o momento, salienta-se que a História da Educação esteve vinculada à formação de professores e, desta maneira, o percurso dessa disciplina deve ser apreendido enquanto saber histórico não meramente laudatório e factual, mas sob a dimensão de um saber que questiona, apreende e constrói um passado a partir de questões contidas no momento presente.

1.3.3 História da Educação em Portugal

Nóvoa (1994) explica que em Portugal a História da Educação apresentou percursos idênticos ao que ocorreu em âmbito internacional, principalmente o que concerne à institucionalização e desenvolvimento da disciplina.

O autor salienta que a presença da disciplina História da Educação nas universidades de Portugal ocorreu de maneira dispersa e ressalta que três fases podem ser elencadas nos seguintes períodos: I República, Estado Novo e a que compreende os anos de 1970.

A primeira fase, génesis e apogeu, estende-se até ao final da I República; a segunda fase abrange, no essencial, o período do Estado Novo, e é marcada (contrariamente ao que se passa no estrangeiro) por uma espécie de legitimação universitária do ensino da História da Educação; a terceira fase encerra contradições idênticas às dos outros países e prolonga-se dos anos 70 até ao presente (NÓVOA, 1994, p. 41).

Para o autor, no decorrer do século XIX foram realizadas tentativas para implantação do ensino normal primário no país, que se concretizou na Escola Normal Primária de Marvila, cujo público-alvo era do sexo masculino (1866-1881). De acordo com o autor, “pela primeira vez, se ensinaram alguns rudimentos de história da educação” (NÓVOA, 1994, p. 41).

O autor ressalta que a disciplina não era autônoma, mas continha apenas “apontamentos de introdução de disciplina denominada Pedagogia prática, legislação e administração do ensino” (NÓVOA, 1994, p. 42). Para ele, foi em 1878, com a reforma Rodrigues Sampaio, que ocorreram significativas mudanças na preparação de professores. Nóvoa (1994, p. 42) destaca que a inserção do novo plano de ensino (1881) possibilitou a criação da Cadeira de “Pedagogia, metodologia e Legislação relativa às escolas primárias” que não restringia apenas a legislação reformadora do século XIX, mas sim inseriram a história da Pedagogia e a história da Instrução Nacional.

Nóvoa (1994) enfatiza que a História da Pedagogia e História da Instrução Nacional apresentam duas tradições que marcaram a História da Educação no século XX, ou seja, “um ensino centrado nas ideias pedagógicas, sobretudo dos grandes educadores universais; e um ensino organizado em torno dos factos educativos, tendo como referência as principais reformas legislativas a nível nacional” (NÓVOA, 1994, p. 42). Para o autor, a publicação de manuais que foram disponibilizados no ensino da História da Educação apresenta temas históricos relacionados aos dispersos no âmbito da História da Pedagogia e História da Instrução Nacional

em Portugal²¹. Em relação aos anos iniciais da I República, Nóvoa (1994) explica o quanto a História da Educação apresentou-se como incerta em relação à reestruturação do ensino normal primário. Para o autor em referência, “os anos iniciais da I República são bastante confusos no que diz respeito à reestruturação do ensino normal primário, pois coexistem durante algum tempo diferentes cursos e planos de estudo” (NÓVOA, 1994, p. 44). Somente em 1919 a História da Educação apareceu como disciplina autônoma num curso de formação de professores do ensino primário, que o difere do que aconteceu no ensino secundário, que apresentava certo prestígio desde 1901-1902²². Desta maneira, Nóvoa (1994) explica que, de 1860 a 1930, a disciplina foi relevante para o processo de consolidação do sistema de educação no país. Menciona que, “no caso português, é menos visível a função da História da Educação no desenvolvimento da ciência pedagógica, o que se explica, sem dúvida, pela fragilidade da reflexão teórica e conceptual na área da educação” (NÓVOA, 1994, p. 45). O autor ressalta que, a partir de 1926, com os governos da Ditadura, existiu proposta de alterações no currículo da formação de professores e isto afeta a História da Educação.

Nas palavras do autor, “entra numa fase descendente”²³ (NÓVOA, 1994, p. 46). Neste sentido, desde meados do século XIX existia a necessidade de cursos para a formação de professores do ensino secundário nos quais constava no currículo a disciplina de História da Pedagogia²⁴. Nóvoa (1994, p. 48) ainda ressalta que a formação de professores do ensino secundário esteve presente durante a I República. Explica o autor que “A formação dos

²¹ Nóvoa (1994, p. 43) destaca os manuais *Resumo da História da Pedagogia* (1881), de Francisco A. Amaral Cirne, e *Apontamentos para a História da Pedagogia* (1883), de José Maria da Graça Afreixo, e salienta que anteriormente, outras obras haviam sido publicadas como a de D. António da Costa (1870, 1871). Contudo, não poderia ser designada como manual se tratada na “acepção estrita do termo”. Explica o autor que, a referida obra apresentou significativa importância “na escrita da História da Educação até as primeiras décadas do século XX” (NÓVOA, 1994, p. 43).

²² Nóvoa (1994, p. 44), menciona que “o currículo de 1919 incluía duas disciplinas de âmbito histórico: Pedagogia Geral e História da Educação e História da Instrução Popular em Portugal”. O autor destaca o manual de Alberto Pimentel Filho (1919) como “uma boa ilustração do conteúdo das Lições de Pedagogia Geral e de História da Educação”. Salienta, também, neste contexto da I República, a obra de Sílvio Pélico Filho (1923) que, segundo Nóvoa (1994) evidencia a característica da historiografia daquele contexto que “permite visualizar o tipo de ensino que era fornecido no âmbito desta disciplina; o seu interesse principal reside, todavia, no facto de constituir um bom exemplo dos cânones historiográficos republicanos, e no esforço para articular, na esteira dos autores franceses da época, a História da Educação com a História da Civilização” (NÓVOA, 1994, p. 45).

²³ Nóvoa (1994, p. 46) explica que em 1936, ocorre o declínio do ensino normal primário, uma vez que, “atinge um nível tal que o Estado Novo decreta o que tinha vindo a preparar: o encerramento das escolas do magistério primário”.

²⁴ O referido autor descreve que a disciplina História da Pedagogia apresentava “duas grandes rubricas”, que era assim disposta: a primeira com História da Pedagogia, que reporta à análise das ideias dos principais educadores (da Antiguidade ao período Contemporâneo e com influência de textos franceses). A segunda rubrica – Metodologia do ensino secundário que estava mais “próxima das perspectivas americanas (e, num certo sentido alemãs)” que, de acordo com Nóvoa (1994), fornecia aos professores “os instrumentos que lhes permitam identificar os métodos que resultaram ou que fracassaram no passado” (NÓVOA, 1994, p. 46-47).

professores do ensino secundário é uma constante da I República, como se demonstra pela criação em 1911, segundo o modelo francês, das Escolas Normais Superiores". Salienta ainda que, devido à impossibilidade de fazê-las funcionar de maneira imediata, algumas ações provisórias foram realizadas, como, por exemplo, "a criação na Universidade de Coimbra das Cadeiras de Pedagogia, História da Pedagogia e Metodologia Geral" (NÓVOA, 1994, p. 48).

Ainda, de acordo com Nóvoa (1994), as aulas das Escolas Normais Superiores das Universidades de Coimbra e de Lisboa funcionaram em 1915-1916, e a disciplina de História da Pedagogia constava no plano de estudos²⁵. Nóvoa (1994) ressalta o papel das universidades portuguesas que propiciaram espaço para o ensino História da Educação e destaca que, durante o período em que essa matéria não esteve presente nos programas de formação dos professores primários que aconteceu em decorrência do não funcionamento dessas escolas, as universidades de Portugal ofertaram a História da Educação, Organização e Administração Escolares²⁶ (NÓVOA, 1994, p. 50). O referido autor menciona nomes como o de Joaquim de Carvalho e de Delfim Santos, que adotaram "uma matriz bastante tradicional", o que de certa forma seguiu o que estava presente em manuais do início do século XX e evidencia "Apontamentos da História da Educação"²⁷ (NÓVOA, 1994, p. 51). Os conteúdos dispostos apontam para perspectiva em que era concebida uma atenção à Antiguidade e à Idade Média e, portanto, não existiu qualquer abordagem de temas posteriores ao século XVI, e "para além de serem feitas

²⁵ De acordo com Nóvoa (1994), um dos nomes que estava à frente deste ensino foi o de Joaquim Ferreira Gomes e a Cadeira permaneceu nas Escolas Normais Superiores até 1930, o que de certa maneira focou mais detidamente na história das ideias pedagógicas, pois havia outras disciplinas autônomas como a de Metodologia e de Organização e Legislação Comparada. Destaca o nome de José Maria Queirós Veloso, que foi diretor da Faculdade de Letras no período de 1911 e 1929, e também o de Joaquim Carvalho, ambos, considerados intelectuais portugueses de destaque na primeira metade do século XX. Destaca que em 1942, quando houve a reabertura das Escolas do Magistério Primário, não existiu abordagem histórica da educação. Segundo o autor, até mesmo no programa de Pedagogia e Didática Geral não constava "nem sequer como rubrica do programa" (NÓVOA, 1994, p. 48-49). Explica ainda que, somente em 1960, quando aconteceu alteração do plano de estudos das Escolas do Magistério Primário, foi possível conseguir algum espaço para perspectivas históricas na recente disciplina de Pedagogia, Didática Geral e História da Educação. Ressalta o livro de autoria de Maria Alice Guimarães, que logo no início da obra faz "apontamentos de lições" que colaboraram a favor das "abordagens históricas nos programas de formação de professores" (NÓVOA, 1994, p. 49). Segundo Nóvoa (1994), as menções históricas realizadas pela autora Maria Alice Guimarães tiveram intuito de colaborar para a formação de professores e apresentam-se como ideias que foram disseminadas nos manuais de História da Educação até meados do século XX.

²⁶ De acordo com Nóvoa (1994) a História da Educação, Organização e Administração Escolares fazia parte das "cinco disciplinas do Curso de Ciências Pedagógicas, que substituiu, a partir de 1930, as Escolas Normais Superiores". Segundo Nóvoa (1994, p.50), "Durante mais de quatro décadas, a cadeira é leccionada nas Universidades portuguesas, sob a responsabilidade de alguns professores de renome".

²⁷ Para NÓVOA (1994) tratava-se de discussões que eram dispostos desde "A educação na Grécia; A educação em Roma; O cristianismo e a constituição de novo ideal educativo e de novas instituições docentes; A educação na Alta Idade Média; A educação na Baixa Idade Média; O humanismo e a educação; A reforma protestante e o ensino; A contra-reforma e a educação" (NÓVOA, 1994, p. 51).

apenas referências muito pontuais à realidade portuguesa” (NÓVOA, 1994, p. 51). De acordo com Nóvoa (1994), nos anos de 1967-1968 ocorreram algumas mudanças quanto à orientação curricular da disciplina História da Educação, pois Joaquim Ferreira Gomes, quando esteve na direção da referida Cadeira, a evidenciou com uma “nova perspectiva histórico-educativa” (NÓVOA, 1994, p. 52). Neste sentido, segundo o autor em referência, houve uma atenção para os pedagogos e a questão da realidade portuguesa, assim como a evidência da Contemporaneidade²⁸. Nóvoa (1994) denominou os anos de 1970 como a terceira fase do ensino de História da Educação em Portugal. Explica que, apesar, da disciplina não fazer parte do currículo de formação dos professores das Faculdades de Ciências Pedagógicas, a Universidade de Coimbra e o Instituto Nacional de Educação Física continuaram a ofertá-la²⁹. Assim, NÓVOA (1994, p. 54) cita que isto foi possível, pois ela constava “nos vários planos de estudo uma disciplina de âmbito histórico”. Menciona também que ocorreu o desaparecimento do referido ensino nos planos de estudos das novas Escolas do Magistério Primário. O autor ressalta que a História da Educação foi posteriormente inserida nos programas de formação de professores³⁰. Isto ocorreu tanto no ensino primário e secundário e, posteriormente, em diversos planos de estudos de licenciaturas, bem como no Mestrado em Ciências da Educação. NÓVOA (1994) menciona que no final dos anos 70 do século XX, nas Escolas Superiores de Educação de

²⁸ NÓVOA (1994, p.52) indica os sumários das lições da cadeira de História da Educação, entre 1962 e 1974, disponíveis no Arquivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Para NÓVOA (1994), em Lisboa houve um programa de ensino História da Educação, bem idêntico ao encontrado em Coimbra, principalmente o que refere a abordagem predominantemente, focada nas ideias pedagógicas que nas instituições. “A cronologia referendada consta conteúdos programáticos até ao século XVI, mas que, encontra-se também, em Lisboa, temáticas do século XVIII em que considere as novas intenções pedagógicas que, para NÓVOA (1994, p. 52) segue “[...] para além de vários pedagogos do século XIX e XX” (Herbart, Froebel, Ellen Key, Decroly, Kershensteiner, Dewey e Montessori, entre outros)”.

²⁹ Desde 1940 o ensino de História da Educação ocupou lugar relevante no Instituto Nacional de Educação Física. Inicialmente, presente com a disciplina Pedagogia Geral e, posteriormente com a de Ética onde de acordo com NÓVOA (1994, p.53) “a História da Educação Física automizou-se como disciplina sob a regência, primeiro de Mário Gonçalves Viana e, por conseguinte, de Albano Estrela”. Ressalta que, anteriormente, a disciplina estava sob a regência de Celestino Marques Pereira. NÓVOA (1994, p.52) destaca nos anos de 1960 as “inovações pedagógicas” que ocorrem no Instituto Nacional de Educação Física. De acordo com os estudos realizados por NÓVOA (1994, p.54) o Curso de Ciências Pedagógicas não teria sido extinguido e que, em Universidade do Porto os professores Rafael Ávila de Azevedo (1978) e Francisco Fortunato Queirós (1984) realizaram provas acadêmicas para a área da História da Educação.

³⁰ NÓVOA (1994) explica que no programa de Pedagogia das Escolas do Magistério Primário, a disciplina foi inserida em 1977 e que o esquema de estudos apresentou-se com duas divisões: um destinado à História da Educação e Teorias Pedagógicas e outro à Sociologia da Educação e Dinâmica de Grupos. O que de acordo com o autor “segue uma estrutura tradicional com uma introdução geral à área das Ciências da Educação (objecto da disciplina de Pedagogia e quadro geral das Ciências da Educação)”. Assim, apresenta “descrição dos fenômenos educativos desde a Antiguidade até o século XVII (1º ano) e desde o século XVIII até ao presente (2º ano)”. Ainda segundo o autor, “Até ao século XX, os conteúdos programáticos organizam-se cronologicamente, repetindo os manuais publicados desde finais do século XIX”. A parte mais interessante é o apelo a uma reflexão, sem dúvida mais “pedagógica” do que “histórica”, sobre o século XX: o movimento da Escola Nova, os sistemas de individualização do ensino, a escola centrada na criança e a tendência social em pedagogia (NÓVOA, 1994, p. 55).

Portugal, houve uma diversificação dos aspectos curriculares e programáticos do ensino de História da Educação. Destaca que, após 1976-1977, foram inseridas novas disciplinas. Segundo o autor, houve a “manutenção do ensino da História da Educação na Universidade de Coimbra e no Instituto Superior de Educação Física de Lisboa”³¹ (NÓVOA, p. 1994, p. 55). O referido autor explica que nas universidades “antigas” foi aberta a cadeira de História e Filosofia da Educação³². O autor enfatiza que “continuou-se a docência de uma cadeira optativa de História da Educação, com alguns hiatos, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto” (NÓVOA, 1994, p. 56). Em relação às universidades “novas”, o autor detalha as demais disciplinas inseridas no decorrer dos anos de 1970³³ (NÓVOA, 1994, p. 56). Com relação ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada, o autor em referência destaca que a disciplina ministrada foi de História e Filosofia da Educação (NÓVOA, 1994, p. 56) e ressalta que as denominações das Cadeiras dispostas na Universidade de Portugal proporcionam novas interpretações “de linhas de desenvolvimento abertas nos anos 80”, o que segundo Nóvoa (1994, p. 56) foi importante para consolidação da disciplina³⁴. Esta proposição de Nóvoa está em consonância com Felgueiras (2008) e Fernandes (2009), e colabora para apreender que a perspectiva de novos temas para a História da Educação em Portugal foi possível após o Estado Novo. Desta maneira, houve o que Fernandes (2009, p. 236) define como “reconstrução dos factos educacionais”. Ademais, Fernandes (2009, p. 235), assim como Felgueiras (2008, p. 499), contribuem com a possibilidade de apreender a História da Educação a partir dos conteúdos inseridos e ou excluídos do currículo escolar.

Fernandes (2009) explica que a reflexão sobre a análise inclui entender o currículo não de maneira isolada como simples aglomerado de disciplinas e ou plano de estudo, mas relacioná-lo com o sistema educativo e apreendê-lo também no âmbito da instituição que o

³¹ Segundo os estudos elencados por Nóvoa (1994), no início dos anos 1980, a cadeira foi ministrada em programas variados de profissionalização, assim como de formação em serviço e de formação continuada de professores.

³² De acordo com Nóvoa (1994, p. 56) essa disciplina consta no Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

³³ Conforme Nóvoa (1994, p. 56) as universidades novas são as de Aveiro, Évora, do Minho, de Trás-os-Montes e Alto Douro. Em relação às disciplinas inseridas, explica que a Universidade de Aveiro incluiu: Evolução dos Sistemas Educativos, Correntes Pedagógicas Contemporâneas, História da Pedagogia em Portugal. Outras universidades mencionadas pelo autor são a de Évora, que integrou as disciplinas História da Pedagogia e da Educação; do Minho, com o ensino de Correntes Contemporâneas da Pedagogia, Temas da História da Educação, História do Pensamento Educacional e de Trás-os-Montes e Alto Douro.

³⁴ Segundo Nóvoa (1994) o trabalho da “primeira geração” contemporânea das Ciências da Educação nas Universidades portuguesas foram os professores: José Ribeiro Dias (Minho), Albano Estrela (Lisboa), Joaquim Ferreira Gomes (Coimbra), João Evangelista Loureiro (Minho e Aveiro), Manuel Ferreira Patrício (Évora) e Felipe Rocha (Aveiro), que contribuíram para consolidação curricular da disciplina História da Educação. Destaca que, nas Universidades o ensino de História da Educação foi bem melhor que nas Escolas Superiores de Educação (NÓVOA, 1994, p. 56).

desenvolve em sala de aula. Desta forma, a História da Educação não ficaria apresentada na observação dos fatos, mas sim na elaboração de problemas e, portanto, não apenas descritiva e “história-crónica”, ou seja, existiria um novo entendimento em que “[...] a História da Educação tornou ciência explicativa e não simplesmente descritiva” (FERNANDES, 2009, p. 236).

Outro fator importante que Fernandes (2009, p. 240) aponta é o entendimento de determinadas disciplinas serem inseridas no currículo e outras não serem selecionadas para integrá-lo³⁵. O autor enfatiza que o currículo é um “artefacto social”, “uma construção humana num quadro sócio-histórico de finalidade. Ele próprio forma uma cultura, subentende um modelo antropológico e contribui por isso, um dever-se” (FERNANDES, 2009, p. 240). Para além dessas observações, o autor elenca as práticas, assim como meios e materiais didáticos que compõem o currículo e podem ser discorridos no ensino História da Educação. “Em ordem à construção desses traços estruturais da actividade curricular, dispomos de um conjunto de ego-documentos que tornam particularmente rica a agenda de investigação” (FERNANDES, 2009, p. 241). Destaca também o livro escolar como fonte em que insere “valores, saberes na disseminação de conhecimentos” (FERNANDES, 2009, p. 241). O autor amplia a abordagem para o estudo do ensino de História da Educação em que não o define apenas como disciplina de formação profissional, mas também de formação do próprio saber histórico. Assim, o autor destaca que “[...] na realidade, a história da educação permite-nos fazer uma leitura crítica do próprio terreno de que é parte integrante” (FERNANDES, 2009, p. 241).

Após esses breves apontamentos realizados sobre a institucionalização do ensino de História da Educação e a formação de professores em Portugal, serão discutidos esses aspectos no Brasil e, posteriormente, em Minas Gerais.

³⁵ Fernandes (2009) enfatiza que o currículo formal e ou oficial seria um “conjunto sistemático” de atividades que devem ser cumpridas e, portanto, obrigatórias. Contudo, explica da existência do currículo oculto, no qual atividades não estabelecidas no intitulado currículo oficial se circunscrevem em sala de aula. O autor ainda detalha o currículo não oficial, que é aquele desenvolvido por professores e alunos no âmbito de sala de aula, sem, contudo, estar inserido nos conteúdos obrigatórios e, portanto, oficializados. Assim, o currículo oculto seria executado pelos envolvidos no processo educacional (professores, alunos e ou instituição). “Este currículo formal é marginado pelo designado currículo oculto, as atividades não-previstas no currículo oficial que os alunos ou os próprios professores desencadeiam na sala-de-aula, as quais tornam mais complexas as atividades de natureza educativa. A definição pré-activa do currículo está longe, portanto, de cobrir todas as realidades da sala-de-aula” (FERNANDES, 2009, p. 241).

1.4. A formação de professores e a História da Educação no Brasil e Minas Gerais

Em 1835, ocorreu a criação da primeira escola normal, na província do Rio de Janeiro, porém esteve pouco tempo em funcionamento e em 1849 ocorre o seu fechamento³⁶. Tanuri (2000, p. 65) salienta que em relação ao currículo essa escola normal baseava-se no método lancasteriano. Contudo, apresentava poucos professores e limitada formação didática. Além disso, continha um currículo que para Tanuri (2000, p. 65) era definido como “rudimentar³⁷”. Ademais, soma-se a esses percalços a infraestrutura que era precária. A Reforma de Leônio Carvalho, que ocorreu em 1879, propiciou alteração no currículo da escola normal tornando-o mais complexo, com inserção de outras disciplinas como História Universal e História, assim como Geografia do Brasil, sem, porém, apresentar a História da Educação (TANURI, 2000, p. 67).

No transcurso da Primeira República ocorreu o processo de racionalização, planejamento e cientificação nos moldes preconizados pelos princípios republicanos, o que possibilitou a expansão da instrução, principalmente em decorrência da disseminação dos grupos escolares na região sudeste. Tanuri (2000) destaca que na década de 1920, a História da Educação surgiu no currículo da escola normal³⁸. Em 1932, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, Anísio Teixeira realizou a reforma da escola normal e esta foi transformada em Instituto de Educação, o qual teve as Escolas de Professores, Escola Secundária, Escola Primária e Jardim de Infância. Salienta-se que no ano supracitado, o Manifesto dos Pioneiros

³⁶ A Constituinte de 1834 conferiu às Assembleias Legislativas de cada Província, a responsabilidade para institucionalização e provimento da instrução pública. O modelo que as escolas normais possuíram foi o europeu, mais especificamente o francês. Saviani (2009, p. 143) explica que “[...] no Brasil a questão do preparo de professores emerge de forma explícita após a independência, quando se cogita da organização da instrução popular”. O Ato Institucional de 1834 estabelece a responsabilidade das províncias para com o ensino elementar e ensino primário e, ainda de acordo com Saviani (2009, p.143), foi nesse momento que se verificou a importância de articular a parte pedagógica com a circunstância emergente quanto às mudanças que aconteciam na sociedade.

³⁷ De acordo com Tanuri (2000, p. 65), “o currículo era bastante rudimentar, não ultrapassando o nível e o conteúdo dos estudos primários, acrescido de rudimentar formação pedagógica, estava limitada a uma única disciplina (Pedagogia ou Métodos de Ensino) e de caráter essencialmente prescritivo”.

³⁸ Segundo Tanuri (2000, p. 68-69), esse ensino estava organizado em dois ciclos sendo “o primeiro de três anos (propedêutico) e o segundo em dois anos” (profissional). Cabe ressaltar que o ciclo profissional continha característica do movimento escolanovista. Assim, os conteúdos anteriores eram: Pedagogia, Psicologia e Didática; e os inseridos foram: História da Educação, Sociologia, Biologia e Higiene, Desenhos e Trabalhos Manuais. Em relação ao ensino superior, verifica-se o Estatuto das Universidades de 1931, que proporcionaria a difusão desse nível de ensino pela Faculdade de Educação, Ciência e Letras. Entretanto, isto não se efetivou naquele momento. Neste sentido, para a autora houve uma nova configuração da escola no Brasil, na qual o conhecimento pedagógico estaria enfatizado com um caráter científico.

da Educação era uma reivindicação para mudanças na educação brasileira³⁹. Em 1933, a escola normal de São Paulo que, seria modelo para diversas outras do interior do estado, bem como para outras regiões do Brasil, foi implementada por Fernando de Azevedo⁴⁰. O curso de Pedagogia surgiria somente em 1939, na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, situada no Distrito Federal, apresentando-se com outro modelo de formação de professores⁴¹. Cabe destacar que em 1946 foi promulgado o Decreto-Lei nº 8.530, de 2 de janeiro do mesmo ano, o qual dispôs sobre a Lei Orgânica do Ensino Normal. No capítulo I, a respeito “Das Finalidades do Ensino Normal”, o artigo 1º menciona os seguintes objetivos.

O ensino normal, ramo de ensino do segundo grau, tem as seguintes finalidades: 1. Prover à formação do pessoal docente necessário às escolas primárias. 2. Habilitar administradores escolares destinados às mesmas escolas. 3. Desenvolver e propagar os conhecimentos e técnicas relativas à educação da infância” (BRASIL, 1946).

O Decreto-Lei nº 8.530 dispôs também sobre as disciplinas que seriam ministradas na referida modalidade de curso. Desta maneira, no artigo 8º do capítulo II, “Do curso de formação de professores primários”, temos as disciplinas ministradas nas três séries anuais:

Primeira série: 1) Português. 2) Matemática. 3) Física e química. 4) Anatomia e fisiologia humanas. 5) Música e canto. 6) Desenho e artes aplicadas. 7) Educação física, recreação, e jogos. Segunda série: 1) Biologia educacional. 2) Psicologia educacional. 3) Higiene e educação sanitária. 4) Metodologia do ensino primário. 5) Desenho e artes aplicadas. 6) Música e canto. 7) Educação física, recreação e jogos. Terceira série: 1) Psicologia educacional. 2) Sociologia educacional. 3) História e filosofia da educação. 4) Higiene e puericultura. 5) Metodologia do ensino primário. 6) Desenho e artes aplicadas. 7) Música e canto. 8) Prática do ensino. 9) Educação Física, recreação e jogos (BRASIL, 1946).

³⁹ Para maiores informações sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação, ler Ghiraldelli Jr. (1994, p. 54-78).

⁴⁰ De acordo com Tanuri (2000), em 1934, com a criação da Universidade de São Paulo, a Escola de Professores foi incorpora ao Instituto de Educação, cuja finalidade era de formação pedagógica dos alunos da Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras. No ano de 1935, a Escola de Professores foi inserida à recém-criada Universidade do Distrito Federal (UDF), o que porém, não perdurou por muito tempo, pois em 1939, houve a extinção da UDF e a Escola de Professores foi novamente inserida ao Instituto de Educação (TANURI, 2000, p. 73). Entretanto, há semelhança do que ocorreu no Rio de Janeiro (1939) quando houve a desvinculação do Instituto de Educação (1938), o qual passou à Seção de Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, apresentando-se a disposição das seguintes disciplinas: 1^a Seção – Educação: Psicologia; Pedagogia; Prática de Ensino; História da Educação; 2^a Seção – Biologia Aplicada à Educação: Fisiologia e Higiene da Criança; Estudo do Crescimento da Criança; Higiene da Escola; 3^a Seção – Sociologia: Fundamento da Sociologia; Sociologia Educacional; Investigações Sociais em nosso meio (TANURI, 2000, p.73-74).

⁴¹ Desta maneira, a formação ocorreria nos três primeiros anos que seriam compostos por conteúdos de fundamentos da educação. Haveria, portanto, técnicos em educação, conferidos como bacharéis, e para os que fizessem o quarto ano (composto por estudos didáticos) poderiam atuar como docentes nos cursos normais licenciados.

No excerto acima, verifica-se que o ensino da História e Filosofia da Educação fazia parte da formação docente. Assim, os dispositivos legais e normativos são importantes para análise e reflexão de possíveis disciplinas disponibilizadas nos currículos e também na prática pedagógica em sala de aula. Ademais, deve-se considerar as iniciativas de ampliação da oferta de educação que podem ter proporcionado um aumento na formação de docentes. Nesta direção, destaca-se o processo de expansão da educação que obteve um resultado favorável nos anos de 1950, principalmente em decorrência das iniciativas empenhadas por Anísio Teixeira no que se refere às ações do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (1952)⁴². Na década de 1960, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1961), poucas alterações aconteceram na Escola Normal. Contudo, no que referem às ações do Conselho Federal de Educação (Pareceres 251/62 e 22/69), notam-se mudanças no curso de Pedagogia que ressaltavam como se formaria o professor primário, assim como os técnicos e professores da Escola Normal, uma vez que esses deveriam ter incluído em seus currículos metodologia e práticas de ensino específicas.

A Escola Normal passaria por outra alteração na década de 1970, com a implantação da Lei nº 5692/71, que instituiu a obrigatoriedade da profissionalização no ensino de segundo grau⁴³. Entende-se que a Lei nº 5692/71 foi o aparato norteador do preparo docente no respectivo período⁴⁴. A partir da contextualização histórica de Tanuri (2000) sobre a formação de professores, verifica-se que no percurso de institucionalização da escolarização no Brasil, diversos processos de inclusão de metodologias e organização para o ensino foram implementados⁴⁵. Assim, também percebe-se a inserção do ensino de História da Educação em

⁴² Tanuri (2000) explica a criação dos diversos Centros Regionais de Pesquisas Educacionais que estiveram presentes em Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo, Pernambuco e Salvador.

⁴³ Tanuri (2000, p. 80) salienta que, assim, haveria também a mudança das escolas normais de nível colegial e isto se daria a partir da Habilitação Específica para o Magistério - HEM, o que, por conseguinte, extinguiu as escolas normais de nível ginásial e os institutos de educação. Nesse sentido, tanto a formação de especialistas quanto de professores para o curso de magistério seria apenas realizada pelos cursos de Pedagogia. Para Tanuri (2000, p. 80), “a nova Lei adotava, pela primeira vez, um esquema integrado, flexível e progressivo de formação de professores”.

⁴⁴ Ghiraldelli Jr. (1994b) analisa os objetivos fins da Lei 5.692/71 e a Lei 7.044/82, em que considera as imbricações das ações políticas educacionais no contexto da ditadura no Brasil. O autor traduz a frase contida na primeira Lei como “preparação para o trabalho” enquanto a segunda Lei apresenta-se como “qualificação para o trabalho” o que na concepção de Ghiraldelli Jr. (1994, p. 183) fez com que “o 2º grau se livrou da profissionalização obrigatória, mas, após tantos estragos, ficou sem características próprias”.

⁴⁵ Sobre essa informação de Tanuri (2000), torna-se necessário reportar também a Nunes (1996, p. 68), que salienta que obras de diversas nacionalidades foram traduzidas e publicadas no período compreendido entre 1889 e 1990. A autora menciona que são 28 obras referenciadas tanto da História da Educação quanto História da Educação Brasileira. Explica que sete “são traduções de obras francesas, norte-americanas, italianas e argentinas”. Menciona novos títulos como Dr. Bento C. Freitas, *Evolução histórica do ensino no Brasil (1752-1930)*; Hélio Vianna, *Synthese de uma história da educação no Brasil*, dentre outras. Além disso, a autora salienta, sobretudo, o papel desenvolvido por editoras que publicaram os manuais e que tinham a participação de órgãos e instâncias

materiais didáticos que seriam disponibilizados para habilitar os futuros docentes⁴⁶. Depreende-se que conforme proposições realizadas por autores como Tanuri (2000); Warde e Carvalho (2000); Gondra (1996); Nunes (1996), o ensino da História da Educação apresentou tendências e ou vertentes que fizeram parte da historiografia da educação e que durante muito tempo, no Brasil, fizeram parte da formação de docentes.

Para colaborar com essa assertiva, estudos de Monarcha (2007) explicam que no Brasil, entre 1930 e 1950, a História da Educação foi identificada como “Estudos históricos em Educação” (MONARCHA, 2007, p. 54). Assim, destacam o percurso educacional em contextos da Colônia, Império e República, em que foram instituídos assuntos correlacionados à história da educação geral e também do Brasil. De acordo com o autor, isto aconteceu tanto na Escola Normal quanto nos institutos de educação e faculdades de filosofia⁴⁷. O autor ainda ressalta que os manuais disciplinares configuravam de forma semelhante, pois existiu uma “evolução da educação” que iniciava desde “educação na Antiguidade Clássica, Idade Média cristã, Idade Moderna renascentista e Idade Contemporânea laica e científica” (MONARCHA, 2007, p. 54).

Cabe ressaltar que, segundo Monarcha (2007), nos períodos referentes à Modernidade e Contemporaneidade, existia ênfase sobre a formação dos Estados nacionais europeus bem como dos seus sistemas de educação⁴⁸. O referido autor destaca, ainda, o papel da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP), no período de 1950 e 1960, que colaborou para o desenvolvimento da História da Educação⁴⁹. Especificamente

governamentais que “traçaram um percurso para a política do livro didático no país” (NUNES, 1996, p. 68). Para maiores informações ler Nunes (1996).

⁴⁶ Cabe enfatizar que apontamentos realizados por Gondra (1996) contribuem para apreender não só as questões inerentes à escrita da História da Educação, mas, também, como os aspectos teórico-metodológicos elencados pelo autor proporcionam reflexões sobre a institucionalização do ensino da História da Educação no Brasil.

⁴⁷ Monarcha (2007, p. 54) salienta que foi neste período que surgiram os manuais didáticos, os quais versariam sobre o ensino da disciplina História da Educação. Dentre os manuais, o autor destaca Noções de História da Educação, de Afrânio Peixoto; História da Educação: evolução do pensamento educacional, de Raul Briquet; Pequena história da Educação, de Francisca Peeters e Maria Augusta de Cooman; e Lições de história da Educação, de Teobaldo Miranda Santos.

⁴⁸ De acordo com Monarcha (2007, p. 55), aos assuntos inerentes à educação no Brasil eram destinados apenas “um apêndice ilustrativo, no qual se sobrelevavam os fatos que concerniam à reconstrução educacional, ou seja, ao chamado movimento da Escola Nova”. Monarcha (2007) explica a atribuição do INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais no período em que Lourenço Filho esteve à frente da gestão dessa instituição, bem como elaboração de informações para História da Educação no país. A esse respeito recomenda-se, para maiores informações, Monarcha (2007, p. 56-61).

⁴⁹ Monarcha (2007) salienta o marco sociológico de professores como Fernando de Azevedo, Florestan Fernandes e outros. Além disso, conforme destaca Monarcha (2007), os manuais pedagógicos também contribuíram para a formação de professores. Monarcha (2007, p. 61-62) menciona ainda os docentes da chamada “escola paulista” de História da Educação da FFCL-USP, como Laerte Ramos de Carvalho e Roque Spencer Maciel de Barros. Tanto Laerte Ramos de Carvalho quanto Roque Spencer Maciel Barros dedicaram-se à produção de pesquisas no campo educacional, além de erigirem uma gama de futuros autores de obras da História da Educação. Monarcha (2007, p. 69) explica que, a partir de 1970, houve novas abordagens tanto no ensino quanto

sobre a disciplina História da Educação, o autor ainda destaca a consolidação desta como disciplina nos cursos de graduação e pós-graduação e a interlocução com outros saberes⁵⁰. Para colaborar com os apontamentos sobre o ensino da disciplina de História da Educação no Brasil, as análises realizadas por Borges e Gatti Jr. (2010) contribuem para entender a presença da disciplina em curso de formação de professores⁵¹. Em relação ao perfil programático, Borges e Gatti Jr. (2010) enfatizam que os principais momentos históricos do processo educativo foram elencados do século XVIII ao século XXI e destacam a importância dos educadores que contribuíram para o “desenvolvimento da educação no mundo e no Brasil, bem como o objetivo de desenvolver o espírito crítico” (BORGES; GATTI JR., 2010, p. 28). As informações realizadas pelos referidos autores tornam-se relevantes para reflexão do ensino História da Educação na formação de professores no Brasil.

Nesta perspectiva, cabe destacar também o estudo realizado por Araújo, Ribeiro e Souza (2011) que discorre sobre a existência de uma historiografia da educação brasileira nos manuais didáticos publicados entre o período de 1914 e 1972. Neste sentido, os autores analisam dez manuais de história da educação⁵². Com análise detalhada de cada obra, explicam as concepções disseminadas para formação de normalistas e enfatizam como era concebido o papel do docente enquanto emissor de uma educação “de forte conteúdo doutrinário, seja do ponto de vista do humanismo tradicional católico, seja do humanismo moderno disseminado pelo escolanovismo

na pesquisa da História da Educação, pois foi nesse contexto que ocorreu a criação e expansão dos programas de Pós-Graduação no Brasil. Para o autor, ocorreram sucessivas clivagens das quais decorreu a adoção de outros modelos teóricos-explicativos e métodos críticos, reorientando-se enfaticamente os rumos da teoria e prática da história da educação. Laerte Ramos de Carvalho foi professor catedrático de História e Filosofia da Educação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (MONARCHA, 2007, p. 66-67). Roque Spencer Maciel de Barros foi Livre Docente na cadeira de História e Filosofia da Educação e Assistente-docente também da mesma cadeira. Monarcha (2007, p. 66-67) menciona o Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo que contribuiu para a produção de conhecimentos em educação, bem como tinha por finalidade “avaliar e intervir” nas políticas educacionais daquele contexto. Nos anos de 1960, Ramos de Carvalho coordenou pesquisas educacionais e alunos da Seção de Pedagogia participaram dessas produções: Heládio César Gonçalves Antunha, Jorge Nagle, Maria de Lourdes Mariotto Haidar e Rivadavi Marques Júnior são alguns nomes que participaram dessa produção acadêmica.

⁵⁰ A esse respeito elencado por Monarcha (2007) pode-se constatar consonância também em Bontempi (2007, p. 85), que explica que as “ciências matriciais” eram a Sociologia, a Biologia e a Psicologia. Mais informações em Bontempi (2007).

⁵¹ Para maiores informações a respeito desse estudo recomenda-se a leitura de Borges e Gatti Jr. (2010).

⁵² Os manuais de História da Educação analisados foram: René Barreto - História da Pedagogia compilada por um professor (1914); Afrânio Peixoto - Noções de história da educação (1933); Madres Francisca Peeters & Maria Augusta de Cooman - Educação: História da Pedagogia (1936); Bento de Andrade Filho - História da educação (1941); Theobaldo Miranda Santos - Noções de história da educação (1945); Raul Briquet - História da Educação - Evolução do Pensamento Educacional (1946); Aquiles Archêro Júnior - Lições de história da educação rigorosamente de acordo com programa oficial das escolas normais (1948); Abrão Benjamim - Molduras da filosofia e história da educação (1954); Ruy de Ayres Bello - Pequena história da educação (1957); Zaíra de Moura Campos - História da educação (1972). Para melhor compreensão sobre o estudo, recomenda-se a leitura de Araújo, Ribeiro e Souza (2011).

– herdeiro do hegelianismo, do evolucionismo, do positivismo e do cientificismo” (ARAÚJO; RIBEIRO; SOUZA, 2011, p.135). Outros dois pontos em que os estudos desses autores contribuem para a apreensão da História da Educação brasileira é ao afirmarem que “a história da educação brasileira seria um reflexo da história da educação européia” e que “em relação à concepção de história da educação, seria fundamental destacar a prevalência de uma visão linear, cronográfica e, via de regra, factual em todas as obras, as quais privilegiam uma visão universal da educação, porém de caráter eurocêntrico” (ARAÚJO; RIBEIRO; SOUZA, 2011, p.135).

1.5 A institucionalização da História da Educação em Minas Gerais

Após esses breves apontamentos sobre a formação de professores e a História da Educação no Brasil, nos deteremos, especificamente, em Minas Gerais. Em meados de 1820, a escolarização tornou-se pauta nas províncias do Império. No entanto, para que isso se efetivasse era imprescindível a formação de profissionais que realizassem o ensino das primeiras letras. Além da falta dessas pessoas capacitadas, somava-se a fragilidade de estrutura física e material que possibilitasse a implementação dessas ações. Desta maneira, conforme, ressalta Guimarães (2016, p. 37), “desde o final do século XVIII, na Europa, até meados do século XIX, no Brasil a escola normal tornar-se-ia a encarregada para realizar essa formação”.

Neste sentido, atribui-se à escola a função de educar. Não se realizaria apenas na família, mas também em outra instituição que teria todos os aparatos necessários para moldar o novo cidadão. Essas observações estão em consonância com as reflexões que Cambi (1999, p. 199), elucida quando reporta a escola e a institucionalização do ensino para a preparação do homem para viver em sociedade.

O mundo moderno é atravessado por uma profunda ambiguidade: deixa-se guiar pela ideia de liberdade, mas efetua também uma exata e constante ação de governo; pretende libertar o homem, a sociedade e a cultura de vínculos, ordens e limites, fazendo viver de maneira completa esta liberdade, mas, ao mesmo tempo, tende a moldar profundamente o indivíduo segundo modelos sociais de comportamento, tornando-o produtivo e integrado (CAMBI, 1999, p. 199-200).

A escola passa a ser a instituição adequada para também preparar os indivíduos à vida. A escola se constituiria de materiais didáticos, bem como seria capaz de proporcionar uma racionalização do processo de aprendizagem nos mais variados saberes, o que colaboraria com a disciplinização e aceitação das práticas por ela executadas. Para tanto, conforme explica

Guimarães (2016), no caso específico do Ensino Normal haveria um modelo e ou um padrão a ser seguido e que atenderia à finalidade pela qual foi criada a referida instituição. Assim, existiria “a instituição especializada e formal, que se utilizava de métodos adequados, pois tendente a certa científicidade, com vistas a preparar os futuros docentes” (GUIMARÃES, 2016, p. 58).

Assim, em Minas Gerais verifica que a primeira lei que dispôs sobre a organização do ensino oficial público foi a Lei nº 13, de 28 de março de 1835, que menciona que “o território da província foi dividido em doze Círculos Literários”⁵³ (GUIMARÃES, 2016, p. 59). Desta maneira a referida Lei dispõe, no artigo 7: “Escola Normal na capital da província: Ouro Preto” (GUIMARÃES, 2016, p. 59). De acordo com Guimarães (2016), a instrução daqueles que realizariam o ato de ensinar aconteceria em “método mais eficiente descoberto e aplicado nos países europeus” (GUIMARÃES, 2016, p. 59). Ainda segundo a autora, em Minas Gerais, em 5 de agosto de 1840, surgiu a primeira Escola Normal. Salienta-se que essa instituição não se estabeleceu de maneira contínua, uma vez que houve diversos fechamentos que sucederam nos anos de 1842, 1852, 1859 e 1864 (GUIMARÃES, 2016, p. 60). Cabe destacar que a reabertura ocorreu nos anos de 1848, 1858 e 1862, o que mostra sucessivas interrupções e continuidades nas atividades educacionais⁵⁴. Guimarães (2016, p. 61) explica que em 22 de setembro de 1881, por meio da Lei Mineira nº 2.783, a Assembleia Legislativa provincial estabeleceu a criação da primeira Escola Normal de Uberaba⁵⁵. Cabe destacar que o ensino de História da Educação na Escola Normal de Uberaba esteve permeado entre outras disciplinas⁵⁶. De acordo com Sampaio

⁵³ Guimarães (2016, p. 58-9) explica que os doze Círculos Literários estavam distribuídos conforme a densidade populacional e localizavam-se em: Ouro Preto, Mariana, Sabará, Tamanduá, Diamantina, Minas Novas, Formiga, Barbacena, São João Del Rey, Baependi, Campanha da Princesa e Uberaba (12º Círculo, abrangendo as localidades de Desemboque, Patrocínio, Araxá e Sacramento). De acordo com Guimarães (2016), em cada Círculo havia um delegado que era nomeado pelo governo e era responsável pela inspeção de professores das escolas isoladas. Ainda segundo a autora, existiam as escolas elementares em que as pessoas livres possuíam acesso garantido. Essas escolas eram classificadas em primeiro grau e estavam situadas nos arraiais e povoados. Já as definidas como segundo grau localizam-se nas vilas e cidades. O ensino nas escolas de primeiro grau era para ensinar a ler, escrever e realizar as quatro operações. As escolas de segundo grau, aritmética e também imbuía estudo de proporções. Salienta-se que se ensinava as noções gerais dos deveres morais e religiosos.

⁵⁴ De acordo com Guimarães (2016, p. 59-60) em alguns momentos (1853, 1857, 1859, 1865) a Escola Normal foi inserida ao Liceu e, somente a partir de 1872 “essa modalidade de ensino se ampliou na província, pois além da reinstalação da Escola Normal de Ouro Preto, outras escolas normais foram instituídas e, a partir, de então, todas tiveram ciclos de vida mais prolongados, embora ainda sujeitas aos fechamentos ocorridos em várias delas”.

⁵⁵ Para enfatizar o ensino de História da Educação como formação de professores, citamos Sampaio (1971), que menciona que na Escola Normal de Uberaba havia a cadeira de Pedagogia e constava o nome de Joaquim Rodrigues Cordeiro - professor interino da cadeira de Pedagogia, História Sagrada, Instrução Moral e Religiosa (SAMPAIO, 1971, p. 385).

⁵⁶ Neste sentido, fazemos alusão ao termo “camouflado”, utilizado por Santos (2007), em que a autora explica os pré-cursos que o ensino de História da Educação obteve em seu percurso para conseguir status, autonomia e identidade enquanto disciplina.

(1971), em documento intitulado Extrato nº 100 de 19 de junho de 1883, promulgado em virtude da Lei Mineira nº 2.892 de 6 de novembro de 1882, encontram-se as disciplinas ministradas em cada ano, bem como os conteúdos disseminados.

1º Ano: Exercícios diários de caligrafia e ortografia na escola prática. Língua nacional, compreendendo leitura expressiva e comentada de textos clássicos em prosa e verso, análise gramatical, e lógica e exercícios de construção. Aritmética e metrologia. 2º Ano: Língua nacional compreendendo exercícios de redação e noções de literatura nacional (3 lições por semana). Aritmética, aplicações e exercícios práticos. Escrituração mercantil, compreendendo as noções teóricas essenciais e a prática das partidas simples e dobradas, inclusive contas correntes (3 lições por semana). Pedagogia teórica, compreendendo a história da pedagogia e organização escolar (2 lições por semana). Instrução moral, religiosa e cívica. Elementos de direito constitucional e economia política (1 lição por semana). 3º Ano: Noções práticas de geometria, desenho linear e de imitação. Noções de geografia e cosmografia, geografia do Brasil (3 lições por semana). História do Brasil (2 lições por semana). Pedagogia, compreendendo a metodologia educação moral, física e intelectual. Noções de ciências naturais, física e química agrícola [...] (SAMPAIO, 1971, p. 380-382).

Neste sentido, compreendemos que em determinados contextos o ensino História da Educação passou por “pré-cursos”, uma vez que este ensino buscava por uma identidade, assim como autonomia nos currículos de formação de docentes. Verifica-se que as reformas realizadas em Minas Gerais refletiram também nos currículos das escolas de formação dos professores. Desta maneira, segundo Guimarães (2016), as reformas ocorridas incidiram nas metodologias de ensino e ampliaram-se nos diversos tipos de escolas – “em Minas Gerais, também foi dada alguma atenção aos aspectos das metodologias de ensino e da diversificação e hierarquização dos tipos de escolas, com destaque para a Escola Normal da capital, então já transferida para Belo Horizonte” (GUIMARÃES, 2016, p. 67).

De acordo com Guimarães (2016, p. 71) o currículo da Escola Normal da Capital com as escolas regionais diferenciava quanto à presença de História da Educação ou História da Pedagogia. Assim, a autora destaca que “o principal aspecto é quanto à existência, nas escolas regionais, da cadeira de Pedagogia, onde talvez se desenvolvessem estudos de História da Educação ou História da Pedagogia e sua ausência na escola da capital” (GUIMARÃES, 2016, p. 71).

Destaca-se que nesse contexto, conforme salienta Guimarães (2016, p. 74), o número de escolas normais foi aumentando. A direção dessas escolas era da iniciativa privada ou pública municipal “em estabelecimentos que não dependiam dos cofres estaduais”⁵⁷. Em 1916

⁵⁷ Guimarães (2016, p. 68-69) explica que no governo de Francisco Silviano de Almeida Brandão, o qual teve como secretário David Campista (1898-1902), as questões financeiras do Estado propiciaram a sanção da Lei nº 28 de 16 de setembro de 1899, que reduziu o número de escolas e condensou os currículos. Durante o governo

foi aprovado o Decreto nº 4524, de 21 de fevereiro, que segundo Guimarães (2016, p. 74) propiciou para “a ideia de unificação das normas administrativas, programas, horários, processos de ensino, escrituração e regimento interno” entre as escolas normais (regionais e particulares) equiparadas à Escola Normal da Capital como padrão para as demais⁵⁸. As constantes reformas educacionais realizadas no Brasil também impulsionaram em Minas Gerais alterações da concepção de educação tanto para o processo de ensino, aprendizagem, metodologias quanto como pelo movimento de escolarização da população.

Neste sentido, Associação Brasileira de Educação - ABE, fundada em 1924, norteou debates e integrantes ali presentes também estiveram em reformas em diversos estados brasileiros⁵⁹. Assim, os eventos realizados impulsionaram as ações posteriormente executadas por Antônio Carlos e Francisco Campos, que contribuíram para reformas que culminaram na inserção da História da Educação no currículo das escolas normais.

Em 1928, pelo Decreto nº 8162, foi inclusa a disciplina História da Civilização e da Educação, o que verifica, de certa maneira, a autonomia e status para a História da Educação. De acordo com Guimarães (2012, p. 57) a exposição de motivos realizada em 1928, por Francisco Campos, indicava a importância da inclusão de outros saberes no currículo das escolas normais. Para Guimarães (2012), a exposição de Campos permite refletir sobre a necessidade de dirimir algumas ausências existentes nessa modalidade de ensino⁶⁰. Em 1928, Francisco Campos enfatiza as alterações do currículo da escola normal, o que incluiu outras

de Francisco Antônio de Sales (1902-1906) houve diversos cortes na verba da educação, o que ocasionou fechamento de escolas e, consequentemente, redução dos salários de professores. Em Uberaba, a Escola Normal foi fechada em fevereiro de 1905. O currículo foi alterado, conforme consta no Decreto nº 1908 de 28 de maio de 1906. Cabe destacar que a disciplina Pedagogia permaneceu no currículo e era ensinada no 3º Ano do Curso Normal e correspondia a três lições por semana (GUIMARÃES, 2016, p. 68). No governo de João Pinheiro, o secretário do Interior Carvalho Brito (1906-1908) promoveu uma reforma que afetou tanto o ensino primário quanto a preparação de professores, uma vez que visava reduzir o índice de analfabetismo. Em relação à formação de professores, as mudanças foram implantadas pelo Decreto nº 1.960 de 16 de dezembro de 1906. Para Guimarães (2012), em termos de tipos de escolas de formação de professores existiam, inicialmente, as normais oficiais regionais, que podiam ser estaduais ou municipais, e nesse último caso deveriam ser reconhecidas pelo estado e mantidas pelas câmaras municipais. No entanto, nessa época, passaram a existir também as escolas particulares equiparadas. Essas pertenciam, em geral, às congregações religiosas.

⁵⁸ Nesse momento, Américo Ferreira Lopes era o secretário do Interior e como justificativa para as propostas elencadas ao Presidente Delfim Moreira, destacou a importância dessa uniformização.

⁵⁹ O primeiro Congresso de Instrução Primária do Estado de Minas Gerais aconteceu em maio de 1927 e no ano seguinte, no período de 4 a 11/11/1928, houve a II Conferência Nacional de Educação realizada pela ABE, que foram os prenúncios que possibilitaram para que em 1928 ocorresse a reforma do ensino normal em Minas Gerais.

⁶⁰ Guimarães (2012) reporta ao Regulamento do Ensino Normal de 1928 e destaca: “Ao ensino normal, faltava a capacidade de proporcionar ao futuro docente a aquisição de técnicas psicológicas, intelectuais e morais durante a sua formação” (REGULAMENTO DO ENSINO NORMAL, 1928, p. 4 citado por GUIMARÃES, 2012, p. 57). Nesta proposição, faz-se necessário reportar a Tanuri (2000, p. 68-9) quando a autora sintetiza que ao longo do processo histórico do ensino normal no Brasil esse foi demarcado, a partir de 1920, por princípios escolanovistas em que os aspectos científicos norteariam o âmbito educacional.

disciplinas até então não pertencentes ao saber institucionalizado para a formação de professores⁶¹.

De acordo com Guimarães (2012, p. 58), cabe salientar que quando da mudança de currículo de determinada disciplina, faz-se necessário analisar dois aspectos: os que correspondem aos atos oficiais em que existem de forma explícita as finalidades objetivas e outros que exigem reflexões imprescindíveis a serem observadas quanto às finalidades reais, ou seja, as que seriam efetivadas em sala de aula e ou no interior de cada instituição.

A este respeito, Riccioppo Filho (2007) colabora para depreender à alusão que Guimarães (2012) faz em referência aos conteúdos inseridos no ensino Normal.

A reforma mineira, inclusive no tocante ao ensino normal, expandiu-se para outros estados e foi a principal experiência que serviu de base para as primeiras políticas educacionais do governo revolucionário de Getúlio Vargas, iniciado no final de 1930, quando a pasta da educação ficou a cargo do próprio Francisco Campos. Entretanto, a influência escolanovista sobre os currículos das escolas normais perdeu força com as reformas que se seguiram (RICCIOPPO FILHO (2007, p. 61).

O excerto acima permite reflexões quando realizamos referência à exposição de Motivos de Francisco Campos quanto à preparação de professores com bases em “aquisição de técnicas psicológicas, intelectuais e morais”, verifica-se que nenhuma reforma se expressa circunscrita em princípios neutros e sem estar confluída por meios sociais, culturais e políticos que podem ser oriundos de ideias de outros países⁶². Percebemos que essas proposições de Francisco Campos quanto à inserção da História da Educação no currículo em Minas Gerais possibilitam apreender as múltiplas “visões históricas”⁶³. Nesta proposição, ressalta-se que é possível depreender que a História da Educação no contexto de formação de professores apresentou viés de ideologia religiosa, política e pedagógica⁶⁴. Neste momento, destaca-se que a discussão

⁶¹ Guimarães (2012) cita mais uma vez o Regulamento do Ensino Normal – 1928, que apresenta: “As demais modificações introduzidas no curso normal que consistem no desdobramento das cadeiras de Física e Química e História Natural, na criação da cadeira de Biologia e Higiene e na de Psicologia Educacional” o que no discurso do reformador concebia que, “finalmente, o regulamento desdobrava a cadeira de História do Brasil e Geral, constituindo a cadeira de História da Civilização e da Educação” (REGULAMENTO DO ENSINO NORMAL, 1928, p. 11-18 citado por GUIMARÃES, 2012, p. 58).

⁶² Conforme mencionado anteriormente, os moldes das reformas no Brasil seguiram o percurso do que foi implantado na Europa. Especificamente em Minas Gerais, Guimarães (2012) salienta que a inspiração para as alterações no currículo das escolas normais, no contexto de 1928, ocorreu de acordo com modelos oriundos da Alemanha, Inglaterra, Austrália e Estados Unidos (GUIMARÃES, 2012, p. 58).

⁶³ Este termo foi mencionado por Nunes (1996, p. 67), quando a autora amplia a análise do percurso que a História da Educação se apresentou enquanto disciplina.

⁶⁴ De acordo com Nunes (1996, p. 70) a hipótese elencada foi de perceber esse movimento disseminado nos cursos destinados aos futuros mestres. Para a autora, “ela é expressão do registro da permanência dos valores de uma civilização cristã. Apesar das concepções teóricas, da formação e dos pertencimentos institucionais de seus autores, a história da educação difundida entre os professores primários e secundários tem uma função e um efeito

sobre a formação de professores esteve intrínseca à presença da disciplina história da educação. Diante do exposto, cabe enfatizar que o percurso da História da Educação incide sobremaneira na formação de professores e, por conseguinte, na institucionalização da profissão docente numa perspectiva de consolidação dos Estados Nação. Verifica-se que a Lei nº 5.692/71, que estabeleceu diretrizes para o primeiro e segundo graus, proporcionou a centralização para a esfera federal e consequentemente, sendo de abrangência nacional, a Escola Normal não foi mais ofertada em nível ginásial.

1.6 Considerações Parciais

Neste capítulo foi possível apreender que o ensino de História da Educação foi uma disciplina que fez parte da formação de professores. Ademais, o percurso da História da Educação não ocorreu de forma linear e sem conflitos com diversos saberes que já estavam inseridos com poder de científicidade. Os conhecimentos considerados essenciais constavam nos manuais disciplinares que tornaram imprescindíveis para a formação de professores, o que colaborou para que diversos autores passassem a ser referências em diversas partes do mundo.

Apreender como se processou a institucionalização da História da Educação, bem como os percursos dessa disciplina na formação de professores, permite correlacioná-la com os aparatos legislativos que contribuíram para que reformas educacionais ocorressem em vários países e que estavam circunscritas às questões socioculturais, política e econômica dos Estados-Nação.

As reflexões realizadas, embora incipientes, colaboraram para apreender o percurso da institucionalização do ensino de História da Educação em alguns países da Europa, Estados Unidos e Brasil. Nesse sentido, aponta que para entendê-lo é necessário compreender o movimento da história e, portanto, da ambição dos lugares e por quem o conhecimento foi produzido. A finalidade do ensino História da Educação deve ser entendida como construto social em que resistências e estratégias podem estar articuladas para a formação de pessoas em uma dada sociedade.

doutrinário que se prolonga e se atualiza, revelando o peso da influência religiosa apesar de todo o movimento de secularização da sociedade e do Estado a partir da implantação do regime republicano”.

2. DIMENSÕES HISTÓRICAS E EDUCACIONAIS DA CRIAÇÃO DA FISTA E DE SEU CURSO DE PEDAGOGIA

Pensa-se, em regra, que as universidades representam o produto puro e simples da atividade criadora dos grupos de especialistas que nelas trabalham cooperativamente. Isso é verdadeiro, mas em parte. O que dá grandeza às universidades não é o que se faz dentro delas - é o que se faz com o que elas produzem. [...]. As instituições sociais não se mantêm nem prosperam através de suas forças ou recursos exclusivos. Elas lançam suas raízes e extraem seu vigor de elementos invisíveis, com frequência exteriores aos seus quadros organizatórios (FERNANDES, 1966, p. 205-207).

Neste capítulo será abordado o Ensino Superior no Brasil, em Minas Gerais e em Uberaba. Especificamente nesta cidade, pretende-se elencar os motivos para a criação da Fista⁶⁵. Esta instituição de Ensino Superior, que ofertou cursos de formação de professores e o Curso de Pedagogia, terá uma atenção especial, pois ofertou a disciplina de História da Educação. Desta maneira, entende que as instituições educacionais não existem apenas como meras estruturas arquitetônicas, nas quais concentram grupos de pessoas capacitadas para realizar o processo educacional.

Depreende-se que além desses aspectos evidenciados à primeira incursão, o pesquisador deve ampliar outros, como por exemplo, a finalidade para a qual a instituição na sua peculiaridade se propõe a atuar no âmbito educacional, político, cultural e social.

Sendo assim, não só as informações emanadas por decretos devem prevalecer para análise, mas também o regimento interno e outros documentos administrativos pertencentes ao cotidiano da instituição educativa.

A esse respeito, entende-se que determinadas instituições quando criadas possuem uma particularidade que inserida em um meio social disseminará valores que julga como

⁶⁵ Em 1944, o Instituto Superior de Cultura – ISC, idealizado por Monsenhor Juvenal Arduini e Padre Armênio Cruz, ofertou o curso de Filosofia que funcionou de 1944 a 1948. Em 1949, Monsenhor Juvenal Arduini, Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, Arcebísmo de Uberaba, Alceu de Amoroso Lima e as irmãs dominicanas implantaram a Faculdade de Filosofia Santo Tomás de Aquino – FAFI. Posteriormente, esta instituição passa a denominação de Fista – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino e, formalmente, somente, em 1971, com o Regimento Integrado, recebe nome de Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino - Fista. O trabalho utilizará a nomenclatura Fista para designar o período da pesquisa (1951 – 1980) que tem como objeto o ensino da disciplina História da Educação no curso de Pedagogia.

importantes. Esta nossa proposição encontra-se em consonância com o entendimento de Casali (1995, p. 100) quando explica sobre a universidade católica no Brasil.

O referido autor salienta que essa instituição possui a finalidade de, no interior das “especificidades regionais”, lançar “as forças eclesiásticas em torno do movimento restaurador”⁶⁶. Assim, o autor destaca como esse processo sucedeu ao longo do tempo.

Com o processo de modernização iluminista, laicizante, implantado por Pombal, acentua-se ainda mais o distanciamento de Roma: a política pombalina constituiu um reforço à tendência liberal, e, por uma derivação indesejável, nacionalista, até então inexpressiva entre o clero (principalmente secular) no Brasil. Essa tendência alcançou o auge com a Independência. Uma divisão interna na Igreja, desde então, se desenhou, estando de um lado o clero, tendencialmente liberal, e de outro o episcopado, tendencialmente colonialista, em seguida monarquista e, finalmente, na segunda metade do século, romanista e anti-republicano. Mas em 1824 a Constituição outorgada pelo Imperador tornou o Catolicismo religião oficial do Império e, em 1827, o Padroado ratificou-se como Regalismo. Uma das consequências disto foi o enfraquecimento da Igreja liberal (ameaçada potencial à Monarquia). Paralelamente a isso, a Igreja Romana, após a Revolução Francesa, enfrentava graves ameaças. Por um lado, uma desestabilização política, devida à derrocada do antigo regime, sobre o qual exercia plena hegemonia política. Por outro lado, uma desestabilização teológica e doutrinária, devido ao avanço científico (e político) e consequente questionamento dos dogmas da fé. A Igreja levou décadas para assimilar a situação de marginalidade a que era crescentemente relegada. A Restauração da Universidade de Louvain, em 1834, foi uma primeira e imponente reação eclesiástica ao laicismo republicano no ensino e tentativa de preservação de uma “cultura católica”. Gregório XVI e Pio IX desenvolveram políticas oscilantes nesse enfrentamento ao avanço republicano (“Modernista”). Quando, na segunda metade do século XIX, os conflitos deixaram de localizar-se apenas entre a Igreja e alguma coisa fora dela (Estado, Ciência, Sociedade), e passaram a se mostrar expressivos também dentro da própria Igreja (tendências “modernistas” versus tendências “integrais”), o Papado amadureceu uma reação mais sistemática e organizada: convocou o Concílio Vaticano I para restaurar a unidade doutrinária, teológica, o centralismo (autoridade) e a disciplina. O Concílio Vaticano I logrou êxito em retraçar o perfil doutrinário da Igreja e centralizar sua fonte, pelo recurso ao paradigma tridentino da Contra-Reforma. Seu sentido era, pois, contra o modernismo. Dar-se-ia início a um movimento universal de enucleação da Igreja em torno do Papa (declarado infalível, “ex cathedra”, pelo Concílio) e da Cúria Romana (burocracia e disciplina). A estratégia restauradora pressupunha um novo desenho da identidade da Igreja, que fosse eficaz para fazer frente à sólida consistência do Estado republicano. O argumento doutrinário que o Concílio produziu foi, por isso, o de que a Igreja é uma “Societas perfecta”, autoconsistente: seu funcionamento se realiza paralelamente ao Estado, devendo manter com ele relacionamento e colaboração recíproca, mas não dependente. A expressão política disto foi a construção da identidade do

⁶⁶ Para maiores informações recomenda-se a leitura de Casali (1995).

Vaticano como um Estado. Ao mesmo tempo, a Igreja fez de seus Núncios, nos distintos países, verdadeiros postos avançados de captação de informações e distribuição de orientações atinentes tanto aos Estados quanto às Igrejas e hierarquias locais (CASALI, 1995, p. 76-77).

O excerto permite analisar que foram diversos os atos da Igreja Católica para adentrar, de forma estratégica, as ambiências política, social, cultural e manter sua estrutura enquanto instituição não só religiosa, mas também política. Assim, torna-se oportuno apresentar o que Casali (1995) ressalta sobre o Concílio Plenário Latino-Americano (Roma, 1899). De acordo com o autor, o Concílio realizou-se no Pontifício Colégio Pio Latino-Americano no período de 28/5 a 9/7/1899 e, nessa ocasião, na América do Sul, estiveram presentes 13 arcebispos e 40 bispos. Para representar o Brasil foram 2 arcebispos e 9 bispos. Casali (1995) ressalta que foram deliberadas ações que impulsionaram a implantação das universidades católicas na América do Sul.

Nas Conclusões do Concílio se estabelece a estratégia de criação de Universidades Católicas em todos os países do Continente, como instrumentos privilegiados para a concretização da desejada restauração: é de se desejar que cada república ou reino da América Latina tenha a sua universidade verdadeiramente católica, que seja um centro de ciências, de letras e de belas artes. Se isto não puder ser realizado imediatamente, ao menos que se preparem os meios para tal. E que só sejam erigidas universidades onde já existam professores aptos e bons alunos (TRADUÇÃO DA ACTA ET DECRETA CONCILII PLENARII AMERICAE LATINAЕ, ROMA, IMPRENSA DO VATICANO, 1902, TÍTULO IX, CAPÍTULO III, PARÁGRAFO 696, p. 306 citado por CASALI, 1995, p. 101).

As alusões realizadas por Casali (1995) colaboraram para depreender que as ações muitas vezes imperceptíveis requerem análises que exigem um olhar mais detido daquele que defronta com a particularidade de uma instituição e do meio ao qual está inserida. Cabe salientar que outro autor que colabora para entendermos como a Igreja Católica atuou na sociedade e, principalmente, utilizou-se de todo aparato cultural para se adequar às novas situações sociais, políticas e econômica no Brasil é Azzi (1983). Este autor explica como a Santa Sé realizou suas adequações para o enfrentamento das mudanças que ocorriam no campo social, político e cultural diante das emergentes ideias liberais.

A necessidade de fortalecer o prestígio da Santa Sé mediante a união das forças católicas era decorrência da situação crítica pela qual passava a instituição eclesiástica, em virtude do avanço progressivo das ideias liberais nos Estados e na sociedade em geral. Esse grito de união espalhou-se pelo mundo católico sobretudo quando o movimento da Unificação Italiana se corporificava através da anexação sucessiva dos territórios pontifícios ao Reino da Itália. Mediante o fortalecimento do poder religioso, procurava a Igreja compensar de algum modo a diminuição de sua ascendência política. A

Unificação da Itália era analisada pela hierarquia católica como violação dos direitos da Santa Sé, como violência e injustiça praticada pelo Estado liberal contra a liberdade e autonomia da Igreja. Isso fez com que nas diversas partes do mundo crescesse a solidariedade dos fiéis católicos para com o papa despojado de seus Estados e transformado agora em prisioneiro do Vaticano. Expressão desse acatamento pelo Pontificado Romano no Brasil foi a fundação da Legião da Cruz, destinada a arrecadar esmolas para as necessidades de Santa Sé (AZZI, 1983, p.120-121).

Cabe destacar que, de acordo com Azzi (1983), uma nova concepção teológico e filosófico foi difundida em diversos países. O referido autor ressalta como se iniciou esse pensamento que colaborou para formação do homem na sociedade.

O revigoramento da filosofia e teologia inspiradas no tomismo que se inicia na Itália e na Bélgica tem basicamente a finalidade de reforçar nessa concepção da Igreja. Uma das características dessa corrente de pensamento consiste no esforço de superação do racionalismo liberal veiculado pelos enciclopedistas franceses e pelos idealistas alemães, mediante reafirmação em moldes mais modernos, do caráter autoritário e antiliberal do pensamento católico. Na Europa, o neotomismo passa a constituir uma das formas de pensamento destinadas a sustentar o movimento de restauração do antigo regime e das dinastias monárquicas da era do absolutismo, abaladas pelas idéias e pela ação da Revolução Francesa (AZZI, 1983, p. 127).

De acordo com Azzi (1983, p. 19), a Restauração Católica iniciada em 1922 - 1961 acontece num momento em que “a Igreja fora praticamente alijada do poder a partir do início da República, pela orientação liberal ou positivista dos seus primeiros dirigentes. O arcebispo D. Leme será o grande articulador dessa idéia de uma presença mais efetiva da Igreja na sociedade brasileira”. Esse embate político da Igreja e Estado permitiu a efetivação da presença religiosa em ambientes educacionais, o que facilitou a permanência dos católicos na sociedade brasileira. Azzi (1983, p. 20) ainda enfatiza que “Os religiosos demonstrarão toda a sua força na defesa da escola particular, contra a escola pública, até a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases em 1962⁶⁷”. Azzi (1983) explica também que de 1962-1983, houve uma renovação pastoral. Para o

⁶⁷ Manteve a informação conforme constante na obra de Azzi (1983, p 20).

autor em referência, a Igreja participou de uma “base teológica e pastoral” denominada “Igreja-povo de Deus” (AZZI, 1983, p. 21).

Essas concepções do autor colaboram para pensar o contexto em que algumas instituições confessionais católicas mudaram as atividades nas comunidades em que estavam inseridas e nos permitem inferir que o fechamento da Fista pode ter seguido essa proposta de trabalho.⁶⁸

Esse modelo, elaborado na Europa, foi assumindo características próprias na América Latina, mediante a opção pelos pobres, recebendo também o apoio da hierarquia eclesiástica, através das assembleias de Medellín e Puebla. Não obstante tudo isso, a mudança de modelo provocou uma forte crise, tanto no episcopado, como no clero, regular e secular, e no próprio laicato católico (AZZI, 1983, p. 21).

Neste sentido, reportar a uma breve discussão do ensino superior no Brasil facilitará a apreensão da ambiência social, política, econômica e cultural para, posteriormente, adentrar no contexto educacional mineiro e uberabense, em especial no que se refere à criação da Fista

⁶⁸ Conforme Santos (2006, p. 29-30) explica, “Para a Congregação Dominicana iniciou-se uma nova fase, tempo de estudo, de buscas e de tomada de consciência da identidade à luz do Concílio, evidenciada na Carta Circular da Priora Geral, datada de 8 de dezembro de 1968: *Nesta luz do Advento nós buscaremos o verdadeiro sentido da renovação de nossa Vida religiosa. Algumas Comunidades já estão em pleno élan; é preciso que todas façam esforço da reflexão necessária* (Dominicanas de Monteils, Província Nossa Senhora do Rosário). Um Capítulo Geral foi convocado, o Aggiornamento, em Monteils, França, de 16 de julho a 15 de agosto de 1969, que, pela primeira vez, contou com a presença de 17 delegadas brasileiras. Este Capítulo propunha um alinhamento da organização religiosa com os princípios contestáveis. Um retorno às fontes, às origens. As decisões do Capítulo provocaram mudanças significativas na Congregação, num clima de abertura para que ela assumisse novas formas de presença no mundo. A Priora Geral Madre Marie-Anne, a pedido do Capítulo, modificou a estrutura da Congregação com a criação do sistema de Províncias. Este fato trouxe a descentralização do poder, a igualdade de participação nas decisões dos Capítulos Gerais e maior autonomia nas relações entre a França e Brasil. Para garantir uma comunicação em todos os níveis, resguardar a unidade e estreitar laços, criou-se o Conselho Geral Ampliado às Províncias, assim como um boletim próprio, o BREF, que significou a união dos três países que acolhiam a Congregação: Brasil, Ruanda e França. As três Províncias instituídas, em 1970, foram: Província de França, Província Brasília e Província Nossa Senhora do Rosário. Posteriormente em 1975, criou-se a Província França-Bélgica (atualmente Lacordaire) e, em 1989, a Província Brasil Central. O Capítulo Geral de Aggiornamento desencadeou um processo de transformação em três dimensões: a descentralização do poder, a formação permanente das religiosas e a busca de novas formas de vida apostólica. Nessa perspectiva a congregação implantou novas formas de presença no mundo, que influenciaram os rumos de toda a instituição: *Neste sentido, a Congregação desencadeou, no início da década de 70, um movimento rumo às periferias das cidades e pequenas cidades do interior, sobretudo no Brasil. Aqui, neste momento, se esforçava para por em prática as diretrizes assumidas pela Conferência de Puebla, México, que reafirmou a Teologia da Libertação, com suas propostas de mudanças profundas nas estruturas latino-americanas, em benefício da minoria, ou seja dos pobres. E, pouco a pouco, A Congregação foi descobrindo novas formas de presença no mundo.* Surgiram então, as inserções populares junto ao povo pobre e marginalizado (Dominicanas de Monteils, Província Nossa Senhora do Rosário, São Paulo, 1995, p. 24). As decisões deste Capítulo Geral de Aggiornamento foram determinantes nos rumos tomados por toda a Congregação. Seguramente os rumos tomados por cada instituição dominicana pautaram-se nos apelos da Igreja Católica que clamava por ações que evidenciassem a Teologia da Libertação. A atitude das Irmãs Dominicanas inseridas nos colégios e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, diante deste apelo, interfere profundamente nos rumos da Faculdade”.

(1949), que instituiu o curso de Pedagogia em 1950 e ofertou o ensino da disciplina História da Educação de 1951 até 1980⁶⁹.

2.1. Contexto histórico educacional brasileiro

Em 1889, no Brasil, ocorreram mudanças no contexto político com o advento da Primeira República, que se apresentava formalmente enquadrada na modalidade de Estado laico, no qual não haveria mais interferência da Igreja. Esta prerrogativa pode ser entendida se considerarmos os aspectos formais concernentes ao Decreto do Governo Republicano Provisório – Decreto 119-A e a promulgação da Constituição Republicana de 1891. Neste sentido, em alusão a Casali (1995), esses atos oficiais representariam ações como “separação entre Igreja e Estado, liberdade de culto, direito de todas as religiões à posse de seus bens (não haveria expropriações), subvenção financeira pelo Governo Provisório ao clero ainda por um ano” (CASALI, 1995, p. 66-67). Em relação à Constituição de 1891 Casali (1995) destaca dois aspectos fundamentais:

A primeira Constituição Republicana (1891) não foi declarada em nome de Deus. Ratificou todas as medidas tomadas pelo Governo Provisório no que se referia à condição da Igreja, particularmente em sua relação com o Estado: separação e não subvenção. E avançou nas medidas de cunho secularizador: os membros de Ordens Religiosas engajados por Votos Religiosos seriam privados dos direitos civis; somente os casamentos civis seriam reconhecidos;

⁶⁹ Sob esse aspecto educacional cabe salientar as análises de Azzi (1983) quando o referido autor ele destaca que: “O Concílio Plenário Brasileiro de 1939 marca o ponto alto da romanização da Igreja do Brasil e do seu enquadramento no espírito tridentino e ultramontano. A partir de então, a influência dos movimentos precursores do Concílio Vaticano II começa a se fazer sentir também no Brasil, dividindo progressivamente o episcopado, os leigos e os próprios religiosos em dois blocos – os renovadores e os conservadores. Os religiosos ocupam papel relevante na introdução do movimento litúrgico, através da atuação da Ordem São Bento. Na renovação teológica e na ação social assume a liderança a Ordem Dominicana. A divulgação do pensamento de Maritain e a promoção dos movimentos de Ação Católica criariam ainda maior tensão na Igreja do Brasil, predispondo-a, de certo modo, para as reformas do Concílio Vaticano II (AZZI, 1983, p. 20 -21). Neste sentido, Azzi (1983) destaca os “movimentos precursores do Concílio Vaticano II e desta maneira, reportar estes acontecimentos tornam-se relevantes para apreender a ambiência daquele contexto histórico. De acordo com Azzi (1983), “A Reforma Católica, implantada no Brasil a partir de meados do século XIX, havia sido um movimento liderado pela hierarquia eclesiástica. Desde então, os bispos colocaram-se efetivamente à frente da Igreja do Brasil. Quando em 1890, com o decreto da separação entre Igreja e Estado, iniciou-se a fase da Reorganização Católica, continuaram ainda os prelados a orientar os rumos da instituição eclesiástica. Essa situação permanece inalterada com a nova fase que se inicia a partir dos anos 20, quando o episcopado procura reafirmar a presença da Igreja na sociedade brasileira. Na implantação e consolidação da Restauração Católica, os bispos do Brasil contam especialmente com a colaboração de múltiplos institutos religiosos masculinos e femininos existentes no país. Com uma ampla rede de influência através dos colégios, das paróquias, das associações e da imprensa, os religiosos oferecem uma sólida base para que a Restauração Católica se transforme numa realidade efetiva. Merecem finalmente menção algumas lideranças leigas, sobretudo vinculadas a movimentos religiosos. De fato, algumas associações religiosas deram uma contribuição efetiva para o fortalecimento da nova mentalidade eclesiástica. Cada um desses grupos merece uma consideração especial, a começar pelo episcopado. A Restauração Católica constitui uma fase em que a Igreja do Brasil se manifesta explicitamente no seu caráter autoritário” (AZZI, 1983, p. 24). Para melhores informações recomendamos Azzi (1983, p. 24 -39).

os Cemitérios seriam entregues às administrações municipais; a educação seria laicizada, sendo abolida a disciplina “Religião” dos Currículos e suspensas todas as subvenções às Escolas Católicas (CASALI, 1995, p. 66-68).

Acreditava-se, assim, que ocorreria a separação da religião com as questões decisórias do Estado. Pretendia-se instaurar qual o papel do Estado e o da Igreja. Ambos seriam regidos por leis, que estabeleceriam o limite de atuação de cada um.

A questão da educação no Brasil perpassa por essas duas instituições, Estado e Igreja, pois ambos estariam em alguns momentos separados legalmente pelo novo regime Republicano, contudo, unidos nos momentos em que fosse imprescindível a atuação em assuntos de interesse comum. Casali (1995, p. 12) ressalta de maneira clara e elucidativa essa proposição que elencamos, uma vez que Igreja e o Estado podem ser entendidos como instituições unidas em determinados momentos da Primeira República.

Com efeito, a Igreja no Brasil não descartou as oportunidades de tentar acordos ou alianças diretas com o Estado, por corredores palacianos, recursosteoricamente anacrônico para uma novel república. Isto era até certo ponto possível e eficaz porque o laicismo republicano de 1890 se mostrara ser muito mais um regime jurídico meramente formal do que um regime político “de facto”: os riscos de desagregação da Nação pela incapacidade da Primeira República de formular e materializar um projeto econômico e político nacional consistente e aglutinador, levava-a a valer-se do potencial persuasivo do aparelho eclesiástico, mediante alianças, ainda que táticas e informais, para ampliar sua base de sustentação política (CASALI, 1995, p. 12).

As mudanças sociais e econômicas foram também uma tônica na República Velha (1889-1930), propiciando tensões entre as oligarquias da política *café com leite*⁷⁰, em que a necessidade de mobilidade social deveria acontecer para atender as novas demandas econômicas. Nesse ímpeto, a educação ficou de certa maneira inerte no país, pois com uma população praticamente rural, os governantes pouco se preocuparam com sua expansão. Nagle

⁷⁰ Ghiraldelli Jr. (1994, p. 17) explica que “[...] a República resultou de um golpe militar em 15 de novembro de 1889. Três forças sociais participaram do movimento e empunharam o comando da sociedade política após o golpe: uma parcela do Exército, fazendeiros do Oeste paulista (cafeicultores) e representantes das classes médias urbanas (intelectuais). Essa foi a composição que governou o país nos primeiros anos do novo regime (governos Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto). Posteriormente, uma vez estabilizada a nova situação, os cafeicultores (as oligarquias) procuraram afastar do governo seus parceiros militares e também os elementos intelectuais mais progressistas”. Ainda segundo, o autor “o marco inicial dessa nova fase foi o ano de 1894, quando se elegeu presidente da República o primeiro civil, o paulista Prudente de Moraes”. Neste sentido, apreende-se que a *Política café com leite* foi resultante da forma como determinados governadores almejavam a predominância no poder nacional e estavam representados pelas oligarquias dos estados de São Paulo (que dominava a produção de café) e Minas Gerais (que dominava na produção de leite, além de ser o maior polo eleitoral do Brasil, naquele contexto da sociedade). Essas oligarquias impediam que o cargo do Poder Executivo estivesse ocupado por demais representantes de outros estados econômicos, como por exemplo, Rio Grande do Sul e Pernambuco. Esse tipo de política esteve vigente até a Revolução de 1930.

(1974, p. 261) explica que de 1889 a 1930 não ocorreram “mudanças profundas no sistema educacional”, existindo, segundo o referido autor, apenas um “marco cronológico”. Ainda nesse período da Primeira República, percebe-se a estratégia da Restauração Católica⁷¹. Isso propiciou a criação de instituições no âmbito educacional e pode ser observado no Primeiro Congresso Católico Brasileiro realizado em 1900, de 3 a 10 de junho, na cidade de Salvador, no qual a finalidade da educação foi debatida.

Desde muito ardente desejavamos (...) todos aqueles que se interessam pela estabilidade da fé e moralidade cristã de nosso povo, convocar o primeiro Congresso de Católicos leigos de todo o Brasil e estabelecer um centro estável e perene de ação religiosa, de onde proviesse novo movimento, nova direção, mais uniforme e eficaz para todo o país. Fundemos escolas católicas, meus senhores, onde a religião de nossos pais se transmita pura e viva aos nossos filhos que serão os futuros servidores da pátria; onde (...) os nossos filhos se façam crentes, sinceros e praticantes, e ao mesmo tempo cidadãos honestos e dedicados à Pátria como Washington, José Bonifácio, Rio Branco, Osório e Caxias. (...) Não nos iludamos. O futuro da Pátria depende da instrução e educação da mocidade (...) Não consintamos, pela inércia, que os inimigos da Igreja se apoderem estrategicamente do campo do ensino para poderem realizar seus planos [...] (ACTAS E DOCUMENTOS, 1900, p. 5-6, citado por CASALI, 1995, p. 102).

O excerto apresenta o ensejo daquelas lideranças em ampliar a atuação no âmbito educacional que, de certa maneira, possibilitava a transmissão de valores concernentes com o idealizado pela Igreja Católica. Neste contexto, verifica-se que uma intensa movimentação de diferentes Ordens Religiosas (italianas e francesas) adentraram no Brasil durante esse momento⁷².

Na Revolução de 30 (1930-1937), o Estado assume uma posição de "ajuste" com a Igreja Católica, o que proporciona a atuação da religião no Estado laico. Essa acomodação de

⁷¹ Casali (1995, p. 92) explica que em 1870, Roma torna-se capital do Reino da Itália. A Santa Sé já não é mais soberana. Com isso, a Gregoriana perde seu caráter de Universidade com prerrogativas de instituição pública. Três anos mais tarde, Pio IX acata a fórmula indicada pelo então reitor Gardella e a constitui como “Pontificia Universitas Gregoriana”, sempre sob a direção dos jesuítas. A partir daí dá-se novo surto de desenvolvimento da Gregoriana, coincidente com o movimento de Restauração Católica desencadeado por Pio IX (Concílio Vaticano I). Mais tarde, o Papa Leão XIII a elege como uma das estratégias privilegiadas para seu “ralllement”: em 1879 ela é declarada principal núcleo irradiador do tomismo recém-consagrado pela Encíclica “Aeterni Patris”. Depois da criação da Faculdade de Direito Canônico (1876), a Gregoriana volta a expandir-se academicamente, em 1922, com a criação do “Curso de Magistério” nas Faculdades de Filosofia e Teologia. A criação desses cursos sinaliza nova tomada do movimento restaurador evidenciado pelo interesse em difundir na Escola Secundária os conteúdos filosóficos e teológicos acessíveis aos clérigos, e que a reforma Gentile (1921) tornara possível. Em 1924, Pio XI cria a “Escola de Letras Latinas”. Em 1928 incorporaram-se à Gregoriana dois institutos anteriormente isolados: o “Instituto Bíblico” (1909) e o Pontifício Instituto de Estudos Orientais (1918). O ciclo de desenvolvimento, na linha da Restauração se encerra com a criação, em 1932, das Faculdades de “História Eclesiástica” e de “Missiologia” (AIGRAIN, RENÉ. LES UNIVERSITÉS CATHOLIQUES. PARIS, AUGUSTE PICARD, s.d., p.1 citado por CASALI, 1995, p. 92).

⁷² Destaca-se, de 1549 a 1640, sete ordens religiosas masculinas, enquanto no período de 1880 e 1930, o número de congregações femininas equivale a 97 ordens religiosas (CASALI, 1995, p. 74).

interesses em comum fica clara com a Reforma de Francisco Campos (1931), em que o Ensino Religioso permanece nas escolas públicas.

Casali (1995, p. 130) ressalta que isto foi comemorado como “o fim do laicismo oficial na pedagogia”, o que de certa forma proporcionaria a conduta moral, ratificava os bons costumes, os quais direcionaria a população para manutenção e estabilidade do Estado⁷³. Cabe destacar a atuação de Sebastião Leme da Silveira Cintra nesse ordenamento da Igreja com o Estado e difusão de uma cultura que fosse disseminada por meio de um projeto de educação⁷⁴.

Assim, em 1931, o Brasil sob o governo Provisório de Getúlio Vargas teria como Ministro da Educação e Saúde Pública Francisco Campos, que contemplaria a Igreja Católica com o dispositivo na Reforma Educacional de oferta de Ensino Religioso nas instituições de ensino público.

Junto ao Governo Provisório, o Cardeal Leme dispunha de dois importantes contatos: primeiro, a amizade de Getúlio para com Leonel Franca; segundo, a presença de Francisco Campos, amigo da hierarquia, no Ministério da Educação e Saúde. Por sua presença, a Igreja conseguiu, em 1931, dentro da ampla "Reforma Francisco Campos" no ensino, o Decreto nº 19.941 (30/04/31), que facultava o ensino religioso nas escolas públicas. (CASALI, 1995, p. 87).

⁷³ CASALI (1995, p. 81-82), destaca que “com efeito, em 1922 se comemoraria o Centenário da Independência. A República Velha entrava em crise. Desde o fim da Primeira Grande Guerra o modelo econômico-social oligárquico-rural, de uma economia predominantemente cafeeira, enfraquecera: a guerra atenuara os vínculos de dependência externa, forçando o país (enquanto economia periférica) a uma maior produtividade de bens de consumo interno, substituindo importações. As oligarquias rurais, insatisfeitas, exerciam pressão política, ao mesmo tempo em que, nos ambientes urbanos, ocorriam as primeiras greves operárias. Nasce um partido comunista (PCB, 1922), buscando aglutinar as insatisfações em torno de um novo projeto político para o país. O mundo da cultura e das artes também se convulsa (Semana de Arte Moderna, em São Paulo). O segmento militar deixa vir à tona seus conflitos internos (Revolução do Forte de Copacabana). Estruturalmente, tratava-se de movimentos que refletiam transformações mais profundas, na própria natureza do Capitalismo, que consolidava-se em sua fase monopolista. A Igreja parece perceber os espaços vazios nesses conflitos pela hegemonia, e buscou introduzir seu projeto nesses espaços. Desde logo deixou entrever sua estratégia: sem abandonar os cotejos palacianos em busca de soluções diretas com o governo, concentrou o melhor de suas forças na disputa pela hegemonia a nível da sociedade civil, atuando simultaneamente em duas frentes: no campo dos intelectuais (profissionais liberais, classe média alta, escolarizada) e no campo das camadas populares” (CASALI, 1995, p.81-82).

⁷⁴ Casali (1995, p. 78) explica que Dom Leme nasceu em 1882 e estudou no Seminário Episcopal de São Paulo. Homem de respeitável cabedal, obteve a confiança de D. Arcoverde, que o encaminhou para estudar em Roma no Pontifício Colégio Pio Latino-Americanano e, após, na Pontifícia Universidade Gregoriana (ambos sob direção dos jesuítas) durante o apogeu do Pontificado de Leão XIII. Em 1904 é ordenado sacerdote. Retorna a São Paulo, onde se destaca pela liderança e capacidade de ações junto à Igreja. Ocupou funções como coadjutor na Paróquia S. Cecília; professor de Filosofia no Seminário; co-fundador da Faculdade Eclesiástica de São Paulo (1908); diretor do Boletim Eclesiástico da Diocese; diretor espiritual do Colégio Diocesano; diretor do Diário Católico "A Gazeta do Povo"; cônego da Catedral; presidente da Confederação das Associações Católicas; Pró-Vigário-Geral da Arquidiocese. Em idos de 1910 é designado Bispo Auxiliar de D. Arcoverde, no Rio de Janeiro, e em 4 de junho de 1911 foi a Roma para ser sagrado Bispo. Em 1916 é nomeado com Arcebispo de Olinda e Recife. D. Leme destacou-se também na criação da Coligação Católica Brasileira, que coordenaria as ações católicas das Confederações Católicas Diocesanas e outras de âmbito nacional como a da Imprensa Católica, a das Bibliotecas e Livrarias Católicas, a dos Operários Católicos e das Equipes Sociais (futuramente JOC, a da Associação de Universitários Católicos - futuramente JUC) e, de outras entidades que seriam criadas.

Essa aproximação dos representantes do Estado e da Igreja não impede que o lema laico da educação confluа com aspecto religioso. Ainda em 1931, a consolidação dessa relação fica evidenciada também em atos sociais em que a aclamação religiosa e cultural fica mais próxima do povo, o que traz à tona, conforme destaca Casali (1995, p. 87), "manifestações de massa".

Tanto as ações de Coroação de Nossa Senhora Aparecida como Padroeira do Brasil, quanto a inauguração do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, promoveram as presenças do Presidente Vargas, D. Leme e diversos arcebispos e bispos para inauguração dos eventos⁷⁵.

Em 1932, destaca-se a inauguração do Instituto Católico de Estudos Superiores (ICES), o qual será importante para a gênese das universidades católicas no Brasil⁷⁶. Assim, os ICES colaboraram para a expansão do ensino superior, uma vez que almejavam a idealização como Universidade Católica⁷⁷.

A partir de 1932 pode-se considerar que os Institutos Católicos de Estudos Superiores compuseram como cursos superiores no Brasil. Na Tabela 1, que será apresentada em seguida, constam os cursos superiores no Brasil no período compreendido entre 1808 e 1961.

⁷⁵ Salienta-se que D. Leme foi nomeado Cardeal do Rio de Janeiro em 1929, pois o então Cardeal Arcôverde faleceu naquele respectivo ano. Cardeal Leme recebeu o Chapéu Cardinalício das mãos de Pio XI, no ano de 1930, momento em que [...] acertou com Pio XI a proclamação de Nossa Senhora Aparecida como Padroeira do Brasil, o que veio a ocorrer por Decreto de 19 de julho de 1930.

⁷⁶ De acordo com Casali (1995, p.87-88), D. Leme inaugurou o "Instituto Católico de Estudos Superiores - ICES. Segundo o autor foi a criação mais idealizada por D. Leme, pois [...] seria o núcleo da futura Universidade Católica. Casali (1995) enfatiza que no ano anterior, o bispo de Porto Alegre, D. João Becker, inaugura a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas, também núcleo inicial de sua Universidade Católica. Em 1933, em São Paulo, as Irmãs Cônegas de S. Agostinho fundam o "Instituto Sedes Sapientiae" e no Rio, em 1938, as Irmãs Ursulinas inauguram o "Instituto Santa Úrsula, com uma Faculdade de Pedagogia, Ciências e Letras, o que para o autor significava o Ensino Superior Católico em expansão (CASALI, 1995, p. 87-88).

⁷⁷ Conforme destaca Casali (1995, p.131), Tristão de Athayde mencionava sobre essa concretização. Para ele "o ICES quer ser apenas uma preparação para a futura Universidade Católica Brasileira, que venha a ser para o Brasil o que Louvain é para a Bélgica. A obra a realizar, porém, excede às possibilidades de uma geração".

TABELA 1- Cursos Superiores no Brasil, distribuídos em períodos, de 1808 a 1968.

Estados	1808-1888	1889-1900	1901-1910	1911-1920	1921-1930	1931-1940	1941-1950	1951-1960	1961-1968	Total
Acre									1	1
Alagoas								6		7
Amazonas			1				1	2	5	9
Bahia	3	1	1			1	7	11	1	25
Ceará				1		2	5	5	7	20
Distrito Federal									6	6
Espírito Santo						1	1	5	6	13
Goiás						1	5	7	4	17
Maranhão							3	4	1	8
Mato Grosso								1	3	4
Minas Gerais	2		3	6	1	3	14	14	34	77
Pará			1	2			6	2		11
Paraíba						1	2	12	3	18
Paraná				4	2	2	4	18	9	39
Pernambuco	1		1	5		2	10	7	1	27
Piauí						1		2		3
Rio de Janeiro	5		3	6	1	11	19	13	21	79
Rio Grande do Norte							2	7	2	11
Rio Grande do Sul	1	3	3	1			7	7	31	85
Santa Catarina							1	3	4	8
São Paulo	1	3			2	5	11	20	49	185
Sergipe								1	6	1
TOTAL POR PERÍODO	14	7	13	27	9	45	110	206	230	661

Fonte: Adaptado de Araújo (2019, p. 282).

Verifica-se que o número de instituições que ofertava o ensino superior no período de 1808 e 1968 se expandiu lentamente, mas nem todas as regiões possuíram números significativos, ou seja, existiam lacunas em determinadas localidades. As mudanças sociais e econômicas do país também colaboraram para os momentos em que esse ensino foi disseminado no Brasil, o que pode ser verificado principalmente em relação aos anos de 1960, o que proporcionou alterações no quadro educacional.

Na Primeira República, conforme destaca Araújo (2019, p. 265), o documento intitulado “O problema universitário brasileiro: inquérito promovido pela Secretaria de Ensino Technico e Superior da Associação Brasileira de Educação” foi importante para se discutir a situação desse ensino no país⁷⁸. Para Araújo (2019), os depoimentos encontrados nesse documento reportam aos posicionamentos de autoridades de diversos estados, dentre os quais estavam Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Bahia e Paraná. Também nesse momento, diversas ações da Igreja Católica eram realizadas no Brasil⁷⁹.

⁷⁸ Araújo (2019, p. 265) ressalta a relevância desse documento na reunião realizada em 1929 pela ABE. Para maiores informações, ler Araújo (2019).

⁷⁹ Podemos mencionar, por exemplo, a Coligação Católica Brasileira que coordenaria as ações católicas das Confederações Católicas. Salienta-se que em 1928, quando Jackson de Figueiredo faleceu, Dom Leme colocou Alceu Amoroso Lima no comando da *Revista a Ordem*. Casali (1995, p. 84) salienta que “[...] com efeito, o integralismo apologético e doutrinário da Revista foi substituído imediatamente por uma orientação mais moderna que desenvolvesse a cultura católica superior”. Em Roma, no mesmo ano, Pio XI assinava o Acordo de Latrão (Tratado e Concordata), que beneficiava a Igreja Católica que se encontrava com dificuldades financeiras.

Araújo (2019) explica que esse documento foi consolidado a partir da segunda Conferência Nacional de Educação realizada pela ABE na cidade de Belo Horizonte (Minas Gerais), no período de 4 a 11 de novembro de 1928.

Tal inquérito baseou-se em um questionário que se orientou pela elaboração de várias questões. O conteúdo d'O problema universitário brasileiro compõe-se de duas partes: a primeira acolhe as Theses desenvolvidas pela Comissão Organizadora do Inquérito promovido pela A.B.E, as quais somavam sete; e a segunda, reúne as Respostas ao Inquérito, num total de 43 depoimentos, os quais representam posicionamentos de inquiridos de sete estados: Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Bahia e Paraná. Somando-se às sete Theses, a obra reúne 50 depoimentos sobre a questão universitária brasileira de então (ARAÚJO, 2007, 2011, 2012, citado por ARAÚJO, 2019, p. 265).

Esse documento apresentava-se como instrumento para conhecer a situação das universidades em diversas partes do país, o que a princípio proporcionava autonomia às instituições para desenvolverem as questões de ensino.

Em 1931 foi publicado o Decreto nº 19.851, referente ao Estatuto das Universidades, que em seu artigo 6º determina que “as universidades brasileiras poderão ser criadas e mantidas pela União, pelos Estados ou, sob a forma de fundações ou de associações, por particulares, constituindo universidades federais, estaduais e livres” (BRASIL, 1931).

Desta maneira, verifica-se que além das instituições públicas o ensino superior poderia ser oferecido por outras de iniciativa privada, o que estabelece a liberdade de ensino. Vaz (1983) destaca que desde 1930, os bispos brasileiros idealizavam a Universidade Católica e isso se efetivaria a partir de 1941, com o início das ações educacionais da atual Universidade Católica do Rio de Janeiro. Essa proposição do autor colabora para explicar a expansão do ensino superior de instituições confessionais⁸⁰. Desta forma, o crescimento das universidades foi se estendendo ao longo dos anos 1920 e 1967 e concentra-se na década 60 do século XX⁸¹.

Conforme explica Carvalho (2016, p. 30), “em 1920 finalmente, foi criada a primeira Universidade brasileira: a Universidade do Rio de Janeiro”. De acordo com a autora, esta instituição foi “formada pela união da Escola Politécnica, da Faculdade de Medicina e da Faculdade de Direito, todas da capital federal”. Salienta que, em 1927, no Estado de Minas

⁸⁰ Destaca-se que entre 1931 e 1938, diversas instituições de ensino superior foram inauguradas no Brasil. Em Porto Alegre, o senhor D. João Becker inaugura a Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas (núcleo inicial de Universidade Católica); em 1933, em São Paulo, as Irmãs Cônegas de S. Agostinho fundam o Instituto Sedes Sapientiae; em 1938, no Rio de Janeiro, as Irmãs Ursulinas inauguraram também uma Faculdade de Pedagogia, Ciências e Letras (CASALI, 1995, p. 87-88).

⁸¹ Cabe salientar que esse percurso foi influenciado pela liberdade de ensino tão enfatizado nas atualizações das Constituições de 1934, 1937 e 1946. Para maiores informações, recomenda-se a leitura de Araújo (2019).

Gerais, foi criada a “segunda universidade do Brasil, nos mesmos moldes da Universidade do Rio de Janeiro, isto é, criada por meio da união de faculdades, todas elas com o caráter profissionalizante” (CARVALHO, 2016, p. 30). A autora em referência enfatiza a proposta de constituição da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1934. Para Carvalho (2016, p. 31), “A formação desta faculdade insere-se em um processo mais geral de reformas educacionais e culturais em nível nacional, o que levou à criação de inúmeras universidades nos diferentes estados brasileiros⁸²”.

Em Riccioppo Filho (2007), encontramos o posicionamento do autor em relação às formas de apresentação do ensino superior no país, no ano de 1938.

Assim, em 1938, em plena vigência do Estado Novo, existiam, no Brasil, diversas faculdades isoladas e quatro universidades: Minas Gerais (1927), Porto Alegre (1934), São Paulo (1934) e Rio de Janeiro (1935). Dessas, apenas as duas últimas possuíam, como parte integrante do sistema universitário, faculdades de Educação, Filosofia, Ciências e Letras, prepostas ao duplo fim de desenvolvimento da cultura filosófica e científica e de formação de professores em nível superior, conforme pregava o modelo alemão de universidade RICCIOPPO FILHO, 2007, p.63)⁸³.

Ainda sobre os aparatos legais que propiciam a difusão do ensino superior, cabe destacar também a Lei nº 4024, de 20 de dezembro de 1961, que institui, no artigo 3º, “o direito à educação do poder público e pela liberdade de iniciativa particular de ministrarem o ensino em todos os graus, na forma de lei em vigor” (BRASIL, 1961).

Destaca-se que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB de 1961 também estabelecia como se daria o funcionamento das instituições isoladas de ensino superior, competência atribuída ao Conselho Federal de Educação. Assim, o artigo 9º da LDB

⁸² Segundo Carvalho (2016, p. 33), “Foi em 1934 que surgiu a Universidade de São Paulo (USP): a primeira Universidade brasileira que teve em sua origem também a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Portanto, em 1934, torna-se concreto o projeto da Universidade de São Paulo no qual os objetivos são: desenvolver a cultura filosófica, científica, literária e artística; ampliar a investigação científica, isto é, investigações de altos estudos, de cultura livre e desinteressada; formar as classes dirigentes; e fazer com que a universidade preparasse o homem como profissional e cidadão. Para mais informações recomenda-se a leitura de Carvalho (2016).

⁸³ Riccioppo Filho (2007, p. 63) explica sobre esse modelo alemão existentes nessas instituições: “Enquanto o modelo alemão enfatiza a importância da pesquisa na universidade, e mais do que isto, da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e formação, no modelo francês, a pesquisa não é tarefa primordial da universidade, havendo dissociação entre universidades que se dedicam fundamentalmente ao ensino, e grandes escolas, voltadas para a pesquisa e a formação profissional de alto nível. Enquanto o modelo francês prega a formação especializada e profissionalizante, via escolas isoladas, o alemão enfatiza a formação geral, científica e humanista, com enfoque na totalidade e universalidade do saber e na consequente importância da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras como órgão central da universidade. Enquanto a universidade francesa, desde Napoleão era mantida e dirigida pelo Estado, tornando-se uma espécie de aparelho ideológico deste, com pequena autonomia frente aos poderes políticos, a universidade alemã, embora também fosse uma instituição do Estado, por ele mantida e vivendo sob a sua vigilância, conservou, ainda no século XIX, uma parte do seu caráter corporativo e deliberativo, gozando de liberdade de ensino e de pesquisa.

determinava o que caberia à referida instância: “Ao Conselho Federal de Educação, além de outras atribuições conferidas por lei, compete: a) decidir sobre o funcionamento dos estabelecimentos isolados de ensino superior federais e particulares” (BRASIL, 1961). Ainda sobre a lei mencionada, o artigo 14º cita que à União caberia a função de “reconhecer e inspecionar os estabelecimentos particulares de ensino superior” (BRASIL, 1961).

Nesse sentido, as instituições privadas também teriam o respaldo da Lei nº 5.024 de 1961 para a oferta do ensino superior, mas passariam por avaliação prévia para, posteriormente, iniciarem o funcionamento e o desenvolvimento das atividades.

Ainda nos anos de 1960, deve-se considerar a Reforma Universitária estabelecida pela Lei nº 5.540 de 28 de novembro de 1968, que de certa forma altera a maneira não só organizacional das instituições de ensino superior, mas também de conteúdos ministrados nos ambientes educacionais⁸⁴. Sobre esse aspecto, Vaz (1983) explica quais foram os fatores que causaram algumas dificuldades para o ensino superior.

A legislação universitária brasileira revela uma tendência centralizadora, com regulamentações às vezes excessivamente detalhistas impostas pelo Governo, sobretudo nos aspectos acadêmicos: currículo dos cursos autorizados ou reconhecidos, sistema de admissão de alunos pelo Exame Vestibular, registro e controle acadêmico, estrutura básica da administração universitária (VAZ, 1983, p. 29).

Esse apontamentos do autor colaboram para apreender os possíveis impasses que essa legislação provocou em algumas instituições confessionais católicas e que vigoraram durante o período da Ditadura Militar. Também foi nesse contexto que a Fista permaneceu com as atividades educacionais, extinguidas em 1980.

2.2. Ensino Superior em Minas Gerais

Em Minas Gerais, na província de Ouro Preto⁸⁵, havia dois cursos superiores: Farmácia (1839) e Engenharia (1875). Na Primeira República (1889-1930), novos cursos ocasionaram a

⁸⁴ De acordo com Paula (2007, p. 61), “após, a promulgação da Lei nº5540-68 da Reforma Universitária – as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras foram substituídas pelas Faculdades de Educação. Estas se tornaram responsáveis pela formação de professores e de especialistas encarregados de planejar, organizar e administrar escolas e sistemas educacionais, utilizando o método científico na solução dos problemas educacionais”. O autor ainda ressalta que haveria valorização dos métodos em detrimento dos conteúdos que, segundo ele, promoviam “maior criticidade” e “foi um dos responsáveis pela perda na qualidade dos cursos de formação de professores do País” (PAULA, 2007, p. 61).

⁸⁵ Em 20/3/1823, a então denominada Vila Rica passa a ser município de Ouro Preto.

expansão do ensino superior no interior de Minas Gerais⁸⁶. No decorrer da década de 1920, em diversas localidades surgiram diversos cursos⁸⁷. Em 1927, foi criada a Universidade de Minas Gerais – UMG. Em 17 de setembro de 1949, a universidade foi federalizada e foram integrados a ela a Escola de Arquitetura (1944) e as Faculdades de Ciências Econômicas e de Filosofia (1948). Sendo assim, a denominação da referida instituição passou a ser Universidade Federal de Minas Gerais.

Araújo (2019, p. 265-266) destaca que, em 1928, o Conselho Universitário da referida universidade não concordava com o “padrão universitário único para o país”. O referido autor salienta que foi argumentado que as instituições deveriam “representar-se como núcleos de permanente elaboração científica”.

Neste sentido, dentre as disposições elencadas para visar esse intuito, recomendou que as universidades, “em caráter propedêutico, tenha cursos de literatura nacional, estudos de corografia, história nacional, sociologia e, em particular, de Sociologia Brasileira, com programas de ensino focados em factos brasileiros” (ARAÚJO, 2019, p.266).

Essas proposições são importantes para entender o sentido de universidade que era proposto naquele momento, com destaque para o papel da ABE nas discussões quanto ao ensino superior⁸⁸.

Desta maneira, verifica-se uma tendência para democratização do ensino, sendo que a ABE contribuiu para os debates e impulsionou as reformas educacionais que surgiram a partir dos anos de 1920 em diversos estados.

A Tabela 2 apresenta os cursos superiores em Minas Gerais entre o período de 1839 e 1960. Os dados evidenciam o movimento de oferta do ensino superior em algumas cidades mineiras.

⁸⁶ Araújo (2019, p. 270) salienta que na segunda década da Primeira República, outros três cursos foram instituídos, sendo o de Farmácia e Odontologia (1904) na cidade de Juiz de Fora; Agronomia e Veterinária (1908), em Lavras e Odontologia (1908) em Belo Horizonte.

⁸⁷ Araújo (2019) salienta que na terceira década da Primeira República os cursos que surgiram foram os de Medicina (1911) e Farmácia (1911), ambos, em Belo Horizonte. Em Alfenas, os cursos de Farmácia e Odontologia surgiram em 1914. Belo Horizonte e Itajubá tiveram, no ano de 1917, dois cursos de Engenharia. Em 1918, Juiz de Fora teve o curso de Engenharia. Araújo (2018, p. 270), salienta que no ano de 1920, quando foi criada a Universidade do Rio de Janeiro, o estado de Minas Gerais já possuía 11 cursos superiores. Além disso, quando a Universidade de Minas Gerais foi criada, em 7 de setembro de 1927, o estado mineiro possuía aqueles onze cursos mencionados anteriormente, mais o de Agronomia e Veterinária (1922), situados na cidade de Viçosa, totalizando 12 cursos superiores no estado de Minas Gerais.

⁸⁸ Para maiores informações sobre esse assunto, ler Araújo (2019, p. 265-266).

TABELA 2 - Cursos Superiores em Minas Gerais – 1839 a 1960

Cursos	11839	11901-11910	1911-	1921-	1931-	11940	1941-1950	1951-1960	Total até 1960
	11875		1920	1930					
Administração	--	--	-	-		--	-	-	0
Agrimensura	--	--	-	-		--	-	-	0
Agronomia e Veterinária	--	LLavras 1(1908)	-	Viçosa (1922)		BBH ((1932)	-	-	3
Arquitetura	--	--	-	-		--	BH (1944)	-	1
Belas Artes	--	--	-	-		--	-	-	0
Biblioteconomia	--	--	-	-		--	-	-	0
Ciências Econômicas	--	--	-	-		--	BH (1947)	Juiz de Fora (JF) (1952)	2
Direito	--	--	-	-		--	JF (1942) BH (1949) BH (1950)	Uberaba (1951) Pouso Alegre (1959) Uberlândia (1960)	6
Enfermagem	--	--	-	-		BBH ((1933)	BH (1949) JF (1950) Uberaba (1950)	Itajubá (1954)	5
Farmácia	Ouro Preto ((1839)	Ouro Preto ((1875)	--	BH (1911)	-	--	-	-	2
Farmácia e Odontologia	--	Fora	Juiz de Fora (1904)	Alfenas (1914)	-	--	-	-	2
Engenharia	Ouro Preto ((1875)	--	BH (1917) Itajubá (1917) Juiz de Fora (1918)	-	-	--	-	Uberaba (1956)	5
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras	--	--	--	-	-	BBH ((1940)	BH (1943) Juiz Fora (1947) Uberaba (1948)	São João Del Rei (1953) Uberlândia (1960)	6
Geologia	--	--	-	-	-	--	-	Ouro Preto (1957)	1
Jornalismo	--	--	-	-		--	-	-	0
Medicina	--	--	BH (1911)	-		--	-	BH (1951) Juiz Fora (1952) Uberaba (1954)	4
Música	--	--	--	-	-	--	-	BH (1950)	1
Odontologia	- 1908)	BBH	-	-		--	Uberaba (1947)	Diamantina (1953)	3
Química	--	--	-	-	-	-	-	-	0
Serviço Social	--	--	-	-		--	BH (1946)	Juiz de Fora (1958)	2
Total de Cursos desde o Período imperial até 1960	22	33	6	1		-3	13	15	43

Fonte: Adaptado de Araújo (2019, p. 271).

Ainda nas décadas de 1940 e 1950, o índice de analfabetos era bem expressivo e, portanto, o ensino superior atingia apenas uma minoria da população. Gradativamente essa situação seria alterada, o que possibilitou o surgimento de novas faculdades nos anos de 1960 e 1970⁸⁹. Pode-se considerar-se que o crescimento populacional que ocorreu nesses anos foi um

⁸⁹ Conforme explica Araújo (2019, p. 273), entre 1941 e 1950, Minas Gerais obteve 13 novos cursos. Já entre 1951 e 1960, outros 14 novos cursos foram implementados no Estado. Entre 1961 e 1968 acrescentam-se mais 41 cursos superiores.

dos fatores que impulsionou a expansão dos cursos superiores no Brasil. Neste sentido, a Tabela 3 apresenta dados que podem colaborar para essa nossa proposição.

TABELA 3 – População nos censos demográficos por situação de domicílio no Brasil e em Minas Gerais, 1950-1970.

País/UF	Brasil	Minas Gerais	Brasil	Minas Gerais	Brasil	Minas Gerais
Rural	33.161.506	5.459.273	38.987.526	5.995.460	41.603.839	5.447.982
%	63,84%	70,15	54,92	60,20	44,02	47,04
Urbana	18.782.891	2.322.915	32.004.817	3.964.580	52.904.744	6.167.113
%	36,16	29,85	45,08	39,80	55,98	52,96
Total	51.944.397	7.782.188	70.992.343	9.960.040	94.508.583	11.645.095

Fonte: Adaptado de Araújo 2019, p. 275.

Os dados apresentados evidenciam que de 1950 a 1970, o percentual de pessoas que moravam na área rural do estado de Minas Gerais foi gradativamente declinando, o que tem de certa forma relação com o êxodo rural que fez com que a população buscasse melhores condições de vida. A escolarização também reflete essa demanda na área urbana, o que pode ser observado nas informações elencadas por Araújo (2019, p. 273) nos *Dados demográficos, econômicos e taxas de analfabetismo* (1900-1970).

Uma informação relevante é o número de alunos matriculados nas instituições de ensino superior, conforme descrito na Tabela 4.

TABELA 4 - Alunos existentes nas instituições de ensino

Ano	Nível primário (matrículas efetivas)	Nível médio (início do ano)	Nível superior (início do ano)
1907	542.621	-	5.795
1929	1.748.974	-	13.239
1939	2.652.081	255.466	21.235
1949	4.158.431	-	37.584
1954	5.224.535	837.815	85.126
1959	6.107.279	1.142.439	97.048

Fonte: Adaptado de Araújo (2019, p. 285).

Verifica-se que, mesmo de maneira lenta, a partir de 1940 o número de alunos no ensino superior teve um aumento expressivo (em 1939 eram 21.235 alunos e, em 1949 37.584). Contudo, deve-se ressaltar que o número de instituições privadas que ofereciam o ensino superior era bem maior que o de iniciativas públicas (ARAÚJO, 2019, p. 267).

TABELA 5 - Matrícula geral no Brasil em 1965

Níveis do Ensino	Dados Brutos	%
Ensino Primário	9.923.183	81,11
Ensino Médio	2.154.430	17,52
Ensino Secundário	1.553.699	12,70
Ginasial	1.364.123	11,15
Colegial	189.576	1,54
Ensino Superior	155.781	1,27
Total	12.233.394	100,00

Fonte: Fernandes (1975, p. 41) citado por Araújo (2019, p. 286).

Observa-se que em 1965, a porcentagem de matrículas no ensino superior é ainda tímida se comparada com os números do ensino secundário. Contudo, deve-se ressaltar que mesmo com a oferta do ensino superior tanto por parte da iniciativa pública quanto particular, o acesso era para poucas pessoas da sociedade.

Em consonância com esta concepção, Araújo (2019) explica o quanto as particularidades locais têm relação com a implantação do ensino superior no interior do Estado de Minas Gerais.

Desta maneira, o autor salienta que a pouca expressividade da industrialização, a morosidade na formação dos centros urbanos, assim como a quantidade insuficiente desses e a representatividade foram, de certa maneira, motivos da deficitária e fragmentada distribuição do ensino superior em Minas Gerais.

O referido autor ainda esclarece que algumas questões advindas desde o período imperial elucidam a discrepância do ensino superior entre as províncias e, posteriormente, entre os estados. Dentre as explicações para tal fato, Araújo (2019) destaca algumas: “A falta de comunicação, de estradas, de comércio, bem como argumentos que potencializam o papel das ferrovias nos eixos sul/sudeste em relação ao desenvolvimento compõem comumente os contextos, além de se somarem às explicações e interpretações aventadas” (ARAÚJO, 2019, p. 277).

Ressalta-se que a ambiência social, política e cultural de determinado tempo e espaço proporciona análises para apreender o aumento do número de instituições de ensino superior que de forma lenta expandiram em âmbito nacional e que afetaram direta ou indiretamente

demais localidades do país. Para colaborar com essa assertiva, reportamos às explicações de Araújo (2019, p. 277).

o êxodo rural; o crescimento demográfico; a imigração estrangeira (entre as décadas finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX), bem como os seus desdobramentos; a orientação fundada no republicanismo; a descentralização de caráter federativo (em particular, no decorrer da Primeira República); a centralização do ensino superior pela União (tradição advinda desde o período imperial a partir de 1834); a vagarosa demolição do analfabetismo; a crescente industrialização; a constituição paulatina de centros urbanos mais populosos; a crescente formação em nível superior, ainda que gradualmente menos caudalosa, são alguns aspectos presentes entre as explicações e as interpretações mais correntes.

As explicações de Araújo (2019) colaboram para a discussão sobre institucionalização do ensino superior no interior de determinado município mineiro⁹⁰. Assim, considera que a inserção desse ensino deve ser analisada não só pelo lugar ocupado geograficamente, mas relacionando-o com fatores como as questões cultural, social, política e econômica, quer seja local, regional ou estadual. Araújo (2019) salienta o quanto esses aspectos colaboraram para a apreensão do ensino superior.

Enquanto tais são partes inseparáveis da totalidade nacional. Se se volta singularmente para uma dada instituição. Tal singularidade não é explicável por si só, mas há um ganho científico quando se estabelecem as correlações de caráter local, regional e nacional (ARAÚJO, 2019, p. 277-278).

Essa proposição de Araújo (2019) colabora com a perspectiva que depreendemos de como determinados locais são priorizados para a implantação de instituição de ensino e qual finalidade da oferta dos cursos, bem como quais os saberes a serem ensinados. A partir dessas alusões reportamos aos dados contidos na Tabela 6, que colabora para apreender a dispersão de cursos superiores em Minas Gerais entre 1839 a 1968.

⁹⁰ Araújo (2019, p. 288) explica que “se se leva em conta o critério de regionalização associado à interiorização geográfica e à expansão até 1960, toda a área ao norte do estado de Minas Gerais – que abrange as regiões Noroeste de Minas, Central Mineira, Norte de Minas, Jequitinhonha, Vale do Mucuri e Vale do Rio Doce – não contava com cursos superiores, com exceção da região do Jequitinhonha, que possuía um curso, o de Odontologia, em Diamantina - MG, desde 1953. O autor ainda, acrescenta que, além destas, a Oeste de Minas – região que faz fronteira com a Região Metropolitana de Belo Horizonte, com o Triângulo Mineiro, com o Sul/Sudoeste de Minas e com o Campo das Vertentes (e, através desta, com a Zona da Mata) – também não havia cursos superiores”.

TABELA 6 - Número de cursos superiores em Minas Gerais entre 1839 a 1968

Décadas desde o período imperial	Nº de cursos por décadas	Taxas %
Até 1900	2	2,7
1901-1910	3	4,1
1911-1920	6	8,2
1921-1930	1	1,3
1931-1940	2	2,7
1941-1950	14	19,2
1951-1960	14	19,2
1961-1968	31	42,6
Total	73	100,0

Fonte: Araújo (2019, p. 290).

Assim, verifica-se a expansão dos cursos superiores a partir de 1941 e 1968. Essas considerações são importantes para compreender as motivações que propiciaram a implantação do ensino superior em determinado tempo e espaço e as propostas educacionais idealizadas por fundadores destas instituições.

Para tanto pretendemos, a partir da breve apresentação do ensino superior em Minas Gerais, tratar especificamente sobre esse ensino na cidade de Uberaba, que no ano de 1949 implantou-se a Fista, que possuía o curso de Pedagogia e oferecia no currículo o ensino de História da Educação, objeto de estudo desta pesquisa.

2.3 O Ensino Superior em Uberaba

De acordo com Mendonça (1974), a cidade de Uberaba obteve a primeira instituição de ensino superior, o Instituto Zootécnico, no ano de 1896. Este curso atendia a atividade de criação de gado Zebu que precisava de pessoas aptas para desempenharem os conhecimentos agropecuários⁹¹. Além desses aspectos políticos e econômicos, cabe destacar as questões relacionadas à educação e à religião⁹², tão presentes no município de Uberaba. Riccioppo Filho (2007) explica que, em Uberaba, a dificuldade para implantar instituições educacionais que não

⁹¹ De acordo com Mendonça (1974), dentre os alunos formados nessa instituição podemos mencionar Fidélis Reis, cuja vida na política pública começou em 1919, sendo eleito para o cargo de Deputado Estadual do estado de Minas Gerais e, no ano de 1921, para Deputado Federal por Minas Gerais, cargo para o qual foi reeleito até 1930, quando se deflagrou o processo da Revolução de 1930 e o seu mandato foi então extinto. Elaborou a lei que recebeu seu nome, que instituiu o ensino profissionalizante de caráter obrigatório no país. Como parlamentar, esteve envolvido em projetos xenófobos e racistas na Câmara dos Deputados. Outro aluno da referida instituição foi Hildebrando Pontes (historiador e escritor). Ressalta-se que o Instituto Zootécnico funcionou por pouco tempo, encerrando suas atividades em 1898.

⁹² Souza (2018) realizou estudos de instituições de assistências às crianças pobres e enfatizou o embate e conflitos entre a Igreja Católica e o Espiritismo na cidade de Uberaba. Para maiores informações recomenda-se a leitura de Souza (2018).

pertenciam ao catolicismo tornaram-se nítidas desde quando se cogitou a proposta de instalação de instituição que possuía cunho metodista:

[...] dispostos a enfrentar o poderoso grupo católico, os metodistas vislumbraram a possibilidade de construir uma base mais sólida na próspera região de Uberaba, preferencialmente através da instalação de uma escola de maior porte, organizada nos moldes dos colégios de Piracicaba e de Juiz de Fora. Na verdade, houve duas tentativas bastante concretas para fundar, na cidade, uma instituição de ensino metodista ligada ao Granbery de Juiz de Fora: a primeira ocorreu ainda no ano de 1909 e a segunda na década de 1920 [...]. Procurando difundir entre a população o perigo representado pela chegada dos diferentes, as lideranças católicas acirraram suas críticas contra o Granbery. Em meio à guerra na imprensa, o principal jornal católico de Uberaba, o Correio Católico, divulgou uma declaração dada, segundo o periódico, por uma pessoa fidedigna, sobre a falta de disciplina nas escolas protestantes, da intolerância religiosa metodista, etc., procurando abalar a reputação do estabelecimento de ensino de Juiz de Fora (RICCIOPPO FILHO, 286-89).

Essas informações evidenciam a predominância católica na oferta de ensino na cidade de Uberaba e também o quanto condizente era com as ideias culturais da sociedade⁹³. De acordo com Riccioppo Filho (2007), em 1909, houve também a possibilidade de se implantar os cursos de Odontologia e Farmácia.

A primeira vez em que se cogitou a criação dos cursos de Odontologia e Farmácia na cidade de Uberaba foi em 1909, quando ocorreu a tentativa de instalação de uma sucursal do Instituto Granbery nesta cidade. Os diretores daquela instituição prometiam dotar Uberaba daquelas duas faculdades, à semelhança de Juiz de Fora, que as possuía desde 1904, o que acabou não acontecendo. Com a frustração daquela tentativa, a primeira Faculdade de Odontologia e Farmácia de Uberaba só iniciou as atividades a partir da segunda metade da década de 1920 (RICCIOPPO FILHO, 2007, p. 335-338).

A Escola de Farmácia e Odontologia de Uberaba iniciou as atividades no dia 07/07/1927, sob a direção do Dr. José de Oliveira Ferreira (RICCIOPPO FILHO, 2007, p. 337). Essa instituição funcionou por pouco anos, de 1927 a 1936. Ressalta-se que em 1936, após

⁹³ Riccioppo Filho (2007, p. 289) explica que, “Com a derrota dos metodistas, a década de 1910 assistiu a forte consolidação da hegemonia católica em Uberaba, a qual podia ser sentida em vários setores da sociedade. As instituições de ensino confessionais católicas consolidaram-se como as mais importantes da cidade, alinhando seus currículos e propostas pedagógicas aos interesses das elites locais. Em contrapartida, a Igreja Católica recebia o amparo da burguesia local para seus projetos sociais e para a reforma e construção de templos, do seminário e da residência episcopal”. O autor ainda, complementa que “A intolerância católica em Uberaba não se restringia ao ataque às instituições protestantes que tentavam estabelecer-se na cidade. Na segunda década do século XX, foi dirigida principalmente à comunidade espírita. Naquela época, crescia, na região, a influência do Espiritismo, doutrina de caráter religioso criada pelo francês Allan Kardec no século XIX e presente em Uberaba e região desde as últimas décadas do século XIX. Um dos introdutores da doutrina na região foi o espanhol Frederico Peiró, proprietário de uma empresa extratora de calcário, no local onde é hoje o povoado de Peirópolis, no município de Uberaba” (2007, p. 289).

parecer da inspeção federal de ensino, essa instituição foi fechada devido ao não atendimento às regras existentes naquele contexto.

Os arquivos da Escola de Farmácia e Odontologia de Uberaba foram recolhidos pela Inspetoria Geral do Ensino Superior, estabelecida no Rio de Janeiro. Os alunos que ainda cursavam as faculdades transferiram-se, em sua maioria, para as escolas congêneres de Ribeirão Preto e Ouro Preto (RICCIOPPO 2007, p. 53).

Ainda nos anos de 1930, houve em Uberaba um propósito de se instalar uma faculdade de Direito, contando com ideias de diversas pessoas⁹⁴.

Riccioppo Filho (2007, p. 380), salienta que “A iniciativa de fundação da faculdade de Direito nasceu de uma reunião realizada no dia 13/02/1933”. Explica o referido autor que “A nova faculdade passou a funcionar, de forma provisória, no prédio da Escola de Farmácia e Odontologia” (RICCIOPPO FILHO, 2007, p. 381). Cabe enfatizar que o curso de Direito era então administrado pelos mesmos dirigentes da Escola de Farmácia e Odontologia. Assim, em meados de 1936, ocorreu o encerramento das atividades educacionais.

[...] com o fechamento da Escola de Farmácia e Odontologia, a situação da Faculdade de Direito tornou-se insustentável: como as duas instituições eram dirigidas pelo mesmo grupo, acusado pelo Conselho Nacional de Educação de praticar uma administração irregular, não havia como obter a fiscalização provisória por parte do governo (RICCIOPPO, 2007, p. 385).

Esses apontamentos de Riccioppo Filho (2007) são importantes para apreender o contexto do ensino superior, em Uberaba e como o autor explica o quão as iniciativas incipientes, principalmente dos cursos de farmácia, odontologia e direito foram relevantes para a implantação dessas áreas em anos seguintes.

A Escola de Farmácia e Odontologia de Uberaba, assim como a Faculdade de Direito a ela ligada, tiveram, também, a relevância de terem sido as pioneiras quanto à implantação, na cidade, de um modelo empresarial de gestão do ensino superior. Mesmo fechadas em virtude de supostas irregularidades administrativas e também em função dos interesses de alguns setores da sociedade regional que defendiam o monopólio do acesso à educação superior, aquele bem-sucedido modelo de organização universitária serviu de exemplo para iniciativas futuras, como as que deram origem às faculdades dirigidas por

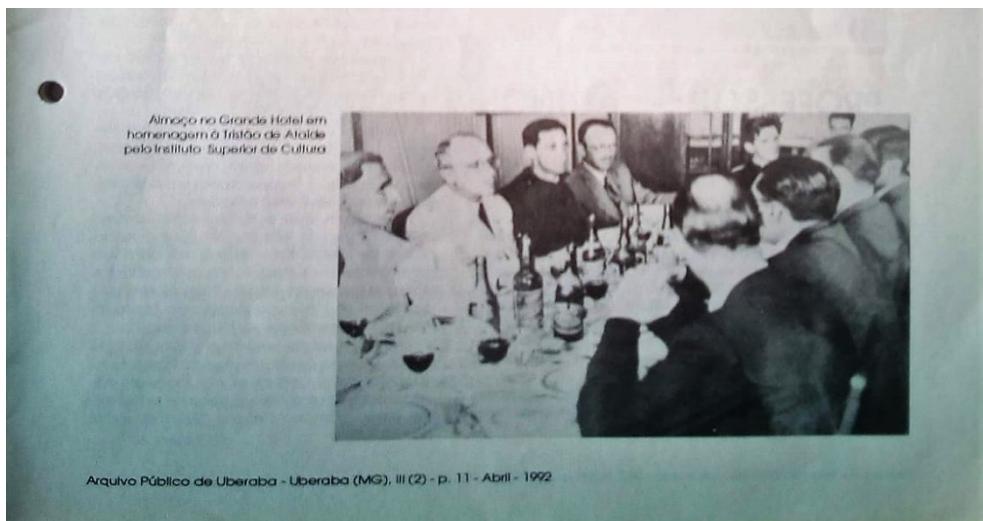
⁹⁴ De acordo com Riccioppo Filho (2007, p. 380) os nomes dos idealizadores desse projeto foram “Dr. Mineiro Lacerda, presidente da Escola de Farmácia e Odontologia de Uberaba; Sebastião Fleuri, advogado criminalista e presidente da sub-seção local da Ordem dos Advogados; Victório Guaraciaba, tesoureiro da Escola de Farmácia; Manoel Libânia Teixeira, presidente do Conselho Técnico Administrativo da mesma escola; e Amélia Lacerda Guaraciaba, secretária da Escola de Farmácia e Odontologia”.

Mário Palmério e à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino (FAFI). (RICCIOPPO FILHO, 2007, p. 420).

Em alusão às percepções elencadas pelo autor, reportaremos ao ano de 1944, quando foi instalado o Instituto Superior de Cultura, que iniciou com o curso de Filosofia. Esta proposta foi idealizada pelos padres Juvenal Arduini e Armênio Cruz⁹⁵.

O Instituto Superior de Cultura de Uberaba remete a Casali (1995, p. 134), que explica o surgimento desses institutos, nos anos de 1932, como gênese da Universidade Católica no Brasil. De acordo com Casali (1995), esse projeto educacional apresentava como finalidade a difusão de uma cultura que privilegiaria algumas pessoas da sociedade⁹⁶. Nesse sentido, concordamos com Casali (1995) ao constatar que o Instituto Superior de Cultura em Uberaba, idealizado por Monsenhor Juvenal Arduini, também iniciou um curso de Filosofia que atendia a um determinado perfil de pessoas.

FIGURA 1 – Tristão de Ataíde s/d.



Fonte: Arquivo Público de Uberaba

⁹⁵ Monsenhor Juvenal Arduini foi professor, escritor e ministrou aula de Filosofia no Instituto Superior de Cultura de 1944 a 1948/49. Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino, ministrou aulas de Filosofia e Filosofia da Educação (1949 a 1971). Armênio Cruz, fundou, em 1944, o Instituto Superior de Cultura em Uberaba, juntamente com Pe. Juvenal Arduini e apoio do Bispo Diocesano Dom Alexandre Gonçalves do Amaral. Atuou como pároco da Catedral de Uberaba (1949-1954). A partir de 1954, dedicou-se exclusivamente como diretor – editor do informativo diocesano Jornal Correio Católico.

⁹⁶ De acordo com Casali (1995, p. 10-11), D. Leme, idealizador da Universidade Católica no Brasil, “privilegiava a educação (tomando-se também a instrução religiosa e a formação de lideranças como ato educativo) e, desde 1916, a escola católica, explicitamente”. Nessa perspectiva, a Universidade Católica aparece como o instrumento privilegiado, superior de sua estratégia global. Trata-se, pois, de um projeto não apenas de uso estratégico da elite, mas também de características elitistas. Com efeito, nada havia no currículo, ou atividades extracurriculares, muito menos no recrutamento social dos alunos, ou no seu destino profissional pós-universidade, que apontasse para qualquer ligação orgânica entre a Universidade Católica idealizada ou nascente e a grande maioria dos católicos ou do povo. O projeto de D. Leme, por isso, podia contar com respostas razoavelmente fáceis e rápidas do seu principal anseio, de ascensão econômico-social e de prestígio.

A Figura 1 mostra uma reunião realizada com Tristão de Ataíde (segundo do lado esquerdo com rosto frontal e ao lado dele, com traje religioso de cor preta, monsenhor Juvenal Arduini. Não foi mencionada a data do referido encontro, contudo inferimos que seja entre os anos de 1944 a 1948, período de funcionamento da instituição. Salienta-se que esse documento faz parte do acervo do Arquivo Público de Uberaba, que inclui dados particulares de Monsenhor Juvenal Arduini e foram catalogados e disponibilizados em 1992. Nesse momento, outros membros que compunham o meio intelectual da cidade de Uberaba participavam do referido encontro para discussões acerca do Instituto Superior de Cultura - ISC, o qual posteriormente foi a gênese da Fista. Neste sentido, o excerto abaixo, pode colaborar com essas inferências que realizamos quanto aos sujeitos que compunham o ISC de Uberaba.

O Instituto Superior de Cultura começou em 44, foi o seguinte: Uberaba não tinha Faculdade na época. Eu vinha, eu me ordenei no fim de 42, 43 foi o meu 1º ano de padre em Uberaba, e então nos sentíamos que tínhamos uma vontade de ampliar assim, a cultura, a reflexão cultural de Uberaba. Uberaba sempre teve uma verdadeira estirpe cultura... Uberaba sempre teve, historiadores, escritores, jornalistas, pessoas, artistas, pessoas de valor, sempre teve. A Medicina sempre foi uma Medicina assim, apurada. Advogados de valor, teve. [...]fundamos o Instituto Superior de Cultura, que o próprio nome indica, assim, uma pretensão de se fazer uma reflexão mais ampla, de se trazer uma pessoa de fora, para trazer assim, uma contribuição maior, etc. Tivemos também intelectuais do país que fizeram conferências. E ele durou bastante tempo, praticamente até 49-48-49, ele foi o germe da Faculdade, porque, eu tenho e até depois posso mostrar, nós temos aqui o Dr. Alceu de Amoroso Lima... No decorrer de 1944, veio a Uberaba, para participar do congresso Diocesano de Ação Católica, Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), pensador e escritor, e que era também membro do Conselho Federal de Educação. Em almoço que lhe oferecemos no Grande Hotel, expusemos-lhe o trabalho do Instituto Superior de Cultura, então ele falou assim: Porque vocês não caminham para fundar a Faculdade de Filosofia? E foi quando então a partir disto e já havia uma certa ideia no ar, as Irmãs Dominicanas e os Irmãos Maristas, mas sobretudo as Irmãs Dominicanas, começaram a trabalhar nesta área (ARDUINI, 1988, ARQUIVO PÚBLICO DE UBERABA).

O excerto da entrevista de Monsenhor Juvenal Arduini permite inferir que o Instituto Superior de Cultura não foi destinado à maioria da população de Uberaba e se diferenciava por ter a finalidade de oferecer uma cultura mais “apurada”, conforme termo mencionado pelo referido religioso. Além disso, o curso ofertado era ministrado por conferencistas do “estrangeiro” e, portanto, poucas pessoas em Uberaba, naquele contexto de 1944 a 1948, teria oportunidade de frequentá-lo. Para colaborar com este nosso entendimento, reportamos às explicações de Monsenhor Juvenal Arduini sobre quem eram os jovens que frequentavam os cursos ofertados no Instituto Superior de Cultura.

Então haviam muitos jovens, mais jovens principalmente, que participavam de Ação Católica, isto tudo com influência de D. Alexandre que era um líder

na Ação Católica, eles tinham aulas sempre de Teologia, então o nível de reflexão, de estudo, havia se elevado, e esse pessoal frequentava muito os cursos do Instituto Superior de Cultura. Então nós tínhamos...Agora havia outras pessoas, que trabalhavam às vezes em bancos e que gostavam de estar ligados em discussões e debates (ARDUNI, 1988, ARQUIVO PÚBLICO DE UBERABA).

Neste sentido, o Instituto Superior de Cultura (1944 a 1948) estava condizente com uma cultura diferenciada e que facultava o surgimento de futura faculdade católica em Uberaba. Com esse propósito foi fundada, em 1949, a Fista⁹⁷. A instituição foi administrada pelas Irmãs Dominicanas até o ano de 1980. Cabe destacar que trataremos especificamente sobre a Fista em outro momento, uma vez que neste capítulo abordaremos de maneira geral o ensino superior em Uberaba.

O Instituto Superior de Cultura funcionou de 1944 a 1948, quando no ano de 1949 foi criada a Faculdade de Filosofia Santo Tomás de Aquino - Fafi. A partir de 1971, com a Reforma Universitária (Lei nº 5540/68), houve mudança no regulamento da instituição que passou a ser denominada Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino - Fista. Em 1980, as Irmãs Dominicanas cederam a Fista para as Faculdades Integradas de Uberaba - Fiube, atualmente Universidade de Uberaba - Uniube.

Em busca de motivos que ocasionaram essa fusão Fista – Fiube, possuímos como referência o estudo de Santos (2006), que cita que a instituição estava com algumas dificuldades financeiras, uma vez que concedia várias bolsas de estudo para pessoas que não podiam pagar as mensalidades. Os estudos de Santos (2006), apesar de não tratarem especificamente desse fato, mencionou essa realidade enfrentada pela faculdade. Para além deste motivo, também temos como preposição que os propósitos que motivaram a criação da instituição nos anos de 1949 não correspondiam aos de 1980, havendo, portanto, a cessão da referida faculdade à Fiube.

Destaca-se que antes deste acontecimento, em 1947, existia a faculdade isolada de Odontologia (1947) e que, posteriormente, outros cursos como Direito (1951) e Engenharia (1956) foram ofertados na instituição administrada por Mário Palmério. Somente em 1972

⁹⁷ Paula (2007, p. 79) explica que a Filosofia Tomista foi influenciada pelo pensamento aristotélico, que o utilizou como instrumento do catolicismo. A obra de Santo Tomás de Aquino pertence à Escolástica, que buscou harmonizar a fé cristã e a razão. O Neotomismo surgiu no final do século XIX, sob a influência da encíclica *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII, que afirmava que a religião é a saída para a transformação da sociedade em busca da justiça social.

ocorreu a aglutinação desses cursos e outros que foram criados e implementados, o que ocasionou a mudança na nomenclatura tornando-se Faculdades Integradas de Uberaba⁹⁸.

Em 1950, a Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro – FMTM foi implantada na cidade de Uberaba, portanto no governo de Juscelino Kubitschek. Conforme explica Paula (2007, p. 50), a origem desta instituição “remonta aos anos de 1950, pois nessa época, umas das grandes aspirações da cidade era a implantação de uma Faculdade de Medicina”⁹⁹.

No decorrer do ano de 1953, Uberaba contou com o Centro de Treinamento de Economia Doméstica Rural¹⁰⁰. Esta instituição correspondeu à característica da cidade de Uberaba que ainda apresentava traços de município do interior voltado às atividades rurais.

Em 1964, a Associação Comercial e Industrial de Uberaba – Aciu, sob a gestão de Léo Derenusson, propôs a criação da Faculdade de Ciências Econômicas do Triângulo Mineiro – FCETM, mas somente em 1966, através do Decreto Presidencial de 01 de janeiro, ela foi implantada¹⁰¹. Em 1975 foi fundada as Faculdades Associadas de Uberaba – Fazu, que oferece atualmente o curso de Zootecnia e possui como mantenedora a Associação Brasileira de Criadores de Zebu.

Ademais, Uberaba obteve um crescimento populacional nos idos dos anos de 1940 e 1960. Aumentava-se, portanto, a oferta de cursos superiores e verifica-se o crescimento do número de pessoas que deixam a área rural e buscam a cidade para trabalharem e escolarizarem diante da nova demanda social e econômica da cidade¹⁰².

⁹⁸ Em 1972, o espaço destinado aos cursos foi denominado - Faculdades Integradas de Uberaba – a Fiube. (PAULA, 2007, p. 49). Cabe salientar que em 1973 criam-se outros cursos como Educação Física, Psicologia, Estudos Sociais e Comunicação Social. Em 1981, ocorreu a fusão das Faculdades Integradas de Uberaba com as Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino e, sendo assim, cursos como Letras, Filosofia, História, Geografia, Ciências (Química, Matemática e Biologia) e Pedagogia passaram a ser ofertados. Em 1988, tornou-se Universidade de Uberaba – Uniube.

⁹⁹ A Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro – FMTM tornou-se Universidade em 2005, através da Lei nº 11.152, de 29 de julho de 2005. Atualmente oferece diversos cursos de graduação e pós-graduação. A respeito da criação da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, recomendamos a leitura de Lopes (2020).

¹⁰⁰ Em 1979, com apoio da Prefeitura de Uberaba que cedeu uma área de 472 hectares, foi implantada a Escola-Fazenda. Em 2002, a então Escola Agrotécnica Federal transformou-se em Centro Federal de Educação Tecnológica – Cefet. Em 2008, transformou-se em Instituto Federal do Triângulo Mineiro – IFTM. Para maiores informações, ler Ferreira (2012).

¹⁰¹ De acordo com Paula (2007, p. 51) em 1968 a dominicana Irmã Loreto foi convidada pelas lideranças classistas a assumir a direção da FCETM. Isto ocorreu devido a sua experiência como gestora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino.

¹⁰² Conforme explica Paula (2007, p. 52), “[...] com a urbanização e a industrialização do País, a partir da segunda metade do século XX, ampliou-se o número de escolas pelo território brasileiro, principalmente na região centro-sul. Esse crescimento de educandários também ocorreu em Uberaba, principalmente nos anos de 1960, como consequência da transferência de massas rurais para a zona urbana”.

2.4 Motivações para criação da Fista

O Brasil, no que tem de melhor, ainda é filho da pedagogia christã. E quarenta anos de laicismo pedagógico ainda não conseguiram aniquilar, de todo, o grande esforço educativo da Igreja, pelas suas ordens religiosas e pelos seus fieis leigos (TRISTÃO DE ATHAYDE, 1931, p.135).

Em 1944, o Instituto Superior de Cultura de Uberaba foi idealizado pelos padres Juvenal Arduini e Armênio Cruz. A referida instituição ofertava o curso de Filosofia, o que de certa maneira atingia pessoas privilegiadas, pois não condizia com a realidade da maior parte da população que ainda vivia em uma cidade que apresentava características rurais¹⁰³. O município possuía determinados grupos de famílias tradicionais que eram compostas por fazendeiros que encaminhavam seus filhos para instituições de ensino particular¹⁰⁴. Conforme estudos de Oliveira (2003), alunas e alunos oriundos dessas instituições particulares poderiam continuar seus estudos na Fista, e isso tornava-se importante para a permanência de uma cultura condizente com o que os idealizadores da instituição defendiam. Ainda segundo Oliveira (2003, p.101), a Fista foi uma instituição que se tornou referência regional na formação de professores e permitiu também “a transmissão de um sólido conhecimento e a formação não menos sólida de seus egressos, tendo como base os princípios da doutrina católica”.

¹⁰³ De acordo com Rezende (1991) Uberaba tornou-se a “Capital do Gado Zebu”, mas boa parte da população ficou sem a participação dos benefícios que atenderiam apenas uma minoria da cidade. Para mais informações ler Rezende (1991).

¹⁰⁴ As instituições privadas que surgiram entre 1880 e 1900 foram, respectivamente, o Colégio Nossa Senhora das Dores (em 1885, sob a direção das Irmãs Dominicanas) e o Colégio Diocesano do Sagrado Coração de Jesus (em 1886, sob a direção dos Irmãos Maristas). Salienta-se que Alexandrina Conduché é o nome civil de Madre Anastasie que, após adquirir esse nome religioso, transformou sua residência em um lugar de [...] formação para a vida religiosa (SANTOS, 2006, p. 22). Com esse propósito, Madre Anastasie fundou a Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils. Santos (2006, p. 21) explica que essa congregação nasceu em Bor, pequena aldeia dos planaltos de Rouergue, na região de Aveyron, em 1851. Ressalta que a religião direcionava os ideais com a secular Ordem de São Domingos. Contudo, ressalta-se que além da função de catequizar e evangelizar, havia o atendimento aos doentes fragilizados na saúde física e espiritual. Santos (2006) explica que a religiosa preserva valores humanos condizentes aos propósitos cristãos pautados na linguagem do Evangelho. A autora menciona que em Monteils, foi instalada um noviciado da Congregação das Irmãs Dominicanas. Em relação a Ordem dos Dominicanos, esta surgiu no Brasil em 1873, quando o seminarista Francisco José Joaquim de Mello (futuramente Frei Vicente) requisitou autorização ao Prior para a fundação de um convento da Ordem no país. Com o apoio do bispo do Rio de Janeiro Dom Pedro Maria de Lacerda, Frei Damião e Frei Bento Sanz o instalaram no Rio de Janeiro, no ano de 1878 (SANTOS, 2006, p. 24). Ademais, cabe enfatizar que tanto os integrantes da Congregação Dominicana quanto os Irmãos Maristas Diocesanos participaram diretamente na elaboração de ideias para a oferta do ensino superior católico na cidade de Uberaba. Para maiores informações sobre o Colégio Nossa Senhora das Dores e Colégio dos Irmãos Maristas, recomenda-se, respectivamente, a leitura de Moura (2002) e Silva (2004).

Assim, a Fista apresentava-se com um diferencial educacional que disseminava aos alunos um cabedal condizente com a cultura defendida por seus idealizadores. Oliveira (2003), reporta à fala da senhora Madre Maria Ângela da Eucaristia que foi diretora da Fista.

[...]formar um grupo de alunos que mantivessem um espírito cultural, sustendo tal espírito em Uberaba e que a Faculdade faria frente ao espírito tecnicista que ameaçava dominar a sociedade, tendo em vista a recente criação da Faculdade de Odontologia, pelo professor Mário Palmério (OLIVEIRA, 2003, p. 81).

Inferimos que a instalação de um Instituto Superior de Cultura na cidade de Uberaba era o que acontecia no país desde 1932, quando a criação do Instituto Católico de Estudos Superiores tornou-se uma referência para a implantação do ensino superior no Brasil (CASALI, 1995).

Nesse sentido, em alusão ao que Casali (1995, p. 135) explica sobre a inauguração do Instituto Católico de Estudos Superiores (ICES), em 24 de maio de 1932, na cidade do Rio de Janeiro, torna-se oportuno elencar as concepções e ideais de universidade que os envolvidos naquela ocasião pretendiam: “[...] uma grande obra de cultura [...], da qual nos virá um dia a Universidade Católica que todos almejamos” (A ORDEM, vol.12, nº 28 de junho 1932, p. 464 citado por CASALI, 1995, p. 135).

Casali (1995, p. 135) salienta que na cerimônia do ICES estavam o “Ministro da Educação e Saúde Pública – Francisco Campos, do Núncio Apostólico, do Reitor da universidade do Rio de Janeiro, além de Leonel Franca e Alceu Amoroso Lima”.

Esse movimento que acontecia no Brasil surgiu em 1944 em Uberaba. Essa ramificação do Instituto Católico de Estudos Superiores na cidade mineira obteve a colaboração de Alceu Amoroso Lima¹⁰⁵.

De acordo com Santos (2006), em 16 de setembro de 1948, o regimento da Fista foi aprovado por meio do Parecer 551 (SANTOS, 2006, p. 31). Segundo a autora, a autorização do funcionamento da instituição ocorreu por meio do decreto nº 26.044, de dezembro de 1948

¹⁰⁵ Casali (1995, p. 126) explica que Alceu de Amoroso Lima coordenou, no período de 1928 a 1934, a denominada “A nova fase da Revista *A Ordem* (fundada em 1916 e teve Jackson Figueiredo como primeiro editor, no período de 1921 a 1928). Na coordenação da referida revista, Alceu Amoroso Lima teve o intuito de promover “uma revista católica de cultura geral”. De acordo com Casali (1995, p. 127), “a nova orientação do grupo católico, sob a liderança laica de Alceu, se expressará formalmente pela reformulação dos Estatutos do Centro D. Vital que estariam consubstanciados para meta de formação do núcleo da futura Universidade Católica”. Assim, no Artigo 2º temos que “o Centro D. Vital do Rio de Janeiro tem por fim desenvolver, por todos os meios intelectuais legítimos, a cultura católica superior entre nós, realizando o seguinte programa: Parágrafo 1º - Organização de cursos de Teologia, Filosofia, Ciências, História da Igreja etc., que sejam o núcleo da nossa futura Universidade Católica” (CASALI, 1995 p. 127). Para maiores informações sobre o Centro D. Vital e a influência de Alceu Amoroso Lima na difusão educacional católica no Brasil, ler Argon (2014).

(SANTOS, 2006, p. 31). Assim, os cursos ofertados foram os de Filosofia, Pedagogia, Geografia, História e Letras – Línguas Neolatinas, Clássicas, Anglo-Germânicas e Didática¹⁰⁶. Salienta a autora que a Irmã Maria Angela da Eucaristia foi a Diretora da instituição durante o período de 1948 a 1961 e a Irmã Virginita do Rosário foi vice-diretora, permanecendo no cargo de 1949 a 1955. Ainda sobre a gestão da Fista, a Irmã Glícia Maria Barbosa da Silva ocupou o cargo de Diretora nos anos de 1967 a 1977 (SANTOS, 2006, p. 48)¹⁰⁷.

Em Ata datada de 11 de fevereiro de 1949, verifica-se a reunião que ocorreu no Colégio Nossa Senhora das Dores na qual estavam presentes pessoas que impulsionariam a efetivação de uma faculdade católica em Uberaba:

no Colégio Nossa Senhora das Dôres, realizou-se a primeira reunião do Corpo Docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Santo Tomás de Aquino”, sob a presidência de S.Excia.Revma.D. Alexandre Gonçalves Amaral. Achavam-se presentes a Ex.Sra. Irmã Diretora, Madre Maria Angela da Eucaristia, a vice diretora, Irmã Maria Virginita do Rosário, o Regente do Departamento masculino, snr, Irmão Lourenço e bom número de professores. [...] Marcou-se o início das aulas para o dia sete de Março, festa de Santo Tomás de Aquino. Foi proposto o seguinte programa: Às sete horas, uma Missa festiva celebrada por nosso caríssimo Bispo Diocesano, Presidente de Honra da Faculdade e às dezenove e meia horas a aula inaugural dada por sua Excia Revma. Decidiu-se, após discussões, que a Missa seria celebrada no Colégio Diocesano onde funciona o Departamento Masculino e a aula inaugural no Colégio Nossa Senhora das Dôres, onde funciona o Departamento Feminino. Propôs-se que o convite fosse feito pela Imprensa, bem como a propaganda da Faculdade, sendo para isto encarregados os senhores professores Dr. José Mendonça e o senhor Santino Gomes de Matos, que se prontificaram com a máxima bôa vontade. [...] Antes de terminar a reunião, Sua Excia.Revma. D. Alexandre Gonçalves Amaral tomou a palavra, frisando a necessidade urgente e real da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras nesta cidade. Seu trabalho será lento, mas a faculdade se fará lá na Capital acreditam que a mentalidade de Uberaba não comporta uma Faculdade

¹⁰⁶ Segundo Oliveira (2003) e Santos (2006), inicialmente a Fista funcionou com dois departamentos, os quais estavam dispostos em: Masculino (Colégio Marista Diocesano) e Feminino (Colégio Nossa Senhora das Dores). Santos (2006, p. 35) explica que a estrutura organizacional ficou desta maneira até 1954. Após, com o número significativo de alunos, foi necessário mudar de endereço, sendo cedido um edifício pelo Colégio Nossa Senhora das Dores. Assim, a instituição funcionou na Rua Governador Valadares e somente em 1961 foi inaugurado o prédio próprio localizado à Rua Manoel Gonçalves Rezende, na Vila São Cristóvão, onde funcionou até 1980.

¹⁰⁷ De acordo com Santos (2020, p. 267), Glycia Maria Barbosa da Silva possuía a denominação religiosa “Madre Alexandra”. Ainda segundo Santos (2020, p. 267-268), essa religiosa é natural de Uberaba e possuía como “Escola de Origem: Colégio Nossa Senhora das Dores”. A autora explica que a formação acadêmica de Irmã Glycia foi em Pedagogia, com mestrado na Universidade Santa Úrsula no Rio de Janeiro. Santos (2020, p. 268) salienta que a religiosa “Atuou na década de 80 e 90 nas inserções populares em Mato Grosso, Tocantins, Haiti e República Dominicana até 2015. Atualmente, coordena o Centro de Estudos Santo Tomás de Aquino (CETA), faz parte do Conselho Provincial e coordena o Projeto Invisíveis, desenvolvido com os catadores de lixo da cidade de Uberaba”.

de Filosofia, isso é engano, e o futuro encarregará de demostrar com fatos o que prevemos hoje. Contou-nos que o professor Dr. Alceu de Amoroso Lima quando aqui esteve em mil novecentos e quarenta e quatro, por ocasião do Congresso de Ação Católica, lhe dissera dar aula de Sociologia, na Faculdade do Rio a quatro alunos, ao passo que aqui o Revmo. Padre Juvenal tem no Curso de Filosofia, uma frequência média de vinte alunos. Sua Excia falou ainda sobre a fundação das Universidades Católicas propagadas por sua Eminência o Snr. Cardeal D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, em nosso país, salientando já a criação da Universidade Católica de Minas Gerais, e quem sabe, no futuro bem poderemos ter a Universidade Católica do Brasil Central, com sede em Uberaba. (ATA DA PRIMEIRA REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO, 11 de fevereiro de 1949).

O grupo de idealizadores da instituição era integrante da Igreja Católica e reporta a Alceu Amoroso Lima, intelectual com influência na difusão dos ideais de fundação da Universidade Católica no Brasil (CASALI, 1995). Ainda sobre Ata de 11 de fevereiro de 1949, foi citada a finalidade da instituição, que consta na menção referendada em artigo do regimento interno:

Artigo 1º “a) formar professores para curso secundário e normal; b) dar aos estudantes ensejo de se especializarem, conforme suas aptidões individuais; c) colaborar com institutos oficiais congêneres para a difusão da educação nacional e generalização da alta cultural intelectual no Brasil. d) realizar pesquisas nos vários domínios da cultura que constituam objeto de seu ensino, frisando, entretanto, que acima de todas, a finalidade máxima, é a maior glória de Deus” (ATA DA PRIMEIRA REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO, 11 de fevereiro de 1949).

A partir da exposição elencada no documento, percebemos que naquele contexto da criação da Fista os fundadores visavam uma concepção de educação que coadunasse com os propósitos por eles defendidos como oportunos e importantes.

Ressalta-se que a estrutura administrativa da instituição deve ser considerada, pois naquele contexto os membros que faziam parte das decisões eram os que de certa forma estavam mais condizentes com os valores inerentes àquele grupo. Desta maneira, no documento datado de 11 de fevereiro de 1949, foi composto o Conselho Técnico-Administrativo da Fista:

A Vice-Diretora propôs em seguida à Congregação a eleição do Conselho Técnico Administrativo. Conforme o artigo 63º do Regimento Interno, o Conselho Técnico-Administrativo será constituído de seis membros, eleitos pela Congregação e renovados de um terço anualmente. Apresentou-se a justificação da nomeação da Diretora como membro do referido Conselho de Acordo com o artigo 59º, e da Vice-Diretora, artigo 60º, e propôs como 3º membro o Exmo. Sr. Reitor do Colégio Diocesano, já Regente do Departamento Masculino da Faculdade. Ficou pois assim constituído o Conselho Técnico-Administrativo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Santo Tomás de Aquino”: Revma. Irmã Diretora-Madre Maria Angela

da Eucaristia. Irmã Vice-Diretora Irmã Maria Virgínia do Rosário. Exmo. Irmão Lourenço. Revmo. Padre Juvenal Arduini. Revmo. Monsenhor João José Perna e o Snr. Prof. Dr. José Mendonça, que foram imediatamente empossados. A Irmã Diretora convidou-os para uma reunião, durante a qual se estudariam os problemas da Faculdade e decidiu-se que a próxima reunião se efetuaria dia quatorze do corrente. Marcou-se o início das aulas para o dia sete de Março, festa de “Santo Tomás de Aquino”. Foi proposto o seguinte programa: Às sete horas, uma Missa festiva celebrada por nosso caríssimo Bispo Diocesano, Presidente de Honra da Faculdade e às dezenove e meia horas a aula inaugural dada por sua Excia Revma. (ATA DA PRIMEIRA REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO, 11 de fevereiro de 1949).

Para além da composição do Conselho-Técnico Administrativo, torna-se oportuno destacar a importância dada para o início das aulas na festividade de Santo Tomás de Aquino, que apresenta não só um registro simbólico, mas que traz implícita aspectos da cultura e valores disseminados pela instituição.

A esse respeito e para colaborar com essa nossa proposição, em ata datada de 7 de fevereiro de 1950, encontramos a importância da disseminação desses aspectos na maneira pedagógica da instituição:

Interessante também foi a ideia do professor Santino Gomes de Matos sobre a criação de uma revista para a Faculdade. Este assunto ocupou algum tempo, a Assembleia, sendo decidido finalmente: 1º que os membros da Comissão para esta obra seriam: Professor Santino Gomes de Matos, Dr. José Mendonça, Revmo. Pe. Juvenal Arduini, Irmão Lourenço e Irmã Maria Virgínia do Rosário. Antes de encerrar a sessão, a professora de espanhol, Irmã Maria Anais, tomando a palavra, propôs que se traduzissem livros nos trabalhos de Seminário para entusiasmar as alunas e também para tornar a Faculdade mais conhecida, pelas publicações das obras traduzidas. Propôs para este primeiro trabalho, a tradução da vida de “Santo Tomás” do Père Petitot o.p. que poderá ser traduzida do francês e do espanhol (ATA DA 4ª REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO, 7 de fevereiro de 1950).

Nesse sentido, toda uma metodologia foi elaborada para imbuir nas alunas os conhecimentos validados pela instituição. Em consonância com essas observações reportamos a Casali (1995), quando ele menciona o regimento interno do Instituto *Sedes Sapientiae* (1932), situado em São Paulo, e que em 1953 passa a denominar Instituto Superior de Filosofia, Ciências e Letras *Sedes Sapientiae*¹⁰⁸:

O Regimento Interno do Instituto, no artigo 1º, descreve seus fins: I-Promover a Investigação científica; II-Preparar pra o exercício do magistério secundário; III-Contribuir para o desenvolvimento de uma cultura intelectual informada pelos princípios cristãos e pelas diretrizes pontifícias (REGIMENTO INTERNO DA CACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DO

¹⁰⁸ Para maiores informações sobre esse assunto, ler Casali (1995, p.152-153).

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE, ANUÁRIO, 1943 citado por CASALI, 1995, p. 153).

Existia, portanto, uma cultura específica orientada pelos intelectuais “capacitados” para nortearem o modelo pedagógico da instituição. Para colaborar com essa nossa premissa, havia o que Casali (1995, p.136-137) expõe sobre uma preocupação de grupos católicos em defender “a discutível redução do *universitário ao católico*”, que enfatiza determinados princípios educacionais¹⁰⁹.

Assim, nos anos de 1940, Gustavo Capanema, na posição de ministro da Educação e Saúde Pública, concretizaria apoio à Universidade Católica, fato que impulsionaria o ensino superior¹¹⁰. Desta maneira, entendemos que a instituição foi uma concretização que estava circunscrita nas ações do idealismo cultural que Alceu Amoroso Lima defendia¹¹¹. Para elucidar

¹⁰⁹ Assim haveria três tipos de grupos católicos, conforme salientado por Casali (1995, p. 29): Grupos Católicos integrais mais afinados com os objetivos considerados como representantes da tendência europeia - elencados durante o papado de Pio X e catolicismo “politicamente de extrema direita”; Católicos Modernista, que apresentavam múltiplas linhas desse pensamento [...] político social que pretendia a aproximação da Igreja com as camadas populares (favoráveis ao socialismo reformista e à democracia) e, de denotação mais liberal – “científico-religiosa”, com “tendência a uma reforma intelectual da Igreja” e Grupo Jesuítas: “A Companhia de Jesus é a última grande ordem religiosa, de origem reacionária e autoritária, com caráter repressivo e “diplomático”, que assinalou – com o seu nascimento – o endurecimento do organismo católico. As novas ordens, surgidas posteriormente, têm um pequeníssimo significado “religioso” e um grande significado “disciplinar” sobre a massa dos fiéis: são ramificações e tentáculos da Companhia de Jesus (ou se tornaram isso), instrumentos de “resistência” para conservar as posições políticas adquiridas, e de modo nenhuma forças renovadoras de desenvolvimento. O catolicismo se transformou em “jesuitismo” (CASALI, 1995, p. 34).

¹¹⁰ Em 15 de março de 1941 dá-se a Sessão Inaugural das Faculdades Católicas. Capanema realiza discurso em que enfatizou a relevância da filosofia e a necessidade de formação de professores secundários. Nessa cerimônia, ocorreu a nomeação do Pe. Leonel Franca para o cargo de Reitor das Faculdades e conforme detalha Casali (1995, p. 139) o discurso de Leonel Franca torna-se emblemático ao anunciar a missão da Universidade Católica: “Inauguram-se hoje as duas faculdades que constituem o primeiro núcleo da futura Universidade Católica do Brasil (...) A missão universitária é formar o homem superiormente culto. Dos seus recintos saem os que amanhã, no governo do país, na magistratura, na administração pública, no sacerdócio e no exercício das profissões liberais, constituirão o sistema nervoso do organismo social (ANUÁRIO DAS FACULDADES CATÓLICAS, I, 1941, p. 67 citado por CASALI, 1995, p. 139).

¹¹¹ Conforme explica Cury (1999), Alceu Amoroso Lima converteu ao catolicismo e participou de maneira efetiva da militância católica. Participou das coligações Ação Católica Brasileira (ACB) e da Liga Eleitoral Católica (LEC) como movimento de renovação católica, sendo Secretário-Geral da LEC, em 1933 e posteriormente Presidente da ACB, no período compreendido de 1934 a 1945. Nestes movimentos, reivindicava as questões sociais e espirituais e defendia, no âmbito educacional, o ensino religioso nas escolas públicas. Importante ressaltar que nos anos 30 do século XX, Alceu Amoroso Lima foi um questionador e crítico dos “princípios filosóficos da Escola Nova” (CURY, 1999, p. 48). Contudo, enfatiza-se que ele não se opunha aos métodos relacionados ao ensino e aprendizagem que eram defendidos naquela concepção educacional (CURY, 1999, p. 48). Ressalta-se que Alceu Amoroso Lima, em sua obra Debates Pedagógicos, concebeu o papel da pedagogia católica, conforme destaca Cury (1999, p. 48): “Aí ele definiu a pedagogia católica pela reafirmação dos princípios sobrenaturais sobre os direitos naturais e positivos na organização do Ensino. À instrução caberia ministrar conhecimentos profissionais, científicos, religiosos e morais. À Educação competiria infundir hábitos físicos, intelectuais e morais, e à cultura, impunha-se a tarefa de elevar a personalidade sócio individual pelo esporte, pelo humanismo e pela religião. Em face disso, teceu crítica ao “materialismo” pelo qual também estaria passando o movimento escolanovista sobretudo pela defesa do laicismo”. Salienta-se que em 1938, Alceu Amoroso Lima “retornou então ao liberalismo “reformador” de “espírito aberto”, definindo-se como um “liberal qualitativo” (CURY, 1999, p. 47). Entretanto, o retorno ao liberalismo não fez com que Alceu Amoroso Lima

essa nossa percepção, reportamos aos documentos que tratam sobre a criação do curso de Pedagogia da Fista em Uberaba.

Salienta-se que o Curso de Pedagogia na Fista iniciou-se em 1950 e foi reconhecido pelo Decreto nº 30344, de 26 de dezembro de 1951, que dispôs sobre Habilidades em Inspeção Escolar, Supervisão Escolar, Administração Escolar, Orientação Educacional¹¹² (REGULAMENTO INTEGRADO, 1971, p. 01).

Oliveira (2003) explica que a organização didática da Fista foi assim estabelecida: “Art.2º Seção de Filosofia; B) Seção de Ciências; C) Seção de Letras; D) Seção de Pedagogia. Parágrafo Único – Haverá ainda uma seção especial de Didática” (SILVA, 2003, p. 86).

De acordo com documento consultado e intitulado “II Relação total das cadeiras indicadas, as não providas por catedráticos e as medidas objetivas para o regular provimento”, datado de 1950, verificamos a informação de que “o ano de 1950 é o 2º ano de funcionamento da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino” e as cadeiras lecionadas dispunham de cinco disciplinas.

1ª Série Curso de Pedagogia: a) Complementos de Matemática; b) História da Filosofia; c) Sociologia; d) Fundamento Biológicos da Educação; e) Psicologia Educacional” (RELAÇÃO TOTAL DAS CADEIRAS INDICADAS, AS NÃO PROVIDAS POR CATEDRATICOS E AS MEDIDAS OBJETIVAS PARA O REGULAR PROVIMENTO, 1950).

Esta informação que elencamos difere de Carvalho (2016), que em sua pesquisa menciona que o curso de Pedagogia foi oferecido em 1952 e a primeira turma formou-se em 1955. Encontramos dados que evidenciam que no ano de 1950, o curso de Pedagogia possuía três alunas: Paulita Vasconcelos, Zilda Tomás Sousa e Vilma Silveira Vaula. Todas foram alunas da primeira turma do curso de Pedagogia da Fista e concluíram em 1953.

Os estudos realizados por Oliveira (2003), Santos (2006), Paula (2007) e Carvalho (2016) enfatizam autores referendados pela Fista e que eram de formação humanista. Desta maneira, Santos (2006) explica que o “Humanismo Cristão, representado mais especificamente por Jacques Maritain e Existencialista de Paulo Freire” estava presente na proposta humanista

cindisse com a questão religiosa católica, pois permaneceu “defendendo a democracia, a liberdade e a reforma social como instrumento de maior igualdade” (CURY, 1999, p.47).

¹¹² Salienta-se que esse Regimento Integrado das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino foi elaborado após a Reforma Universitária (Lei nº 5.540 de 1968) e Lei nº 5692/71. Assim, consta o Curso de Pedagogia - Licenciatura de 1º Grau (Habilidades em Inspeção Escolar, Supervisão Escolar, Administração Escolar) e magistério das disciplinas pedagógicas de 2º Grau, ambas reconhecidas pelo Decreto nº 72.645, de 17 de agosto de 1973.

da Fista. Na instituição existiam debates e conferências sobre esses autores, além do Diretório Acadêmico que contava com a presença de professores e alunos que discutiam também seu papel na sociedade. A respeito de Jacques Maritain, torna-se oportuno apresentar as considerações de Azzi (1983) sobre “Os Maritainistas e o Catolicismo Liberal” em que destaca como essas perspectivas se alinharam no Brasil.

Embora a concepção autoritária seja prevalente nesse período entre os católicos, o espírito liberal consegue também fazer brechas nas fileiras dos defensores da Ordem. Durante a Primeira República, a voz de Júlio Maria ecoara como um profeta solidário no pensamento católico, apregoando a necessidade de que a Igreja se abrisse para uma perspectiva liberal e democrática. Após o ingresso na Congregação Redentorista em 1904, a preocupação política e social já não aparece tão forte nos sermões e discursos desse sacerdote católico, que veio a falecer em 1915. Esse período coincide com o pontificado de Pio X, quando novamente o pensamento conservador e autoritário foi fortalecido na Igreja Universal, através da condenação do modernismo. Em consequência, as ideias liberais passam a ser sufocadas pela ortodoxia católica. Essas perspectivas da Igreja Universal repercutem também no Brasil. Para clérigos e leigos católicos formados nessas primeiras décadas deste século, a vinculação da instituição eclesiástica com os regimes conservadores e autoritários é vista como um componente da própria crença religiosa. Não é, pois, de estranhar que o pensamento reacionário de Jackson de Figueiredo marcassem os rumos do Centro Dom Vital fundado nos anos 20. Será apenas na década de 40 que Alceu Amoroso Lima, sucessor de Jackson na direção do Centro, iniciará sua significativa abertura para o ideário liberal. O filósofo francês Jacques Maritain torna-se o grande inspirador dessa corrente de pensamento. Nessa trajetória, porém, não serão muitos os que acompanham Alceu. No Brasil, os seguidores de Maritain encontraram forte hostilidade por parte daqueles bispos, clérigos e dos que continuam defendendo uma afinidade fundamental entre pensamento católico e ordem social conservadora, à sequela de posição reacionária de Jackson de Figueiredo. Se Jackson de Figueiredo pode ser considerado o representante mais significativo do reacionarismo autoritário nessa etapa, Alceu Amoroso Lima tornou-se paulatinamente o líder mais importante do pensamento liberal católico, sobretudo a partir dos anos 40. Tendo tido em sua juventude uma educação dentro dos padrões burgueses, Alceu renunciou a essa perspectiva de vida quando converteu-se ao catolicismo. A partir de então, passando a atuar ao lado de Jackson no Centro Dom Vital, começa a adotar também uma postura autoritária que se explicita quando teve que suceder a Jackson na direção do Centro Dom Vital. Em fins da década de 30, as convicções autoritárias de Alceu começam a ser abaladas. Nesse sentido, foi auxiliado pela evolução do próprio Jacques Maritain, por ele admirado como mestre do pensamento católico. Sem dúvida, o que constitui a característica mais significativa da evolução do pensamento de Alceu a partir de meados dos anos 30 será a recuperação do conceito de liberdade. Progressivamente, começa a contrapor o valor de liberdade à ênfase na autoridade. Na mesma linha atua Maritain, que, ao fazer a crítica dos regimes autoritários, não esconde seu interesse e seu apreço pela liberdade vigente na democracia norte-americana. A palavra “liberdade” era considerada com muita reserva pelos dirigentes eclesiásticos, pois de certo modo ela minava os próprios alicerces da concepção da Igreja como sociedade hierárquica. De fato, dentro desse modelo eclesial a ênfase maior era dada ao valor da instituição em si, e não

em seus membros. Os fiéis católicos não tinham direitos, mas apenas deveres para com a organização eclesiástica. Esta, por sua vez, assumia sua visibilidade maior através da hierarquia. Assim sendo, os deveres dos católicos para com a instituição expressavam-se concretamente na subordinação às diretrizes dos chefes eclesiásticos. Essa concepção, ao mesmo tempo que reforçava o caráter autoritário da Igreja, provocava nas pessoas um decréscimo tanto na capacidade de opção como no poder de decisão. Em última análise, aumentava, de um lado, o poder e os privilégios das autoridades eclesiásticas, tidas como a representação visível e legítima da instituição, e, de outro, incutia nos subordinados o sentido das obrigações e dos deveres, com pouco espaço para uma participação individual criadora. Assim sendo, o modelo hierárquico e autoritário da Igreja contribuía profundamente para esvaziar nos católicos as dimensões da individualidade e liberdade, à medida que passavam a ser integrados na instituição eclesiástica e absorvidos por suas orientações e diretrizes. A vivência dentro de um modelo eclesial autoritário, por sua vez, facilitava a concepção em moldes análogos. Daí a predisposição para se aceitar regimes fortes e menos ditatoriais, desde que garantissem proteção para a atuação da Igreja. Outra grande porta aberta por Maritain na esfera do pensamento católico foi a valorização da democracia. Essa orientação repercutiu fortemente na linha de orientação dos maritainistas brasileiros. Esse pensador francês, divulgador do tomismo, marcou profundamente o espírito de Alceu, sobretudo nessa nova perspectiva democrática. Teoricamente, a hierarquia católica continuava afirmando que a instituição eclesiástica não estava vinculada a nenhuma forma de regime político. Na prática, porém, não apenas se mostrava favorável aos governos autoritários, mas ainda, por vezes, manifestava o descrédito contra os que mantinham aspirações liberais e democráticas. Em última análise, era à sombra dos regimes fortes que a Igreja se sentira mais protegida nas últimas décadas (AZZI, 1983, 129 - 137).

Neste sentido, retomamos Casali (1995) que explica como a implantação de uma cultura geral, defendida por Tristão de Athaíde (Alceu Amoroso Lima), foi ramificada no decorrer dos anos nas instituições católicas.

Desta maneira, segundo Casali (1995), existiam componentes que integravam a “Coligação Católica Brasileira¹¹³” em que estavam, por exemplo, a Ação Universitária Católica (AUC) e a Imprensa Católica que impulsionavam a difusão das propostas emanadas por aquela cultura como forma da atuação católica no âmbito educacional.

Assim em Uberaba esses “componentes” estavam presentes no início da divulgação e implantação da Fista. De acordo com Oliveira (2003), a imprensa de Uberaba, através do Correio Católico, noticiava com satisfação o projeto educacional da instituição.

¹¹³ De acordo com Casali (1995, p.134-135), a terceira fase (1934-1941) do início dos cursos das “Faculdades Católicas” Tristão de Athaide “retoma os objetivos, a história e a constituição atual da “Coligação Católica Brasileira” em que os “organismos componentes” seriam: Centro Dom Vital; Ação Universitária Católica (AUC); Confederação de Operários Católicos; Equipes Sociais; Instituto Católicos de Estudos Superiores (ICES); Associação de Bibliotecas Católicas e Confederação de Imprensa Católica.

Já é do conhecimento de toda Uberaba a instalação da Faculdade de Filosofia São Tomás de Aquino. Realização concretizada pelas beneméritas Irmãs Dominicanas, sob os auspícios do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano D. Alexandre Gonçalves Amaral. Falar do que representa para nós a Faculdade de Filosofia seria enaltecer o que significa para um povo o aprimoramento da inteligência pelo estudo sério da ciência que deve fundamentar toda cultura humana. É uma vitória que enaltece seus promotores e irá beneficiar sobremaneira mocidade de Uberaba (CORREIO CATÓLICO, 01/01/1949, p.1 citado por Oliveira, 2003, p. 82).

Assim, a instituição apresenta-se como *locus* de formação cultural capaz de aprimorar o homem através de valores transmitidos pela ação pedagógica. Conforme explica Santos (2006, p. 48), vários convidados proporcionaram aos alunos e professores da Fista uma “cultura religiosa” e uma dessas referências foi Alceu Amoroso Lima. Entendemos que a Fista esteve motivada pelas ideias emanadas por esse intelectual.

Percebemos que os impulsos para implantação do Instituto Superior de Cultura e posteriormente, da Fista, estiveram concernentes com o que a Restauração Católica se propunha naquele contexto. Ademais, as mudanças legislativas que ocorreram em decorrência das novas demandas sociais, política, econômica e cultural alteraram a história educacional da Fista.

Essa proposição pode ser inferida quando reportamos aos estudos de Santos (2006) e Paula (2007) no que se refere à Reforma Universitária de 1968. Os autores enfatizam em seus estudos que essa mudança impactou nos trabalhos desenvolvidos na Fista. Santos (2006, p. 76) menciona que isto ocasionou diversas exigências:

Este impasse foi consequência das exigências legais oriundas da Reforma Universitária, Lei n. 5540/68 e da Lei de Reforma do Ensino 1º e 2º graus, Lei 5692/71. Estas leis interferiram profundamente na organização, nos processos de gestão e avaliação da Faculdade. Propunham mudanças no processo de escolha dos dirigentes universitários, incorporavam ideias básicas à expansão e racionalização como: adoção do ciclo básico, ciclo profissional, matrícula por semestre, alteração no regime de trabalho, melhoria salarial e outras exigências. Havia uma preocupação da direção e do corpo docente em se enquadrar cada vez mais e melhor às exigências da Reforma Universitária dentro de uma reformulação de currículos que visasse a preparação de professores para atender ao ensino de 1º e 2º Graus.

A concepção que evidenciamos nesse excerto infere que as legislações propunham mudança à cultura defendida pela restauração católica que foi disseminada, principalmente, a partir dos anos de 1932 com a implantação dos ICES. Conforme explica Nunes (1996, p. 67), essas “visões históricas” são percebidas no discurso proferido por cada sujeito que está inserido em um determinado tempo e espaço.

Assim, ainda sobre os apontamentos realizados por Santos (2006, p. 77), a autora enfatiza que “nessa perspectiva, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de

Aquino, inserida num contexto da Escola Nova em que se propunha um ensino laico, afastado de qualquer concepção de caráter religioso, empenhava-se pela sua formação humanista”.

Sobre a disciplina do Ensino de História da Educação, no documento intitulado “II Estudo da relação da Frequência do Corpo Docente e Desenvolvimento dos Programas de Ensino” há um subtítulo que foi denominado como “A relação do Corpo Docente que funcionou no ano letivo de 1951”, no qual consta a disciplina História da Educação oferecida pelo Padre Antonio Tomás Fialho.

Em documento intitulado “Ata da 6^a Reunião do Conselho Técnico Administrativo da Festa”, datada de 20 de fevereiro de 1951, consta que eram ofertadas duas turmas do Curso de Pedagogia, sendo que no 1º ano do curso a disciplina de História da Educação não era oferecida, pois dispunha-se apenas das respectivas matérias: Matemática; Psicologia Educacional; Sociologia; Filosofia; Moral; História Eclesiástica; Canto; Seminário; Psicologia Racional; Conferência; História da Filosofia; Biologia¹¹⁴. As disciplinas oferecidas no 2º ano do Curso de Pedagogia eram: Psicologia Educacional; Seminário; Administração Escolar; Filosofia; Moral; História Eclesiástica; Canto; Estatística Educacional; História da Educação; Psicologia Racional; Conferência e Sociologia.

Ressalta-se que outra informação encontrada em documento “Ata da 9^a Reunião da Congregação”, datada de 18 de outubro de 1951, refere ao disposto no 18º artigo: “É obrigatória, para matrícula em qualquer curso da Faculdade, a matrícula na cadeira de Doutrina e Moral Católica” (ATA DA 9^a REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO, 1951).

Ainda sobre essa “cultura católica”, encontra-se no referido artigo o parágrafo 2º que menciona: “A cadeira de Doutrina e Moral Católica será prelecionada por um ou mais Professores, escolhidos pela Sociedade da Infância e Juventude e aprovados pelo Ordinário do lugar, ou apresentados por este e aceitos pela Sociedade”. A ênfase dada no parágrafo 3º torna-se oportuna a transcrição: “Os professores para as Diversas Disciplinas do Curso de Doutrina são escolhidos entre os Membros do Laicato católico, julgados devidamente competentes pela Autoridade Eclesiastica” (ATA DA 9^a REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO, 1951).

Neste momento, reportamos ao que Alceu Amoroso Lima indicava como objetivo das Faculdades Católicas: “a) retemperar a ciência nas fontes da sabedoria; b) humanizar a vida profissional; c) dar à cultura um fundamento de perenidade” (ANUÁRIO DAS FACULDADES CATÓLICAS, I, p.11-12 citado por CASALI, 1995, p. 140). Alceu Amoroso Lima também

¹¹⁴ Manteve-se a escrita original do documento. Inferimos que a disciplina seria Fundamentos de Biologia.

enfatizava o quanto a Pedagogia Cristã era imprescindível quando a educação laica era inserida no âmbito educacional brasileiro e, para tanto, era necessária uma cultura geral que possibilitasse resgatar os valores do catolicismo.

Desta maneira, apreender o conteúdo programático do ensino de História da Educação da Fista será o objetivo do capítulo III desta pesquisa.

2.5 Considerações parciais

Este capítulo realizou alguns apontamentos sobre o ensino superior no Brasil, em Minas Gerais e em Uberaba. Possibilitou depreender a expansão gradual e deficitária desse ensino em algumas cidades e o quão esse ensino esteve concentrado em instituições privadas.

As dimensões históricas e educacionais da Fista foram possíveis com o breve incursão de como processou a ideia de universidade católica no Brasil e que esta foi facultada pelo movimento restaurador católico em diversos âmbitos da sociedade, mas principalmente na educação.

O Instituto de Cultura Superior Católico, criado em 1932, no Rio de Janeiro, foi a gênese da Universidade Católica no Brasil. Em Uberaba, em 1944, surgiu o Instituto de Cultura Superior – ICS que funcionou até 1948, quando um de seus fundadores, então Padre Juvenal Arduini, obteve incentivo para transformar esse instituto em universidade.

A liderança de Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, arcebispo de Uberaba, se fez presente nessa realização e o intelectual Alceu de Amoroso Lima colaborou sobremaneira para que o Instituto de Cultura Superior se transformasse, em 1949, em Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino.

A instituição esteve sob a direção das Irmãs Dominicanas, religiosas de origem francesa que expressaram junto com os demais integrantes mencionados uma proposta educacional que poderá ser evidenciada de maneira mais precisa na disciplina de História da Educação, que é o nosso objeto de estudo.

Ademais, algumas possibilidades elencadas até o momento permitem apreender que a universidade católica era um desejo dos educadores católicos que estavam nos anos iniciais da Fista. A instituição permaneceu como faculdade até 1980 e ofereceu diversos cursos, dentre esses o de Pedagogia.

Como foi o percurso do ensino de História da Educação na Fista será nosso propósito. Entretanto, o que foi versado nesse capítulo permite entender que no transcurso das mudanças da legislação educacional, principalmente a realizada em 1968, pela *Reforma Universitária*,

causou alguns impactos na maneira como a Festa conduzia seus conteúdos programáticos. As mudanças sociais, política, econômica e cultural alteraram todo o ideal disseminado nos idos dos anos de 1932 com a implantação do Instituto de Cultura Superior, o qual foi uma maneira de atuação da Restauração Católica. Alceu de Amoroso Lima apresentou-se como um intelectual que se propôs a elencar outra forma de atuar no âmbito da educação brasileira.

PARTE II O ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO CURSO DE PEDAGOGIA DA FISTA

3. A DISCIPLINA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA FISTA: IDENTIDADE, PERFIL PROGRAMÁTICO, METODOLOGIA, FONTES DE INFORMAÇÃO.

A esperança de uma escola-cidadã, escola jardim, espaço de construção do humano no pleno florir de todo o seu potencial, quer como **ser de conhecimento**, leitor e intérprete arguto da realidade, conhecedor da riqueza do seu solo e dos processos da vida: quer como **ser de competências**, autor e ator criativo de alternativas face às diferentes demandas de transformação social, e, que, no seu jardim, semeia na forma e lugar adequados e cuida de cada planta segundo suas necessidades; quer como **ser de convivência solidária**, ou seja, humanizador das relações interpessoais, ambientais e culturais e sabedor de que a beleza das flores encanta e irmania os homens: quer, enfim, como **ser de humanidade** plena, criador lúcido e amoroso, aquele que é capaz de entender o jardim como declaração de amor à Terra e, portanto, lugar de origem e expressão da VIDA¹¹⁵.

O excerto mencionado expõe uma bagagem de ideais e influências que podem ser interpretadas se partirmos do lugar, das experiências/vivências da autora que exprimiu sua concepção de educação que foi construída ao longo de sua vida enquanto aluna e docente. Neste sentido, Nunes (2003), colabora para entender a relação intrínseca que existe entre a formação do professor e sua maneira de ensinar.

O que faz um professor quando ensina? Convida alguém a aprender algo sobre alguma coisa a partir do repertório que ele mesmo forjou de conteúdos, abordagens, ferramentas, materiais, técnicas, enfim de tudo que faz parte da sua cultura profissional, dos seus modos de fazer (NUNES, 2003, p. 117).

Conforme, destaca Nunes (2003), o professor emerge de um lugar, de suas vivências e seletividade que fez no percurso da educação. Assim, pode-se mudar a maneira de ensinar e aprender, mas a experiência educacional não estará extirpada de suas práticas pedagógicas.

¹¹⁵ Trecho extraído do discurso da ex-Secretária Municipal de Educação de Uberaba (1993-2000), Maria de Lourdes Melo Prais, na abertura do VI Encontro de Educadores de Uberaba e Triângulo Mineiro, realizado em 01/06/2000. Maria de Lourdes Melo Prais foi aluna do Curso de Pedagogia da Fista (1962-1965). Salienta-se que ela é uma estudiosa das obras de Paulo Freire e com forte influência dos pensamentos desse autor. Manteve-se as frases em negrito conforme o documento original.

Desta forma, este capítulo versará sobre a identidade e o perfil programático do ensino de História da Educação no curso de Pedagogia da Fista. Pretende-se compreender como esse ensino foi apresentado aos alunos, ou seja, a disposição dos conteúdos, metodologias e ou saberes intercalados na programação da disciplina, assim como as possíveis continuidades no período compreendido entre as décadas de 1950 a 1980.

Salienta-se que para apreender esse extenso período - 1950 a 1980 - foram coletadas informações dos relatórios da instituição que inicialmente eram registrados semestralmente e posteriormente anualmente, em livros que eram identificados com o nome da instituição, referência do período compreendido, ano de execução, município e unidade federativa¹¹⁶.

Para analisar a identidade e o perfil programático da História da Educação na Fista, elencamos informações contidas nos relatórios em que eram registradas as atividades realizadas para apreensão dos saberes, assim como os autores/pensadores que se destacaram naquele ensino nas décadas de 1950 a 1980.

Ressalta-se que nos 30 anos de funcionamento da Fista, implantou-se um documento denominado “Regimento Integrado”, no ano de 1971, o que provavelmente aconteceu em decorrência da Reforma Universitária - Lei nº 5.540 de 28/11/68 e Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 que, inclusive alterou a denominação da instituição¹¹⁷.

Desta forma, além dos relatórios das atividades foi consultado o regimento integrado da faculdade, históricos escolares e as experiências de ex-alunas e docentes da disciplina História da Educação do Curso de Pedagogia, os quais contribuíram para melhor compreensão do ensino da História da Educação.

3.1. Identidade e perfil programático da disciplina História da Educação

O curso de Pedagogia da Fista iniciou-se em 1950 e era concluído em quatro anos. O primeiro ano dispunha de disciplinas como: Fundamentos Biológicos da Educação, Psicologia Educacional, História da Filosofia, Sociologia, Complementos de Matemática (HISTÓRICO ESCOLAR, 1950). No segundo ano havia as disciplinas de Estatística Educacional, História da

¹¹⁶ Os documentos foram consultados no Setor de Controle Curricular da Uniube.

¹¹⁷ Conforme mencionado no capítulo II, a instituição foi denominada em 1949 como Faculdade de Filosofia Santo Tomás de Aquino – Fafi e, posteriormente como Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino. Com a implantação do novo Regimento Integrado, no ano de 1971, a instituição passou a ser Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino.

Educação, Fundamentos de Sociologia Educacional e Administração Educacional. O terceiro ano contava com as disciplinas de Filosofia Educacional, História da Educação, Educação Comparada, Administração Escolar e Psicologia Educacional. O quarto ano era destinado às disciplinas de Didática Geral, Liturgia, Evangelho e Didática Esp.¹¹⁸ (HISTÓRICO ESCOLAR, 1950 a 1953).

Pode-se inferir que, até os anos iniciais de 1960, o ensino de História da Educação foi oferecido dessa maneira¹¹⁹. Cabe destacar que em 1962 ocorreu o parecer 251/62, relatado por Valnir Chagas¹²⁰. Neste documento, o relator solicita mudanças no currículo do Curso de Pedagogia, uma vez que salienta a importância do professor do ensino primário ser formado no ensino superior. Para tanto, menciona um currículo mínimo que tivesse uma base comum e que também contemplasse a posteriori uma formação específica (BRASIL, 1969).

Ainda em 1962, Valnir Chagas foi o relator do Parecer 292/62 do Conselho Federal de Educação que proporcionou a regulamentação dos cursos de licenciatura. Desta maneira, Valnir Chagas entende que o currículo mínimo obrigatório com disciplinas de conhecimento e a interação com demais componentes pedagógicos durante o curso proporcionaria formação adequada ao docente.

A Reforma Universitária (Lei nº 5.540/68) definiu a área de atuação dos especialistas nos sistemas de ensino e, portanto, haveria Administração, Planejamento, Inspeção, Supervisão e Orientação. Sendo assim, o Curso de Pedagogia também esteve sob a atuação da Reforma Universitária, e mais uma vez o relator Valnir Chagas emitiu o parecer nº 252, de 11 de abril de 1969, em que instituiu uma parte comum para todos os profissionais e outra com diversidade na função de habilitações específicas que seriam trabalhadas na especialização.

Neste sentido, a Reforma Universitária e a Lei nº 5.692/71 impulsionaram a Fista ao processo de adequação às normas vigentes

Ressalta-se que quando reportamos ao artigo 11 da Lei nº 5.540/68, deparamos com dispositivos que se referem à organização das universidades, assim como à inserção de conhecimentos inerentes aos aspectos técnico e profissional, além de métodos que atendessem

¹¹⁸ Conforme descrito no Histórico Escolar (1950-1953) de Paulita Vasconcelos, mantivemos a grafia da referida disciplina.

¹¹⁹ Em Históricos Escolares consultados entre 1951 e 1962, verifica-se que o ensino de História da Educação foi oferecido no segundo e terceiro ano do curso de Pedagogia.

¹²⁰ Foi conselheiro do Conselho Federal de Educação. Salienta-se que o Parecer 251/62 foi homologado pelo Ministro da Educação Darcy Ribeiro.

as individualidades dos alunos numa perspectiva das especificidades regionais e ou locais em que estava inserida a instituição.

Art. 11-Universalidade de campo, pelo cultivo das áreas fundamentais dos conhecimentos humanos, estudados em si mesmos ou em razão de ulteriores aplicações e de uma ou mais áreas técnico-profissionais; Flexibilidade de métodos e critérios, com vistas às diferenças individuais dos alunos, às peculiaridades regionais e às possibilidades de combinação dos conhecimentos para novos cursos e programas de pesquisa (BRASIL, 1968).

A proposição elencada é a de que a formalização dessas normativas educacionais pretendia introjetar outros saberes que atendessem as demandas da sociedade. Ressalta-se ainda que, a nosso entender, Valnir Chagas, com o Parecer nº 252 de 11/4/1969, colaboraria para que o currículo do curso de Pedagogia possuísse componente que fosse comum e essencial para todos os educadores; contudo, ele também teria conteúdo que proporcionaria habilitações específicas para aqueles que desejassem qualificação em outras áreas na atuação escolar.

Essas legislações alteram o currículo do curso de Pedagogia da Fista pois verifica-se em 1971, a implantação de novo regimento denominado “regimento integrado” que altera a oferta da disciplina História da Educação (REGIMENTO INTEGRADO, 1971).

Com relação à legislação educacional, observa-se que a lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que estabeleceu diretrizes para que os formandos dos cursos de Pedagogia pudessem atuar no magistério do ensino de 1º e 2º graus foi também inclusa no referido curso oferecido pela Fista. Por conseguinte, o currículo foi alterado e a História da Educação foi apresentada em História da Educação I, II, III e IV para às habilitações pedagógicas (REGIMENTO INTEGRADO, 1971).

No âmbito da Fista, percebe-se que em relação à disciplina História da Educação determinados conteúdos oferecidos nos anos de 1950 a 1960 ainda estavam presentes no Programa de História da Educação pós 1973.

Percebe-se que entre 1950 e 1970 o perfil programático de ensino História da Educação permaneceu circunscrito na evolução dos povos e destacado com foco no passado como modelo. Neste sentido, estudos realizados por Nunes (1996), Warde e Carvalho (2000), Monarcha (2009), Araújo (2009) e Carvalho (2011) colaboraram para apreender como a apresentação e difusão dos saberes em História da Educação direcionado à formação de professores foi concernente ao modelo evolucionista em que existiu a descrição dos fatos de maneira contínua, com padrão de formação que seria realizado pelos povos antigos e medievais até inserir pensadores da educação da Modernidade e Contemporânea.

Especificamente sobre os conteúdos da disciplina História da Educação e a relação com a formação de professores, Monarcha (2009) destaca que existiam “partidários de uma filosofia de história racionalista e otimista, para os autores os mais diversos, o modo sensato de ilustrar os progressos da razão e do processo civilizador consorciar a história da educação à história da civilização” (MONARCHA, 2009, p. 73). O autor ainda ressalta como a escrita da História da Educação esteve marcada como acontecimento do passado, sem reflexão analítico e crítica.

Desse estado de coisas, sobrevém: (i) a construção do passado como feixe de *exempla*, donde o “estudo geral da civilização pelo método episódico e biográfico” e a preeminência dos vultos-síntese do espírito da (s) épocas(s); (ii) o esquecimento dos “tempos fracos e lentos”, isto é, de não mudança; (iii) o indiscernimento dos discursos *sobre* educação dos discursos da educação; (iv) a assunção de episódios lendários como rigorosamente históricos; (v) o enraizamento de uma comunidade de memória (MONARCHA, 2009, p. 74).

A proposição de Monarcha (2009) evidencia uma perspectiva de evolução – ideia positivista em que existiria a fase metafísica e posteriormente a científica, que ratifica a fé na ciência sobrepondo, portanto, a que até então prevalecia. Esses apontamentos colaboraram para as análises aventadas nos programas do ensino de História da Educação da Fista entre 1950 e 1970 e as possíveis alterações que ocorreram após 1971, quando alguns saberes foram inseridos de maneira contida, mas se prolongaram até 1980.

Para depreender a disposição de temáticas elencadas para a apresentação da disciplina História da Educação na Fista, cabe reportar aos estudos de Araújo (2009):

Parte 1 A História como matéria de estudo da realidade humana ao longo do tempo Conceito de História (relato dos fatos passados); objeto de estudo da História (fatos sociais); Métodos da história (Heurística e Hemenêutica); Escolas de interpretação da História/Escolas Realísticas (geográfica ou ecológica; econômica ou materialismo histórico; demografia e antropológica) e Escolas Idealistas (psicológica e cultural). Parte 2. A educação como fato pedagógico, social e existencial. Conceito de educação (A educação se destina à modificação da conduta humana por meio de ensino e aprendizagem do ponto de vista biológico, psicológico e sociológico); Divisão da educação (época do tradicionalismo; dos povos clássicos (gregos e romanos) e dos povos contemporâneos); Elementos da educação escolar (educando, educador, meios, estudos e involucro social) e Processos de aprendizagem (assistêmáticos e sistemáticos). Parte 3. Classificação da educação na antiguidade – 3.1. Educação nas sociedades primitivas (co-participativa; espontânea; imaginativa e oralizada). 3.2. Educação na cultura egípcia (A primeira educação era dada na família e estava intimamente relacionada à religião, à moral e à cultura em geral. A segunda educação era feita nas escolas elementares que ensinavam a leitura, a escrita e cálculo aritméticos, pelo menos). 3.3. Educação na cultura mesopotâmica persa (derivada de uma cultura complexa sobressaindo a escrita entre os sumérios, com ela o ditado e os exercícios com ajuda do dicionário. As crianças menores eram educadas pelas mulheres). 3.4. Educação na cultura de Israel (A primeira educação era de base religiosa, depois escolar de base moral,

transmitida principalmente pelos familiares). 3.5 Educação na cultura chinesa (unida à natureza, às artes, às boas maneiras, à “escolarização” doméstica e à do mestre noviço). 3.6 Educação na cultura hindu (Iniciada pelos pais (em cada casta) para transmitir oralmente afazeres e canções e contos tradicionais, depois continuada pelos mestres ambulantes que ensinavam ao ar livre leitura e escrita, muitas vezes, com ajuda daqueles mais adiantados). 3.7. Educação na cultura grega, principalmente da educação ocidental (educação física e esportiva, artística, cortês e a educação escolar elementar (leitura, escrita e cálculos), sob os cuidados de preceptores e também de mestres em instituições educativas). Parte 4. Educadores e pedagogos da antiguidade – Homero (850-750 a.C); Hesíodo (770-700 a.C); Licurgo de Esparta (720-680) a.C.); Sócrates (470-399 a. C.); Isócrates (436-338 a.C.); Platão (427-347 a. C.) e Aristóteles (384-322 a. C.). Parte 5. Pedagogias da antiguidade – Pedagogia de Homero – formação pelos exemplos de heróis, de poetas líricos. Pedagogia dos sofistas – formação pela arte da retórica. Pedagogia de Sócrates – formação humana pela perfeição espiritual. Pedagogia de Platão – formação [ativa] integral do cidadão para o bem comum da cidade. Pedagogia de Isocrates – formação pela exaltação da excelência da palavra, da eloquência (ARAÚJO, 2009, p. 222-223).

As proposições de Araújo (2009) colaboram para entender as marcas do perfil do programa de ensino de História da Educação da Fista, uma vez que a exposição dos conteúdos coletados e analisados também evidenciam esses aspectos.

Outro autor que corrobora para o entendimento da seletividade de saberes a serem ensinados no ensino de História da Educação é Dallabrida (2011), que explica que os conteúdos devem ser analisados sob os seguintes apontamentos: o que deve ser apresentado à formação do professor; qual a maneira pedagógica utilizada para inculcar os saberes nos alunos e, principalmente, qual relação cultural dessas ações com a instituição. O referido autor considera que todos esses aspectos devem ser analisados não só no âmbito da sala de aula, mas na ambição social e política em que a instituição está inserida. Dallabrida (2011, p. 356) ressalta como esses nexos são importantes no entendimento da “apropriação das culturas escolares”.

Em realidade, a operação de apropriação das culturas escolares é multifacetada e se realiza entre os níveis mais amplos (mundial, nacional e estadual) e aqueles mais locais, como a escola e mesmo a sala de aula, bem como entre o nível do prescrito nas ideias e nas normas e o que é praticado no cotidiano escolar. A compreensão das apropriações em diferentes dimensões nas culturas escolares em movimento é necessária e salutar para a percepção crítica dos usos de artefatos pedagógicos na tessitura da escolarização no Brasil.

Neste sentido, percebe-se que a Fista fez apropriação de saberes para o ensino de História da Educação e apresentava-se de maneira concernente com os idealizados pela instituição confessional que possuía como integrantes membros de orientação francesa e

católica. O contexto era propício para a disseminação de uma cultura que contemplasse valores e saberes enaltecido pelos fundadores daquele estabelecimento de ensino superior.

No documento “F.F.C.L.S.T.A - Relatório do 1º Semestre 1951”, a programação da disciplina História da Educação dispunha de conteúdos com gama de discursos que iniciam com o evolucionismo dos povos em relação à questão da moral, valores, fé e um espaço contido para colocar a educação num patamar de científicidade.

Desta maneira, entendemos que o discurso pode ser tratado dentre múltiplas interpretações, mas a estrutura do ensino de História da Educação, em 1951, reporta aos ministrados como parte de conhecimento importante a serem dispostos aos alunos daquela instituição. Apresentaremos abaixo o Quadro 2, com o programa de História de Educação da Fista no ano de 1951.

QUADRO 2- Programa de História da Educação do Curso de Pedagogia - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino – Uberaba (MG) – 1951/ 1º Semestre¹²¹.

Série 2 ^a		
Mês	Março	Abri
Programa	História e História da Educação Pedagogia e História da Educação Evolução e Divisão da História da Educação Métodos da História da Educação Educação dos Povos Primitivos (grifo nosso) Educação dos Povos Primitivos (grifo nosso) Psicologia do Primitivo História da Educação na Antiguidade História da Educação Oriental	História da Educação na India Antiguidade (grifo nosso) História da Educação na India Antiguidade (grifo nosso) História da Educação na India Atualidade (grifo nosso) História da Educação entre os Hebreus – Antiguidade A leitura Hebraica Aula prática – Zilda Tomás – sobre os Hebreus e métodos educacionais Atualidade da leitura Hebraica Educação Egípcia (grifo nosso) Educação Egípcia (grifo nosso) Aula Paulita Vasconcelos – sobre Educação Egípcia Grécia – resumo histórico Mitologia Grega A Filosofia grega A Filosofia grega e a Educação Educação grega
Mês	Maio	Junho
Programa	Finalidade da Educação Grega Métodos da Educação Grega Aula prática “Filósofos gregos” Paulita Vasconcelos A música na Educação grega Religião e Educação na Grécia (grifo nosso) Religião e Educação na Grécia (grifo nosso) As festas religiosas Aula prática: “Ciências e Artes” na Grécia Elizabeth Castejon Escola primária na Grécia A Família Concepções diversas sobre a Família Origem e evolução da Família O matrimônio (grifo nosso) O matrimônio (grifo nosso) O divórcio Maltusianismo	Neomaltusianismo Problemas práticos Feminismo (grifo nosso) Feminismo (grifo nosso) Revisão
Pontos Selecionados	1º Prova Parcial 1º a) A escola primária na Grécia Antiga 2º a) Educação Grega: objetivo: educação moral religiosa 3º a) Educação Hebraica 4º a) Religião e as Artes na educação grega 5º a) Educação Egípcia 6º a) Educação Índu	7º a) Base do desenvolvimento educacional na Grécia. 8º a) Literatura, Retórica e Teatro gregos como elementos de educação 9º a) A Formação Moral Religiosa entre os gregos. 10º a) O ensino secundário na Grécia Antiga Ponto sorteado nº 7

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados coletado em Relatório F.F.C.L.S.T.A, 1951.

¹²¹ Estas informações foram consultadas no “Relatório F.F.C.L.S.T.A” (1951). Os itens em negrito [grifo nosso] fazem com que apreendemos esse documento como sendo também um Plano de Aula, uma vez que existem temáticas que foram mencionadas outras vezes no mesmo mês, evidenciando-se como sequência de conteúdos ministrados nas aulas de História da Educação.

Verifica-se que a estrutura do ensino de História da Educação seguia uma cronologia que possibilitava ao aluno uma apreensão de conteúdos apresentados de maneira linear e formadora de valores e condutas, amparando-se em possíveis comparações entre uma cultura e outra em que haveria um modelo a ser ensinado. Ademais, assuntos como matrimônio e divórcio eram conteúdos que faziam parte do currículo da disciplina História da Educação. Depreende-se que naquele contexto era importante inserir temáticas que prevaleciam na ambiência social e cultural e ressalta a relevância desses conteúdos e ou saberes no ensino da disciplina História da Educação para formação de professores.

Em 1950, na primeira turma de Pedagogia da Fista, estava matriculada Paulita Vasconcelos e a disciplina História da Educação foi ofertada em 1951 (HISTÓRICO ESCOLAR, 1950)¹²².

FIGURA 2 - Histórico Escolar Paulita Vasconcelos, 1950 - 1953

NOME: Paulita Vasconcelos		P. 31											
FACULDADE: S ^{to} G. de Aquino		CURSO: de Pedagogia.											
ANO CIVIL	DISCIPLINA (EM CÓDIGO)	NOTAS OBTIDAS			ANO CIVIL	DISCIPLINA (EM CÓDIGO)	NOTAS OBTIDAS			CURSO N.º DA MATRÍCULA			
		TRABA-LHOS	PROVAS PARCIAIS	EXAME			TRABA-LHOS	PROVAS PARCIAIS	EXAMES				
1950	C. Matem.	9,3	10	8,75	-	9,37	1950	Psicol. Psc.	4,7	6,5	8,5	-	7,5
"	Fls. Filosof.	5,1	8,75	8	-	8,22	"	Teologia	3,3	9	10	-	9,5
"	Sociologia	9,4	8,5	8,75	-	8,62	"	Hist. Aquino	1,7	10	9,5	-	9,75
"	Fund. Educ.	1,06	9	7	-	8,1	1950	Didática G.	9,7	8,5	9,5	-	9,5
"	Ps. Educac.	5,4	7,5	8	-	7,45	"	Didática Esp.	4,0	9	8,5	-	8,5
1951	Estat. Educ.	4,8	9	9,3	-	9,15	"	Teologia	1,9	9,5	10	-	10
"	Hist. Educ.	10,1	9	9	-	9	"	Liturgia	1,8	9,5	10	-	10
"	Fund. Soc. Ed.	9,7	10	9	-	9,5	"	Evangelho	2,4	9	9,5	-	9,5
"	Psicol. Educ.	5,1	8,5	8	-	8,25							
"	Adm. Fsc.	3,8	10	9	-	9,5							
1952	Filos. Educ.	6,7	8,5	9,5	-	9							
"	Hist. Educ.	6,4	10	9	-	9,5							
"	Educ. Comp.	3,0	9	8,5	-	8,45							
"	Adm. Educ.	2,6	9	7,5	-	8,25							
"	Psicol. Educ.	7,2	9	8,5	-	8,75							

MATRICULOU-SE, INICIALMENTE, EM 28 DE fevereiro DE 1950 NA 1^ª SÉRIE DO CURSO Pedagogia,
DA SEÇÃO DE Ciências DA FACULDADE S^{to} Tomás de Aquino

OCORRÊNCIAS DURANTE O CURSO:

TERMINAÇÃO DO CURSO: EM 21 DE dezembro DE 1958 DIPLOMOU-SE ...

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÉNCIAS E LETRAS, "STO. TOMAS DE AQUINO"

MODELO 3



¹²² Paulita Vasconcelos foi aluna da primeira Turma de Pedagogia da Fista, entre 1950 e 1953.

Histórico Escolar Paulita Vasconcelos, 1950 - 1953.

SEXO feminino	DATA DO NASCIMENTO 20. abril. 1930		LUGAR DO NASCIMENTO Araguari
ESTADO OU PAÍS DE NASCIMENTO	NACIONALIDADE		NATURALIDADE Bras. minas Gerais
NOME DA MÃE Palmira Silva	NACIONALIDADE		VIVA? sim
NOME DO PAI	NACIONALIDADE		VIVO?
PROFISSÃO DO PAI			
CURSO ANTERIOR C. de Formação		NOME E SEDE DO COLEGIO Escola Normal S. Domingos - Araxá	
ONDE PRESTOU O EXAME VESTIBULAR Faculdade de Filosofia S ^o Tomás		NOTA	
CURSO GINASIAL Formação		EXAME VESTIBULAR	
DISCIPLINAS	NOTA	OBSERVAÇÕES	DISCIPLINAS
			Francês 9
			História 7,5
			Port. Lógica 7,5
NOTAS SÔBRE A VIDA POST-FACULDADE			
DATA	OCORRÊNCIAS	FONTE	INFORMANTE

Fonte: Acervo Particular, Vasconcelos

Verifica-se que a disciplina História da Educação também foi ofertada no ano de 1952, cabendo salientar que, mesmo que o referido ensino não tenha sido ministrado no ano de 1950, ou seja, na primeira série do Curso de Pedagogia, a disciplina História da Filosofia estava presente no currículo acadêmico. Inferimos que os conteúdos disponibilizados nesse ensino foi base para o ensino de História da Educação no ano seguinte (1951). Outra informação que chama atenção no Histórico Escolar é a História da Igreja, porém não conseguimos dados que pudessem colaborar com mais detalhes a respeito.

Neste sentido, as explicações de Vasconcelos (2020) colaboram para o entendimento do ensino da História da Educação nos anos iniciais da Fista.

No início era uma experiência que eles faziam com o grupo. Minha turma tinha duas alunas – outro curso, três... Elas [Dominicanas] estavam iniciando, claro que elas sabiam mais, senão não tinham como abrir uma Faculdade!!! Depois da nossa turma foi aprimorando. Mas, para elas [Dominicanas] também era um caminho experimental (VASCONCELOS, 2020).

Vasconcelos (2020) mencionou as impressões sobre a disciplina História da Educação na instituição Fista e acrescentou ainda as dificuldades para apreensão do referido ensino.

Se você não tiver uma clarividência, eles te induzem para um caminho... A Irmã Loreto [professora da Fista com doutorado em Sorbone] tinha outra visão – disciplina Geologia – material bruto – é ouro é ouro – é prata é prata. Mas, com pensadores, como podem fazer isso!! (VASCONCELOS, 2020).

Essa diferença de uma disciplina com dados concretos e outra como História da Educação que trata de estudo teórico dos fatos evidencia a complexidade e a necessidade da reflexão histórica e crítica do ensino. As exposições de Vasconcelos (2020) colaboraram para entender que disciplinas como História da Educação podem induzir o aluno na forma de pensar e apreender determinados acontecimentos.

Isto ocorreria uma vez que eram assuntos abstratos e diferem de outros ensinos que apresentavam objetos não passivos de qualquer dúvida em sua apresentação. Neste sentido, apresentaremos o Quadro 3 no qual constam as temáticas e os pensadores que estavam previstos no programa da disciplina História da Educação, no 2º semestre de 1951, período em que Vasconcelos (2020) cursava o curso de Pedagogia da Fista.

QUADRO - 3 Programa de História da Educação na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras Santo Tomás de Aquino – Uberaba-Minas Gerais, 1951 – 2º Semestre.

Série 2ª		
Mês	Agosto	Setembro
Programa		
	16-Revisão da matéria do 1º semestre 20-Idem 21-Educação Chinesa (grifo nosso) 22-Continuação da aula anterior (grifo nosso) 23-Aula dada pela aluna Zilda Tomás 27-Educação Medieval 28-As Escolas da Idade Média 29-A Educação Feudal	3- Aula dada pela aluna Paulita Vasconcelos 4-As Universidades (grifo nosso) 5-As Universidades (grifo nosso) 6-A Educação no Século XVI 10-A Educação no Século XVI 11- A Educação Reformista 12- Consequências da Educação Reformista 13- Aula dada pela aluna Elizabeth Castejon 17- Seminários: “As Universidades do Brasil, têm a mesma vida das Universidades Medievais”. 18- As Ordens Religiosas e a educação no século XVI 19- A educação e o Concílio Tridentino 20- A educação jansenista 24- O Convento de Port-Royal e sua projeção no sector educacional 25- Seminários: “Os recreios e viagens, bem como as reuniões sociais, sendo nocivos à educação, devem ser banidos, e expressamente proibidos, em todas as escolas 26- Educação Realista(grifo nosso) 27- Educação Realista (grifo nosso)
Mês	Outubro	
Programa	1-Educação Iluminista(grifo nosso) 2-Educação Iluminista(grifo nosso) 3-Educação Disciplinar 4-Aula dada pela Aluna Zilda Tomás 8-Locke 9-Kant 10-Rousseau 11-“Emílio”: seu valor real e suposto 15-“Emílio” sua projeção no terreno educacional 16-Seminário: “O homem é bom; as instituições que o toram má”	17- A Educação de S.João Batista de la Salle (grifo nosso) 18-Continuação da aula anterior (grifo nosso) 22-Comparação entre Pedagogia Jansenista e de S. João Batista de la Salle. 23-Comparação entre Pedagogia Rousseauiana e de S. João Batista de la Salle 24-Pedagogia lockeana e Kantiana 25-Rousseau e a “Educação Moderna”

Mês	Novembro	Greve ¹²³
Pontos Selecionados	1-Educação Jansenista 2-Educação Renascentista 3-As Universidades da Idade Média 4-Educação Disciplinar 5-Educação Realista 6-Educação Chinês 7-Educação Grega: Escola Primária 8-Educação Romana 9-Educação Indú 10-Educação Egípcia 11-Educação Hebraica 12-Educação João Batista de la Salle 13-Educação Feudal 14-Educação Medieval	15-Educação Cristã 16-Educação dos Povos Primitivos 17-Educação Antiga e Educação Moderna Tipos característico da Educação Antiga. O Escravo 18-Base do desenvolvimento educacional da Grécia. Unidade Helénica, Linguística e Religiosa. 19-Educação Grega Escola Secundária 20-Educação Escolástica Ponto sorteado: 05

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados coletados do Relatório F.F.C.L.S.T.A, 1951

As marcas do perfil programático do ensino História da Educação da Fista podem ser evidenciadas por Vasconcelos (2020), que também ressalta no próprio discurso de formatura.

Nossa visão de agora é outra. Não por sabermos que dias sombrios nos esperam pela vida afora; não por julgarem alguns que o nosso otimismo sadio foi corrompido pelo pessimismo que derrota e aniquila o sér humano. Isto jamais poderia acontecer. O que se verifica, em verdade, é que passamos da ilusão de ontem para a realidade por vêzes chocante de hoje. Um novo horizonte surgiu desrido de artifícios, porque e nele descobrimos a Verdade, antes empanada por sofismas venenosos que nosso espírito aceitava, incapaz como era de reagir. Esta nova visão, mais ampla, menos subjetiva, mais real, confere-nos a grande responsabilidade a que há pouco fizemos alusão. O mundo moderno caminha, ou melhor vôa. As maravilhas das ciências, surpreendem-nos. Que o espírito do homem moderno caminhe com igual fervor nas estradas do Bem. Há muita coisa a ser feita, muitos princípios são a serem observados. E na ordem social, o princípio mais negligenciado e mais conculado pelos homens de hoje é, sem dúvida, o da solidariedade humana universal, com tanta insistência defendido pelo Santo Padre Pio XII (DISCURSO DE FORMATURA, 1953).

Verifica-se pelo excerto que os formandos do curso de Pedagogia da Fista, no ano de 1953, continham princípios que estavam concernentes com os defendidos pelo representante institucional da Igreja Católica, o “Santo Padre Pio XII”, que sobreponha às demais ideias e valores do mundo moderno. Os formandos seriam, portanto, disseminadores do cabedal apreendido através das teorias dos pensadores/educadores que lhes foram apresentados na disciplina. Nossa proposição é que isto ocorria principalmente no ensino de História da Educação. Esta alusão foi possível em decorrência da análise realizada nos programas de História da Educação e relatos coletados na pesquisa. Para colaborar com os apontamentos que realizamos, Vasconcelos (2020), menciona sobre os pensadores estudados no ensino História da Educação e ressalta a percepção que possuía em relação aos conteúdos estudados.

¹²³ Em documento “Relatório F.F.C.L.S.T.A, 1951” foi mencionado o termo greve que ocorreu naquele mês de novembro de 1951, contudo não apresenta detalhes sobre o motivo e ou outras informações a respeito desse acontecimento.

Não lembro o ano que a História da Educação foi ministrada, mas estudávamos Montessori, Piaget.... Passei por Marx...O meu curso teve uma conotação, ou melhor, vou dizer pouco mais religioso... Mais cuidadoso com esses pensadores... não sei... isto por minha conta... Quando reli meu discurso, achei um tanto piegas [risos]. A minha visão daquele tempo era uma... E delas [Dominicanas] também um certo cuidado ... Apesar que, Dominicanos tem abertura muito grande, mas não tanto assim a esse ponto... Nós erámos pouquíssimas, umas seis ou sete com outros cursos... não tinha como ser diferente. Partíamos de Pitágoras, Aristóteles e vínhamos caminhando ... Acho que paramos na Fista [risos]. Da Idade Média, Antiga, Clássica – até hoje não sei dos Sofistas [risos]. Acho que tive mais aulas com Irmãs e Padres... nem sei formação... Nós éramos três [eu e a Zilma do 2º ano de Pedagogia] e a Vilma [que estava no primeiro ano de Pedagogia], mas quando tinham conteúdos que era condizente com a série dela, fazia aula conosco. Então, quando tinha conteúdo para ela – estávamos juntas... (VASCONCELOS, 2020).

De acordo com Vasconcelos (2020), nos anos iniciais da Fista a instituição possuía poucas alunas na Turma de Pedagogia e, portanto, uniam-se cursos diferentes e ou turmas do mesmo curso para assistirem conteúdos que eram comuns. Especificamente sobre o ensino de História da Educação, Vasconcelos (2020) destaca que era estudada a Idade Média, Antiga e Clássica. Em relação aos conteúdos ministrados e a relação com a religião, Vasconcelos (2020) esclarece o assunto que foi abordado em sala de aula.

Tínhamos uma formação religião/moral – lembro até de uma discussão – acho com o Frei Paulo... Ele falou que Nossa Senhora não conhecia São José... E eu falei: conhecia sim!!! Como não?!!!! Algumas alunas riram de mim [reuniam alunas de outros cursos para fazer essa disciplina – umas seis ou sete alunas]. Mas, no final ele [professor, acho que Frei Paulo] me chamou e explicou que Nossa Senhora não conhecia São José [referia-se a questão de não ter tido relação com Ela]. Por isso, não o conhecia – É o que diz a Bíblia. Para você ver o que era minha inocência!!! A Fista estava no começo tateando. Eu nem sei a formação dos professores... Vamos dizer era a vida delas – o que queriam implantar... (VASCONCELOS, 2020).

Esses apontamentos de Vasconcelos (2020) podem ter analogia com a própria formação dos professores que, naquele momento, ministram a disciplina História da Educação. Em análise dos documentos consultados consta que a disciplina História da Educação foi ministrada de 1951 até o ano de 1952 pelo Padre Antonio Tomás Fialho¹²⁴.

De 1953 a 1956, a disciplina foi ministrada por Yvone de C. Rocha (Irmã Virgínia Maria do Rosário)¹²⁵. Assim, Yvone de C. Rocha era o nome civil e o religioso era Irmã

¹²⁴ Conforme consta em documento intitulado “Corpo Docente” – Relatório F.F.C.L.S.T.A – 1951, Padre Antonio Tomaz Fialho ministrou também História da Filosofia.

¹²⁵ Conforme consta em documento intitulado “Corpo Docente” – Relatório F.F.C.L.S.T.A – 1951, a Irmã Virgínia Maria do Rosário ministrou também disciplina de Fundamentos de Sociologia da Educação.

Virgínia Maria do Rosário. Verifica-se que em alguns momentos dos programas de História da Educação constam o nome da referida docente com nome religioso e em outra circunstância com o civil. Não foi possível encontrar dados que esclarecessem o motivo dessa alternância da designação do nome da professora. Cabe destacar que o ensino de História da Educação na Festa nos anos de 1950 evidencia-se pela inexpressiva abordagem que faz sobre a História da Educação no Brasil. Nestas análises dos conteúdos programáticos percebe-se que em 1956 foi discorrido, talvez com mais ênfase, alguns aspectos da História da Educação do Brasil.

(15) - Evolucionismo da Educação no Brasil; (16) - Educação no Brasil durante o período Colonial e o período monárquico; (17) - Educação no Brasil – período republicano e período posterior no movimento revolucionário de 1930; (18) - Educação no Brasil. Lei Orgânica do Ensino Secundário. Decreto-lei nº 4244 de 19 de abril de 1942. Reforma e responsabilizações do Ministro Gustavo Capanema. (20) – A Educação atual no Brasil. Posição e tendências. (RELATÓRIO F.F.C.L.S.T.A, 1956).

Apesar de não encontrarmos documentos sobre o detalhamento dessas temáticas tratadas no Ensino de História da Educação da Festa, as descrições dos itens provocam questionamentos acerca dos motivos que impulsionaram a apresentação desses assuntos. Infere-se que a palavra “Evolucionismo da Educação no Brasil” considerava o trabalho realizado pelos Jesuítas na Companhia de Jesus durante a colonização do país. O período monárquico seria enfatizado devido ao apoio que existiu entre monarquia e Igreja.

Quanto ao “período republicano e posterior no movimento revolucionário de 1930”, a proposição que elencamos seria a de que as ações de Getúlio Vargas e Francisco Campos eram favoráveis à atuação dos movimentos de implantação do ensino religioso bem como do ensino superior católico no país. Há de considerar a referência a Gustavo Capanema, que foi um adepto dos interesses da educação católica no Brasil. A este respeito Casali (1995) explica que Gustavo Capanema, em discurso proferido em 15 de março de 1941 na “Sessão Inaugural das Faculdades Católicas”, “[...] assegurou às Faculdades Católicas o apoio do Governo” (CASALI, 1995, p. 138).

Em relação ao Corpo Docente da disciplina História da Educação da Festa, cabe salientar que ex-alunas do Curso de Pedagogia compuseram o quadro de professores do referido ensino. Neste momento, será elencado de forma sucinta apenas o nome, período e outras disciplinas que estavam sob a responsabilidade dos respectivos professores, no período compreendido entre 1952 e 1980.

QUADRO 4 - Relação dos professores de História da Educação na Fista entre 1951 e 1980

Docente	Ano	Disciplinas ministradas
Padre Antonio Tomás Fialho	1951 a 1952	História da Educação e História da Filosofia
Yvone de C. Rocha (Irmã Virginita Maria do Rosário) ¹²⁶	1953 a 1956	História da Educação e Fundamentos de Sociologia da Educação
Elizabeth Castejon ¹²⁷	1956	Fundamentos Sociológicos da Educação Educação Comparada História da Educação
Irmã Esther Maria ¹²⁸	1957	História da Educação Educação Comparada
Maria Sarah Felippe Villaça	1961 a 1963	História da Educação
Maria do Rosario Cunha	1960 a 1966	História da Educação
Selma Amuí ¹²⁹	1967	História da Educação
Elsie Barbosa ¹³⁰	Entre 1963 a 1969	História da Filosofia História da Educação
Padre Thomas de Aquino Prata	Entre 1967 a 1970	História da Educação História da Filosofia Fundamentos Sociológicos
Antonia Teresinha da Silva	1971 a 1980	História da Educação
Neide Fonseca de Oliveira	1972	História da Educação

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados coletados do Relatório F.F.C.L.S.T.A 1950 a 1980.

Sobre o ensino da História da Educação na Fista a partir de 1960, sabe-se que a referida disciplina foi ministrada por Maria do Rosário Cunha¹³¹. Apesar das mudanças que aconteciam no quadro de docentes, estes possuíam afinidades com a instituição. Esta nossa proposição pode ser evidenciada quando elencamos que a disciplina História da Educação foi ministrada por ex-alunas do Curso de Pedagogia da Fista.

Isto ocorreu nos anos de 1950 e também entre os anos de 1960, 1970 a 1980. A disciplina História da Educação foi ministrada, respectivamente, por Elizabeth Castejon, Maria do Rosário Cunha, Maria Sarah Felippe Villaça, Selma Amuí, Neide Fonseca de Oliveira e Antonia Teresinha da Silva¹³².

¹²⁶ Em consulta aos “Relatórios F.F.C.L.S.T.A” compreendidos entre 1951 e 1980, apenas nos anos de 1958 a 1959 não encontramos o nome do professor e ou professora que ministrou a disciplina História da Educação.

¹²⁷ Em consulta ao documento intitulado “Ata da 21^a reunião da Congregação”, datada de 28/4/1956, consta o nome de Elizabeth Castejon como professora assistente contratada naquele referido ano para ministrar as disciplinas de Fundamentos Sociológicos da Educação; Educação Comparada; História da Educação.

¹²⁸ Em documento intitulado “Relação do Corpo Docente ativo em 1957” constatou-se o nome da Irmã Esther Maria como docente das disciplinas de História da Educação e Educação Comparada. Não foi possível conseguir outras fontes que se referem à docente e ou informações complementares.

¹²⁹ Em consulta ao Histórico Escolar da ex-aluna Selma Amuí encontramos um documento intitulado “”, no qual consta a informação de que ela foi professora assistente da disciplina História da Educação no primeiro semestre de 1967. Salienta que o referido documento foi datado de 20/2/1971, assinado pela Diretora da Fista Glycia Maria Barbosa da Silva.

¹³⁰ Em 1978, Elsie Barbosa foi Diretora Geral da Fista e consta em Documento “Corpo Docente” apenas como professora de Filosofia.

¹³¹ Em consulta ao Histórico Escolar de Maria do Rosario Cunha verifica-se que, no ano de 1955, cursou a 4^a série do Curso de Pedagogia da Fista, fazendo as disciplinas de Didática Geral e Didática Especial (SETOR DE DOCUMENTOS, UNIUBE, 2019).

¹³² Conforme consta em Históricos Escolares consultados no Setor de Documentos da UNIUBE, Maria Sarah Felippe Villaça foi aluna do Curso de Pedagogia da Fista no período de 1956 a 1958; Selma Amuí no período de 1963 a 1966; Neide Fonseca de Oliveira e Antonia Teresinha da Silva no período de 1968 a 1971 .

Em relação ao perfil programático, no período em que as docentes supracitadas ministraram a disciplina História da Educação, verifica-se que houve permanência da continuidade do pensamento doutrinário moral cristão. Nunes (1996, p. 70) colabora para apreender essa forma de se escrever a História da Educação.

A imagem da linha como expressão de uma sucessão contínua de momentos, presente na concepção cristã de tempo, foi aquela que se impôs gradativamente na civilização europeia, distinguindo-se não só da perspectiva antiga, rotativa e exclusivamente voltada para o passado, mas também da perspectiva judaica, incisivamente dirigida para o futuro.

Existiu uma história que se inicia com povos primitivos, até chegar àqueles definidos como “civilizados”, em que estes prosseguem como exemplo para o progresso. Desta maneira, uma característica que também marcou o ensino de História da Educação na Fista foi a designação dada como humanista.

A característica forte da Fista era escola/formação humana – fato de sempre se fazer educativo – Formação Humanista. Foi nessa linha do Humanismo Cristão, da Ética Cristã que a Fista se dedicou com a formação de educadores. Fui indicada pelo Padre Prata que estava com acumulo de disciplinas. Ajudava ele e quando aposentou eu logo assumi as disciplinas. Grande amigo nos momentos bons e difíceis. Ministrava [Padre Prata] aulas de Sociologia Educacional, Sociologia Geral, Filosofia da Educação e, já até esqueci (PRAIS, 2019).

Prais (2019) menciona o quanto o sacerdote Thomaz de Aquino Prata ou simplesmente Padre Prata foi um orientador para sua trajetória docente e também pessoal. Em consulta ao Relatório F.F.C.L.S.T.A/1967 constatou-se que o Padre Thomaz de Aquino Prata ministrava a disciplina História da Educação e permaneceu até 1970¹³³.

Em 1972, a disciplina foi ministrada por Antonia Teresinha da Silva¹³⁴. Especificamente sobre a formação humanística e o ensino de História da Educação, reportamos ao aludido por Nunes (1996, p. 70-71), que explica que o tempo do cristianismo foi “dramático, pois narra a história terrestre como história da salvação da humanidade, na qual a vida é vivida em dois planos: o dos eventos empíricos e o da prescrição divina. É percebido como fato psicológico, como experiência interior da alma”.

¹³³ De acordo com a “Revista Memórias” (2015), Padre Thomaz de Aquino Prata estudou nos Estados Unidos na *Catholic University of America*, entre 1955 e 1956.

¹³⁴ Ex-aluna do Curso de Pedagogia da Fista no período de 1968 a 1971. Docente da disciplina História da Educação de 1972 a 1980.

Neste sentido, para apreendermos o que era o perfil programático do ensino de História da Educação da Fista no ano de 1960, reportamos aos conteúdos que apresentam como “objetivo do conteúdo entrar em contacto com as principais experiências educacionais da humanidade, analisando as idéias que as orientaram” (RELATÓRIO F.F.C.L.S.T.A, 1960).

As temáticas abordadas foram: “A Educação Cristã: Apostólica - Patrística - Monástica - Escolástica - Os Árabes e a cultura Ocidental - O Renascimento - A Reforma - A Contra Reforma” (RELATÓRIO F.F.C.L.S.T.A, 1960).

O Quadro 5 apresenta na íntegra os conteúdos constantes no Programa História da Educação na Fista em 1960.

QUADRO 5 - Programa de História da Educação do Curso de Pedagogia - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino – Uberaba (MG) – 1960.

Séries 2 ^a e 3 ^a			
Mês	Março	Maio	Junho
Objetivo do Conteúdo Temáticas	Entrar em contacto com as principais experiências educacionais da humanidade, analisando as idéias que as orientaram. A Educação Cristã: - Apostólica - Patrística – - Monástica - Escolástica - Os Árabes e a cultura Ocidental - O Renascimento - A Reforma - A Contra Reforma.		
Programa	Março História da Educação: Os povos primitivos: (grifo nosso) Os povos primitivos educação; Os povos primitivos (grifo nosso) – educação; A educação Oriental;Índia; A educação Oriental – Índia	Maio Educação ateniense (grifo nosso) Educação ateniense (grifo nosso) Educação ateniense (grifo nosso) Educação da infância; Educação ateniense (grifo nosso) Educação da juventude; Educação feminina Método da educação Educação grega: período de transição Caráter deste período Educação grega – período de transição Os sofistas Educação grega (grifo nosso) Os sofistas Educação grega – período de transição Modificações resultantes na educação Educação grega (grifo nosso) Os teóricos da educação na Grécia Educação grega (grifo nosso) Sócrates (grifo nosso) Educação grega (grifo nosso) Sócrates (grifo nosso)	Junho Sócrates e Platão Platão (grifo nosso) Aristóteles Revisão da matéria Revisão da matéria Educação grega – período cosmopolita Educação Realista – Educação Filantrópica – Educação Humanitária – Educação Moral – Educação Política – Reação Católica – A Nova Pedagogia Científica.
Programa	Abri		
	Egito situação geográfica-cultura Egito (educação) Educação hebraica Educação persa (grifo nosso) Educação persa (grifo nosso) Educação persa (grifo nosso) Educação grega (grifo nosso) Educação grega (grifo nosso) Período (Ilíada e Odisséia) Estágio Características essenciais da educação antiga entre os indus, egípcios, hebreus e persas. Esparta (grifo nosso) Esparta (grifo nosso)		
	Agosto	Setembro	Outubro
Programa	Revisão da matéria Educação grega -Periodocosmopolita Educação grega – Universidades Educação grega – Educação romana Educação romana Educação romana Características gerais da Educação romana Educação romana – período primitivos Educação romana período primitivo Período transição	Educação romana – Período primitivo – Período de transição Educação romana – Período de transição Educação romana – Período de transição e decadência. Educadores romano – Quintiliano Educação cristã – Introdução (grifo nosso) Educação cristão – Introdução (grifo nosso) Educação cristã – Período apostólico Período patrístico (educadores patrísticos)	Educadores patrísticos; (grifo nosso) Clemente - Origenes; (grifo nosso) Educadores patrísticos – (grifo nosso) Clemente - Origenes – (grifo nosso) S.Basílio (grifo nosso) Clemente - Origenes – S. Basílio (grifo nosso) Educadores patrísticos – Santo Agostinho Período Monástico Estágio Período monástico – Desenvolvimento Educadores: Boécio Cassiodoro – S. Gregório Magno
	Novembro		
Programa	S. Bento – Os árabes – civilização e cultura Os árabes – civilização e cultura Revisão da matéria.		

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados contidos no Relatório F.F.C.L.S.T.A, 1960.

Verifica-se que o perfil dos conteúdos da disciplina História da Educação enfatiza os valores da educação do passado em que destacam as vivências da humanidade como exemplo à realidade educacional e evidencia uma ordem cronológica dos fatos históricos.

Silva (2019) menciona que sua professora de História da Educação foi Elsie Barbosa¹³⁵. Contudo, não encontramos nos documentos analisados o nome de Elsie Barbosa como docente da referida disciplina. Foi verificado apenas um documento administrativo, datado de 1978, em que Elsie Barbosa era diretora do Departamento de Educação.

Em relação ao conteúdo do ensino de História da Educação, Silva (2019) explica que nos anos de 1968 a 1971 ele era denso e apresentava-se com diversos conteúdos.

As disciplinas como Introdução à Filosofia, Filosofia da Educação, Psicologia da Educação, Sociologia da Educação, História da Educação possuíam uma carga horária maior. Os conteúdos eram casados – Filosofia da Educação – História da Educação, mas cada uma com um professor. As reuniões pedagógicas oportunizavam uma discussão reflexiva sobre as interfaces dos diferentes conteúdos formando uma tessitura harmonizada entre as diferentes disciplinas. A professora Elsie Barbosa que ministrava Filosofia e História da Educação durante todo o curso. Todos os professores eram bastante preparados. O movimento de reciclagem dos mesmos era constante tanto dentro dos muros da Fista como fora. Muitos iam para Europa em especial para a França em busca de aprimoramento de suas áreas específicas bem como dos estudos sobre os mais recentes avanços sobre o sentido e significado da Educação e do processo educacional como um todo. Sendo a Congregação das Irmãs Dominicanas de raiz e Orientação francesa, o intercâmbio com a França e a Europa, como um todo era facilitado. Irmã Glycia Maria Barbosa da Silva fez aperfeiçoamento na Bélgica; Irmã Loreto (História Natural) em Sorbone – Paris (SILVA, 2019).

A informação de que os conteúdos eram “casados” torna-se importante pois foi uma marca no perfil da História da Educação que ocorreu nos anos iniciais (1950) e também nos anos de 1960 até início de 1970. A linha de orientação francesa e a capacitação dos professores nesta perspectiva são relevantes para entender a relação da instituição com os valores disseminados aos seus alunos. Outras informações que permitem apreender o lugar da História da Educação na Fista e como era o programa desse ensino foram realizadas por Marta de Queiroz Fabri¹³⁶. De acordo com Fabri (2019), “algumas aulas eram *tronco comum* e desta maneira, reuniam todos os cursos”.

¹³⁵ Em documento intitulado “Corpo Docente”, entre 1963 e 1969 consta o nome de Elsie Barbosa como docente de Filosofia da Educação.

¹³⁶ De acordo com Marta de Queiroz Fabri, a mesma realizou o Curso de Pedagogia da Fista, no período de 1967 a 1969.

As aulas eram bastante interessantes e a gente participava bastante por que sempre o professor procurava mostrar o hoje e relacionava com o ontem – a história mesmo. Do jardim de Infância – porque chamar Jardim de Infância. Estudava profundamente, cada um dos pensadores e as teorias de cada um. O professor trazia para hoje qual a influência da História de Educação hoje. Não era uma história pela história. Era uma história fundamentada. A carga horária muito pesada!!! A gente sai bem firme no conteúdo (FABRI, 2019).

Fabri (2019) salienta o quanto a fundamentação teórica circunscrevia o ensino da História da Educação e destaca que “eram mostrados como muita fundamentação - os pensadores, assim como as teorias de cada um. Isto era bem cobrado. Era muito trabalhado!” (FABRI, 2019). De certa forma, isto evidencia que os conteúdos eram ministrados com embasamento em determinadas teorias e colabora para a perspectiva da apresentação do perfil programático da disciplina História da Educação conforme apresentado no Quadro 6. Neste sentido, a partir das exposições de Fabri (2019) e Silva (2019), reportamos ao Programa da História da Educação constante no “Relatório F.F.C.L.S.T. A”, de 1967 e 1970, no qual constam os mesmos conteúdos.

QUADRO 6 - Programa de História da Educação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino – Uberaba (MG) Curso de Pedagogia 1967 e 1970.

Série	1 ^a	
Programa/Unidades	<p>I-Considerações Gerais</p> <p>a)Conceito b)Conceito c)Fases, fontes, valor</p> <p>II- A Educação Primitiva:</p> <p>a)Cultura e Sociedade dos Povos Primitivos b)Problema e sentido da Educação Primitiva c)A Educação Primitiva Espontânea d)Consciência Histórica e transito para a Educação Intencionada</p> <p>III-A Educação Oriental e a Pedagogia do Tradicionalismo</p> <p>a)A Educação Chinesa b)A Educação Babilônica c)A Educação no Egito d)A Educação na Persia</p> <p>IV- A Educação e Pedagogia dos Povos clássicos:</p> <p>a)A Educação grega mais antiga Homero e Hesídeo b)A Educação Esparta. Licurgo e o Estatismo pedagógico – militar c)A Educação em Atenas e o Estado de Cultura. d)Principais Pedagogos: Pitágoras, os Sofistas, Sócrates, Platão e Aristóteles.</p>	<p>V-A Idade Média e a Educação Cristocêntrica</p> <p>a)A primeira educação Cristã, e primeiros pedagogos Cristãos. b)A Educação Monástica e Catedral c)A Educação Palatina e Estatal d)A Educação Universitária, Corporativa e Municipal e)A Pedagogia Medieval, a Patrística e a Escolástica.</p> <p>VI- A Educação Humanista:</p> <p>a)O Humanismo Pedagógico nos diversos Países: 1)Itália 2)Alemanha 3)França 4)Espanha 5)Inglaterra</p> <p>VII-A Educação Religiosa Reformada</p> <p>a)A Reforma religiosa protestante – Lutero e Calvin b)A Reforma religiosa católica – Inácio de Loiola e a Companhia de Jesus, o Concílio de Trento e o seu Programa Educativo</p> <p>VIII-A Educação no século XVII</p> <p>a)Desenvolvimento da Educação Pública b)A Educação na América Colonial</p>

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados coletados nos Relatórios F.F.C.L.S.T.A, 1967 e 1970.

A partir da análise dos conteúdos ministrados na disciplina História da Educação, no período compreendido entre 1967 e 1970, verifica-se, de certa forma, semelhança com o sumário do manual “Noções de História da Educação”, de Theobaldo Miranda Santos, publicado em 1945 pela Companhia Editora Nacional.

Para melhor entendimento dessa possibilidade que destacamos torna-se oportuno apresentar a sequência desse programa de ensino.

QUADRO 7 - Programa de História da Educação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino – Uberaba (MG) Curso de Pedagogia 1967 e 1970.

Série	2 ^a	
Programa/Unidades	<p>1-Conceito da unidade histórica. Divisão da História da Educação em unidades.</p> <p>2-Visão retrospectiva: Primeira unidade histórica (Educação Oriental)</p> <p>Segunda unidade histórica (Educação Clássica); Terceira unidade histórica (Educação Cristocêntrica)</p> <p>3-Quarta unidade histórica:</p> <p>Pedagogia do Renascimento</p> <p>A nova concepção da vida.</p> <p>As descobertas e as invenções.</p> <p>Conceito de Humanismo</p> <p>O Humanismo Pedagógico na Itália.</p> <p>Precursors (Dante, Petrarcha, Boccacio).</p> <p>Bibliotecas. Academias. Institutos.</p> <p>Victorino de Feltrê.</p> <p>Humanismo Pedagógico na França</p> <p>Rabelais. Montaigne.</p> <p>4- Quinta unidade histórica:</p> <p>A Pedagogia da Reforma.</p> <p>O sentido da Reforma.</p> <p>Martinho Lutero. Wekanchton.</p> <p>Calvino.</p> <p>A Pedagogia da Contra Reforma.</p> <p>A Restauração Católica.</p> <p>A Companhia de Jesus.</p> <p>Importância histórica da "Ratio Studiorum".</p>	<p>5-Sexta unidade histórica:</p> <p>O Realismo Pedagógico.</p> <p>Movimentos históricos: (intelectuais, científicos, políticos, etc) do séc. XVII.</p> <p>A Filosofia Moderna e a Educação:</p> <p>Bacon e Descartes. Ratke, precursor da didática.</p> <p>Comenio e a nova didática realista.</p> <p>6-A Educação das classes.</p> <p>A Educação nobiliária:</p> <p>Locke, Bossuet e Fenelon.</p> <p>A Educação dos letados: Thomasius, Charles Rollin</p> <p>A Educação das classes populares:</p> <p>Os Oratorianos, os Irmãos das Escolas Cristãs.</p> <p>A Pedagogia de Port-Royal</p> <p>O Pietismo</p> <p>7- Sétima Unidade histórica:</p> <p>O Naturalismo Pedagógico. Conceito.</p> <p>Conceito de Iluminismo.</p> <p>Jean J. Rousseau e o Naturalismo.</p> <p>Basedow e a Pedagogia Filantrópica.</p> <p>8-Oitava Unidade histórica:</p> <p>A Pedagogia da Revolução Francês.</p> <p>A Universidade Napoleônica. O Neo-humanismo Kant, Schiller, Fichte, Hegel, Pestalozzi e o Neo-humanismo social. Pedagogia dos "Excepcionais": Louis Braille.</p>

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados coletados nos Relatórios F.F.C.L.S.T.A, 1967 e 1970.

Os programas de História da Educação da Fista (1967 e 1970) apresentam supressão de tópicos que existem no sumário de "Noções de História da Educação" (1945), mas inferimos similaridade com os respectivos documentos mencionados. O Quadro 8 também trata da continuidade dos temas abordados no Programa da História da Educação da Fista nos anos de 1967 e 1970.

QUADRO 8 - Programa de História da Educação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino – Uberaba (MG) Curso de Pedagogia 1967 e 1970.

Série	3 ^a
Programa/Unidades	<p>I-Nona unidade histórica:</p> <p>A Pedagogia do Século XIX, características dos tempos. Mudanças sociais.</p> <p>II-Herbert e o sistema da Teoria Educativa. Os Post-pestalozianos; Froebel, Girald, Rosmini.</p> <p>III-A Pedagogia Católica no século XIX: características – Champagnat, Dom Bosco, Spalding, Dupanloup.</p> <p>IV-Pedagogia do Positivismo e do Evolucionismo: Augusto Comte e Spencer</p> <p>V-A Pedagogia Experimental: Muller, Helmholtz, Bessel, Fechner, Wundt, Binet Lay, Meumann.</p> <p>Laboratórios de Psicologia Experimental.</p> <p>VI-O Movimento feminista no século XIX</p> <p>VII-A educação pública no século XIX.</p> <p>VIII-Décima unidade histórica:</p> <p>A Pedagogia Contemporânea:</p> <p>Visão de conjunto.</p> <p>Os principais movimentos pedagógicos do século XX.</p> <p>As mudanças sociais, políticas, econômicas, as guerras mundiais.</p> <p>IX-Pedagogia de Ação: precursores-conceito-características</p> <p>X-Willian James e a Pedagogia Pragmática</p> <p>XI-John Dewey e o "Ensino pela Ação".</p> <p>XII-William Kilpatrick e a Educação Democrática</p> <p>XIII-Kerschensteiner e a "Escola do trabalho".</p> <p>XIV-Decroly e os "Centros de interesse"</p> <p>XVI-O método dos projetos (Kilpatrick)</p> <p>XVII-Os complexos russos (Blonsky)</p> <p>XVIII-Métodos de diferenciação do ensino. O Sistema de grupos moveis.</p> <p>XIX-Métodos de individualização do ensino: Montessori-Wankinder</p> <p>XX-Métodos psíquico-genéticos</p> <p>XXI-A Educação Pública no séc. XX</p> <p>XXII-A Educação no Brasil: era colonial, imperial, primeira república e em nossos dias.</p>

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados coletados nos Relatórios F.F.C.L.S.T.A, 1967 e 1970

Com a descrição dos conteúdos apresentados, entendemos que há similaridade com o sumário da obra de Theobaldo Miranda Santos (1945) e nossa preposição é de que ele foi utilizado pela Fista para o ensino História da Educação. Verifica-se que a disciplina de História da Educação na Fista obteve uma gama de conteúdos que evidencia uma visão de história embasada em pensadores com possível hierarquização para apresentação aos alunos. À História do Brasil eram dedicados tópicos sucintos sem muito detalhamento dos aspectos a serem tratados.

Ainda sobre a disposição de conteúdo disseminado no ensino História da Educação em que enfatiza valores e destaca exemplos para a formação dos alunos numa perspectiva humana, reportamos aos apontamentos realizados por Silva (2019).

O estudo era par e par com as questões humanas e espirituais, não no sentido de doutrinação, não no sentido de dizer que essa religião é certa e aquela religião é errada. Não! Mas, da manutenção de uma Ética de valorização e respeito aos alunos, professores e funcionários e, o tempo todo nos convidar a pensar que não estamos aqui por acaso nesse planeta – nós viemos aqui por um sentido maior – que o nosso compromisso não se limita aqui e agora – que nós temos uma ligação com questões de ordem humana e transcendental – de ordem espiritual. E hoje com os avanços da Física Quântica não tem mais como negar isso. Ninguém precisa ter medo – já houve um tempo que o medo de falar de espiritualidade era grande. Quando transcendemos as divisões e classificações de tempos e lugares, encontramos uma História da Educação como a História do Humano no seu sonho de ampliar o seu olhar com relação a tudo que não sabe... É a História da Educação da Humanidade como legado. Nossa história humana é marcada por muitas divisões de campos, territórios pretensos – domínio do saber: o lugar do espiritismo – do catolicismo – do presbiterianismo e outros. E hoje sabemos que a espiritualidade é uma dimensão maior – com a qual todos nós temos um compromisso – queiramos ou não. Não tem nada haver com sectarismo religioso e a Fista já trabalhava isso com seus alunos no sentido de que a espiritualidade está presente em nossas vidas e os valores espirituais são os que puxam o ser humano para sua evolução. Uma das raízes fortes da Fista era trabalhar o sentido de VALORES (SILVA, 2019).

Essa forma de Silva (2019) reportar aos saberes considerados “valores espirituais” evidencia-se na diversidade de pensadores que eram apresentados aos alunos. Neste caso, no período em que Silva (2019) foi aluna da Fista, o perfil programático da História da Educação (1968 a 1971) apresenta conteúdos que versam desde “Cultura e Sociedade dos povos Primitivos; O Neo-humanismo: Kant, Schiller, Fichte, Hegel, Pestalozzi e o Neo-humanismo social à Educação Religiosa Reformada” (RELATÓRIO F.F.C.L.S.T.A, 1969-1971).

Silva (2019) destaca a importância da História da Educação e ressalta o quanto o estudo de pensadores e saberes permanece independente do tempo e espaço em que foram produzidos e disseminados.

A História da Educação é a História da memória daquilo que já foi dito, daquilo que já foi constatado como de muito valor. É um resgate de valores não mais divididos e classificados Clássico, Medieval, Contemporâneo, Pós Moderno. Não importa o período, tempo ou lugar – grandes verdades são aquelas que permanecem. Estudar História da Educação é ter o privilégio de acessar a genialidade dos grandes pensadores e com eles aprender.... É saber que verdades essenciais atravessam o tempo e o espaço. Agradeço muito às Irmãs Dominicanas e todos os professores por tudo o que com eles pude aprender e também desaprender (SILVA, 2019).

O ensino de História da Educação apresenta-se como reflexão filosófica com impulso para valores humanos. As explicações de Silva (2019) permitem inter-relacionar o quanto os conteúdos disseminados aos alunos possuem uma seletividade de saberes oportunos para a sua formação. Neste sentido, Carvalho (2011, p. 281) colabora na análise quando menciona sua experiência enquanto docente e enfatiza que “o ensino da disciplina era sempre formativo, mesmo quando se pretendesse puramente informativo”.

As análises realizadas nos programas do ensino de História da Educação no período de 1970 a 1980 mostram que ocorreram alterações singelas, possivelmente em decorrência da implantação da Reforma Universitária/68 – Lei nº 5540 e Lei nº6692/71. De acordo com o regimento integrado da Fista de 1971, o Curso de Pedagogia ofertaria a disciplina de História da Educação I; II; III e IV nas licenciaturas Plenas.

História da Educação I; História da Educação II; História da Educação III, História da Educação IV – Licenciatura de 1º Grau em Administração Escolar; Licenciatura Plena Habilitação em Administração Escolar/Magistério das Disciplinas Pedagógicas de 2º Grau; Licenciatura de 1º Grau – Habilitação em Supervisão Escolar; Licenciatura Plena – Habilitação em Supervisão Escolar Magistério das Disciplinas Pedagógicas de 2º Grau; Licenciatura de 1º Grau – Habilitação em Inspeção Escolar; Curso de Pedagogia – Licenciatura Plena – Habilitação em Inspeção Escolar/Magistério das Disciplinas Pedagógicas de 2º Grau; Licenciatura Plena-Habilitação em Orientação Educacional/Magistério das Disciplinas Pedagógicas de 2º Grau (REGIMENTO INTEGRADO, p. 37-54, 1971).

Em relação à Habilitação para o Magistério de Disciplinas Pedagógicas de 2º Grau, a disciplina História da Educação era denominada como I; II e História da Educação III (REGIMENTO INTEGRADO, p.55, 1971).

Ademais, no momento de implantação desse regimento integrado, a Fista foi denominada “Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino” (REGIMENTO INTEGRADO, 1971).

Maria das Graças Chaves Aveiro foi aluna do Curso de Pedagogia da Fista¹³⁷. Em consulta ao Histórico Escolar de Aveiro (2019), verifica-se que em 1972 (2º semestre) a carga horária para História da Educação I era de 90 horas e no ano subsequente, 1973 (1º semestre) - História da Educação II a carga horária foi de 75 horas (HISTÓRICO ESCOLAR, 1972-1973).

FIGURA 3 - Histórico Escolar Maria das Graças Chaves Aveiro (1972-1973)

¹³⁷ Conforme consta em Histórico Escolar, Maria das Graças Chaves Aveiro foi aluna do Curso de Pedagogia da Fista no período de 1972 a 1974.

1º.....Semestre Letivo de 19.....72.....

DISCIPLINAS	CONCEITOS		CARGA HOR.
	1.ª Epoca	2.ª Epoca	
Psicologia Geral	MB		90
Sociologia Geral I	MB		60
Cultura Filosófica I	MB		45
Metodologia Científica I	B		45
Língua Portuguesa I	B		60

2º.....Semestre Letivo de 19.....72.....

DISCIPLINAS	CONCEITOS		CARGA HOR.
	1.ª Epoca	2.ª Epoca	
Psicologia da Educação I	MB		75
Sociologia Geral II	B		45
Cultura Filosófica II	B		45
Metodologia Científica II	B		45
Língua Portuguesa II	MB		60
História da Educação I	MB		90
Estatística Aplicada à Educação	MB		90

1º.....Semestre Letivo de 19.....73.....

DISCIPLINAS	CONCEITOS		CARGA HOR.
	1.ª Epoca	2.ª Epoca	
Psicologia da Educação II	B		75
Sociologia da Educação I	B		60
História da Educação II	MB		75
Filosofia da Educação I	B		75
Didática I	B		45
Estrutura e Funcionamento do Ensino do 1ºGrau	B		45
Estrutura e Funcionamento do Ensino do 2ºGrau	B		45
Estrutura e Funcionamento do Ensino Superior	MB		30

Aveiro (2019) salienta que realizou o curso de Pedagogia no período noturno e o concluiu em três anos. “Depois voltei para fazer Orientação Educacional e, posteriormente Supervisão Educacional” (AVEIRO, 2019). Sobre a História da Educação, Aveiro (2019) explica o quanto a disciplina foi importante para sua formação.

A História da Educação é muito importante, precisamos conhecer a história, os grandes pensadores, uma vez que nós sempre deixamos nossa marca na sociedade e na família. A História da Educação foi importante tanto para vida como para a questão profissional. Conhecer os antepassados é conhecer o presente. A formação Humanística era muito forte. A formação dos professores era orientação francesa, todos muito qualificados e sem dúvida de formação Humanística (AVEIRO, 2019).

Cabe destacar que de acordo com Aveiro (2019), a disciplina História da Educação foi ministrada pela professora Heloisa Seixas¹³⁸. Entretanto, nos programas de História da Educação o seu nome não foi encontrado como docente. Ainda sobre os programas de História da Educação, reportamos ao datado do ano de 1973, o qual descrevemos no quadro 9.

QUADRO 9 - Programa de História da Educação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino – Uberaba (MG) Curso de Pedagogia - 1973.

Objetivo	Programa para I e II Período	Programa para I e II Período
<p>1-Colocação da história, das principais doutrinas que embasam o pensamento pedagógico atual.</p> <p>2-Capacidade de compreender o fato educacional dentro de sua época, favorecendo a aquisição de um espírito crítico frente à várias doutrinas pedagógicas</p> <p>3-Compreender e utilizar a matéria como ponto de referência das demais, favorecendo uma unidade ao Curso de Pedagogia.</p>	<p>1-Conceito de Educação e Pedagogia</p> <p>2-Da Educação primitiva ao Ideal Educativo dos povos clássicos.</p> <p>2.1Realidade histórica.</p> <p>2.2 Ideal Educativo: gregos e romanos</p> <p>2.3 Representantes</p> <p>2.4 Consequencias da época e de hoje</p> <p>3 Educação Cristocêntrica</p> <p>3.1 Realidade histórico – cristã</p> <p>3.2Educação fundamentada numa posição filosófica – teológica</p> <p>3.3 Representantes</p>	<p>4- Um momento histórico. A Renascença e os problemas de Reforma e Contra Reforma</p> <p>4.1Realidade histórica – As grandes invenções</p> <p>4.2 Ideais propostos pela Reforma e Contra Reforma</p> <p>4.3 Representantes</p> <p>5-Realismo. Uma educação moderna para um mundo moderno</p> <p>5.1 Aspectos históricos</p> <p>5.1.1 Educação e progresso científico</p> <p>5.1.2 Uma nova concepção de Homem e Universo</p> <p>5.1.3 Realismo humanista</p> <p>5.1.4 Realidade social</p> <p>5.1.5 Realidade Sensorial</p> <p>5.1.6 Representantes e suas consequências na atualidade</p> <p>6-Naturalismo</p> <p>6.1 Rousseau e o naturalismo</p> <p>6.1.1 Diversas denominações do Naturalismo</p> <p>6.1.2 Consequencias na Educação</p>

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados encontrados no Relatório F.I.S.T.A, 1973

Salientamos que a sequência de conteúdos constantes no programa do ensino de História da Educação (1973) apresenta menções de diversos educadores e temáticas que foram prescritas para

¹³⁸ Não foi possível encontrar documentos que permitissem constatar que Heloisa Seixas teria sido docente e ou aluna da Fista, uma vez que outros nomes de ex-alunas do Curso de Pedagogia ministraram a disciplina História da Educação. Contudo, em documento administrativo da instituição denominado “Atestado”, datado de 1974, verifica-se que Heloisa Seixas Leite foi diretora da instituição no período de 1974 a 1980.

o I e II período do Curso de Pedagogia. Desta maneira, o quadro 10 retrata outras informações que consideramos relevantes para as análises quanto ao ensino da referida disciplina.

QUADRO 10 - Programa de História da Educação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino – Uberaba (MG) Curso de Pedagogia 1973.

Períodos	I e II
	<p>1-Pedagogia da Ação</p> <p>1.2-Caracteres dessa Pedagogia</p> <p>1.3-Os grandes teóricos da Pedagogia da Ação</p> <p>- William James: Pragmatismo</p> <p>-John Dewey e o ensino pela ação</p> <p>-Kilpatrick</p> <p>-Kerchensteiner</p> <p>-Eduard Claparèd – Educação functional</p> <p>2- Psicologia Pedagógica</p> <p>2.1 Behaviorismo ou indutismo de Watson: Aparecimento</p> <p>2.2 Psicologia Psicanalística – Freud, Adler, Jung: causa</p> <p>2.3 Pedagogia dos anormais – Efeitos</p> <p>2.4 Consequências na Educação: representantes</p> <p>3. Pedagogia Socialista</p> <p>3.1 Educação em Marx</p> <p>4- Pedagogia Existencial</p> <p>4.1 Tarefa da Filosofia Existencial</p> <p>4.2 Características da Existência Humana</p> <p>4.3 Pedagogia Existencial nos EE.UU (Lipps – Flitner – Bollnow).</p> <p>5. Pedagogia Cultural dos Valores</p> <p>5.1 Conceito da Pedagogia da Cultura</p> <p>5.2 Origens da Pedagogia Axiológica</p> <p>5.3 Pedagogia dos tipos culturais (Spranger)</p> <p>5.4 Foerster e o eticismo pedagógico</p> <p>5.5 Pedagogia da Personalidade: analítica e reconstrucionismo.</p> <p>5.6 Consequências na Educação</p> <p>6- Cibernética Educacional</p> <p>6.1 Origens</p> <p>6.2 Lugar da Pedagogia Cibernética</p> <p>6.3 Domínio da Pedagogia Cibernética</p> <p>7- Pedagogia do futuro ou prospectiva</p> <p>8- História da Educação no Brasil</p>
Programa	

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados encontrados no RELATÓRIO F.I.S.T.A, 1973.

Os programas do ensino de História da Educação do ano de 1973 apresentam algumas marcas que definiríamos como uma de cunho mais tradicional, que destaca “Da Educação primitiva ao Ideal Educativo dos povos clássicos”; outra modernista, em que o Realismo foi exposto como “Uma educação moderna para um mundo moderno” e outra mais científico, com inclusão e ou detalhamento de pensadores de teorias da Pedagogia da Ação, Psicologia Pedagógica, Pedagogia Existencial, Pedagogia Cultural dos Valores, Cibernética Educacional, Pedagogia do futuro ou prospectiva. Salienta-se que a Pedagogia Socialista e a História da Educação no Brasil (respectivamente, itens 3 e 8 do Quadro 10), ocuparam um espaço singelo.

O quadro 11, que será apresentado, contém os conteúdos do ensino de História da Educação para o III, IV, V e VI períodos do Curso de Pedagogia, no ano de 1973.

QUADRO - 11 Programa de História da Educação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino – Uberaba (MG) Curso de Pedagogia 1973.

Objetivo	1-Colocação da história, das principais doutrinas que embasam o pensamento pedagógico atual. 2-Capacidade de compreender o fato educacional dentro de sua época, favorecendo a aquisição de um espírito crítico frente à várias doutrinas pedagógicas 3-Compreender e utilizar a matéria como ponto de referência das demais, favorecendo uma unidade ao Curso de Pedagogia.
Períodos	III, IV, V e VI
Programa	<p>1-Pedagogia da Ação 1.1Caracteres dessa Pedagogia 1.2Os grandes teóricos da Pedagogia da Ação - William James: Pragmatismo -John Dewey e o ensino pela ação -Kilpatrick -Kerchensteiner -Eduard Claparèd – Educação funcional</p> <p>2-Psicologia Pedagógica 2.1 Behaviorismo ou indutismo de Watson: Aparecimento 2.2 Psicologia Psicanalítica: Freud, Adler, Jung: causas 2.3 Pedagogia dos anormais: Efeitos 2.4 Consequências na Educação: representantes</p> <p>3. Pedagogia Socialista 3.1 Educação em Marx</p> <p>4. Pedagogia Existencial 4.1 Tarefa da Filosofia Existencial 4.2 Características da Existência Humana 4.3 Pedagogia Existencial nos EUA. (Lipps – Flitner – Boellnow).</p>

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados encontrados no RELATÓRIO F.I.S.T.A, 1973

Salienta-se que nos anos de 1972 a 1980, o ensino História da Educação foi ministrado por Silva (2019). Percebe-se nos programas analisados inserções de conteúdos científicos, o que diferem daqueles apresentados nos primeiros anos da década de 1950 e 1960.

Contudo, a partir de 1973 há momentos em que foram interpostos assuntos e autores que apontam para o que Bastos (2009, p.172) explica como “O progresso supõe a Tradição”. Percebe-se tensões entre concepções com tradição católica e o cientificismo laico e evolucionista dos conteúdos dispersos no ensino de História da Educação. Assim, em 1974, em História da Educação I e II encontraremos apresentação da “Educação Cristocêntrica; Educação fundamentadas numa posição filosófico-teológica; Origens da Pedagogia Axiológica; Pedagogia Socialista – Educação em Marx a Cibernética Educacional” (RELATÓRIO F.I.S.T.A, 1974).

Em 1977, o programa de História da Educação I e II discorreria sobre “O Homem primitivo e os primórdios da Educação”; a “A família e educação da conduta – Cícero, Sêneca e Quintiliano à John Dewey, Eduard Claparèd, Psicologia Pedagógica – Freud, Adler, Jung” (RELATÓRIO F.I.S.T.A, 1977).

Em 1980, último ano de funcionamento da Fista, encontramos no programa de História da Educação I: “Educação Cristocêntrica; Realidade histórico-cristã; Naturalismo – Jean Jacques Rousseau; Tendências Psicológicas ou neo-Humanismo”; História da Educação III: “Tendência científica ou neo-realismo – Augusto Comte, Hebert Spencer” (RELATÓRIO F.I.S.T.A, 1980).

3.2 Metodologias e fontes de informação

Para análise das metodologias utilizadas para o ensino de História da Educação na Fista entre os anos 1951 a 1980, foram consultadas atas que estavam inseridas em relatórios e mencionavam reuniões entre professores e diretores da instituição. Constam nesses documentos que eram definidas ações que colaboravam para o ensino e aprendizagem dos alunos. Neste sentido, verifica-se que havia rigor também no aproveitamento dos estudos e os professores eram alertados quanto as suas competências para estimular o aprendizado. Na “Ata da 4^a Reunião da Congregação, de 7 de fevereiro de 1950”, constata-se a criação de uma revista para a instituição educacional.

Interessante também foi a ideia do professor Santino Gomes de Matos sobre a criação de uma revista para a Faculdade. Este assunto ocupou algum tempo, a Assembleia, sendo decidido finalmente: 1º que os membros da Comissão para esta obra seriam: Professor Santino Gomes de Matos, Dr. José Mendonça, Revmo.Pe.Juvenal Arduini, Irmão Lourenço e Irmã Maria Virgínia do Rosário – que o nome da Revista será “Veritas”; que será trimestral; deverão ser publicados nela: a) As conferências dos Professores; b) Os melhores deveres das alunas; c) Noticiário sobre aulas, excursões, etc. (4^a ATA DA CONGREGAÇÃO, 1950).

O excerto menciona a produção da revista “Veritas”, que seria publicada com atividades elaboradas pelas alunas da Fista. Nossa pesquisa constatou que também nos anos de 1970, a Fista possuiu uma revista denominada “Revista Série Estudos”, parceria do Instituto da Fista com a Universidade Estadual de Campinas. Assim, duas alunas da Fista publicaram artigos, respectivamente em 1977 e 1978. Foi possível encontrar as publicações dos artigos constantes na Revista Série Estudos, de 1977 e 1978. O artigo de 1977 foi intitulado “Apocalipse e Fantástico: Escritura-Leitura de Murilo Rubião”, de autoria de Vânia Maria Resende, ex-aluna do curso de Letras da Fista e o segundo artigo, do ano de 1978, “Da Presença dos signos da subjetividade no conto é para lá que eu vou de Clarice Lispector”, de autoria de Mara Cristina Queiroz Franco – ex-aluna do Curso de Pedagogia (ARQUIVO PARTICULAR DE RESENDE; FRANCO).

Especificamente sobre a proposta de criação de revista acadêmica no contexto da Fista, no ano de 1950 percebe-se que a instituição organizava-se para divulgar os trabalhos das alunas e, portanto, isso se efetuaria mediante bons resultados no aproveitamento do ensino e da aprendizagem. De certa maneira isso contribuiria para o destaque e apresentação do nome da instituição e fazia-se necessário o acompanhamento do ensino/aprendizagem para que a faculdade fosse modelo em educação.

Conforme documento intitulado “Ata da 8^a Reunião da Congregação de Professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomas de Aquino, de 19 de março de 1951”, existe orientação para os professores realizarem acompanhamento dos alunos quer seja na frequência quanto no incentivo para leitura de obras literárias.

A Diretora lembrou aos senhores Professores os deveres dos mesmos que se acham expressos no Regimento Interno da Faculdade. Pediu-lhes que se interessassem especialmente pela frequência dos alunos, pela orientação dos trabalhos de pesquisa e assiduidade aos Seminários. Fez um apêlo a todos afim de que não faltem às aulas. A Vice-Diretora avisou que a Biblioteca se achava enriquecida de várias obras, e colocou à disposição dos senhores professores um Relatório completo com dados numéricos objetivos sobre o movimento integral da Faculdade durante os anos de 1949 e 1950, fazendo sobressair o movimento da Biblioteca e a porcentagem de gratuidade, que de 40,8% durante o ano de 1949, elevou-se a 59,7% durante o ano de 1950 (8^a ATA DA CONGREGAÇÃO, 1951).

Destaca-se nesse documento o interesse em registrar o movimento dos alunos na Biblioteca pois era acompanhado pela direção da instituição. Esse era, possivelmente, um método de ensino para ser dissipado entre os discentes e que os docentes deveriam incentivar¹³⁹.

Outro excerto da 8^a reunião da Congregação da Fista datada em 1951 tratava da reprovação de alunos: “A Vice-Diretora congratulou-se com o trabalho realizado durante o ano letivo, pelos senhores Professores, com as “bombas” obtidas, o que demonstra a seriedade do estudo de nível superior” (8^a ATA DA CONGREGAÇÃO, 1951).

Existia uma gama de exigências quanto ao ensino, o aprendizado e os métodos para obter o resultado esperado nas disciplinas de todos os cursos. Neste sentido, inferimos que a

¹³⁹ De acordo com Santos (2020, p.115) “A perspectiva humanista presente no currículo oculto é expressa no depoimento de Irmã Virginita, a religiosa que mais se desempenhou pela fundação da FISTA, entretanto não assumiu a direção por questões de hierarquia eclesial da Congregação. Ela sempre esteve à frente da consolidação da instituição por meio da aquisição (doação) do terreno para a construção da sede própria, da implementação da biblioteca como centro de cultura e convivência fraterna dos grupos de estudos e debates com a comunidade educativa. No processo de implantação da biblioteca, sem recursos financeiros, recorria aos órgãos governamentais, às livrarias das capitais como Belo Horizonte e São Paulo”.

leitura e a frequência à Biblioteca da instituição são processos de inculcação de conhecimentos, apropriação de saberes e escolhas não só do discente. A partir desse nosso entendimento podemos reportar a Lima, Amparo e Silva (2021, p. 88), que apresentam uma reflexão acerca de escolha da leituras e explicam que os livros não devem ser simplesmente identificados como objetos: “Mas os livros não eram coisas como as outras, em algum momento se distinguiram os outros objetos na minha percepção. Os livros relacionavam-se à autoridade aos adultos, daqueles que sabiam ler e falar bem. Eram associados ao conhecimento, à verdade, à boa educação, à cultura, ao falar corretamente” (LIMA; AMPARO; SILVA, 2021, p. 88).

Retomando especificamente, a disciplina História da Educação, Vasconcelos (2020) menciona que eram realizados trabalhos, porém não se lembra de realizá-los com colegas de turma. Ela ressalta os testes que eram realizados com as alunas, os quais faziam parte do ensino e aprendizagem. Assim, Vasconcelos (2020) detalha um momento que marcou sua vida acadêmica:

Eu me lembro muito de aplicação de testes em nós mesmas ...Não sei com que finalidade...Lembro de um teste que foi aplicado: eu fiz um desenho de uma árvore com um buraco no tronco... Aí a professora falou: esse buraco no tronco, isto é uma ausência!!Era a ausência do meu pai... Interessante isso, né!!!! (VASCONCELOS, 2020).

Desta forma, os apontamentos de Vasconcelos (2020) permitem inferir que os testes realizados estariam em consonância com o movimento da Psicologia Experimental no âmbito da educação que acontecia, principalmente, nos anos de 1950. Sobre outras metodologias, Vasconcelos (2020) explica que havia leituras de obras como de Alceu Amoroso Lima, Jacques Maritan e Theobaldo Miranda.

Nos anos iniciais da Fista, verificou-se nos programas de História da Educação que algumas alunas ministram aula. No referido documento era descrito como “Aula Prática”. A partir do levantamento dos Programas de História da Educação entre 1950 a 1960, foi possível constatar que era uma metodologia utilizada no ensino e aprendizagem da disciplina História da Educação e apresentava-se assim disposto: “Aula prática - Filósofos gregos – Paulita Vasconcelos”; “Aula - Paulita Vasconcelos: sobre Educação Egípcia” (RELATÓRIO, F.F.C.L.S.T.A,1951).

Saímos para dar aula, mas eu tinha para mim que parecia sequência daquelas aulas - naturalmente, com pouco mais de conteúdo, do que tinham sido no Magistério... sabe...Por uma ou duas vezes eu dei aulas de Sociologia – não lembro quem dava essa disciplina...Isso foi para turma iniciante. É muito tempo nesse intervalo...Às vezes, elas comentavam, falavam o que podia manter...melhorar...Na Faculdade variávamos bastante pelo mundo –

franceses, alemães... da Europa mesmo – nem me lembro mais – melhor não falar – mas tínhamos muita pesquisa (VASCONCELOS, 2020).

As explicações de Vasconcelos (2020) evidenciam que as alunas ministravam aulas que, posteriormente, eram avaliadas. Embora a entrevistada não tenha mencionado que esse tipo de atividade acontecia na disciplina de História da Educação, pelos relatórios dos programas da disciplina é possível constatar que essa metodologia estava prevista. Outro ponto relevante refere-se aos estudos de diversos autores, o que demonstra uma gama de informações que eram disponibilizadas no ensino de História da Educação. Vasconcelos (2020) explica que eram realizadas muitas pesquisas, o que nos permite apreender que esse era um recurso usado no ensino da História da Educação. Assim, analisando os relatórios da Fista quanto ao Programa de História da Educação, encontramos tópico intitulado “Trabalhos de pesquisa” (RELATÓRIO F.F.C.L.S.T.A, 1953).

Salienta-se que a Biblioteca era um lugar que colaborava para a realização das leituras exigidas e discussões das obras referendadas no ensino de História da Educação durante o Curso de Pedagogia. Assim, Vasconcelos (2020) explica que nos anos de 1950 a Biblioteca era um espaço de leitura onde se encontravam muitas obras¹⁴⁰. A esse respeito, podemos inferir que existiam livros e ou revistas, textos e demais materiais de consultas literárias que eram adequadas para o acesso dos discentes, mas também haveria aqueles não tão valorizados para o aprendizado. Assim, existiram ou não livros recomendados para a leitura das alunas do Curso de Pedagogia. Isto nos permite concordar com as análises de Lima, Amparo e Silva (2021):

A própria universidade é capaz de reconhecê-lo ao validar, a partir de critérios muito bem justificados, a leitura de certos livros de conteúdo duvidoso, os quais passam a ser apreciados e valorizados como representativos da cultura popular ou então ao transformar em objeto de análise crítica os livros proscritos, afinal um modo astucioso de se autorizar a sua leitura (LIMA; AMPARO; SILVA 2021, p. 91).

Sobre esses apontamentos das autoras, buscamos Vasconcelos (2020) que explica como eram os debates acerca de certas temáticas nas aulas de História da Educação: “às vezes discutíamos ideias do ponto de vista religioso... às vezes não se concordava... e era preciso esclarecer [risos]” (VASCONCELOS, 2020).

¹⁴⁰ No início da Fista, o curso de Pedagogia funcionou no colégio Nossa Senhora das Dores e, portanto, a biblioteca situava-se nesse estabelecimento, instituição também coordenada pelas Irmãs Dominicanas.

No âmbito da Fista, desenvolveram-se atividades pedagógicas como conferências e palestras que consideramos aportes para o desenvolvimento dos conhecimentos das alunas. Em relatório datado do ano de 1957, encontramos o seguinte registro que colabora com essa proposição:

A Faculdade de Filosofia “Santo Tomás de Aquino” que vem se afirmando nos meios culturais como centro de estudo sério e bem orientado, vem atraindo a mocidade de vários pontos do país. No corrente ano, verificou-se um sensível aumento de candidatos que se inscreveram ao concurso de habilitação, logrando aprovação 42. A Escola torna-se, dia a dia, mas conhecida através dos alunos, como também através do rádio e da imprensa, dada uma colaboração benéfica da diretoria, corpos docente e discente, nesses órgãos de publicidade. Houve reprovação entre os alunos de 1956, devido: 1- à necessidade de afastar elementos inaptos à cultura superior; 2- ao julgamento criterioso dos trabalhos de estágio e provas parciais; 3- à necessidade de satisfazer ao desejo ardente da Diretoria e Corpo docente em criar e manter um verdadeiro ambiente de cultura universitária. Sob a orientação de alguns professores, organizaram interessantes círculos de estudo sobre temas de real vivência nos meios culturais, A Biblioteca foi o alvo da Escola, mais frequentado. É animador contemplar o movimento de professores e alunos que diariamente passam horas manuseando os valiosos compêndios desta rica e já famosa biblioteca que franqueia suas portas a todos quanto tenham desejo de saber (RELATÓRIO F.F.C.L.S.T.A, 1957).

Em relação ao “ambiente de cultura universitária”, salienta-se que Alceu de Amoroso Lima que foi um intelectual ativo para implantação da Fista e desenvolveu, também, atividade pedagógica no ano de 1957.

Quanto à vida extra-curricular, tenho a assinalar que também foi intensa e proveitosa, através de conferências e excursões: 07 de março, abertura das aulas, a Direção da Escola, oferecia ao público uberabense, a brilhantíssima aula inaugural, proferida pelo iminente sociólogo e literato brasileiro – Dr. Alceu de Amoroso Lima, sobre o tema: “A missão social da Cultura” (RELATÓRIO F.F.C.L.S.T.A, 1957).

Percebe-se que Alceu de Amoroso Lima, além de participar da ideia de criação da Fista, foi referência para o preparo e a formação intelectual dos alunos da instituição. A metodologia utilizada para imbuir nos alunos os saberes considerados importantes, também pode ser elencada por meio da análise do relatório de 1957, quando cita o “Revmo. Pe. Tomás de Aquino Prata”¹⁴¹ (RELATÓRIO F.F.C.L.S.T.A, 1957).

¹⁴¹ De acordo com informações da Revista Memórias (2015) Padre Prata realizou os estudos em Belo Horizonte. Seus estudos de Filosofia, Psicologia e Teologia foram realizados no Seminário Provincial de Belo Horizonte. Posteriormente, realizou o curso de complementação de Ciências Sociais na *Catholic University of America* (1955 e 1956), em Washington. Nesta instituição manteve contato com vários intelectuais, entre eles, o famoso professor Paul Furley. Em seguida, por determinação dos superiores da Igreja Católica, retornou ao Brasil e licenciou-se em Filosofia pela **Fista** (grifo nosso). Dedicou-se também ao ensino superior, lecionando Português,

Assim, “[...] em maio, o Revmo. Pe. Tomás de Aquino Prata, recém-vindo dos Estados Unidos, apresentava aos estudantes, uma viva conferência sobre: Aspectos da vida social americana” (RELATÓRIO F.F.C.L.S.T.A, 1957). Esta informação torna-se relevante, uma vez que nos anos de 1967 a 1970, Padre Prata ministrou a disciplina História da Educação no Curso de Pedagogia.

Ademais, no mês de julho de 1957, outras temáticas foram apresentadas em conferências, conforme descrito em um dos relatórios da instituição: “Julho assinalou a semana de estudos: Psicopatologia teórica e prática, no Instituto de Psiquiatria da U.B (Distrito Federal), com a participação das alunas do Curso de Pedagogia” (RELATÓRIO F.F.C.L.S.T.A, 1957). Cabe destacar que a Psicologia Experimental obteve espaço nos programas de História da Educação tanto nos anos de 1950 como de 1960, e prorrogou-se nos anos de 1970.

Sobre as fontes de informações para o acesso a livros referendados no ensino de História da Educação, Prais (2019) informa que a Biblioteca da Fista era um lugar que possuía muitas obras de intelectuais como “Paulo Freire, Jacques Maritain, Manuel Lamuer”. Em relação a Paulo Freire, interpretamos que alguns docentes da Fista possuíam conhecimento sobre os ideais desse educador e os abordavam em sala de aula. Inferimos isto pois no período em que Prais (2019) foi aluna do Curso de Pedagogia da Fista (1962-1965), não encontramos dados que evidenciassem o nome e as obras de Paulo Freire no ensino de História da Educação.

Salienta ainda que “a Biblioteca era grandiosa. Encontrava quase tudo que precisava. Tinha os originais. Periódicos mais consensuais com finalidades concorriam para aprofundar o humanista cristão. Algumas vozes se destacavam mais consensuais que defendiam o Humanismo Cristão” (PRAIS, 2019).

A formação Humanística foi uma marca na Fista e isto também é verificado por Fabri (2019), que enfatiza que “havia muito respeito e a formação era Humanística”. Fabri (2019) explica como era realizada a utilização de determinados recursos metodológicos para o ensino de História da Educação:

Literatura Portuguesa, Latim, Inglês e Francês no Seminário São José. Além disso, ministrou aulas de Sociologia e História da Educação na **Fista** (grifo nosso). Além disso, lecionou Sociologia Econômica na *Faculdade de Ciências Econômicas*, de Uberlândia e, na mesma cidade, lecionou Sociologia na *Faculdade de Filosofia*. Em Uberaba foi professor de Sociologia na Faculdade de Ciências Econômicas de Uberaba, mas teve o nome vetado pelo MEC, alegando tratar-se de elemento subversivo e perigoso pelo governo militar na década de 1960. Na área de atividades culturais é membro da *Academia de Letras do Triângulo Mineiro* e articulista no *Jornal da Manhã*. Publicou vários livros, sendo um deles, denominado *UAI- FALA DOS MINEIROS DE UBERABA E ARREDORES*, prefaciado pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (REVISTA MEMÓRIAS, 2015, p.11-2).

Não tinha muito recurso como hoje. Mas, havia um [retroprojetor], uma lousa, pesquisa, trabalho em grupo, tudo muito bem administrado. Na Faculdade havia uma máquina que passava umas imagens pequenas... que projetava na parede. O material da Faculdade muito rico. Não só o material físico, mas intelectual. Os laboratórios todos muito bem-preparados (FABRI, 2019).

Fabri (2019) foi aluna nos anos de 1960 e, portanto, por meio de seu relato percebe-se que os trabalhos de pesquisa eram uma das metodologias utilizadas no ensino História da Educação. Sobre as provas, verifica-se que não só o conteúdo era exigido, mas também a escrita e a gramática eram observadas na avaliação:

História da Educação tinha prova escrita, oral... Tínhamos que ler tudo no livro: ler, entender. Não copiar como hoje os alunos fazem! Tudo era equilibrado: um trabalho não valia mais que uma prova – tudo bem dividido – equilibrado. A caligrafia tinha que ser boa. O Português também era avaliado. Escrever bem. As regras gramaticais, tudo era avaliado – ponto, parágrafo, travessão... E todos os conteúdos permeavam essa avaliação. Muitos Seminários, muita leitura, pesquisa na biblioteca. Apresentação de trabalho, mini cursos... Todos tinham que dedicarem, pois senão levariam o grupo para baixo (FABRI, 2019).

Sobre os pensadores estudados no ensino de História da Educação, Fabri (2019), menciona obras de Monsenhor Juvenal Arduini, como “Homem Libertação” e “Estradeiro”¹⁴². Fabri (2019) não mencionou a obra intitulada “O Marxismo” (1965)¹⁴³. Contudo, desperta a atenção para entender como esse sacerdote concebia e ou defendia a formação do homem e sua concepção sobre a teoria marxista. Embora nesse momento não abordaremos sobre esse livro, torna-se oportuno mencioná-lo como fonte para futuras pesquisas a respeito desse professor que

¹⁴² O livro “Homem Libertação” (1975) - 2^a ed. Edições Paulinas aborda, no capítulo VI, “A Educação e o Homem”, apresentando uma concepção de educação em que para o autor afirma que “não basta que exista educação para que um povo tenha seu destino garantido. É preciso determinar o teor educacional para que se saiba em que direção está caminhando ou deixando de caminhar uma nação. A cultura atual explicitou a consciência dessa ambiguidade, e trava a luta não só a favor da educação, mas sobretudo a favor de um tipo específico de educação” (ARDUINI, 1975, p.117). Em “Estradeiro, para onde vai o homem” (1987) - 3^a ed. Edições Paulinas (1987), logo no início das primeiras páginas o autor elucida sua indagação: “Aqueles que objetivam manter a situação vigente, encampam a estratificação social. Percebem que estão sendo beneficiados por determinada prática política, econômica, jurídica, e, por isso, aglutinam-se para preservá-la, embora ela acarrete grandes malefícios a outros setores da sociedade. São os que se fortalecem, enfraquecendo os outros: acumulam privilégios, semeando miséria; engordam lucros, provocando a fome” (ARDUINI, 1987, p. 9).

¹⁴³ Em “O Marxismo” (1965), publicado pela Agir Editora, o autor destaca o motivo da não transformação na sociedade. De acordo com o referido autor, “a superação positiva do marxismo, que é a promoção de nossos irmãos, é uma questão de fidelidade ao evangelho. O cristianismo é muito mais do que uma adesão puramente mental ao dogma. Cristianismo é uma atitude dinâmica. É um arrebatado e arriscado impulso de salvação. É o compromisso de transformar o mundo e de libertar os homens de todas as formas de miséria. Se Marx errou, não foi por ter afirmado que era preciso “transformar o mundo”. Seu equívoco estava em não ter exigido uma transformação tão radical e universal como a exigida por Cristo” (ARDUINI, 1965, p. 199).

foi um dos idealizados da Fista. Salienta-se que em capítulo específico serão discutidos os manuais utilizados no ensino de História da Educação da Fista.

Especificamente sobre as obras citadas por Fabri (2019), ela destaca que eram livros que mereciam “um debruçar maior e nós trabalhávamos com muita alegria... A gente fazia trabalhos” (FABRI, 2019). Ainda segundo Fabri (2019), outras obras foram estudadas e eram todas originais: “clássicos como Rousseau, Durkheim – todos no original” (FABRI, 2019). Nessa relação de autores ela ainda acrescenta: “Pestalozzi, Emília Ferreira, Piaget... um Behaviorismo, Gestalt” (FABRI, 2019).

Fabri (2019) explica que esses conteúdos eram ministrados de maneira articulada, o que permitia melhor apreensão e entendimento dos conteúdos. Para Fabri (2019) significava “uma ponte em que essa relação de conhecimentos que era profundo e bem embasado, não permitia nada de maneira isolada” (FABRI, 2019).

Sobre os pensadores estudados nos anos de 1968 a 1971 na disciplina História da Educação reportamos a Silva (2019), que detalha quais autores eram referendados para esse ensino.

Temos pensadores como Paulo Freire que resgatam muita coisa. No Século XX temos John Dewey (Educação e Vida), Jorge Kerchensteiner (Escola do Trabalho), Maria Montessori (Educação para a Formação do Homem Consciente), Eduard Claparèd (Centros de Interesses) todos representante da chamada Escola Nova ou Escola Ativa. No século XIX podemos destacar Pestalozzi, Herbart, Froebel que fizeram realmente uma consubstanciação de contribuições relevantes para a educação. Impossível desprezar Pré-Socráticos – Socrátes, Platão, Aristóteles, Cícero, Sêneca, Quintiliano, Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino, Lutero, Michel de Montaigne, Francis Bacon, Descartes, Comenius, Rousseau, Pestalozzi, Froebel e outros? Todos trouxeram questionamentos, contribuições e influências educacionais incríveis. A própria Idade Média que muitas vezes é acusada como período de escuridão – ninguém mais pode falar isso. Quando pensamos em Santo Tomás de Aquino; Santo Agostinho que foram figuras relevantes, o período medieval se revela muito rico. Ele foi um período muito sofrido politicamente, ideologicamente deturpando, inclusive o pensamento Cristão – deturpação das ideias de Jesus – entretanto, as contribuições foram muito fortes e importantes. Jesus um grande Educador – ninguém pode negar isso. Voltando – encontramos Sócrates – Platão – Aristóteles. Como negar esse pessoal? São ícones – verdadeiros balaústres – os próprios pré-socráticos também o são. Muitos deles foram considerados sofistas e muitas vezes foram acusados de falseadores da verdade, mas que trouxeram uma grande contribuição a respeito do valor e poder da argumentação (SILVA, 2019).

De acordo com Silva (2019), várias atividades eram realizadas e menciona, por exemplo, os seminários, que iniciavam com temáticas mais “densas”, mas que eram amenizadas com outras ações pedagógicas.

Os seminários eram criativos e intercalados com teatros, dramatizações com apresentações individuais e coletivas. Vivemos o tempo do mimeógrafo com impressão de textos, xerox. Às vezes, iniciava um seminário com temas mais densos e depois mais leves. Até assuntos para rir, situações engraçadas. Nada linear ou com conteúdos puramente teóricos (SILVA, 2019).

Outro ponto que se assemelha ao que era praticado nos anos 1950 e foi enfatizado por Silva (2019) era o uso da Biblioteca como lugar para estudos e desenvolvimento da prática de leitura. Entretanto, cabe destacar que nos anos de 1950 a Biblioteca ocupava um espaço menor. Posteriormente, foi construído novo edifício para a Festa, o que ocasionou a ampliação de ambientes sendo destinado, inclusive, um pavimento às formaturas e eventos para os discentes.

Em 1973 – 1975 foi construída uma nova e grande biblioteca. No primeiro piso tínhamos o espaço de pesquisa - já seguindo essa orientação mais moderna – uma parte foi destinada a estudos individuais e outra a estudos em grupos. Coisa que não existia na biblioteca antiga. E no segundo piso – um grande anfiteatro. Aí sim começamos a ter muitos cursos de reciclagem constantes, neste novo espaço. Na época o ministro da Educação era o Senhor Jarbas Passarinho, que ajudou muito a instituição. Irmã Glycia homenageou-o colocando como nome da Biblioteca o nome da mãe do ministro – Julia Passarinho. Biblioteca ficou melhor. Em cima – eventos, inclusive as formaturas passaram a acontecer lá (SILVA, 2019).

Depreende-se que a ampliação da biblioteca permitiu a disponibilização de salas de estudo que se tornaram estratégias de ensino e aprendizagem para os conteúdos das disciplinas, inclusive para o ensino de História da Educação. Em relação às formas avaliativas, Silva (2019) colabora com as explicações de Fabri (2019) e Vasconcelos (2020), que destacam a caligrafia e normas gramaticais como exigências do processo avaliativo. Silva (2019) menciona que as alunas eram estimuladas a refletir sobre os conteúdos estudados e não simplesmente transcrever o que foi ensinado.

As provas eram dissertativas – dificilmente objetivas. Gastava-se duas aulas para as provas. Se as respostas fossem apenas devolutivas do conteúdo – aquela resposta era desvalorizada. Os professores estimulavam a repensar a partir do tema abordado ou teoria – principalmente das teorias. Nenhuma teoria era dada de forma impositiva - sempre provocando a reflexão. As provas eram em folha almano – exigência da letra – linguagem – do Português - a gente perdia pontos. Era exigido desde a interpretação, da gramática, da ortografia – tudo isso era considerado na hora da avaliação. Os pontos eram distribuídos ao longo do ano. Quando entrei na Pedagogia ocorreu era anual – depois houve mudança curricular e passou a ser semestral. Enquanto aluna – era anual. Na condição de docente – era semestral (SILVA, 2019).

Percebe-se, pelas exposições mencionadas, que o ensino de História da Educação na Festa era minucioso e ocupava um lugar de importância no processo avaliativo. A instituição possuía formas metodológicas para solicitar o retorno esperado quanto os saberes disseminados

na disciplina História da Educação. Neste sentido, Silva (2019) enfatiza como eram as aulas de História da Educação e menciona o embasamento recebido durante os estudos desse ensino.

Tínhamos uma fundamentação segura, bem estruturada. Muita leitura! A Biblioteca muito frequentada. Livros de excelente qualidade. Havia apresentação de seminários, aulas com debates calorosos. Os temas eram instigantes tanto em História da Educação, como também em outras: Filosofia, História da Educação, Sociologia, Psicologia. As alunas eram instigadas perguntar sem medo. A partir de perguntas ocorriam os debates. Nenhuma pergunta era inconveniente. Aprendi isso com as Irmãs Dominicanas e com meus professores e isto levei para vida de docente. De maneira geral as aulas eram teóricas/dialogais. Denominadas de aulas expositivas/dialogais. Já os professores levavam o conteúdo preparado que era ministrado e conversado, discutido junto aos alunos. O ponto alto da Fista era pensamento crítico – o professor usava o conteúdo proposto para instigar a argumentação – concordar – discordar/acrescentar algo. Ele já trazia algo de seu próprio questionamento provocando interrogação em cima da teoria – isso era muito forte, ou seja – estímulo ao pensamento crítico (SILVA, 2019).

Essas percepções de Silva (2009) enquanto aluna também foram inseridas na sua vida enquanto docente (1972 a 1980)¹⁴⁴. Isto pode ser inferido pois, de acordo com ela, quando foi convidada a ministrar a disciplina História da Educação, obteve apoio e foi assessorada por aqueles que haviam sido seus professores.

Assim como eu entraram outros ex-alunos que passaram a ser docentes e, as reuniões eram praticamente semanais. Preparação de como planejar, organizar e ministrar aulas. Pouco a pouco foi ocorrendo uma maior intensificação de novas atividades [como aluna, também participei dessas atividades]. A escola tinha tradição da Semana de Pedagogia, do Curso de Letras, da Filosofia, da Geografia, História Natural, História Geral. Os alunos poderiam se inscrever em qualquer uma. Ao lado das salas de estudo [individual e grupal] – as Irmãs Dominicanas criaram cinco ou seis minis salas de atendimento, onde os professores mais antigos - verdadeiros ícones – atuavam como orientadores [isto numa escola isolada, particular com essa mentalidade] – eles tinham horário disponível. Todo mundo tinha acesso ao cronograma dos atendimentos - todos sabiam qual dia o Monsenhor Juvenal – doutor em Filosofia estava; que dia o Padre Prata estava lá; que dia Irmã Loreto estava lá – que dia Irmã Glycia estaria. Todos eles estavam lá para conversar com alunos sobre conteúdo ou qualquer outra coisa que o aluno quisesse conversar. Este era um processo de orientação pessoal, educacional, psicológica e científica [uma época em que estas questões estavam apenas descortinando]. Vejo tudo isso como uma riqueza imensa. As Irmãs Dominicanas sempre estiveram à frente do seu tempo. Enquanto, as outras escolas isoladas de Uberaba não possuíam isso, as educadoras dominicanas já se preocupavam há muito tempo em criar as condições materiais e principalmente humanas, para viabilizar este encontro entre os professores e alunos. Eu mesma me

¹⁴⁴ Conforme relatado por Antonia Teresinha da Silva, a Fista se preocupou no aperfeiçoamento de docentes.

beneficiou dessas salas. No início a insegurança era muito alta. Eu ia lá para saber se minhas aulas estavam boas; saber se o planejamento estava bom. Em que poderia melhorar. Era uma conversa sem medo – uma conversa de crescimento (SILVA, 2019).

Essas informações evidenciam o quanto a Fista manteve o padrão de ensino idealizado pela gestão administrativa que se iniciou com as Irmãs Dominicanas e que ao longo dos anos permaneceu sob a supervisão delas. Os professores mais experientes possuíam salas para atendimento aos docentes “novatos”, assim como aos alunos. Apreende-se que esses momentos serviam para sanar ou dirimir dúvidas, seja referentes aos conteúdos das disciplinas ou demais situações de cunho pessoal e profissional.

Nos anos de 1970, algumas metodologias que foram praticadas em décadas anteriores permaneceram, como por exemplo, as aulas expositivas e o uso da Biblioteca enquanto recurso para a aprendizagem da disciplina de História da Educação.

As aulas eram expositivas e também existiam as atividades em grupo. Sempre estudávamos comparando o ontem e o agora. Havia uma reflexão crítica do contexto histórico. Pensar o passado e pensar no presente – um estudo comparativo. Lembro também das atividades de pesquisa. Utilizávamos muito a Biblioteca. Havia leitura dirigida, textos... A Biblioteca era muito boa, riquíssima! Ainda sobre as aulas lembrei dos trabalhos de Dinâmica que acontecia bastante. Nas aulas tínhamos a história do passado e do presente com seus prós e contras... Debatíamos muito - numa reflexão crítica (AVEIRO, 2019).

Salienta-se que a atividade de Dinâmica mencionada por Aveiro (2019) foi uma nova metodologia adotada pela Fista e isto pode ser evidenciado por Silva (2019), que em 1972 foi docente da disciplina de História da Educação e, juntamente com outros professores, promoveu cursos a respeito da Dinâmica de Grupo. Silva (2019) explica a metodologia inserida na Fista e que foi ofertada para professores.

Lembro-me de um dos ícones da Dinâmica de Grupo – Lauro de Oliveira Lima que ministrou um curso de dinâmica em grupo para todos os professores. A partir daí passamos a diminuir as aulas expositivas/dialogais e reunir com alunos em círculos (SILVA, 2019).

Neste sentido, os trabalhos de Dinâmica que a ex-aluna Aveiro (2019) mencionou seria a “Dinâmica de Grupo”, usada na disciplina História da Educação. Ainda sobre as formas avaliativas, Aveiro (2019) salienta que “as avaliações eram escritas, mas, também apresentávamos trabalhos e tudo era avaliado”.

Os alunos tinham abertura, mas era com base no conteúdo. As provas eram dissertativas e às vezes usava aulas duplas para serem realizadas. Na época

utilizava transparências, cartazes como se diz – Flip Chart. Em diversas disciplinas era usado esse recurso, inclusive para apresentação da proposta de aulas. Eu estudei no período noturno e nós íamos mais cedo para a Biblioteca. Existiam as salas de recursos para estudar. Os professores sempre foram próximos e em muitas ocasiões orientavam os alunos, tiravam dúvidas. Também estavam ali para conversar sobre outros assuntos. A relação professor e aluno era muito próxima. Dos 40 alunos – todos concluíram o curso. Não lembro de desistência. Todos tinham objetivo/proposto. Eram pessoas adultas, já trabalhavam e tudo era com muita seriedade (AVEIRO, 2019).

Cabe destacar a formação dos professores e a ênfase humanística que circunscrevia o ensino de História da Educação no ano de 1972. A esse respeito, Aveiro (2019) explicou que “a formação dos professores era de orientação francesa, todos muito qualificados e sem dúvida de formação Humanística”. Salientou também que “mesmo a instituição sendo católica não havia impedimento para pessoas de outras religiões, pois na minha turma havia José Thomás Sobrinho¹⁴⁵” (AVEIRO, 2019). Em relação às atividades realizadas na instituição, nota-se que em 1974 aconteceram as denominadas “Promoções Culturais” (RELATÓRIO FISTA, 1974). A partir da análise do documento pesquisado, inferimos que as ações denotavam afinidades com os vínculos confessionais católicos, ou seja, relação intrínseca com a gênese da instituição Fista.

8^a Atividade Apostólica – Círculos Bíblicos entre as famílias do bairro; Reflexões evangélicas com professores e universitários; Coordenação do Movimento de Jovens da Cidade; Missa Dominical Comunitária, reunindo perto de 200 famílias; Catequese para adultos, jovens e crianças; Curso de Teologia, aberto à comunidade e cidades vizinhas; Assistência Espiritual e material às famílias necessitadas do bairro (RELATÓRIO FISTA, 1974).

Nota-se temática ainda arraigada aos valores cristãos que acontecia no âmbito educacional e que envolvia a comunidade externa. Ademais, eram atividades circunscritas às questões de ensino, uma vez que eram realizadas no interior da instituição. Nesta mesma atividade cultural houve também encenação artística de Cícero e Catão (RELATÓRIO FISTA, 1974), nomes mencionados em conteúdos encontrados nos programas de História da Educação entre os anos de 1950 a 1980.

¹⁴⁵ José Thomaz da Silva Sobrinho foi adepto da Doutrina Espírita em Uberaba e publicou, em 1967, artigo para a “A Flama Espírita”. Salienta-se que José Thomaz foi coroinha na Catedral Metropolitana de Uberaba e após isso tornou-se espírita, sendo diretor de jornalismo do jornal “A Flama Espírita”. Formou-se em Odontologia (1954-1957) e Pedagogia (1973). Foi professor na Escola Estadual Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco e secretário de Educação de Uberaba (1963 a 1965, na gestão de Artur de Melo Teixeira).

Ainda em 1974, entre os dias 17 a 18 de outubro, foram realizados os “Encontros de Atualização Pedagógica”, promovidos pelo Departamento de Pedagogia, sendo que os temas abordados foram: “O método em Ciências Humanas – Prof. Amaro Vieira; e Análise Comparativa entre Educação Burocrática e Pedagogia Institucional, - Prof. Eduardo Meirelles Palma” (RELATÓRIO FISTA, 1974).

Sobre as atividades em forma de conferências, sabe-se que estas continuaram, pois isto fica detalhado quando reportamos ao Relatório das Atividades “Conferências – 1978” e foi mencionado em “Promoções Culturais: Mesa Redonda e debate aberto sobre problemas de Literatura Brasileira com diversos escritores mineiros” e “Orientação de Pesquisa: Técnicas, Métodos e Modelos”, proferida pela Prof^a. Dra. Eni de Lourdes Pulcinelli Orlandi ¹⁴⁶ (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1978). Mesmo que no referido relatório não cite que essas conferências eram direcionadas apenas ao Instituto de Letras da Fista, inferimos que, como eram “Promoções Culturais” desenvolvidas pela instituição, discentes de diversos cursos participaram. Essa proposição pode ser oportuna, uma vez que Silva (2019) explica que todos os alunos eram convidados a participar das palestras realizadas pela instituição e, neste sentido, ela explica que “os alunos poderiam se inscrever em qualquer uma. Todos os alunos eram estimulados a participar das atividades dos cursos – havia uma integração entre os diferentes cursos ofertados pela Fista” (SILVA, 2019).

Em 1978 foi inserido um curso de elaboração de projetos para “Aperfeiçoamento do Corpo Docente” – “Técnicas de elaboração de projetos como instrumento de Trabalho” (RELATÓRIO FISTA, 1978).

Depois tivemos contato com a Pedagogia de Projetos – recebemos orientação da professora Abigail Bracarense que ficou uma semana ministrando Pedagogia de Projetos. Aprender sobre a Pedagogia de Projetos, constituiu-se como uma anti-sala para a formação de professor-pesquisador. Inicialmente pensava-se no esqueleto do Projeto incluindo, Objetivo; Conteúdo; Estratégia e Avaliação (SILVA, 2019).

Nota-se que as mudanças que ocorreram na Fista colaboravam para alterar não só o trabalho pedagógico em sala de aula, mas proporcionar aos professores novos métodos e técnicas para a realização de projetos. As mudanças não ficaram apenas no aperfeiçoamento

¹⁴⁶ No final dos anos de 1970, Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi foi pioneira no Brasil na Análise do Discurso. Formada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara (1964). Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo e pela Universidade de Paris – Vincennes (1976). Foi docente na Universidade de São Paulo de 1967 a 1979. Trabalhou na Universidade Estadual de Campinas e aposentou-se em 2002.

dos docentes, mas também na própria disposição dos móveis em sala de aula. Assim, Silva (2019) ressalta como foram as aulas de História da Educação a partir dos anos de 1972.

As carteiras não eram mais uma atrás da outra. Mudou todo o enfoque da aula, mas a seriedade continuava. O aluno era avaliado também em grupo. As aulas expositivas/dialogal perdem forças partir de 72 – enquanto aluna, não peguei essa mudança. Como docente vivenciei intensamente esta transição. O aluno podia sair da sala, caso tivesse necessidade, mas avaliava-se a frequência – permanência em sala, pontualidade. Isto foi aumentando cada vez mais através de filmes, seminários, reciclagem constante com pensadores e educadores com trabalhos e publicações relevantes (SILVA, 2019).

A disposição das carteiras foi alterada e tornou-se um dispositivo na metodologia de ensino e aprendizagem. Entre os anos de 1972 e 1980, quando Silva (2019) ministrou História da Educação, diversos manuais foram trabalhados pela docente:

Seguindo orientações de meus ex-professores que me assessoraram trabalhei muito com: Francisco Larroyo, Paul Monroe, Luzuriaga, Rui Ayres Bello, Theobaldo Miranda. Trabalhei História da Educação com textos: de História da Filosofia. Com a obra de Maria da Glória de Rosa, História da Educação através dos textos; trabalhei muito com fala original dos diferentes pensadores que fundamentaram e fundamentam a Educação ao longo dos séculos. Filósofos, por exemplo, Jean Jacques Rousseau [livro Emílio] eram muito exigidos. Dentre as orientações da Fista – os alunos eram convidados a ler os autores através de suas obras. A Didática Magna de Comenius. Froebel a questão da Educação Infantil e jardim da Infância. Pestalozzi – Obra Social. Hoje diríamos meninos em situação de risco. Maria Montessori - a Educação do Homem Consciente. Educadores do início do século XX. Dilthey – Educação e Vida. Jorge Kerchensteiner – Educação para o Trabalho. Quando se tratava dos clássicos, dos medievais e contemporâneos permanecíamos fieis aos livros e ou manuais de História da Educação e História da Filosofia. Os grandes livros básicos - ícones que a gente seguia eram: Francisco Larroyo e Paul Monroe e os demais eram complementares – dependendo da época e do tempo e do lugar. Lembro-me também de Padovani – como manual de História da Filosofia. Também de Teobaldo Miranda. Na Fista trabalhei a História da Educação até a contemporânea e, depois do mestrado tive a oportunidade de ter acesso um pouco mais a Fenomenologia - Filosofia alemã. Após o mestrado tive contribuições da Física Quântica e do Movimento Filosófico Alemão. Estudos que provocaram a quebra de paradigmas das verdades há muito aceitas. Surgiu o paradigma probabilístico. Mudanças epistemológicas. A Revolução Científica com Thomas Kuhn provocou mudanças na visão de certeza para a visão de probabilidade e gerando o desenvolvimento de uma proposta de Educação mais aberta. O professor deixa de ser o detentor do conhecimento. Este pensamento sobre a importância da humildade ao conhecimento humano, á existente na Fafi/Fista vivenciado, na década de 1970, com base, em especial, nos estudos filosóficos desde os clássicos foi acentuado após o contato cum a Física Quântica e Filosofia Alemã". (SILVA, 2019).

Depreende-se que nos anos de 1972 a 1980, quando Silva (2019) foi docente da disciplina de História da Educação, o perfil programático apresentou algumas alterações

daquele apresentado nos anos iniciais. Contudo, na análise dos relatórios de 1960 a 1980 verifica-se que a estrutura desse ensino não sofreu mudanças significativas, sendo acrescido de temáticas como Cibernética Educacional e História do Futuro ou Prospectiva, mantendo a História do Brasil como apêndice para a grade programática da disciplina História da Educação.

3.3 Considerações Parciais

Este capítulo evidenciou o perfil dos programas do ensino de História da Educação no Curso de Pedagogia da Fista, entre os anos de 1951 a 1980, o que colaborou para apreender o lugar e os saberes imbuídos na disciplina que fizeram parte da formação de professores.

Analizando os conteúdos programáticos da disciplina de História da Educação, percebe-se uma disciplina com estudo do passado, que apresenta intelectuais renomados desde a Idade Média à Idade Clássica, Moderna e Contemporânea. O perfil programático foi permeado por conteúdos dispostos por pensamento linear e cronológico dos fatos, tendo como referência o passado como exemplo para o presente.

Um autor citado pelas ex-alunas foi Rousseau. Apesar de não haver pormenores sobre como eram as discussões a respeito da teoria rousseauiana, infere-se que no ensino de História da Educação esse pensador não era dispensado das reflexões; contudo, não foi possível evidenciar qual a visão dos professores e ex-alunas sobre a teoria de Rousseau. Destaca-se que o programa de História da Educação evidenciava os pensadores que possuíam afinidades e ou princípios educacionais consensuais aos da instituição.

A carga horária da disciplina História da Educação era densa, e pelos conteúdos programáticos e exposições das ex-alunas do Curso de Pedagogia, entendemos que há uma coerência entre o prescrito e o que definiríamos como oculto, ou seja, mesmo que não fosse destacada no programa oficial, a instituição enaltecia em conferências o que defendia como essencial para o conhecimento e formação dos seus alunos.

Sobre a identidade da História da Educação esta foi assim denominada, contudo, em relatos de ex-alunas evidencia-se que nos anos iniciais, entre 1950 e 1960 e estendendo-se até início dos anos de 1970, existiu uma disposição em “tronco” entre História da Educação e História da Filosofia e ou demais que eram afins. As metodologias utilizadas no ensino de História da Educação foram alteradas a partir de 1972, possivelmente em decorrência dos cursos de aperfeiçoamento dos professores que adentraram na instituição. Deve-se considerar, por

exemplo, a dinâmica de grupo e a elaboração de projetos, assim como a disposição de carteiras em forma de círculo que fez com que as aulas fossem gradativamente substituídas, ou seja, de expositivas/dialogais para estudos em círculos.

Acredita-se que esses aspectos foram também realizados em decorrência do novo Regimento Integrado da instituição e, portanto, atenderia as legislações educacionais vigentes naquele contexto. No início dos anos de 1950 até 1970, a História da Educação foi ministrada por professores religiosos católicos e também por ex-alunas do Curso de Pedagogia da instituição. De 1972 a 1980, anos finais da instituição, a disciplina História da Educação foi ministrada pela ex-aluna do Curso de Pedagogia Antonia Teresinha da Silva.

Ademais, a concepção de História da Educação da Fista foi evidenciada na história dos grandes intelectuais do passado como modelo para outras civilizações, com hierarquização dos conteúdos de formação moral cristã que se sobressaíam em relação àqueles relacionados ao cientificismo laico e evolucionista.

Evidencia-se nos Programas de História da Educação valores concernentes à gênese da cultura institucional da Fista, que permeiam entre 1951 e 1980. Entretanto, inferimos três perspectivas no ensino da História da Educação na referida instituição: uma mais tradicional e conservadora (1951 a 1960); outra de vertente existencialista (1967 a 1971). Percebe-se que a Teoria da Libertação e os movimentos sociais foram impulsionados pelo idealizador da Fista, Monsenhor Juvenal Arduini, o que evidencia afinidades ao pensamento de Paulo Freire. A última perspectiva (1972 a 1980) discorreu sobre a ciência e a técnica, diferenciando assim, do pensamento que permeou de 1951 a 1971.

4 - O ENSINO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA MEMÓRIA DE DOCENTE E DISCENTE

A função real da escola na sociedade é então dupla. A instrução das crianças, que foi sempre considerada como seu objetivo único, não é mais do que um dos aspectos de sua atividade. O outro, é a criação das disciplinas escolares, vasto conjunto cultural amplamente original que ela secretou ao longo do decênio ou séculos e que funciona como uma mediaçãoposta a serviço da juventude escolar em sua lenta progressão em direção à cultura da sociedade global (CHERVEL, 1990, p. 200).

O excerto de Chervel (1990) norteia o que abordaremos neste capítulo que discorre sobre o perfil de docentes e discentes, bem como a memória desses sujeitos à frequência do ensino da disciplina História da Educação no Curso de Pedagogia da Fista, entre 1951 e 1980.

Buscamos realizar a técnica de pesquisa – História Oral com cinco egressas do curso em referência e salientamos que dentre essas uma foi docente da disciplina História da Educação entre os anos de 1971 e 1980, ou seja, anos finais da instituição Fista.

Analisamos documentos de acervos particulares (cursos de formação acadêmica e profissional, materiais iconográficos, convites e discurso de formatura, diplomas) e outros de aspecto institucionais (atestados, históricos escolares, relatórios, programas da disciplina História da Educação, relação de professores). O debruçar sobre os dados possibilitou a incursão no tempo e espaço, contribuindo para o construto da disciplina de História da Educação e a formação de professores.

4.1. Perfil (seleção, proveniência, trajetória) dos docentes e discentes.

Em 1951, o ensino da disciplina História da Educação foi oferecido no Curso de Pedagogia da Fista tendo como docente o Padre Antonio Tomás Fialho (RELAÇÃO DOS DOCENTES DA FISTA, 1951). Docente de formação religiosa, ministrou também naquele ano a disciplina Filosofia da Educação.

De acordo com Riccioppo Filho (2007), o Padre Antonio Tomás Fialho estudou no Seminário São José, localizado em Uberaba e vinculado aos Irmãos Maristas¹⁴⁷. Riccioppo Filho (2007, p. 332) explica como religiosos egressos do Seminário São José tornaram-se professores e atuaram nas instituições escolares de Uberaba¹⁴⁸.

Durante seu longo período de funcionamento, o Seminário São José tem tido importante papel dentro da sociedade uberabense e regional, papel que tiveram também outros seminários brasileiros. Os seminários maiores são, como parece óbvio, escolas onde se formam os membros do clero. Indo um pouco além, sob uma visão gramsciana, os seminários católicos são locais onde se formam intelectuais orgânicos ligados à Igreja Católica e encarregados de difundir aquela ideologia religiosa. No caso brasileiro, durante séculos, foi enorme a ligação entre a Igreja e a educação escolar. Esse fenômeno deve-se, principalmente, à maior formação intelectual e humanística dos padres em relação ao restante da população... Dessa forma, os seminários brasileiros foram, também, até um passado recente, instituições formadoras de professores que, mesmo sem uma formação específica para o magistério, eram muito requisitados para atuar nos diversos níveis e modalidades do sistema educacional. No caso do Seminário São José, uma análise do período de 1925 a 1934, quando funcionou, em Uberaba, o Seminário Maior, nos confirma esse fenômeno. Dos sacerdotes formados ou que passaram pela instituição, muitos se tornaram também professores. Numa época em que eram raros os cursos superiores de Filosofia, os padres eram comumente convidados a ministrar essa disciplina; também as disciplinas Latim e Grego, estudadas nos cursos de Letras ou de Direito, eram normalmente ministradas por sacerdotes católicos.

Nessa perspectiva, entende-se como os religiosos foram atuantes em instituições de educação na cidade de Uberaba e, a partir das informações de Riccioppo Filho (2007), inferimos que há evidências de que na Fista, especificamente para o ensino de História da Educação, no período de 1951 a 1956, os docentes que ministraram essa disciplina eram religiosos e, a partir de 1956, ocorreu alteração no perfil dos professores.

Outro dado importante que colabora para entender como alguns sacerdotes católicos iniciaram na Fista pode ser refletido quando Riccioppo Filho (2007, p. 331) menciona a experiência de Monsenhor Juvenal Arduini, um dos idealizadores da instituição.

¹⁴⁷ Conforme mencionado no capítulo três: “Dimensões Histórias e Educacionais da Criação da Fista e de seu curso de Pedagogia”, a idealização da referida instituição teve a participação dos Irmãos Maristas.

¹⁴⁸ De acordo com Riccioppo Filho (2007) dentre os religiosos formados no Seminário São José pode-se citar os seguintes nomes: Antônio Tomás Fialho (professor de História da Filosofia), Almir Marques (professor de Língua e Literatura Latinas), Genésio Borges (professor de Língua Grega), padre José Armênio Cruz (idealizador da Fista, juntamente com Monsenhor Juvenal Arduini e fundador do Colégio Cristo Rei, em 1946), Pe. Tomaz de Aquino Prata, Pe. Vicente Ambrósio dos Santos e Pe. Jorge Fialho, dentre outros. Riccioppo Filho (2007, p. 332) destaca que, “Dessa forma, o Seminário São José tem sido, ao longo de sua história, uma instituição formadora de intelectuais e de muitos professores, indo muito além de seu objetivo primeiro, que é o de formar os sacerdotes necessários aos quadros da Igreja Católica”.

[...] eu nunca coloquei o magistério como objetivo inicial programado, isto é, que eu me preparasse para ser professor. [...] Eu me preparei para ser sacerdote e para estudar. Para estar sempre trabalhando em cultura, essa foi a minha preocupação, mas aconteceu que justamente por eu estar ligado a estudos eu comecei a ser solicitado, mesmo antes do início das faculdades em Uberaba, sempre para um trabalho de reflexão, de estudo, algo que exigisse um pouco mais de pesquisa. E por isso eu comecei a ser chamado, convocado para ser professor. A 1^a convocação foi em 1949, quando se iniciou a Faculdade de Filosofia, que eu fui professor fundador. E a partir daí, à medida que escolas se fundavam, cursos se abriam, eu ia sendo solicitado. [...]. Então foi sempre um trabalho assim, muito bom, muito gratificante, porque não era uma coisa assim que eu estivesse procurando, uma espécie de luta pela vida, mas que para mim era uma ação gratuita de certo modo. Embora eu recebesse o salário modesto de professor, mas era gratificante. Quer dizer, o lecionar pelo lecionar. O fazer circular uma cultura, a Filosofia por exemplo (ARDUINI, 1991, p. 37, citado em RICCIOPPO FILHO, 2007, p. 331).

O excerto permite refletir sobre a maneira como o religioso inseriu-se na docência e, conforme ressalta Riccioppo Filho (2007, p. 332) “[...] enquanto muitos intelectuais leigos se afastavam do magistério em busca de outras profissões mais bem remuneradas, os padres assumiam a docência como uma extensão da vida sacerdotal”.

Neste sentido, em documentos analisados verificamos que o nome do Padre Antonio Tomás Fialho estava presente nos programas prescritos da disciplina História da Educação, entre 1951 a 1952. Salientamos que em nossa pesquisa não encontramos documentos que apontassem os motivos do mesmo não constar mais como docente do ensino de História da Educação.

Em 1953, Irmã Virgínia Maria do Rosário (nome religioso) ou simplesmente Yvone de C. Rocha (nome civil) esteve como professora de História da Educação e a ministrou até 1956¹⁴⁹. O que se apreende sobre o perfil dos docentes do ensino de História da Educação da Fista, entre 1951 a 1956, é que eram religiosos católicos.

Esta alusão ao perfil de docentes com a questão religiosa pode ser verificada quando reportamos aos documentos da instituição, datados do ano de 1951, em que do total de onze

¹⁴⁹ De acordo com Santos (2020) Irmã Virgínia do Rosário foi a “primeira diretora da Fista e professora com formação em Pedagogia e Especialização em Psicologia na Universidade Santa Úrsula do Rio de Janeiro” (SANTOS, 2020, p. 263). Ainda segundo a referida autora, Irmã Virgínia do Rosário como religiosa possuía “Formação de Grupos, em Paris, França na Província de Monteils”. Santos (2020) explica que a religiosa iniciou a atividade docente em 1935.

professores, apenas três não eram denominados como religiosos (RELATÓRIO F.F.C.L.S.T.A, 1951)¹⁵⁰.

Em 1956, a História da Educação foi ministrada pela Irmã Virginita Maria do Rosário e Elizabeth Castejon¹⁵¹. Nesse momento ocorre mudança no perfil docente da disciplina História da Educação e nossa proposição é que, a partir de 1956, egressas do curso de Pedagogia compuseram o corpo docente e Elisabeth Castejon seria a primeira que ministrou a disciplina História da Educação na Fista. Desta forma, a ata da 21^a reunião da Congregação, datada de 1956, colabora para essa proposição que aventamos.

Ata da 21^a reunião da Congregação – às 19,30 horas do dia 28 de abril de mil novecentos e cinquenta e seis, realizou-se a 21^a reunião da Congregação de Professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Santo Tomás de Aquino”, presidida pela Revma Madre Maria Angela da Eucaristia, diretora da Faculdade. Dispensada a leitura da ata passou-se à ordem do dia. 1) – A Revma. Madre Diretora fez a apresentação de dois novos membros que passaram a integrar a Diretoria: Irmã Maria Georgina que ocupando o cargo de vice-diretora em substituição à Irmã M. Virginita do Rosário, transferida para o Rio Grande do Sul e Irmã Maria Isolina na função de secretária, em lugar de Madre Bernadete Maria que passou a exercer o cargo de diretora do Colégio N.Sa. das Dôres. 2)-Cumprimentou em seguida e apresentou à Congregação os novos professores contratados quais sejam: Revmo. Pe. Eddie Bernardes para a cadeira de Moral; Freud Gomes como assistente da cadeira de Fundamentos Biológicos da Educação; Elizabeth Castejon como assistente das cadeiras de Fundamentos Sociológicos da Educação, Educação Comparada e História da Educação; Dr. Salvador Bruno Neto para a nova cadeira de História Social e Econômica; Francesca Virga, recém-vinda de Roma e contratada para as cadeiras de Língua e Lit. Italiana e Língua Latina. 3)- Felicitou depois aos professores: Dr. José Mendonça e Santino Gomes de Matos que voltaram a reassumir suas atividades junto à Faculdade nas disciplinas de História Antiga e da Idade Média e Língua Portuguesa e salientou a volta de Irmã Maria de Loreto e Irmã Maria Anaís que se ausentaram por alguns anos em estudos especializados na Europa. 4)-Ofereceu e seguida aos professores presentes um exemplar do Projeto de Regimento Interno já com algumas emendas, solicitando a atenção dos mesmos para os diversos artigos. 5)-Informou aos presentes sobre a constituição do Corpo Docente de acordo com o Título III, capítulo I, artigos 20 e 21 do Regimento Interno, salientando que enquanto não se realizarem concursos para as cátedras, cada cadeira será regida por um professor interino ou contratado (RELATÓRIO F.F.C.L.S.T.A, 1956).

¹⁵⁰ Conforme consta no Relatório da F.F.C.S.T.A de 1951, os professores com designação religiosa eram: Ir.M. do Precioso Sangue (Carlota Conti) – disciplina Lingua e Literatura Italiana; Pde. Antonio Fialho – História da Filosofia e História da Educação; Ir. Maria Violeta (Dra. Nivea Padin) – Fund. Biol. Educação; Madre M. Angela da Eucaristia – Psicologia Educacional; Ir. M. Virginita (Ivone C. Rocha) – Fun. Sociol. Educação; Frei Boaventura Chasseraux – Hist. Eclesiastica; Frei Raimundo Cintra – Psic. Racional; Ir. M. do Loreto (Ruth Gebrin) – Geo. Dos Continentes. Docentes leigos: Dr. Jorge Calapodopoulos – Compl. Matemática; Eunice de Souza Lima – Psicologia Educacional; Dr. Mozart Furtado - Biologia. Manteve a escrita original.

¹⁵¹ Elisabeth Castejon foi aluna do Curso de Pedagogia da Fista entre 1950 e 1952.

De acordo com o documento supracitado, Elisabeth Castejon ministrou os conteúdos de Fundamentos de Sociologia da Educação, História da Educação e História Comparada. Verifica-se que como não houve concurso para a cátedra, as cadeiras seriam ocupadas por “docentes interinos ou contratados”. Evidencia-se que a Irmã Virgínia Maria do Rosário deixou de ministrar a disciplina História da Educação pelo motivo de transferência para outra localidade do país.

Desta forma, Elisabeth Castejon ministrou a disciplina por um tempo com a Irmã Virgínia do Rosário e, posteriormente, assumiu a cadeira da disciplina História da Educação. Outro dado relevante é com relação ao aperfeiçoamento que os professores realizavam na Europa e retornavam para a Festa para continuarem ministrando as disciplinas. Esta informação colabora com os relatos de Silva (2019), os quais foram abordados no capítulo três de nossa pesquisa.

Cabe destacar que, além de Elisabeth Castejon, entre os anos de 1956 a 1980, outras ex-discentes do Curso de Pedagogia ingressaram como docentes para a disciplina História da Educação. Neste sentido, o Quadro 11 contribui para entender o perfil acadêmico das docentes do ensino História da Educação da Festa.

QUADRO - 12 Ex-Alunas Do Curso De Pedagogia Da Festa Que Foram Docentes Do Ensino De História Da Educação Entre 1956 e 1980.

NOME	INSTITUIÇÃO EM QUE REALIZOU O CURSO SECUNDÁRIO	ANO DE INGRESSO NO CURSO PEDAGOGIA	ANO DE CONCLUSÃO DO CURSO PEDADOGIA	PERÍODO COMO DOCENTE NA DISCIPLINA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
Elisabeth Castejon	Colégio Normal Livre Nossa Senhora do Amparo	1950	1952	1956
Maria Sarah Felippe Villaça	Colégio Nossa Senhora das Dôres – Uberaba (MG) - 1951 a 1954	1956	1959	1961 a 1963
Maria do Rosario Cunha	Não consta no Histórico Escolar o nome da instituição de ensino.	1955	1955	1960 a 1966
Selma Amui	Colégio Triângulo Mineiro Uberaba (MG) 1962	1963	1966	1967
Antonia Teresinha da Silva	Colégio Nossa Senhora das Dores – Uberaba 1957 a 1967 (MG)	1968	1971	1971 a 1980
Neide Fonseca de Oliveira	Colégio Nossa Senhora das Graças – Uberaba (MG) 1964 a 1967	1968	1971	1972

Fonte: Elaborado a partir dos dados constantes em Histórico Escolar entre 1950 e 1968 e Relatórios F.F.C.L.S.T.A 1951 e 1980.

Os dados mencionados no Quadro 12 possuem o local de conclusão do Ensino Secundário das respectivas ex-alunas do Curso de Pedagogia da Festa e que, posteriormente,

foram docentes do ensino de História da Educação. Inferimos que as pessoas que eram selecionadas para ministrar o ensino de História da Educação, quando não pertencentes ao quadro eclesiástico da Igreja Católica, possuíam afinidade com a concepção educacional da instituição.

Cabe destacar que, conforme dados constantes no Histórico Escolar de Elisabeth Castejon, o 1º ano do Curso de Pedagogia foi na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Campinas - FFCLC. No referido documento existe a observação que permitiu a matrícula na 2ª série do Curso de Pedagogia da Fista, na cidade de Uberaba.

A referida aluna prestou, em 1950, Concurso de Habilitação, nesta Faculdade, onde cursou no mesmo ano, a 1ª série do Curso de Pedagogia, tendo sido aprovada. Tem direito à matrícula na 2ª série do referido curso. Acompanha esta guia de transferência, o histórico escolar completo da aluna. Campinas, 28 de Fevereiro de 1951. Cônego Agnelo Rossi. Vice-diretor, em exercício. Visto: Dr. Henrique Pinheiro de Souza Campos. Membro da Comissão Fiscalizador junto à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. (GUIA DE TRANSFERÊNCIA, 1951)¹⁵².

Em 1950, Elisabeth Castejon realizou exame para as disciplinas “Psicologia e Lógica, História Geral e Francês” e iniciou o primeiro ano do Curso de Pedagogia na F.F.C.L.C (HISTÓRICO ESCOLAR, 1950). Outros nomes de ex-alunas do Curso de Pedagogia da Fista fizeram parte da nossa análise para depreender o perfil de ingresso ao quadro de docentes da disciplina de História da Educação na referida instituição.

Desta maneira, Maria Sarah Felippe Villaça era egressa do ensino secundário do Colégio Nossa Senhora das Dores, instituição que estava sob a administração da Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário. Para iniciar seus estudos no curso de Pedagogia, em 1956, realizou o exame para as disciplinas de “Psicologia e Lógica, História Geral e Francês” (HISTÓRICO ESCOLAR, 1956). Verificamos que Maria Sarah Felippe Villaça estava como docente do ensino de História da Educação entre os anos de 1961 a 1963 (RELATÓRIO F.F.C.L.S.T.A, 1961 - 1963).

O Histórico Escolar de Maria do Rosario Cunha foi analisado e não há menção sobre a instituição em que ela realizou o ensino secundário. Uma informação relevante é que ela era natural de Jataí, cidade do Estado de Goiás, região em que as Irmãs Dominicanas possuíam instituição educativa. Salienta-se que Maria do Rosario Cunha cursou na Fista, em 1955, as disciplinas de Didática Geral e Didática Especial (HISTÓRICO ESCOLAR, 1955).

¹⁵² Essas informações foram consultadas no Setor de Documentação da Uniube, 2019.

Verifica-se que no Histórico Escolar de Maria do Rosario Cunha não constam detalhes sobre a instituição em que cursou as disciplinas iniciais para o curso de Pedagogia. Isto chamou atenção, porém não conseguimos outros documentos que evidenciassem o motivo da ausência das demais disciplinas cursadas. Uma hipótese que aventamos é que Maria do Rosario Cunha possuía alguma formação e somente em 1955 fez disciplinas na área de didática¹⁵³.

Selma Amui também foi ex aluna da Fista e docente da disciplina História da Educação. De acordo com o Histórico Escolar de Selma Amui, o 1º Ciclo do Ensino Secundário foi realizado na Escola Normal Oficial em Uberaba¹⁵⁴. O 2º Ciclo do Ensino Secundário ocorreu na instituição fundada e administrada por Mário Palmério – Colégio do Triângulo Mineiro¹⁵⁵. Consta no histórico escolar de Selma Amui que ela fez exame para as disciplinas de “Psicologia, Português e Inglês” (HISTÓRICO ESCOLAR, 1963).

Neide Fonseca de Oliveira também foi docente da disciplina História da Educação no ano de 1972. Seus estudos do ensino secundário foram realizados no Colégio Nossa Senhora das Graças¹⁵⁶. Para realizar o curso de Pedagogia na Fista, em 1968, prestou exame para as disciplinas de “Psicologia, Português e Espanhol” (HISTÓRICO ESCOLAR, 1968).

¹⁵³ De acordo com Manna; Lopes e Santos (2020), a expansão da missão das Dominicanas no Brasil, ocorreu entre 1885- 1926 nas cidades de Uberaba (1885); Goiás (1889); Bela Vista (1902); Conceição do Araguaia (1902); Porto Nacional (1904); Formosa (1910); Rio de Janeiro (1925) e Araxá (1926).

¹⁵⁴ Para maiores informações sobre esta instituição recomenda-se a leitura de Guimarães, 2016.

¹⁵⁵ Para maiores informações ler Soares, 2015.

¹⁵⁶ No dia 7 de março de 1958, foi criada a Sociedade Ginásio Nossa Senhora das Graças, entidade mantenedora da escola, de caráter educacional e cultural, dirigida por um presidente, um secretário e um tesoureiro, respectivamente Prof. Murilo Pacheco de Menezes, Profa. Terezinha Hueb de Menezes e Salim Hueb. Inicialmente, o colégio ficou instalado no bairro São Benedito, na rua Veríssimo, 103. Em 3 de junho do mesmo ano, iniciaram-se as atividades escolares. A data foi um marco na escola, pois coincidiu com o aniversário natalício do diretor-presidente. Nos primeiros dias de junho e julho aconteceram as matrículas para o Curso de Admissão ao ginásio. As aulas iniciais do referido curso ocorreram em sala de aula ainda sem telhas, tal a premência do tempo e do espaço. Marcaram a fase inaugural do Colégio a imagem de Nossa Senhora das Graças, recebendo os que chegam, e o sino de bronze, para os sinais de entrada dos alunos, ambos comprados em São Paulo por Salim Hueb. Em 1959, realizados os exames de admissão, funcionaram as quatro séries do curso primário e a primeira série ginásial, que funcionava em dois turnos. A portaria nº 412, de 20 de abril de 1959, autoriza o funcionamento condicional da escola durante quatro anos. Foram professores, em 1959: Hilda Barsam, Maria Aparecida Hueb da Silva, Laci Ferreira Sucupira, José Deusdará, Moab dos Reis Pereira, Murilo Pacheco de Menezes, Quintiliana Figueira e Shirley Aparecida Santana. A portaria nº 615, de 14 de novembro de 1962, veio "conceder reconhecimento ao 1º ciclo do ginásio Nossa Senhora das Graças". Em 1963, começou a funcionar a primeira turma do Curso Normal, enriquecendo de atividades a escola. A instituição, a partir de 5 de junho de 1970, passa a denominar-se Colégio Nossa Senhora das Graças, com a autorização de funcionamento do segundo ciclo, ratificando o Ato nº 5, de 15 de Dezembro de 1963. A portaria nº 5, de 30 de julho de 1971, veio conceder reconhecimento ao 1º e 2º ciclos do Colégio, tendo sido o Pré-escolar registrado através da Portaria nº 39, de 29/06/74. Através da Portaria nº 4, de 28 de julho de 1971, a Inspetoria Seccional do Ensino Secundário de Uberaba autorizou a transferência da sede para a Rua Edmundo Borges de Araújo, nº 60. Uma lembrança interessante: a primeira escola em Uberaba a adotar calças compridas para as alunas foi o Colégio Nossa Senhora das Graças, no início da década de 1970. A ideia era tão arrojada que foi necessário enviar pedido de autorização aos pais, deixando como opção o uso de saias. Desde a sua fundação, o Colégio Nossa Senhora das Graças teve como símbolo a efígie de uma águia com o lema: "Ad altiora nati sumus" - "Nascemos para as alturas" - representando a disposição sempre presente de conduzir os alunos a caminho de formação integral cada vez mais ascendente,

Conforme consta nos documentos analisados, entre 1972 e 1973, Neide Fonseca fez a Habilitação em Orientação Educacional e Supervisão Escolar na Fista. Desta maneira percebe-se que, no ano 1972, realizou as habilitações para a área educacional e ministrou o ensino de História da Educação.

Ressalta-se que Silva (2019) foi docente da disciplina História da Educação na Fista, entre os anos de 1971 a 1980. Outra informação a considerar é que Silva (2019) realizou seus estudos no Colégio Nossa Senhora das Dores, instituição sob a administração das Irmãs Dominicanas.

Depreende-se que entre os anos de 1956 a 1980, as docentes da disciplina História da Educação foram egressas do Curso de Pedagogia da Fista ou egressas de alguma instituição que possuía princípios com a religião católica. Ressalta-se que Selma Amuí cursou o ensino secundário no Colégio Triângulo Mineiro e que pela pesquisa de Soares (2015), a referida instituição não se definia como confessional católica. Cabe destacar que, no contexto dos anos de 1960, a religião católica compunha-se como parte cultural e educacional da sociedade uberabense.

Essa nossa premissa de que os docentes da disciplina História da Educação da Fista possuíam uma afinidade com os princípios católicos está em consonância com os estudos de

dentro de princípios cristãos. A inquietação e o dinamismo, que caracterizaram e caracterizam tanto a direção como o corpo docente, fizeram com que a escola não apenas investisse em suas promoções internas, mas participasse de eventos em nível comunitário. Na década de 1960, os desfiles de 7 de setembro e os jogos olímpicos, promovidos pela União Estudantil Uberabense, eram enriquecidos com a participação maciça dos alunos. Relembrando alguns: os carros alegóricos (o primeiro, em 1959, representando Dom Pedro I e a República), que trazia uma enorme pira dourada girante, tendo, fixa, em seu centro, uma estudante vestida de túnica, feita de recortes de metal, imitando moedas (tingidas de dourado), unidos por argolinhas de arame. Em outro desfile, foram construídas bigas romanas, puxadas por cavalos, conduzidos por alunos em vestimentas características. O Colégio foi encarregado de ornamentar o carro alegórico que, em 22 de setembro de 1979, foi uma grande honraria para todos do colégio, pois comemorava as Bodas de Ouro de Dom Alexandre Gonçalves Amaral. Nesse dia, Dom Benedito de Ulhoa Vieira conduziu a imagem de Nossa Senhora da Abadia da Água Suja. O Colégio Nossa Senhora das Graças foi o primeiro em Uberaba a formar uma fanfarra feminina, além da masculina, já existente. Na época, as duas fanfarras perfaziam um total de 120 componentes. O uniforme era vistoso: para os meninos, calça branca e blusão azulão, com faixas vermelhas, chapéu alto, azul, com penacho branco; para as meninas, saia vermelha, blusão branco, botas e chapéu brancos; no chapéu, penacho branco. Os penachos eram confeccionados com penas escolhidas de frangos, cedidas pelo Restaurante Pulenta. Os alunos eram treinados pelo Sr. Langerton e pelo professor Ivan Batista de Andrade. Em 1976 foi criado o Centro Cívico Escolar “Murilo Pacheco de Menezes”, nome de um dos fundadores do Colégio Nossa Senhora das Graças. Os alunos participavam do Concurso Literário “Vinícius de Moraes”, sob a coordenação da Professora Vania Maria Resende (ex-aluna da Fista). Cabe destacar que a instituição de ensino Nossa Senhora das Graças realizava lançamentos de livros e poesias escritos por seus próprios alunos, dentre os quais podemos citar a Revista Bolando Comunicação (aproximadamente 15 números), em que constam as denominadas Vida G (e)ração; Reflexos; Vôo calado; Uberaba - Amor Maior. Geração. Os lançamentos eram realizados com números artísticos e com presença dos alunos - autores autografando os livros. O primeiro, Vida G(e)ração, foi editado em 1980. A instituição tem um texto escrito por Marcelo Conessa de Oliveira que ressalta a devoção a Nossa Senhora das Graças. A partir de 2002, o Colégio Nossa Senhora das Graças inicia parceria com o Sistema Anglo de Ensino (São Paulo), com material apostilado, do 1º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, garantindo uma aprendizagem mais eficiente. A Instituição mantém suas atividades educacionais em Uberaba

Vaz (1983) sobre a formação do corpo docente das universidades católicas no Brasil¹⁵⁷. De acordo com o referido autor deve-se considerar alguns elementos para análise.

a) adequação do quadro às necessidades reais da instituição, procurando valorizar sobretudo os docentes que possuem maior afinidade com seus ideais e possibilidade de dedicação mais plena; b) cuidado especial no recrutamento dos novos docentes procurando avaliar sua capacidade atual ou potencial de assimilar os valores éticos e os princípios da Universidade; c) valorização do docente em termos salariais, oportunidades de aprimoramento, atendimento pastoral; d) análise cuidadosa e valorização dos processos de participação dos docentes nos níveis de decisão intermédia e mesmo superior da Universidade (VAZ, 1983, p. 155-156).

O excerto de Vaz (1983) permite inferir que a contratação de docentes na Fista acontecia pela capacidade profissional, mas também em virtude de proximidade e ou afinidades com os valores e ideais da instituição. Destaca-se, a partir de relatos de ex-alunas da instituição e que foram convidadas para pertencerem ao corpo docente da Fista, que existia uma maneira de seleção para ocupar o referido cargo. Silva (2019) explicou que seu início como docente na Fista ocorreu a partir de um convite realizado pela Irmã Glycia, que era diretora da faculdade.

Na História da Educação, como foi meu caso e como aconteceu com muitos ao final do 4º ano de Pedagogia – Irmã Glycia convidou-me para trabalhar com ela. Assustou-me muito, pois minha intenção era trabalhar como Orientadora Educacional no Estado. Ela insistiu e eu acreditava que a tarefa de ministrar aulas na FISTA, uma aspiração muito alta para mim, não me sentia à altura do convite. Ela disse: nós vamos te dar uma assessoria. Ressalto aqui, a importância da assessoria generosa e competente que recebi da Professora Elsie Barbosa - Professora de Filosofia (SILVA, 2019)¹⁵⁸.

Silva (2019) detalhou como foi seu ingresso para o quadro docente da Fista, ressaltando que outros ex-alunos também passaram a ser professores na instituição. Estas informações são relevantes, pois colaboram para depreendemos o processo de seleção e perfil de docentes da Fista.

O processo seletivo e perfil das ex-alunas do Curso de Pedagogia para atuar como docente na Fista fez com que analisássemos Histórico Escolar de algumas alunas que não ministraram a disciplina História da Educação na instituição, mas deixaram suas contribuições para a historiografia e ensino de História da Educação. Interessa citá-los nessa perspectiva, uma vez que reporta à formação de professores para sociedade.

¹⁵⁷ Salienta-se que neste estudo de Vaz (1983), a Fista de Uberaba foi incluída para as análises realizadas pelo autor. Para maiores informações recomenda-se a leitura de Vaz (1983).

¹⁵⁸ Nesse momento transcrevemos apenas parte da entrevista que consta no capítulo “A disciplina História da Educação na Fista: identidade, perfil programático, metodologia, fontes de informação”.

Neste sentido, Zilda Thomaz de Souza, natural de Porto Nacional (Goiás), fez o curso de Pedagogia na Fista e, conforme documento intitulado “Translado do Diploma de Normalista”, emitido pela Escola Normal do Colégio Sagrado Coração de Jesus, consta que: “confiro DIPLOMA DE HABILITAÇÃO para o Magistério Público do Estado de Goiaz. Porto Nacional, 8 de Dezembro de 1948. Ass. – Irmã M. Nelly (diretora) Ass. Alice Aures de Souza...”¹⁵⁹

Em 1950, para ingresso à Fista, Zilda Thomaz de Souza realizou exame para as disciplinas de “Francês, História e Psicologia e Lógica” (HISTÓRICO ESCOLAR, 1950). Cabe salientar que em Programas de História da Educação, no ano de 1952, Zilda Thomaz ministrou aula intitulada “21- Educação Chinesa, 22- Continuação da aula anterior, 23-Aula dada pela aluna Zilda Tomás¹⁶⁰” (RELATÓRIO F.F.C.L.S.T.A, 1951). Neste contexto que Zilda Thomás esteve no curso de Pedagogia da Fista, cabe salientar que Paulita Vasconcelos também fez parte do referido curso.

No desenvolvimento da pesquisa conseguimos contato com Paulita Vasconcelos. Ela foi egressa da Escola Normal São Domingos, localizada em Araxá (Minas Gerais). Para obter acesso ao curso de Pedagogia da Fista, realizou provas de “Francês, História, Psicologia e Lógica” (Histórico Escolar, 1950). Vasconcelos (2020), mencionou sobre sua convivência no Colégio São Domingos, local onde estudava e morava. “Eu fiz o magistério em Araxá [Colégio São Domingos] já vivendo no Colégio. Quando terminei o curso magistério, ninguém me perguntou se eu queria fazer faculdade ou não” ... (VASCONCELOS, 2020)¹⁶¹.

¹⁵⁹ Mantivemos a escrita conforme a assinatura de Zilda Thomaz de Souza em documento encontrado no Setor de Documentação da Uniuibe.

¹⁶⁰ Manteve a estrutura e a escrita do documento original.

¹⁶¹ Nesse momento, transcrevemos apenas parte da entrevista que consta no capítulo “A disciplina História da Educação na Fista: identidade, perfil programático, metodologia, fontes de informação”.

FIGURA - 4 Formatura Colégio São Domingos - 1949



Fonte: Acervo Particular (Vasconcelos 2020)

Na Figura 4 constam as informações a respeito da formatura do curso de magistério que Vasconcelos (2020) realizou em Araxá - Minas Gerais. Desta maneira, após a conclusão do referido ensino, Vasconcelos (2020) viajou para Uberaba, onde fez o Curso de Pedagogia na Fista, entre os anos de 1950 a 1953. Vasconcelos (2020) explicou que a escolha do curso de Pedagogia foi realizada pelas Irmãs Dominicanas e que pelo fato de ter estudado francês na instituição educativa das religiosas - idioma de origem da referida Congregação - não encontrou dificuldades no ensino superior da Fista.

A partir dessas informações, infere-se que as alunas dos colégios que estavam sob a administração da Congregação Irmãs Dominicanas eram direcionadas para o prosseguimento dos estudos. Naquele contexto cultural dos anos de 1950, o papel da mulher não era necessariamente voltado para atuação profissional, mas de se adequar aos bons costumes e valores condizentes com a sociedade.

Desta maneira, compreendemos como alguns conteúdos prescritos no programa do ensino de História da Educação eram apresentados para a formação docente - “A Família, Concepções diversas sobre a Família, Origem e evolução da Família, O Matrimônio, O divórcio, Feminismo” (RELATÓRIO F.F.C.L.S.T.A, 1951).

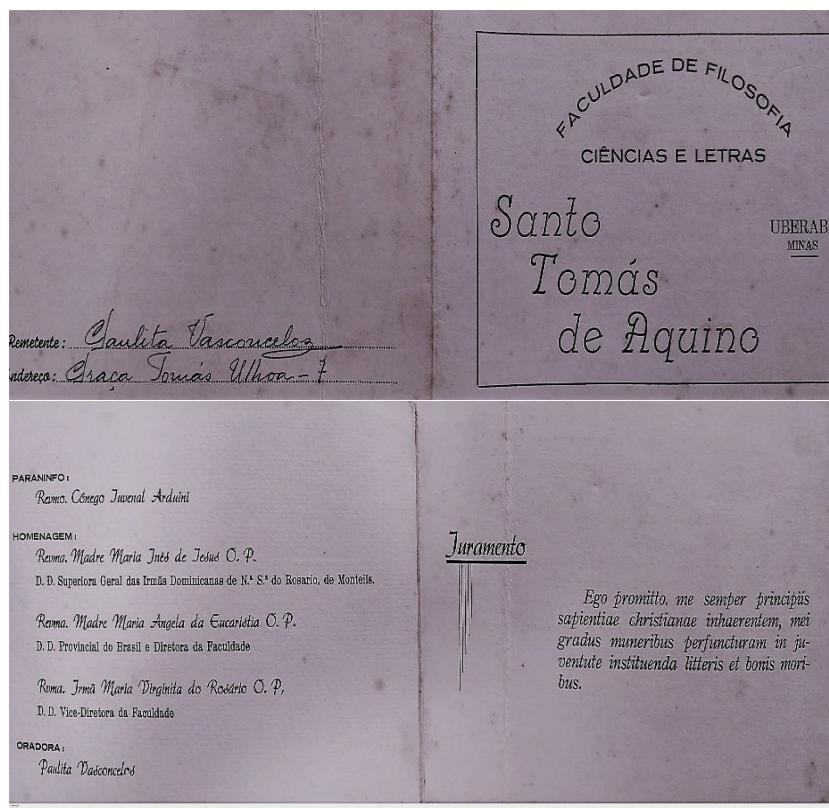
Reportando à explicação sobre o idioma que possibilita a forma de ingresso na Fista, evidencia-se que nenhuma maneira de ensino se encontra sem nexo com o contexto cultural de uma instituição. Neste sentido, Chervel (1990, p.185) explica sobre as finalidades do ensino escolar.

Pode-se globalmente supor que a sociedade, a família, a religião experimentaram, em determinada época da história, a necessidade de delegar certas tarefas educacionais a uma instituição especializada, que a escola e o colégio devem sua origem a essa demanda, que as grandes finalidades

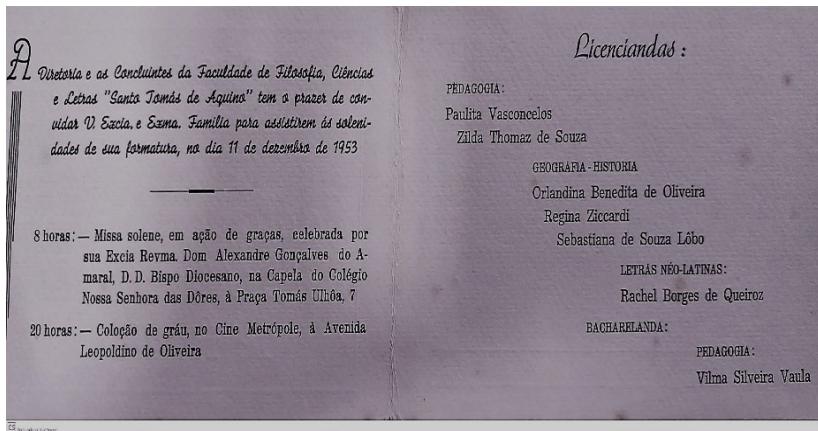
educacionais que emanam da sociedade global não deixaram de evoluir com as épocas e os séculos, e que os comanditários sociais da escola conduzem permanentemente os principais objetivos da instrução e da educação aos quais ela se encontra submetida.

As disciplinas não são aglomeração dos conteúdos sem finalidades que justifiquem a maneira de ensinar e o porquê se inserem no âmbito educacional da instituição. Assim, evidenciamos que a língua francesa era procedente da origem da Congregação Irmãs Dominicanas e a esse respeito torna-se oportuno reportar aos relatos de Vasconcelos (2020), Prais (2019); Fabri (2019); Silva (2019) e Aveiro (2019), sujeitos históricos e egressos do curso de Pedagogia da Fista, que pelas suas memórias mencionaram que no ensino de História da Educação eram estudadas obras no “original” e ou “clássicos” e que eram em “francês¹⁶²”. Cabe salientar que a Fista era uma instituição católica e representantes da igreja católica participavam de solenidades de formaturas. A Figura 5 - convite de formatura de Vasconcelos (2020) demonstra esta afinidade dos membros religiosos nos processos acadêmicos e formativos das discentes dos diversos cursos oferecidos pela Fista.

FIGURA 5 - Convite de Formatura Fista – 1953



¹⁶² As entrevistas não citaram os nomes das obras, porém salientaram que os clássicos eram estudados e em idioma francês.



Fonte: Acervo Particular - Vasconcelos (2020).

A figura 5 reporta ao convite de formatura (1953) e evidenciamos a participação do Arcebispo Dom Alexandre Gonçalves do Amaral. Em análises realizadas no capítulo dois desta pesquisa, foi possível compreender a proposta de criação de uma Universidade Católica na cidade de Uberaba e que contava com o apoio desse religioso, bem como de Monsenhor Juvenal Arduini, dos Irmãos Maristas, das Irmãs Dominicanas e de Alceu de Amoroso Lima. A Fista foi o início dessa proposta e, naquele momento, a formação da primeira turma de educadores do curso de Pedagogia confluí com os ideais da cultura cristã católica. O Paraninfo foi o Cônego Juvenal Arduini e no ano de 1953, Paulita Vansconcelos, Zilda Thomás de Souza e Vilma Silveira Vaula foram as formandas do curso de Pedagogia da Fista (CONVITE DE FORMATURA, 1953).

Torna-se oportuno destacar que o curso de Pedagogia da Fista não era apenas frequentado por mulheres e durante a consolidação dos dados, entre 1959 e 1961, encontramos nomes de alunos do gênero masculino. Assim, Militão Batista Brasileiro e Raimundo Barbosa cursaram o 1º Ciclo do Ensino Secundário no Ginásio São José, na cidade Mendes - Rio de Janeiro.

Isto chamou a atenção, principalmente pela origem dos discentes. Enquanto Militão Batista realizou o 2º Ciclo no Colégio Marcelino Champagnat em Curitiba (Paraná), Raimundo Barbosa fez esse ciclo no Colégio Diocesano localizado em Uberaba e administrado pelos Irmãos Maristas.

No Histórico Escolar de Raimundo Barbosa consta a observação de que “Por ser o aluno membro de uma Congregação Religiosa, foi dispensado de Teologia na 2ª e 3ª séries do curso” (HISTÓRICO ESCOLAR, 1962). Em 1964, ele fez as disciplinas de Prática de Ensino, Didática e Teologia (Pedagogia Sagrada).

Nota-se que os integrantes da religião católica buscavam o curso de Pedagogia e isto pode evidenciar que esses contribuíram na formação de novos professores. Mesmo que eles não tenham exercido a docência e, em especial o ensino de História da Educação, não podemos desconsiderar a reconstrução histórica dessas fontes como isentas de análises para futuras pesquisas no campo da História da Educação e formação docente.

Ainda sobre o perfil e seleção de docentes e discentes do curso de Pedagogia e que ministraram a disciplina de História da Educação, percebemos no decorrer da pesquisa que algumas egressas da Fista foram professoras em outras instituições em Uberaba. Desta maneira, Fabri (2019) menciona a ambiência cultural do contexto em que esteve no internato do Colégio Nossa Senhora das Dores (1959 -1966) e, posteriormente, no curso de Pedagogia da Fista (1967-1969).

Vim para estudar. Aqui era internato – apenas meninas. Havia aula de música, instrumento musical, bordado – aquelas prendas que era do momento. Muitas já saiam noivas para casar. Poucas iam para faculdade. Poucas faziam Pedagogia. Tinha os cursos de Medicina, Odontologia, Engenharia, Direito, mas só para homens” (FABRI, 2019)¹⁶³.

Essa explicação de Fabri (2019) reporta à cultura daquele contexto social e possibilita depreender como determinados conteúdos que expressavam os valores da sociedade (matrimônio, divórcio e família) eram prescritos nos Programas da disciplina História da Educação, entre os anos de 1951 a 1964. Sobre o ingresso ao curso de Pedagogia, Fabri (2019) explica como foi esse momento. “Na Faculdade tudo muito familiar e as Irmãs Dominicanas seguiam a mesma linha de trabalho, não importava se era no Colégio ou se era na Faculdade” (FABRI, 2019). A maneira de identificar o âmbito educacional com o “familiar” reporta ao que mencionamos anteriormente quanto à relevância das questões de valores que eram concernentes com os idealizados pelo contexto cultural, social e político da sociedade entre anos de 1950 a 1970 e que foram enfatizados pela Fista.

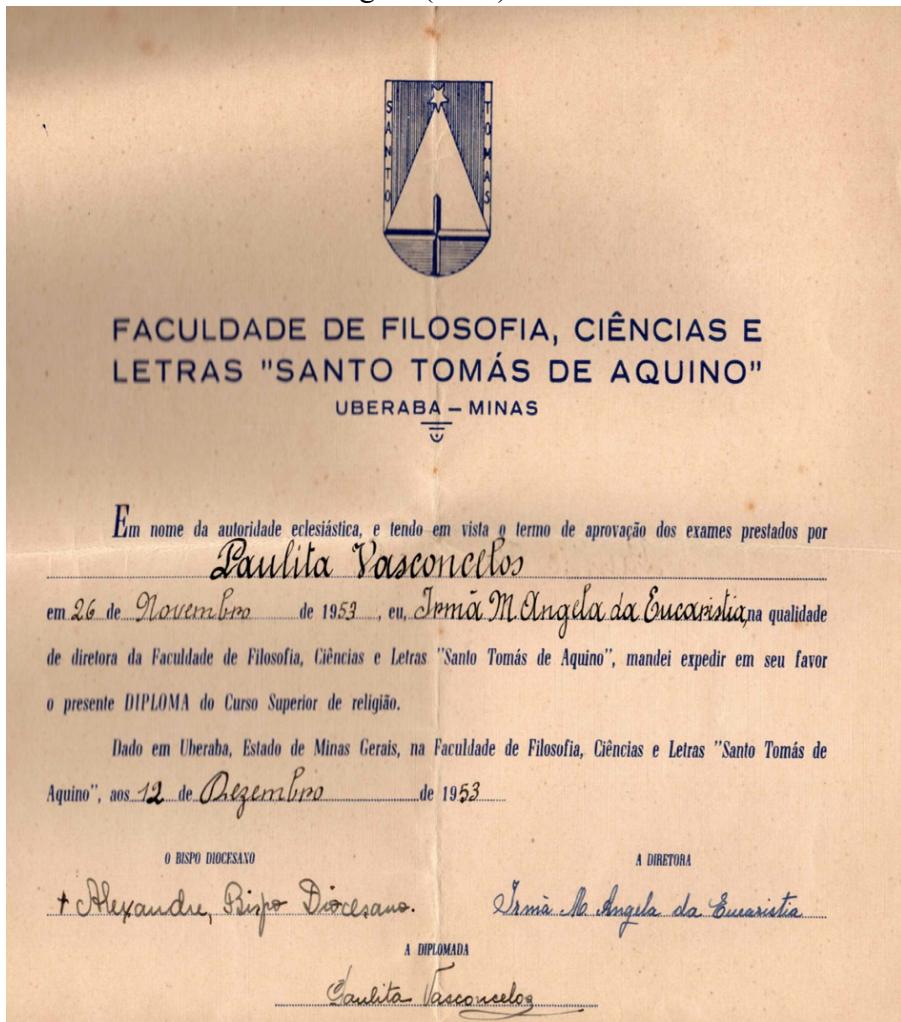
Desta forma, prosseguiremos com as análises, contudo destacando sobre as memórias dos docentes e discentes em relação à disciplina de História da Educação.

¹⁶³ Nesse momento transcrevemos apenas parte da entrevista que consta no capítulo “A disciplina História da Educação na Fista: identidade, perfil programático, metodologia, fontes de informação”.

4.2. Memórias da frequência à disciplina de História da Educação por parte de docente e discentes do Curso de Pedagogia da Fista.

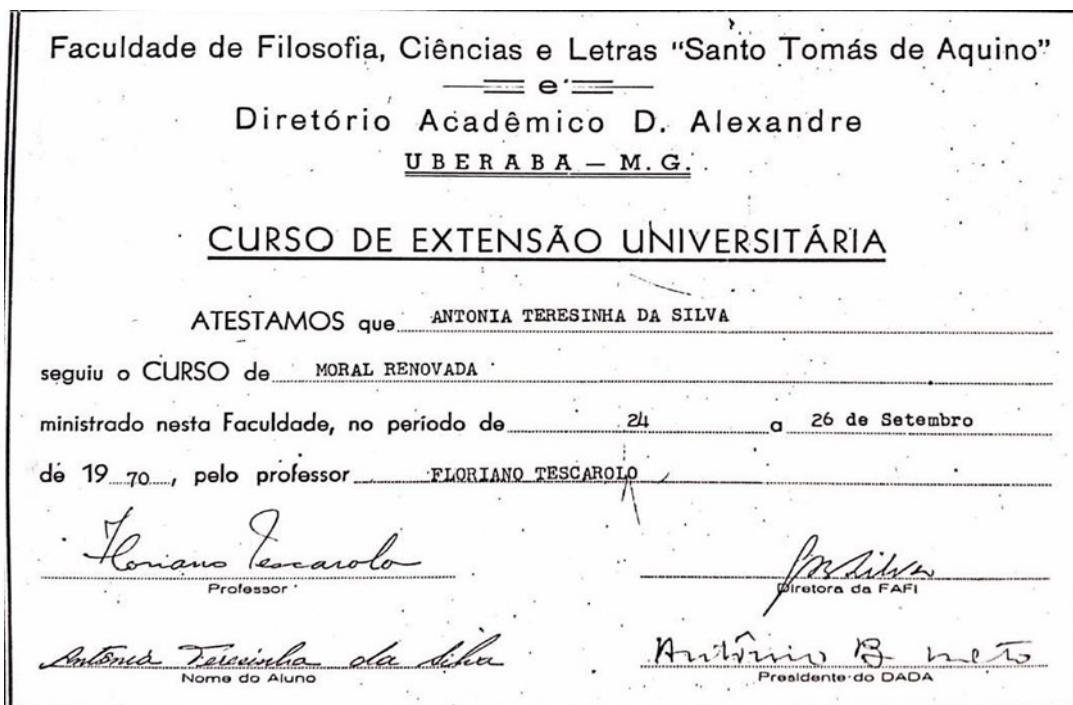
As análises que realizamos sobre o ensino de História da Educação evidenciaram que entre os anos das décadas de 50 e 60 do século XX, existiam temáticas condizentes com os princípios católicos. O ato pedagógico estava disseminado em outras atividades que compunham o âmbito educacional da instituição e, mesmo em 1970, assunto relacionado à moral era discutido em eventos universitários. Sendo assim, contribuem para as reflexões culturais que permeavam a educação e, por conseguinte, a formação de professores. Assim, a Figura 6 e a Figura 7 colaboraram para apreender o contexto sociocultural.

FIGURA 6 - Curso de Religião (1953)



Fonte: Arquivo Particular de Vasconcelos (2020)

FIGURA 7 - Curso de Extensão Universitária - 1970



Fonte: Arquivo Particular Silva (2019).

As Figuras 6 e 7 apresentam os cursos que eram realizados na Fista entre 1953 e 1970 e que podem ser analisados como ações pedagógicas. Esta nossa concepção reporta aos conteúdos prescritos na disciplina de História da Educação da Fista que inferimos como temas de uma vertente mais conservadora e tradicional que predominou na referida disciplina¹⁶⁴.

Neste sentido, em 1952 encontramos temáticas em que a teoria se compõe como prática para vida em sociedade, ou seja, a disciplina não se vincula apenas como meio de conhecimento, e sim como formativo. Desta forma, temos no programa prescrito do ensino de História da Educação, mês de setembro de 1952: 11-Horace Mann, dos biográficos; 24-A doutrina pedagógica de Horace Mann através de seus “Relatorios”, 25-O pensamento de H. Mann sobre a Educação Física, Intelectual; 26- Princípios de vida moral e religiosa na educação H.Mann (PROGRAMA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1952).

Em outubro de 1953, o programa prescrito no referido ensino assim se estruturava: “1- A Educação da mulher na Antiguidade (estudo comparativo), 5-A Educação da mulher na Idade

¹⁶⁴ Abordamos no capítulo “A disciplina história da educação na Fista: identidade, perfil programático, metodologias, fontes de informações” essas características dos programas prescritos entre 1950 e 1960, bem como vertentes existencialistas, que estiveram presentes nos anos de 1967 e 1971. Conforme mencionado nas análises, somente entre 1972 e 1980, inferimos que houve uma perspectiva em que ciência e a técnica foram dispersadas para um pensamento diferente daquele que permeou de 1951 a 1971. Entretanto, ainda houve preponderância da pedagogia católica nas temáticas do ensino de História da Educação.

Média, 6 - A Igreja e a Cultura, 8-Carlos Magno e a Cultura, 12-As Escolas Medievais¹⁶⁵” (RELATÓRIO F.F.C.L.S.T.A, 1953). Ademais, na descrição do programa do ensino de História da Educação existiam, também, “22-Trabalhos de pesquisa, 26-Trabalhos de pesquisa, 27- Trabalhos de pesquisa, 29-Trabalhos de pesquisa” (RELATÓRIO F.F.C.L.S.T.A, 1953).

Salientamos que essa forma de apresentação foi mantida conforme documento original e não obtivemos outras fontes que pudessem esclarecer essa sequência de número das atividades propostas no programa prescrito para o ensino de História da Educação. Entretanto, inferimos que havia uma continuidade dos assuntos tratados e, portanto, eram assim apresentados na estrutura do documento analisado.

Com esta mesma premissa que elencamos, cabe destacar que em 1960 há referência no programa do ensino de História da Educação dos seguintes conteúdos: “Educação Moral – A Educação Política – Reação Católica – A Nova Pedagogia Científica, Revisão da matéria, Educação romana, Educação romana¹⁶⁶” (RELATÓRIO F.F.C.L.S.T.A, 1960). Esta maneira de buscarmos o entendimento do ensino de História da Educação faz com que reportemos a Tristão de Athayde, no livro Debates Pedagógicos (1931, p. 7-20), em que ele destaca a relação intrínseca da Universidade com a igreja Católica e para evidenciar essa proximidade o autor em referência reporta De Hovre¹⁶⁷.

Igreja tem necessidade da Universidade, mas também a Universidade não pôde passar sem a Igreja. Toda a doutrina universitária de Newman assenta sobre essa necessidade que tem a Igreja. Não como fonte de verdade, mas como meio humano de expandir, de explicar, de adaptar e de desenvolver sua doutrina, como instituto para a alta formação de sua juventude, constitui a Universidade um órgão importante da Igreja. Mas a Universidade tem ainda mais necessidade da Igreja (DE HOVRE citado por ATHAYDE, 1931, p.15).

Para entender o papel que a educação e a religião desempenharam entre o contexto de 1950 e 1960 e correlacionar com memórias de docentes e discentes à frequência do ensino de História da Educação, torna-se necessário depreender melhor os sujeitos que compuseram essa reconstrução histórica. Sendo assim, reportamos a Chervel (1990), que explica a necessidade de conhecer não só os documentos oficiais que seriam uma realidade que permeia a instituição escolar, mas também os da realidade pedagógica.

¹⁶⁵ Manteve a escrita original do documento.

¹⁶⁶ Manteve a sequência da estrutura descrita no documento original.

¹⁶⁷ Silva (2014) explica que Fraz De Hovre foi um dos intelectuais católicos mais mencionados entre os estruturadores de uma pedagogia filosófica de teor católico e sob as diretrizes da Encíclica *Divini magistri*, do Papa Pio XI, a que tratava da educação cristã da juventude.

Cada época produziu sobre a escola, sobre suas redes educacionais, sobre os problemas pedagógicos, uma literatura frequentemente abundante: relatórios de inspeção, projetos de reforma, artigos ou manuais de didática, prefácios de manuais, polêmicas diversas, relatórios de presidentes de bancas, debates parlamentares, etc. É essa literatura que, ao menos tanto quanto os programas oficiais, esclarecia os mestres sobre sua função e que dá hoje a chave do problema. O estudo das finalidades não pode, pois de forma alguma, abstrair os ensinos reais. Deve ser conduzido simultaneamente sobre os dois planos, e utilizar uma dupla documentação, a dos objetivos fixados e a da realidade pedagógica. No coração do processo que transforma as finalidades em ensino, há a pessoa do docente (CHERVEL, 1990, p.190-191).

O docente faz parte do corpo docente da instituição, mas não só isto. Ele compõe finalidades reais do ensino disciplinar, como também, as finalidades objetivas da ação pedagógica no interior da sala de aula. Chervel (1990, p. 191), elucida essa proposição quando detalha esses dois panoramas educacionais.

Apesar da dimensão “sociológica” do fenômeno disciplinar, é preciso que nos voltemos um instante em direção ao indivíduo: como as finalidades lhe são reveladas? Como ele toma consciência ou conhecimento delas? E sobretudo, cada docente deve refazer por sua conta todo o caminho e todo o trabalho intelectual que levam às finalidades ao ensino? Um sistema educacional não é dedicado de fato, à infinita diversidade dos ensinos, cada um trazendo a cada instante sua própria resposta aos problemas colocados pelas finalidades?

Para depreender o ensino da disciplina História da Educação e os sujeitos históricos apresentaremos Vasconcelos (2020), Prais (2019) e Fabri (2019), que contribuíram com seus relatos e documentos de acervo pessoal para uma reconstrução do passado a partir das lembranças. Elas são tratadas em nossa pesquisa não somente como ex-alunas do Curso de Pedagogia da Fista, mas também docentes que colaboraram para o entendimento do percurso do ensino da História da Educação.

Salienta-se a atuação dessas educadoras tanto no âmbito educacional em Uberaba como em outras localidades do país. Essa nossa linha de construção textual justifica-se pelo fato desses sujeitos históricos terem deixado suas marcas na ambiência social, cultural e por contribuírem para a historiografia da educação.

Neste sentido, concordamos com Bosi (1987, p. 399) que salienta a importância da memória daqueles que fizeram parte de um determinado tempo e espaço: “Aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que, afinal, sustentou uma existência, passa (ou deveria passar) a outra geração como um valor”. Nosso entendimento, portanto, é que essas pessoas colaboraram para depreender o passado e são autoras da história, tendo significâncias no meio social. A partir desses apontamentos, salientamos que em 1953, Vasconcelos (2020), aluna da primeira turma de Pedagogia da Fista, foi também oradora da sua

formatura. No convite de formatura de Vasconcelos (2020) encontramos o juramento: "Eu prometo que continuarei a aderir aos princípios da sabedoria cristã e que minha graduação continuará nas funções de jovens na formação da literatura e da boa moral"¹⁶⁸ (CONVITE FORMATURA, 1953). A relação intrínseca da educação com os valores disseminados na sociedade pode ser entendida como cumprimento dos valores cristãos durante a vida.

Desta maneira, o entendimento do ensino da História da Educação na Fista é possível quando o compreendemos como uma disciplina com nexos não só meramente integrados ao currículo acadêmico, mas que apresenta um dispositivo que influencia e é influenciado pelos sujeitos envolvidos no processo educacional e da sociedade.

Esta nossa proposição pode ser inferida quando reportamos à análise do discurso de formatura datado do ano de 1953. Neste documento existe uma expressão que denomina determinados conteúdos como "teorias malsãs" (DISCURSO DE FORMATURA, 1953). Esta informação aparentemente implícita pode ser apreendida quando se estuda o percurso histórico do Ensino de História da Educação no contexto em que foi criada a proposta educacional da Fista. O discurso de formatura de Vasconcelos (2020) possibilita apreender as concepções de algumas temáticas que foram estudadas no ensino de História da Educação entre os anos de 1950.

1-As universidades – Seminário”; “10-As Universidades da Idade Média e as de hoje”, “15-Análise do “De Magistro”, “17-Continuação, 21- Continuação, 22- Seminário “A ciência é inata ou causada pelo Mestre?”, 24-Continuação, 28- A Igreja e a cultura medieval, 29- Continuação” (RELATÓRIO F.F.C.L.S.T.A,1953).

Ainda de acordo com o documento consultado, os Pontos Selecionados para a realização de provas foram “17 Carlos Magno e a cultura, 18- Educação Escolástica, 19- A Igreja e a Cultura Medieval” (RELATÓRIO F.F.C.L.S.T.A, 1953).

Vasconcelos (2020) explicou que alguns pensadores eram olhados com mais cuidado. Desta maneira, no discurso de formatura de Vasconcelos (2020) encontramos princípios cristãos que eram enfatizados e deveriam ser norteados pelo “Santo Padre Pio XII” (DISCURSO DE FORMATURA, 1953). Depreende-se que existiam valores idealizados pela Fista e que refletiam no processo ensino-aprendizagem da disciplina História da Educação.

À instituição coube ensiná-los, quer seja pelas atividades pedagógicas e ou do ensino das disciplinas. Depreendemos que a abrangência desses atos pedagógicos sobrepõe o simples

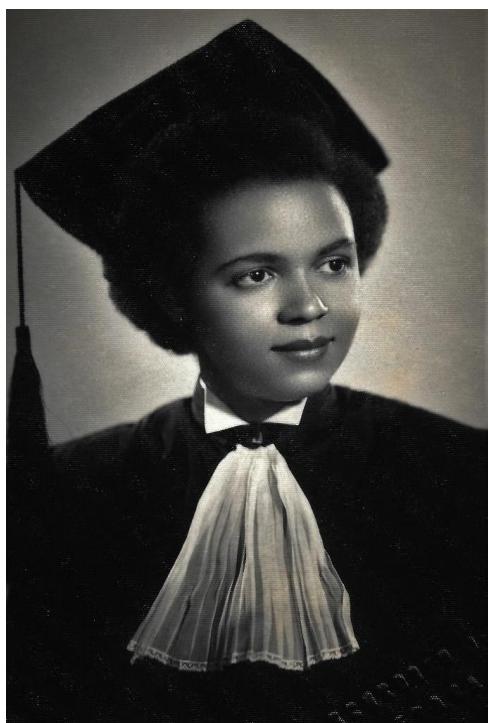
¹⁶⁸ “Ego promitto, me semper principiis sapientiae christianaे inhaerentem, mei gradus muneribus perfuncturam in juventute instituenda litteris et bonis moribus” (CONVITE FORMATURA, 1953).

entendimento de conteúdos disponibilizados no programa prescrito para o ensino de História da Educação. Vasconcelos (2020) vivenciou esse tempo em que os respectivos conteúdos foram permeados na instituição Fista.

4.3 Memória do Ensino de História da Educação: Paulita Vasconcelos

Vasconcelos (2020) foi aluna da primeira Turma do Curso de Pedagogia da Fista no ano de 1950 e formou-se em 1953. Informou que o ensino de História da Educação ocorreu em 1951, no segundo ano do referido curso. A Figura 7 reporta ao momento da formatura em 1953.

FIGURA 8 - Formatura do Curso de Pedagogia - 1953



Fonte: Arquivo Particular Paulita Vasconcelos (2020)

Quando se analisa os conteúdos prescritos no ensino de História da Educação entre os anos seguintes, nota-se que a perspectiva de temáticas permanecia como no ano de 1953.

Em 1955, no Programa de História da Educação constava “Educação cristã, Educação patrística, Educação monástica, Educação escolástica, O educador cristão, Os educadores e escritores medievais” (RELATÓRIO F.F.C.L.S.T.A,1955)¹⁶⁹. Verifica-se no respectivo

¹⁶⁹ Manteve-se a grafia original do documento apresentando o conforme disposto no Relatório F.F.C.L.S.T.A,1953).

documento que dentre os pontos selecionados para avaliação estavam: 7-a) Educação antiga; b) Jesus Cristo – Mestre dos Mestres (RELATÓRIO F.F.C.L.S.T.A,1955)¹⁷⁰.

Vasconcelos (2020) foi docente e atuou em instituições escolares do estado de São Paulo. De acordo com Vasconcelos (2020), nos primeiros anos como docente substituiu uma professora que foi para França. “Isso foi em 1955 - 1956...Nessa época tinha o pré I e II depois mudou tudo...Comecei minha vida por lá...Eu tinha como trajeto São Paulo e São José dos Campos – aproximadamente uma hora de viagem. Aí a carreira deslanchou”... (VASCONCELOS, 2020).

FIGURA - 9 Certificado de registro de professores licenciados - 1956.

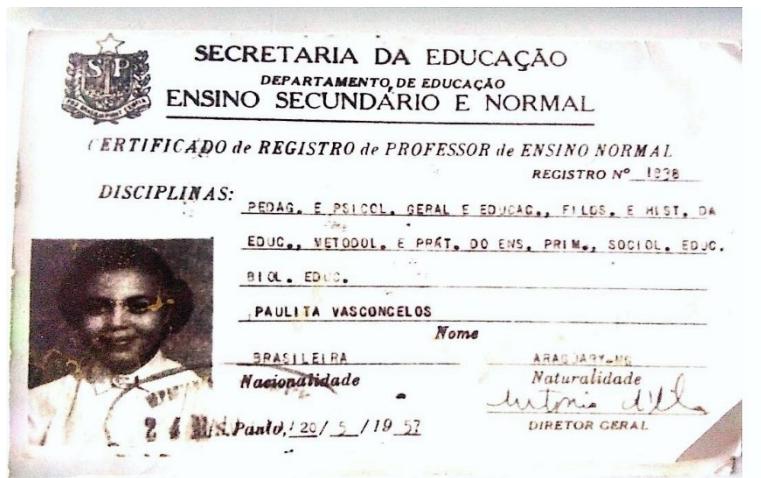


Fonte: Acervo Particular – Vasconcelos (2020)

De acordo com o documento Certificado de registro de professores licenciados pelas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras (Figura 9), Vasconcelos (2020) ministraria as disciplinas de Filosofia (2º ciclo), História Geral, História do Brasil (1º e 2º ciclo) e Matemática (1º ciclo) do ensino secundário. Em 1957, obteve o certificado de professora do ensino secundário e normal para atuar como professora em cidades do estado de São Paulo.

¹⁷⁰ Manteve-se a grafia original do documento apresentando-o conforme disposto no Relatório F.F.C.L.S.T.A,1955).

FIGURA 10 - Certificado de registro de professor de ensino normal - 1957



Fonte: Arquivo Pessoal de Vasconcelos (2020)

Na Figura 10 identificamos que Vasconcelos (2020) poderia ministrar as disciplinas de Pedagogia e Psicologia Geral e da Educação, Filosofia e História da Educação, Metodologia e Prática do Ensino Primário, Sociologia da Educação e Biologia da Educação. Vasconcelos (2020) salientou que gostava de psicologia e matriculou-se em Psicologia Clínica, na Universidade de São Paulo – USP.

Entre as décadas de 1950, a Psicologia permeou o pensamento educacional brasileiro, conforme evidenciado nas explicações de Vasconcelos (2020): “Eu procurei me inteirar de conteúdos que predominavam – principalmente na USP. Morei na cidade universitária. Fiquei lá por pouco tempo... não vamos falar da cidade Universitária!” (VASCONCELOS, 2020). Vasconcelos (2020) detalhou as experiências que obteve no período que curso psicologia na USP:

Eu tinha um concurso para prestar. Esse concurso envolvia coisas que eu tinha que inteirar... Não que, de certa forma, eu não podia ter aprendido aqui... Não era Filosofia! Outro pensamento... Aí fiz matrícula para USP e fique por pouco tempo... Então, lembro-me do professor Querino, Samuel Bryson, Talita... Achei que ia gostar da Psicologia Clínica e fiz sapiência com a Madre Cristina – um fenômeno naquela época. Cheguei a conclusão que não era isso que queria. E o pior: que eu não poderia perder tempo, pois precisava trabalhar (VASCONCELOS, 2020).

Vasconcelos iniciou o curso de Psicologia Clínica na Universidade de São Paulo e teve a oportunidade de ter aulas com Madre Cristina (VASCONCELOS, 2020). Em análises que realizamos infere-se que essa pessoa citada por Vasconcelos (2020) seria Madre Cristina Sodré

Dória, da Faculdade “Sedes Sapientiae”¹⁷¹. Vasconcelos (2020) desistiu do curso de Psicologia Clínica e prosseguiu com o objetivo de ser docente.

Em 1954-1955 eu já estava com turmas em São José dos Campos. Essas turmas tinham terminado o Pré – antes era Primário. Então eram Pré, Científico ou clássico. Como professora, sempre fui rígida. Colocava de castigo – de braços cruzados... Em São José dos Campos lecionei na Escola Estadual Coronel João Cursino. Também lecionei no Mackenzie durante seis anos...Depois casei. Fui Supervisora de ensino. Nós que íamos às Escolas [diferente daqui que é o Inspetor]. Trabalhei até 1982 [1954 – 1982]. Ministrei as disciplinas de Psicologia, Metodologia, Sociologia...Isto nas cidades de São José dos Campos, Campos do Jordão, Registro, Dourado... Foram várias situações... e experiências nas escolas...¹⁷²

No excerto acima, Vasconcelos (2020) relatou sua trajetória de docente em várias instituições de ensino. Contudo ressaltamos que embora ela não tenha ministrado aula de História da Educação sua experiência educacional representa uma contribuição para a Educação. Vasconcelos (2020) apresentou a carteirinha de estudante, do ano de 1971, quando realizou cursos na Universidade de São Paulo.

FIGURA 11 - Carteirinha de estudante - USP - 1971



Fonte: Arquivo Particular - Vasconcelos (2020)

Vasconcelos (2020) estudou no Centro Universitário de Estudos Pedagógicos Roldão Lopes de Barros, instituição de referência educacional. A partir da autobiografia foi possível

¹⁷¹ De acordo com Casali (1995), Madre Cristina Sodré Dória foi aluna, professora e, posteriormente, diretora do “Instituto Sedes Sapientiae” (CASALI, 1995, p. 196).

¹⁷² Realizamos a transcrição desse relato no capítulo intitulado “A disciplina história da educação na Fista: identidade, perfil programático, metodologias, fontes de informação”.

buscar essas lembranças. Neste sentido, Catani e Silva (2007) colaboram para nosso entendimento da importância dos relatos de docentes.

Ao privilegiar as narrativas autobiográficas, os estudos sobre a história dos professores têm desenvolvido análises em que dimensões ainda pouco exploradas do trabalho docente ganham destaque, permitindo uma compreensão mais refinada das experiências daqueles que têm lutado para ganhar voz no campo educacional e na sociedade e que, na narrativa de suas trajetórias, encontram uma maneira não só de compartilhar as vivências, mas também de expressar a sua opinião acerca das questões que dizem respeito à sua atividade profissional e a sua posição social (CATANI; SILVA, 2007, p. 162).

O relato de Vasconcelos (2020) apresenta-se como um desvelar não da história em si, mas como conhecimento que possibilita apreender a história dos docentes a partir de narrativas autobiográficas. Desta maneira, Vasconcelos (2020) também salientou a contribuição da Congregação Irmãs Dominicanas para sua vida pessoal e profissional.

Sem a FISTA eu não teria as portas abertas em São Paulo. Eu não posso contestar o conteúdo da FISTA de forma alguma. Pelo menos eu estava apta para entender os conteúdos futuros de outros autores adotados por lá [São A FISTA foi minha vida – propiciou meu sustento, abriu as portas para Faculdade/Instituto Mackenzie! Abriu horizonte! Eu não teria conhecido outras pessoas – A FISTA é meu amor [pausa] – A FISTA é tudo para mim!!! [pausa]. Aquela FISTA dos primeiros anos, dos primeiros passos... (VASCONCELOS, 2020)¹⁷³.

A respeito do excerto percebemos o quanto Vasconcelos (2020) sente-se envolvida pela Fista na sua trajetória pessoal, acadêmica e profissional. Bosi (1987), explica que “[...] quanto mais a memória revive o trabalho que se fez com paixão, tanto mais se empenha o memorialista em transmitir ao confidente os segredos do ofício”(BOSI, 1987, p. 399). Neste sentido, as fontes históricas analisadas a partir do fornecimento de documentos do acervo particular de Vasconcelos (2020) possibilitam compreender esse percurso histórico da formação de professores.

4.4 Memória do Ensino de História da Educação: Maria de Lourdes Prais

Prais (2019) também foi aluna do Curso de Pedagogia da Fista (1962 -1965). Ministrou disciplinas de Sociologia Educacional, Sociologia Geral e Filosofia da Educação, entre 1965 e

¹⁷³ Transcrição dessa entrevista foi realizada no capítulo “A disciplina história da educação na Fista: identidade, perfil programático, metodologias, fontes de informação”.

1982. Ressalta-se que, a partir de 1980, a Fista estava sob a direção da Fiube, e não mais sob a administração das Irmãs Dominicanas.

Deve-se destacar que Prais (2019), antes de ingressar na Fista como aluna do curso de Pedagogia, atuou como membro da Juventude Estudantil Católica e, posteriormente, como estudante universitária, participou da Juventude Universitária Católica. Ademais, Prais (2019) participou efetivamente no âmbito educacional de Uberaba colaborando com a formação de professores¹⁷⁴.

Ressalta-se que Prais (2019) não ministrou o ensino de História da Educação. Contudo, mencionamos Prais (2019) pois as disciplinas História da Educação e Filosofia da Educação eram conteúdos “casados” que, de acordo com Silva (2019) e Fabri (2019), mesmo que cada disciplina possuísse seus respectivos professores, havia uma continuidade, uma complementação para que esses saberes fossem consolidados da melhor maneira.

Salienta-se que Prais (2019) atuava como docente na Fista e no Colégio Nossa Senhora das Dores¹⁷⁵. Desta maneira, Prais (2019) explicou sobre a atuação enquanto docente nessas instituições e em outras da cidade de Uberaba.

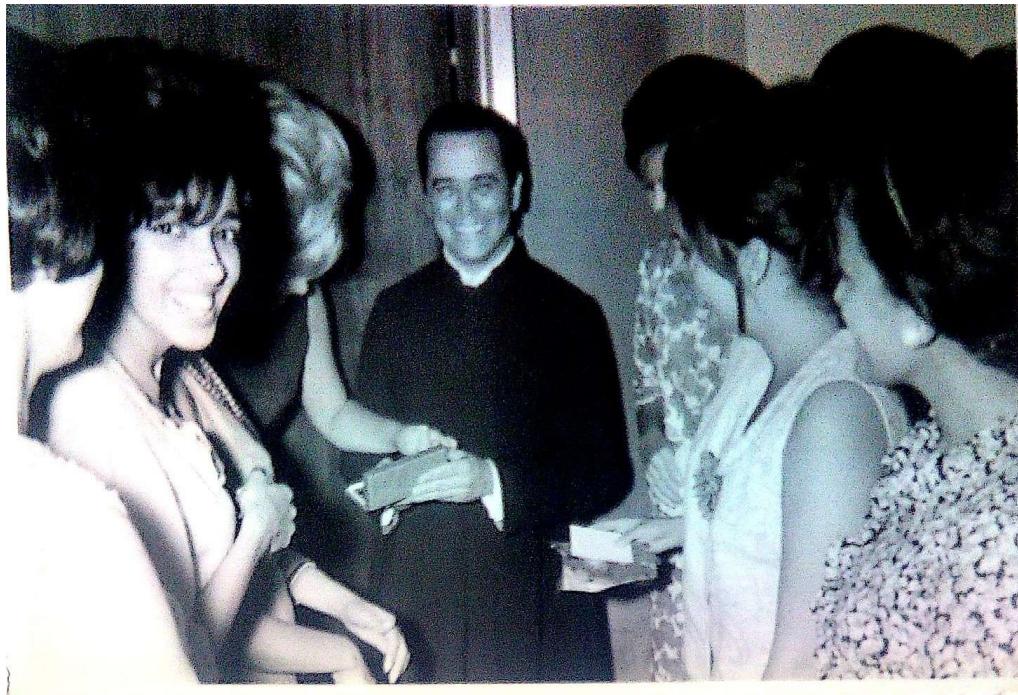
Iniciei o curso de Pedagogia em 1962 e me formei em 1965. Com 22 anos lecionei aulas, pois com 21 anos já estava na Direção Escolar. Quando recebi o convite das Irmãs Dominicanas para dar aula, não aceitei no início. Eu dava aula no Ginásio Nossa Senhora da Abadia, no Nossa Senhora das Dores e também no Colégio Triângulo Mineiro. Tinha vários compromissos (PRAIS, 2019)¹⁷⁶.

¹⁷⁴ Prais (2019) foi atuante no âmbito educacional de Uberaba. Foi docente e Secretária de Educação.

¹⁷⁵ Na Fista, Prais (2019) atuou como docente da disciplina Filosofia da Educação. Em relação à atuação de Prais (2019) no Colégio Nossa Senhora das Dores, consta que ela ministrou a disciplina História da Filosofia (MENEZES, REZENDE, 2005).

¹⁷⁶ A transcrição dessa entrevista foi realizada no capítulo “A disciplina história da educação na Fista: identidade, perfil programático, metodologias, fontes de informação”.

FIGURA 12 - Maria de Lourdes Prais (Posição do lado esquerdo da foto com rosto frontal na fotografia). Parte central da imagem - Padre Thomaz de Aquino Prata¹⁷⁷ .



1965: Coquetel de Formatura realizado na FISTA.



CS Digitalizado com CamScanner

Fonte: Acervo Particular de Maria de Lourdes Prais

Essa Figura 12 foi cedida por Prais (2019) e pertence ao seu acervo pessoal. Retrata o momento da formatura no Curso de Pedagogia, em 1965, quando recebe o diploma das mãos de Irmã Isolina¹⁷⁸. Ademais, cabe enfatizar a presença de docentes de formação religiosa na instituição educacional Fista. A Figura 13 reporta o momento em que Prais (2019) estava com seus pais e representa o contexto em que ocorreu a formatura no Curso de Pedagogia da Fista, em 1965.

FIGURA 13 - Formatura do Curso de Pedagogia - Maria de Lourdes Prais com seus pais -1965



“Obrigada Genô e Badio, agora tenho garantido um caminho pela frente”.

CS Digitalizado com Cerdicorner

Fonte: Acervo Particular de Maria de Lourdes Prais

¹⁷⁸ . De acordo com Prais (2019), Irmã Isolina era o nome religioso de Heloisa Seixas Leitas (nome civil).

Prais (2019) é uma estudiosa de Paulo Freire e elaborou materiais para formação de professores com abordagem à alfabetização, segundo os métodos de Paulo Freire. Prais (2019) considera Paulo Freire como pessoa fundamental para sua trajetória profissional. Ressalta que, em 1996, apresentou a dissertação intitulada “Apresentação da Política Educacional de Uberaba” para alunos que, naquele contexto, realizavam disciplina com Paulo Freire, na PUC de São Paulo. A Figura 14 reporta a esse momento em que estavam reunidos na Pós-Graduação da PUC.

FIGURA 14 - Paulo Freire (1996)



**1996: Paulo Freire, Anita, Ana Maria
Saul e Dedê: Apresentação da Política
Educacional de Uberaba no Curso de
Pós-Graduação da PUC/SP**

Fonte: Acervo Pessoal de Prais (2019)

Na Figura 14, Prais (2019) é a segunda pessoa do lado direito, ao lado de Ana Maria Saul. Do lado esquerdo encontra-se Anita, esposa de Paulo Freire. Salienta-se que Prais (2019) é conhecida entre os amigos da área educacional como Dedê.

Prais (2019) atuou em escolas públicas tanto do âmbito estadual quanto municipal da cidade de Uberaba. Ocupou o cargo de secretária municipal de educação no período de 1993 a 2000 e realizou projetos como “Escola Cidadã” e “Fazendo Escola”¹⁷⁹.

Mesmo que Prais (2019) não tenha ministrado a disciplina História da Educação, sua contribuição para nossa pesquisa foi relevante e sua trajetória educacional colabora para a historiografia, possibilitando também outras pesquisas que porventura possam ser realizadas posteriormente.

4.5 Memória do ensino de História da Educação: Marta de Queiroz Fabri

Destacamos que Fabri (2019) também contribuiu com informações sobre memórias à frequência da História da Educação na Festa e citou nome das docentes que ministraram as disciplinas de História da Educação e Filosofia da Educação. De acordo com Fabri (2019), as professoras foram: “...Selma Amui - disciplina de História da Educação; ... Maria de Lourdes Prais - disciplina de Filosofia da Educação” (FABRI, 2019).

De acordo com Fabri (2019), as disciplinas de Filosofia, Psicologia, Sociologia e História da Educação foram as que despertaram seu interesse para área da docência. Desta maneira, explicou que quando docente ministrou esses ensinos em outras escolas no município de Uberaba.

Fabri (2019) explicou que quando estava no segundo ano do Curso de Pedagogia da Festa, também iniciou sua experiência como docente atuando no ensino primário do Colégio Castelo Branco. De acordo com Fabri (2019), após ter finalizado o curso de Pedagogia, recebeu convite para permanecer no Colégio Castelo Branco.

No Colégio Castelo Branco lecionei as disciplinas de Psicologia da Educação, Sociologia da Educação, Filosofia da Educação e História da Educação... no magistério quem lecionava Psicologia da Educação, Psicologia Evolutiva, Psicologia da Aprendizagem passou a lecionar a disciplina Fundamentos da Educação I. Assim ficou! Já quem lecionava Sociologia, Filosofia, História da Educação passou a lecionar a disciplina Fundamentos da Educação II. Então, eu era professora das matérias (Sociologia, Filosofia e História da Educação)

¹⁷⁹ Prais (2019) possui um acervo particular com documentos que contribuirão sobremaneira para futuras pesquisas no âmbito educacional. De acordo com Prais (2019), os documentos serão entregues à Superintendência do Arquivo Público de Uberaba e Biblioteca Municipal de Uberaba.

que passou a ser chamadas de Fundamentos da Educação II. Eu precisava ter o domínio de todas. Então, eram 3 em 1. Exemplo, se eu tinha Fundamentos da Educação II, então seria aula de Filosofia... Trabalhávamos muito... Na época não havia facilidade de muitos livros. Depois começou a aparecer livros da Editora Ática de História da Educação, Psicologia da Educação. Eram de uma escrita fácil – de fácil compreensão para o aluno entender. No princípio esses conteúdos muito difíceis de ser dado porque não tínhamos muitos livros. A Filosofia ficava no 3º Ano, pois aí o aluno tinha uma base boa para entender o lado filosófico das coisas. Então, como professora de Fundamento da Educação II eu trabalhava assim: 3º Ano Filosofia; 2º Ano Sociologia. A História da Educação permeava o 1º, 2º e 3º Ano. Por muito tempo esses conteúdos foram chamados Fundamento da Educação II. Também trabalhei no Conservatório de Música. Como tinha a Carteira Vila Lobos – era professora de Música e, no Conservatório havia um curso de Educação Artística que me chamaram para cuidar da parte Pedagógica. Esta foi entregue em minhas mãos e eu apliquei meus conhecimentos de Sociologia, Filosofia da Educação e História da Educação na Arte. Então eu trabalhava no Castelo Branco, no Conservatório e aqui no Colégio Nossa Senhora das Dores [no Curso de Magistério]. Nessa época já tinha terminado minha Faculdade de Pedagogia. Aqui [Colégio Nossa Senhora das Dores] eu trabalhei com Psicologia, Sociologia e Educação Especial – hoje o que seria Inclusão. Eu tinha muita certeza do que estava levando para sala de aula. A base que nós tivemos no curso de Pedagogia da Fista foi muito boa. Hoje é difícil de encontrar... Não é como hoje... penso que a partir da democratização do ensino tivemos uma massificação ... hoje se pensa só no diploma [na certificação] (FABRI, 2019)¹⁸⁰.

Fabri (2019) traz informações sobre sua atuação enquanto professora da disciplina História da Educação em escola estadual da cidade de Uberaba e a importância deste ensino para sua formação docente.

A partir disso, inferimos o quanto a disciplina História da Educação foi base para a formação de professores e que os conteúdos ministrados para estes profissionais repercutiram em suas ações. Fabri (2019), em sua experiência enquanto docente, destacou como era a estrutura da disciplina História da Educação no ensino do Magistério, no ano de 1971. Salientou a editora Ática como a que disponibilizava livros para o ensino de História da Educação. Detalhou a importância da História da Educação para a formação humana e descreveu algumas teorias, bem como a relevância para a formação de professores.

Como a gente lida com educação, não tem como não falar da importância da História da Educação. O quanto o estudo dessa história contribui para chegar aonde chegamos... Trabalhei no Castelo Branco – no Magistério. Na Faculdade – trabalhei no curso de Letras e Pedagogia até 2013. E no Curso de Magistério Superior que a faculdade oferecia. Trabalhei esse conteúdo e sempre mostrei

¹⁸⁰ A transcrição dessa entrevista foi realizada no capítulo “A disciplina da educação na Fista: identidade, perfil programático, metodologias, fontes de informação”.

para as alunas que as coisas não foram criadas agora. O suporte, a base de tudo está lá atrás!!! Um Pestalozzi, uma Emilia Ferreira, Piaget, a doutrina deles...Um Behaviorismo, Gestalt...pensa!! Tudo muito ligado – uma dando suporte.. Nada isolado. Isto dava conhecimento!!! Essa ponte – essa relação de conhecimentos que era profundo e bem embasado. Eu acho isto muito importante, pois se você chegar em sala de aula, e o aluno perceber que esta titubeando, aí acabou...Você precisa ter segurança – ganhar confiança...Saber mais que ele. Você fala com propriedade. Isto é responsabilidade do educador. Você lida com pessoas!!! Isso é uma caneta [referindo-se a uma caneta que estava sobre a mesa – no local da entrevista] um objeto. Não serve e você joga fora!!! Pessoas não são objetos!!!!Eu aprendi com as Irmãs Dominicanas!!!!Gostar do que faz, realizar com amor, com propriedade é mostrar que você gosta do seu trabalho. Eu falava para minhas alunas que tem que correr na veia!!!!Se não gostar, fizer com amor não adianta (FABRI, 2019)¹⁸¹.

Conforme Fabri (2019) menciona, o cabedal teórico que obteve na Fista possibilitou sua atividade enquanto professora. Fabri (2019) colabora com apontamentos sobre o percurso do ensino de História da Educação naquele contexto, explicando como era essa disciplina no magistério. Essas informações contribuem para depreender como era a referida disciplina em determinado tempo e espaço do processo histórico educacional.

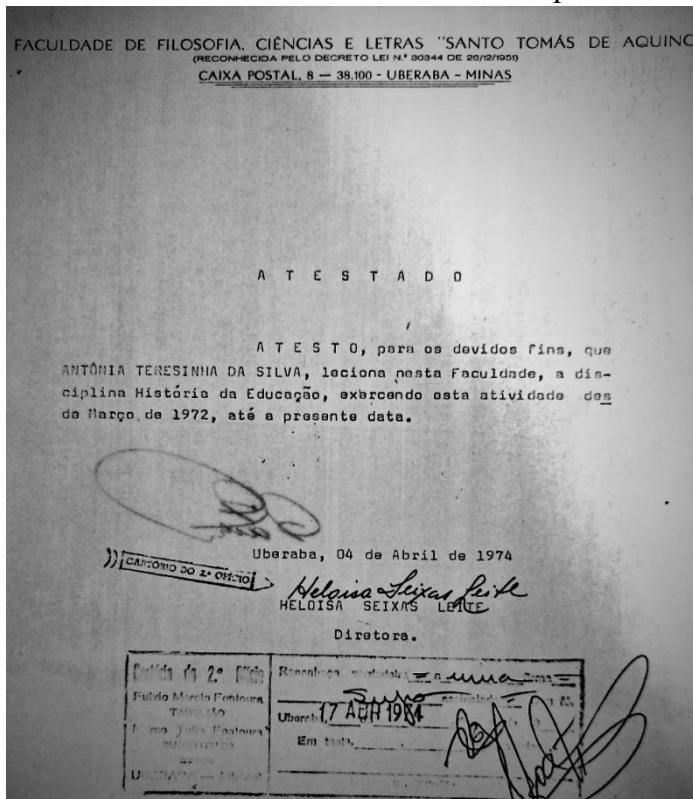
4.6 Memória do ensino História da Educação: Antonia Teresinha da Silva

Silva (2019) também colaborou em relação às memórias da frequência a disciplina da História da Educação. Foi discente do Curso de Pedagogia da Fista entre 1968 e 1971 e docente da referida disciplina entre 1971¹⁸² e 1980. A Figura 15 contém informação da atuação de Silva (2019) no ensino de História da Educação da Fista.

¹⁸¹ A transcrição dessa entrevista foi realizada no capítulo “A disciplina da educação na Fista: identidade, perfil programático, metodologias, fontes de informação”.

¹⁸² Cabe salientar que quando Silva (2019) terminou o Curso de Pedagogia (1971) foi convidada para ministrar História da Educação e, portanto, como relatado em outros momentos de seu depoimento transcritos anteriormente “recebeu assessoramento” para ter segurança e tornar-se docente do ensino de História da Educação. Consideramos que 1971 foi um preparo para posteriormente adentrar no quadro de docente da Fista.

FIGURA 15 - Atestado - Docente da disciplina História da educação - 1972



Fonte: Acervo particular de Silva (2019).

Cabe destacar que Silva (2019) foi a ex-aluna do Curso de Pedagogia que mais tempo permaneceu como docente da disciplina História da Educação. Em suas memórias de frequência à disciplina de História da Educação – Silva (2019) fez alusão também aos demais ensinos, mas que sem dúvida colaboraram para depreender a bagagem acadêmica que colaborou para sua formação também profissional.

“O corpo de professores era composto de Religiosas (Irmãs Dominicanas – fundadoras da FAFI /FISTA, de Padres seculares e professores e professoras leigos: Professoras Irmã Hosana (Antônia Nonato – nome civil) responsável pela disciplina de Psicologia do Desenvolvimento Humano, ministrada ao longo dos 4 anos do Curso de Pedagogia. Professor Padre Tomás de Aquino Prata (Padre Prata) – responsável pela disciplina de Sociologia Geral” e História da Educação durante um tempo menor. Professora Irmã Patrícia Castanheira – responsável pela disciplina de Sociologia da Educação e Administração Escolar. Professora Zilma Bugiatto Faria – responsável pela disciplina de Didática Geral e Didática na Educação. Professor Paulo Rodrigues – responsável pela disciplina de História da Filosofia. Professora Elsie Barbosa que ministrava as disciplinas de Filosofia da Educação e História da Educação estudadas durante todas os 4 anos do Curso de Pedagogia. Irmã Glícia Barbosa (nome civil), denominada Irmã Alexandra (nome religioso) – ministrava a disciplina de Introdução à Filosofia. Além de professora, era também Diretora Geral da FAFI/FISTA, cargo equivalente ao de Reitora, na nomenclatura atual.

Monsenhor Juvenal Arduini - filósofo com inúmeros livros publicados e que era constantemente convidado a ministrar cursos de extensão para todos os alunos e professores. Dentre eles tive o prazer de frequentar foi sobre Ontologia" (SILVA, 2019).

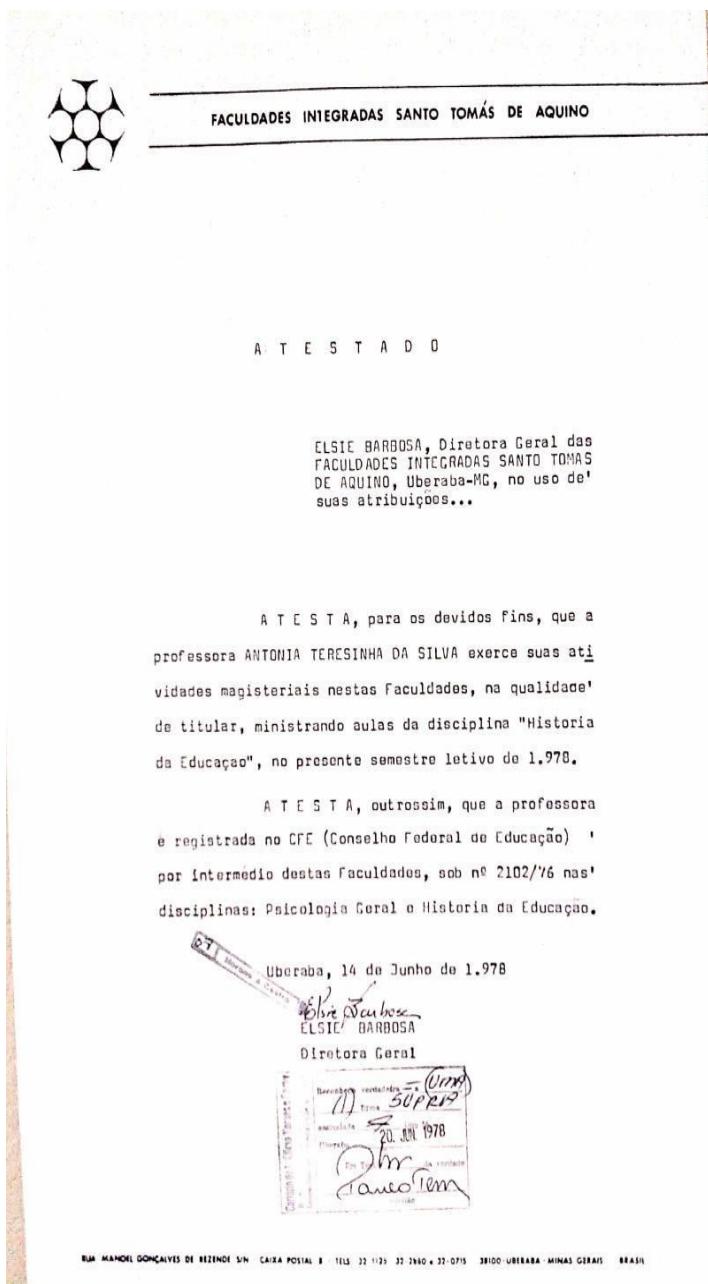
Esse excerto de Silva (2019) colaborar para situarmos a importância do ensino de História da Educação para a formação de professores e ressaltamos a relação da Psicologia no âmbito da educação. Ademais, a composição do quadro de docentes religiosos e leigos em diversas disciplinas torna-se uma característica relevante para as análises dos estudos que discorremos quanto aos conteúdos elencados nos programas de História da Educação.

Destacamos que, no período em que Silva (2019) esteve enquanto docente do ensino de História da Educação diversas obras foram referendadas.

"Lembro-me também de Humberto Padovani e Luis Castagnola em seu Manual de História da Filosofia. Também de Theobaldo Miranda com seu compêndio sobre História da Educação. Utilizei-me bastante da coleção "Os Pensadores" da Editora Abril (1973 – 1975). História da Educação e da Pedagogia – Lourenzo Luzuriaga, fundamentada nos pressupostos do historicismo de Wilhelm Dilthey e do Pragmatismo Educacional de John Dewey. História Geral da Pedagogia de Francisco Larrovo da Editora Mestre Jou. História da Pedagogia – René Hubert. Theobaldo Miranda Santos – Noções de História da Educação. Alfredo Miguel Aguayo – Didática da Escola Nova da Companhia Editora Nacional, coleção Atualidades Pedagógicas. História da Pedagogia – Louis Riboulet – Editora Liceu. História da Pedagogia – René Hubert – Companhia Editora Nacional, coleção Atualidades Pedagógicas. História da Educação – Paul Monroe – Editora Nacional" (SILVA, 2019).

Essas citações realizadas por Silva (2019), nos faz refletir sobre os conhecimentos e ideias dispersadas durante o período em que esteve à frente do ensino de História da Educação e conforme, consta na Figura 16 percebemos que a atuação desta professora foi relevante nos anos finais de existência da Fista.

FIGURA 16 - Atestado de Docente Antonia Teresinha da Silva -1978



Fonte: Arquivo Particular de Antonia Teresinha Silva

Entre 1971 e 1980, Silva (2019) esteve como docente da disciplina História da Educação e relatou suas impressões sobre as finalidades da disciplina para a formação, não só profissional, mas também enquanto preparação para a sociedade.

“O maior legado da FISTA - das Irmãs Dominicanas era despertar nos alunos o compromisso e a seriedade com os estudos sem perder de vista a alegria e o prazer de estudar. As reuniões pedagógicas se constituíam em estudos, planejamentos e debates voltados para a preocupação constante de trabalhar a pessoa do aluno capaz de se constituir como um profissional que possa fazer alguma diferença no contexto social em que estiver inserido. Que possa

provocar alguma mudança significativa favorável ao bem de todos. Eu acredito que nos 30 anos em que a FISTA existiu as Irmãs Dominicanas conseguiram com muita nobreza, competência e Ética cumprir este objetivo. Grande é o número de ex-alunos, ex-professores ex-funcionários esparramados pelo Brasil inteiro. Todos têm maior pesar da escola não ter tido continuidade. Trabalhar com História da Educação é também um pouco angustiante porque podemos perceber a lentidão que ocorre no pensamento educacional – no desenvolvimento e aplicação de teorias que revelaram maravilhosas, mas que no seu próprio tempo não foram reconhecidas e ainda, muitas delas, continuam não reconhecidas até hoje”¹⁸³.

A importância da História da Educação para sua formação enquanto aluna, docente e ser social fez com que Silva (2019) buscassem o aperfeiçoamento nos cursos de pós-graduação em Psicologia. A partir do documento intitulado “Memorial Circunstanciado” verificamos que, desde 1975, Silva (2019) ministrava a disciplina de Introdução à Psicologia, no denominado ciclo básico da faculdade de Psicologia da Fiube (SILVA, 2014). Em 1976, Silva (2019) foi convidada para implantar e coordenar a Clínica de Psicologia, tornando-se assim responsável pela organização dos estágios clínicos do referido curso da Fiube.

Em 1973 iniciei um curso de pós-graduação em nível de especialização na área de Psicologia Social, em Ribeirão Preto, sob a orientação do professor Dante Moreira Leite (PEC - SP) na faculdade de Filosofia Barão de Mauá. O curso era ministrado nos finais de semana; desenvolvi uma monografia “Como os alunos de ciências humanas veem os alunos de ciências exatas e vice-versa”. Antes da transferência da FISTA para UNIUBE eu lá já estava atuando como docente desde 1975 no ciclo básico com a disciplina Introdução à Psicologia (SILVA, 2014, p. 4)¹⁸⁴.

¹⁸³ A transcrição dessa entrevista foi realizada no capítulo “A disciplina história da educação na Fista: identidade, perfil programático, metodologias, fontes de informação”.

¹⁸⁴ Conforme consta no documento “Memorial Circunstanciado” “...professor Mário Palmério encaminhou-me para a Universidade de Brasília onde estagiei durante dez dias junto aos professores da Clínica de Psicologia da UNB que passou a ser a referência do nosso trabalho” ... (SILVA, 2014, p. 4).

FIGURA - 17 Certificado de Especialização em Psicologia Social - 1974



Fonte: Arquivo particular de Silva (2019).

Essas informações tornam-se importantes, uma vez que Silva (2019) foi docente da disciplina de História da Educação na Fista, entre 1971 e 1980, e a Psicologia colaborou para sua formação docente. Esta nossa proposição justifica-se quando analisamos os programas de História da Educação, no contexto de 1975 e entre 1977 - “O Homem primitivo e os primórdios da Educação, Educação no Oriente, Educação Cristocêntrica, Realidade Histórico Cristã” (RELATÓRIO F.I.S.T.A, 1975). Em 1976, outros conteúdos foram prescritos “2- Psicologia Pedagógica, 2.1 Behaviorismo ou condutismo de Watson, 2.2 Psicologia Psicanalista – Freud – Adler – Jung, 2.3 Pedagogia dos anormais ou teratológica” (RELATÓRIO F.I.S.T.A, 1976).

FIGURA 18 - Diploma de Doutorado em Psicologia - 2004



Fonte: Arquivo particular Silva (2019)

Neste sentido, a psicologia foi um saber muito presente na formação de Silva (2019) e devemos apreendê-lo como um conhecimento que permeou a atuação de uma docente que ministrou o ensino de História da Educação, na Fista, no período de 1971 a 1980, e contribuiu para o entendimento do percurso desta disciplina.

4.7 Considerações Parciais

Verifica-se que o perfil e a seleção de docentes que ministraram o ensino de História da Educação no Curso de Pedagogia da Fista, entre 1951 e 1956, estavam condicionados à atuação de religiosos católicos. A partir de 1956, inferimos que houve uma participação de professores leigos, porém não desvinculados dos princípios cristãos. Os docentes do ensino de História da Educação possuíam afinidades com as concepções disseminadas pela Fista. Desta maneira,

inferimos que o perfil das egressas do Curso de Pedagogia selecionadas para ministrar a disciplina História da Educação era de afinidades com as ideias e ou valores da religião católica.

Quanto à memória da frequência a disciplina da História da Educação, evidencia-se que os conteúdos prescritos no programa do referido ensino podem ter sido os ministrados em sala de aula, uma vez que existem nexos entre as fontes consultadas e os relatos de discentes e docente do referido ensino. Entretanto, não obtivemos cadernos de exercícios e ou provas para correlacionar com os dados registrados nos relatórios da instituição.

Salienta-se também que, pode ter existido uma forma de apreender não só os conteúdos ministrados no ensino de História da Educação, mas sobretudo às posturas do ser professora, enfatizando a conduta baseada na dedicação, seriedade e disponibilidade para os alunos. Evidencia-se assim, um currículo oculto em que modos e formação são erigidos às discentes sem que isto fosse explícito no currículo oficial.

Ademais, a partir dos documentos analisados e das experiências discentes do Curso de Pedagogia da Fista, foi possível depreender o perfil e seleção daqueles que cursaram o respectivo curso, assim como os que ministraram o ensino de História da Educação. As discentes entrevistadas atuaram como docentes em Uberaba e em outras localidades, contribuindo assim para a formação de professores. As vivências dos sujeitos que estiveram em determinado tempo e espaço histórico permitiram reportar à memória e fontes que colaboraram para o entendimento do percurso do ensino da História da Educação na formação de professores.

Buscamos compreender que o ensino de História da Educação da Fista passou por movimentos de tradição e conservadorismo, principalmente entre 1950 e início de 1960, o que pode evidenciar a presença de religiosos ministrando o referido ensino. Mesmo que a partir de 1956 tenha acontecido a inserção de docentes não vinculados aos quadros eclesiásticos da religião católica, devemos considerar que outros religiosos permaneciam na instituição e passavam suas experiências educacionais aos que adentravam no quadro de professores.

Evidencia-se também a inclusão de pensamentos diferentes daqueles iniciados na implantação da Fista, ou seja, o catolicismo conservador pode ter sido alterado no decorrer dos anos, principalmente a partir de 1967, quando uma reação católica não adepta do tradicionalismo tenta uma discussão sobre a Pedagogia Cristã Progressista em que Paulo Freire esteve presente e impulsionou um pensamento social.

Cabe salientar a relação intrínseca da educação com a religião, o que nos permite, a partir do recuo no tempo e espaço, compreender as tensões e os conflitos que permanecem nessa relação até nossos dias atuais.

5. OS MATERIAIS DE ENSINO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO CURSO DE PEDAGOGIA DA FISTA

A história do ensino não tem se limitado à história das instituições escolares, do pensamento pedagógico ou de alguns movimentos educacionais, como era comum se fazer. Recentemente, tem crescido o interesse, por exemplo, pelas práticas escolares cotidianas. Os historiadores da educação têm, cada vez mais, considerado que, para se entenderem os processos de ensino nas diferentes épocas, não basta investigar como a organização da escola foi se transformando ao longo do tempo – baseando-se para isso nas leis, reformas, regulamentos, programas etc.[...] Os historiadores têm considerado que é preciso também tentar penetrar no dia-a-dia da escola de outros tempos – os métodos de ensino, os materiais didáticos utilizados, as relações professor (a)/aluno (a) e aluno (a)/aluno(a), os conteúdos ensinados, os sistemas de avaliação e de punições... (LOPES; GALVÃO, 2001, p. 52).

Este capítulo versará sobre os materiais referendados no ensino da História da Educação do Curso de Pedagogia da Fista, no período de 1951 a 1980, no qual era ofertada a disciplina na instituição. Para apreender e interpretar esses recursos buscamos documentos encontrados nos Relatórios F.F.C.L.S.T.A, que estão sob a responsabilidade do Setor de Controle Curricular da Uniube e também outros dados que colaboraram para o entendimento dos métodos pedagógicos utilizados no ensino. Para inter-relacionar com essas fontes reportamos aos relatos de cinco alunas, dentre estas uma foi docente e ministrou o ensino de História da Educação, entre 1971 e 1980.

Outros documentos, tais como atas e descrição de atividades pedagógicas constantes em relatórios arquivados junto aos programas prescritos para o ensino da História da Educação foram analisados. Reportamos aos planos de ensino cedidos por Antonia Teresinha da Silva (2019), ex-aluna e docente do Ensino de História da Educação. Considera-se que esses documentos apresentam os mesmos conteúdos disponibilizados no ensino de História da Educação, do período de 1967 a 1970. Neste período, o Padre Tomás de Aquino Prata era o docente dessa disciplina. Conforme depoimento de Silva (2019), quando convidada para compor o quadro de docentes recebeu “assessoramento” de professores da respectiva instituição.

Cabe ressaltar que o debruçar sobre o *corpus documental* e a história oral de ex-alunas e docente evidenciaram a utilização do manual de Theobaldo Miranda Santos, ou seja, este compôs o ensino de História da Educação. Outro manual citado por Silva (2019) foi de autoria de Ruy de Ayres Bello. Assim, reportamos à obra *Pequena História da Educação* do referido escritor para apreender as ideias contidas neste material e as percepções que aventamos nas grandes temáticas do ensino de História da Educação do Curso de Pedagogia da Fista.

Assim, inferimos que esses autores foram estudados e colaboraram para a formação de professores. Para estruturação do que pretendemos abordar neste capítulo, primeiramente realizamos um panorama geral sobre as grandes temáticas e pensadores que se destacaram nos programas de História da Educação entre 1951 e 1980.

5.1 Os pensadores elencados nos programas do ensino de História da Educação

Durante a pesquisa, catalogamos nomes de diversos autores que eram descritos nos programas de História de Educação. Neste sentido, evidenciou-se que existiam autores de pensamentos tradicionais, antiliberais e cristãos, bem como progressistas, liberais e laicos. Isto fez com que interpretássemos que existiriam manuais disciplinares onde haveria tanto os defensores de uma pedagogia cristã como também citações de educadores com ideias liberais - centradas na razão e tendo a ação do homem como forma de um novo pensamento educacional.

Desta maneira, concordamos que no programa de História da Educação da Fista havia uma realidade ideal, ou seja, que era prescrita, formalizada no plano de ensino, mas também consideramos a realidade pedagógica da sala de aula. Assim, aconteciam abordagens que mesmo não estando explícitas, seriam estudadas e, portanto, condizentes com a finalidade da instituição confessional católica. Também havia movimento que difere daquele idealizado por alguns membros da faculdade. Para colaborar com essa nossa proposição, descrevemos abaixo documento que evidencia esse movimento de possibilidade de discursos no âmbito educacional. Em nossa pesquisa, encontramos relato de Monsenhor Juvenal Arduini (1988), que mencionou as discussões que ocorriam entre os intelectuais, principalmente os que se interessavam pela Filosofia:

Então nós tínhamos cursos, eram convidados, era aberto, as pessoas iam, discutíamos...nós discutíamos problemas, na época havia assim, discussões sobre certos problemas interessantes... logo terminou a guerra, e nós [começávamos] a discutir uma nova dimensão do mundo, porque terminou a guerra e a democracia superou, vamos dizer, os Totalitarismos, ainda ficou o Marxismo, e só começou também o que, quando houve a vitória dos aliados,

houve uma certa aliança dos Estados Unidos, da democracia dos Estados Unidos, Inglaterra, França, e, a União Soviética que também ajudou a derrotar o Nazismo. Então começou a proposta de um certo diálogo entre os cristãos e os Marxistas e isto muita gente não aceitava, absurdo, imagine diálogo entre cristãos e Marxistas. Mais já havia padres franceses, alguns italianos, e já no Brasil essa ideia começou a circular. O Dr. Alceu estava também muito ligado a isto, uma certa simpatia não pelo Marxismo, vamos dizer, materialista, que fosse, ou então... mas pelos marxistas que também lutavam por uma justiça social, que tinham a preocupação de valorizar o homem, o trabalho, etc. Então, é, nós discutíamos muito esses assuntos ali também... Nós tínhamos médicos, tínhamos professores, tínhamos outros, alguns jovens, tínhamos também movimento de Ação Católica, naquele tempo. Ação Católica foi um movimento que já foi mais uma renovação na Igreja, porque já superava o tradicionalismo religioso que nós tínhamos antes. E havia um movimento chamado Juventude Independente Católico, é J.I.C (ARDUNI, 1988).

Encontramos nos documentos relatórios da F.F.C.L.S.T.A (1951 e 1953) algumas relações de livros dentre os quais constam nomes como Theobaldo Miranda Santos; Ernest Neuman; Bain; Claparèd; John Dewey; Alceu Amoroso Lima; Kilpatrick; Hovre; Paul Monroe; Dupaloup; Herbert Spencer; Rousseau; Kerschensteiner, Fernando Azevedo; Lourenço Filho e Jacques Maritain.

Cabe ressaltar que Monsenhor Juvenal Arduini, professor de Filosofia e História da Filosofia na Fista, foi um divulgador das ideias defendidas por Jacques Maritain¹⁸⁵.

¹⁸⁵ Oliveira; Oliveira e Costa (2020, p. 177-179) explicam que Jacques Maritain (1882-1973) foi um filósofo cristão e autor de muitas obras “que, em sua maioria, baseavam-se na filosofia política cristã. O referido filósofo nasceu em Paris em 1882 e pertencia família protestante e com forte tradição positivista”. Seu pai Paul Maritain era advogado e sua mãe, Geneviève Favre, filha de um político francês. Contudo, ressalta-se que Maritain não compartilhava da “tradição intelectual da sua família devido seu desgosto pelo positivismo”. Estudou biologia e filosofia em Sorbone. De acordo as autoras, Maritain “inicia suas pesquisas sobre a filosofia de Tomás de Aquino” facultando, assim aproximação com os escritos tomasianos. Explicam que “Maritain interessou-se por assuntos sociais e estabeleceu contato com o padre dominicano Reginald Garrigou-Lagrange, tomista neo-escolástico. Em 1936, Maritain publicou vários artigos no jornal L’Esprit, de Emmanuel Mounier, com o título Humanismo Integral. Esses foram frutos de suas importantes reflexões políticas, religiosas e educacionais. Por meio de suas obras, Maritain destaca algumas concepções da filosofia de Tomás de Aquino que marcou, indelevelmente, as suas obras. Maritain buscava instruir um caminho para a educação, visando uma que proporcionasse conhecimento verdadeiro, assim como o ensino e prática dos valores morais, com o objetivo de ensinar o indivíduo a ter a clara consciência de que a sociedade exige o pensar no outro, ou dito de outro modo, a considerar o bem comum como um projeto de existência. Essa preocupação com o coletivo e o reconhecimento que Maritain já usufruía da sociedade fez com que ele integrasse a equipe que elaborou a Declaração Universal de Direitos Humanos na Organização das Nações Unidas (ONU). A sua influência na redação da Declaração teve tamanha importância que permaneceu até os dias de hoje. Com efeito, o filósofo defendia a preservação da liberdade de cada indivíduo, de poder escolher o lugar em que quer pertencer, assim como a religião que almeja seguir, para a defesa de uma verdadeira democracia. No livro Rumos da Educação (1968), Jacques Maritain indica a conquista da liberdade interior, por meio do conhecimento, da sabedoria, da boa vontade e do amor como princípios essenciais da

Em relação aos autores mencionados anteriormente, nosso entendimento é que como essa relação estava disponível em relatórios F.F.C.L.S.T.A (1951 e 1953) com título de “obras disponíveis na biblioteca da Fista”, é provável que os referidos materiais eram utilizados pelos alunos da instituição. Além dos pensadores mencionados, foram identificados alguns livros com os respectivos autores. Descrevemos abaixo essas informações.

Pedagogia Experimental - Ernesto Neumman; Educação Funcional - Claparède; Vida e Educação - John Dewey; A crise do Adolescente - Alceu Amoroso Lima e Pe Alvaro Negromote, Mons. Helder Camara, A Piquet Carneiro; Pedagogos y Pedagogia del Catolicismo - De Hovre; Vida e Educação e The Schol and Society de John Dewey; História da Educação - Paul Moroe; Subsídios para a História da Educação Brasileira - M. de Ed. E S. (Ministério da Educação e Saúde); Educação Intelectual, Moral e Física - Herbert Spencer; Escola Nova - Lourenço Filho; El alma del educador - Kerschensteiner; Inquérito Educação Emílio J.J de Rousseau; As instituições católicas - Revmo. Monsenhor Geoge Johnson; Escolas maternais e jardins dos E.E.UU - Winifred E. Bain; Revista Brasileira de estudos pedagógicos (9 volumes) – Instituto nacional; Revista de Ensino – Secretaria da educação; Introdução à pedagogia moderna – Theobaldo Miranda; Subsídios para a história da educação brasileira – Ministério da Educação; Jornada de Educação – Ministério da Educação; Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos – Instituto Nacional; As Universidades do Mundo Futuro – Fernando Azevedo; Grandes Educadores – Vários autores; Rumos à Educação, Princípios de uma Política Humanista, Cristianismo e democracia de Jacques Maritain¹⁸⁶. (RELATÓRIOS F.F.C.L.S.T.A, 1951-1953).

educação. Portanto, a autonomia, como liberdade, é uma das mais importantes aspirações do indivíduo. O próximo passo na educação deve ser a preocupação e o cuidado em preparar a criança para desempenhar seu papel na sociedade”.

¹⁸⁶ Cabe destacar que mantivemos a escrita conforme consta nos relatórios analisados disponíveis no Setor de Controle Curricular da Uniube. Não foi possível verificar as edições desses livros, uma vez que na referida relação não constavam outras informações a respeito. Outro ponto a salientar é que Jacques Maritain foi um autor estudado por Monsenhor Juvenal Arduini - professor de Filosofia e História da Filosofia. Desta forma, o referido docente publicou livros e artigos sobre o pensamento de Maritain. De acordo com Santos (2020), Monsenhor Juvenal Arduini escreveu sobre Maritain e cita o livro “Jacques Maritain”, publicado em 1946 pela Editora Agir (Rio de Janeiro) artigos, como por exemplo, “Atualidade de Maritain” (1946) que foi apresentado pela revista *A Ordem* (Rio de Janeiro), bem como “Novo Livro de Jacques Maritain” (1967) pelo *Correio Católico* (SANTOS, 2020). Ainda sobre Jacques Maritain, o autor Silveira (2010, p. 141-142) explica que nos anos de 1959 e 1960, entre os jovens cristãos, constatava-se a carência de um instrumental filosófico que sustentasse a proposta de um compromisso concreto com a realidade brasileira. [...] Em Maritain, os argumentos para tal mudança significavam a hora de “recristianizar”, momento de urgência para uma “nova cristandade”. Segundo Silveira (2010), Maritain apresenta um “ideal histórico concreto” que não se referia a um “ser de razão”, e sim, a uma essência ideal realizável (dentro das dificuldades de imperfeições); não era uma obra feita, mas em permanente confecção; uma “essência capaz de existência”, inserida num dado clima histórico, correspondendo, por consequência, a um “máximo relativo” (ao clima histórico) de perfeição social e política, no qual tudo implica, em uma ordem efetiva, a existência concreta. Maritain afirma não desconhecer a importância do papel histórico das utopias e, em especial, a fase chamada utópica do socialismo em seu desenvolvimento ulterior. Mas pensa que o “ideal histórico concreto e um justo uso dessa noção permitiriam, a uma filosofia cristã da cultura, preparar realizações temporais futuras dispensando-a de passar por uma tal fase e de recorrer a qualquer utopia” (SILVEIRA, 2010, p. 42).

Cabe destacar que, de 1953 a 1980, alguns nomes de autores anteriormente citados apareceram dispersados nos programas do ensino de História da Educação. Chamou-nos atenção a forma como alguns pensadores eram descritos na estrutura dos programas da referida disciplina, dentre os quais Rousseau e outros pensadores defensores da pedagogia cristã, tais como Dupanloup. Em programas de Ensino da História da Educação compreendidos entre 1967 e 1970, inferimos similaridade da descrição com a obra de Theobaldo Miranda Santos - “Noções de História da Educação”¹⁸⁷.

Reportando à estrutura dos programas prescritos no ensino de História da Educação, verificamos que houve referências a Rousseau e a intercalação de autores da Escola Nova como Dewey, Kerschensteiner e Montessori. Os pensadores que eram antagonistas à concepção dos escolanovistas também foram citados tais como Dupanloup, Newman, Spalding, Foerster. Além desses autores, chamou-nos atenção na relação de livros da Biblioteca da Fista a obra De Hovre¹⁸⁸. Este pensador foi mencionado em manuais disciplinares de concepção católica, como o Noções de História da Educação de Theobaldo Miranda Santos e Pequena História da Educação de Ruy de Ayres Bello.

Desta maneira, apresentamos como proposição que, entre os anos de 1951 a 1960, a disciplina foi apresentada de maneira tradicional e conservadora, atendendo principalmente aos princípios católicos da instituição. Entre os anos de 1960 a 1970, o programa de História da Educação apresenta “sinais” de inserção de autores da Escola Nova mesmo que, ainda, outros de pensamento da pedagogia cristã estivessem permeando os referidos planos de ensino. Entre

¹⁸⁷ De acordo com Silva (2014, p. 69), o manual Noções de História da Educação possuiu 14 edições entre 1945 e 1971.

¹⁸⁸ De acordo com Silva (2014), Franz de Hovre era doutor em Filosofia e professor de Pedagogia em Gante - Bruxelas e Antuérpia. Franz de Hovre (1884-1958) foi um dos intelectuais católicos mais mencionados entre os estruturadores de uma pedagogia filosófica de teor católico e sob as diretrizes da *Encíclica Divini magistri* do Papa Pio XI a respeito da educação cristã da juventude. Cabe destacar que De Hovre nasceu em Audegem – Bélgica e realizou estudos eclesiásticos no Instituto Superior de Filosofia da Universidade Católica de Lovaina. A tese defendida por De Hovre tratava sobre Herbart e Willmann e teve a orientação do cardeal Mercier (este foi resistente patriota ao governo militar alemão que durante o período de 1914-1918 que pretendia ocupar a Bélgica). De Hovre ressaltava a relação entre filosofia e pedagogia como essência da pedagogia católica. Desta forma, Silva (2014, p. 51) explica que “Por ser dotada de valor universal, a pedagogia católica seria superior aos diversos sistemas pedagógicos parciais e unilaterais modernos. A superioridade e a universalidade da pedagogia católica consistiam na conexão orgânica com o catolicismo, daí ser uma doutrina de vida, pois estava em contato direto com a condição existencial da humanidade e os valores sobre-humanos e sobrenaturais”. Outro autor que possui afinidade com De Hovre é Jacques Maritain. De acordo com Silva (2014, p. 51) Maritain ressalta a obra de De Hovre como “grande movimento de restauração moderna da *filosofia perennis*. Ainda sobre os autores estudados por De Hovre, Silva (2014, p. 53) salienta Willmann e Foerster que respectivamente concebiam: “o primeiro era cultor do pensamento cristão nas obras de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino; o segundo, cultor de uma cosmovisão católica”. Ainda segundo Silva (2014, p. 54) “Para Franz de Hovre, a concepção católica de vida e mundo, a existência de Deus e a imortalidade da alma seriam as fontes da superioridade da pedagogia católica. Daí a preocupação do autor em elaborar no plano geral e nos detalhes uma pedagogia católica que firmasse claramente suas finalidades teóricas, seus valores transcedentais, seus métodos e processos de ensino”.

1971 a 1980, existem menções da Pedagogia Existencial em que movimentos sociais e a Teologia da Libertação possuem contornos no ensino de História da Educação¹⁸⁹.

5.2 Os dispositivos pedagógicos referendados no ensino História da Educação

O ensino de História da Educação foi apresentado aos discentes a partir de aulas expositivas, atividades como seminários, leituras e estudo de determinados autores, como Theobaldo Miranda Santos¹⁹⁰. Cabe destacar que existiam avaliações para verificação do conteúdo assimilado.

¹⁸⁹ Conforme explica Souza (2019, p.178-183), “Muitos pensadores e militantes católicos brasileiros, após os abalos da Segunda Guerra Mundial, procuraram estar atentos ao pensamento católico francês e associar as suas estratégias de transformação social nos campos escolar, político, econômico, sindical e teológico e em outros espaços e campos de poder. Muitos foram até mesmo ao continente europeu e se enfronharam em experiências de trabalhos, estudo, cooperação e vivências sociais. Foram pensadores, estudantes de teologia, políticos, sindicalistas, padres, professores e operários que, ao desembarcarem em França, Bélgica, Itália e Alemanha, consumiram, ressignificaram e possibilitaram a circulação de um pensamento e de uma pátria social que serviu para constituir um novo paradigma de ação política-social no Brasil a partir dos processos de mudança político-econômica que ocorreram a partir de 1945. A Democracia Cristã, ou a nova democracia, foi de fato, um dado novo no sistema de forças políticas e no processo de constituição e fortalecimento de uma militância católica e no processo de constituição e fortalecimento de uma militância católica enquanto movimento social e político do pós-guerra. Esses militantes católicos foram porta-vozes de uma causa que se expôs e se constituiu por opção mais prática que teórica, mas que não saíram vencedores. A voragem industrialista dos anos de 1970, acompanhada de sua crise; a resposta tardia do Concílio Vaticano II ou mesmo seu recuo discursivo ao modelo de desenvolvimento econômico que vinha sendo gestado por esse grupo; e os golpes militares latino-americanos, incluindo o brasileiro, vieram a desarticular esses agentes, suas redes, sua Teologia e seu *ethos*. A história desses militantes em suas relações de poder é a história daqueles sujeitos saídos do catolicismo mais tradicional que descobriram os limites e os impasses do seu momento sócio-religioso e refutaram a aceita-lo. Eram os nascidos sob a égide de um catolicismo antimodernista, assistencialista, preso às relações de subserviência ao Vaticano e seu processo de romanização. Mas eram os mesmos que sentiram os ares da renovação teológica dos anos de 1920, o nascimento dos movimentos da Ação Católica especializada (JEC, JUC, JOC) e as experiências da democracia cristã europeia e da sua relação com o mundo moderno e o catolicismo social francês”. Para compreender esse movimento que acontecia no catolicismo brasileiro Souza (2019, p.184) salienta que “Afinal, esses militantes católicos recusavam a herança liberal do mundo moderno e eram absolutamente institucionais. Eram saídos dos bancos universitários, de uma elite empresarial, de sindicatos rurais e de operários, de escolas católicas, de partidos políticos e da hierarquia católica. Eram protagonistas “convertidos” de um novo mundo que se abria à sua frente e se alinhavam no campo católico ao pensamento democrata cristão constituído na Europa e na América Latina. A matriz de um discurso católico francês e a vivência em França foram de grande influência, marcadamente para aqueles militantes do movimento Economia e Humanismo, fundado pelo padre Louis-Joseph Lebret, da ordem religiosa dominicana”. Dentre os nomes apontados pelo referido autor e que compuseram toda essa ambiência cultural, social e política destacam-se: intelectuais como Alceu Amoroso Lima; Antônio Queiroz Filho, Álvaro Vieira Pinto, Alberto Guerreiro Ramos; educadores, como por exemplo, Germano Coelho, Paulo Freire “em sua relação com o humanismo integral do católico francês Jacques Maritain e Emmanuel Mounier”, assim como religiosos Dom Hélder Câmara, Dom Jorge Marcos de Oliveira, Dom Antônio Fragoso, Frei Romeo Dale. Para maiores informações a respeito recomendamos Souza (2019).

¹⁹⁰ Conforme explica Roballo (2007), Theobaldo Santos (1904-1971) diplomou-se em Odontologia e Farmácia no Colégio Grambery, de Juiz de Fora (fundado em 1889), instituição de iniciativa metodista que utilizava pedagogia e métodos americanos de ensino. Iniciou a carreira de magistério na Escola Normal de Manhuaçu, em Minas Gerais. Após algum tempo, retornou à cidade de Campos (sua cidade natal), lugar onde

A respeito do autor, trata-se de um escritor católico que durante várias décadas constituiu-se como referencial para formação de professores. Desta forma, o autor obteve espaço significativo mesmo quando o movimento escolanovista era uma realidade para a educação brasileira¹⁹¹.

Assim, entendemos que nos programas prescritos de História da Educação que pesquisamos, temos presença dessa “adaptação dos conhecimentos científicos aos fins filosóficos”¹⁹². Neste sentido, autores da pedagogia católica disputariam espaços com outros de definições científica e colaboradores do pensamento escolanovista.

Rousseau adquiriu destaque nos programas de História da Educação da Festa. Mas, cabe salientar que isto ocorreu, juntamente com outros educadores que eram da pedagogia católica. Para melhor entendimento da proposição aventada, buscamos compreender como Rousseau que, entendia a liberdade como importante para o homem viver em sociedade e a consolidava à ação política como propulsora da atuação no meio social poderia permear junto aos pensadores da pedagogia cristã.

tornou diretor do Liceu de Humanidades. Nesta instituição foi professor das disciplinas de Física, Química e História Natural. Também no colégio Senhora Auxiliadora foi professor de História da Civilização. Na escola Superior de Agricultura e Veterinária tornou-se catedrático de História Natural e na Faculdade de Farmácia e Odontologia de Campos, foi catedrático de Ortodontina e de Odontopediatria. No ano de 1938, quando transferiu-se para cidade Niterói (então capital do Estado do Rio de Janeiro), recebeu convite do Secretário da Educação para assumir a disciplina de História Natural no Instituto de Educação. Foi professor posteriormente da cátedra de Prática de Ensino na Universidade do Distrito Federal, no Colégio Notre-Dame de Sion e no Instituto Católico de Estudos Superiores. Em 1942, ocupou o cargo de Diretor Geral do Departamento de Educação Primária e assumiu a disciplina de Filosofia e História da Educação da Pontifícia Universidade Católica e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Úrsula. Em 1944, após ser classificado em primeiro lugar, assumiu a cátedra de Filosofia da Educação do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Em cargo interino, assumiu por duas vezes a função de Secretário Geral de Educação e Cultura da Prefeitura do Rio de Janeiro e também foi diretor do Departamento de Difusão Cultural. Cabe salientar que Theobaldo Santos era polígrafo (falava inglês, espanhol e alemão). Theobaldo Santos ocupou diversos cargos na esfera pública e educacional, sendo Diretor do Ginásio e da Escola Normal Oficial da cidade de Campos, Diretor do Departamento Técnico-Profissional da Prefeitura do Distrito Federal, Diretor do Departamento da Educação Primária do Distrito Federal. Foi Membro da Comissão Técnica do Estado do Rio de Janeiro e Membro oficial do Estado na Convenção Educacional Fluminense. No Instituto de Educação da Universidade Católica, foi professor de Filosofia da Educação e, na Escola de Serviço Social ocupou o cargo de professor de Pedagogia e Psicotécnica. Como escritor, iniciou nos finais de 1930, tendo como produção artigos para jornais (neste momento, atuou como monitor Campista) e revista como *A Ordem* (revista oficial do grupo católico). No ano de 1932, publicou o artigo *Escola Nova e a realidade brasileira* demonstrando suas preocupações com a implantação do ensino técnico e profissional no país. O primeiro livro foi *A criança, o sonho e os contos de fada* (s/d), e posteriormente publicou a *Coleção Criança Brasileira e o Brasil – Minha Pátria*, que destacava as virtudes morais e cívicas, bem como o culto aos heróis nacionais. Destacou-se pela publicação de diversas obras pela Companhia Editora Nacional. Foram aproximadamente 150 obras sobre literatura infantil, psicologia, pedagogia, sociologia, filosofia, ensino primário, ensino secundário, curso normal e superior.

¹⁹¹ Silva (2014, p. 26) explica que a obra de Santos possui uma característica que deve ser ressaltada como “um exemplo da reunião, da compilação de diversos autores que, sendo reconstituídos ou absorvidos no interior de seu próprio discurso, revelam teses de uma pedagogia cristã, mas que também mostram a busca intensa pelos conhecimentos ditos “modernos”. Neste sentido, acreditava que a educação era o meio para integrar e reformar a sociedade, através da adaptação dos conhecimentos científicos aos fins filosóficos”.

¹⁹² Esta expressão foi utilizada por Santos (2014, p. 26).

Ademais, Rousseau entendia o homem como um ser social que, com a liberdade de ação, atuaria e transformaria a sociedade. A vontade da maioria seria, portanto, o atendimento à coletividade, respeitando assim a individualidade de todos os membros da sociedade¹⁹³. Rousseau, utiliza a obra “Emílio” como forma de realizar reflexões sobre a sociedade em que vivia e a partir disso divergir das situações daquele contexto social, cultural e político¹⁹⁴.

Isto difere da concepção da pedagogia cristã que defende a necessidade de moldar a natureza do indivíduo, uma vez que este precisa ser imbuído de valores para conduzi-lo às boas ações, a partir de um aspecto transcendental como norteador da vida humana¹⁹⁵.

Neste sentido, analisamos os possíveis movimentos que ocorreram no percurso dos programas prescritos de História da Educação e a possibilidade de depreender que algumas temáticas evidenciam esses apontamentos.

Ressalta-se, o contido espaço dedicado à história da educação brasileira. A partir dessas observações apresentamos o Quadro 13, com as grandes temáticas que permearam o programa de História da Educação no Curso de Pedagogia da Fista, entre 1951 e 1959.

¹⁹³ Severino (2006, p.625-626) explica que “Sem dúvida, pode-se afirmar com segurança que o Iluminismo, como amplo movimento cultural e filosófico que aconteceu na Europa na era moderna, ao instaurar sua proposta pedagógica, retoma as ideias da natureza humana, da autonomia racional e moral do indivíduo e da perfectibilidade humana. No entanto, por outro lado, essas categorias têm seu sentido profundamente modificado. Marcado pela longa, lenta e sofrida constituição da moderna sociedade burguesa e mercantil, que vai se distanciando cada vez mais do mundo feudal e cristão, o pensamento iluminista se instaura sob o crescente impacto da formação dos estados como entidades políticas autônomas. A consciência ética se confronta agora com a realidade da vida política que não é mais mera circunstância na existência dos indivíduos, mas, ao contrário, é uma forte e densa realidade autônoma, ditando e impondo regras e leis. Agora, a legitimação da existência não se sustenta apenas na conformação à lei interior do espírito, mas também necessariamente num acordo com a lei exterior estabelecida, automaticamente, pela sociedade. É preciso doravante considerar também os dispositivos do contrato social. E essa sociedade determinante não se apresenta como entidade aprioristicamente definida, mas como processo histórico real a ser empiricamente abordado e esquadrinhado”.

¹⁹⁴ Gatti Júnior (2014, p. 480) salienta que a obra Emílio “Não se tratava de uma proposta de fato, mas sim, por meio da elaboração de uma ficção, de uma crítica que poderia animar pensamentos que pudessem fomentar a ação, na direção da mudança dos fundamentos da vida em sociedade. Neste caso, o principal ponto de Rousseau residia na ideia de que a vontade de todos deveria predominar no processo de elaboração de regras da vida em sociedade, para o que apenas leis ratificadas por todos deveriam ser a forma de exercício da liberdade, pois a lei que se prescreveria para si mesmo seria, então, liberdade”. Enfatiza que, “Ainda que a sociedade ideal não se encontre em parte alguma, Rousseau a tipifica, a idealiza, como imaginou a educação do Emílio. Seus antecedentes históricos mais palpáveis poderiam ser encontrados nos melhores momentos da Roma Republicana, mas Rousseau tem consciência que o tempo não retroage e que não se poderia permanecer apenas na análise dos fatos, dado o caráter estático e imóvel dos mesmos” (GATTI JÚNIOR, 2014, p. 480).

¹⁹⁵ Para depreender a relação intrínseca da educação com a formação política do homem, Severino (2006, p. 625 - 626) salienta que “Recusando o modo metafísico de pensar, a filosofia moderna opõe-se também à ética essencialmente da vida puramente interior”. O autor ressalta que “Desse modo, na modernidade, o critério fundamental da educação, o aspecto que recebe maior ênfase na formação humana, é aquele da formação política, a formação do cidadão, entendida esta à luz de seus pressupostos antropológicos e epistemológicos do racionalismo naturalista”. Para maiores informações recomenda-se a leitura Severino (2006).

QUADRO - 13 Grandes Temáticas descritas nos Programas de História da Educação¹⁹⁶ entre 1951 e 1959.

<p>A Educação Antiga</p> <ul style="list-style-type: none"> - História dos povos primitivos - História da Educação da Índia - História da Educação entre os Hebreus - História da Educação Oriental - História da Educação Egípcia - A Educação de S. João Batista de la Salle - Comparação entre Pedagogia Jansenista e de S. João Batista de la Salle. -Comparação entre Pedagogia Rousseauiana e de S. João Batista de la Salle (grifo nosso) - Pedagogia lockeana e Kantiana - A Pedagogia de Santo Tomás de Aquino - A educação da mulher na Idade Média - A Igreja e a Cultura - Carlos Magno e a Cultura - As Escolas Medievais 	<p>- A educação familiar na Antiguidade</p> <ul style="list-style-type: none"> - A Educação clássica humanista - Educação Romana - A educação cristã-Mundo pagão e mundo cristão - Educação Realista – Bacon e sua influência a educação - A Educação de S. João Batista de la Salle - Comparação entre Pedagogia Jansenista e de S. João Batista de la Salle. - Século XVII e primeira metade do século XVIII. De Comenius a Rousseau - As escolas psicológicas do século XIX - Herbert – Escolas psicológicas: William James <p>- Educação no Brasil durante o período colonial e o período monárquico</p> <p>- Educação no Brasil – período republicano e período posterior no movimento revolucionário de 1930.</p> <p>- Educação no Brasil. Lei Orgânica do Ensino secundário. Decreto-lei nº 4244 de 19 de abril de 1942. Reforma e responsabilizações do Ministro Gustavo Capanema (grifo nosso)</p>	<p>Educação Medieval</p> <ul style="list-style-type: none"> - As escolas da Idade Média - A Educação Feudal -A Educação Monástica - A Educação no Século XVI - A Educação Reformista - A Família - A Educação da Mulher - O matrimônio - O divórcio - De Magistro <p>- Pedagogia católica (grifo nosso)</p> <p>- O educador cristão (grifo nosso)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os educadores e escritores medievais - Educação reformista e contra-reformista <p>- Influência de Rousseau e Condorcet.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Escolas Pedagógicas do século XIX - Educação da antiguidade e educação moderna - J. Stuart Mill - Spencer - Basedow - A educação cristã no século XIX - A educação católica no século XIX (grifo nosso) - Pestalozzi - Alexandre Bain - J. Dewey - Mann e seus adeptos - Montessori e a educação ativa 	<p>- As Ordens Religiosas e a educação no século XVI</p> <ul style="list-style-type: none"> - A educação e o Concílio Tridentino - A educação jansenista - O Convento de Port-Royal e sua projeção no sector educacional. - Educação Realista - Educação Iluminista - Educação Disciplinar -Educação científica. Incremento do ensino das ciências naturais e a reação anti-metafísica do século XIX. Herbart, Spencer e o evolucionismo. - A educação cristã-Mundo pagão e mundo cristão - Principais Educadores da época Patrística - Educação Monástica - A Escolástica - Educadores Escolásticos - A Educação Feudal - Educação realista. Comênia - Educação naturalista – caracteres gerais - Rousseau e sua influência pedagógica (grifo nosso) - Desenvolvimento científico no século XIX e sua influência na educação - O positivismo. Augusto Comte <p>- Estudo das obras clássicas na Grecia antiga</p> <ul style="list-style-type: none"> - Homero nas escolas da Grecia - O efebo - A Educação clássica humanista - Educação Romana
	<p>- A educação socialista. Caracteres gerais. Jorge Kerscheinstiner e a teoria da escola nova</p> <p>- Evolucionismo na Educação no Brasil</p>	<p>- Rousseau e a “Educação Moderna” (grifo nosso)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Princípios funestos, introduzidos pela Revolução, no domínio educacional 	

Fonte: Elaborado a partir dos dados constantes nos Relatórios F.F.C.L.S.T.A entre 1951 e 1959.

¹⁹⁶ Manteve-se a escrita conforme descrito nos programas de História da Educação – Relatórios F.F.C.L.S.T.A (1951 a 1959).

As informações contidas nos programas prescritos do ensino de História da Educação, no período de 1951 a 1959, evidenciam que as temáticas elencadas possuem fatos lineares e cronológicos, divididas em: Antiguidade, Medieval e Modernidade. Princípios da pedagogia cristã estavam prescritos com maior ênfase sobre outros de concepções progressistas.

A História da Educação no Brasil aparece como um apêndice, sendo apresentada de forma contida e limitada a determinados períodos como o Colonial e o Imperial. Entretanto, a República aparece dispersa no plano de ensino. No contexto republicano, destaca-se pontualmente o detalhamento em que Getúlio Vargas estava no poder e o nome de Gustavo Capanema, que também foi citado.

Ademais, cabe ressaltar o quanto o autor Rousseau foi mencionado ao longo do percurso dos programas de História da Educação. A partir da temática destacada em negrito no Quadro 13, **Rousseau e a “Educação Moderna” - Princípios funestos, introduzidos pela Revolução, no domínio educacional**, inferimos que, as ideias educacionais, assim como a concepção de formação de homem defendida pelo autor não eram condizentes, naquele contexto, com as idealizadas no programa do ensino de História da Educação da instituição. Assim, a liberdade que Rousseau concebia à ação humana e que possibilitaria atuação política não correspondiam ao entendimento que a Pedagogia Cristã possuía para o processo educacional do homem. Poderíamos até enfatizar que a vontade geral defendida por Rousseau, a qual colaboraria para as transformações socioculturais não só no âmbito educacional, mas também, da sociedade, foi um argumento que divergiu do pensamento dos educadores cristãos.

Cabe destacar que existiam atividades que eram realizadas nas aulas de História da Educação que colaboravam para a compreensão de certos conteúdos e seus respectivos pensadores. O Quadro 14 pode colaborar para depreendermos essas atividades com assimilação dos educadores estudados.

QUADRO 14 - Atividades realizadas entre 1951 e 1959 – Programa de História da Educação¹⁹⁷

- Curso de Pedagogia da Fista

- Aula dada pela Aluna Zilda Tomás	- Froebel aula prática dada pela aluna Paulita Vasconcelos	- Seminário “Pontos de contacto dos vários tipos de educação na antiguidade”	- Aula prática - Educação Persa
Locke	- Pestalozzi aula prática dada pela aluna Dirce Vieira Coelho	- Seminario	- Aula prática “Educação Arcaica”
Kant	- Herbart aula prática dada pela aluna Vilma Silveira Vaula	Educação grega - modelo perfeito de educação	Pontos selecionados
Rousseau	- Kant aula prática dada pela aluna Zilda Tomás de Souza	-Seminario - Educação grega educação a ser adotada em todos os Países?	a) Educação romana
- “Emílio”: seu valor real e suposto	- Apresentação de trabalho pessoal: A educação no Brasil	-Trabalhos de pesquisa	b) Questionário
-“Emílio” sua projeção no terreno educacional	Abigail de Souza Campos	-Correção das provas parciais	a) Educação Cristã
-Seminário: “O homem é bom; as instituições que o tornam máu”.		-As diversas educações Orientais. Seminários	b) Questionário
			-Análise das idéias pedagógicas de H. Mann
			- A educação no Brasil
			- Basedow
			-A educação católica no século XIX
			- A educação brasileira no período Regencial
			-Escolas pedagógicas no século XIX

Fonte: Dados coletados nos Relatórios da F.F.C.L.S.T.A entre 1951 e 1959

O Quadro 14 expôs uma compilação das atividades realizadas entre 1951 e 1959. Apresentamos essas informações pois inferirmos que mesmo que constantes em programas prescritos do ensino de História da Educação, poderiam ser também as realizadas em sala de aula. Os exercícios seriam realizados como metodologia para o processo ensino-aprendizagem.

Desta forma, conforme relatou Vasconcelos (2020), entre 1951 e 1953, nas aulas de História da Educação, eram realizadas pesquisas e as alunas também faziam seminários, assim como “aulas práticas” que eram assistidas pelo docente que “depois avaliava” (VASCONCELOS, 2020).

Em consonância com Vasconcelos (2020), Prais (2019), Aveiro (2019), Fabri (2019) e Silva (2019), que foram discentes entre os anos das décadas de 1950 e 1970, mencionaram que aconteciam seminários e pesquisas e que as aulas do ensino de História da Educação eram expositivas. Dentre os recursos utilizados para apresentar os conteúdos, destacamos o Quadro 15.

¹⁹⁷ Manteve-se a grafia constante nos programas constantes aos Relatórios F.F.C.L.S.T.A, 1951 a 1959. Cabe destacar que a partir de 1962, os Relatórios F.F.C.L.S.T.A não apresentaram mais as descrições de atividades do ensino de História da Educação.

QUADRO 15 - Consolidação das atividades e recursos utilizados no ensino de História da Educação no Curso de Pedagogia da Fista, entre 1951 e 1980.

Atividades/materiais realizados entre 1951 e 1959	<ul style="list-style-type: none"> - Seminários - Aulas expositivas - Aulas práticas - Pesquisas - Estudos com consulta aos livros existentes na Biblioteca da Fista - Avaliações com questões dissertativas em que eram avaliadas não só os conteúdos da disciplina de História da Educação, mas também a escrita, gramática e pontuação da língua portuguesa - Leitura de obras clássicas - Theobaldo Miranda Santos - Rousseau - Semana Pedagógica com participação de convidados externos à instituição - Seminários - Aulas expositivas - Aulas práticas - Pesquisas - Mimiógrafo - Folha Almaço
Atividades/materiais realizados entre 1960 a 1970	<ul style="list-style-type: none"> - Teatros (dramatização) - Xerox de textos - Estudos com consulta aos livros existentes na Biblioteca da Fista - Semana Pedagógica com participação de convidados externos à instituição - Avaliação com questões abertas em que o discente deveria responde-las de forma dissertativa. Em alguns momentos existiam questões fechadas, porém com menor frequência. - Avaliações com questões dissertativas em que eram avaliadas não só os conteúdos da disciplina de História da Educação, mas também a escrita, gramática e pontuação da língua portuguesa - Leitura de obras clássicas - Theobaldo Miranda Santos - Rousseau - Seminários - Aulas dialogais - Trabalhos em grupos - Semana Pedagógica - Flip Chart - Folhas Almaço - Pesquisas - John Dewey: Educação e Vida - George Kerchensteiner: Escola do Trabalho - Maria Montessori: Educação para a formação do Homem Consciente - Eduard Claparèd: Centros de Interesses - Comenius: A Didática Magna - Rousseau: Emílio - Theobaldo Miranda Santos - Ruy de Ayres Bello - Questões abertas em que o discente deveria respondê-las de forma dissertativa. Em alguns momentos existiam questões fechadas, porém com menor frequência. - Estudos com consulta aos livros existentes na Biblioteca da Fista - Leitura de obras clássicas - As carteiras foram dispostas em círculos
Atividades/materiais realizados entre 1971 a 1980	

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa

Destaca-se que os seminários eram realizados entre 1951 e 1980. Contudo, é preciso enfatizar que os trabalhos em grupos, assim como aulas dialogais e a disposição das carteiras em círculos, foram metodologias inseridas a partir de 1971.

Reportando-se às entrevistadas, Vasconcelos (2020), Prais (2019), Fabri (2019), Aveiro (2019) e Silva (2019) explicaram que essas atividades permitiam uma consolidação dos conteúdos. Salientaram que, mesmo que para cada disciplina existisse um professor, havia uma articulação entre os ensinos de Filosofia da Educação e História da Educação, o que possibilitava melhor entendimento sobre os pensamentos dos autores estudados nessas disciplinas.

Entre as entrevistadas houve uma convergência quanto às atividades propostas nas aulas do ensino de História da Educação. Mencionaram que os conteúdos eram apresentados de maneira expositiva e utilizava-se livros clássicos, em idioma francês. A leitura dessas obras era uma exigência e, portanto, tornavam-se componentes pedagógicos para a disciplina de História da Educação.

Outra informação que incidiu nos relatos das ex-alunas é que autores como Theobaldo Miranda Santos e Rousseau eram estudados no ensino de História da Educação. Quando analisamos os programas prescritos da referida disciplina, percebemos que enquanto o primeiro autor não foi explicitamente citado, identificamos semelhanças de sua obra *Noções de História da Educação* nos tópicos do referido ensino, entre os anos de 1967 e 1970.

Em relação a Rousseau, as ex-alunas informaram sobre o estudo do autor e Silva (2019), especificamente, mencionou o livro “Emílio”. Cabe enfatizar que Silva (2019) citou que quando foi docente da disciplina História da Educação, usou o manual de autoria de Ruy de Ayres Bello.

Para além desses materiais utilizados podemos mencionar também outras formas de ações pedagógicas realizadas para apreensão dos conteúdos estudados na disciplina História da Educação, os quais serão apresentados a seguir.

5.3 Outros recursos pedagógicos para o Ensino de História da Educação.

Evidenciamos que a atividade “Semana Pedagógica”, realizada pelos diversos cursos da Fista, proporcionava aos alunos um momento de conhecimento e difusão de saber. Em relatórios da instituição identificamos que o curso de Pedagogia também ofertava essas ações às alunas e que eram realizadas palestras proferidas por convidados externos à Fista.

Dentre esses, podemos citar que em 1957 esteve presente na Semana Pedagógica Alceu Amoroso, com o tema “A missão social da Cultura” (RELATÓRIO F.F.C.L.S.T.A, 1957). Em 1974, houve “Encontros Pedagógicos” com Professor Amaro Vieira (RELATÓRIO FISTA, 1974). No ano de 1978, Dra. Eni de Lourdes Pulcinelli Orlandi participou das “Promoções Culturais: Mesa Redonda e debate sobre problemas de Literatura Brasileira com diversos escritores mineiros” e “Orientações de Pesquisa: Técnicas, Métodos e Modelos” (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 1978).

Ainda sobre as atividades que ocorriam na intitulada “Semana Pedagógica”, Silva (2019) ressalta que “Pouco a pouco foi ocorrendo uma maior intensificação de novas atividades. Isto foi aumentando cada vez mais através de filmes, seminário, reciclagem constante com pensadores e educadores com trabalhos e publicações relevantes”. De acordo com Santos (2020, p. 150-163), Eni de Lourdes Pulcinelli Orlandi foi colaboradora da Revista “Série Estudos”, da Fista. Desta forma, entendemos que essa palestrante possuía uma participação relevante nas ações educacionais da Fista.

Em relação ao uso da biblioteca para prática de leituras, pesquisas e estudo de obras clássicas, evidenciamos que este espaço era como um recurso pedagógico. Neste sentido, entendemos que essa estrutura arquitetônica era um *locus* de saber e disseminador de uma cultura adequada para aquele contexto histórico. Assim, a biblioteca torna-se um método para atingir o processo ensino aprendizagem do ensino de História da Educação¹⁹⁸. Desta maneira, conforme informaram Vasconcelos (2020), Prais (2019), Fabri (2019), Aveiro (2019) e Silva (2019), a biblioteca da Fista possuía obras clássicas e a leitura era um componente pedagógico importante para imbuir os discentes de conhecimentos propostos no Ensino de História da Educação.

Salientamos que a partir de 1971, o ensino de História da Educação foi ministrado por Silva (2019), que informou que no respectivo período ocorreram algumas mudanças na maneira de apresentar a disciplina. De acordo com Silva (2019), os autores representantes da Escola Nova foram trabalhados e os livros utilizados foram: Educação e Vida de John Dewey; George Kerchensteiner (Escola do Trabalho); Maria Montessori (Educação para a formação do Homem Consciente); Eduard Claparèd (Centros de Interesses).

¹⁹⁸ Conforme explica Viñao Frago e Escolano (2001, p. 26) “A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos”.

Outros autores como Rui Ayres de Bello e Theobaldo Miranda Santos também foram referendados por Silva (2019). De acordo com Silva (2019), autores do século XIX eram estudados e sem citar as obras dos referidos pensadores, mencionou os que eram abordados no ensino de História da Educação: Pestalozzi, Herbart, Froebel. Salienta Silva (2019) que esses pensadores “fizeram realmente uma consubstanciação de contribuições relevantes para a educação”.

Ainda, de acordo com Silva (2019), os pensadores como “Sócrates, Aristóteles, Cícero, Sêneca, Quintiliano, Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino, Lutero, Michel de Montaigne, Francis Bacon, Descartes, Comenius, Rousseau” também possuíam um lugar no ensino de História da Educação. Ademais, Silva (2019) destacou a importância dos pensadores da Idade Média citando “a relevância de figuras de Santo Tomás de Aquino e Santo Agostinho” (SILVA, 2019).

Para Silva (2019), a Era medieval “foi um período muito sofrido politicamente, ideologicamente deturpando, inclusive o pensamento Cristão - deturpação das ideias de Jesus, entretanto, as contribuições foram muito fortes e importantes”. Silva (2019) mencionou que também utilizou textos de História da Filosofia nas aulas de História da Educação. Isto é relevante, pois Silva (2019) esclareceu que havia “um trabalho conjugado com a História da Filosofia” e detalhou que desta maneira foi possível apreender um “pensamento educacional ao longo dos séculos. Quais os pensadores se revelaram mais marcantes, não mais importantes- porque todos foram importantes, mas alguns deixaram um legado maior que chegou até nossos tempos” (SILVA, 2019).

Essas informações de Silva (2019) permitem refletir sobre os materiais usados no ensino de História da Educação na Fista. Neste sentido, evidencia-se que a gama de autores e pensadores prescritos nos Programas de História da Educação pode possuir relação com alguns referenciados em sala de aula uma vez que, quando se busca nexo entre os relatos de ex-alunas e os documentos disponibilizados para análise da pesquisa, há pontos convergentes. Contudo, considera-se que outras fontes poderiam enriquecer nossa proposição, mas que no momento não encontramos (dentre as quais incluiriam cadernos de atividades e provas, por exemplo).

Em relação aos outros dispositivos que consideramos como materiais para o ensino de História da Educação, ressaltamos a disposição das carteiras em sala de aula e a avaliação dos alunos em trabalho de “grupo”. Silva (2019) mencionou que “As aulas expositivas/dialogais perdem as forças a partir de 1972”. Enfatizou que, “A partir daí passamos a diminuir as aulas expositivas/dialogais e reunir com alunos em círculo. As carteiras não eram mais uma atrás da

outra. Mudou todo o enfoque da aula, mas a seriedade continuava. O aluno era avaliado também em grupo” (SILVA, 2019).

Conforme detalhado por Silva (2019), outras ações foram inseridas na maneira de ensinar a disciplina História da Educação. Salientou que, assim como ela, outros ex-alunos integraram o quadro de docentes da instituição e, em conjunto com os demais professores planejaram cursos de capacitação, como por exemplo, “Dinâmica de Grupo” e “Pedagogia de Projetos” (SILVA, 2019).

Além desses apontamentos, cabe salientar que as grandes temáticas descritas nos programas de ensino da História da Educação, entre 1960 e 1966, ainda, encontramos a prevalência da pedagogia católica. Entretanto, nota-se também autores de perspectiva científica e o detalhamento de tópicos relacionados a Rousseau. Para visualizar essa nossa proposição, o Quadro 16 pode facilitar esse detalhamento.

QUADRO 16 - Temáticas descritas nos Programas de História da Educação¹⁹⁹ entre 1960 e 1966 - Curso de Pedagogia da Fista.

- A educação oriental	- Reação Católica
- A educação hebraica	- A Nova Pedagogia Científica
- A educação persa	- Educação grega
- A educação na antiga Índia	- Universidades
Educação Medieval	- Educação romana
- As escolas da Idade Média	- Educação romana povos primitivos
- A Educação Feudal	- Educação cristã – Introdução
- A Educação Monástica	- Educação cristã – Período apostólico
- Os teóricos da educação na Grécia	- Período patrístico
Sócrates e Platão	- Educadores patrísticos
Platão	- Clemente Orígenes
Aristóteles	- S. Basílio
- Educação Realista	- A Escola Nova
- Educação Filantrópica	
- Educação Humanitária	
- Educação Moral	
- Educação Política	
-Visão panorâmica dos períodos: Idade Media	- Educadores romanos: Catão, Sêneca, Quintiliano, Cícero
-Idade Moderna	
- Idade Contemporânea	- A Educação humanista: Educação cristã reformada
- Estudo especial sobre: - As Universidades	- Educação dos primitivos - Educação Oriental - Educação chinesa - Educação na Grécia Antiga

¹⁹⁹ Manteve-se a escrita dos programas História da Educação, conforme consta nos relatórios F.F.C.L.S.T.A., entre 1960 e 1966.

- Santo Tomás de Aquino
- De Magistro
- A Reforma e a Contra Reforma
- Rousseau

-Naturalismo do século XVIII

Rousseau: vida e obras

Rousseau: o Homem

Rousseau: o pedagogo

Rousseau: doutrina do Estado Natural

Rousseau: Consequencias da doutrina do Estado Natural

Rousseau: Educação física

Rousseau: Educação intelectual

Rousseau: moral

Rousseau: educação religiosa

Juízo final sobre Rousseau (grifo nosso)

- Outros pedagogos da época imperial
 - Fatos políticos e culturais na Idade Média
 - Importância do cristianismo na História da Educação
 - História da Educação Cristã
 - As Universidades Medievais
 - Papel da Bíblia. Teocracia
 - Educação das mulheres
 - “Os padres” - apostólicos e catequistas
 - Padres teólogos Santo Agostinho
 - Educação monacal
 - O Cristo como exemplo de educador Patrístico
- Os sistemas de educação pública no século XX
- Pedagogia do Futuro
 - Educação na época Imperial
 - Quintiliano e o ideal do orador
 - Outros pedagogos da época imperial
 - Idade Média e educação cristocêntrica
 - Educação Cristã

- Roma: Catão, Varrão, Cícero, Quintiliano, Plutarco
- Educação Medieval: características gerais, Escolas cristãs, primitivas. Educação monásticas. Carlos Magno – Escolásticas. Santo Tomás. Educação Cavalheiresca
- Educação Renascentista

-Reforama

- Contra Reforma

Realismo Pedagógico –Comenius

- Descartes e influência
- Pietismo-Jansenismo
- Educação da nobresa – Fenelon – Locke
- Naturalismo pedagógico Rousseau (grifo nosso)**

- Educação Filantrópica Basedow

- Pos-Pestalozzianos

a)Froebel

b) Girald

c) Rosmine e outros

Augusto Comnnte

- Spencer: evolucionismo e pedagogia
- Pedagogia do Positivismo e do Evolucionismo
- a) Comnnte
- b) Herbert Spencer

- Educação na Grecia: Homero
- Conceitos de Educação Século XVIII
- Iluminismo

-Basedow: Filantropismo

- Basedow: Escola filantrópica
- Precursors da Pedagogia da Revolução
- Revolução francesa
- Século XIX – aspectos culturais
- Pedagogas da Revolução
- Neo-Humanismo
- Pestalozzi vida e realizações
- Pestalozzi – intuição
- Educação intelectual
- Formação moral, religiosa e educação técnica
- Romana – pedagogia da “Humanistas”
- Sêneca e a educação moral
- Pedagogia Católica no século XIX
- Dom Bosco
- Spalding
- Pedagogia do Evolucionismo
- Educação Primitiva
- Educação Oriental
- Educação Clássica
- 1- Os gregos
- 2- Os romanos
- A Educação Primitiva cristã
- A Educação no século XVIII
- O Islanismo
- O Naturalismo pedagógico – Rousseau
- Educação Filantrópica Basedow

A tendênciia psicológica na educação

Pestalozzi – Herbart – Froebel

-Pedagogia Experimental: conceito,

-Weber

- Fechner

- Roma: cronologia e instituições

-Origem da educação encíclica

- Educação na época republicana e a pedagogia humanista

- Educação na época imperial

-Quintiliano e o ideal do orador

-Tendências de escolásticas

- Santo Anselmo

-Abelardo

- Alberto Magno

- Santo Tomás de Aquino

- Carlos Magno

- Sentido Cristão

- Época do naturalismo

-Enciclopedistas

-Rousseau e o naturalismo acentuado (grifo nosso)

- Basedow e a Pedagogia Filantrópica

- Pedagogia da Revolução Francesa: Revolução, Império e movimentos Liberais

- Pedagogia Experimental
 - a) Muller
 - b) Helmholtz
 - c) Bessel
 - d) Fechner
 - e) Wundt
 - f) Binet
 - g) Lay
- Pedagogia da Ação
 - Conceitos
 - Características
- Antecedentes da Pedagogia da Ação:
 - a) **Rousseau (grifo nosso)**
 - b) Pestalozzi
 - c) Herbart
 - Willian James e a Filosofia Pragmática
 - John Dewey e o “Ensino pela ação”
 - Willian Kilpatrick
 - Kerchensteiner e a “Escola do Trabalho”
 - Claparèd e a educação Funcional
 - Decroly
 - Montessore
 - Métodos ativos e escolas de Ensino e Reforma
 - Educação no fim do século XVIII e começo do século XIX
 - Herbart e o sistema da Teoria Educativa Pós-pestalozziano
 - Pedagogia católica no século XIX
 - Pedagogia do Positivismo e do Evolucionismo
 - Educação feminina do século XIX e Feminismo
 - Pedagogia Experimental
 - Educação Pública no século XIX
 - Renovação do Naturalismo
 - Pedagogia da Ação (Escola Nova)
 - William James, Dewey, Kilpatrick, Claparèd
 - Métodos ativos e Escolas de ensaio de reforma
 - Pedagogia Experimental
 - Pedagogia Social e Pedagogia Socialista
 - Educação Medieval
 - Educação monástica: Santo Agostinho
 - Carlos Magno e a educação
 - A escolástica – Santo Tomás de Aquino
 - As universidades
 - A educação cavalheiresca
 - A educação urbana
 - Educação renascentista
 - A Reforma e a Contra Reforma
 - O Realismo Pedagógico século XVII
 - Rathe – Comenius- Fenelon- Locke

Fonte: Elaborado a partir dos dados coletados nos Relatórios F.F.C.L.S.T.A, entre 1960 e 1966.

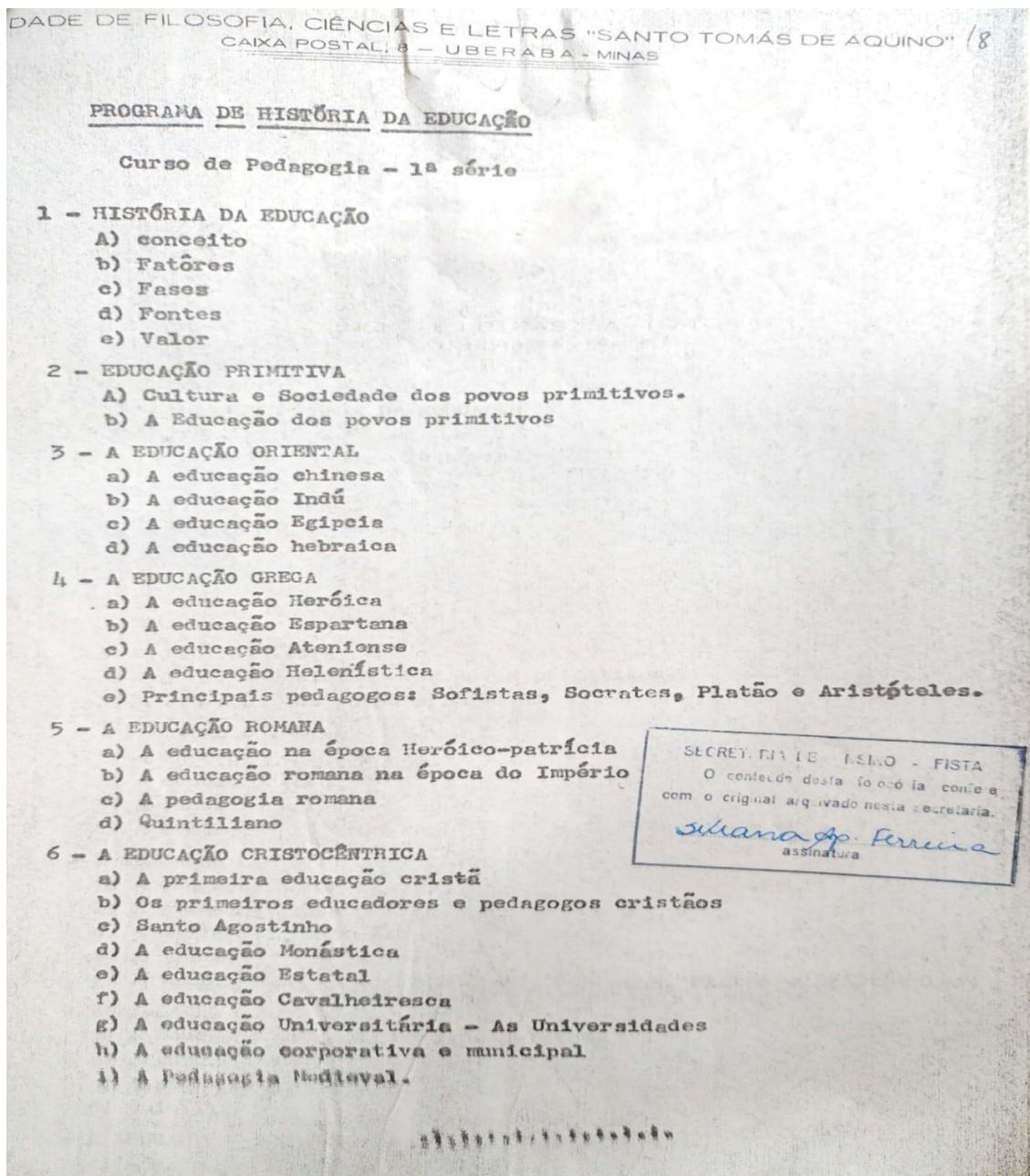
A exposição desse panorama constante no Quadro 16 consta a presença da Escola Nova, dos métodos ativos, a Pedagogia Experimental e seus representantes, assim como “Pedagogia da Ação” e o “Naturalismo Pedagógico”, tendo Rousseau, novamente, um espaço nas temáticas entre 1960 e 1966.

Ressalta-se que, no geral, permaneceu a descrição de uma história em que prevalece os princípios cristãos, ideias de educadores e pensadores do passado, ou seja, uma relação de dependência do presente com o passado. Outro ponto que evidenciamos no Quadro 16 trata-se da temática que aborda a “Reação Católica” e, neste sentido, inferimos que determinados assuntos eram intercalados no programa de História da Educação como forma de elencar divergências entre interesses dos princípios cristãos e liberais.

Entre os anos de 1967 e 1970, evidenciamos que os Programas de História da Educação, no curso de Pedagogia possuíam similaridades com o sumário do manual disciplinar “*Noções de História da Educação*” de Theobaldo Miranda Santos. Quando analisamos os programas de ensino cedidos por Silva (2019), identificamos que os conteúdos eram idênticos entre os dos

anos de 1967 a 1970. Assim, inferimos que a obra de Theobaldo Miranda Santos fez parte do material pedagógico da disciplina de História da Educação. Como Silva (2019) foi docente desse ensino de 1971 a 1980, o autor em referência pode ter sido referendado neste período.

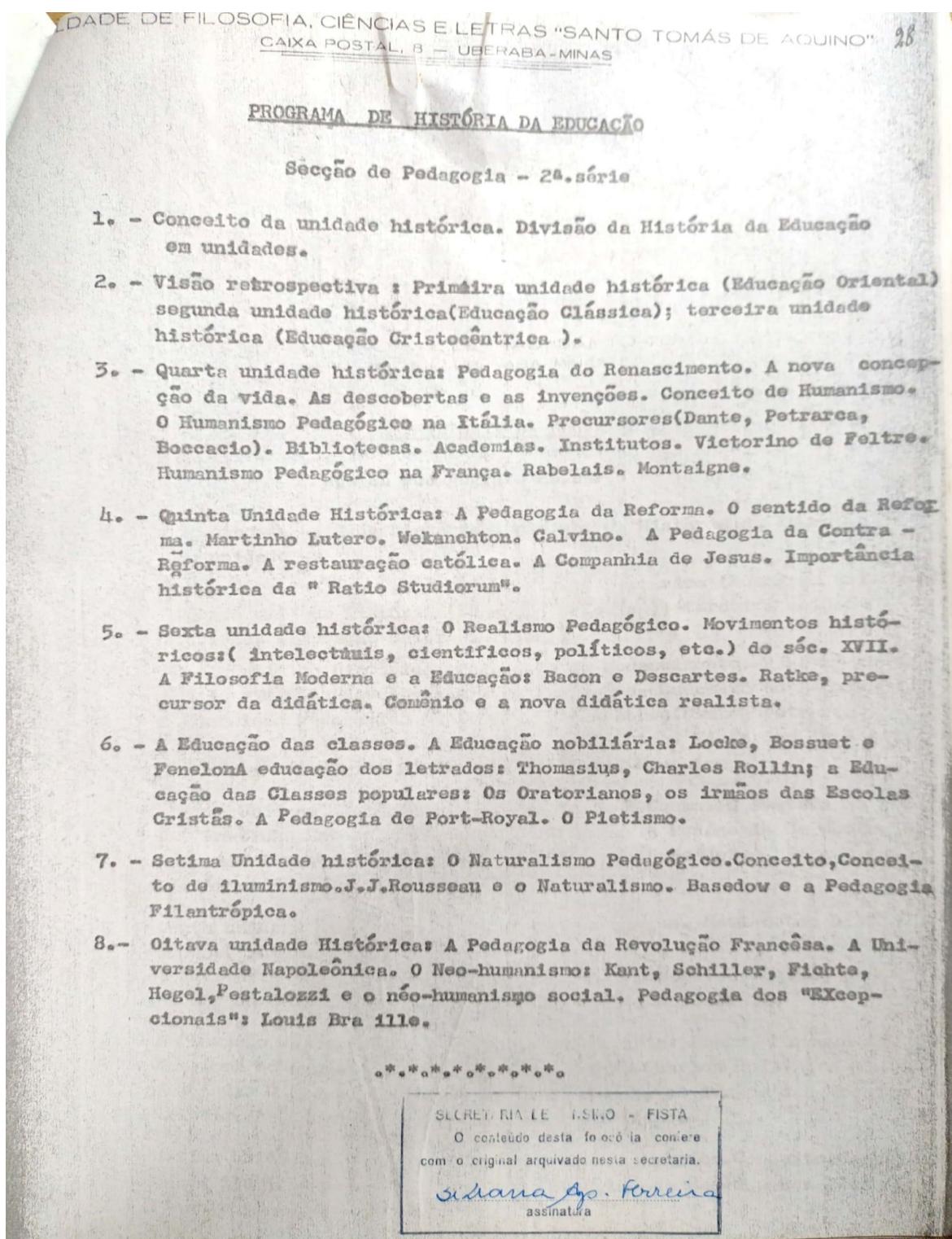
FIGURA 19 - Programa de História da Educação - curso de Pedagogia 1ª Série - s/d²⁰⁰.



Fonte: Arquivo particular de Silva (2019)

²⁰⁰ Salientamos que o referido programa apresenta conteúdos idênticos aos disponibilizados para a 1ª série do Ensino de História da Educação do Curso de Pedagogia, entre os anos de 1967, 1968 e 1970 (RELATÓRIO DA F.F.C.L.S.T.A.).

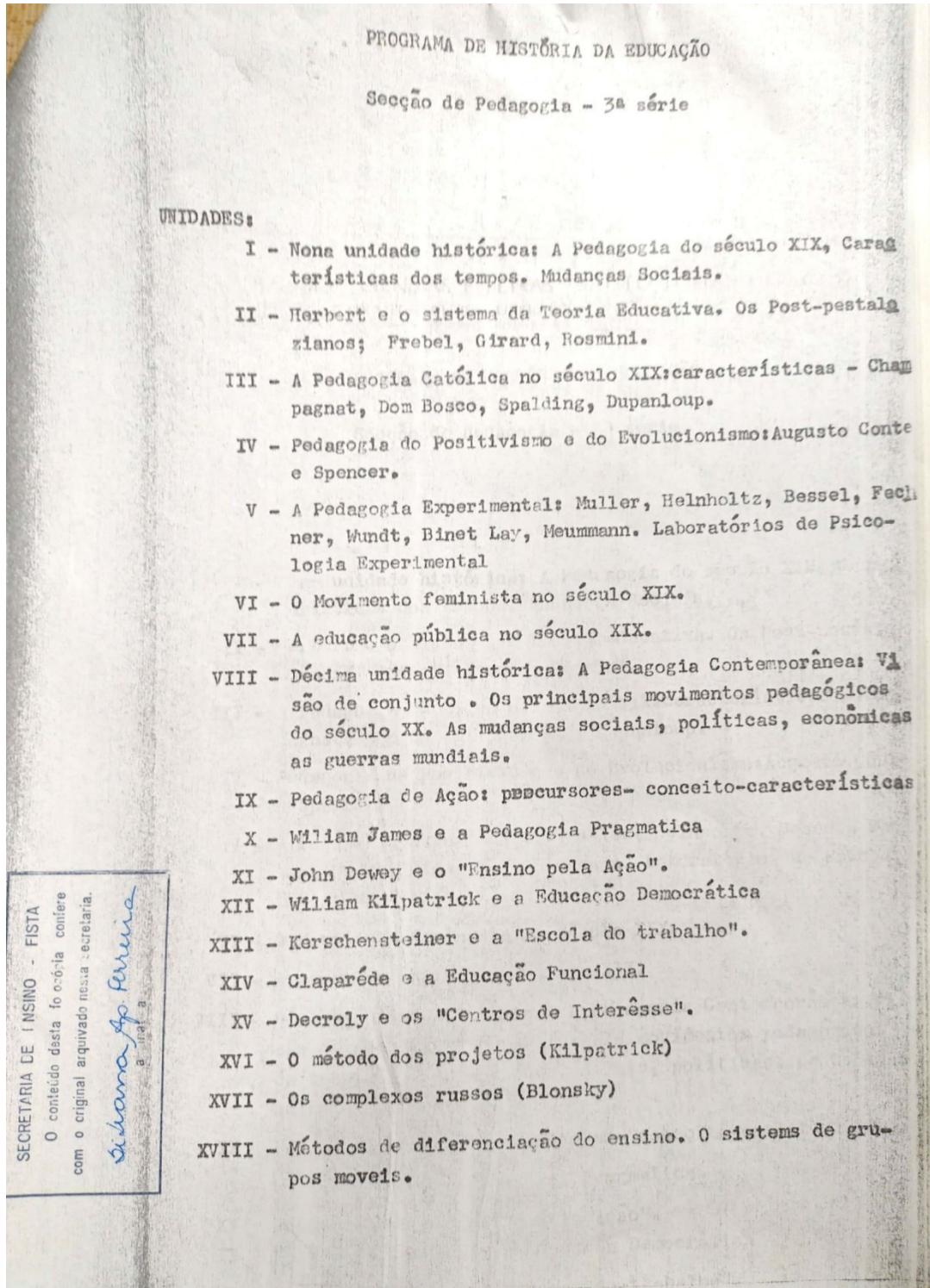
FIGURA 20 - Programa de História da Educação - curso de Pedagogia - 2^a Série²⁰¹



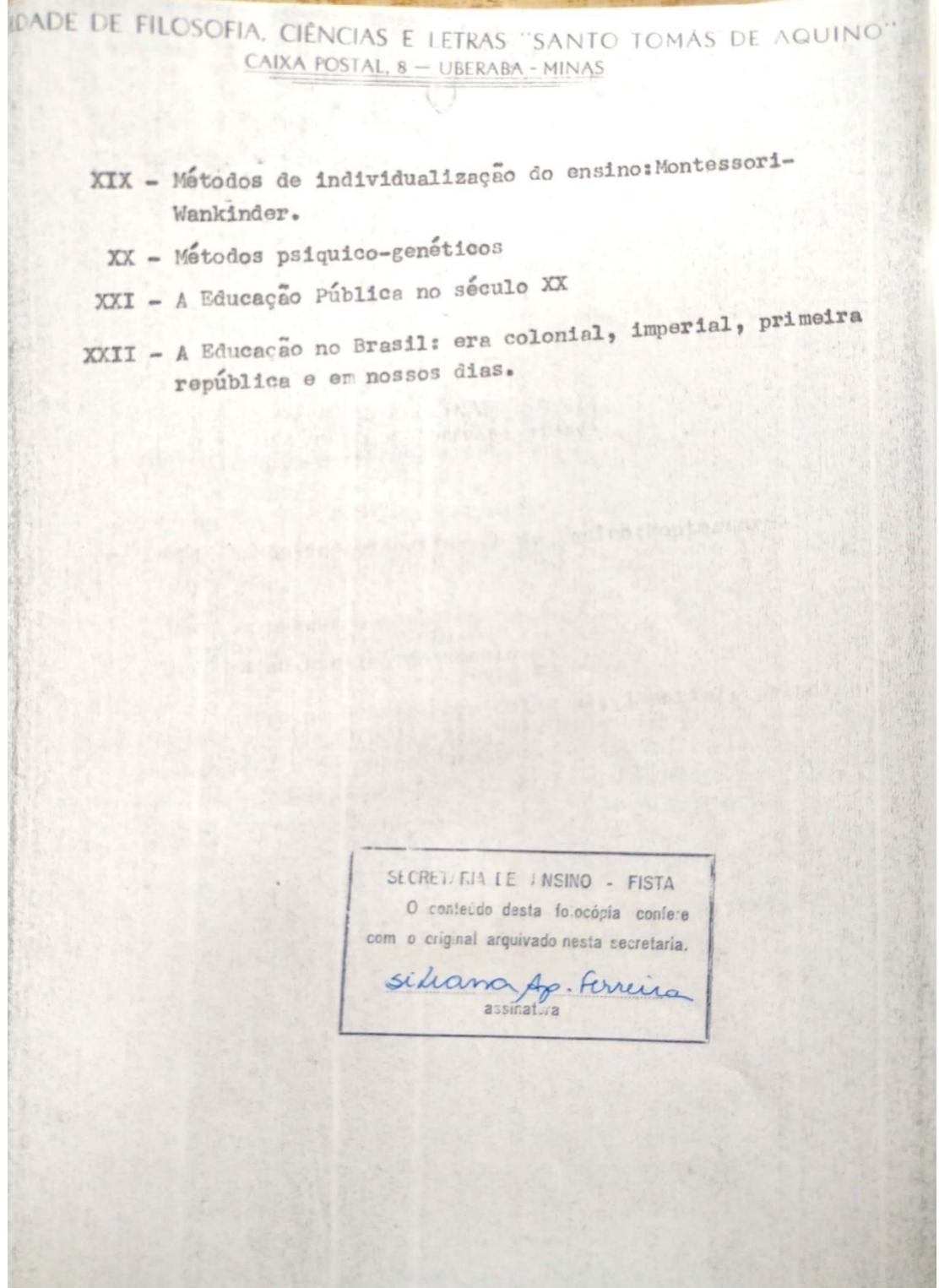
Fonte: Arquivo particular de Silva (2019).

²⁰¹ Salientamos que o referido programa apresenta conteúdos idênticos aos disponibilizados para a 2^a série do Curso de Pedagogia - Ensino de História da Educação, entre os anos de 1967 a 1970 (RELATÓRIO DA F.F.C.L.S.T.A.).

FIGURA 21 - Programa de História da Educação - curso de Pedagogia - 3^a Série s/d²⁰²



²⁰² Salientamos que o referido programa apresenta conteúdos idênticos aos disponibilizados para a 3^a série do Curso de Pedagogia - Ensino de História da Educação, entre os anos de 1967 a 1970 (RELATÓRIO DA F.F.C.L.S.T.A.).



Fonte: Arquivo particular de Silva (2019)

A respeito das Figuras 19 a 21 ressaltamos que, a partir da análise dos programas, evidenciamos que esses conteúdos também foram prescritos para as respectivas séries: 1^a, 2^a e

3^a, nos anos de 1967, 1968, 1969 e 1970²⁰³. Salienta-se que de 1967 a 1970, quem esteve como docente da disciplina História da Educação foi o padre Tomás de Aquino Prata.

A docente Silva (2019) assumiu a disciplina História da Educação na Fista a partir de 1971 e, permaneceu até 1980. Cabe destacar que o Padre Prata assessorou Silva (2019) quando ela assumiu a disciplina História da Educação. A partir desses apontamos inferimos que nos anos em que Silva (2019) foi docente do ensino História da Educação, ela referendou os programas de anos anteriores (1967, 1968 e 1969, 1970). Para compreender as grandes temáticas de 1971 a 1980, apresentamos o Quadro 17.

QUADRO 17 - Grandes Temáticas descritas nos Programas de História da Educação entre 1971 e 1980 - Curso de Pedagogia da Fista

- Da Educação Primitiva do ideal educativo no Oriente	- Nova Pedagogia na América	- História da Educação no Brasil
- Ideal educativo dos povos clássicos	-Métodos Ativos;	- Realismo Humanista
- Educadores gregos: Homero, Sócrates, Platão, Aristóteles	- Psicologia Pedagógica	-Realismo. Uma educação moderna para um mundo moderno
-Educação como treino para a vida prática	- Psicologia Psicanalítica	- Pedagogia do Futuro ou Prospectiva
Cícero, Quintiliano, Sêneca, Textos ²⁰⁴	- Pedagogia Socialista	- Pedagogia Social (Paul Natorp)
-Educação Cristocêntrica	- Pedagogia Existencial	- Tendência científica ou neo-realismo (Augusto Commte; Spencer)
- Educação fundamentada numa posição filosófica teológica (Centro Cristo e princípios morais)	- Cibernética Educacional	-Tendência Eclético Pedagógico do século XX
- Pedagogia da Ação	- Educação e progresso científico	- Maria Montessori e a Educação do Homem Consciente.
- Grandes teóricos da Pedagogia da Ação (William James – Pragmatismo);	- Um momento histórico. A Renascença e os problemas de Reforma e Contra Reforma	
John Dewey e o ensino pela ação;	- Naturalismo	
Kilpatrick;	- Rousseau e o naturalismo	
Kerchernsteiner;		
Claparèd (Educação Funcional);		

Fonte: Elaborado a partir dos Relatórios da F.I.S.T.A, entre 1971 a 1980.

Ressalta-se que entre 1971 e 1980, o ensino de História da Educação apresenta conteúdos de uma história com aspectos científicos, em que alguns autores da Escola Nova aparecem em diferentes tópicos. Novamente, identificamos a referência ao naturalismo de

²⁰³ A partir das análises dos dados constantes nos Relatórios F.F.C.L.S.T.A entre os anos de 1967 e 1970 verificamos que os conteúdos são idênticos aos cedidos por Silva (2019).

²⁰⁴ Manteve a escrita conforme consta no Relatório da F.I.S.T.A, entre 1971 e 1980. Cabe salientar que Silva (2019) mencionou que durante sua atuação enquanto docente utilizou textos de História da Filosofia no ensino de História da Educação.

Rousseau. Destaca-se que a História da Educação no Brasil possui um espaço singelo no ensino de História da Educação. Silva (2014, p. 26) salienta que “a corrente filosófica que melhor combatia o naturalismo filosófico era a neotomista, denominada de *filosofia perennis*”.

Neste sentido, para Silva (2014, p. 26) Theobaldo Miranda Santos considerava essa corrente filosófica como verdade. No Brasil existiam os autores que a representava em seus textos, dentre os quais podemos citar: Leonel Franca, Alexandre Correia, Rui Barbosa de Campos e Alceu Amoroso Lima. A partir dessas alusões de Silva (2014), reportamos à obra de Santos (1945) e apresentamos as explicações sobre o naturalismo.

A concepção naturalista da vida e da educação, embora lance suas raízes no Renascimento e apresente forma filosófica definida, a partir de Bacon e Descartes, somente passou a ser exposta de maneira sistemática no século XIX. Na França, sob o nome de *positivismo*, foi defendida por Augusto Comte, Renan, Claude Bernard, Taine, Littré, Le Dantec. Na Inglaterra, teve como principais representantes Stuart Mill, Darwin e Spencer, tomando com este último a denominação de *evolucionismo*. Na Alemanha, com o nome de *materialismo*, o movimento foi dirigido por Vogt, Büchner, Moleschott e Haeckel. Defendendo o ponto de vista naturalista, todos êsses movimentos consideram a *natureza* como fundamento exclusivo da vida e do universo. Dentro dessa concepção, o homem é, antes de tudo, um produto da natureza através da evolução. O conhecimento da natureza é a única via para o estudo do homem. As ciências naturais são, por conseguinte, a base de toda a cultura e a biologia a ciência fundamental do homem, pois nada existe nele que não seja susceptível de explicação biológica. Para o naturalismo, a vida está sujeita a um determinismo rígido e fatal. E o homem, como tudo o que existe, cresce e se desenvolve de acordo com a lei geral e constante da evolução. Para os naturalistas, a natureza é a grande educadora e o processo educativo é considerado, ora como adaptação ao meio, ora como simples desenvolvimento, ora como preparação para a vida, tomada esta no sentido puramente biológico. Encarada em suas linhas gerais, a obra educativa deve seguir a marcha da evolução humana e a gênese do conhecimento da raça. O ideal da educação é a formação científica. O conhecimento do saber, o desenvolvimento da inteligência pelas ciências naturais, constituem a finalidade primordial de todo trabalho educativo. Êsses princípios naturalistas impregnaram a maioria das correntes pedagógicas do século XIX e, ainda hoje, vamos encontrá-los informando grande número de teorias educacionais. Mas foi justamente no século passado que se iniciou a reação contra as doutrinas naturalistas. E essa reação se fez sentir, não só no campo da especulação filosófica, como no do pensamento científico. No âmbito da

investigação filosófica foi assinalado o êrro fundamental do naturalismo ao se proclamar como única concepção de vida baseada em conclusões *científicas*, como se a ciência não fosse essencialmente *neutra* e pudesse ser naturalista ou espiritualista. Patenteou-se ainda a contradição dos naturalistas ao negarem, fundados em argumentos *científicos*, a existência de valores sobrenaturais, como se fosse possível à ciência positiva transcender o plano dos fenômenos e penetrar no domínio das causas primeiras. É evidente que, pela existência de realidades transcendentas. Finalmente, verificou-se a ilusão do naturalismo ao pretender construir uma moral puramente “científica”, baseada apenas na observação dos fatos e prescindindo de qualquer fundamento metafísico ou religioso. No âmbito da investigação experimental, constatou-se a inanidade das afirmações naturalistas consideradas como *científicas*. A redução do ser vivo ao não-vivo, do homem ao animal e do psíquico ao fisiológico jamais foi verificada pela experimentação. É a medida que a pesquisa científica caminha para frente, as diferenças entre êsses setores da realidade se acentuam cada vez mais. É justamente o que assinalam as últimas conquistas da biologia e da psicologia. Enfim, proclamando-se como a única concepção de vida capaz de promover o progresso científico, o naturalismo, na verdade, nada mais fez do que prejudicar o desenvolvimento da ciência. É que o espírito científico “vive do amor integral da Verdade, do labor conscientioso, da aplicação paciente, do devotamento desinteressado; a Ciência vive, consciente ou inconscientemente, do nobre entusiasmo, do idealismo, da tradição, da colaboração social; numa palavra, a Ciência se alimenta das fontes profundas da vida espiritual do homem, fontes que o Naturalismo pretende destruir”. No início do século XX, Boutroux e Eucken foram os primeiros a reagir contra o naturalismo que havia dominado os espíritos, mostrando os seus êrros, as suas limitações e os seus preconceitos. Dentro em pouco, a reação anti-naturalista se estendeu às inteligências mais esclarecidas da época. Boutroux e Bergson na França; Eucken, Spranger e Max Scheler na Alemanha; Willian James e Mac Dougall nos Estados Unidos, representam, fóra do pensamento cristão, as figuras mais representativas dessa grande cruzada em prol da reabilitação dos valores espirituais” (SANTOS, 1945, p. 507-509).

Desta maneira, buscamos apreender como as concepções contidas nos manuais *Noções de História da Educação* (1945) de Theobaldo Miranda Santos e em *Pequena História da Educação* de Ruy de Ayres Bello (1978) “evidenciam” as percepções que elencamos ao ensino de História da Educação do curso de Pedagogia da Fista.

5.4 Alguns autores da Escola Nova e da Pedagogia Católica nas grandes temáticas dos Programas de História da Educação: uma análise sob a perspectiva do manual de Theobaldo Miranda²⁰⁵.

As breves exposições que realizaremos a seguir terão como análise nomes de alguns autores da Escola Nova e da Pedagogia Católica que mais se evidenciaram nas grandes temáticas dos programas de História da Educação da Fista, entre 1951 e 1980. Considerando os manuais: *Noções de História da Educação* (1945) e *Pequena História da Educação* (1978), respectivamente de Theobaldo Miranda Santos e de Ruy de Ayres Bello, elencaremos nossas percepções a respeito desses saberes no ensino de História da Educação da Fista. Não

²⁰⁵ Silva (2014) explica que o manual “Noções de História da Educação” foi publicado pela Companhia Editora Nacional. Silva (2014, p. 41) menciona que “A criação da Companhia Editora Nacional ocorreu após a crise da Companhia Gráfica-Editora Monteiro Lobato. De imediato, a nova editora foi dirigida por Monteiro Lobato e Octalles Marcondes Ferreira”. Entre 1920 e 1970 a Companhia Editora Nacional foi representativa para a história da cultura brasileira. Silva (2014, p. 42) explica que em 1939, no catálogo da referida companhia, os livros eram disponibilizados em vinte coleções diferentes, o que atendia aos diversos interesses dos leitores. “Na condição de editores dos projetos editoriais compareciam intelectuais representativos como: Hermes Lima, na Biblioteca de Cultura Jurídica e Social; Anísio Teixeira, na Biblioteca do Espírito Moderno; Barbosa Correia, na Biblioteca Médica e Fernando de Azevedo, nas cinco séries da Biblioteca Pedagógica Brasileira. Segundo Silva (2014, p.43), em 1974, a Companhia Editora Nacional foi adquirida pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico. Em 1980, o Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas (IBEP) comprou a editora. Sobre a Biblioteca Pedagógica Brasileira, Silva (2014, p.43) salienta que “No início da década de 1930, em substituição aos títulos e autores estrangeiros, ocorreu um surto de crescimento no tocante às publicações de autores nacionais. Nessa época, as editoras organizaram diversos tipos de coleções para um público igualmente variado. Dentre as iniciativas e realizações da Companhia Editora Nacional, cabe destacar o projeto editorial “Biblioteca Pedagógica Brasileira”, que incidiu também com criação do Ministério de Educação e Saúde Pública que reflete na formação de professores. Assim, a Biblioteca Pedagógica Brasileira foi coordenada por Fernando de Azevedo, até 1946. O referido projeto editorial compunha-se de subdivisões assim definidas: Literatura Infantil, Atualidades Pedagógicas, Livros didáticos, Iniciação Científica e Brasiliana. Destaca-se que em 1935 houve publicação do volume Psicologia da Infância, de Sylvio Rabello. Salienta-se que a Biblioteca Pedagógica Brasileira foi importante pois Fernando de Azevedo, de acordo com Silva (2014, p. 44), teve a possibilidade de “promover a renovação educacional da escola pública consoante os princípios do chamado movimento da Escola Nova”. Silva (2014, p.46) explica que “Na edição dos livros publicados na série, foram introduzidas inovações no formato material e na configuração textual, entre outros, “orelhas” na capa e quarta-capa, dados do autor e do tradutor, sumário de capítulos e/ou resumo do capítulo, referências bibliográficas, índice analítico, quarta-capa com lista de títulos publicados e indicação de novos lançamentos. Tais inovações visavam despertar o interesse, direcionar a leitura para os assuntos determinados. Além disso, foram introduzidas as “traduções anotadas”. O referido autor detalha que “Durante seu ciclo de vida, aproximadamente 47 anos, a série “Atualidades Pedagógicas” editou 91 autores e 132 títulos classificados em gêneros diferentes, porém todos afins às ciências da educação: psicologia aplicada à educação, sociologia da educação, filosofia da educação, história da educação (e da pedagogia), biologia aplicada à educação, educação e psicanálise, medicina e educação, políticas educacionais, pedagogia científica, ciências da educação, formação do educador, didática, ensino-aprendizagem e educação comparada. Dentre os Pioneiros da Educação Nova, compareciam na condição de autores: Fernando de Azevedo, quatro vezes; Afrânio Peixoto, duas; Anísio S. Teixeira, quatro; Oswaldo Frota-Pessoa, três; Delgado de Carvalho, duas; Almeida Júnior, quatro; Noemy Silveira Rudolfer, uma vez; Francisco Venâncio Filho, uma vez; Paschoal Lemme comparece uma vez na condição de tradutor. Dentre os autores, 29 eram brasileiros, os demais estrangeiros igualmente vinculados às instituições de ensino e pesquisa representativas. Theobaldo Santos comparece com cinco títulos (SILVA, 2014, p. 50). Enfatiza-se que o manual Noções de História da Educação – coleção “Curso de Psicologia e Pedagogia” obteve 14 edições entre 1945 e 1971 (SILVA, 2014).

realizamos um estudo dos referidos manuais, mas depreendemos alguns pontos que contribuíram para o entendimento dos valores instituídos na disciplina História da Educação da Festa.

Iniciaremos pelo manual *Noções de História da Educação* (1945)²⁰⁶. Como representantes da Escola Nova, evidenciamos que autores como Dewey, Willian Kilpatrick, Kerchensteiner, Montessori se destacaram nos Programas de História da Educação e os pensadores defensores da Pedagogia Católica como Felix Dupanloup, São João Bosco; Otto Willmann, John Henry Newman; Spalding e Frederico W. Foerster também disputaram espaços com os escolanovistas.

Essa forma de estrutura dos programas de História da Educação evidencia dois movimentos. O primeiro, em que pensadores da Escola Nova propunham que a educação tivesse uma centralidade na criança e a impulsionasse para o desenvolvimento de ações que fossem práticas e efetivas quanto à atuação na sociedade.

Além disso, o método educacional não teria ênfase em valores morais, mas deveria intensificar a capacidade da criança para a vida. O professor não é mais a figura detentora do saber e controle do processo ensino aprendizagem.

A defesa da educação laica e, portanto, separada da fé, na qual a razão é base para os princípios científicos, bem como as questões de obrigatoriedade e democratização do ensino foram ideias defendidas pelos escolanovistas.

O segundo movimento que aconteceu foi o dos idealizadores da Pedagogia Católica que perceberam a necessidade de uma adequação de seus princípios aos da Pedagogia moderna. Assim, haveria a possibilidade da permanência da Pedagogia Cristã²⁰⁷.

Neste sentido, Santos (1945) surge como um autor que, a partir das suas exposições, apresentaria pensadores com fins nessa perspectiva e, portanto, seriam enaltecidos na escrita do manual disciplinar *Noções de História da Educação* (1945).

²⁰⁶ Para análise dos respectivos conteúdos abordados nos programas de História da Educação entre 1951 e 1980 utilizamos o manual *Noções de História da Educação: 3ª Série*, vol. 43, Biblioteca Pedagógica Brasileira – Atualidades Pedagógicas, Edição Ilustrada – Companhia Editora Nacional, 1945, Exemplar 3410.

²⁰⁷ Roballo (2007, p.104-105) explica que “É notório que nesta união entre razão e fé, ciência e religião, espiritualidade e modernidade, esta pedagogia cristã se torna um projeto do neo-humanismo católico ao qual Santos se filia; e também mostra que os católicos não eram contrários à modernidade, mas enfatizavam uma pedagogia moderna aliada a preceitos cristãos. Porém, recusavam o projeto laicista de reorganização da cultura através da escola, presente nas teses dos principais articuladores do Movimento pela Escola Nova”.

QUADRO 18 - Conteúdos programáticos – Manual “Noções de História da Educação” (Theobaldo Miranda dos Santos, 1945).

I. O Tradicionalismo Pedagógico

- | | |
|-------------------------------|-----------------------|
| 1.A Educação Primitiva | 4.A Educação Egípcia |
| 2.A Educação Indú | 5.A Educação Hebráica |
| 3.A Educação Chinesa | 6.A Educação Persa |

II. O Humanismo Pedagógico

- | | |
|----------------------------|----------------------|
| 1. A Educação Grega | 2. A Educação Romana |
|----------------------------|----------------------|

III. O Cristianismo Pedagógico

- | | |
|--------------------------------|--------------------------|
| 1.A Educação Apostólica | 3.A Educação Monástica |
| 2.A Educação Patrística | 4.A Educação Escolástica |

IV. O Medievalismo Pedagógico

- | | |
|----------------------------|-------------------------|
| 1.A Educação Feudal | 2. A Educação Muçulmana |
|----------------------------|-------------------------|

V. O Néo-Humanismo Pedagógico

- | | |
|-----------------------------------|--------------------------------|
| 1.A Educação Renascentista | 3.A Educação Contra-Reformista |
| 2.A Educação Reformista | 4.A Educação Jansenista |

VI. O Naturalismo Pedagógico

- | | |
|----------------------------------|-----------------------------|
| 1.A Educação Realista | 6.A Educação Filantropista |
| 2.A Educação Disciplinar | 7.A Educação Revolucionária |
| 3.A Educação Pietista | 8.A Educação Psicológica |
| 4.A Educação Racionalista | 9.A Educação Científica |
| 5.A Educação Naturalista | |

VII O Néo-Naturalismo Pedagógico

- | | |
|------------------------------------|-------------------------|
| 1.A Educação Individualista | 4.A Educação Pragmática |
| 2.A Educação Socialista | 5.A Educação Técnica |
| 3.A Educação Nacionalista | |

VIII. O Anti-Naturalismo Pedagógico

- | | |
|------------------------------------|--|
| 1.A Educação Espiritualista | |
| 2.A Educação Cristã | |

Apêndice

A Educação Brasileira

Evolução Da Educação Brasileira

- | | | |
|-------------------------|--------------------|---------------------|
| Período Colonial | Período Monárquico | Período Republicano |
|-------------------------|--------------------|---------------------|

Fonte: Elaborado a partir da descrição do sumário do manual *Noções de História da Educação* - Theobaldo Miranda Santos, edição Ilustrada, 1945.

A estrutura do sumário apresenta uma história tradicional, linear, cronológica e evolucionista, que expõe também uma divisão histórica. A marca que o referido autor deixa explícito no manual é a justificativa da contribuição da Pedagogia Cristã.

Inspirada nos ensinamentos eternos da Revelação, nos princípios da filosofia “*perennis*” e na experiência educativa da Igreja, ela trazia um patrimônio de verdades capaz de resistir a todas as revoluções espirituais. Eis porque a educação cristã não desapareceu, nem poderia desaparecer, ante o poderoso movimento naturalista e anti-cristão que inspirou a maioria dos sistemas pedagógicos post-renascentistas. Procurando ajustar as novas formas de pensamento e de vida aos seus princípios imutáveis, a educação cristã não rejeitou as conquistas realizadas pela ciência moderna. Pelo contrário, todas as aquisições da pedagogia experimental que não colidissem com as bases filosóficas da doutrina cristã foram aceitas e incorporadas à prática educativa da Igreja. Mas todos os postulados contrários ao espírito do cristianismo e à dignidade da pessoa humana foram recusados e vigorosamente combatidos. Dentro dessa orientação, em que se harmonizam a tradição e o progresso, vamos assistir, no século passado, a um esplêndido reflorescimento da pedagogia cristã. Ao lado de escolas, universidades e congregações de ensino, em número cada vez maior, surgem grandes educadores cristãos cuja obra enche de vida e de luz o cenário pedagógico dos séculos XIX e XX (SANTOS, 1945, p. 517-518).

Assim, evidenciamos que nos programas do ensino de História da Educação, autores escolanovistas e também da Pedagogia Católica estiveram presentes nas grandes temáticas da referida disciplina²⁰⁸. Desta maneira, temos as seguintes concepções pedagógicas: “Pedagogia

²⁰⁸ Conforme prescrito nos Programas de História da Educação do Curso de Pedagogia da Fista evidencia-se nessa perspectiva de Pedagogia Católica autores como Felix Dupanloup; São João Bosco; Otto Willmann; John Henry Newman; Spalding e Frederico W. Foerster. Quando se analisa esses autores no manual disciplinar “Noções de História da Educação” (1945) de Santos, eles foram definidos como educadores cristãos. Desta forma para depreender o sentido dessa definição e a relação com a pedagogia cristã, é oportuno reportar a Silva (2014, p. 27), que explica que “A pedagogia cristã prepararia o corpo e o espírito do educando na totalidade de seus atributos físicos, intelectuais e morais e não apenas em uma parte desses atributos. Por fim, assim concluía quanto às concepções denominadas de naturalismo pedagógico e humanismo pedagógico, sendo que a primeira concepção subordinava Deus ao homem e este à natureza, enquanto a segunda subordinaria a natureza ao homem e este a Deus”. O referido autor complementa a explicação esclarecendo que “a pedagogia cristã, melhor a filosofia *perennis* - completa e harmoniosa, pois era fundada numa filosofia integral da vida e do universo e sobre a concepção racional da natureza humana, e assim capaz de preparar a criança para os dois planos ontológicos da

de Ação: Dewey e Kerchensteiner”; “Pedagogia Naturalista: Rousseau e o naturalismo”; “Pedagogia Católica: Felix Dupanloup; São João Bosco; Otto Willmann” (RELATÓRIOS F.F.C.L.S.T.A, (1951 A 1980).

Para depreender como essas concepções estavam no manual de Santos (1945), realizaremos alguns apontamos. Evidenciamos críticas do autor às perspectivas educacionais modernas. Sob sua ótica os educadores não consideravam a necessidade da educação integral do homem, que incluiria a educação do corpo, do intelectual e os valores morais, sendo todos esses aspectos contemplados pela pedagogia cristã.

Assim, moldar e controlar a natureza inata dos sujeitos contribuiria para despertar os deveres para a sua existência e ressaltar o aspecto transcendental do homem. Isto o imbuiria de bons costumes e atitudes para a vida social. Depreendemos que essa educação integral compunha não apenas a transmissão de conhecimentos das ideias pedagógicas para inserção à vida em sociedade, mas era necessário ter como norteador os valores morais e transcendenciais²⁰⁹.

A Pedagogia Católica atenderia a essas bases para educação e, na perspectiva de Santos (1945), o naturalismo pedagógico não contemplava a complexidade do processo educativo na preparação dos indivíduos. Desta maneira, os “sistemas pedagógicos modernos” apresentavam-se fragmentados, atendendo apenas a unilaterialidade da formação humana na sociedade²¹⁰. Para criticar esse entendimento, Santos (1945) menciona Rousseau como pensador do “segundo movimento do século XVIII” que teria sido o propulsor das ideias naturalistas²¹¹.

existência, a saber, o natural e o espiritual, realizando as três formas fundamentais da educação: a educação física, na ordem da natureza, a educação intelectual, na ordem das ideias, e a educação moral, na ordem dos deveres”.

²⁰⁹ De acordo com Santos (1945) “As características primárias da pedagogia cristã são a organicidade, a omnilateralidade, a universalidade. Tudo nela tende para a síntese e para a unidade. É um edifício harmonioso cujos alicerces repousam, solidamente, sobre um conceito integral do homem, da vida e do universo. De acordo com a filosofia pedagógica do cristianismo, no plano da realidade universal, se entrelaçam, de maneira íntima e equilibrada, a natureza e o espírito, o corpo e a alma, o indivíduo e a comunidade, a individualidade e a personalidade, a vontade e a inteligência, Deus e o mundo. Essa visão ampla, profunda e total da realidade representa o ponto de partida da concepção cristã da vida e da educação (SANTOS, 1945, p. 517-518).

²¹⁰ Para Santos (1945, p. 518) a educação fragmentada a partir da concepção das correntes filosóficas poderia ser explicada da seguinte maneira “o naturalismo pedagógico, por exemplo, a *natureza* é o único valor da vida e da educação; para o idealismo pedagógico, é a *idéia* ou o *espírito*; para o pragmatismo pedagógico, é a *ação*; para o individualismo pedagógico, é o *indivíduo*; para o socialismo pedagógico, é a *sociedade* ou a *classe*; para o culturalismo pedagógico é a *cultura*. Cada uma dessas concepções, como se vê, considera sómente um dos aspectos parciais da vida e da educação, contribuindo, portanto, apenas com uma parcela para a integração da verdade total. Daí a insuficiência e a precariedade do seu conceito de educação”.

²¹¹ Santos (1945, p. 344) explica que “O movimento cultural da segunda metade do século XVIII, baseado na concepção da bondade natural do homem, revestiu-se dum impulso de simpatia pelas massas populares, enquantoque o anterior resultara na formação de uma aristocracia intelectual. Vontaire, reacionalista, céptico, sarcástico, aristocrata, amante do refinamento e do artificialismo, foi o líder do primeiro movimento. Rousseau, sentimental, romântico, otimista, democrata, apologeta da vida em plena natureza, foi o líder do segundo movimento. Mas, ambos combatiam a ordem social, a disciplina moral e o respeito à Tradição, à Autoridade e à

Em relação à descrição de Rousseau nos programas de História da Educação da Fista, procuramos encontrar nos relatos de Vasconcelos (2020), Prais (2019), Fabri (2019), Aveiro (2019) e Silva (2019) informações que pudessem apreender como era a abordagem das ideias naturalistas. Entretanto, obtemos como respostas que Rousseau era um autor estudado. Considerando as análises realizadas nas grandes temáticas da disciplina História da Educação, há indícios de que o referido pensador possuía um espaço significativo.

Silva (2019) menciona que “Filósofos, por exemplo, Jean Jacques Rousseau [livro Emílio] era muito exigido. Dentre as orientações da Fista os alunos eram convidados a ler os autores através de suas obras” (SILVA, 2019). Desta maneira, a obra de Rousseau que identificamos na relação de livros da biblioteca da Fista, entre os anos de 1951 e 1953, “Inquérito Educação Emílio J.J., pode ter sido referendado na disciplina História da Educação.²¹².

Outros pensadores que destacam nos programas analisados, entre 1960 e 1980, foram William Kilpatrick e Dewey, que estariam definidos por Santos (1945) como educadores pragmáticos²¹³. A ação como parte integral da formação do homem seria o que propulsionaria não só o desenvolvimento do homem pela educação, mas também possibilitaria a atuação no meio social. Santos (1945, p. 452) refuta o pragmatismo: “De acordo com esse conceito, a educação não tem finalidade alguma fóra de si mesma; não está sujeita a coisa nenhuma a não ser a mais educação; é um processo imanente, completamente desligado dos valores e ideais que devem nortear a vida humana”. Desta forma, Santos (1945) defende a dependência para as questões morais que estariam intrínsecas aos princípios da pedagogia cristã.

Pestalozzi, Herbart, Froebel também foram enfatizados no ensino prescrito da disciplina História da Educação da Fista e a obra de Santos (1945) diverge em alguns pontos desses educadores, principalmente quando Pestalozzi reporta à Rousseau e enaltece a concepção da

Igreja. O que Rousseau fez foi apenas substituir o absolutismo da Razão pelo absolutismo do Sentimento. Quanto à concepção geral da vida não houve diferença essencial entre o racionalismo céptico de Voltaire e o naturalismo sentimental de Rousseau. Divergiram apenas quanto à forma de expressão”.

²¹² Manteve-se a grafia original da relação de livros constante nos Relatórios F.F.C.L.S.T.A, 1951 e 1953. Não foi possível obter mais informações sobre edição e outros dados da referida obra.

²¹³ Para Santos (1945, p. 451) “O pragmatismo nasceu da pretensão de conciliar as divergências existentes entre as correntes filosóficas e de ultrapassar as limitações impostas ao conhecimento humano pelo idealismo Kantiano e pelo naturalismo positivista. E teve a ilusão de poder atingir esse objetivo, substituindo a inteligência pela ação, e fazendo da utilidade o único critério para determinação da verdade. O pragmatismo se reveste de múltiplas cambiantes especulativas, desde o propósito de considerar o princípio pragmatista como instrumento eficaz para a interpretação da realidade até a tendência para construir uma metafísica pluralista do universo. Possui, entretanto, como característica fundamental, a de conceber a verdade subordinada à ação, reduzindo-a mero instrumento de utilidade prática”.

natureza defendida pelo filósofo genebriano²¹⁴. Ainda apresentando, suas discordâncias Santos (1945, p. 380) explica que mesmo que Pestalozzi, Herbart e Froebel tenham sido destacados na perspectiva da educação psicológica, no contexto do século XIX, “desde a Idade Média, numerosos educadores vinham focalizando o valor fundamental do ensino elementar. A obra admirável de S. João Batista de La Salle é bem expressiva e eloquente a êsse respeito”. Cabe destacar que no final desse capítulo - “A educação psicológica” -, Santos (1945) apresenta o texto “Deus como origem de tôdas as coisas”, escrito por Froebel, o que denota uma apreciação à síntese aos princípios defendidos por Santos (1945, p. 379-399). Percebemos que Santos (1945), procura enaltecer os aspectos da educação de aspecto tradicional e cristão mesmo quando menciona autores pertencentes à educação moderna.

Sobre a perspectiva da educação científica, pensadores como Comte e Spencer foram citados nos programas de História da Educação e também evidenciamos na estrutura das temáticas uma intercalação de pensadores com outra concepção - a cristã. Isso nos faz inferir que existia uma sequência de saberes diferentes, mas que intencionava a construção de um pensamento, ou seja, o que estaria condizente com a cultura daquele contexto histórico e referendado pela instituição educativa.

Assim, quando situamos esses pensadores na escrita de Santos (1945), percebemos sua indagação quanto ao isolamento dos aspectos morais e transcendentais à predominância da ciência e, principalmente, o quanto a educação baseada nos princípios científica dariam ao homem capacidades que sobreponham aos idealizados na educação tradicional²¹⁵.

²¹⁴ De acordo com Santos (1945, p. 379) “Com o raiar do século XIX, a influência da psicologia sobre a educação, isto é, a preocupação de fazer o trabalho educativo gravitar em torno do espírito da criança, começa a ganhar terreno. Indubitavelmente a obra de Rousseau muito concorreu para que essa tendência se afirmasse e desenvolvesse. A educação psicológica representou mesmo uma tentativa de dar aos princípios do naturalismo pedagógico do mestre de Genebra uma formulação científica e um caráter de processo escolar prático. Não devemos, contudo, esquecer que, muito antes de Rousseau, vários educadores esclarecidos já haviam acentuado a necessidade de se adaptar o trabalho escolar à natureza psíquica do educando. É assim que, em pleno século XIII, vamos encontrar Raimundo de Lugo fazendo a apologia da educação psicológica ao afirmar que a educação deve estabelecer uma harmonia entre o desenvolvimento da alma e o crescimento corporal da criança. E, no século XVI, Vitorino de Feltre e Luís Vives põe em relêvo, ao longo de tôda a sua obra, as vantagens de se ajustar a ação educativa à natureza física e mental e às diferenças individuais dos alunos. A tendência psicológica na educação que se nos depara no início do século XIX e da qual Pestalozzi, Herbart e Froebel foram os principais representantes, procede, assim, diretamente, do naturalismo romântico de Rousseau. Essa procedência revela-se, claramente, na apologia da natureza, na concepção otimista da infância e no conceito de educação como desenvolvimento, que vamos encontrar na obra desses educadores. Entretanto, também é nítida, nesse movimento, a influência das idéias filosóficas de Kant, Fichte e Hegel”. Salienta o referido autor que existem diferenças entre os “meios e os fins” utilizados por Pestalozzi, Herbart e Froebel.

²¹⁵ Santos (1945, p.400) enfatiza que “A preocupação de transformar o processo educativo num simples problema científico e experimental, que vamos encontrar dominando certo círculos pedagógicos do século XIX, foi um reflexo das idéias filosóficas da época. A filosofia idealista que imperara nos primeiros decênios do século e que exercera grande influência sobre os sistemas educacionais, foi, aos poucos, perdendo o seu prestígio. As contradições do criticismo Kantiano e os excessos do idealismo hegeliano, negando ao espírito a possibilidade de

Dessa forma, Comte e Spencer são mencionados por Santos (1945) como representantes, respectivamente, do positivismo e do evolucionismo. Para o autor católico, esses pensadores destacaram as ciências sociais e naturais em detrimento das questões inerentes à moral transcendental e a fé deixa de ocupar um lugar central para ceder ao empirismo e métodos de observação comprovados pela ciência demonstrativa, ou seja, a educação científica. “O método, por excelência, de estudo e de ensino deve ser o indutivo e experimental. A educação humanista e disciplinar deve ser condenada. Eis as idéias fundamentais do cientificismo educacional de que Comte e Spencer foram pioneiros no século XIX” (SANTOS, 1945, p. 401-402). Santos (1945) critica a Lei dos três estados elencados por Comte.

Segundo Comte, a humanidade passou por três estados sucessivos: 1º o estado teológico ou fictício, durante o qual o homem explica os fenômenos pela intervenção de agentes sobrenaturais; 2º o estado metafísico ou abstrato, caracterizado pela substituição dos agentes sobrenaturais por entidades abstratas: formas substanciais, faculdades da alma, força vital, etc.; 3º o estado positivo ou científico em que o homem abandona as abstrações e substitui a investigação das causas pela observação dos fenômenos e suas leis, o estudo do absoluto pelo relativo. O primeiro estado é provisório, o segundo transitório e o terceiro definitivo. A lei dos três estados preside não só à evolução da humanidade, como à formação de cada ciência e ao desenvolvimento individual de cada homem. Comte reduz a filosofia a uma sistematização dos conhecimentos positivos. Comte admite seis ciências fundamentais, assim dispostas: matemática, astronomia, física, química, biologia, sociologia. Esta série, além de indicar a subordinação e dependência das ciências, precisa a ordem de sua formação histórica. Nessa classificação, a psicologia representa apenas um capítulo da biologia. Seu único método é o da observação externa. A introspecção é, para Comte, absurda. (SANTOS, 1945, p. 402-403).

conhecer a realidade, fazendo do mundo exterior simples representação e desprezando, assim, o testemunho do senso comum e da investigação científica, acabaram por desacreditar o idealismo, provocando um movimento de reação contra a metafísica. Eis porque a filosofia que passou a empolgar as inteligências, na segunda metade do século XIX, teve por lema o combate à metafísica. Mas só se pode combater a metafísica com outra metafísica e o homem, por um impulso natural do seu espírito, não pode desistir de explicar o sentido das coisas e a razão de sua presença no universo. E, com efeito, o protesto contra a metafísica nada mais representou do que um divórcio da concepção idealista, para substituí-la por outra metafísica, a que emanava das ciências da natureza, apesar de tôdas as afirmativas empiristas e fenomenistas feitas, em contrário, pelos seus cultores. Foi, sobretudo, o desenvolvimento extraordinário das ciências naturais a causa primacial dêsse retorno do pensamento filosófico ao empirismo e ao fenomenismo, através dos dois grandes movimentos que passaram a dominar o panorama cultural do século XIX: o *positivismo* de Comte e o *evolucionismo* de Spencer.

Neste sentido, a superação da abstração foi progressivamente superada e os fenômenos e suas leis poderiam ser passíveis de observação. Em relação à religião da humanidade, Santos (1945, p. 403) destaca que Comte “fundou uma nova religião – religião positiva, sem Deus. É o culto da Humanidade ou do Grande Ser. São também objetos de veneração o Grande Meio (o espaço) e o Grande Fetiche (a terra)” (SANTOS, 1945, p. 403).

Em Spencer, a reação das ideias evolucionistas parece ser mais enfática, uma vez que Santos (1945) discorda que o homem deva exercer toda sua ação na vida social e não na contemplação de possível perfeição com fins abstratos. Neste sentido, Spencer surge como o pensador que concebe que para se obter a perfeição, é necessário apenas conduzir o indivíduo à educação que lhe proporcione finalidade na sociedade. Santos (1945, p. 407) explica que “Para Spencer, a vida se esgota na existência terrena e, assim sendo, a educação deve ter por finalidade a vida atual. Eis porque define o ideal da educação como uma preparação perfeita para a vida completa”²¹⁶.

Outra temática que encontramos no ensino de história da educação foi a de pensadores com perspectiva nacionalista, ou seja, em que o Estado fortalecido perpassa por uma educação centrada no homem que cultiva os valores nacionais. O nome de Fichte (1762-1814) surge em temáticas do ensino de História da Educação da Festa. Isso chama a atenção, pois esse pensador está disperso entre outros de tradição cristã. Cabe destacar que Santos (1945, p. 449) faz ressalva em afirmar que não contesta o patriotismo, entretanto salienta que “No verdadeiro patriotismo fundem-se, assim, numa síntese orgânica e harmoniosa, valores nacionais e humanos”.

Assim, não só os princípios nacionalistas devem predominar e, para além dessas considerações, o referido autor contesta a soberania da cultura alemã que para ele foi tão ressaltada em Fichte. De acordo com Santos (1945, p. 443), no discurso de Fichte prevalece

²¹⁶ Santos (1945, p. 407) menciona que “Para a consecução desse ideal, se impõe a aquisição dos conhecimentos necessários para o desenvolvimento da vida individual e social, em todos os seus aspectos. A pedagogia deve guiar-se pela luz da evolução, isto é, pela marcha progressiva de um ser que cresce e cujas potências se vão desabrochando sucessivamente. A ciência adquirida pelas gerações anteriores está como que depositada no cérebro da criança. Para promover a formação intelectual da infância, basta, portanto, oferecer ao cérebro oportunidades de ação e desenvolvimento. E como a utilidade é o principal critério de valor, os estudos devem ser organizados visando a utilidade prática. Daí Spencer dar preferência aos estudos científicos na organização do currículo, uma vez que, na sua opinião, os estudos liberais não devendo ocupar senão as horas destacando da vida, não devem também ocupar senão as horas de descanso da educação”. Em suma, para Spencer, a educação não tem fins absolutos, mas sómente relativos. Os ideais educativos dependem das circunstâncias de tempo e de lugar. A educação deve visar apenas a adaptação à vida. Para isso, é condição fundamental o conhecimento científico. A formação científica é, assim, a essência do ideal educativo. O objetivo da educação intelectual é preparar o homem para o exercício das atividades que integram uma vida completa”.

que, “Numa palavra, na alma do povo alemão vive a alma da humanidade; sua cultura é a *cultura*”. Haveria, portanto, a exaltação à cultura dos alemães sobre as demais e, o que poderíamos inferir o cristianismo. Assim, o nacionalismo alemão sobrepuja a uma tão tradicional e que pendurou por séculos.

Sobre a educação social, evidenciamos que Paul Natorp, Durkheim e Karl Marx surgem na estrutura do ensino História da Educação. Desta forma, o homem é um ser social e as formas culturais, política, econômica e religiosa são resultados da socialização do indivíduo. O homem é o sujeito que participa e constrói sua história na sociedade. Santos (1945, p. 429) cita que na educação socialista, “O objetivo da educação deve consistir, antes de tudo, na socialização do educando²¹⁷”.

Quanto à educação técnica que obteve espaço a partir de 1970 nos programas de História da Educação da Festa, ressaltamos que, de acordo com Silva (2019), Montessori e os métodos ativos foram estudados. Porém, quando analisados os programas prescritos, entendemos que houve um espaço singelo dedicados à Montessori, assim como os métodos ativos²¹⁸.

Reportando a Santos (1945), depreendemos que ele não contesta de maneira radical o método Montessori. Entretanto, ressalta que não existiu uma adequação entre o material didático da autora com a fase de desenvolvimento da criança. De acordo com Santos (1945, p. 470) o método montessoriano se inspira na psicologia do adulto “sem nenhuma relação com a vida real da criança”.

Destaca que, apesar deste “desacordo”, não se deve desconsiderar a contribuição da educadora. Enfatiza que “as restrições que podemos formular aos pontos de vista da grande

²¹⁷ Santos (1945, p. 430) detalha os aspectos dos pensadores provenientes de sociologismo dentre os quais destaca “os da escola francesa como Durkheim, Levy Brühl, de Roberty e outros. Para os da escola alemã, ele salienta Schäffle, Lilienfeld, Simmel, Stammler, Müller Lyer etc. Para o socialismo radical, cita Karl Marx, assim como os seus discípulos como Engels, Dietzgen, Plenge, Wilbrandt, Mückle etc”. Santos (1945, p. 430) explica que “Os educadores socialistas contemporâneos derivam, uns, do sociologismo, outros, do socialismo propriamente dito. Entre eles se destacam Natorp, Kerschernsteiner, Dürkheim, Wynnecken, Dewey, Kilpatrick, Bergmann, Max Adler. De Karl Marx e seus continuadores provém a pedagogia soviética ou comunista cujo ideal é transformar cada criança num fator de produção e cujos principais representantes atuais são Pinkevich, Lunatcharsky, Pistrak e Choulguine”.

²¹⁸ Para Santos (1945, p. 466) “Essas tendências tecnicistas da educação contemporânea, diferenciadas por seus matizes filosóficos, mas identificadas por suas preocupações pedocêntricas, podem ser divididas em dois grandes grupos: o dos *métodos ativos*, caracterizado pela sua feição científica e sistemática, e o das *escolas novas*, marcado pela sua orientação empirista e romântica. Entre os *métodos ativos*, se destacam o *método Montessori*, o *método Decroly*, o *plano Dalton*, o *sistema de Winnetka*, o *método de projetos*, o *método do Cousinet*, o *plano Jena*, o *método Mackinder*, o *plano Howard*, o *método de Profit*, a *técnica de Dottrens* e a *técnica de Freinet*. As *escolas novas* nasceram em fins do século passado, como reação contra o ensino verbalista e artificial das escolas tradicionais, desenvolvendo-se de maneira extraordinária no início do século atual e diversificando-se de acordo com a idéias e aspirações dos seus criadores”.

educadora não representam uma repulsa integral às suas idéias pedagógicas, nem um desconhecimento do valor inestimável de sua contribuição ao patrimônio da educação universal" (SANTOS, 1945, p. 470).

Para além desses pensadores já mencionados, encontramos no percurso do ensino de História da Educação, entre 1951 e 1980, representantes da Educação Cristã dentre os quais Gregório Girard, Felix Dupanloup, S. João Bosco, Otto Willmann, J.H.Newman, J.L. Spalding e Frederico Foerster. Assim, Santos (1945) ressalta pontos que considera importantes nesses educadores.

Sobre Spalding (1840 - 1916), ele destaca que “é o maior pedagogo católico dos Estados Unidos”. Explica que “A idéia central da pedagogia de Spalding é a educação moral, isto é, a formação da consciência, do coração, do caráter, da vontade” (SANTOS, 1945, p. 517).

Sobre John Henry Newman (1801-1890), que era natural de Londres, foi enfatizada a obra “Idea of a University”. De acordo com Santos (1945, p. 535) esta obra “delineia as linhas mestras de uma pedagogia da universidade inspirada no realismo integral do Cristianismo”. Salienta que “as principais *heresias didáticas* que Newman assinalava no século XIX e para as quais aconselhava, como fórmula salvadora, a pedagogia “*perennis*” do Cristianismo onde se reúnem, numa síntese orgânica, a *educação humanista*, a *cultura religiosa* e a *formação filosófica*”.

Acerca de Otto Willmann (1839-1920), que era natural de Lisa (proximidades de Posen, na Polônia), Santos (1945, p. 529) salienta que, “Para Willmann, a religião é a pedra angular de tôda a cultura”.

Em relação a S. João Bosco (1815-1888), natural de Castelo Novo d’ Asti, na Itália, Santos (1945, p. 525-526) enfatiza que “Em sua aplicação, o sistema de S. Bosco é baseado na caridade cristã. Razão e religião, tais são os dois instrumentos de que o mestre se deve utilizar”.

Sobre Felix Dupanloup (1802-1878), que nasceu em S. Félix – Savoia, na França, ele exalta as reflexões de De Hovre, as quais transcreveremos a seguir:

Dupanloup distingue quatro meios gerais de educação: os *cuidados físico*, que visam dar ao homem força e saúde de corpo e de espírito; a *instrução*, que consiste menos na aquisição de conhecimentos do que no desenvolvimento do espírito; a *disciplina*, na sua tríplice função de manter, prevenir e reprimir as diversas manifestações da conduta infantil; a *religião*, que é o comêço e o fim, a base e o cume da educação. Na opinião do grande educador, três são os agentes que mais influem sobre o processo educativo: *Deus, os pais, o mestre* e os *condiscípulos*. E reagindo contra a orientação excessivamente utilitária e científica do seu tempo, escreve páginas de grande beleza e emoção sobre o

valor da formação humanista do homem, como a única capaz de desenvolver todas as suas capacidades e de prepara-lo integralmente para a vida em suas múltiplas formas e aspectos" (DE HOVRE, citado por SANTOS, 1945, p. 525).

Santos (1945) reporta também ao educador Gregório Girard (1765-1850), natural de Friburgo, na Suíça, e destaca que "Para tornar eficaz a cultura moral, Girald aconselha baseá-la sobre as atividades naturais da criança. Elas resultam de tendências inatas, tendências pessoais, sociais, morais e religiosas".

Ainda de acordo com Santos (1945), se as concepções de Gregório Girard forem seguidas, o trabalho educacional seria enriquecedor: "Tomando-as como pontos de partida, o educador fará obra inteligente e frutífera. O ideal a realizar é o do Evangelho: o modelo incomparável é o Cristo que é a *via, a verdade e a vida*" (SANTOS, 1945, p. 521).

Quanto ao alemão Frederico W. Foerster, que nasceu em 1869, em Berlin, Santos (1945) ressalta que "todos os aspectos unilaterais da cultura contemporânea são criticados de maneira incisiva e luminosa pelo grande pedagogo cristão. Para Foerster, o único remédio para o desequilíbrio e a dissociação da cultura moderna é a sua cristianização" (SANTOS, 1945, p. 540).

Para apreendermos como Santos (1945) reportava a esses autores para exemplificar a oposição aos sistemas pedagógicos modernos, citaremos o excerto que segue:

A pedagogia cristã, ao contrário, reúne numa síntese harmoniosa as parcelas de verdade que se encontram dispersas nos sistemas pedagógicos. Não porque seja uma concepção eclética e superficial das coisas, mas porque considera a realidade em toda a sua inteireza e plenitude. Assim, entre o naturalismo e o idealismo, afirma a dupla natureza do homem, no qual o *corpo* e o *espírito* se fundem intimamente para constituir uma unidade substancial; entre o individualismo e o socialismo, revela a existência, no homem, do *indivíduo* e da *pessoa*; como *indivíduo*, o homem se subordina à natureza e à sociedade, mas como *pessoa*, se eleva acima de ambas; entre o nacionalismo e o internacionalismo, acentua que o patriotismo é uma virtude, que o homem deve amar, defender e dignificar sua *Pátria*, mas, como ser humano, também pertence à *Humanidade* e, como tal, não pode desprezar os filhos das outras nações. Esses caracteres de realismo, de harmonia e de totalidade de educação cristã patenteiam, de maneira expressiva, sua indiscutível superioridade sobre os sistemas fragmentários e unilaterais da pedagogia moderna (SANTOS, 1945, p. 517-518).

Evidenciamos que esses autores ocuparam um espaço bem significativo nos programas prescritos da disciplina História da Educação do Curso de Pedagogia da Fista.

Destacamos que, mesmo no período de 1970 a 1980, momento que encontramos temáticas vinculadas à Pedagogia Técnica e Científica, os denominados educadores cristãos ainda estavam em destaque. Estes são pautados de maneira sistemática nos referidos programas de ensino.

Desta maneira, percebemos que entre 1951 e 1960, autores com afinidades mais tradicionais e conservadoras estavam dispostos na estrutura prescrita do ensino de História da Educação, com temáticas que abordam desde o Matrimônio, o Divórcio e o papel da Mulher, Jesus Cristo e a Idade Média com suas sobreposições de valores.

Os pensadores da Pedagogia Católica também estiveram em evidência no decorrer dos anos 1960 a 1980. Contudo, nota-se que entre 1972 e 1980 ocorreu uma dispersão de pensadores com concepções progressistas, em que o cientificismo e a técnica foram diluídos, e que difere daquele pensamento enunciado nos programas prescritos do ensino de História da Educação nos anos de 1951 a 1960.

Cabe salientar a descrição marcante de Rousseau, ainda entre os anos das décadas de 1960 a 1980. O que depreendemos é que marcas de concepção católica como as evidenciadas no manual de Santos (1945) concorrem para caracterizar os pensadores católicos no ensino de História da Educação do curso de Pedagogia da Fista.

5.5 As temáticas dos Programas de História da Educação da Fista: uma análise sob a perspectiva do manual “Pequena História da Educação”, de Ruy de Ayres Bello

Para depreendermos a formação de Ruy de Ayres Bello e sua concepção católica, reportamos às análises realizadas pelos pesquisadores Araújo e Silva Pinto (2012), que detalham a trajetória do autor em referência tanto no âmbito educacional quanto político.

Ruy de Ayres Bello (1904-1982) foi um dos dez filhos de Ayres de Alburquerque Bello e Aurora Nunes Acioli, nasceu em 5 de julho de 1904, no sítio Riacho dos Bois nas terras do Engenho Queimadas, do município de Barreiro, na Mata Sul do Estado. Nos tempos de criança morou também no centro de Barreiros e em São José da Coroa Grande, por isso talvez tenha recebido uma das escolas do município localizada em prédio anexo da colônia de Pescadores, o nome de Escola Ruy de Ayres Bello, em sua homenagem como filho daquela terra. Com 16 anos dava aula, em Barreiros, na escolinha

paroquial do padre Júlio de Siqueira. Aos 18 anos chegou a exercer a função de escrivão de polícia, mas não se adaptou ao serviço. O tempo que sobrava dedicava-o às conferências, à fundação de jornais e aos grêmios literários, em Barreiros. Aos 20 anos, foi nomeado, pelo Governo Federal, inspetor de alunos do Patronato Agrícola João Coimbra, em Tamandaré. Ali foi morar e trabalhar. Pouco mais tarde, ensinava noutro patronato – o Barão de Lucena – em Socorro, município de Jaboatão. Foi eleito na legenda pelo Cristianismo Social, em 1934, como Deputado da 1ª Legislatura (1935-1939). Fez parte da comissão permanente de Fazenda, Orçamento e Contas do Estado. Era primo de Estácio Coimbra e sobrinho de Júlio Bello, ex-governadores de Pernambuco. Seu pai foi Deputado à Câmara Federal em 1891. Tinha tudo para seguir a tradição da família. Em 1938 chegou à Escola Normal, que em 1962 virou o Instituto de Educação, chegando Ruy de Ayres Bello a ser diretor desta instituição. Também foi Diretor da Escola Normal Pinto Junior. Para completar seu trabalho no magistério faltava o acesso ao ensino superior oficial, vindo Ruy de Ayres Bello a lecionar na Faculdade de Filosofia e Direito do Recife; na Universidade Católica e na Federal de Pernambuco. Membro da Academia Pernambucana de Letras, onde tomou posse em 14 de setembro de 1964. Membro do Conselho Estadual de Pernambuco exercendo dois mandatos 1965-1966/1966-1972 (ARAÚJO; SILVA PINTO, 2012, p. 425-427).

Salientam os autores que Ruy de Ayres Bello foi um católico fervoroso e acrescentam que “O sentimento religioso católico foi muito presente na vida de Ruy de Ayres Bello traduzindo-se nos seus escritos. Ele fazia parte da Congregação Mariana” (ARAÚJO; SILVA PINTO, 2012, p. 427)

A partir dessa breve apresentação de Ruy de Ayres Bello, buscamos reportar, no manual Pequena História da Educação (1978), alguns tópicos inerentes à Escola Nova e à Pedagogia Católica. Isto justifica-se pois, conforme informado por Silva (2019), docente do ensino de História da Educação (1972-1980) da Fista, a obra de Bello foi utilizada na referida disciplina.

Salientamos que trata da 12ª, publicada pela Editora do Brasil, em 1978. No prefácio, Bello explica para qual público a obra era escrita: “Destinava-se este livro especialmente aos estudantes dos cursos de formação de professores primários, mas ultimamente tem servido também a estudantes de cursos universitários de natureza pedagógica, dada a escassez da bibliografia sobre a matéria em língua vernácula”.

Em nosso entendimento, quando reportamos aos programas prescritos de História da Educação do Curso de Pedagogia da Fista, identificamos o quanto foi abordada a educação do cristianismo, citando pensadores como São Clemente de Alexandra, São Gregório Taumaturgo, São João Crisóstomo, São Basílio, São Gerônimo, Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino.

Assim, depreendemos a questão sobre *De Magistro*, quando explica Bello (1978, p. 113) a “Questão XI do tratado *De Veritate*”.

É principalmente no *De Magistro*, que é a Questão XI do tratado *De Veritate*, que Santo Tomás discute os mais graves e controvertidos problemas pedagógicos de sua época. O primeiro artigo desse livro versa sobre o seguinte: Pode um homem ensinar a outro, merecendo o título de mestre, ou esse título cabe privativamente a Deus? A essa questão responde Santo Tomás que, rigorosamente, só Deus é o verdadeiro agente da educação, da mesma forma que é a causa principal do ensino, pois a doutrina humana, que o mestre procura comunicar, não pode ser compreendida pelo aluno senão em virtude da luz da razão que Deus infunde na sua mente, sem a qual o ensinamento não pode ter eficácia. Da mesma forma que não se pode atribuir a causalidade eficiente da cura ao médico, mas sim à natureza do doente, dotada por Deus da virtualidade de reagir contra os males que a afetam, não se deve dizer que seja o mestre a causa principal do ensino, pois esse é devido principalmente à capacidade de aprender da inteligência humana, criada por Deus e possuindo em potência aqueles conhecimentos que o ensino do mestre só faz transformar em ato. Mas, não sendo a causa principal e interna do ensino, o homem é sua causa auxiliar e externa e pode, assim, com propriedade, ser chamado mestre de seu semelhante (BELLO, 1978, p. 113).

O manual de Bello (1978) foi uma referência e, por conseguinte, tornou-se um material para a formação de professores. Desta maneira, nos faz refletir sobre a incidência das ideias e valores que contribuíram para as práticas pedagógicas. Assim, percebemos que Bello (1978) escreveu, em 222 páginas, uma história linear, cronológica e evolucionista das ideias pedagógicas que perpetuaram em momentos históricos e, sobretudo, evidencia-se a preferência do autor em ressaltar pensadores da pedagogia cristã.

Nota-se que no capítulo 15, que trata da Escola Nova, que apenas cinco páginas (185-190) foram destinadas para o movimento escolanovista. Assim, Bello (1978) procura enfatizar seus apontamentos sobre a Escola Nova.

Em última análise, o movimento pedagógico que se denomina de “escola nova”, ou “escola renovada” representa uma síntese das várias tendências verificadas na história das teorias e das práticas educacionais, a partir do Renascimento, ou, por assim dizer, o termo da evolução de todas essas tendências. Trata-se, portanto, de um movimento bastante eclético, que tem suas origens nas mais variadas e, por vezes, até mesmo antagônicas, doutrinas educacionais” (BELLO, 1978, p. 185).

Bello (1978) não considera a Escola Nova como um movimento inaugural das ideias apresentadas e defendidas pelos escolanovistas. O referido autor ressalta que os princípios escolanovistas não eram algo novo, pois educadores humanistas discorreram sobre essas ideias da escola nova. O Quadro 19 apresenta o sumário da obra “Pequena História da Educação” de Bello (1978).

QUADRO 19 - Conteúdos programáticos - Manual “Pequena História da Educação” (Ruy de Ayres Bello, 1978).

SUMÁRIO

Capítulo	Título	pág.
1	A Educação Primitiva	9
2	A Educação na Antiguidade Oriental	17
3	A Educação na Antiguidade Grega	35
4	Os Grandes Educadores Gregos	57
5	A Educação na Antiguidade Romana	71
6	Educadores Romanos	83
7	A Educação Cristão Primitiva	89
8	A Educação Cristã Medieval	103
9	A Educação Renascentista	123
10	A Reforma e a Educação	133
11	A “Contra-Reforma” e a Educação	143
12	O Realismo Pedagógico	151
13	O Naturalismo Pedagógico	161
14	A Pedagogia de Sentido Psicológico	177
15	A Escola Nova	185
16	A Educação no Brasil	191
Complemento Bibliográfico dos Diferentes Assuntos		215

Fonte: elaborado a partir do sumário “Pequena História da Educação” (1978) de autoria Ruy de Ayres Bello

A partir do sumário de Bello (1978), percebe-se uma história cronológica e evolutiva, em que aspectos da Escola Nova e da Educação do Brasil surgiram de maneira contida. Ademais, nota-se a periodização encontrada nos manuais de História da Educação - Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea²¹⁹.

Bello (1978) realizou críticas aos pensadores escolanovistas, mas foi enfático em expor a concepção de educação da Escola Nova.

²¹⁹ Monarcha (2006, p. 7) explica que existe uma periodização da história universal que destaca a “sobrevalorização do Ocidente europeu e a redução do lugar dos não-europeus e das culturas anteriores à Modernidade”. Assim, o referido autor menciona que nos manuais apresentam-se em “educação na Antiguidade Oriental pagã, na Antiguidade Clássica humanista, na Idade Média cristã, na Idade Moderna racionalista e na Idade Contemporânea laica, científica e industrial. *Grosso modo*, os autores didáticos entregam-se à tentação de modelar a imagem do passado pela imagem do presente, nesse caso, os fatos idos são representativos de um celeiro de ideias antecipadoras” (MONARCHA, 2006, p. 7).

Em referência à filosofia que a inspira, a “escola nova” é essencialmente naturalista, muito embora falem os seus representantes de coisas espirituais e se inclua, algumas vezes, a religião nas atividades escolares. Mas trata-se de uma espiritualidade imprecisa e indefinida e de uma religião meramente subjetiva e sentimental” (BELLO, 1978, p. 187).

Por essa maneira como Bello (1978) contesta o Naturalismo, entendemos que a discordância concentra pelo novo pensamento de formação e atuação do homem em sociedade, pois este seria o sujeito histórico de todas as realizações e transformações do meio social. Deixaria de ser conduzido por uma força abstrata e, sim, essencialmente promovida pela razão e concretização de sua vontade e liberdade estabelecida entre cidadãos envolvidos e capazes de elaborar leis e pactos sociais em conformidade com o bem público.

Neste caso, o principal ponto de Rousseau, residia na ideia que a vontade de todos, deveria predominar no processo de elaboração de regras da vida em sociedade, para o que apenas leis ratificadas por todos deveriam ser a forma de exercício da liberdade, pois a lei que se prescreveria para sim mesmo seria, então, liberdade (GATTI JR, 2014, p. 480).

Neste sentido, entendemos que os indivíduos são autônomos e com decisões que colaborariam para as relações em sociedade. A ação social é política e não meramente situações de vontades transcendentais ou ditadas por aqueles que eram intermediários por transmiti-las ao homem. As circunstâncias sociais não seriam estáticas e impossíveis de serem modificadas. A liberdade de escolha em prol do bem geral possibilitava ao homem as alterações necessárias na sociedade, visando o bem comum dos cidadãos.

Reportando-se, ainda sobre à origem da Escola Nova, Bello (1978) explica que trata-se de um movimento advindo também de outros pensadores humanistas²²⁰. Essa consideração de Bello (1978) parece ser uma constante em manuais de autores católicos, os quais, nesse momento da pesquisa, enfatizamos Santos (1945) e Bello (1978)²²¹.

²²⁰ “As raízes históricas mais remotas desse movimento poderão ser encontradas na pedagogia de alguns educadores humanistas, sobretudo Luis Vives, Erasmo de Rotterdam e Paulo Vergério, que em suas obras pedagógicas professaram muitos dos princípios educacionais que constituem a ideologia do movimento que estamos focalizando e, particularmente, em Vitorino Da Feltre, fundador de “Casa Amena”, instituto de ensino que, em certo sentido, pode ser considerado uma antecipação da “escola nova” no que ela tem de mais característico. Podem ser também, considerados precursores desse movimento os pedagogos realistas Rabelais, Montaigne e Comenius (BELLO, 1978, p. 185).

²²¹ Monarcha (2006, p. 5) explica que “No tumultuado transcorrer dos Tempos Modernos, essa suposta “origem histórica da Escola Nova” fez seu percurso, sendo acolhida como bússola para a elaboração de manuais de História da Educação. Numa palavra, artefato elaborado com recurso à retrospecção, a história da Pedagogia e Educação é provida de um télos, algo como um estado de caráter atrativo ou concludente, para o qual se movia incessantemente em perspectiva de remate final. Para um sem-número de autores de manuais, literatura didática e intérpretes do passado, as invenções do individualismo-liberalista, do racionalismo filosófico, da interpretação materialista da história e da natureza, invenções iniciadas no Renascimento e amadurecidas nos tempos fortes, contínuos e irreversíveis da Era Moderna, isto é, nas conjunturas de aceleração da história – Humanismo,

Sobre “O Naturalismo Pedagógico”²²², Bello (1978) detalha as características deste movimento em que se exaltava a sobreposição da razão, considerando as questões terrenas em detrimento da fé, assim como o potencial à natureza do homem em que a confiança e poder à ciência contrariavam o que era tradicional. Assim, parafraseando Bello (1978, p. 161), o Naturalismo apresentava “as características gerais da mentalidade filosófica e científica”²²³.

Assim, alguns tópicos prescritos, principalmente entre 1960 e 1970, chamam a atenção, principalmente, se buscarmos os apresentados na estrutura do manual “Pequena História da Educação” de Bello (1978). Para detalharmos essa nossa percepção, o Quadro 20 resume os tópicos elencados no ensino de História da Educação e os dispostos no manual de Bello (1978).

Racionalismo, Iluminismo, Revolução Francesa, formação dos Estados nacionais – ao alcançarem a plenitude deram lugar ao nascimento da escola obrigatória, o triunfo das pedagogias psicológicas com a consequente extinção da férula educacional e, por conseguinte, o advento do ensino conforme a subjetividade do sujeito, tudo isso e muitos mais com o propósito de formar seres capazes de ver, observar, pensar, discernir e racionar. Numa palavra; espécie de “providência natural” a operar na história dos homens e da cultura, a ciência racionalista aparece como o grande instrumento de perfectibilidade humana.

²²² Cabe ressaltar que, no capítulo em que Bello (1978) abordou sobre o Naturalismo, ele menciona as “teorias do *Emílio*” e cita nomes de outros percursos do naturalismo pedagógico rousseauiano (entre estes, Basedow, Pestalozzi, Froebel, Herbart Leão Tostoi, Helena Key, Luís Gurlitt (BELLO, 1978, p. 174).

²²³ De acordo com Bello (1978, p. 161-162), as características seriam “a) exaltação irrestrita da razão humana, como medida de todas as realidades e consequente negação do sobrenatural ou super-racional; b) preocupação exclusiva com a vida terrena, desprezando-se qualquer cogitação de ordem extratemporal; c) concepção da religião como um vago deísmo meramente subjetivo, não sendo Deus mais de que uma pura abstração e a vida religiosa uma manifestação inteiramente sentimental; d) exaltação da natureza humana, de suas virtudes, sua bondade natural, seu poder, negando-se portanto, a degenerescência do pecado original; e) glorificação do indivíduo, com o propósito de torná-lo independente de qualquer subordinação, principalmente em relação à Igreja; f) confiança ilimitada no poder da Ciência, para a explicação de todo o universo e para a solução de todos os problemas humanos; g) posição anti-histórica ou antitradicionalista, isto é, menosprezo pelo passado e confiança ilimitada no futuro”.

QUADRO 20 - Tópicos prescritos no ensino de História da Educação entre 1960 e 1970 e estrutura das temáticas tratadas em “Pequena História da Educação” de Bello (1978).

Programa Prescrito na disciplina História da Educação Fista (Entre 1960 e 1970)	Pequena História da Educação capítulo 13 O Naturalismo Pedagógico Subtítulo: Causas, origens e Características do Naturalismo (p. 161-176)
Naturalismo do século XVIII	Características do naturalismo pedagógico (p. 162);
Rousseau: vida e obras Rousseau: o Homem Rousseau: o pedagogo	A influência de Rousseau no domínio da educação (p. 173) ²²⁴ ;
Rousseau: doutrina do Estado Natural Rousseau: Consequências da doutrina do Estado Natural	Rousseau como expoente da Pedagogia Naturalista (p. 163);
Rousseau: Educação física (grifo nosso)	Rousseau e a educação física (p. 164);
Rousseau: Educação intelectual (grifo nosso)	A educação intelectual, conforme Rousseau (p. 165);
Rousseau: moral (grifo nosso) Rousseau: educação religiosa (grifo nosso)	Rousseau e a educação moral e religiosa (p. 167);
Juízo final sobre Rousseau (grifo nosso)	Juízo sobre a Pedagogia de Rousseau (p. 168).

Fonte: Elaborado a partir das análises dos programas de Ensino de História da Educação (1960-1970) e manual Pequena História da Educação (1978) de autoria de Bello.

Bello (1978) é um crítico de Rousseau e contesta a concepção de educação desse pensador. Explica que a criança estaria à contemplação “nada mais seria de que um simples estimular da imaginação e das faculdades afetivas da criança, visando a predispor-la para receber a inspiração e as sugestões da natureza, consideradas fator exclusivo de sua consciência e de sua sensibilidade religiosa” (BELLO, 1978, p.167-168).

Cabe salientar que as questões inerentes à centralidade ao aluno e a sala composta por ambos os sexos foram, também, combatidos em Bello (1978, p.187), que deixa explícito sua discordância quanto ao “governo da classe pelos próprios educandos”, assim como em relação à co-educação. O autor resume a organização das “escolas novas” em: “A educação física e os

²²⁴ Estruturamos assim esse item do manual “Pequena História da Educação” de Bello (1978), pois entendemos que melhor expressa os tópicos: Rousseau: vida e obras; Rousseau: o Homem; Rousseau: o pedagogo - conteúdos que foram abordados no programa prescrito de História da Educação do Curso de Pedagogia da Fista.

trabalhos manuais constituem os principais elementos do currículo na pedagogia da escola nova” (BELLO, 1978, p. 187)²²⁵.

Sobre a História do Brasil, entendemos que Bello (1978) destacou a educação desenvolvida pelas Jesuítas, além de dedicar o papel das ordens franciscanas no país. Especificamente sobre o período republicano, ele simplifica-o em duas páginas (210 a 21). Nomes de Francisco Campos e Capanema foram referendados.

Sobre Campos, a citação de Bello (1978, p. 212) mostra sua satisfação quanto à promulgação da primeira lei orgânica para a universidade e a oposição ao ensino laico: “Nesse mesmo ano de 1931, foi promulgada a primeira lei orgânica da universidade brasileira” [...] “um decreto do governo abolia a laicidade compulsória do ensino, permitindo, em caráter facultativo, o ensino religioso nas escolas oficiais, com o que atendeu aos reclamos da consciência nacional, traduzidos num movimento de opinião que empolgou o país inteiro” (BELLO, 1978, p. 212).

Sobre este aspecto, consideramos que nos programas de História da Educação da Fista, quando encontramos menções sobre a História do Brasil, há evidência de que Francisco Campos, Gustavo Capanema e Getúlio Vargas (assim, como se retrocedermos no tempo – os próprios jesuítas) possuíam um destaque, ainda mais se considerarmos que não existiram tantos detalhes sobre outros assuntos inerentes ao Brasil. Assim, é interessante refletir como a história pode ser evidenciada em determinados tópicos que podem induzir o aprendiz a interpretar figuras e ou nomes como heróis e torná-los emblemáticos no âmbito da educação.

Desta maneira, evidenciamos que Bello (1978) transportava o fervor católico à intencionalidade de escrever uma obra com essa concepção para os estudantes e futuros professores. Isto estaria condizente com a maneira de moldar a cultura educacional dos envolvidos no processo ensino-aprendizagem.

Ademais, evidenciamos que os conteúdos prescritos nos programas de História da Educação da Fista, entre os anos de 1951 e 1980, apresentaram tensões entre o pensamento tradicional cristão, o progressista cristão e o liberal científico. Em nosso entendimento, esses pensamentos disputaram espaços de reafirmação e poder em que as ideias da pedagogia católica

²²⁵ Em relação ao ensino de História da Educação no Curso de Pedagogia da Fista, entre 1970 e 1980, identificamos que houve uma reorganização para as metodologias da referida disciplina. Sobre os conteúdos do ensino de História da Educação, existiam nos programas prescritos da referida disciplina tópicos convergentes com o proposto pela “escola nova”, como por exemplo, Pedagogia da Ação, Grandes teóricos da Pedagogia da Ação (William James – Pragmatismo); John Dewey e o ensino pela ação; Kilpatrick; Kerchernsteiner; Claparèd (Educação Funcional. Contudo defrontamos com temas como Educadores gregos: Homero, Sócrates, Platão, Aristóteles, Educação como treino para a vida prática, Cícero, Quintiliano, Sêneca, Educação Cristocêntrica, Educação fundamentada numa posição filosófica – teológica (Centro Cristo e princípios morais), Textos.

concorriam para se autoafirmarem à pedagogia da escola nova na cultura de uma instituição confessional católica.

A partir das análises dos conteúdos programáticos, dos documentos dispostos nos relatórios da Fista e dos relatos de ex-discentes e docente, inferimos que o ensino de História da Educação foi referendado com manuais disciplinares de Santos “Noções de História da Educação” e de Bello “Pequena História da Educação”.

5.6 Considerações parciais

Os materiais utilizados no Ensino de História da Educação do Curso de Pedagogia da Fista, entre 1951 e 1980, podem ser definidos sob três aspectos. O primeiro seria sobre as temáticas em que encontramos: ideais de pensadores tradicionais e conservadores, principalmente entre os anos de 1951 e 1960; outra de perspectiva católica Progressista entre as décadas de 1960 e 1970, em que movimentos sociais colaboraram para impulsionar afinidades com pensamento de Maritain. Sob este ponto, inferimos que o professor Monsenhor Juvenal Arduini, que ministrou Filosofia e História da Filosofia, colaborou para a inserção desse pensamento no âmbito da Fista.

Quanto às temáticas vinculadas à Pedagogia Católica, percebe-se que estas permearam a disciplina História da Educação entre as décadas de 1950 e 1980. Isto pode ser explicado quando apreendemos que esta concepção de educação sobressaía nos programas de ensino se compararmos aos da Escola Nova.

Para tanto, é preciso considerar que a presença das temáticas da Escola Nova e História do Brasil obtiveram um espaço singelo. Assim, os conteúdos relacionados ao Naturalismo (Cientificismo, Evolucionismo, Tecnicismo e demais), foram dispersos nos programas do Ensino de História da Educação e Rousseau foi enfatizado.

Cabe destacar que Rousseau foi apresentado como um pensador com concepções pertencentes ao Naturalismo, porém, não o identificava como um educador integrante ao socialismo.

Em nosso entendimento, a liberdade e a vontade geral que promovem as reflexões sobre o socialismo de Rousseau passaram despercebidas nos programas prescritos do ensino de História da Educação. Assim, o homem que é entendido por Rousseau como um ser social e capaz de transformar a sociedade de acordo com as necessidades para o bem comum dos indivíduos foi, por assim, dizer desconsiderado.

Em relação ao segundo aspecto elencado na disciplina História da Educação, reportamos às atividades como seminários, pesquisas, leituras de obras clássicas e o espaço da biblioteca como recurso pedagógico. Notamos que estes dispositivos compuseram métodos de ensino entre os anos de 1951 e 1980. Entretanto, a partir de 1971 foram implementados outros, como por exemplo, a disposição das carteiras em círculos, trabalhos em grupos e ampliação da utilização de filmes para melhor assimilação do processo ensino-aprendizagem. As aulas expositivas aos poucos foram sendo substituídas pelas denominadas dialogais. Desta forma, permitia-se que as carteiras fossem colocadas em formato de “círculo”.

O terceiro e último aspecto que aventamos foi em relação aos manuais disciplinares referendados no ensino de História da Educação. Evidenciamos que conteúdos dos programas prescritos para a referida disciplina possuíam similaridade com a obra *Noções de História da Educação* de Theobaldo Miranda Santos. Ademais, a partir dos relatos de ex-alunas e docente da disciplina, percebeu-se que o nome deste autor foi mencionado como um dos estudados no respectivo ensino. Outro manual estudado foi de Ruy de Ayres Bello.

A partir dessas percepções, evidenciamos que o ensino de História da Educação apresentou três movimentos em que o tradicionalismo e o conservadorismo estiveram presentes nos anos de 1951 a 1960. Elencamos como possível inserção a tentativa de uma pedagogia cristã progressista, entre as décadas de 1960 a 1970, uma vez que documentos analisados e inter-relacionados apontam para essa abordagem. Porém, salientamos que a autoafirmação da Pedagogia Católica sobressaiu nas temáticas do ensino de História da Educação. Evidencia-se, assim, que existiram tensões entre as correntes escolanovistas (temáticas com abordagens científicas, tecnicistas, psicológicas) e à preponderância da Pedagogia Católica no ensino de História da Educação do curso de Pedagogia da Fista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática que instigou o início da pesquisa foi como teria sido o ensino de História da Educação no Curso de Pedagogia da Fista, no período de 1951 a 1980. Considerando que se tratava de uma instituição confessional católica, isto foi desafiador devido aos empecilhos encontrados para adentrar na instituição e buscar seus resquícios históricos. Foram muitos os enfrentamentos, talvez por envolver questões educacionais e religiosas.

Considerando que a Fista foi um desdobramento do Instituto de Cultura Superior de Uberaba, é importante destacar a ambiência cultural na qual a cidade de Uberaba e o país estavam inseridos. Por meio da idealização e do incentivo do então padre Juvenal Arduini, foi possível almejar a transformação desse instituto em uma universidade católica. Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, arcebispo de Uberaba, esteve na liderança desse propósito e, juntamente com o intelectual Alceu de Amoroso Lima, fizeram com que o Instituto de Cultura Superior se transformasse, em 1949, em Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino.

A instituição esteve sob a direção das Irmãs Dominicanas, religiosas de origem francesa que, junto com os demais sujeitos mencionados anteriormente, concretizaram a proposta educacional. Considero que as posições de ideias, valores e intencionalidades desses membros foram retratadas em conteúdos e metodologias da apresentação do ensino de História da Educação que fizeram parte formação de professores.

Neste sentido, o objetivo geral da tese foi analisar a configuração e reconfiguração do processo do ensino de História da Educação e as perguntas que nortearam a problemática tiveram como intuito identificar o perfil programático da disciplina História da Educação, assim como os recursos e materiais empregados, o perfil de docentes e discentes e a frequência às memórias desses sujeitos. A partir da História Oral e a correlação com as fontes documentais, foi possível depreender o passado nos limites do tempo presente.

A tese de que existiam tensões entre os contornos católicos e o registro científico, laico e evolucionista dos conteúdos disseminados no ensino de História da Educação foi evidenciada. Ressalto, como resultado, que para além do pressuposto inicial de que entre os católicos progressistas inseridos no âmbito da Fista existiam também os que poderiam não compartilhar com as ideias que advinham de determinados professores. Portanto, entre o período de 1951 a 1980, tanto as temáticas conservadoras e tradicionais como as de perspectivas da pedagogia católica progressista estiveram presentes na referida disciplina, ainda que de forma diluída e intercalada nos programas de ensino da História da Educação.

Cabe ainda destacar que o ensino de História da Educação passou por movimentos de tradicionalismo e conservadorismo, principalmente entre 1950 e início de 1960, quando religiosos ministravam o referido ensino. Mesmo que a partir de 1956 tenha acontecido a inserção de docentes não vinculados aos quadros eclesiásticos da religião católica, considero que outros religiosos permaneceram na instituição e passavam suas experiências educacionais aos que adentravam no quadro de professores.

A análise dos conteúdos programáticos da disciplina de História da Educação evidenciou uma disciplina com estudo do passado, que apresentava intelectuais renomados desde a Idade Média às Idades Clássica, Moderna e Contemporânea. O perfil programático foi disposto por pensamento linear e cronológico dos fatos, tendo o passado como exemplo para o presente.

A carga horária da disciplina História da Educação era densa e, pelos estudos realizados a partir dos Relatórios F.F.C.L.S.T.A, que continham os programas no período de 1951 a 1980, foi possível verificar o lugar da referida disciplina no currículo do Curso de Pedagogia da Fista. Cabe salientar também que os relatos das ex-alunas do Curso de Pedagogia e o *corpo documental* elencado evidenciaram coerência entre o programa prescrito e o que era implícito, pois mesmo não sendo destacado no programa oficial, a instituição enfatizava seus valores em conferências, seminários e atividades realizadas no âmbito da instituição e, portanto, essas atividades faziam parte do conhecimento e formação dos alunos.

A Fista, sendo uma instituição confessional católica, estava imbuída de aspectos legais formalizados e, portanto, condizentes com o ideal dos aparatos legislativos educacionais. Entretanto, não estava desvinculada de uma cultura interna em que ideais e princípios defendidos por católicos mais conservadores e tradicionais também estariam em tensões com o movimento progressista católico que sobreponha com os da Escola Nova.

No processo de configuração e reconfiguração da História da Educação, a identidade da disciplina foi assim denominada, contudo, nos anos iniciais, entre 1950 e 1960 e estendendo-se até início dos anos de 1970, existiu uma disposição em “tronco” entre História da Educação e História da Filosofia. As metodologias utilizadas no ensino de História da Educação foram alteradas a partir de 1972, possivelmente em decorrência dos cursos de aperfeiçoamento dos professores que foram contratados pela instituição. Assim, atividades como a dinâmica de grupo, elaboração de projetos e a própria disposição de carteiras em forma de círculo contribuíram para que as aulas não fossem apenas expositivas e sim dialogais. Acerca dos estudos em grupos, cabe observar que eles eram avaliados e compunham as novas metodologias para o ensino de História da Educação.

Além desse aspecto, cabe salientar que as egressas do referido curso também participaram da formação de outras pessoas e, por conseguinte, disseminaram valores e pensamentos recebidos por aqueles ensinamentos contidos em manuais como o de Theobaldo Miranda Santos e Ruy Ayres de Bello.

Quanto à memória da frequência a disciplina da História da Educação, evidenciei que os conteúdos prescritos no programa do referido ensino podem ter sido os mesmos ministrados em sala de aula, pois há nexos entre as fontes consultadas e os relatos de discentes e docente que participaram daquele contexto histórico. Evidencia-se que existiu uma metodologia de apreender não só os conteúdos ministrados no ensino de História da Educação, mas sobretudo às posturas docentes, enfatizando a conduta baseada na dedicação, seriedade e disponibilidade para com os alunos. Nota-se assim, um currículo oculto em que modos e formação foram inculcados às discentes sem que isto compusesse explicitamente ao currículo oficial.

Evidencia-se, também, a inclusão de pensamentos diferentes daqueles iniciados na implantação da Fista, ou seja, o catolicismo conservador pode ter sido alterado no decorrer dos anos, principalmente a partir de 1967, quando uma reação católica não adepta do tradicionalismo tenta uma discussão sobre a Pedagogia Cristã Progressista em que Paulo Freire esteve presente e impulsionou um pensamento social.

Em relação aos materiais utilizados no Ensino de História da Educação do Curso de Pedagogia da Fista, entre 1951 e 1980, saliento três apontamentos.

O primeiro, quanto às temáticas, em que destaco pensadores tradicionais e conservadores, principalmente entre os anos de 1951 a 1960; outra temática de perspectiva católica Progressista entre as décadas de 1960 e 1970, na qual os movimentos sociais e a influência das ideias neotomistas de Jacques Maritain impulsionaram discussões no âmbito da Fista, especificamente pelo professor Monsenhor Juvenal Arduini. Destaco que temáticas vinculadas à Pedagogia Católica permearam a disciplina História da Educação entre as décadas de 1950 e 1980, pois houve uma sobreposição desses conteúdos nos programas de ensino quando confrontados com os da Escola Nova. A História do Brasil obteve também um espaço singelo nos programas da referida disciplina. Ademais, os conteúdos vinculados ao Naturalismo (Cientificismo, Evolucionismo, Tecnicismo e demais) foram dispersos nos programas do Ensino de História da Educação, no qual Rousseau obteve destaque. Também foi interessante notar nos relatos que dentre tantos intelectuais estudados nos programas de História da Educação, o mais enfatizado foi o genebriano, tão identificado nos tópicos da disciplina como Naturalista. Assim, Rousseau foi, no transcurso do ensino História da Educação, um pensador com concepções pertencentes ao Naturalismo, sendo que em nenhum momento ele foi definido

e ou mencionado como um educador integrante da perspectiva de abordagem social. Evidencia-se que a concepção defendida por Rousseau, ou seja, do homem como ser social com capacidade e possibilidade de transformar a sociedade, foi desconsiderada no ensino de História da Educação, o que impossibilitou a ampliação das ideias para a formação dos professores.

O segundo apontamento refere-se às atividades referendadas como metodologias para o ensino de História da Educação e destaco os seminários, pesquisas, leituras de obras clássicas e o espaço da biblioteca como recurso pedagógico. Estes dispositivos fizeram parte dos métodos de ensino entre os anos de 1951 e 1980. Contudo, a partir de 1971, outros foram inseridos, como a disposição das carteiras em círculos, trabalhos em grupos e amplificação de filmes.

Como último apontamento, destaco os manuais disciplinares referendados no ensino de História da Educação, nos quais os conteúdos dos programas prescritos para a referida disciplina apresentaram similaridade com a obra *Noções de História da Educação*, de Theobaldo Miranda Santos. Outro autor de manual estudado foi Ruy de Ayres Bello.

Desta maneira, houve a autoafirmação da Pedagogia Católica, a qual sobressaiu nas temáticas do ensino de História da Educação. Entretanto, cabe ressaltar que mesmo existindo tensões entre as correntes escolanovistas (temáticas com abordagens científicas, tecnicistas, psicológicas) e a Pedagogia Católica Progressista, esta última foi preponderante. Isto evidencia que houve relutância para que o conservadorismo e o tradicionalismo católico fossem diluídos ao longo do processo de configuração e reconfiguração da referida disciplina. Esta percepção pode despertar o interesse em aprofundar a pesquisa para entender as dinâmicas e disputas pela permanência e descontinuidade que permeiam a complexidade da história das disciplinas e, especificamente da História da Educação.

Cabe salientar que as análises realizadas até o momento, nesta tese, permitem depreender a relação intrínseca da educação com a religião, apontando que o recuo no tempo e espaço pode desvendar as tensões e os embates que perpetuam nesta relação até o momento presente.

Os resultados apresentados ainda requerem novas complementações e podem colaborar para futuras pesquisas relacionados à disciplina História da Educação. Desta forma, entendo que os dados elencados requerem novas discussões e devem ser confrontados com mais informações. Assim, outros interessados no ensino de História da Educação poderão apresentar novos estudos que colaborarão para esse campo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, José Carlos de Souza; RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza; SOUZA, Sauloéber Társio de. **O Ensino de história da educação.** Marta Maria Chagas de Carvalho, Décio Gatti Júnior (Org.). Haveria uma Historiografia Educacional Brasileira expressa pelos Manuais Didáticos publicados entre 1914 e 1972? Vitória: EDUFES, 2011.p.95-143. v. 6. Coleção Horizontes da pesquisa em história da educação no Brasil.
- _____. O Ensino em Minas Gerais entre 1889 e 1968: cenários, problematizações e desafios para a pesquisa. In: NETO GONÇALVES, Wenceslau; CARVALHO, Carlos Henrique (Orgs.). **História da Educação em Minas Gerais: da Colônia à República.** Uberlândia\MG.v.3.EDUFU.2019. p.251-300.
- _____. SILVA PINTO, Andrea Carla Agnes e,. O legado de Ruy de Ayres Bello de Ayres Bello como fonte de pesquisa da Historiografia Educacional Brasileira. **XI Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil.** Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa. 2012. Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5.
- ARAUJO, Marta Maria de. O Ensinar e o Aprender História da Educação (Rio Grande do Norte, 1965-1969). In: JÚNIOR, Décio Gatti; MONARCHA, Carlos; BASTOS, Maria Helena Camara (Org). **O Ensino de História da Educação em Perspectiva Internacional.** Uberlândia, EDUFU, 2009.
- ARDUINI, Juvenal. **Estradeiro Para onde vai o homem?** Edições Paulinas. 3^a edição. São Paulo.1987.
- _____. **Homem Libertaçāo.** Edições Paulinas.2^a edição. São Paulo. 1975.
- _____. **O Marxismo.** Livraria Agir Editora. Rio de Janeiro. 1965.
- ARGON, Maria de Fátima Moraes. **Catálogo da Correspondência entre Alceu Amoroso Lima e Theobaldo Miranda Santos (1935-1956).** Universidade Cândido Mendes. Petrópolis, 2014.
- ARQUIVO PÚBLICO. **Revista Memórias.** Thomaz de Aquino Prata “Padre Prata”. n° 1. Ano. 2015. Superintendência do Arquivo Público de Uberaba.
- ATHAYDE, Tristão de (1931). **Debates Pedagógicos.** Rio de Janeiro: Schmidt Editor.p.8-180.
- AZZI, Riolando (Org). A vida religiosa no Brasil: **enfoques históricos.** São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.
- BASTOS, Maria Helena Camara. Paroz, Compayré, Rousselot: manuais de História da Educação em circulação no Brasil (Século XIX). In: JÚNIOR, Décio Gatti; MONARCHA, Carlos; BASTOS, Maria Helena Camara (Org). **O Ensino de História da Educação em Perspectiva Internacional.** Uberlândia, EDUFU, 2009, p. 157-79.

BELLO, Ruy de Ayres Bello de Ayres. **Pequena História da Educação.** 12. Ed. São Paulo: Editora do Brasil, 1978.

BITTENCOURT, Agueda Bernardete. **A era das congregações - pensamento social, educação e catolicismo.** *Pro-Posições*. Dez 2017, Volume 28 Nº 3 Páginas 29 - 59 <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0117>

BONTEMPI JR., Bruno. O ensino e a pesquisa em História da Educação Brasileira na cadeira de Filosofia e História da Educação (1933-1962). In: **História da Educação**, ASPPHE/FAE/UFPel, Pelotas, n.21, jan./abr.2007. <https://doi.org/10.20396/rho.v10i40.8639804>

BORGES, Bruno G; GATTI JR., Décio. O Ensino de História da Educação na Formação de Professores no Brasil Atual. **Revista HISTEDBR** On-line, v. 40, p. 24-48, 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembrança de velhos. 2. Ed. São Paulo: T.A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 19.941**: Dispõe sobre a instrução religiosa nos cursos primários, secundário e normal. Rio de Janeiro, 30 de abril de 1931. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br\legin\fed\decret\1930-1939\decreto-199941-30-abril-1931-518529-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 1 de mai.2020.

_____. **Decreto nº 19.851**: Dispõe sobre Ensino Superior - *Estatuto das Universidades*. Rio de Janeiro, 11 de abril de 1931. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br\legin\fed\decret\1930-1949\decreto-19851-11-abril-1931-528429-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 1 de mai.2020.

_____. **Decreto-Lei nº 8.530**: Dispõe sobre a Lei Orgânica do Ensino Normal. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/de8530.htm. Acesso em: 28 de nov.2021.

_____. **Lei nº 5.540**: Dispõe sobre a Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br\legin\fed\lei\1960-1968>. Acesso em: 1 de maio. 2020.

_____. Conselho Federal de Educação. Parecer n.252/1969. **Estudos pedagógicos superiores**. Mínimos de conteúdos e duração para o curso de graduação em pedagogia. Relator: Valnir Chagas. Documenta, Brasília, n.100, p.101-179, 1969.

_____. Conselho Federal de Educação. Resolução n.2, de 11 de abril de 1969. **Fixa os mínimos de conteúdos e duração a serem observados na organização do Curso de Pedagogia**. Documenta, Brasília, n. 100, p. 113-117, 1969.

_____. Lei nº 5.692, de 11 de ag. de 1971. **Revogada pela Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarIntegra;jsessionid=F8342BB4536FBA13C8A2FC6081001C83.proposicoesWebExterno2?codteor=713997&filename=LegislacaoCitada+-PL+6416/2009. Acesso em: jun.2020.

CAMBI, Franco (1999). **História da pedagogia**. São Paulo: Unesp.

CARVALHO, Gleicemar Barcelos de. 2016. **A Festa e o curso de pedagogia em Uberaba, MG (1949 a 1955):** história, educação e contextualização. Dissertação. Universidade de Uberaba. 2016.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Por entre restos de memória: um relato sobre o ensino de História da Educação no Curso de Pedagogia da Faculdade da USP (1971-1997). In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de; JÚNIOR, Décio Gatti (Org.). **O Ensino de História da Educação**. Vitória: EDUFES, Coleção Horizontes da pesquisa em história da educação no Brasil, v.6. 2011, p.277-304

CASALI, Alípio. **Elite Intelectual e Restauração da Igreja**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

CATANI, Denice Bárbara; SILVA, Vivian Batista da. **Memória e história da profissão dos professores**: as representações sobre o trabalho docente nos manuais pedagógicos. Educação em foco: órgão oficial da faculdade de Educação/Centro Pedagógico da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, MG, v.12, n. 1, p.159-183, 2007.

CHERVEL, André. **História das Disciplinas escolares**: reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria e Educação, n.2, p. 177 – 229. Porto Alegre – RS: Panorâmica, 1990.

_____, A. História de las disciplinas escolares. Reflexiones sobre un campo de investigación. **Revista de Educación**, n.295, p.59-111, 1991.

COSTA RICO, Antón. A Docência da História da Pedagogia/História da Educación en España: **institucionalización, texto e rotas**, 2009.In: GATTI JR, Décio; In: GATTI JR, Décio; MONARCHA, Carlos; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). **O Ensino de História da Educação em Perspectiva Internacional**. Uberlândia/MG: EDUFU.

CURY, C. R. J. Alceu Amoroso Lima. In: FÁVERO, M. L. A.; BRITO, J. M. **Dicionário de educadores no Brasil**: da Colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro: UFRJ/MEC/INEP, 1999. p. 39-44.

DALLABRIDA, Noberto. Qual História da Educação ensinar? In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de; JÚNIOR, Décio Gatti (Org.). **O Ensino de História da Educação**. Vitória: EDUFES, Coleção Horizontes da pesquisa em história da educação no Brasil, v.6. 2011, p.337-61.

DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FELQUEIRAS, Margarida Louro. A história da educação na relação com os saberes histórico e pedagógico. **Revista Brasileira de Educação**.v.13, nº 39 set/dez.2008.

<https://doi.org/10.1590/S1413-24782008000300006>

FERNANDES, Florestan. O destino das universidades. In: FERNANDES, Florestan. **Educação e sociedade no Brasil**. São Paulo, SP: Dominus Editora; Ed. Universidade de São Paulo, 1966.p.205-208.

FERNANDES, Rogério. A História da Educação e seu Ensino. In: GATTI JR, Décio; MONARCHA, Carlos; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). **O Ensino de História da Educação em Perspectiva Internacional**. Uberlândia/MG: EDUFU, 2009. p. 229-248.

FERREIRA, Nilce Vieira Campos. 2012. **Escola de Economia Rural Doméstica**: Ensino Secundário Profissionalizante no Triângulo Mineiro (1953-1997). Tese. Universidade Federal de Uberlândia.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES; Eliane Marta Teixeira. **Território Plural A pesquisa em história da educação**. 1. Ed. São Paulo: Ática, 2010.

GATTI JUNIOR, Décio. As ideias de Rousseau nos Manuais de História da Educação com Autores Estrangeiros Publicanos no Brasil (1939 – 2010). **Cadernos de História da Educação**, v.13, n. 2, jul./dez,2014.

_____.As contribuições teóricas e historiográficas de Wilhelm Dilthey e de Émile Durkheim na constituição da disciplina História da Educação no Brasil no século XX. **Cadernos de História da Educação**, v.12, n.1.jan/junh.2013.

_____. Décio. Percurso histórico e desafios da disciplina História da Educação no Brasil. In: Gatti Jr., Décio; Pintassilgo, Joaquim. (Orgs.). **Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação**. Uberlândia/MG: EDUFU, 2007, p.99-139.

_____. O Ensino de História da Educação no Brasil: fontes e métodos de pesquisa. **Cadernos de História da Educação**, v. 16, n.1, p.64-88, jan.abr.2017.<https://doi.org/10.14393/che-V16n1-2017-6>

GHIRALDELI JR, Paulo. **Educação e Razão Histórica**. São Paulo: Cortez, 1994a.

_____. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 2^a ed. rev. O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova A reconstrução educacional no Brasil – ao povo e ao governo, p.54-78. 1994.b.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Sinais – Raízes de um Paradigma Indiciário. Tradução: Federico Carotti. 2^a ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

GONDRA, José Gonçalves. Sem Deus nem Rei? O positivismo na escrita da educação brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 77, n. 185, jan/abr. 1996, p. 169 - 190. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbe.77i185.1095>

GOODSON, Ivor. F. Currículo: **teoria e história**. Petrópolis: Vozes, 1995

GRAÇAS, Colégio Nossa Senhora das. Companhia da mídia.2019. Disponível em: <<https://www.cnsguberaba.companhiadamidia.com.br/cnsg/>> Acesso em: 3 de abr. 2021.

GUIMARÃES, Rosângela Maria Castro. **O Ensino de História da Educação na Escola Normal: entre o prescrito e a realidade escolar** (Uberaba, Minas Gerais, 1928-1970). Uberlândia/MG: EDUFU. 2016, p.7-66. <https://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-402-5>

_____. GATTI JR., Décio. A institucionalização da disciplina História da Educação na Escola Normal mineira na primeira metade do Século XX. **Educação (PUCRS)**, v.35, n.1, p. 54-65, 2012.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, n.1. Campinas-SP: Autores Associados, 2001.

LIMA, Ana Laura Godinho; AMPARO, Patrícia Aparecida do; SILVA, Katiene Nogueira da Silva. A Formação da Biblioteca vivida e o aprendizado do julgamento das leituras. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v.06, n.17, p.84-100, jan./abr.2021.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. 2001. DP&A Editora. Rio de Janeiro.

LOPES, Sonia Maria Gomes. **A criação da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro** [recurso eletrônico]: primeiros anos (1953-1960). EDUFU. 2020.

LORENZ, Karl. A História da Educação e o Ensino Pós-Secundário nos Estados Unidos (1840-1910), 2009, p. 131-56. In: GATTI JR, Décio; MONARCHA, Carlos; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). **O Ensino de História da Educação em Perspectiva Internacional**. Uberlândia/MG: EDUFU.

MANNA, Maria Beatriz Irmã, (Orgs); LOPES, Maria Antonieta Borges; SANTOS, Maria de Lourdes Leal. **Primórdios das Dominicanas no Brasil Central**. Uberaba, MG: Colégio Nossa Senhora das Dores, 2020.

MENDONÇA, José. **História de Uberaba**. Uberaba: Editora da Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1974.

MENEZES, Terezinha Hueb (Orgs); RESENDE, Vânia Maria. **Quantas Saudades do Colégio vou levar**. Editora Vitória. Uberaba, MG. 2005.

MONARCHA, Carlos. História da Educação (Brasileira): Formação do campo, tendências e vertentes investigativas. **História da Educação**. Pelotas-RS: ASPHE/FAE/UFPel, n.21, jan-abr.,2007

_____. Carlos. Práticas de Escrita da História da Educação: o tema da Escola Nova nos manuais de autores brasileiros. p.65-93 In: JÚNIOR, Décio Gatti; MONARCHA, Carlos;

MONARCHA, Carlos. **Práticas de Escrita da História da Educação**: O tema da Escola Nova nos Manuais de Ensino produzidos por Brasileiros (1914-1969). p.1-19.2006.

MOURA, Geovana Ferreira de Melo. 2002. **Por trás dos muros escolares**: luzes e sombras na educação feminina (Colégio Nossa Senhora das Dores) -Uberaba (1940-1960). Dissertação. Universidade de Uberlândia.

NAGLE, Jorge (1974). **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo. EPU, Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Material Escolar.

NÓVOA, Antonio. História da Educação: percursos de uma disciplina. **Análise Psicológica**, n.4 (XIV), p. 417-34, 1996.

_____. História da Educação. **Relatório da disciplina de História da Educação, apresentado no âmbito das provas para a obtenção da agregação**. Universidade de Lisboa. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Lisboa. 1994.

_____. Perspectivas de Renovação da História da Educação em Portugal. IN: NÓVOA, Antonio: RUIZ BERRIO, Julio. A História da Educação em Espanha e Portugal: investigações e atividades. Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. **Sociedad Española de Historia de la Educación de la Educación**. 1993, p. 11- 22.

NUNES, Clarice. Ensino e historiografia da educação: problematização de uma hipótese. **Revista Brasileira de Educação**. n.1,p.67-79, jan./abr.1996.

_____. O ensino da história da educação e a produção de sentidos na sala de aula. **Revista Brasileira de História da Educação**. n.6.jul./dez.p.115-57.2003.

OLIVEIRA, Sebastião José de, 2003. **A criação e a consolidação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino em Uberaba, MG: uma experiência singular da Congregação Dominicana no Brasil (1948-1961)**.

OLIVEIRA, B. C.; OLIVEIRA, T.; COSTA, L. M. A educação para Jacques Maritain: considerações sobre os conceitos de democracia e cidadania, **ORG & DEMO**, Marília, v. 21, n. 2, p. 175-188, Jul./Dez., 2020. <https://doi.org/10.36311/1519-0110.2020.v21n2.p175-188>

PAULA, Eustáquio Donizeti de, 2007. **Regime Militar, resistência e formação de professores na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino em Uberaba (1964 a 1980)**. Dissertação, Universidade de Uberaba.

PONTES, Hildebrando. **História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central**. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1978.

REZENDE, Eliane Mendonça Marquez de. **Uberaba: uma trajetória sócio-econômica (1811-1910)**. Uberaba: Arquivo Público de Uberaba, 1991.

RICCIOPPO FILHO, Plauto. Ensino Superior e Formação de Professores em Uberaba/MG (1881-1938): **uma trajetória de avanços e retrocessos**. 2007. 509 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Uberaba.

ROBALLO, Roberlayne de Oliveira Borges. **História da Educação e a Formação de professoras Normalistas: As Noções de Afrânio Peixoto e de Theobaldo Miranda Santos**. 2007. Dissertação. Mestrado em Educação. Universidade Federal do Paraná.

SÁ-SILVA; Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. 2009. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano I, n. I, jul. 2009, p. 1-15. ISSN: 2175-3423.

SAMPAIO, Antonio Borges. **Uberaba: história, fatos e homens**. Uberaba-MG: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1971.

SANTOS, Maria de Lourdes Leal dos. **Docência e memória: elos da formação humanista das Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino (1960 – 1980)**. Tese. Doutorado em Educação. São Paulo, 2020. Universidade de São Paulo – USP.

_____. 2006. **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino: um marco humanista na história da educação brasileira (1960-1980)**. Dissertação, Universidade Federal de Uberlândia.

SANTOS, Maria Teresa. Percurso e Situação do Ensino de História da Educação em Portugal. In: GATTI JÚNIOR, D; PINTASSILGO, J. (Orgs.) **Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação**. Uberlândia: EDUFU, 2007, p. 63-97.

SANTOS, Theobaldo Miranda. **Noções de História da Educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945. (Edição Ilustrada). Exemplar nº 3410.

SAVIANI, Dermival. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos dos problemas no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**. n.40.jan/abr.p.143-155.2009.

<https://doi.org/10.1590/S1413-24782009000100012>

SEVERINO, Antônio Joaquim. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n.3, p.619-634, set/dez.2006.

<https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000300013>

SILVA, Rafael Fernando da. **Filosofia da Educação: grandes problemas da pedagogia moderna, de Theobaldo Miranda Santos: um estudo sobre manuais de ensino**.2014. Dissertação. Mestrado em Educação. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista. Araraquara. São Paulo.

SILVA, Katiene Nogueira da; GATTI, Giseli Cristina do Vale. AS IDEIAS DE DURKHEIM NOS MANUAIS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: CIENTIFICIDADE E MORALIDADE LAICA NA VIDA SOCIAL E NA ESCOLA. **Hist. Educ. [online]**. 2019, vol.23, nov, n 25, 2019. <https://doi.org/10.1590/2236-3459/93211>

SILVA, Washington Abadio da. **A formação de “bons cristãos e virtuosos cidadãos” na princesa do sertão: o Colégio Marista Diocesano de Uberaba (1903-1916)**. 2004. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2004.73>

SILVEIRA, Carlos Roberto da. **O Humanismo personalista de Emmanuel Mounier e a repercussão no Brasil**. Tese. Doutorado em Filosofia. São Paulo, 2010. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP.

SOARES, Edilene Alexandra Leal. **O Colégio Triângulo Mineiro e o ensino secundário em Uberaba (MG) entre 1940 e 1960**. 2015. 212 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia.

SOUZA, Rogério Luiz de. O pensamento de Jacques Maritain e de Emmanuel Mounier no campo católico brasileiro e a educação libertadora de Paulo Freire. **Revista Brasileira de**

História. São Paulo, v.39, nº 82. Ano 2019. <https://doi.org/10.1590/1806-93472019v39n82-09>. Acesso em: 2 de set. de 2021.

SOUZA, Marilda Aparecida Alberto Assis. **O Orfanato Santo Eduardo e a assistência às crianças pobres em Uberaba - MG (1920 – 1964).** 2018. 396 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia.

TANURI, Leonor Maria. História da Formação de Professores. **Revista Brasileira de Educação.** n.14.mai/ago, p.61-88.2000.

TOURAIN, Alain. **Crítica da Modernidade.** 4^a ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 1994.

VAZ, José Carlos de Lima. **A Universidade Católica no Brasil.** Pesquisa sobre a Identidade, a situação atual e as perspectivas da Universidade Católica no Brasil. São Paulo, Edições Loyola. 1983.

VINÃO FRAGO, Antonio. A história das disciplinas escolares. Tradução Maria Fernandes Braga. **Revista brasileira de história da educação.** n.18, set/dez.2008, .p.173-214.

_____ ; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

WARDE, Mirian Jorge; CARVALHO, Marta Maria Chagas de (2000). **Política e Cultura na Produção da História da Educação no Brasil.** Contemporaneidade e Educação.v.5,n.7.

WEISS, Raquel. A concepção de educação de Durkheim como chave para a passagem entre positivismo e normativo. In: MASSELLA, Alexandre Braga; PINHEIRO FILHO, Fernando; AUGUSTO, Maria Oliva; WEISS, Raquel (Org.). **Durkheim: 150 anos.** Belo Horizonte: Argvmentvm. p. 169-189. 2009.

FONTES CONSULTADAS

1-Acervo Particular

ARDUINI, Juvenal. **Documento datilografado**. Uberaba (MG). 1988. Superintendência do Arquivo Público de Uberaba.

FACULDADES INTEGRADAS SANTO TOMÁS DE AQUINO. 1971. **Regimento Integrado**. Maria Teresa Machado Borges.

_____. **Histórico Escolar**. 1972-1974. Maria das Graças Chaves Aveiro. Arquivo Particular

_____. **Atestado**. 1978. Antonia Teresinha da Silva. Arquivo Particular

_____. **Revista Série Estudos**. 1977. Vania Maria Resende. Arquivo Particular

_____. **Revista Série Estudos**. 1978. Mara Cristina Queiroz Franco. Arquivo Particular

2-Acervo Particular – Maria de Lourdes Prais

PRAIS, Maria de Lourdes. **Coquetel de Formatura realizado na Festa**. Uberaba (MG). 1965. Arquivo Particular.

_____. **VI Encontro de Educadores de Uberaba e Triângulo Mineiro**. jun.2000, p.3-4. Arquivo Particular.

_____. **Formatura do Curso de Pedagogia – Maria de Lourdes Prais com os pais**. Uberaba (MG). 1965. Arquivo Particular.

_____. **Paulo Freire**. São Paulo (SP). 1996. Arquivo Particular.

3-Acervo Particular – Antonia Teresinha da Silva

SILVA, Antonia Teresinha da. **Curso de Extensão Universitária**. Uberaba (MG).1970. Arquivo Particular.

_____. **Atestado**.1974. Uberaba (MG). Arquivo Particular.

_____. **Especialização**. Psicologia Social. Ribeirão Preto (SP). 1974. Arquivo Particular.

_____. **Memorial Circunstaciado**. Uberaba (MG). 2004. Arquivo Particular.

_____. **Pós-Graduação em Psicologia**. Campinas (SP). 2004. Arquivo Particular.

4-Acervo Particular – Paulita Vasconcelos

VASCONCELOS. Paulita. Convite de Formatura Colégio São Domingos. Araxá (MG). 1949. Arquivo Particular.

_____ **Convite de Formatura Fista.** Uberaba (MG). 1953. Arquivo Particular.

_____ **Discurso de Formatura.** Uberaba (MG). 1953. Arquivo Particular.

_____ **Diploma do Curso de Religião.** Uberaba (MG). Arquivo Particular.

_____ **Formatura do Curso de Pedagogia.** Uberaba (MG). Arquivo Particular

_____ **Certificado de registro de professor licenciado.** Rio de Janeiro (RJ). Arquivo Particular.

_____ **Certificado de registro de Professor de Ensino Normal.** São Paulo (SP). Arquivo Particular.

_____ **Carteirinha de estudante da USP.** São Paulo (SP). Arquivo Particular.

5-Setor de Controle Curricular da Uniube – Universidade de Uberaba

F.A.F.I.C.L.S.T.A. Ata da 1ª Reunião da Congregação. Uberaba (MG). 1949. Setor de Controle Curricular da Uniube.

_____ **Ata da 4ª Reunião da Congregação.** Uberaba (MG). 1950. Setor de Controle Curricular da Uniube.

_____ **Ata da 6ª Reunião do Conselho Técnico Administrativo.** Uberaba (MG). 1951. Setor de Controle Curricular da Uniube.

_____ **Ata da 8ª Reunião da Congregação.** Uberaba (MG). 1951. Setor de Controle Curricular da Uniube.

_____ **Ata da 9ª Reunião da Congregação.** Uberaba (MG). 1951. Setor de Controle Curricular da Uniube.

_____ **Ata da 21ª Reunião da Congregação.** Uberaba (MG). 1956. Setor de Controle Curricular da Uniube.

_____ **II- Estudo Da Relação Da Frequencia Do Corpo Docente E Desenvolvimento Dos Programas De Ensino.** Uberaba (MG). 1951. Setor de Controle Curricular da Uniube.

_____ **Relação Total Das Cadeiras Indicadas, As Não Providas Por Catedráticos E As Medidas Objetivas Para O Regular Provimento.** Uberaba (MG). 1950. Setor de Controle Curricular da Uniube.

_____.**História da Educação.** 1º Semestre. Uberaba (MG). 1951. Setor de Controle Curricular. Uniube.

_____.**História da Educação.** 2º Semestre Uberaba (MG). 1951. Setor de Controle Curricular da Uniube.

_____.**História da Educação.** 1952 a 1956. Uberaba (MG). Setor de Controle Curricular. Uniube.

_____.**História da Educação.** 1957. Uberaba (MG). Setor de Controle Curricular. Uniube.

_____.**História da Educação.** 1960 a 1967. Uberaba (MG). Setor de Controle Curricular. Uniube.

_____.**História da Educação.** 1968 a 1969. Uberaba (MG). Setor de Controle Curricular. Uniube.

_____.**História da Educação.** 1970. Uberaba (MG). Setor de Controle Curricular. Uniube.

_____.**História da Educação.** 1971. Uberaba (MG). Setor de Controle Curricular. Uniube.

_____.**História da Educação.** 1973. Uberaba (MG). Setor de Controle Curricular. Uniube.

_____.**História da Educação.** 1974 a 1976. Uberaba (MG). Setor de Controle Curricular. Uniube.

_____.**História da Educação.** 1977. Uberaba (MG). Setor de Controle Curricular. Uniube.

_____.**História da Educação.** 1978 a 1980. Uberaba (MG). Setor de Controle Curricular-Uniube.

_____.**Relatórios F.F.C.L.S.T.A.** 1951. Uberaba (MG). Setor de Controle Curricular da Uniube.

_____.**Relatórios F.F.C.L.S.T.A.** 1952. Uberaba (MG). Setor de Controle Curricular da Uniube.

_____.**Relatórios F.F.C.L.S.T.A.** 1953. Uberaba (MG). Setor de Controle Curricular da Uniube.

6 – Setor de Documentação. Uniube (Universidade de Uberaba).

F.F.C.L.S.T.A. **Histórico Escolar**. Paulita Vasconcelos. 1950-1953. Setor de Documentação. Uniube.

_____ .**Histórico Escolar**. Maria do Rosario Cunha. 1955. Setor de Documentação. Uniube

_____ .**Histórico Escolar**. Maria Sarah Felippe Vilaça. 1956-1958. Setor de Documentação. Uniube.

_____ . **Histórico Escolar**. Selma Amuí. 1963-1966. Setor de Documentação. Uniube

_____ .**Histórico Escolar**. Neide Fonseca de Oliveira. 1968-1971. Setor de Documentação. Uniube.

_____ .**Histórico Escolar**. Antonia Teresinha da Silva. 1968-1971. Setor de Documentação. Uniube.

_____ .**Histórico Escolar**. Zilda Tomas de Souza. Traslado do Diploma de Normalista.1948. Setor de Documentação. Uniube.

_____ .**Histórico Escolar**. Militão Batista Brasileiro. 1962. Setor de Documentação. Uniube.

_____ . **Histórico Escolar**. Raimundo Barbosa. 1962. Setor de Documentação Uniube.

6- RELAÇÃO NOMINAL DOS ENTREVISTADOS

AVEIRO, Maria das Graças Chaves. Entrevista com Maria das Graças Chaves Aveiro. Uberaba, dezembro de 2019, concedida a Edilene Alexandra Leal Soares (gravada em áudio seguida de transcrição, 3p.).

FABRI, Marta de Queiroz. Entrevista com Marta de Queiroz Fabri, dez.2019, concedida a Edilene Alexandra Leal Soares (gravada em áudio seguida de transcrição,9p.).

PRAIS, Maria de Lourdes. Entrevista com Maria de Lourde Prais de Melo, jun.2019. Concedida a Edilene Alexandra Leal Soares (gravada em áudio seguida de transcrição, 4p.).

SILVA, Antonia Teresinha da. Entrevista com Antonia Teresinha Silva, jul.2019. Concedida a Edilene Alexandra Leal Soares (gravada em áudio seguida de transcrição, 8p.).

VASCONCELOS, Paulita. Entrevista com Paulita Vasconcelos Marquez (Paulita Vasconcelos), fev.2020. Concedida a Edilene Alexandra Leal Soares (gravada em áudio seguida de transcrição, 11p.).

APÊNDICE

ANEXO A - Roteiro para entrevista com ex professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino – 1952 a 1980.

ENTREVISTADO (A):

FORMAÇÃO:

ANO DE INGRESSO NA FISTA:

IDADE QUE INICIOU A ATIVIDADE DOCENTE:

ANO DE ENCERRAMENTO DAS ATIVIDADES DOCENTE:

- 1- Como foi seu contato com a FISTA e como ocorreu o processo para integrar o quadro de docentes e ministrar aulas na disciplina de História de Educação no Curso de Pedagogia.
- 2- Ministrou outras disciplinas no Curso de Pedagogia.
- 3- Quais as metodologias utilizadas na disciplina História da Educação.
- 4- Como era realizado o planejamento das aulas da Disciplina História da Educação (Se possível mencionar carga horária, períodos e ou séries em que essa disciplina era ofertada).
- 5- Sobre a disciplina História da Educação, como eram as aulas.
- 6- Quais atividades eram realizadas (Seminários, trabalhos em grupo, pesquisas na Biblioteca, leituras dirigidas dentre outros).
- 7- Relatar os livros/manuais indicados em sala, assim como os indicados para estudos.
- 8- Citar os temas/conteúdos que eram tratados na Disciplina História da Educação.
- 9- Elencar os educadores/pensadores citados e ou estudados na disciplina História da Educação.
- 10- Citar como era as provas escritas e ou orais da Disciplina História da Educação
- 11- Sobre a disciplina História da Educação em que esse ensino contribuiu para sua formação de vida e profissional.
- 12- Para considerar um aluno com bom desempenho na disciplina História da Educação como era o(s) critérios de avaliação.

ANEXO B - Roteiro para entrevista com ex alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino – 1952 a 1980.

ENTREVISTADO (A):

INSTITUIÇÃO QUE CONCLUÍU OS ESTUDOS SECUNDÁRIOS:

ANO DE INGRESSO NA FISTA:

IDADE QUE INICIO OS ESTUDOS NA FISTA:

ANO EM QUE CONCLUIU (OU NÃO) ESTUDOS NA FISTA:

NOME DO PROF^a (O) DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO:

- 1- Como foi seu contato com a FISTA e quais os motivos que levaram a escolher a FISTA, assim como a disciplina História da Educação no curso de Pedagogia.
- 2- Sobre a disciplina História da Educação, como eram as aulas.
- 3- Sobre as metodologias, citar as que eram utilizadas pelos professores.
- 4- Quais atividades eram realizadas (Seminários, trabalhos em grupo, pesquisas na Biblioteca, leituras dirigidas dentre outros).
- 5- Relatar os livros/manuais indicados em sala, assim como os indicados para estudos.
- 6- Citar os temas/conteúdos que eram tratados na Disciplina História da Educação.
- 7- Elencar os educadores/pensadores citados e ou estudados na disciplina História da Educação.
- 8- Citar como era as provas escritas e ou orais da Disciplina História da Educação
- 9- Sobre a disciplina História da Educação em que esse ensino contribuiu para sua formação de vida e profissional.
- 10- Caso não finalizou a disciplina de História da Educação e ou o curso de Pedagogia, cite os motivos que levaram a essa desistência.

ANEXO C - Entrevista realizada em 14/10/2019, na residência da Profa Maria de Lourdes Prais – Uberaba-MG. A entrevista concedida foi autorizada e gravada em áudio.

TERMO DE CESSÃO

Eu Maria de Lourdes Melo Prais, portadora do RG de nº M 8 - 1.086.471, emitida pela SSP/MG autorizo, em caráter gratuito a pesquisadora EDILENE ALEXANDRA LEAL SOARES, portadora do RG nº M-8.029.035, emitida pela PC/MG, a utilizar, citar, mencionar ou publicar em parte ou na íntegra, entrevista e imagens concedidas por mim em tese que está a elaborar a respeito da FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS SANTO TOMAS DE AQUINO, no município de Uberaba-MG. Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Uberaba 17 de fevereiro de 2020

Maria de Lourdes Melo Prais

Maria de Lourdes Melo Prais

Ex aluna do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino (1962 - 1965)

Ex docente do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino (1965 -1982).

Ministrou disciplinas: sociologia Educacional, Sociologia Geral, Filosofia da Educação.

Experiência na educação

Iniciei o curso de Pedagogia em 1962 e formei em 1965. Com 22 anos lecionei aulas, pois com 21 anos já estava em Direção Escolar. Quando recebi o convite das Irmãs Dominicanas para dar aula, não aceitei no início. Eu dava aula no Ginásio Nossa Senhora da Abadia, no Nossa Senhora das Dores e também Colégio Triângulo Mineiro". Tinha vários compromissos.

Contato com a Fista

Fui indicada pelo Padre Prata que estava com acumulo de disciplinas. Ajudava ele e quando aposentou logo assumi as disciplinas. Antes da faculdade eu já pertencia a JEC – Juventude Estudantil Católica e quando fui para a faculdade passou-se chamar JUC – Juventude Universitária Católica. Na JEC já tinha conhecido o Padre Prata e Monsenhor Juvenal Arduini. Na faculdade o Padre Prata foi assim [risos]... Eu estava tomando café e ele falou: até você passou no vestibular? Eu perguntei: porque até eu? Ele falou: você tem cara de treze anos. Eu respondi - menina prodígio. Padre Prata dava aulas excelentes. Grande amigo nos momentos bons e difíceis. Padre Prata ministrava disciplinas de Sociologia Educacional, Sociologia Geral, Filosofia da Educação... Até esqueci as demais disciplinas.

Sobre a data de fusão da Fista com FIUBE – Faculdades Integradas de Uberaba.

A fusão da Fista/FIUBE se não me engano aconteceu em 1982.

Atividades realizadas pela Profa Maria de Lourdes Prais

Como Diretora de escola convidei Paulo Freire para participar de um curso de formação de professores. Eu sempre convidava alguém para fazer esses cursos. Minha amiga Abigail Bracarense [foi aluna da Fista], na época diretora do Ginásio Corina de Oliveira, me falou quando disse que iria chamar o Paulo Freire – você está doida? [risos].

Eu falei para ela [Abigail Bracarense] que estava na igreja e ouvi o nº do telefone do Paulo Freire e eu gravei. Aí eu liguei para ele [Paulo Freire]. Ele falou: estou chegando do meu exílio e visitarei vários estados, e estarei em Belo Horizonte. Ele me perguntou se eu tinha conversado na Delegacia de Ensino – na época era assim que chamava. Aí eu falei para ele vir em Uberaba. Ele dispôs no dia 28 de fevereiro, não lembro exatamente o ano, faz muito tempo. A Abigail falou – minha filha!!! Não temos um tostão. Eu falei: fique tranquila que dará tudo certo.

A gente cobra uma taxa de inscrição... E todo mundo ajudou. Foi maravilhoso! As Irmãs Dominicanas ofereceram almoço... Fiquei muito amiga de Paulo Freire. Ele me convenceu fazer mestrado na PUC. Havia 17 anos que eu estava parada e, após 17 anos fui para PUC. Paulo Freire foi meu professor em duas disciplinas.

Eu era arrima de família – apesar de diretora de escola Estadual e trabalhar na FIUBE não tinha condições financeiras. Conheci a primeira esposa do Paulo Freire – a Elza. E também a segunda esposa – Anita. O pessoal da tesouraria da PUC sempre me ligava e eu falava: – moço eu vou pagar uma hora. Um dia o pessoal da tesouraria me ligou e falaram: seu carnê foi quitado. Paulo Freire foi quem pagou. Eu fiquei como docente na Fista de 1965 até 1982.

Colegas de trabalho

Meus companheiros de trabalho foram Paulo Rodrigues que ministrava Filosofia – na época da ditadura militar ele foi perseguido e estava no Rio de Janeiro vendendo laranja e aí as Irmãs Dominicanas buscaram-o para dar aulas na Fista. Paulo Roberto Ferreira também ministrou aulas na Fista... Maria Antonieta Borges – no curso de História. Inclusive ela está nesse momento na Espanha. Elsie Barbosa foi diretora da Fista. A Antonia Teresinha da Silva foi minha aluna, Luiz Alberto Miranda era professor da Fista e foi para Universidade Federal de Goiás – hoje está aposentado.

Sobre as aulas no Curso de Pedagogia da Fista

As aulas dependiam de cada professor e eram de maneira geral de diálogo e debate. Eu como professora intuitivamente assumi essa forma de aula – aulas debates, de diálogos, estudos em grupos. Eu sempre fiz essa movimentação. Lembrei-me da professora Geanne Ávila [fez Pedagogia] – foi minha aluna e depois professora da Fista. Professora Vera Lucia Resende [Pedagogia] e Antonina Deusdará [Pedagogia]. Vania Resende; Ivanilda Barbosa [fizeram o curso de Letras]. Inclusive a Ivanilda Barbosa foi diretora da Biblioteca Municipal de Uberaba.

Provas História da Educação na Fista

As provas eram questões abertas - discursivas. Irmãs Dominicanas muita seriedade.

Biblioteca da Fista

A Biblioteca era grandiosa. Encontrava quase tudo que precisava. Tinha os originais. Contato com professores e alunos era harmoniosa – convivência humanista. A característica forte da Fista era escola/formação humana – fato de sempre se fazer educativo – Formação Humanista. A gente sempre refletindo. O que era imperioso na Fista – Quem somos nós – onde pretendemos chegar. O que precisamos fazer para obter base humana.

Sobre os autores estudados na disciplina História da Educação

Paulo Freire, Jacques Maritain, Manuel Lamuer.

Periódicos mais consensuais com finalidades concorriam para aprofundar o humanista cristão. Paulo Freire se destacava. Algumas vozes se destacavam mais consensuais que defendiam Humanismo Cristão.

Pensamento sobre a questão educacional

Quando João Goulart convidou Paulo Freire para conduzir o Plano Nacional de Educação [pausa]... se o trabalho dele tivesse sido realizado teria sido maravilhoso. As universidades participaram da Alfabetização de Adultos... ocorreram Ciclos de Alfabetização.

Ainda sobre a alfabetização de adultos a entrevistada enfatiza:

Eu elaborei material para Uberaba – foram dois fascículos, mas foram emprestados e não me devolveram.

Sobre a Fista reforçou:

Foi nessa linha do Humanismo Cristão, da Ética Cristã que a Fista se dedicou com a formação de educadores.

ANEXO D - Entrevista realizada em 17/12/2019, na Sala da Diretoria do Colégio Nossa Senhora das Dores, Marta Beatriz Queiroz Fabri – Uberaba (Minas Gerais). A entrevista concedida foi autorizada e gravada em áudio

TERMO DE CESSÃO

Eu Marta Beatriz Queiroz Fabri, portadora do RG de nº 4.722.0178, emitida pela SSP/MG autorizo, em caráter gratuito a pesquisadora EDILENE ALEXANDRA LEAL SOARES, portadora do RG nº M-8.029.035, emitida pela PC/MG, a utilizar, citar, mencionar ou publicar em parte ou na íntegra, entrevista e imagens concedidas por mim em tese que está a elaborar a respeito da FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS SANTO TOMAS DE AQUINO, no município de Uberaba-MG. Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Uberaba 17 de dezembro de 2019

Marta Beatriz Queiroz Fabri

Marta Beatriz Queiroz Fabri

Foi discente do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino.

Período: 1967 a 1969

Atualmente é Diretora do Colégio Nossa Senhora das Dores. Trabalha com as Irmãs Dominicanas há 60 anos.

Contato com Irmãs Dominicanas

Muita alegria enquanto estudante!!! Ensino primário foi no Grupo Escolar Brasil onde fiquei até o 4º Ano. Depois vim para o Colégio Nossa Senhora das Dores – fiz o Ginásio. Comecei no Colégio Nossa Senhora das Dores com 11 anos e estou com as Irmãs Dominicanas até hoje: há 60 anos. Concluí meus estudos no Colégio, fiz Magistério (1966) e depois fui fazer Pedagogia na FAFI. Do Colégio para a Festa!!! Desde o Colégio sempre gostei das humanas e eu cursei o Normal [Colégio Nossa Senhora das Dores]. Professores que despertaram em mim o gosto pela Filosofia, Psicologia, Sociologia e História da Educação. Busquei um curso que me daria oportunidade nestes conteúdos e, isto foi na Festa. Aí busquei o curso de Pedagogia, na época FAFI que depois virou Festa. Em 1966, eram três turmas de magistério. Então, a maioria das alunas terminava o magistério e já estavam noivas – apenas seis foram para a faculdade de Pedagogia. Naquela época as turmas não eram grandes. Na minha turma de Pedagogia, 27 fez vestibular e iniciaram o curso, mas terminamos com apenas 17 alunas. Era número reduzido. Na Faculdade tudo muito familiar e as Irmãs Dominicanas seguiam a mesma linha de trabalho não importava se era no Colégio ou se era na Faculdade. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino deixou lembranças e saudades... [pausa] Tivemos professores maravilhosos! Tínhamos os cursos de Pedagogia, Letras, Filosofia, História Geral, História Natural – era tudo assim: 06 alunos no curso de Filosofia; 10 – 12 no curso de Letras... tudo bem reduzido – turmas pequenas. Algumas aulas eram “tronco comum” e desta maneira, reuníamos todos os cursos. Aula de Filosofia que era ministrada pela Irmã Glycia Barbosa que era também Diretora da Faculdade. Professores sensacionais que foram meus docentes tanto no Colégio Nossa Senhora das Dores quanto na FAFI: A professora Elsie Barbosa foi da disciplina Filosofia no Colégio e na Festa; A dona Zilma Buggiato foi da disciplina Metodologia e Didática no Colégio e na Festa; A Dede [Maria de Lourdes Prais] foi também professora no Colégio e na Festa; Professor Padre Prata... Professor Armando Miranda... Professor Paulo ministrava Filosofia tanto no Colégio quanto na Festa. Eram professores tão selecionados – ministravam aquilo com tanto carinho e amor que a gente fazia tudo com muita dedicação e com muito gosto.

Relação profissional mesmo enquanto aluna do 2º Ano de Pedagogia.

No segundo ano de Faculdade comecei a lecionar no ensino Primário no Castelo Branco. Era um colégio de Ponta – uma referência. Fui para substituir uma professora – uma colega que adoeceu. Fui lecionar justo as disciplinas que mais gostava: Psicologia da Educação, Sociologia da Educação, Filosofia da Educação e História da Educação. Quando terminei a Faculdade de Pedagogia logo recebi o convite do diretor do Castelo Branco que me chamou para trabalhar [em 1971] e fiquei por 16 anos no Castelo Branco.

O curso de Pedagogia

Quando iniciei na FAFI/Fista meu horário de aula era das 7h às 12h ou 12h e pouco. A FAFI era no prédio onde hoje funciona a FACTHUS (Faculdade de Talentos Humanos). Era longe... Eu ia de ônibus e, este passava de uma em uma hora. Às vezes estávamos em aula e, faltando uns cinco minutos para o encerramento, quando ouvíamos o barulho do ônibus e ninguém levantava para sair. Ficávamos até o professor terminar... Aí tínhamos que ficar no sol para esperar o próximo ônibus. Poucos alunos iam de carro. [risos] quando passava carro era uma poeira !!!!Lembro que chegava uma colega do curso de Geografia e ela dizia: chegou nossa Mercedes!!!! [risos] na verdade o ônibus era da Mercedes. Outras vezes, íamos embora a pé e chegávamos em casa por volta de 13h, mas ficávamos alegres, felizes... Estudávamos muito! Muito mesmo!! Muita seriedade! Muito respeito! Compromisso grande com a Faculdade. O Diretório Acadêmico muito bom!!! Nós aproveitávamos as aulas ao máximo.

Professores

Tínhamos um professor Edson Lopes – médico. Se não me engano pesquisador da FMTM – dava aula de Fundamento da Biologia. Só pessoa de ponta. Tinha a professora de Psicologia – Madre Cristina – como era difícil de entender aquelas teorias – era Psicologia Científica, mas você começa a trabalhar e aí conseguimos entender como é bonito – maravilhoso esse conteúdo! Aula de Filosofia que era ministrada pela Irmã Glycia Barbosa que era também Diretora da Faculdade. Professor Prata disciplina de Sociologia; Professora Selma Amui disciplina de História da Educação, Professora Maria de Lourdes Prais disciplina de Filosofia da Educação. Muita coisa a gente não lembra com lucidez... Havia muito respeito e a formação era Humanística.

Experiência Profissional

Na época que terminei o Curso de Pedagogia, fiz uma especialização, pois naquela época não tinha Pós-Graduação. A especialização foi na UFMG. O Castelo Branco iria fazer parte de um projeto Piloto e fomos fazer essa especialização. O projeto era muito bom!!! No Colégio Castelo Branco lecionei as disciplinas de Psicologia da Educação, Sociologia da Educação, Filosofia da Educação e História da Educação. O governo [acho] que para enxugar a máquina fundiu as disciplinas. Aí no magistério quem lecionava Psicologia da Educação, Psicologia Evolutiva, Psicologia da Aprendizagem passou a lecionar a disciplina Fundamentos da Educação I. Assim ficou! Já quem lecionava Sociologia, Filosofia, História da Educação passou a lecionar a disciplina Fundamentos da Educação II. Então, eu era professora das matérias (Sociologia, Filosofia e História da Educação) que passou a ser chamadas de Fundamentos da Educação II. Eu precisava ter o domínio de todas. Então, eram 3 em 1. Exemplo, se eu tinha Fundamentos da Educação II, então seria aula de Filosofia... Trabalhávamos muito...Na época não havia facilidade de muitos livros. Eu buscava os que tinham para preparar uma aula. Parecia que estava estudando para uma prova. Depois começou a aparecer livros da Editora Ática de História da Educação, Psicologia da Educação. Eram de uma escrita fácil – de fácil compreensão para o aluno entender. No princípio esses conteúdos muito difíceis de ser dado por que não tínhamos muitos livros. A Filosofia ficava no 3º Ano, pois aí o aluno tinha uma base boa para entender o lado filosófico das coisas. Então, como professora de Fundamento da Educação II eu trabalhava assim: 3º Ano Filosofia; 2º Ano Sociologia. A História da Educação permeava o 1º, 2º e 3º Ano. Por muito tempo esses conteúdos foram chamados Fundamento da Educação II. Também trabalhei no Conservatório de Música. Como tinha a Carteira Vila Lobos – era professora de Música e, no Conservatório havia um curso de Educação Artística que me chamaram para cuidar da parte Pedagógica. Esta foi entregue em minhas mãos e eu apliquei meus conhecimentos de Sociologia, Filosofia da Educação e História da Educação na Arte. Então eu trabalhava no Castelo Branco, no Conservatório e aqui no Colégio Nossa Senhora das Dores [no Curso de Magistério]. Nessa época já tinha terminado minha Faculdade de Pedagogia. Aqui [Colégio Nossa Senhora das Dores] eu trabalhei com Psicologia, Sociologia e Educação Especial – hoje o que seria Inclusão. Eu tinha muita certeza do que estava levando para sala de aula. A base que nós tivemos no curso de Pedagogia da Fista foi muito boa. Hoje é difícil de encontrar... Não é como hoje... penso que a partir da democratização do ensino tivemos uma massificação ... hoje se pensa só no diploma [na certificação].

A História da Educação na Fista

As aulas bastante interessantes e a gente participava bastante por que sempre o professor procurava mostrar o hoje e relacionava com o ontem – a história mesmo. Do jardim de Infância – do porque chamar Jardim de Infância. Estudava profundamente, cada um dos pensadores e as teorias de cada um. O professor trazia para hoje qual a influência da História de Educação hoje. Não era uma história pela história. Era uma história fundamentada. A carga horária muito pesada!!! A gente sai bem firme no conteúdo.

Metodologia

Não tinha muito recurso como hoje. Mas, havia um [retroprojetor], uma lousa, pesquisa, trabalho em grupo tudo muito bem administrado. Lá na faculdade havia uma máquina que passava umas imagens pequenas que esqueci o nome [aqui no Museu tem uma] que projetava na parede... O material da Faculdade muito rico. Não só o material físico, mas intelectual. Os laboratórios todos muito bem preparados. Às vezes, a Profa Zilma Bugiato [Didática] desenvolvia um tema e aí a gente estudava e dava cursos para quem estava começando o magistério. As pessoas carentes... A gente levava para comunidade. Lembro-me de um que aconteceu no Uberaba Tênis Clube – foi uma semana. Para cada grupo era dividido um tema. Cada um ficava responsável.

Provas/Avaliações

Nossa!!! As provas por exemplo, da Profa Zilma era muito difícil. História da educação tinha prova escrita, oral. Não é como hoje. Tínhamos que ler tudo no livro: ler, entender. Não copiar como os alunos fazem hoje! Tudo era equilibrado: um trabalho não valia mais que uma prova - tudo bem dividido - equilibrado. A caligrafia tinha que ser boa.

O Português também era avaliado. Escrever bem. As regras gramáticas: tudo era avaliado – ponto, parágrafo, travessão... E todos os conteúdos permeavam essa avaliação. Muitos Seminários – muita leitura, pesquisa na biblioteca, Apresentação de trabalho... Era assim, fazia trabalho e apresentava. Tinha mini-cursos. Todos tinham que dedicarem, pois senão levariam o grupo para baixo. Lembro que quando íamos apresentar trabalho na frente da sala meu coração disparava... quase saia pela boca... Eu presenciava meus colegas apresentando e eles faziam com tanta naturalidade... Muitos eram de Ituverava – trabalhavam e faziam faculdade. Iam e voltam para a cidade deles. Eles faziam faculdade de manhã e davam aula à noite.

Aí eu cheguei em casa e pensei: eles trabalham e saem bem nas apresentações... Falta desempenho da minha parte... Na minha turma eu e mais três não trabalhavam. Então resolvi

falar para meu pai: vou trabalhar!!! Dar aulas!!! E meu pai disse: você já faz curso de Inglês, conservatório, estuda muito... Você não dá conta... Eu falei, mas meus colegas estudam para trabalhar e pagarem a faculdade e eu tenho tudo e, o senhor paga minha faculdade... Aí fui para o Castelo Branco. E foi muito bom e gostei da sala de aula. Comecei a trabalhar e nunca mais parei. Minha vontade, a observação do desenvolvimento tão bem realizado pelos meus colegas foi muito importante para mim. Começava o ano e até nas férias eu ia para as livrarias para comprar. Não é como hoje que se compra livro por encomenda [Internet]. Era um gosto pelo estudar – destrinchar conteúdos – preparar aulas!!! Ia para prateleira de livros de Sociologia, Psicologia, História da Educação para ver o que saiu de novidade... Minha irmã falava: Marta!! Cada dia com um livro?!!! No fundo a essência [livros] era uma só, mas os pontos de vista eram diferentes. Eu ia para aula, por exemplo, Positivismo – e perguntava: vocês sabem o que é Positivismo? Então eu iniciava que era teoria criada por um francês... ia explicando e tudo fazia com muita alegria... Quando era novidade eu gostava de buscar!!!

Manuais

A gente lia o Homem Libertaçāo de Monsenhor Juvenal Arduini; Estradeiro – livros que mereciam um debruçar maior... A gente trabalhava com muita alegria... A gente fazia trabalhos!

Os Temas em História da Educação

Agora não lembro... Mas, eram mostrados como muita fundamentação - os pensadores, assim como as teorias de cada um. Isto era bem cobrado. Era muito trabalhado!

Importância da História da Educação para vida/Profissão

Como a gente lida com educação, não tem como não falar da importância da História da Educação. O quanto o estudo dessa história contribui para chegar aonde chegamos... Trabalhei no Castelo Branco – no Magistério. Na Faculdade – trabalhei no curso de Letras e Pedagogia até 2013. E no Curso de Magistério Superior que a faculdade oferecia. Trabalhei esse conteúdo e sempre mostrei para as alunas que as coisas não foram criadas agora. O suporte, a base de tudo está lá atrás!!! Um Pestalozzi, uma Emilia Ferreira, Piaget, a doutrina deles... Um Behaviorismo Gestalt... pensa!! Tudo muito ligado – uma dando suporte... Nada isolado. Isto dava conhecimento!!! Essa ponte – essa relação de conhecimentos que era profundo e bem embasado. Eu acho isto muito importante, pois se você chegar em sala de aula, e o aluno perceber que esta titubeando, aí acabou... Você precisa ter segurança – ganhar confiança...

Saber mais que ele. Você fala com propriedade. Isto é responsabilidade do educador. Você lida com pessoas!!! Isso é uma caneta [referindo-se a uma caneta que estava sobre a mesa – no local da entrevista] um objeto. Não serve e você joga fora!!! Pessoas não são objetos!!!! Eu aprendi com as Irmãs Dominicanas!!!! Gostar do que faz, realizar com amor, com propriedade é mostrar que você gosta do seu trabalho. Eu falava para minhas alunas que tem que correr na veia!!!! Se não gostar, fizer com amor não adianta.

Autores

Todos no original – clássicos: Rousseau, Durkheim (em francês).

Colegas de trabalho

A professora Antonia Silva foi professora no Colégio Nossa Senhora das Dores! Na Fista existia uma confiança e amizade sincera. Hoje às vezes não temos contato direto [referindo-se aos colegas da Fista], mas da minha época deve ter umas três na ativa. Existe também muita confiança para com as Irmãs Dominicanas. Faz 60 anos que estou com elas [Irmãs Dominicanas].

A relação Colégio Nossa Senhora das Dores e Fista

Quando vim para cá tinha 11 anos. Vim para estudar. Aqui era internato – apenas meninas. Havia aula de música, instrumento musical, bordado – aquelas prendas que era do momento. Muitas já saiam noivas para casar. Poucas iam para faculdade. Poucas faziam Pedagogia. Tinha os cursos de Medicina, Odontologia, Engenharia, Direito, mas só para homens. Minha formatura da Pedagogia foi uma missa na Catedral. Entrega de certificado foi no Uberaba Tênis Clube. Não foi no prédio onde existiram os gabinetes – salão de formatura [referindo-se ao prédio novo da Fista]. A minha formatura foi no Colégio Nossa Senhora das Dores teve a roupa de galã. O uniforme rotineiro tinha a blusa comprida que era branca e de seda; saia pregueada; sapato que chamava canoinha cor preto e de verniz; meias três quartos cor branca; gravata borboleta e de seda. Chapéu: quando era para uniforme de galã” [a entrevistada expôs esse chapéu em um lugar da sala onde trabalha e onde foi realizada a entrevista]. Quando passei na faculdade na FAFI eu era o chamado bicho, aí tínhamos que usar uma boina branca. A história da Fista está ligada a história do Colégio Nossa Senhora das Dores!!!!

ANEXO E - Entrevista realizada em 06/12/2019, na residência da senhora Maria das Graças Chaves Aveiro - cidade de Uberaba (Minas Gerais). A entrevista concedida foi autorizada e gravada em áudio.

TERMO DE CESSÃO

Eu MARIA DAS GRAÇAS CHAVES AVEIRO, portadora do RG de nº MG 234317, emitida pela SSP- autorizo, em caráter gratuito a pesquisadora EDILENE ALEXANDRA LEAL SOARES, portadora do RG nº M-8.029.035, emitida pela PC/MG, a utilizar, citar, mencionar ou publicar em parte ou na íntegra, entrevista e imagens concedidas por mim em tese que está a elaborar a respeito da FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS SANTO TOMAS DE AQUINO, no município de Uberaba-MG. Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Uberaba 06 de DEZEMBRO de 2019

Maria das Graças Aveiro

Maria das Graças Chaves Aveiro

Aluna do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino.

Período: 1972 a 1974

Formação: Estudei até 8^a série no Colégio Dr. José Ferreira. Depois fui para curso de Formação de Professores no Colégio Castelo Branco e posteriormente a Fista para fazer Pedagogia.

Contato com Irmãs Dominicanas

Queria fazer Serviço Social, mas como não havia faculdade aqui em Uberaba para esse curso resolvi fazer Pedagogia. Sempre gostei de Educação. Sabia que o curso de Pedagogia me ajudaria bastante. Inclusive hoje consigo realizar trabalhos sociais, como ir na casa das famílias dentre outros. Realizar trabalhos de ajuda a outras pessoas. Minha turma tinha 40 alunos. Quando fiz meu curso, este foi no período noturno – durou três anos. Depois voltei para fazer Orientação Educacional e, posteriormente Supervisão Educacional. Quando fiz o curso de Pedagogia a Reforma Curricular já havia acontecido. A História da Educação é muito importante, precisamos conhecer a história, os grandes pensadores, uma vez que nós sempre deixamos nossa marca na sociedade e na família.

As aulas

Essas eram expositivas e também existiam as atividades em grupo. Sempre estudávamos comparando o ontem e o agora. Havia uma reflexão crítica do contexto histórico. Pensar o passado e pensar no presente – um estudo comparativo. Lembro também das atividades de pesquisa. Utilizávamos muito a biblioteca. Havia a leitura dirigida, textos [pausa]. A biblioteca era muito boa, riquíssima! Ainda sobre as aulas, lembrei dos trabalhos de Dinâmica que acontecia bastante. Ah, nas aulas nós tínhamos a história do passado e do presente com seus prós e contras.... Nós debatíamos muito, numa reflexão crítica.

Autores

Agora não lembro... Eram muitos, mas sem dúvida Rousseau estava presente. Agora me veio esse pensador.

Provas

As provas eram escritas. Mas, também apresentávamos trabalhos. Tudo era avaliado. Os alunos tinham abertura, mas era com base no conteúdo. As provas eram dissertativas e às vezes usavam-se aulas duplas para serem realizadas. Às vezes uma aula.

Contribuição da História da Educação

A História da Educação foi importante tanto para vida como para a questão profissional. Conhecer os antepassados é conhecer o presente.

Sobre os professores

A minha professora de História da Educação foi a Heloisa Seixas. O professor Padre Prata foi da disciplina de Sociologia da Educação. A professora Elsie Barbosa foi de História da Filosofia. Agora lembro desses... A formação Humanística era muito forte. A formação dos professores era orientação francesa, todos muito qualificados e sem dúvida de formação Humanística. Mesmo a instituição sendo católica não havia impedimento com relação outras religiões, pois na minha turma havia o José Thomás Sobrinho. Também tínhamos várias pessoas eram de Araxá, Sacramento, Água Comprida ... e muitos vinham para estudar. Havia diretores de escolas que faziam Pedagogia.

Recursos Didáticos/Metodologia

Na época utilizava transparências, cartazes como se diz – Flip Chart. Em diversas disciplinas era usado esse recurso, inclusive para apresentação da proposta de aulas. Como estudava no período noturno, nós íamos mais cedo para a biblioteca. Existia as salas de Estudo Individual e também Estudo em Grupo. Assim, usávamos esses “recursos” para estudar. Os professores sempre foram próximos e em muitas ocasiões orientavam os alunos, tiravam dúvidas. Também estavam ali para conversar sobre outros assuntos. A relação professor e aluno era muito próxima. Dos 40 alunos – todos concluíram o curso. Não lembro de desistência. Todos tinham objetivo/propósito. Eram pessoas adultas, já trabalhavam e tudo era com muita seriedade.

ANEXO F - Entrevista realizada no dia 25/02/2020 na residência da senhora Paulita Vasconcelos - Uberaba (Minas Gerais). A entrevista concedida foi autorizada e gravada em áudio.

TERMO DE CESSÃO

Eu Paulita Vasconcelos Marques, portadora do RG de nº 2093896-2, emitida pela SSPSP autorizo, em caráter gratuito a pesquisadora EDILENE ALEXANDRA LEAL SOARES, portadora do RG nº M-8.029.035, emitida pela PC/MG, a utilizar, citar, mencionar ou publicar em parte ou na íntegra, entrevista e imagens concedidas por mim em tese que está a elaborar a respeito da FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS SANTO TOMAS DE AQUINO, no município de Uberaba-MG. Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Uberaba 25 de Fevereiro de 2020

Paulita Vasconcelos Marques

Paulita Vasconcelos Marquez
Ex aluna do Curso de Pedagogia da Fista
Período de 1950 a 1953.

Contato com Irmãs Dominicanas

Meu nome atual é Paulita Vasconcelos Marquez, mas foi Paulita Vasconcelos por muito tempo. Mamãe morreu cedo e eu fui praticamente criada pelas Irmãs Dominicanas. Eu gosto de dizer uma coisa que eu sinto... tudo o que sou e tenho devo às Irmãs Dominicanas e mesmo depois de terminada a Faculdade meu porto seguro foi e ainda é o reduto Dominicano. Seja aqui em Uberaba, seja São Paulo, seja em Porto Nacional onde elas estiverem em casa eu me sinto em casa.

Eu fiz o magistério em Araxá [Colégio São Domingos] já vivendo no Colégio. Eu não tinha trabalho no colégio... e só depois fiquei sabendo que eu cursava por causa de uma bolsa do governo do Estado... então, eu acredito que elas respeitaram que como havia pagamento, eu também não teria que dar trabalho... mas elas me exigiam o estudo. Quando terminei o curso magistério, ninguém me perguntou se eu queria fazer faculdade ou não...

Simplesmente disseram: você vai para a faculdade.

Prestar vestibular, vai ser dia tal...

Você se prepare mais no francês – [origem delas né...].

A gente tinha o francês nos horários de recreio [referindo à época do Colégio Nossa Senhora das Dores].

Bom... vamos lá...

Eu vim [para Uberaba] e gostaria de ter feito Letras, não sei por que, mas, de repente me vi matriculada na Pedagogia... Mas não me arrependi... Não me arrependi, de forma alguma!!

O nosso começo a Faculdade localizava-se no próprio Colégio Nossa Senhora das Dores... Aliás, arcadas lindas... não posso perdoar quem as destruiu naquele trecho que dava entrada da Faculdade.

Professores:

Eu não vim preparada para lembrar dos professores [risos]

É [pausa]

Eunice Phüller – Psicologia

Jorge Calapódoles – Matemática

Prof. Raimundo – não me lembro bem...

Frei Paulo.... religião.

Irmã Isolina...

Será que Irmã Jorgina foi minha professora?...[pausa]

Irmã Virginita, que também, era vice Diretora – muito querida por todos.

Alguns professores marcaram e à medida que for lembrando vou falando...

O tempo também não ajuda muito... eu sou mais velha que a Festa, uns 20 anos... Tenho 90 anos...as falhas são normais!

A gente fez o curso, assim com muita responsabilidade... os professores muito dedicados. A professora Eunice exigia muito com a gente nas aulas práticas...

Tínhamos religião... havia um certificado específico para conclusão do curso de Religião.

Depois mudamos para o prédio do Colégio São Judas Tadeu, na rua Governador Valadares.

Mas, também não sei por quê...

Não posso esquecer nosso Paraninfo!!! Monsenhor Juvenal Arduini: o fenômeno!! Fora de sério!!

O impulso para faculdade

Devo às Irmãs Mary Bernerdt. Ela é da família Ricciopo de Uberaba. Nome civil dela era Julieta Ricciopo (Madre Prioro lá em Araxá) e a Irmã Antonieta [disciplina de Português]. Ela muito exigente!!! [Ambas do Colégio São Domingos]. As duas me mandaram para Uberaba....Que hora feliz!!! O quanto agradeço!!!

Minha mãe trabalhou de cozinheira num hotel... e um dia ouvi ela falar com uma amiga. Esta falou: logo a Paulita cresce e casa...E a mamãe falou, não, não, não!! A Paulita vai estudar... não vai encostar o “imbigo” no fogão dos outros. Minha mãe era muito simples, tinha a 3^a ano primário e falava “imbigo” ao invés de umbigo... sempre me lembrei dessa fala de minha mãe e, isso me motivou muito...E eu sempre estudei e até hoje não sei cozinhar[risos].

Os estudos

Já me falaram que eu tenho uma falsidade de nascimento! Frei Elton – Dominicano que diz isso!

Viemos para Sacramento porque minha mãe veio amamentar uma criança que tinha nascido no mesmo local, no mesmo dia com a mesma parteira e não tinha leite... Essa criança era filha de um diretor de escola que depois veio a ser meu padrinho. Ficamos nove anos em Sacramento. Aí fiz o curso primário. Depois fomos para Araxá... Mamãe morreu nesta cidade... Ela chegou pagar o exame de admissão no Colégio São Domingos... Aí fiquei lá... Fiz um curso de

adaptação para depois passar para curso normal. Em 1947, que a gente deveria terminar e que eu estava com 17 anos, houve a reforma de ensino do Gustavo Capanema e aí precisamos ficar mais dois anos. Não tinha nenhuma turma além da nossa! A gente amava o Colégio!! Era preciso que Irmã Maria de Lima [que era porteira] falasse – meninas! Terei que soltar os cachorros... Vocês não vão embora [risos]!!! Menos eu que não ia. Éramos 16 colegas muito unidas. Hoje são quatro ou três vivas e até hoje mantemos esse relacionamento. Então terminei em 1949 com 19 anos.

Em 1950 inauguração da Faculdade [FAFI] - e elas me mandaram.

Falaram aperfeiçoe o francês que vai ter vestibular. Estava com tudo na cabeça. Foi mais fácil. Sem muita vaidade fui oradora da turma tanto no Colégio São Domingos [curso Normal] quanto na Faculdade [Curso de Pedagogia].

Eu gostava de estudar!!!

Aquela frase da mamãe ficou na cabeça por muito tempo e parece que era um respeito, uma obrigação que eu tinha que cumprir com o que ela queria para mim. Isto estava muita recente na minha memória.

Festa e o preparo para ser professora

Eu queria ser freira. Cansei de pedir! Cansei!! Mas, eu com um gênio!! Que não mudou nada! Naquele tempo mais ainda... não deixa a batata assar... Agora estou mais moderada [risos] não tenho tanta força [risos].

Quando a Provençal [a Meranhez] vinha de Monteils eu batia na janelinha e perguntava: já posso entrar? E ela falava: Não sei, não sei, vamos pensar... Vamos ver no próximo Noel [referia-se ao Natal, mas ela falava Noel].

Aí quando terminei a faculdade fui para São Paulo e esse Noel, Noel, não passou [risos] E aí passou o Olavo [risos] e me casei com o Olavo.

Eu tinha um Diretor Espiritual – Frei Baroel – um espetáculo de Dominicano – ele falava: seu coração está verde e eu falava: não vai madurar nunca [risos] vai apodrecer!.... [risos].

Eu tinha esse amparo da Congregação Dominicana. Sei que quando terminamos [o Curso de Pedagogia] elas falaram: Paulita!! Você precisa conhecer o mundo... irá para São Paulo!!

Ninguém perguntou se eu queria ir para São Paulo.

Para você ver que era uma família mesmo...

Elas falavam e eu obedecia... Eu retrucava, discutia, mas tinha segurança junto delas!

Quando fui para São Paulo – Pensa! Você termina em Minas tendo uma forma de ensino e vai para outro Estado [São Paulo] ... Os ensinos eram diferentes.

Eu entendia que precisava regularizar minha vida!
 Elas [Irmãs Dominicanas] não me paparicavam, não...
 Eu tinha cama, comida, tinha informação – onde é isso e aquilo, mas precisa ir atrás...
 Eu tinha um diploma do curso de Pedagogia que me dava direito a lecionar o quê?
 Tinha toda uma documentação, um registro que me dava direito há tanta coisa que nem me arriscava [risos]. Direito a lecionar no 1º e 2º Grau... Eu estava munida disso e comecei a procurar onde dar aulas. Mesmo que fosse como professora substituta.
 Eu tinha um concurso para prestar. Esse concurso envolvia coisas que eu tinha que inteirar...
 Não que, de certa forma, eu não podia ter aprendido aqui...
 Não era Filosofia! Outro pensamento...
 Aí fiz matrícula para USP e fique por pouco tempo...
 Porque você sabe... dependendo do professor ou é assim ou é assado [risos]
 Então, lembro-me do professor Querino, Samuel Bryson, Talita... Achei que ia gostar da Psicologia Clínica e fiz sapiência com a Madre Cristina – um fenômeno naquela época.
 Chequei a conclusão que não era isso que queria. E o pior: que eu não poderia perder tempo, pois precisava trabalhar.

Entrevistada retoma como foram as ações para viagem à cidade de São Paulo

Então, terminado o curso e como não aconteceu de ir para convento eu estava na Portaria da Faculdade da Fista com a Irmã Carmelita... não sei se Carmelita Cardoso, mas enfim...
 Ela foi minha segunda mãe em todos os sentidos...
 Arrumava roupas de internas – [que eram filhas de fazendeiro] – tudo o que essas pessoas não queriam ela arrumava para mim. Costurava, mandava lavar... colocava no meu armário...
 Ela me provia de tudo [ela era econômo aqui em Uberaba]
 E eu ajudava naquilo que ela precisava ... Eu tinha proximidade com as Irmãs. Por isso eu falo: que o que sou e o que tenho devo muito a elas.
 Aprendia o que fazer – como fazer – como retratar – o que não fazer...
 As Irmãs viajavam muito e elas tinham uma passagem pela VASP.
 Nós estávamos no Parlatório aguardando um telefonema. As Irmãs Dominicanas conseguiram uma passagem e eu ir para São Paulo. De repente o telefone toca e era do aeroporto avisando que o voo estava atrasado e pedia que aguardássemos que tão logo avisaríamos...
 Então, toca o telefone novamente e era uma amiga [que inclusive eu conhecia a família – lá de Sacramento] que havia feito o curso de História e ela queria falar comigo e disse: Paulita estava procurando vaga para Cadeira de História e tem para Psicologia! Você quer?

E eu perguntei: onde é?
 Ela falou em São José dos Campos.
 Eu perguntei onde vou ficar!!!!
 Ela falou: na casa da minha tia. Já falei com ela...
 Veja como é a Providência Divina!!!
 Aí viajei para São Paulo. Fui de avião. Mas, passei mal. Nem imagine como o fígado funcionou!!!! [risos]
 Era ansiedade... se alguém esperaria no aeroporto ou não...
 Eu enfrentei muitos desafios... [pausa e ficou muito pensativa].
 Acho que foi a mão Divina que esteve comigo!!!!!!
 Aí providenciei meus registros...
 Tive que substituir uma professora que foi para a França.
 Esta professora adotava um livro que chamava os Quatro Gigantes da Alma de Mira y López – Sei que era o Amor, o Ódio... Nem eu conhecia...
 Preferi parar no Amor [risos] nem quis saber dos outros – ela levava as alunas para casa, parece que comiam pétalas de rosas... bom....
 Substituir uma professora que foi para França [pois havia conseguido uma bolsa] - Pensa a responsabilidade!!!!
 Era uma turma que amava a professora... Isso foi em 1955 – 1956...
 Nessa época tinha o pré I e II depois mudou tudo...
 Comecei minha vida por lá...
 Eu tinha como trajeto São Paulo e São José dos Campos – aproximadamente uma hora de viagem.
 Aí a carreira deslanchou...
 Eu procurei me inteirar de conteúdos que predominavam – principalmente da USP. Morei na cidade universitária. Fiquei lá por pouco tempo... não vamos falar da cidade Universitária!

Sobre o ensino de História da Educação

Não lembro o ano que a História da Educação foi ministrada, mas estudávamos Montessori, Piaget Passei por Marx...
 Eu lembro mais dos conteúdos com a dona Eunice Phüiler ... Tem mais gente...vou lembrando...
 O meu curso teve uma conotação, ou melhor, vou dizer pouco mais religioso...
 Mais cuidadoso com esses pensadores... não sei... isto por minha conta...
 Quando reli meu discurso, achei um tanto piegas [risos]

A minha visão daquele tempo era uma...

E delas [Dominicanas] também, um certo cuidado...

Apesar, que Dominicanos tem abertura muito grande, mas não tanto assim a esse ponto...

Nós erámos pouquíssimas, umas seis ou sete com outros cursos... não tinha como ser diferente.

Partíamos de Pitágoras, Aristóteles e vínhamos caminhando...

Acho que paramos na Festa [risos]

Da Idade Média, Antiga, Clássica – até hoje não sei dos SoFistas [risos]

Acho que tive mais aulas com Irmãs e Padres... nem sei formação...

Nós éramos três [eu e a Zilma do 2º ano de Pedagogia] e a Vilma [que estava no primeiro ano de Pedagogia], mas quando tinham conteúdos que era condizente com a série dela, fazia aula conosco.

Então, quando tinha conteúdo para ela – estávamos juntas...

Mas, não lembro de fazer trabalho com a Zilma Tomás...

Acho que cada uma estudava por conta própria...

Fazia muita pesquisa – pensa vir dar aula para duas alunas...

Depois a professora avaliava...

Lembro de fazer muitos testes.

Por isso quando cheguei à cidade de São Paulo me preocupei em buscar.

Como ia dar Psicologia busquei na USP com Madre Cristina – Psicologia Clínica. Não que eu não tivesse levado daqui uma bagagem, mas eu precisava de uma indumentária...

Aulas/Metodologias

Eu me lembro muito de aplicação de testes em nós mesmas ...

Não sei com que finalidade...

Lembro de um teste que foi aplicado: eu fiz um desenho de uma árvore com um buraco no tronco...

Aí a professora falou: esse buraco no tronco, isto é uma ausência!!

Era a ausência do meu pai...

Interessante isso, né?!!!!

Saíamos para dar aula, mas eu tinha para mim que parecia sequência daquelas aulas - naturalmente, com pouco mais de conteúdo, do que tinham sido no Magistério...sabe...

Por uma ou duas vezes eu dei aulas de Sociologia – não lembro quem dava essa disciplina...

Isso foi para turma iniciante. É muito tempo nesse intervalo...

Às vezes, elas comentavam, falavam o que podia manter... melhorar...

Na Faculdade variávamos bastante pelo mundo – franceses, alemães... da Europa mesmo – nem me lembro mais – melhor não falar – mas tínhamos muita pesquisa.

Contraponto sobre os conteúdos da época da FAFI/Fista

Meu primeiro concurso foi para Sociologia e me perguntaram o que a senhora fala sobre o PIB [Produto Interno Bruto] e eu não sabia...[risos] não estava preparada né... saiu daqui [Uberaba] fresquinha... Não me lembro nem de livros... faz muito tempo.

No Magistério tínhamos a disciplina de Biblioteconomia. Eram umas quinze disciplinas e a gente saia muito bem.

Mas, da Faculdade não lembro quem ministrou a disciplina [História da Educação] não sei se foi a Irmã Georgina, a Irmã Isolina...

A Irmã Georgina era magra, alta, olhos grandes...

Irmã Isolina baixa, morena...

Pensa!!! A Fista foi criada em 1950 e deve ter passado para FIUBE... Acho que em 1980...

De 1950 a 1980 - trinta anos... Agora tenho 90, então já passaram setenta anos...

E eu tenho vinte anos há mais que a Fista. E você me pergunta tudo isso? [risos]...

Monsenhor Juvenal Arduini me deu aula de Filosofia.

Não me lembro de livros adotados e sim de pesquisas – não me recordo de livros – cada pensador com uma linha...

No Magistério tínhamos francês e vinham pessoas da França – entendidas na língua mesmo e recitávamos poemas em francês, rezava em francês...

Biblioteca

Era no Colégio Nossa Senhora das Dores – tinha bastante cabedal. Às vezes discutíamos ideias do ponto de vista religiosa... e às vezes não se concordava... aí tinha que esclarecer [risos].

Sobre as aulas de religião

Tínhamos uma formação religião/moral – lembro até de uma discussão – acho com o Frei Paulo... Ele falou que Nossa Senhora não conhecia São José...

E eu falei: conhecia sim!!! Como não!!!! Algumas alunas riram de mim [reuniam alunas de outros cursos para fazer essa disciplina – umas seis ou sete alunas]. Mas, no final ele [professor, acho que Frei Paulo] me chamou e explicou que Nossa Senhora não conhecia São José [referia-se a questão de não ter tido relação com Ela]. Por isso, Ela não o conhecia – É o que diz a Bíblia.

Para você ver o que era minha inocência!!!

A Fista estava no começo tateando. Eu nem sei a formação dos professores...

Vamos dizer era a vida delas – o que queriam implantar...

O início da Fista

Sempre gostei de escrever, fazer poemas, sempre procurei ter uma letra boa... [a entrevistada cita essa passagem, pois enfatiza o cuidado com todos os conteúdos, a letra, a dedicação aos estudos].

No início era uma experiência que eles faziam com o grupo. Minha turma tinha duas alunas – outro curso, três...

Elas [Dominicanas] estavam iniciando, claro que elas sabiam mais, senão não tinham como abrir uma Faculdade!!!

Elas estavam iniciando...

Depois da nossa turma foi aprimorando.

Mas, para elas [Dominicanas] também era um caminho experimental.

É como a gente quando vai para a profissão...

Dá até para fazer uma avaliação do professor – o que ele ensinou ou não... então, não é fácil ...

Até para ela [Dominicanas].

Professor não tem culpa – o cabedal era esse.

Até comigo quando iniciei foi assim...

Se você não tiver uma clarividência, eles te induzem para um caminho...

A Irmã Loreto [professora da Fista com doutorado em Sorbone] tinha outra visão – disciplina Geologia – material bruto – é ouro é ouro – é prata é prata.

Mas, com pensadores, como podem fazer isso!!

Experiência como professora

Quando terminei o Curso de Pedagogia que foi de 1950-1953 – 4 anos...

Em 1954-1955 eu já estava com turmas em São José dos Campos. Essas turmas tinham terminado o Pré – antes era Primário. Então eram Pré, Científico ou clássico.

Como professora, sempre fui rígida. Colocava de castigo – de braços cruzados...

Em São José dos Campos lecionei na Escola Estadual Coronel João Cursino.

Também lecionei no Mackenzie durante seis anos...

Depois casei.

Fui Supervisora de ensino. Nós que íamos às Escolas [diferente daqui que é o Inspetor].

Trabalhei até 1982 [1954 – 1982].

Ministrei Disciplinas de Psicologia, Metodologia, Sociologia...

Isto nas cidades de São José dos Campos, Campos do Jordão, Registro, Dourado...

Foram várias situações... e experiências nas escolas...

Contribuição da Fista

Sem a Fista eu não teria as portas abertas em São Paulo. Eu não posso contestar o conteúdo da Fista de forma alguma.

Pelo menos eu estava apta para entender os conteúdos futuros de outros autores adotados por lá [São Paulo].

Não que eu não tivesse visto. Fui preparada!

Eu sabia que tinha uma escada para subir, mas sabia que do lado tinha um corrimão que podia segurar - tinha as Irmãs Dominicanas.

Subi as escadas com mais tranquilidade... Sabe...

Tropecei, tropecei, mas subi direitinho. Não machuquei o pé – não quebrei...

Cheguei ao ápice da carreira. Só não cheguei a Delegada de Ensino, pois era um cargo por indicação política. Se fosse por concurso teria prestado.

Sempre gostei de desafios!!!

Você nem imagina...

Pensa! Mudar de São Paulo aos 90 anos não é brincadeira... Voltei para Uberaba recentemente.

Não é bolinho [risos]

[entrevistada fica emocionada]

É difícil!!! Eu sem a Fista não seria ninguém!!!! Não seria!!!!...

A Fista foi minha vida – propiciou meu sustento, abriu as portas para o Faculdade/Instituto Mackenzie! Abriu horizonte!

Eu não teria conhecido outras pessoas – A Fista é meu amor [pausa] – A Fista é tudo para mim!!! [pausa].

Aquela Fista dos primeiros anos, dos primeiros passos...

Sou a favor daquele slogan – A Fista NÃO FOI – A Fista É...

OBS: Após apresentar um levantamento de livros do período de 1950 a 1953 - A senhora Paulita cita os nomes de Alceu Amoroso Lima, Maritan e Teobaldo Miranda, como obras para leitura no curso de Pedagogia.

ANEXO G - Entrevista realizada em 02/7/2019 na residência da Professora Antonia Teresinha da Silva – em Uberaba (Minas Gerais). A entrevista concedida foi autorizada e gravada em áudio.

TERMO DE CESSÃO

Eu Antonia Teresinha da Silva, portadora do RG de nº 16.774-135, emitida pela SSP - M.G. autorizo, em caráter gratuito a pesquisadora EDILENE ALEXANDRA LEAL SOARES, portadora do RG nº M-8.029.035, emitida pela PC/MG, a utilizar, citar, mencionar ou publicar em parte ou na íntegra, entrevista e imagens concedidas por mim em tese que está a elaborar a respeito da FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS SANTO TOMAS DE AQUINO, no município de Uberaba-MG. Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses, assinam o presente documento em 02 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

Uberaba 02 de julho de 2019

Antonia Teresinha da Silva

Antonia Teresinha da Silva

Ex Aluna do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino

Período de 1968 a 1971.

Professora na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino no período de 1972 a 1980.

Ministrou a disciplina História da Educação.

Profa. Psicologia Humanista na Uniube. (1980 a 2013)

Profa de Psicologia de História da Educação na Uniube (1980 a 1993)

Profa de Psicologia do Desenvolvimento Humano e da Personalidade no IFTM- Campus

Uberaba (1993 a 2021).

Contato com Irmãs Dominicanas: Desde o Colégio Nossa Senhora das Dores onde fiz o Ginásio e, em seguida o Curso de Magistério com duração de três anos (equivalente ao Ensino Médio). O Curso de Magistério também conhecido como Curso Normal (Normalista) autorizava e preparava para ministrar aulas no então denominado Ensino Primário.

A prática do estágio do curso de magistério ocorria ao longo do terceiro ano. Aos 17 anos, encerrei o Magistério. Ingressei (através de Vestibular) na FAFI (Faculdade de Filosofia de Uberaba), denominação anterior à FISTA (Faculdade de Filosofia Santo Tomás de Aquino) onde fiz o curso de Pedagogia, durante quatro anos.

Início como aluna na FISTA

A seleção permitia somente adentrar os aprovados – às vezes tinha vaga, mas tinha que ser aprovado para fazer o curso. Eram 40 vagas. Minha turma era composta de 39 mulheres e um único homem que era diretor de uma Escola Agrícola em Igarapava (Senhor Luís Sinício).

Em relação à carga horária do curso e da disciplina História da Educação.

Em relação ao curso a carga era bem densa. As disciplinas como Introdução à Filosofia, Filosofia da Educação, Psicologia da Educação, Sociologia da Educação, História da Educação possuíam uma carga horária maior.

Os conteúdos eram casados – Filosofia da Educação – História da Educação, mas cada uma com um professor. As reuniões pedagógicas oportunizavam uma discussão reflexiva sobre as interfaces dos diferentes conteúdos formando uma tessitura harmonizada entre as diferentes disciplinas.

Enquanto aluna quem eram os Professores e quais disciplinas eram ministradas.

A professora Elsie Barbosa que ministrava Filosofia e História da Educação durante todo o curso.

Professor Paulo Rodrigues que ministrou História da Filosofia.

Irmã Glycia Barbosa da Silva [nome civil] denominada Irmã Alexandra [nome religioso] que além de diretora - cargo equivalente ao de Reitora atuava também como professora de Introdução à Filosofia.

Todos os professores eram bastante preparados. O movimento de reciclagem dos mesmos era constante tanto dentro dos muros da FISTA como fora. Muitos iam para a Europa em especial para a França, em busca de aprimoramento de suas áreas específicas bem como dos estudos sobre os mais recentes avanços sobre o sentido e significado da Educação e do processo educacional como um todo.

Sendo a Congregação das Irmãs Dominicanas de raiz e Orientação Francesa, o intercâmbio com a França e a Europa, como um todo, era facilitado.

Irmã Glycia Maria da Silva fez aperfeiçoamento na Bélgica; Irmã Loreto (História Natural), em Sorbone (Paris).

O corpo de professores era composto de Religiosas (Irmãs Dominicanas – fundadoras da FAFI /FISTA, de Padres seculares e professores e professoras leigos: Professoras Irmã Hosana (Antônia Nonato – nome civil) responsável pela disciplina de Psicologia do Desenvolvimento Humano, ministrada ao longo dos 4 anos do Curso de Pedagogia.

Professor Padre Tomás de Aquino Prata (Padre Prata) – responsável pela disciplina de Sociologia Geral e História da Educação durante um tempo menor.

Professora Irmã Patrícia Castanheira – responsável pela disciplina de Sociologia da Educação e Administração Escolar.

Professora Zilma Bugiatto Faria – responsável pela disciplina de Didática Geral e Didática na Educação.

Professor Paulo Rodrigues – responsável pela disciplina de História da Filosofia.

Professora Elsie Barbosa que ministrava as disciplinas de Filosofia da Educação e História da Educação estudadas durante todas os 4 anos do Curso de Pedagogia.

Irmã Glícia Barbosa (nome civil), denominada Irmã Alexandra (nome religioso) – ministrava a disciplina de Introdução à Filosofia. Além de professora, era também Diretora Geral da FAFI/FISTA, cargo equivalente ao de Reitora, na nomenclatura atual.

Monsenhor Juvenal Arduíni - filósofo com inúmeros livros publicados e que era constantemente convidado a ministrar cursos de extensão para todos os alunos e professores. Dentre eles tive o prazer de frequentar foi sobre “Ontologia”.

O maior legado da FISTA - das Irmãs Dominicanas era despertar nos alunos o compromisso e a seriedade com os estudos sem perder de vista a alegria e o prazer de estudar. As reuniões pedagógicas se constituíam em estudos, planejamentos e debates voltados para a preocupação constante de trabalhar a pessoa do aluno capaz de se constituir como um profissional que possa fazer alguma diferença no contexto social em que estiver inserido. Que possa provocar alguma

mudança significativa favorável ao bem de todos. Eu acredito que nos 30 anos em que a FISTA existiu as Irmãs Dominicanas conseguiram com muita nobreza, competência e Ética cumprir este objetivo. Grande é o número de ex-alunos, ex-professores ex-funcionários esparramados pelo Brasil inteiro. Todos têm maior pesar da escola não ter tido continuidade.

Experiência enquanto docente

Na História da Educação, como foi meu caso e como aconteceu com muitos ao final do 4º ano de Pedagogia – Irmã Glycia convidou-me para trabalhar com ela. Assustou-me muito, pois minha intenção era trabalhar como Orientadora Educacional no Estado. Ela insistiu e eu acreditava que a tarefa de ministrar aulas na FISTA, uma aspiração muito alta para mim, não me sentia à altura do convite.

Ela disse: nós vamos te dar uma assessoria. Ressalto aqui, a importância da assessoria generosa e competente que recebi da Professora Elsie Barbosa (Professora de Filosofia).

As aulas, as discussões e os debates que todos os professores nos ofertavam, foram pouco a pouco, imprimindo em cada um de nós, um forte sentimento de seriedade e compromisso absoluto com a questão educacional e sobre “o que é Ser” um Profissional da Educação.

No 1º ano em que atuei como professora da FISTA - sofri muito... eu achava que tinha que ler 20 livros para poder dar uma aula, pois era o modelo de seriedade que eu havia incorporado. Mas, com o tempo eu fui percebendo que um professor precisa selecionar o conteúdo, textos, estratégicas, objetivos com calma e responsabilidade – pouco a pouco a tranquilidade profissional foi chegando. Mas demorou muito.

Eu sabia que a responsabilidade era grande.

Trabalhei na FISTA com as Irmãs Dominicanas de 1971 até 1980. Em 1980 a FISTA (Faculdades Integradas Santo Tomás de Aquino) foi transferida para Fiube (Faculdades Integradas de Uberaba) sob a direção do Prof. Mário Palmério) - todos nós professores, fomos juntos.

Eu já estava na Fiube quando as Irmãs fizeram essa transferência. Eu lecionava na FIUBE, ministrando aulas de Psicologia Geral nos primeiros anos (denominado de Ciclo Básico) incluindo os Cursos de Direito, Comunicação Social e Psicologia. No curso de Pedagogia continuei dando aulas de História da Educação. Foi uma experiência muito importante na minha vida profissional, que, me oportunizou formar uma linha de pensamento dos pensadores e teóricos, ao longo do tempo e dos séculos. Estar trabalhando com a História da Educação me trouxe isso – essa segurança da linha do tempo – porque se era um trabalho conjugado com a História da Filosofia – nós tínhamos que trabalhar desde os clássicos até os atuais, mas sempre assim com esse foco de História da Educação e História da Filosofia, ou seja, como se desenvolveu o pensamento educacional ao longo dos séculos, ao longo dos anos e quais os pensadores se revelaram mais marcantes, não mais importantes – porque todos foram importantes – mas alguns deixaram um legado maior que chegou até nosso tempo.

Retornar a eles – voltar a eles, não é atraso pelo contrário, eles são muito mais modernos que nós hoje, porque muitas das coisas que eles falaram nós não conseguimos alcançar ainda.

Trabalhar com História da Educação é também um pouco angustiante porque podemos perceber a lentidão que ocorre no pensamento educacional – no desenvolvimento e aplicação de teorias que revelaram maravilhosas, mas que no seu próprio tempo não foram reconhecidas e ainda, muitas delas, continuam não reconhecidas até hoje.

Sobre os pensadores/educadores que foram estudados

Temos pensadores como Paulo Freire que resgatam muita coisa”. No Século XX temos John Dewey (Educação e Vida), George Kerchensteiner (Escola do Trabalho), Maria Montessori (Educação para a Formação do Homem Consciente); Eduard Claparèd (Centros de Interesses) todos representantes da chamada Escola Nova ou Escola Ativa. No século XIX podemos destacar Pestalozzi, Herbart, Froebel que fizeram realmente uma consubstancialização de contribuições relevantes para a educação.

Impossível desprezar Pré-Socráticos -Socrátes, Platão, Aristóteles, Cícero, Sêneca, Quintiliano, Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino, Lutero, Michel de Montaigne, Francis Bacon, Descartes, Comenius, Rousseau, Pestalozzi, Froebel e tantos outros! Todos trouxeram questionamentos, contribuições e influências educacionais incríveis.

A própria Idade Média que muitas vezes é acusada como período de escuridão – ninguém mais pode falar isso. Quando pensamos em Santo Tomás de Aquino; Santo Agostinho que foram figuras relevantes, o período medieval se revela muito rico. Ele foi um período muito sofrido politicamente, ideologicamente deturpando, inclusive o pensamento Cristão – deturpação das ideias de Jesus - entretanto, as contribuições foram muito fortes e importantes.

Jesus um grande Educador – ninguém pode negar isso.

Voltando - encontramos Sócrates – Platão – Aristóteles. Como negar esse pessoal? São ícones – verdadeiros balaústres – os próprios pré-socráticos também o são. Muitos deles foram considerados sofistas e muitas vezes foram acusados de falseadores da verdade mas, que trouxeram uma grande contribuição a respeito do valor e poder da argumentação”.

O modo de ser do professor precisa do poder de argumentação, legado dos sofistas, não para ludibriar, mas para esclarecer, para facilitar o trabalho de aprendizagem do aluno.

A História da Educação traz para todos nós aquela tranquilidade de saber que todos somos aprendizes – esse é o único lugar de onde nós nunca vamos sair – o lugar de aprendizes eternos.

Quem passa pela História da Educação não tem condições de não entender isso. Que o professor é sim alguém que tem uma responsabilidade maior – de trazer um conhecimento - que teve mais oportunidade, às vezes que seus alunos, mas ele não é o detentor do saber – jamais vai ser. Ele é apenas alguém que está ali facilitando – traduzindo - ajudando a interpretar – provocando reflexão, instigando dicotomias, polarizações e incongruências – provocando pensamento crítico e provocando desejo profundo de contribuir com uma alteração da realidade para melhor.

Contribuir nas relações humanas, nos grupos humanos – nas questões econômicas, filosóficas, religiosas que permeiam as inquietações do Ser Humano. Quem estuda História da Educação não tem direito de ser alienado – porque passa pelo estudo e aprofundamento das idéias dos grandes representantes do pensamento educacional ao longo da História Da Humanidade que são provocadores de reflexão e revisão das práticas educacionais vigentes.

Com o passar do tempo que estive como docente na Fiube – passei a dedicar um pouco mais a Psicologia – minha segunda graduação, que cursei na Fiube (Faculdade Integradas de Uberaba), enquanto era professora. Fiz mestrado em Psicologia da Educação na PUC de São Paulo e voltei para graduação. Queria fazer doutorado em Psicologia. Para tal necessitava da Graduação em Psicologia. O curso de Pedagogia foi extremamente importante na escolha desta segunda graduação. Se você perguntar qual curso foi mais importante – não vou falar que é Psicologia. Apesar de gostar muito de Psicologia – foi meu curso de Pedagogia de 4 anos na FISTA – Faculdades Integradas de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino – ali sim posso dizer que tive oportunidade de angariar uma fundamentação, um arcabouço teórico e ao mesmo tempo prático – principalmente humano e acima de tudo espiritualizado – que é uma das características marcantes do trabalho das Irmãs Dominicanas.

Sobre o Ensino

O estudo era par e par com as questões humanas e espirituais, não no sentido de doutrinação, não no sentido de dizer que essa religião é certa e aquela religião é errada. Não! Mas, da manutenção de uma Ética de valorização e respeito aos alunos, professores e funcionários e, o tempo todo nos convidar a pensar que não estamos aqui por acaso nesse planeta – nós viemos aqui por um sentido maior – que o nosso compromisso não se limita aqui e agora – que nós temos uma ligação com questões de ordem humana e transcendental – de ordem espiritual.

E hoje com os avanços da Física Quântica não tem mais como negar isso. Ninguém precisa ter medo – já houve um tempo que o medo de falar de espiritualidade era grande. Quando transcendemos as divisões e classificações de tempos e lugares, encontramos uma História da Educação como a História do Humano no seu sonho de ampliar o seu olhar com relação a tudo que não sabe... É a História da Educação da Humanidade como legado.

Nossa História humana é marcada por muitas divisões de campos, territórios pretensos domínios do saber: o lugar do espiritismo – do catolicismo – do presbiterianismo e outros. E hoje sabemos que a espiritualidade é uma dimensão maior – com a qual todos nós temos um compromisso – queiramos ou não. Não tem nada haver com sectarismo religioso e a FISTA já trabalhava isso com seus alunos no sentido de que a espiritualidade está presente em nossas vidas e os valores espirituais são os que puxam o ser humano para sua evolução. Uma das raízes fortes da FISTA era trabalhar o sentido de VALORES.

Buscou formar o Educador com visão de valores mais densos – compromissado com o desenvolvimento de um ser humano (educador), capaz de ver, conhecer e valorizar a história dos alunos. A História da Educação é a História da memória daquilo que já foi dito, daquilo que já foi constatado como de muito valor. É um resgate de valores não mais divididos e classificados Clássico, Medieval, Contemporânea, Pós Moderno.

Não importa o período, tempo ou lugar – grandes verdades são aquelas que permanecem – Estudar História da Educação é ter o privilégio de acessar a genialidade dos grandes pensadores e com eles aprender.... É saber que verdades essenciais atravessam o tempo e o espaço. Agradeço muito às Irmãs Dominicanas e todos os professores por tudo o que com eles pude aprender e também desaprender.

Enquanto aluna como eram as aulas

Tínhamos uma fundamentação segura/bem estruturada. Muita leitura! A Biblioteca muito frequentada. Livros de excelente qualidade.

Havia apresentação de seminários, aulas com debates calorosos. Os temas eram instigantes tanto em História da Educação, como também em outras: Filosofia, História da Educação, Sociologia, Psicologia. As alunas (os) eram instigadas (os) perguntar sem medo.

A partir de perguntas ocorriam os debates. Nenhuma pergunta era inconveniente. Aprendi isso com as Irmãs Dominicanas e isto levei para vida de docente.

As alunas(os) eram convidadas a participar intensamente das aulas e disciplinas.

Atividades realizadas pelas alunas

Os seminários eram criativos e intercalados com teatros, dramatizações com apresentações individuais e coletivas. Vivemos o tempo do mimeógrafo, impressão de textos, xerox. Às vezes, iniciava um seminário com temas mais densos e depois mais leves. Até assuntos para rir, situações engraçadas. Nada linear ou com conteúdos puramente teóricos.

Aulas dos docentes

De maneira geral as aulas eram teóricas/dialogais. Denominadas de aulas expositivas/dialogais. Já os professores levavam o conteúdo preparado que era ministrado e conversado, discutido junto aos alunos. O ponto alto da FISTA era pensamento crítico – o professor usava o conteúdo proposto para instigar a argumentação – concordar – discordar/ acrescentar algo. Ele já trazia algo de seu – de questionamento provocando interrogação em cima da teoria – isso era muito forte – estímulo ao pensamento crítico.

Provas:

Eram dissertativas – dificilmente objetivas. Gastavam-se duas aulas para as provas. Se as respostas fossem apenas devolutivas do conteúdo – aquela resposta era desvalorizada.

Os professores estimulavam a repensar a partir do tema abordado ou teoria – principalmente das teorias. Nenhuma teoria era dada de forma impositiva – sempre provocando a reflexão. As provas eram em folha almaço – exigência da letra – linguagem – do Português. Era exigido desde a interpretação, da gramática, da ortografia – tudo isso era considerado na hora da avaliação.

Os pontos eram distribuídos ao longo do ano. Quando entrei na Pedagogia o curso era anual – depois houve mudança curricular e passou a ser semestral”. “Enquanto aluna – era anual. Na condição de docente – era semestral.

Sobre as atividades enquanto docente

Assim como eu entraram outros ex-alunos que passaram a ser docentes e, as reuniões eram praticamente semanais. Preparação de como planejar, organizar e ministrar aulas.

Pouco a pouco foi ocorrendo uma maior intensificação de novas atividades.

[Como aluna, também participei dessas atividades] A escola tinha tradição da Semana de Pedagogia, do Curso de Letras, da Filosofia, da Geografia, História Natural, História Geral. Os alunos poderiam se inscrever em qualquer uma.

Todos os alunos eram estimulados a participar das atividades dos cursos – havia uma integração entre os diferentes cursos ofertados pela FISTA.

Isto foi aumentando cada vez mais através de filmes, seminário, reciclagem constante com pensadores e educadores com trabalhos e publicações relevantes.

Sobre as atividades enquanto docente

Lembro-me de um dos ícones da dinâmica de grupo – Lauro de Oliveira Lima que ministrou um curso de dinâmica em grupo para todos os professores. A partir daí passamos a diminuir as aulas expositivas/dialogais e reunir com alunos em círculos.

As carteiras não eram mais uma atrás da outra. Mudou todo o enfoque da aula, mas a seriedade continuava. O aluno era avaliado também em grupo.

O aluno podia sair da sala, caso tivesse necessidade, mas avaliava-se a frequência – permanência em sala, pontualidade.

Depois tivemos a Pedagogia de Projetos – Recebemos orientação da professora Abigail Bracarense que ficou uma semana ministrando Pedagogia de Projetos. Aprender sobre a Pedagogia de Projetos, constituiu-se como uma anti-sala para a formação de professor-pesquisador. Inicialmente pensava-se no esqueleto do Projeto incluindo, Objetivo; Conteúdo Estratégia e Avaliação. O propósito não era buscar uma pesquisa pela pesquisa. Mas uma pesquisa que pudesse trazer alguma contribuição social relevante.

As aulas expositivas/dialogais perdem as forças a partir de 72 – enquanto aluna, não peguei essa mudança. Como docente vivenciei intensamente esta transição.

[1973 a 1975 foi construída uma nova e grande biblioteca] - no primeiro piso tínhamos o espaço de pesquisa – já seguindo essa orientação mais moderna – uma parte para estudos individuais e outra para estudos em grupos. Coisa que não existia na biblioteca antiga. E no segundo piso – um grande anfiteatro. Inclusive as formaturas passaram a acontecer lá.

Aí sim começamos a ter muitos cursos de reciclagem constante, neste novo espaço. Na época o ministro da Educação, Jarbas Passarinho ajudou muito a instituição. Irmã Glycia homenageou-o colocando como nome da Biblioteca o nome da mãe do ministro – Julia Passarinho. A Biblioteca ficou melhor.

Foi uma fase de grande modernidade – Ao lado das salas de estudo [individual e grupal] – as Irmãs Dominicanas criaram cinco ou seis minis salas de atendimento, onde os professores mais antigos – verdadeiros ícones – atuavam como orientadores [isto numa escola isolada, particular que antecipava o futuro com essa nova mentalidade] – professores estes com horário previamente disponibilizados. Todo mundo tinha acesso ao cronograma dos atendimentos. Todos sabiam qual dia o Monsenhor Juvenal – doutor em Filosofia estava; que dia o Padre Prata estava lá; que dia Irmã Loreto estava lá – que dia Irmã Glycia estaria naquele lugar. Todos eles estavam lá para conversar com alunos sobre conteúdo ou qualquer outra coisa que o aluno quisesse conversar.

Este era um processo de orientação pessoal, educacional, psicológica e científica [uma época em que estas questões estavam apenas descortinando]. Vejo tudo isso como uma riqueza imensa.

As Irmãs Dominicanas sempre estiveram à frente do seu tempo. Enquanto, as outras escolas isoladas de Uberaba não possuíam isso, as educadoras dominicanas já se preocupavam há muito tempo em criar as condições materiais e principalmente humanas, para viabilizar este encontro entre os professores e alunos.

Eu mesma me beneficiei dessas salas – ia lá no período de insegurança. A insegurança no início é boa. No início a insegurança era muito alta. Eu ia lá para saber se minhas aulas estavam boas; saber se o planejamento estava bom. Em que poderia melhorar. Era uma conversa sem medo – uma conversa de crescimento.

Sobre os manuais

Vamos ver se lembro.

Seguindo orientações de meus ex professores que me assessoraram trabalhei muito com: Francisco Larroyo, Paul Monroe, Luzuriaga, Rui Ayres Bello, Theobaldo Miranda.

Trabalhei História da Educação com textos: de História da Filosofia.

Com a obra de Maria da Glória de Rosa, História da Educação através dos textos, trabalhei muito com fala original dos diferentes pensadores que fundamentaram e fundamentam a Educação ao longo dos séculos.

Filósofos, por exemplo, Jean Jacques Rousseau [livro Emílio] eram muito exigidos. Dentre as orientações da FISTA – os alunos eram convidados a ler os autores através de suas obras.

A Didática Magna de Comenius.

Froebel e a questão da Educação Infantil e Jardins da Infância.

Pestalozzi e sua obra social. Hoje diríamos meninos em situação de risco.

Dilthey – Educação e Vida.

Jorge Kerchensteiner – Educação para o Trabalho.

Maria Montessori - Educação do Homem Consciente.

Quando se tratava dos clássicos, dos medievais e contemporâneos permanecíamos fieis aos livros e ou manuais de História da Educação e História da Filosofia.

Dos grandes livros básicos - ícones que a gente seguia, podemos destacar: Francisco Larroyo e Paul Monroe, os demais eram complementares - dependendo da época e do tempo e do lugar.

Lembro-me também de Humberto Padovani e Luis Castagnola em seu Manual de História da Filosofia.

Também de Theobaldo Miranda com seu compêndio sobre História da Educação.

Utilizei-me bastante da coleção “Os Pensadores” da Editora Abril (1973 – 1975).

História da Educação e da Pedagogia – Lourenzo Luzuriaga, fundamentada nos pressupostos do historicismo de Wilhelm Dilthey e do Pragmatismo Educacional de John Dewey.

História Geral da Pedagogia de Francisco Larroyo da Editora Mestre Jou.

História da Pedagogia – Renè Hubert.

Theobaldo Miranda Santos – Noções de História da Educação.

Alfredo Miguel Aguayo – Didática da Escola Nova da Companhia Editora Nacional, coleção Atualidades Pedagógicas.

História da Pedagogia – Louis Riboulet – Editora Liceu.

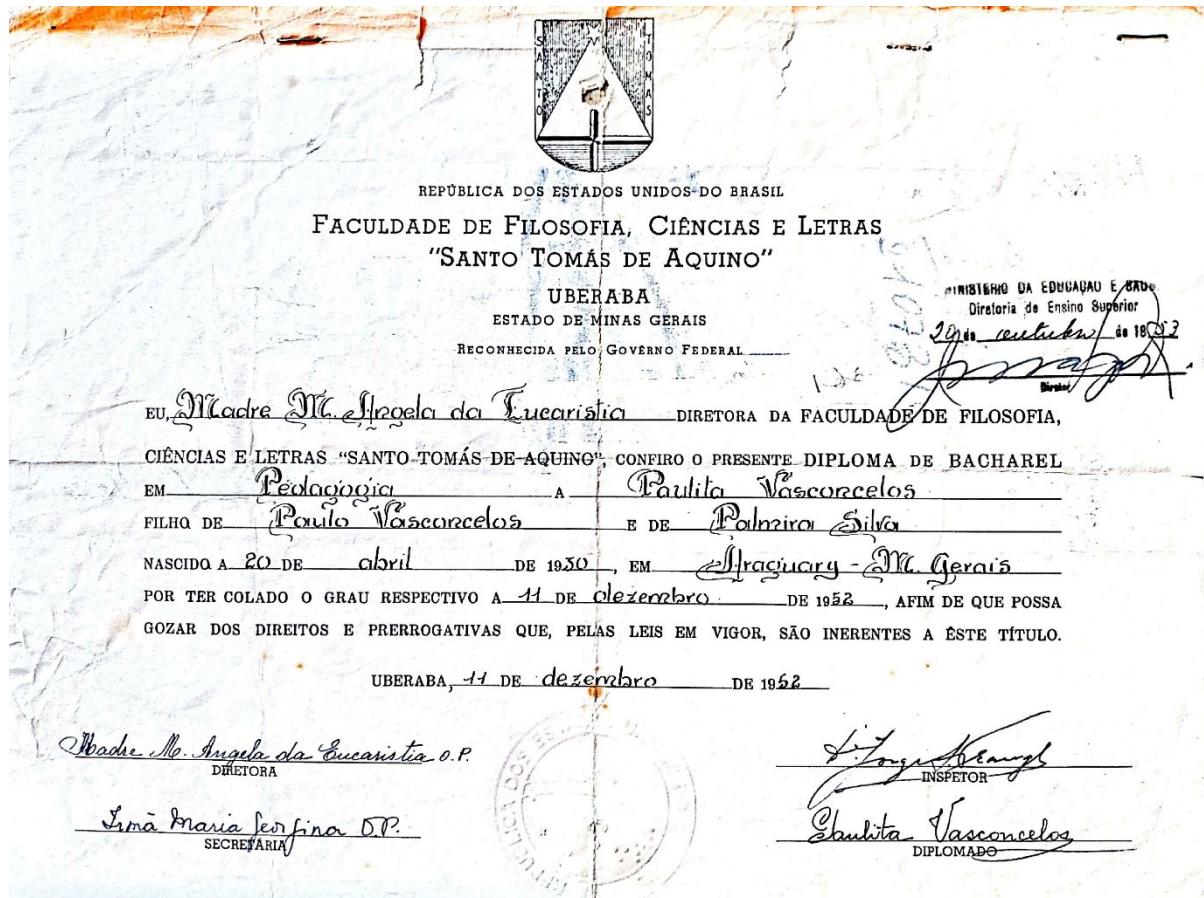
História da Pedagogia – Renè Hubert – Companhia Editora Nacional, coleção Atualidades Pedagógicas.

História da Educação – Paul Monroe – Editora Nacional.

Na FISTA trabalhei a História da Educação até a contemporaneidade, posteriormente ao curso de mestrado, tive a oportunidade de ter acesso um pouco mais aos estudos da abordagem Fenomenológica com base no movimento Filosófico alemão, bem como, aos estudos e contribuições da Física Quântica. Tais movimentos e estudos quebraram paradigmas de verdades há muito aceitas – gerando o surgimento do paradigma probabilístico (mudanças epistemológicas). A Revolução Científica ocorrida com Thomas Kuhn provocou mudanças na visão de certeza para a visão de probabilidade e gerando o desenvolvimento de uma proposta de Educação mais aberta. O professor deixa de ser o detentor do conhecimento. Este

pensamento sobre a importância da humildade frente ao conhecimento humano, já existente na FAFI/FISTA vivenciado na década de 1970, com base, em especial, nos estudos filosóficos desde os clássicos, foi acentuado após o contato com a Física Quântica e Filosofia Alemã.

ANEXO H - Diploma de Formatura do Curso de Pedagogia – 1952



Fonte: Acervo Particular (Vasconcelos, 2020).

ANEXO I - Paulita Vasconcelos (estatura alta - à direita com blusa branca de mangas curtas) e [sic] Irmã Virgínia do Rosário (a direita) s/d



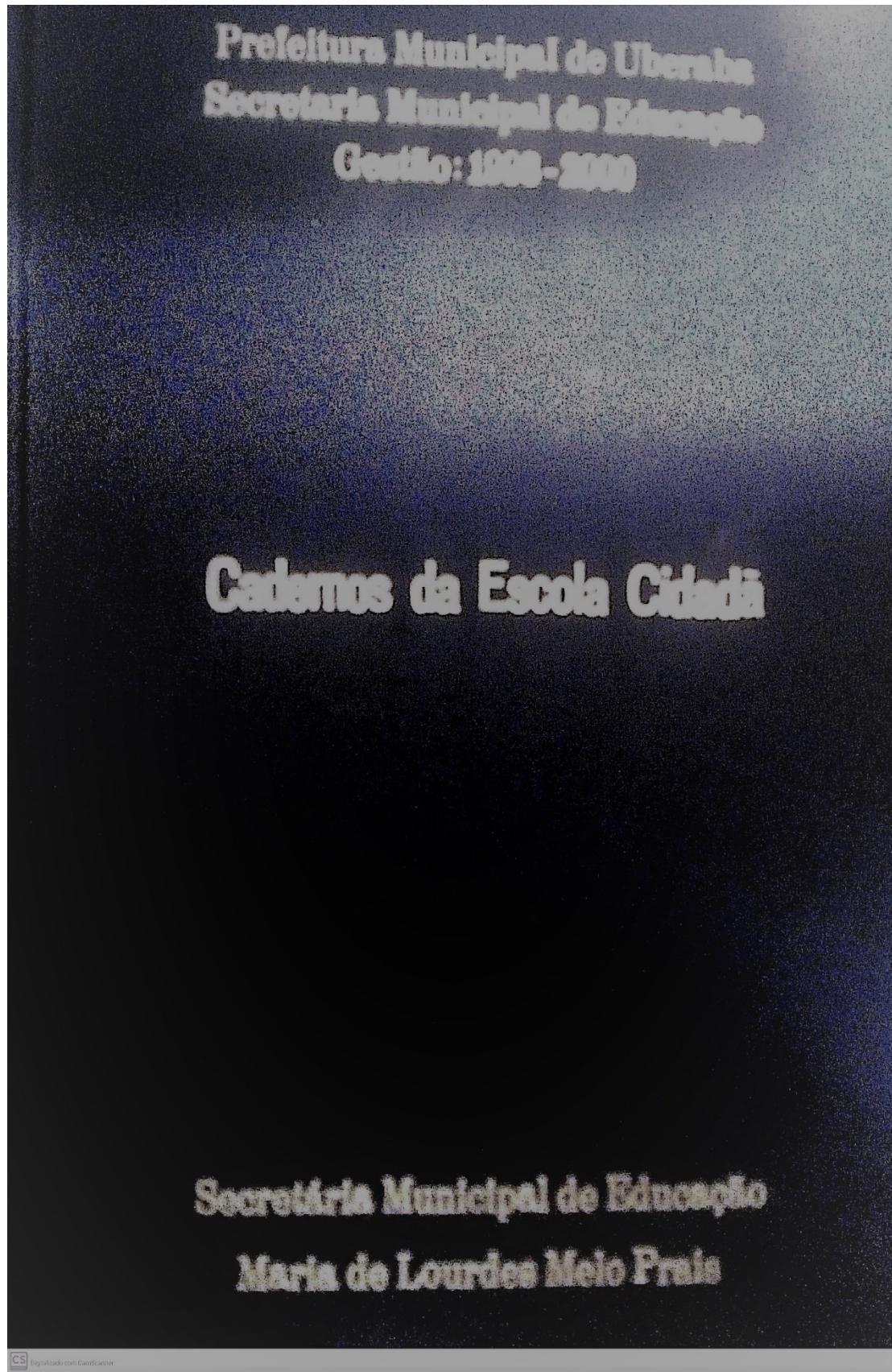
Fonte: Acervo Particular (VASCONCELOS, 2020)

ANEXO J - Maria de Lourdes Prais na Biblioteca da Fista (do lado direito – em pé com rosto na posição lateral da foto) s/d.



Fonte: Acervo Particular (PRAIS, 2019)

ANEXO K - Capa do Relatório de Gestão de Maria de Lourdes Prais



Fonte: Acervo Particular (PRAIS, 2019)

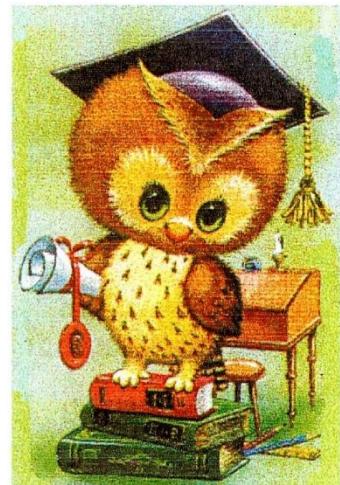
ANEXO L - Jubileu de Ouro Escola Normal Cel. João Cursino

Professorandos de 1955

Aparecida	Maria Helena
Dinah	Maria Ivete
Eliezer	Maria José
Elyria	Mary
Eneida	Nair
Hilda	Neuza
Ilza	Paulo
Jandira	Rivair
Magaly	Sáloa
Margarida	Terezinha Heloisa
Maria Âmelia	Therezinha
M. Ap. Candelária	Walkiria
M. Ap. Oliveira	Wilma Carvalho
Maria da Penha	Wilma Crivolin
Maria Salette	Yolita
Maria de Lourdes	

Jubileu de Ouro

1 9 5 5 2 0 0 5



*Escola Normal “Cel. João Cursino”
São José dos Campos*

Paulita Vasconcelos Marques
Rua 11, 941 - CEP 13.500-100 (Avs. 3-5)
Tel. (19) 3533-5674 Rio Claro - SP

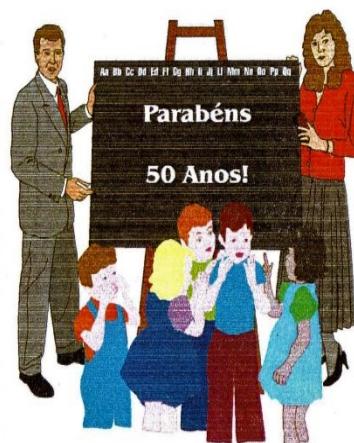
Sonho e realidade

Iniciei como professora
Nesta São José encantadora
Que abrigou os sonhos meus.
Olhos jovens me fitavam
E muito de mim esperavam...
A alquimia se fez!

Meio século se passou
E aqui, novamente, estou
Fazendo paz no coração.
Paz que é fruto da amizade
Que nos une, não é verdade?
Nesta festa de irmãos.

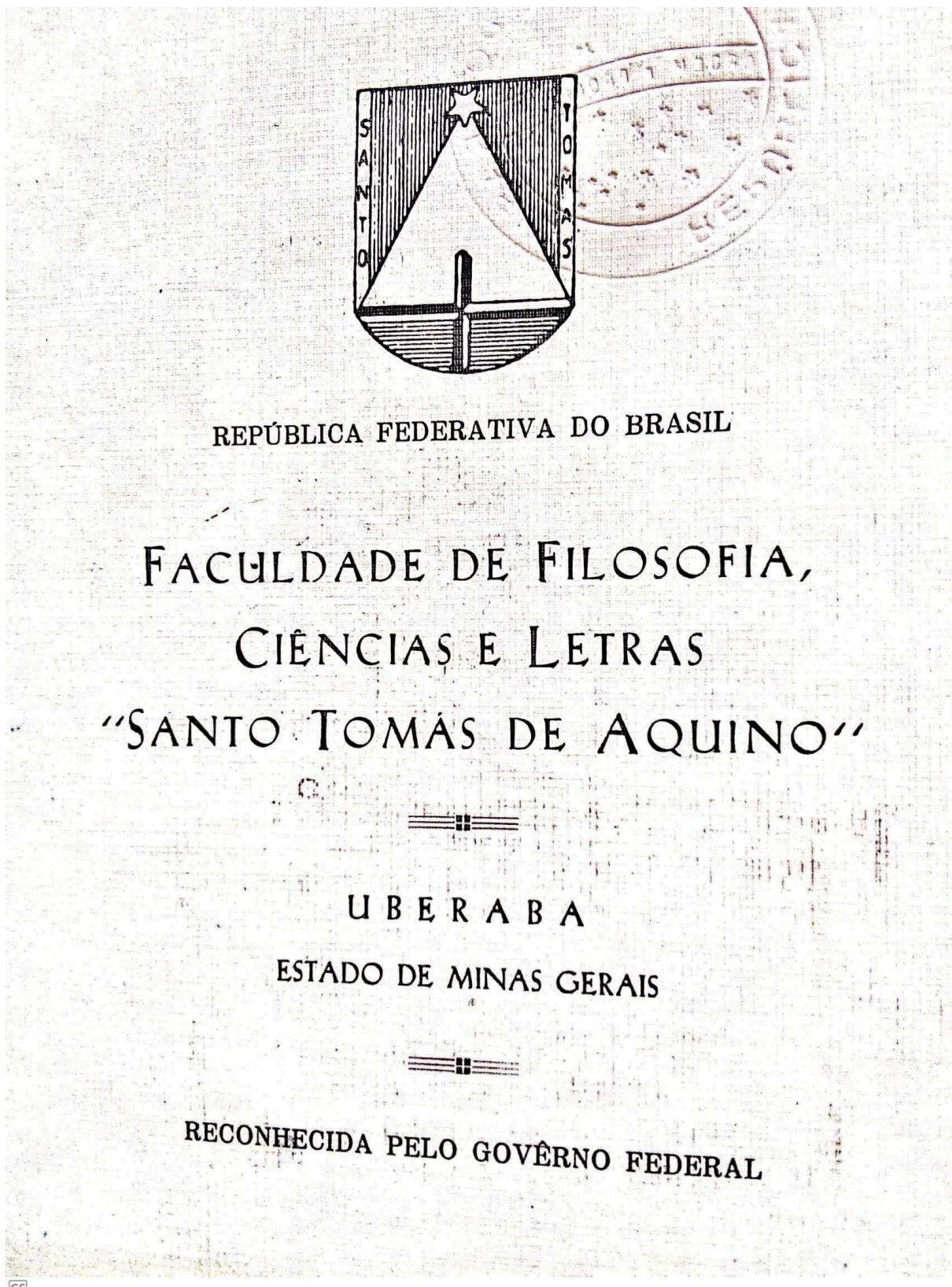
Plantamos amor em nosso jardim
Que floriu em vocês e em mim.
Ele é o prêmio interior
De nossa longa jornada
De vida consolidada
No ideal de ser professor.

Paulita Vasconcelos Marques

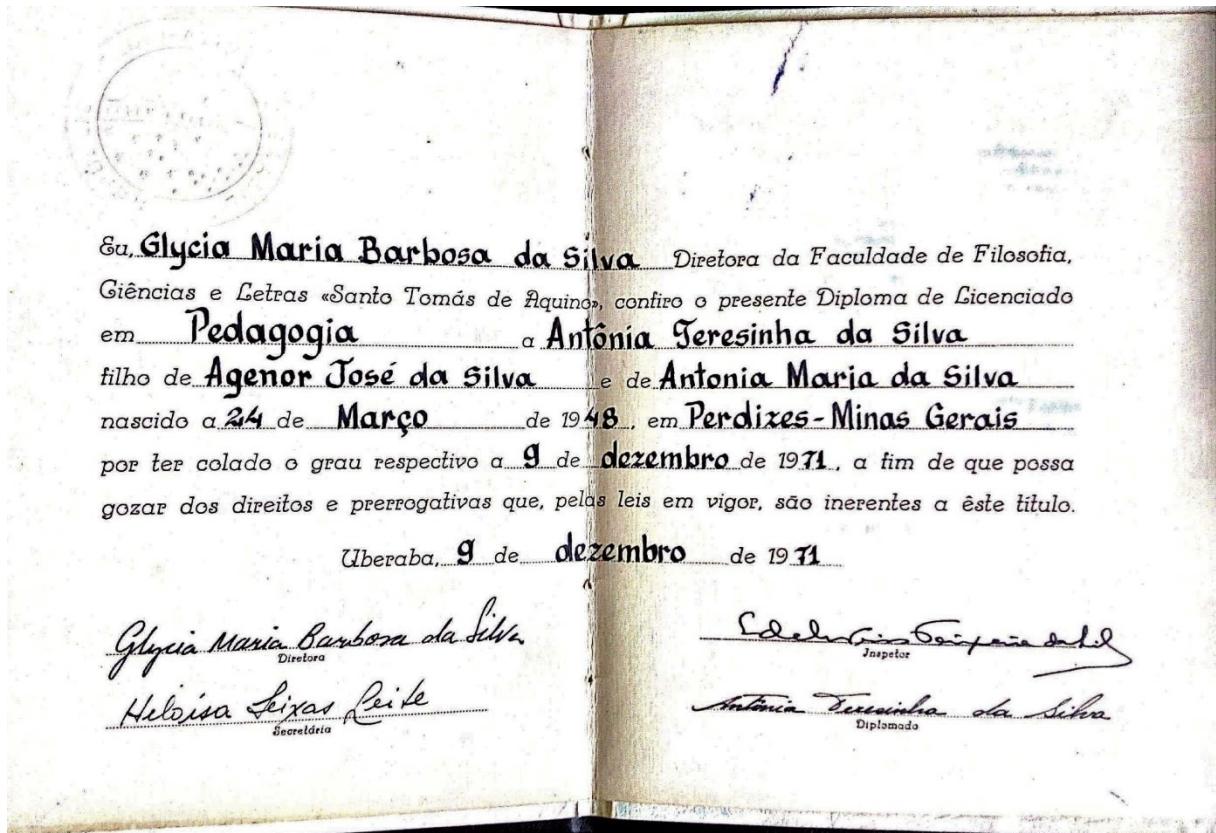
“Ide e ensinai...!”

“O Senhor fez em mim maravilhas!”

ANEXO M - Capa do Certificado do Curso de Pedagogia Antonia Teresinha da Silva



ANEXO N - Certificado do Curso de Pedagogia Antonia Teresinha da Silva



Fonte: Acervo Particular (SILVA, 2019)

ANEXO O - Discurso de Formatura Paulita Vasconcelos – 1952 – p.1

1
 Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino
 Uberaba — Minas

Revmo Sr. Cônego Juvenal Arduini, nosso mui digno Paraninfo,
 Revda. Madre Maria do Divino Coração, mui digna representante de
 nossa Revda. Madre Diretora,
 Exmo Sr. Dr. Jorge Frange, nosso digno Fiscal Federal,
 Dignas Autoridades Religiosas, Civis e Militares,
 Dignos Membros componentes da Mesa,
 Distinta Assembléia.

Todo trabalho produz frutos, cuja qualidade
 está subordinada à natureza de sua causa.

Durante quatro anos, trabalhamos árdicamente no campo intelectual,
 trocando idéias, adquirindo noções e princípios, retificando conceitos,
 enfim, lançando em atividade todas as potências de nossa alma.

À sombra da dedicação constante de nossos mestres, seguimos o trilho
 que nos foi apontado e a semente do saber, lançada em terreno sequioso
 de produzir, brotou vigorosa, livre de ervas daninhas (o zélo
 dos mestres impediram-nas) e agora, decorridos os anos e em tempo propí-
 cio à colheita, eis-nos de posse de seus primeiros frutos!

Término de curso! Início de nova vida! Ainda que nos pareça inveros-
 ímil ou paradoxal, é amanhã que verdadeiramente começaremos o nosso cur-
 so, pondo em prática todo o cabedal que a vida universitária nos legou.
 Grande e trabalhosa é a nossa missão! Ao universitário cabe, no meio am-
 biente social, um papel de muita responsabilidade. Nada se divulga com maior
 rapidez do que aquilo que pertence ao campo das idéias. Quem responderá
 pela propagação das inúmeras ideologias malsãs?!... A quem caberá tirar de
 doutrinas ambíguas, requintadas de ornato, a verdade pura, única realida-
 de capaz de elevar e enobrecer o homem?!... Quem deverá manter a legítima
 hierarquia de valores naturais e sobrenaturais, atualmente tão desfigura-
 da pelo homem que coloca o seu fim na relatividade da matéria?!...
 A quem competirá salvaguardar a verdadeira formação humana que, confundida
 com o verniz frágil das aparências exteriores, tende a deformar caracte-
 res ao invés de dirigir o aperfeiçoamento da personalidade?

Todas estas interrogações – e muitas outras poderiam
 ser feitas neste sentido – têm uma única resposta: De direito, é o univer-
 sitário o responsável. É ele a causa principal da questão em foco.

Filosofia, direito, medicina, odontologia, engenharia, pouco importa
 o ramo seguido pelo homem, a sua responsabilidade estará sempre de pé
 dentro de seu setor, fora dele também, porque a ação humana tem uma reper-

ANEXO P - Discurso de Formatura Paulita Vasconcelos – 1952 – p.2

2
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino
Uberaba — Minas

cursão considerável, repercursão esta infelizmente pouco avaliada. Tal responsabilidade cresce na medida dos nossos conhecimentos. Não queremos chegar ao extremo de exigir que o universitário resolva todos os problemas do mundo, mas, que, resolvendo os de seu âmbito, os resolva bem, dentro de princípios honestos ditados pela reta razão e aclarados pela fé.

O mundo a ser enfrentado por nós é diverso daquele que se nos deparou ao concluirmos o ginásio ou ao recebermos o sonhado diploma de normalista. Nuvens doiradas, castelos multícoros dentro de uma realidade por vezes pouco definida, era a única paisagem que se desenrolava ante nossa vida até então encerrada no âmbito exíguo de uma comunidade escolar.

Nossa visão de agora é outra. Não por sabermos que dias sombrios nos esperam pela vida afora; não por julgarem alguns que o nosso otimismo sadio foi corrompido pelo pessimismo que derrota e aniquila o ser humano. Isto jamais poderia acontecer. O que se verifica, em verdade, é que passamos da ilusão de ontem para a realidade por vezes chocante de hoje. Um novo horizonte surgiu despido de artifícios, e nele descobrimos a Verdade, antes empanada por sofismas venenosos que nosso espírito aceitava, incapaz como era de reagir.

Esta nova visão, mais ampla, menos subjetiva, mais real, confere-nos à grande responsabilidade a que há pouco fizemos alusão. O mundo moderno caminha, ou melhor, vôle. As maravilhas das ciências, surpreendem-nos. Que o espírito do homem moderno caminhe com igual fervor nas estradas do Bem. Há muita coisa a ser feita, muitos princípios são a serem observados. E, na ordem social, o princípio mais negligenciado e mais conculcado pelos homens de hoje é, sem dúvida, o da solidariedade humana universal, com tanta insistência defendido pelo Santo Padre Pio XII.

Negada tal solidariedade, já não há mais base sólida para a paz social. Cada homem e cada nação terá por única e exclusiva norma o seu interesse imediato. Pouco lhe importam as necessidades alheias. Dentro desta concepção, vemos além, povos que se batem numa ânsia de destruição, querendo substituir o direito pela força, a razão pelas armas. Adiante, é a sociedade que se degrada sob a mais refinada camuflagem e dentro de uma doutrina subversiva que dá primazia à existência material, comete as maiores loucuras, nada ficando a dever aos festins de Baco. Aqui é o homem que, indiferente ao desejo do infinito próprio à sua natureza, que, zombando da crença de seus familiares e calcando aos pés a sua consciência, não mais homem mas pseudo-homem, vive para a vida dos sentidos é a causa principal dos males reinantes na sociedade e no mundo.

... E o orbe continua sua caminhada a passos de gigante rumo ao abismo que o espera por certo.

ANEXO Q - Discurso de Formatura Paulita Vasconcelos – 1952 p. 3

3
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino
Uberaba — Minas

É preciso que voluntários se levantem em meio à tormenta para preservar o mundo de uma ruína iminente. Esta destruição moral é mil vezes mais calamitosa que a desintegração da matéria. É da juventude estudantil, é da mocidade acadêmica que se espera o movimento de reorganização da sociedade. Não foi, compreendendo este problema, que nossos pais nos enviaram às escolas? Só Deus sabe e poderá recompensá-los pelos inumeráveis sacrifícios feitos por nós. Não podemos decepcioná-los, nem a nossos mestres, nem àqueles que de nós esperam muita coisa. Como filhos, lutemos pela causa de nossos pais, pelo nosso lar; como universitários, usemos dos direitos que nós foram conferidos e realizemos uma reforma de estruturas no meio ambiente em que vivemos; como homens, cidadãos de uma pátria livre, façamos prevalecer em nossas ações aquilo que nos caracteriza e específica: a racionalidade.

Isto de maneira por demais sucinta, é a missão de qualquer acadêmico que, realmente, tem espírito universitário. Mas a esta pleia de jovens que hoje aqui se encontra, uma outra tarefa lhe pesa sobre os ombros: somos universitários, mas, sobretudo, somos universitários CATÓLICOS. Debaixo deste título que tanto nos honra, o aspecto sobrenatural de nossa missão aparece em todo o seu vigor, com toda a sua pujança, timbrando as nossas ações com o sinal da cruz, carimbo único que confere entrada nos céus e marca a posse da verdade eterna.

Neste prisma, a pessoa humana significa o domínio da racionalidade e não da sensibilidade; significa o domínio da moralidade, da honestidade e não do utilitarismo, da ambição. Fora desta dignidade, só pode haver o degradante entrechoque das paixões onde mais goza quem for mais avançado na malícia. Acima dos caprichos e dos interesses mesquinhos do homem que transtornam a sociedade, há uma lei moral, soberana e universal, porque esta gravada na própria natureza humana. Quer queira, quer não, ante ela os homens seão de curvar, agora ou na eternidade. Quem não quiser aceitar seu jugo no tempo, aceitá-lo à fora do tempo; então, porém, não mais poderá corrigir a sua conduta, pois cada um colhe daqui-lo mesmo que semeou. (Gal. VI, 8)

Há dois grandes males para o homem: um, é viver de modo inferior ao humano; outro, é viver de modo apenas humano. Se o primeiro é um estado de degradação, o segundo é de estagnação. Por si o homem não pode transpor o humano e atingir uma dignidade superior que lhe é natural. Só pela graça de Deus ele conseguirá isto. Como cristãos, amantes portanto do ideal de santidade, é grande alvo que devemos ter em mira.

ANEXO R - Discurso de Formatura Paulita Vasconcelos – 1952 – p.4

4

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino
Uberaba — Minas

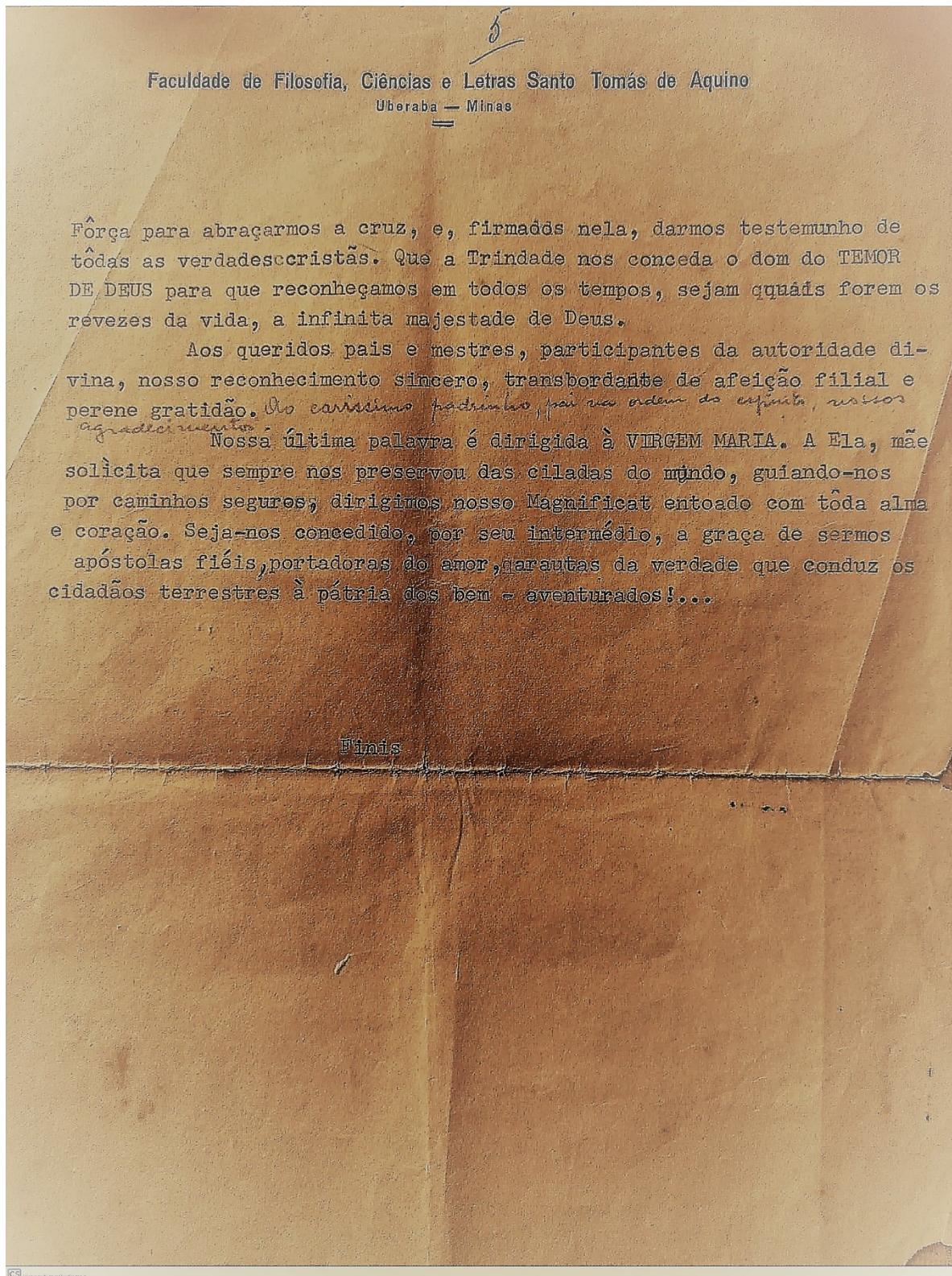
é trabalhar para que o homem se realize plenamente, atingindo seu fim último: DEUS. Neste apostolado, inúmeras barreiras erguer-se-ão contra nós; encontraremos portas fechadas, corações endurecidos, almas indiferentes... A sociedade cognominar-nos-á loucos quando pretendermos, todos nós filhos de Deus, levantar o homem e restabelecer a paz - através da doutrina da Igreja. Não nos acusem de pretenciosos; falamos e desejamos agir confiados na graça divina; sabemos também que o ponto culminante de todo este anseio de restauração consiste na renovação própria de cada um pois se a palavra comove, o exemplo arrasta.

Não foi por simples coincidência nem por mero acaso que a turma deste ano é em número de sete. Diremos, sem querer nem pretender interpretar os desígnios da Providência, que o número de Licenciandas significa os sete dons do Espírito Santo. Que a Trindade Santíssima nos inspire na nova fase da vida. Que Ela nos conceda o dom da SABEDORIA para atingirmos a plenitude do nosso ideal, para dirigirmos bem aqueles que nos forem confiados na difícil mas sublime tarefa de educar; para que não se perca nenhum daqueles que cruzarem conosco na trajetória da vida. Que a Trindade nos conceda o dom da INTELIGÊNCIA para servirmos a verdade e, de posse dela, transbordar em favor dos nossos irmãos menos agraciados pela sorte; para resolvirmos à luz da Fé os problemas a nós propostos. Que a Trindade nos conceda o dom de CONSELHO para que possamos mitigar as misérias alheias, esclarecer os que estão em trevas, levar o pecador à fonte da Redenção, mas para que saibamos também curvar ante a experiência dos mais velhos e as opiniões justas dos mais esclarecidos.

Que a Trindade nos conceda o dom da PIEDADE. Filhos do Pai por excelência, compartilhemos das dores de nossos irmãos, sem jamais nos concentrarmos no egoísmo nem passarmos indiferentes ao lado daqueles que, como nós, foram remidos pelo Sangue (de Cristo) no alto do Calvário. Que a Trindade nos conceda o dom de CIÊNCIA para refutarmos as inovações perniciosas, as teorias desumanas, as fraudes absurdas que arraigaram na mentalidade de muitos e ampliam-se vertiginosamente na sociedade sem Deus.

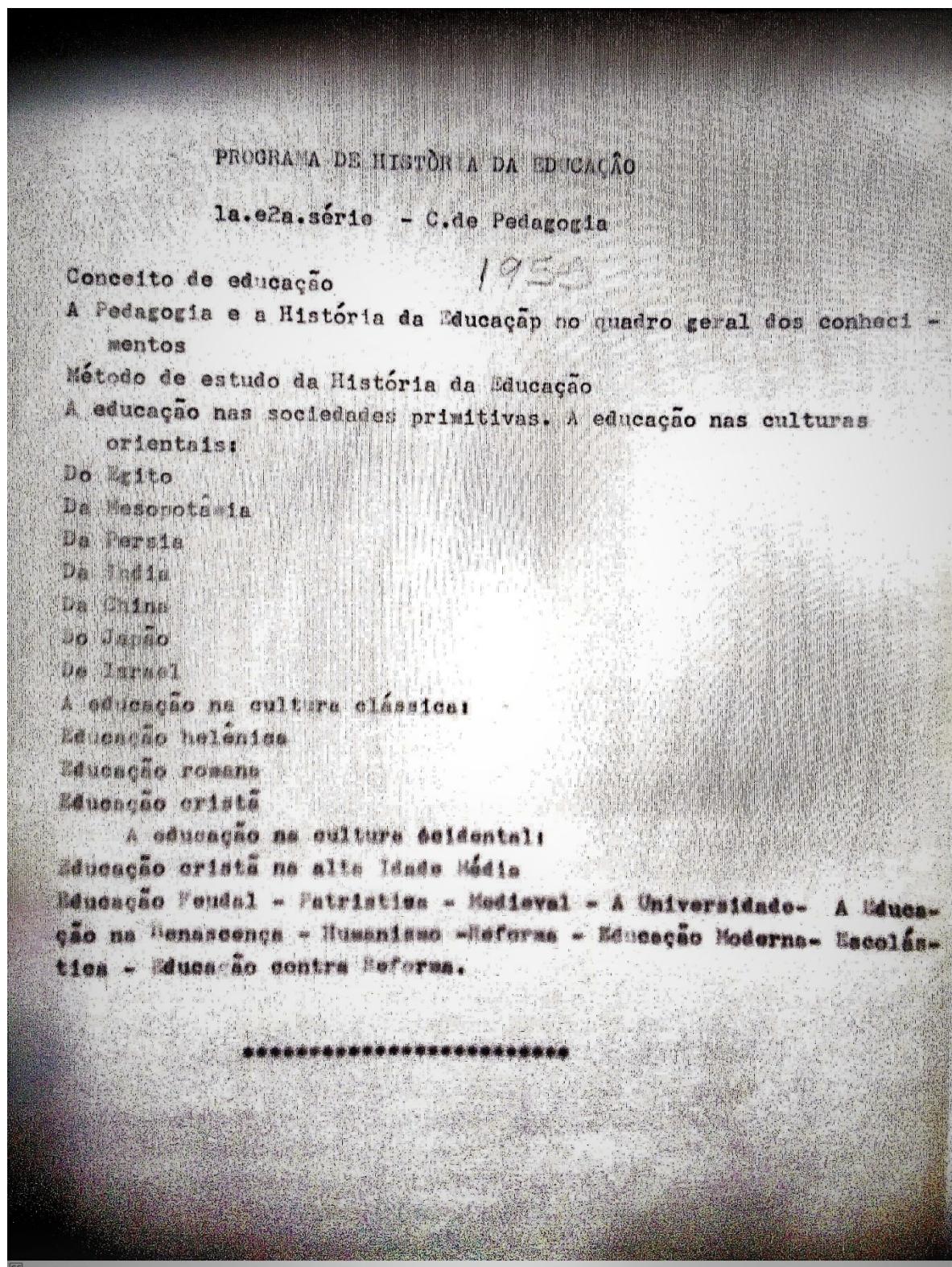
Que a Trindade nos conceda o dom da FORTALEZA para mantermos de pé os princípios de nossa Fé cristã, para cumprirmos o juramento que aqui pronunciamos. Força para renegarmos o divórcio e bradar bem alto com a parte sã da sociedade, que a indissolubilidade do matrimônio não será afetada pelo comodismo de uns, nem pela licenciosidade de outros, porque seu princípio é eterno, como eterno é o Verbo que o proclamou.

ANEXO S - Discurso de Formatura Paulita Vasconcelos – 1952 – p.5



Fonte: Acervo Particular (VASCONCELOS, 2020)

ANEXO T - Programa História da Educação – 1956



Fonte: Acervo da Autora

ANEXO U - História da Educação, 1958

Disciplina : HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

1958 - 2ºº

Problemas das provas.

A Reforma Protestante : Lutero.

Prova

A Reforma e a Educação.

A Contra Reforma.

Os Jesuitas.

A Sociedade das Escolas Cristãs : S. João Baptista de La Salle.

A Educação Jansenista.

A Educação Jansenista (continuação)

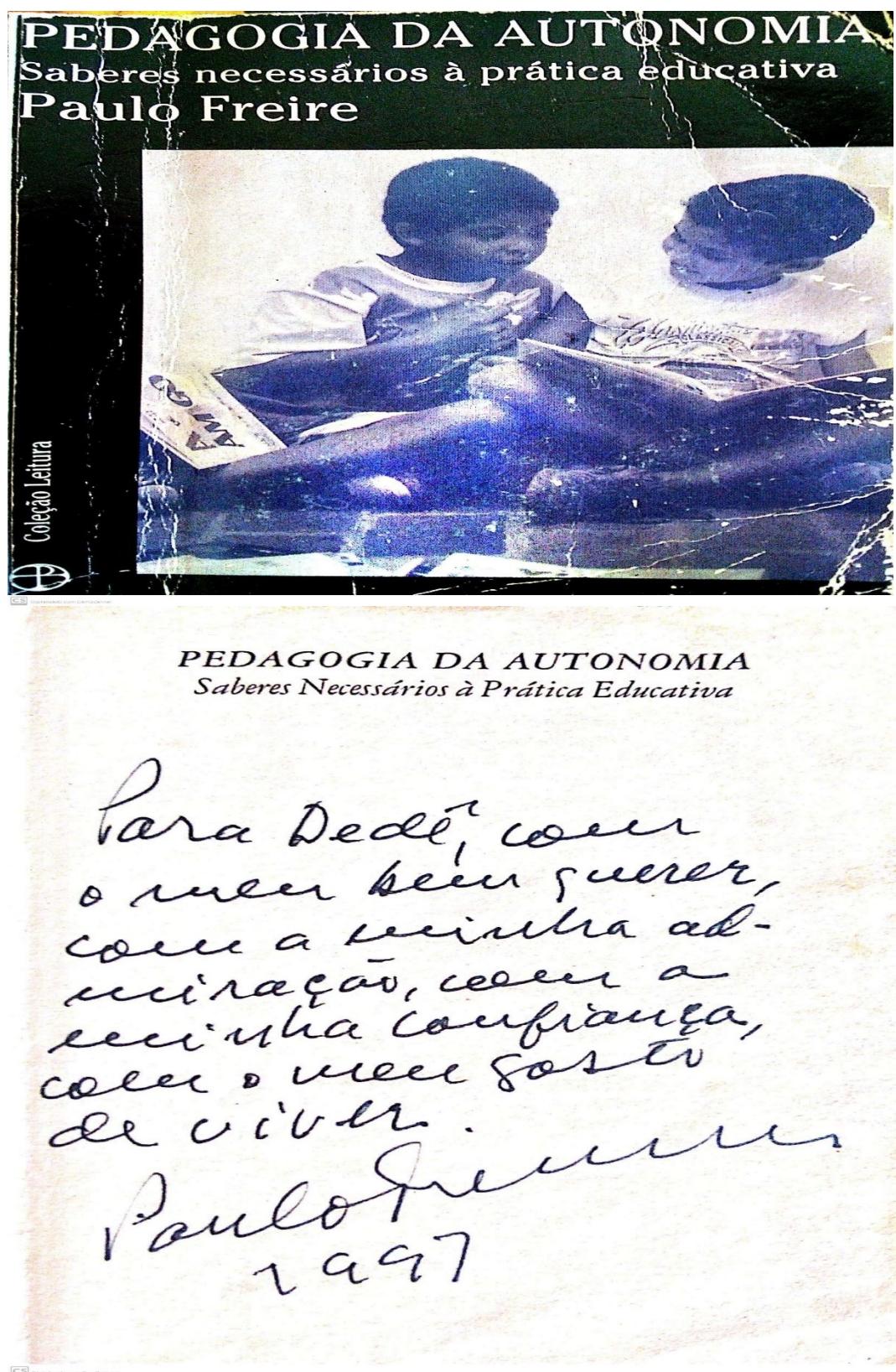
A Educação Jansenista (continuação)

Debates sobre a matéria.

Prova de Estágio.

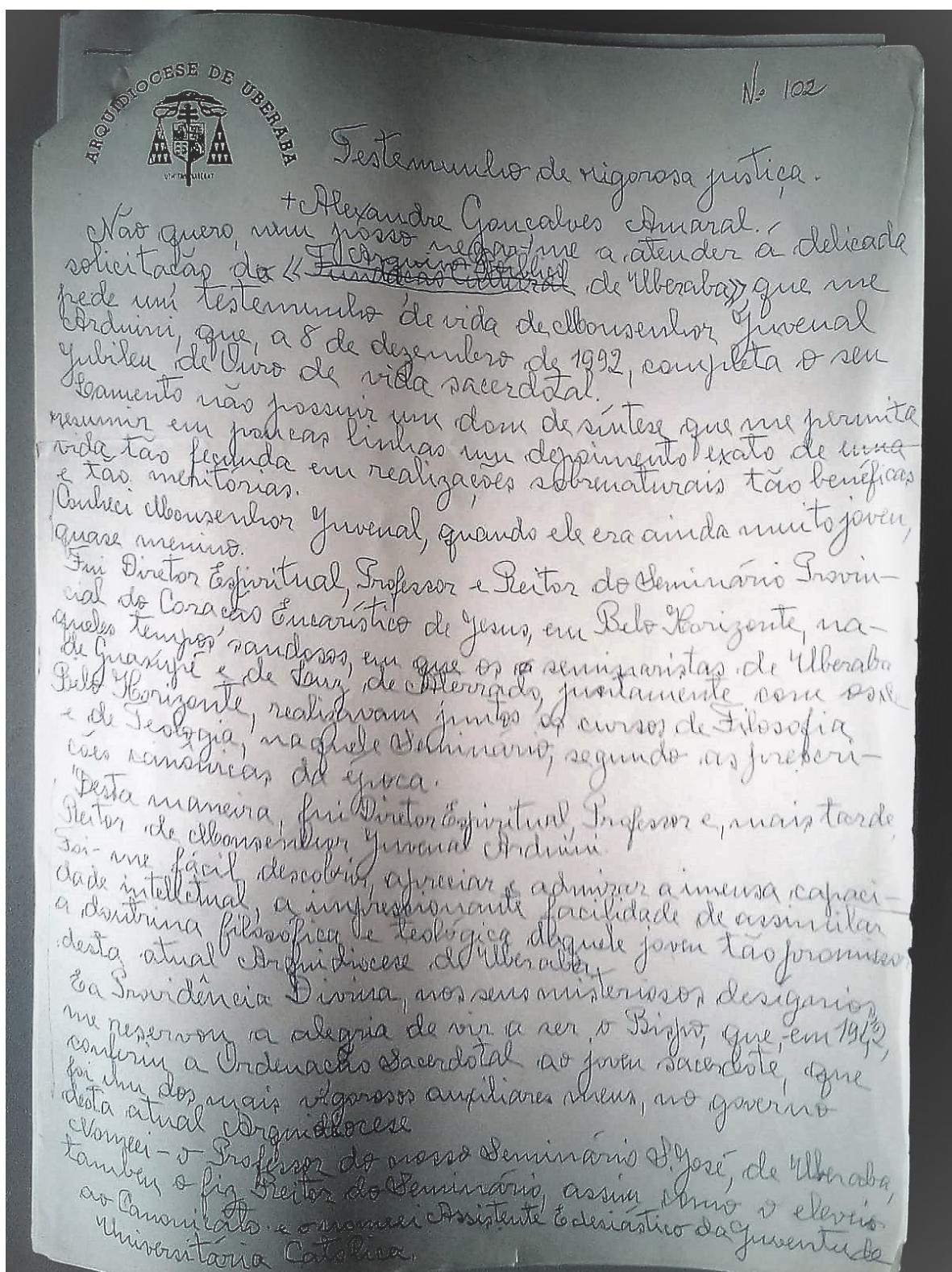
Fonte: Acervo da Autora

ANEXO V - Capa livro Pedagogia do Oprimido autografado (Prais)

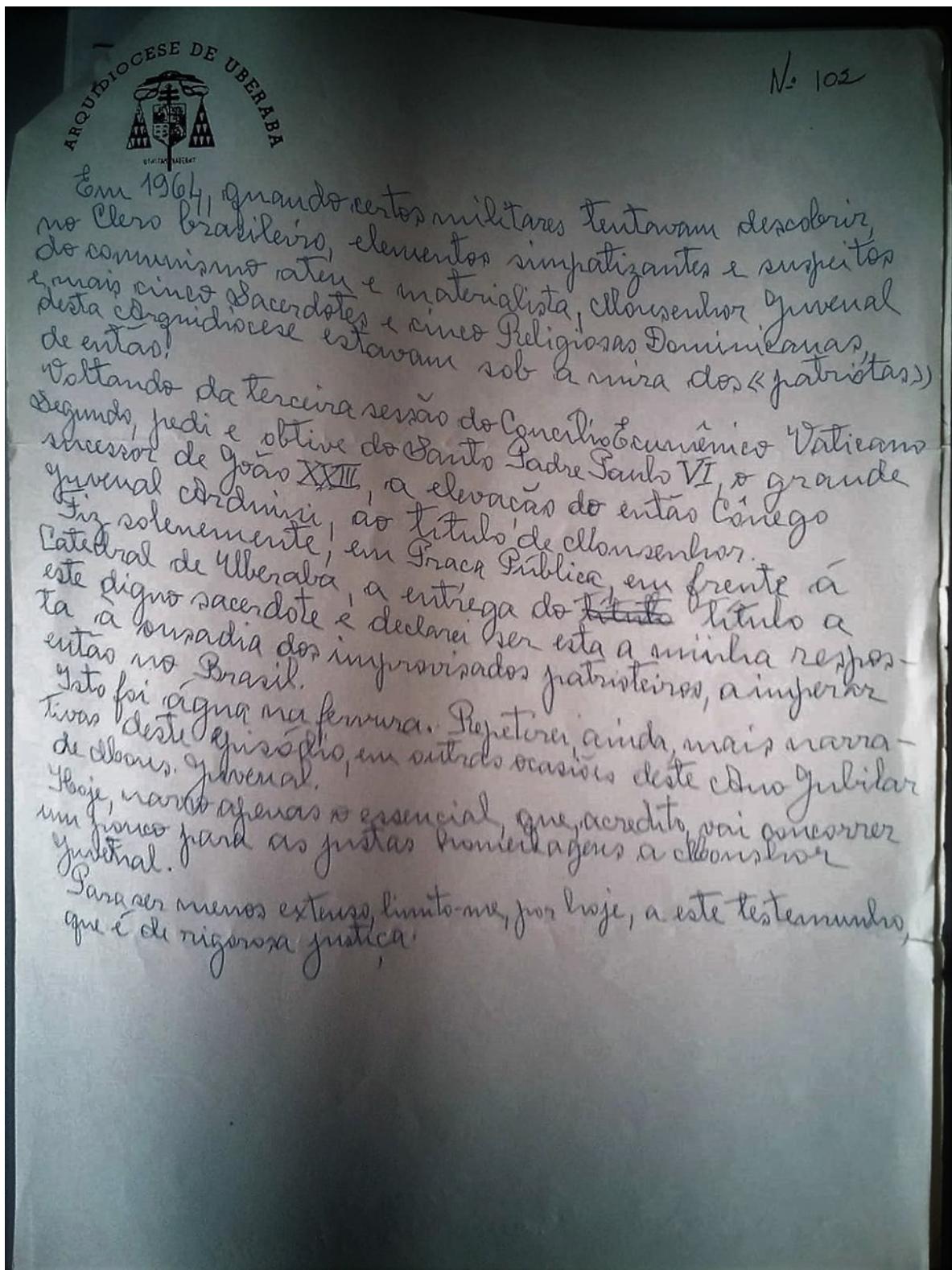


Fonte: Acervo Particular (PRAIS, 2019)

ANEXO W - Carta Dom Alexandre Gonçalves



continuação próxima página



Fonte: Arquivo Público de Uberaba

ANEXO X - Ata da 1^a Reunião da Congregação, 1949

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino
UBERABA - MINAS

HD
F. J. S. J.

ATA DA PRIMEIRA REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO P. 1

Aos onze dias do mês de fevereiro de mil novecentos e quarenta e nove, às dezenove horas e meia, no Colégio Nossa Senhora das Dores, realizou-se a primeira reunião do Corpo Docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Santo Tomás de Aquino", sob a presidência de S. Excia. Revmo. D. Alexandre Gonçalves Amaral. Achavam-se presentes a Ex. Snra. Irmã Diretora, Madre Maria Angela da Eucaristia, a Vice diretora, Irmã Maria Virginita do Rosário, o Regente do Departamento masculino, Snr. Irmão Lourenço e bom número de professores.

Pediram justificar-lhes as faltas o senhores professores: Revmo. Pe. Boaventura Chassériau, professor de Filosofia do Curso de Doutrina. Professor Pe. Wolfgang, professor de Língua e Literatura Alemã e Dr. José Peres professor de Língua e Literatura Espanhola.

A Diretora abriu a sessão expondo as finalidades da Faculdade conforme o Regimento Interno, artigo 1º, que consiste em:

- formar professores para curso secundário e normal;
- dar aos estudantes ensejo de se especializarem, conforme suas aptidões individuais;
- colaborar com institutos oficiais congêneres para a difusão da educação nacional e generalização da alta cultural intelectual no Brasil.
- realizar pesquisas nos vários domínios da cultura que constituam objeto de seu ensino, frisando, entretanto, que acima de todas, as finalidades máximas, é a maior glória de Deus.

A Diretora leu os artigos do Regimento interno relativos à Congregação, ao Corpo Docente, e Docente da Faculdade.

Em seguida foi dada a palavra aos senhores professores que desejassem apresentar pareceres, sugestões para o ano letivo.

Tomou a palavra a professora de Geografia Física e Humana, Irmã Maria de Loretto. Usando do direito conferido pelo Regimento Interno para se criar novas cadeiras, a referida professora, propôs se

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino
UBERABA - MINAS

41
F. Say

dedassem em torno da Geografia algumas cadeiras que teriam por finalidade completar o estudo desta ciência. Na Faculdade, há, obrigatoriamente, a Geografia Física, a Geografia Humana e a Geografia do Brasil, sendo entretanto mais completo se fosse iniciado o estudo de Geografia Geral e cosmografia na 1^a série, Geologia na 2^a, Geografia dos Continentes e Cartografia na 3^a série dando assim maior base ao estudo da Geografia Física e humana e ampliando os conhecimentos dos estudantes. Foi aprovada a idéia por toda a Congregação, ficando decidido que neste ano de mil novecentos e quarenta e nove, fossem introduzidas a Geografia Geral e Cosmografia no programa, deixando-se as demais cadeiras para as outras séries.

Tomou também a palavra Dr. Mozart Furtado Nunes, professor de Antropologia, expondo suas idéias e pedindo opiniões sobre essa disciplina que é relativamente nova. Ficou decidido que não se visasse apenas o lado especulativo dessa ciência, mas que a baseasse na verdadeira Filosofia, dando ao programa uma orientação geral de modo a servir de preparação à cadeira de Etnografia das 2^a e 3^a séries.

A Vice-Diretora propôs em seguida à Congregação a eleição do Conselho Técnico Administrativo. Conforme o artigo 63º do Regimento Interno, o Conselho Técnico-Administrativo será constituído de seis membros, eleitos pela Congregação e renovados de um terço anualmente. Apresentou-se a justificação da nomeação da Diretora como membro do referido Conselho de acordo com o artigo 59º, e da Vice-Diretora, artigo 60º, e propôs como 3º membro o Exmo. Snr. Reitor do Colégio Diocesano, já Regente do Departamento Masculino da Faculdade. A proposta foi bem acolhida. Procedeu-se em seguida a escolha dos outros membros, que deveriam ser eleitos para completar o número legal do Conselho Técnico-Administrativo, devendo ser escolhidos entre os professores das diversas secções da Faculdade.

Para facilitar foram lidos os nomes de todos os professores. Feita a votação entre os diversos professores da secção de Filosofia apurou-se o seguinte resultado:

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino
UBERABA - MINAS

92
Frag

Revmo. Padre Juvenal Arduini - sete votos.

Monsenhor João José Perna - quatro votos.

Revmo. Padre Boaventura Chasseriau - dois votos.

Ficou eleito para o 4º membro do C.T.A. o Revmo. Padre Juvenal Arduini.

Entre os professores da secção de Letras, foi apurado o seguinte resultado:

Monsenhor João José Perna - sete votos.

Dr. José Mendonça - cinco votos.

Professor Santino Gomes de Matos - um voto, ficando eleito para o 5º membro o Revmo. Monsenhor João José Perna.

Entre os professores da secção de Ciências, apurou-se o seguinte resultado:

Dr. José Mendonça - seis votos.

Dr. Mozart Furtado Nunes - quatro votos.

Irmã Maria de Loreto - três votos, sendo eleito para o 6º membro o professor Dr. José Mendonça.

Ficou pois assim constituído o Conselho Técnico-Administrativo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Santo Tomás de Aquino":

Revma. Irmã Diretora-Madre Maria Angéla da Eucaristia.

Irmã Vice-Diretora - Irmã Maria Virginita do Rosário.

Exmo. Irmão Lourenço.

Revmo. Padre Juvenal Arduini.

Revmo. Monsenhor João José Perna,

e o Snr. Prof. Dr. José Mendonça,

que foram imediatamente empossados.

A Irmã Diretora convidou-os para uma reunião, durante a qual se estudariam os problemas da Faculdade e decidiu-se que a próxima reunião se efetuaria dia quatorze do corrente.

Marcou-se o início das aulas para o dia sete de Março, festa de "Santo Tomás de Aquino". Foi proposto o seguinte programa:

As sete horas, uma Missa festiva celebrada por nosso caríssimo Bispo Diocesano, Presidente de Honra da Faculdade e às dezenove e meia horas a aula inaugural dada por sua Excela Revma.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino
UBERABA - MINAS

13
FSCF

Decidiu-se, após discussões, que a Missa seria celebrada no Colégio Diocesano onde funciona o Departamento Masculino e a aula inaugural no Colégio Nossa Senhora das Dôres, onde funciona o Departamento Feminino. Propôs-se que o convite fosse feito pela Imprensa, bem como a propaganda da Faculdade, sendo para isto encarregados os senhores professores Dr. José Mendonça e o senhor Santino Gomes de Matos, que se prontificaram com a máxima boa vontade.

Falou-se após sobre os exames vestibulares a serem realizados na segunda quinzena do corrente mês, devendo cada professor apresentar uma lista de cinco a dez pontos.

A Vice-Diretora apresentou em seguida aos diversos membros da Congregação o horário a ser observado para as aulas, no corrente ano, devendo estas funcionarem para o Departamento Masculino na parte da manhã, das sete às dez horas, e no departamento feminino na parte da tarde das dezessete às vinte horas.

Tomou a palavra o professor de Língua grega, Padre Genésio Borges, pedindo o parecer da Congregação sobre os métodos e formas didáticas a serem seguidos, opinando o professor Dr. José Mendonça para a forma expositiva que é uma das melhores, não devendo porém, ser a única, pois o professor não se deve escravizar a um determinado método, nem só no estudo de línguas.

Falou-se ainda sobre a obrigatoriedade das conferências na Faculdade, ficando escolhidos para a primeira conferência sua Excia. Revma, e para a segunda o senhor professor Santino Gomes de Matos.

Antes de terminar a reunião, Sua Excia. Revma. D. Alexandre Gonçalves Amaral tomou a palavra, frizando a necessidade urgente e real da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras nesta cidade.

Seu trabalho será lento, mas a faculdade se fará. Lá na Capital acreditam que a mentalidade de Uberaba não comporta uma Faculdade de Filosofia, isso é engano, e o futuro se encarregará de demonstrar com fatos o que prevenimos hoje. Contou-nos que o professor Dr. Aleu de Amoroso Lima quando aqui esteve em mil novecentos e quarenta e quatro, por ocasião do Congresso de Ação Católica, lhe disséra dar aula de Sociologia, na Faculdade do Rio a quatro alunos, ao passo que aqui o Revmo.

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino
UBERABA - MINAS

44
Faz

Padre Juvenal tem no Curso de Filosofia, uma frequência média de vinte alunos.

Sua Excia falou ainda sobre a fundação das Universidades Católicas propagadas por Sua Eminência o Snr. Cardeal D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, em nosso país, salientando já a criação da Universidade Católica de Minas Gerais, e quem sabe, no futuro bem poderemos ter a Universidade Católica do Brasil Central, com sede em Uberaba.

Terminando Sua Excia Propôs a adesão ao Senhor Núncio Apostólico, enviando-lhe um telegrama de protesto contra a prisão do Eminent Cardeal da Hungria, em nome da Faculdade. Houve unânime aprovação.

Sua Excia Revma. despedindo-se, disse:

- Congratulo-me com todos. Agradeço-lhes, e que Nosso Senhor abençõe os seus árduos trabalhos que produzirão frutos e serão centuplicados por Deus.

Nada mais havendo a discussão foi encerrada a sessão da qual lavrei a presente ata que escrevi e assino.

Irmã Maria Lúcia O.P.

Assinada:

Irmã Maria Angela da Eucaristia - diretora.

Monsenhor João José Perna.

Monsenhor Almir Marques.

Irmão Lourenço.

Padre Genésio Borges.

Padre Juvenal Arduini.

Dr. José Mendonça.

Irmã Maria de Lorêto.

Irmã Maria Virginita do Rosário O.P. - Vice-diretora.

++++++

:::::

ANEXO Y - Ata da 4^a Reunião da Congregação – 1950

A T A D A 4^a R E U N I Ó N D A
C O N G R E G A C ã O

(1)

Aos sete de fevereiro de mil novecentos e cinquenta, realizou-se a quarta reunião da Congregação sob a presidência da Exma. Irmã Diretora da Faculdade Madre Maria Angela da Eucaristia. Achavam-se presentes os seguintes professores:

Irmão Lourenço
 Mons. José J. Perna
 Pe. Juvenal Arduini
 Pe. Antônio Tomás Fialho
 Santino Gomes de Matos
 José Mendonça
 Irmã Maria do Loreto
 Frei Tomás Balduino
 Dr. Humberto O. Ferreira
 Dr. José Peres
 Dr. M. Rosa
 Irmã Maria Anais
 Irmã Maria do Precioso Sangue
 Irmã Maria Cecilia
 Irmã Maria Virginita do Rosário.

Depois de lida e aprovada a ata da reunião anterior, a Madre Diretora agradeceu aos professores do ano passado o seu grande empenho e dedicação que mostraram. Apresentou, em seguida, os novos professores, cujos nomes foram citados pela vice diretora:

Sr. Cônego Isaias Lagares-Latim.
 Frei Tomás Balduino-Doutrina.
 Irmã Maria Rosa-Francês.
 Irmã Maria do Precioso Sangue-Italiano.

Irmã Maria Tarcila-História do Brasil.

Irmã Maria Anais-Espanhol.

Dr. Humberto Ferreira-Antropologia.

Dr. José Perez-Espanhol.

Dr. Lamartine C. Campos-História Moderna.

Foi em seguida, proposta a eleição para os três membros móveis do C.T.A. Por aclamação geral, a Assembleia manifestou-se pela manutenção dos membros do ano de 1919 que tão bem desempenharam seu cargo. Decidiu-se também que o ano escolar, seria inaugurado como no ano passado, pela celebração da Santa Missa, às 7 horas e 30, no Prédio onde funciona o Departamento Masculino, por Sua Excia. o Sr. Bispo, ou pelo Rvmo. Pe. Frei Tomás, na ausência do primeiro, e, às 19 Horas e 30, no Departamento Feminino, a Sessão inaugural, sendo aclamado para conferencista o Rvmo. Padre Juvenal Arduini. A seguir, a Vice Diretora convidou os Professores a entregarem os programas até princípios de março, assim como a bibliografia pedida na última sessão. Anunciou a todos a criação de mais uma cadeira na Secção Feminina:

Canto Orfeônico e Gregoriano.

Propôs o Sr. Diretor do Departamento Masculino a criação da cadeira de Literatura Brasileira para a 2ª série de Letras Clássicas sendo apoiada a ideia. Falou-se ainda sobre a criação das cadeiras de Geografia Geral e Cosmografia, proposta já levada ao Ministério de Educação, mas que até hoje, não foi solucionada.

Os Professores dr. José Mendonça e Santino Gomes de Matos, perguntaram se já havia resposta para o seu pedido de defesa, tese não tendo igualmente sido resolvida a questão pelo Ministério. Interessante também foi a ideia do professor Santino Gomes de Matos sobre a criação de uma revista para a Faculdade. Este assunto ocupou algum tempo, a Assembleia, sendo decidido finalmente: 1º) que os membros da Comissão para esta obra seriam: Professor Santino Gomes de Matos, Dr. José Mendonça, Rvmo. Pe. Juvenal Arduini, Irmão Lourenço e Irmã Maria Virginita do Rosário.

- 29) que o nome da Revista será "Veritas";
 30) que será trimestral;
 31) Deverão ser publicados nela:

(3)

- a) As Conferências dos Professores;
 b) Os melhores deveres das alunas;
 c) Noticiário sobre aulas, excursões, etc.

Falou-se também sobre as conferências, que neste ano deverão ser ainda feitas pela rádio, mas constará também de assistência, já que o Sr. Quintiliano Jardim se prontificou a nos ceder o salão.

Reiu-se que se fizesse convites pessoais, pelo telefone, pelos jornais, devendo ser cada vez, convidados todos os professores da Cidade.

Antes de encerrar a sessão, a professora de espanhol, Irmã Maria Luis, tomando a palavra, propôs que se traduzissem livros nos trabalhos de Seminário para entusiasmar as alunas e também para tornar a Faculdade mais conhecida, pelas publicações das obras traduzidas.

Depois para este primeiro trabalho, a tradução da vida de "Santo Tomás" Pere Petitot o.p. que poderá ser traduzida do francês e do espanhol.

Nada mais havendo a tratar, a Rvma. Madre agradeceu a presença de todos, e foi encerrada a sessão, da qual lavrei a presente ata que encerro e assino.

Irmã Maria Lucia, o.p.

Scanned by CamScanner

ANEXO Z - Ata da 9ª Reunião da Congregação

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino
Uberaba - Minas

111

ATA DA 9ª REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO

Aos dezesseis dias do mês de outubro de mil novecentos e cinquenta e um, sob a presidência da Rvma. Irmã Diretora Madre Maria Angela da Eucaristia, realizou-se a 9ª reunião da Congregação. Achavam-se presentes os seguintes Professores: Revmo. Monsenhor José João Perna, Rvmo. Conégio Juvenal Arduini, Rvmo. Pde. Vicente Ambrosio; Rvmo. snr. Reitor dos Maristas, Irmão Serafim Leão, Snr. Dr. José Mendonça, Snr. Dr. Jorge Kadapodopoulos, Snr. Santino Gomes de Matos, Rvmas. Irmãs: Ir. Maria Rosa; Ir. M. Anais; Irmã Maria do Loreto; Irmã M. Tarcilia; Irmã M. Virginita; Irmã M. Maria do Precioso Sangue. Justificaram a falta Rvmo. Monsenhor Almir Marques; (Rvmo. Conégio Genésio Borges; e D. Eunice de Souza Lima).

A Diretora abriu a sessão agradecendo aos senhores professores todo o trabalho por eles realizado, com tanta dedicação e desinteresse, e de modo particular aqueles que vêm seguindo a Faculdade, desde o início.

Em seguida convidou a todos os presentes para os festejos do Centenário da Congregação (a serem realizados nos dias 30 e 31 de outubro e 1º de novembro).

Logo após (a Irmã Vice Diretora apresentou aos professores presentes a ordem do dia:

1) Propôs a mudança dos seguintes artigos do Regimento Interno:

1º O artigo 18º pag. 9 diz: "é obrigatória, para a matrícula em qualquer curso da Faculdade, a matrícula na cadeira de Doutrina e Moral Católica.

Parágrafo único - O Diretor pode dispensar essa obrigação a qualquer aluno.

A Vice-Diretora propõe o seguinte: seja mantida o artigo substituindo o parágrafo único pelos cinco parágrafos seguintes:

Parágrafo 1º - Nenhum aluno pode ser dispensado do Curso de Doutrina pelo fato de ser obrigatório.

Parágrafo 2º A cadeira de Doutrina e Moral Católica será prelecionada por um ou mais Professores, escolhidos pela Sociedade da Infância e Juventude e aprovados pelo ordinário do lugar, ou apresentados por este e aceitos pela Sociedade.

Parágrafo 3º Os Professores para as Diversas Disciplinas do Curso de Doutrina são escolhidos entre os Membros do Clero Secular e Regular (Religiosos de ambos os sexos) ou Membros do Laicato católico, julgados devidamente competentes pela Autoridade Eclesiástica.

Parágrafo 4º Os Professores da referida Cadeira de Doutrina são considerados "Catedráticos" desde a sua nomeação, aprovação e tomada

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino
Uberaba - Minas

1951

P. 2

de posse, usando os mesmos direitos, e incorrendo nas mesmas penalidades dos demais catedráticos.

Parágrafo 5º A cadeira e disciplinas do Curso de Doutrina são obrigatorias como todas as outras das diversas sessões da Faculdade, decorrendo dali a obrigação de levarem a sério o Curso de Doutrina.

IIº O artigo 59º pag. 18 consta do seguinte:

"O Diretor orgão executivo da direção técnica e administrativa da Faculdade, será eleito por um triénio pela Congregação, por escrutínio secreto, devendo a escolha recair sobre professor catedrático:

Passará a ser do seguinte modo:

"O Diretor, orgão executivo da direção técnica e administrativa da Faculdade será escolhido pela "Sociedade Educadora da Infância e Juventude, devendo a escolha recair sobre professor membro da Sociedade, e podendo ser reeleito, quantas vezes desejar".

IIIº O artigo 60º, também pag. 18, diz:

"O Diretor será substituído em suas faltas e impedimentos pelo Vice-Diretor, membro do C.T.A., por este eleito e aceito pela Sociedade".

Passa a dizer:

"O Diretor será substituído em suas faltas e impedimentos pelo Vice-Diretor, membro do C.T.A. igualmente escolhido pela Sociedade Educadora da Infância e Juventude"

IVº O artigo 62º pag. 19 é:

"A eleição do Diretor se realizará dentro dos trinta dias anteriores à extinção do mandato do que estiver em exercício, e, em caso de morte ou renúncia dentro dos trinta dias ao evento".

Será redigido do seguinte modo:

"A apresentação do Diretor se fará pela Sociedade Educadora da Infância e Juventude, à Congregação da Faculdade, dentro de trinta dias anteriores à extinção do mandato do que estiver em exercício e, em caso de morte, ou renúncia dentro dos trinta dias seguintes ao evento".

Vº O artigo 63º, também pag. 19 deverá ser acrescentado o seguinte parágrafo único:

Parágrafo único: "São membros efetivos do C.T.A. enquanto durar o mandato o Diretor e o Vice-Diretor.

VIº Artigo 56º pag. 17 Sejam modificados os parágrafos deste artigo do seguinte modo:

a) Os seis los. são integralmente observados e conservados; acrescentam-se os:

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santo Tomás de Aquino
Uberaba — Minas

P. 3

111

VII "Não apresentarem as disposições pedagógicas requeridas ao desempenho do magistério"

VIII "Professarem doutrina ou tomarem atitudes contrárias ou nocivas à Doutrina Católica- professada pela Faculdade."

XI- Paragrafo 2º os que incorrerem na culpa dos itens IV, VI, VII e VIII, sofrerão a perda de cargo, imposto pela Congregação

VI Seja feita a correção do artigo 31º pag. 11, apresentando-se apenas oito capítulos, e não 9, visto ser o oitavo capítulo repetição integral do capítulo VII

Logo após a proposta das correções apresentadas acima, participou que no triênio seguinte a Diretora e Vice-Diretora da Faculdade continuariam as mesmas, tendo a escolha sido aprovada por todos os membros presentes.

Falando ainda sobre o curso de Doutrina, participou aos presentes que a elaboração do programa do referido Curso ficaria a cargo do Rvmo. sr. Conégio Juvenal Arduini. Explicou este professor a necessidade do curso ser dado em separado, ficando então decidido que o 1º ano seria separado e os outros anos dado em rodízio.

Pidiu aos senhores professores a apresentação das listas de pontos (em número de vinte) assim como as notas de trabalho de estágio.

Ficou combinado para a realização das provas, a partir do dia 16 de novembro até vinte e quatro, pedindo que a correção fosse feita logo, afim de serem entregues antes do dia trinta para a verificação das notas.

Falou-se ainda na apresentação dos relatórios a serem entregues até quinze de dezembro.

Terminou se a sessão com um convite, para uma reunião solene do Centro Acadêmico a se realizar dia vinte e cinco.

Nada mais havendo a tratar foi encerrada a reunião da qual lavrei a presente ata que escrevi e assino.

Irma Maria Lúcia